

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM MEMÓRIA SOCIAL E
PATRIMÔNIO CULTURAL

HELENA THOMASSIM MEDEIROS

O QUE SOBROU DE NÓS
As Escolhas Expográficas do Memorial do Hospital Colônia Itapuã - RS

Pelotas – RS

2019

HELENA THOMASSIM MEDEIROS

O QUE SOBROU DE NÓS

As Escolhas Expográficas do Memorial do Hospital Colônia Itapuã - RS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural do Instituto de Ciências Humanas da Universidade Federal de Pelotas, como requisito parcial à obtenção do Título de Mestre em Memória Social e Patrimônio Cultural.

Professora Orientadora: Juliane Conceição Primon Serres
Professor Coorientador: Diego Lemos Ribeiro

Pelotas – RS

2019

Universidade Federal de Pelotas / Sistema de Bibliotecas
Catalogação na Publicação

M488s Medeiros, Helena Thomassim

O sobrou de nós : as escolhas expográficas do Memorial do Hospital Colônia Itapuã - RS / Helena Thomassim Medeiros ; Juliane Conceição Primon Serres, orientadora ; Diego Lemos Ribeiro, coorientador. — Pelotas, 2019.

474 f. : il.

Dissertação (Mestrado) — Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural, Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, 2019.

1. Patrimônio. 2. Museologia. 3. Expografia. 4. Memorial do Hospital Colônia Itapuã. I. Serres, Juliane Conceição Primon, orient. II. Ribeiro, Diego Lemos, coorient. III. Título.

CDD : 363.69

HELENA THOMASSIM MEDEIROS

O QUE SOBROU DE NÓS

As Escolhas Expográficas no Memorial do Hospital Colônia Itapuã – RS

Dissertação aprovada, como requisito parcial, para obtenção do grau de Mestre em Memória Social e Patrimônio Cultural, Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural, Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas.

Data da Defesa: 01 de abril de 2019.

Banca examinadora:

Prof.^a Dr.^a Juliane Conceição Primon Serres (Orientadora). Doutora em História pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos.

Prof. Dr. Diego Lemos Ribeiro (Coorientador). Doutor em Arqueologia pela Universidade de São Paulo.

Prof. Dr. Daniel Maurício Viana de Souza. Doutor em Sociologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Prof.^a Dr.^a Ana Carolina Gelmini de Faria. Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos funcionários estaduais que tornaram essa pesquisa possível, com seu trabalho e dedicação: Rita Sosnoski Camello e Marco Antonio Lucaora (organizadores do Memorial do Hospital Colônia Itapuã); Lia Conceição Mineiro de Souza Magalhães e Dennis Guedes Magalhães (Assessores de Comunicação Social do Departamento de Coordenadoria dos Hospitais Estaduais); Jairo Antão Pires Medeiros (funcionário do HCI, foi o guia no primeiro percurso que realizei no Hospital em 25/07/2015); Elizabete Roseli Fabrasil de Almeida, Salette de Albuquerque Wanke e Isabel de Souza (funcionárias do HCI e mediadoras do Memorial HCI); Marília Gehlen (diretora do HCI). Aos funcionários do HCI, de forma geral, que sempre me receberam muito bem, assim como aos pacientes/moradores que aceitaram expor suas vidas, seja em entrevistas realizadas por outros pesquisadores, que me forneceram preciosas fontes, ou através de sua participação – independente da forma – no Memorial HCI.

Ao senhor Éverton Reis Quevedo, um dos colaboradores do CEDOPE que eu entrevistei em 2015 e que autorizou o uso desta entrevista para essa dissertação, agradeço pela contribuição. Assim como aos pesquisadores que trabalharam o HCI em suas vidas acadêmicas documentando passagens importantes desta trajetória e, desta forma, possibilitam a existência de outras pesquisas e visões sobre o passado.

Agradeço aos meus orientadores, professora Juliane e professor Diego, pela sua paciência, dedicação e sabedoria. Aos colegas que conheci no Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural (PPGMP), pelo auxílio e pelos diálogos, pois me diverti e aprendi muito em todas as aulas que participei. Aos professores com os quais convivi neste período, Carla, Renata, Thiago, Isabel, Eduardo, Rita Juliane, Ronaldo, em especial os professores Letícia e Daniel pelas aulas que expandiram meus horizontes. À secretária do curso, Gisele, que muito me aguentou perguntando coisas, sendo sempre extremamente solícita e simpática.

Às minhas amigas do curso de Museologia da UFRGS, Maitê e Ruth, por serem um refúgio e abrigo nesse mundo, às vezes, tão ruim. As minhas queridas ex-professoras Carol e Vanessa que sempre se preocuparam comigo e me ajudaram muito tanto em meu TCC quanto na dissertação.

Agradeço principalmente a minha família maravilhosa, Nestor, Marlí, Carolina e André, que me ajuda sempre, emprestando dinheiro, buscando na rodoviária, dando carona, lendo todos os textos que eu escrevo, discutindo conceitos e formas de realizar a dissertação, assistindo os

ensaios de todas as apresentações que realizei e principalmente me dando seu carinho e sorrisos quando eu mais preciso. Ao meu namorado Bruno, que me acompanhou durante um ano em Pelotas, cuidando de mim e me incentivando. Minhas avós, Maria e Nilza, meus padrinhos, primos, primas, tios e tias, que são uma família extraordinária a qual eu tenho a sorte de pertencer. Obrigada a todos pelo amor que me dão, se sorrio todos os dias é porque vocês existem.

Agradeço ao Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural por ter me dado a oportunidade de desenvolver minha dissertação. Esses dois anos que passei escrevendo, assistindo as aulas, conhecendo professores e colegas maravilhosos, participando de eventos, apresentando o meu trabalho e aprendendo, foi muito bom. Fiquei imensamente feliz com essa oportunidade, sei que o produto final que apresento hoje é o resultado de muito esforço e tempo.

Para mim, ter tido a oportunidade de escrever artigos, de ver meu nome publicado em revistas, no livro organizado pelo Colóquio de 2017, de dar aula à uma turma de alunos da Museologia, foram grandes conquistas. Misturados com o frio na barriga que sinto ao me ver exposta, senti uma felicidade que nunca imaginei. Perceber que o que escrevi poderia ser do interesse de alguém, imaginar que outras pessoas, além da minha família, lerão o que pensei e escrevi foi muito prazeroso. Obrigada UFPel! Obrigada PPGMP! Nosso encontro marcará para sempre minha vida de uma forma muito positiva, pois, mesmo que não sabendo o futuro que me aguarda, de certa forma, ganhei o mundo através desse Programa.

Por fim, agradeço aos mortos, que não puderam ser vistos, ouvidos e que muitas vezes pensamos terem sido esquecidos. Agradeço aos meus bisavôs, bisavós, avôs e amigos que de uma forma ou de outra marcaram minha vida.

Espero que este trabalho possa incentivar mais ações de valorização do passado e que grupos à margem de nossa sociedade possam ser cada vez mais vistos e ouvidos, sempre em um processo de constante aperfeiçoamento para que possamos questionar o presente e construir um futuro melhor.

*O que sobrou de nós dois
Não dá nem pra repartir
O pior veio depois
Quando pude conferir
Pelos traços desse filho
Dá pra ver a minha estória
Um sofrer que vem de longe
Acobertado de glória*

(DJAVAN, 1978)

RESUMO

MEDEIROS, Helena Thomassim. *O que Sobrou de Nós: As Escolhas Expográficas do Memorial do Hospital Colônia Itapuã – RS*. 2019. 474f. Dissertação (Mestrado em Memória Social e Patrimônio Cultural) - Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural, Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2019.

A presente pesquisa busca desenvolver reflexões sobre as escolhas expográficas observadas no Memorial do Hospital Colônia Itapuã (Memorial HCI) cujas percepções derivam de visitas realizadas nos anos de 2015, 2017 e 2018. Este espaço de memória foi inaugurado em 2014, na cidade de Viamão, no Rio Grande do Sul, e aborda a história de um hospital, hoje com aspecto asilar, mas fundado para ser o Leprosário do Estado, fato que denota uma das peculiaridades desta exposição, por tratar sobre memórias traumáticas ligadas a segregação de indivíduos em instituições. Objetivando compreender o sentido atribuído pela narrativa construída e exposta no Memorial HCI, ao apresentar este Hospital e seus pacientes/moradores em suas escolhas expográficas, foram pesquisadas as metodologias que melhor se adaptariam ao tema proposto. A fim de elaborar, da forma mais objetiva possível, uma compreensão sobre as materialidades e os textos que a instituição apresenta em seu circuito expositivo fez-se uso de pesquisa bibliográfica e documental, estudo de caso, do método de observação usando também a descrição densa das visitas e da expografia, análise de conteúdo dos textos expositivos e entrevistas realizadas com pessoas ligadas a organização e elaboração da exposição ou de seu conteúdo. Assim, esta dissertação apresenta diversas reflexões sobre o conceito de patrimônio, a função do museu, o papel do objeto para evocação e preservação do passado, além de questionamentos sobre o discurso institucional formulado e como ele pode influenciar as percepções das gerações futuras sobre o passado. Conclui-se que há necessidade de um constante trabalho de questionamento e aprimoramento quando tratamos de lugares que visam salvaguardar bens patrimoniais, tendo em vista que estes interferem também na formação de identidades e que a ideia de se apresentar uma única versão dos fatos pode trazer grandes perdas informacionais.

Palavras-Chave: Patrimônio. Museologia. Expografia. Memorial do Hospital Colônia Itapuã.

ABSTRACT

The present research aims to develop thoughts about the expographical choices observed at Memorial do Hospital Colônia Itapuã (Memorial HCI), said perceptions deriving from visits made in the years 2015, 2017 and 2018. This space of memories was inaugurated in 2014, in the city of Viamão, in Rio Grande do Sul, about the history of the hospital, nowadays with asylum aspects, but made to be the State's Leprosarium, this fact highlights the peculiarities of this exposition, since its address traumatic memories related to a history of segregation of individual in the institutions. Aiming to understand the meaning given by the constructed narrative and exposed in Memorial HCI in addressing this Hospital and its patients/residents in its expographical choices, were researched the methodologies that could better fit the proposed theme. With the objective to elaborate, in the most objective way possible, an understanding about the materialities and the texts that the institution presents in its exhibition circuit it was used bibliographical and documental research, case study, the method of using also intense description of the visits and expography, analyses of the content of the expositive texts and interviews made with persons related with the organization and the elaboration of the exposition and its contents. This way, this dissertation shows several thoughts about the concept of heritage, the function of the museum, the role of the object for the evocation and preservation of the past, besides questions about the institutional discourse created and how it can affect the perceptions of the future generations about the past. Drawing the conclusion that there is the necessity of a constant work of questions and improvement when we talk about places that aim to keep heritage assets, having in mind that those affect also the construction of identity and that the idea of showing one single side of the facts can bring great informational losses.

Keywords: Heritage. Museology. Expography. Memorial do Hospital Colônia Itapuã.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Hospital Colônia Itapuã em 1940	42
Figura 2 - Paciente Trabalhando no HCI.....	43
Figura 3 - Irmã com crianças no HCI.....	44
Figura 4 - Crianças do Amparo Santa Cruz.....	45
Figura 5 - Rua do HCI.....	51
Figura 6 - HCI Atualmente.....	51
Figura 7 - CEDOPE.....	70
Figura 8 - Exposição “HCI 60 Anos de História”	71
Figura 9 - Igreja Evangélica do HCI	73
Figura 10 - Interior da Igreja Evangélica do HCI.....	74
Figura 11 - Memorial HCI.....	81
Figura 12 - Espaço "56 - Maquinário Agrícola" em 2015.....	84
Figura 13 - Espaço "56 - Maquinário Agrícola" em 2017.....	84
Figura 14 -Primeiro Andar do Memorial HCI.....	90
Figura 15- Segundo Andar do Memorial HCI.....	90
Figura 16 - Fotos e Reproduções no Espaço Expositivo "31- Escada"	145
Figura 17 - Fotografia no Espaço "04 - Era da Medicina"	146
Figura 18 - Objeto relativo à Fotografia no Espaço “04 Era da Medicina”	146
Figura 19 - Móveis no Espaço "49 - Administração e Setores"	147
Figura 20 - Pratos no Espaço "30 - Cozinha"	147
Figura 21 - Pães Cênicos no Espaço "12 - Padaria"	148
Figura 22 - Artesanato no Espaço "35 - Itens Indígenas".....	148
Figura 23 - Documentos expostos no Espaço "28 - Entretenimento"	149
Figura 24 - Convite exposto no Espaço "28 - Entretenimento"	149
Figura 25 - Documento e Carta no Espaço "21 – Elpídio Salles Teixeira"	150
Figura 26 - Objetos de trabalho no Espaço "17 - Trabalhos Rurais"	151
Figura 27 - Armário com Objetos e Geladeira no Espaço "30 - Cozinha"	151
Figura 28 - Peças de uso Doméstico ou de Trabalho nos Espaços "14- Fábrica de Sabão" e "15- Roupas"	152
Figura 29 - Troféus e Medalhas no Espaço "28 – Entretenimento"	152
Figura 30 - Reproduções de Jornais no Espaço "07 – Jornais: Amparo Santa Cruz"	153

Figura 31 - Vestuário no Espaço "23 - Sala dos Amores"	154
Figura 32 - Diorama no Espaço "03 - Memórias do Mundo"	155
Figura 33 - Dioramas dos Espaços "36 – Colônia Japonesa" e "37 – Aldeia Pindo-Mirim" .	155
Figura 34 - Diorama/Maquete no Espaço "40 - Recontando a História"	156
Figura 35 - Utensílios Médicos no Espaço "04 - Era da Medicina"	156
Figura 36 - Quadros no Espaço "32 – Pacientes Psiquiátricos"	157
Figura 37 - Manequim "Noiva" vista do corredor	158
Figura 38 - Boneca no Espaço "52 - Filhos Levados"	158
Figura 39 - Espaço "28 - Entretenimento"	160
Figura 40 - Espaço "50 – Imagens da Flora e Fauna no Corredor"	161
Figura 41 - Espaço " 22 – Lori Kunzler"	162
Figura 42 - Espaço "20 – Tambores de Esterilização de Gaze"	163
Figura 43 - Espaço "48 - Laboratório"	163
Figura 44 - Mapa no Espaço "03 - Memórias do Mundo"	164
Figura 45 - Espaço "45 - Sala de Arquivo"	164
Figura 46 - Espaço "49 – Administração e Setores"	165
Figura 47 - Espaço "53 - Religiosidade"	166
Figura 48 - Espaço "34 - Pacientes Psiquiátricos"	167
Figura 49 - Textos Expositivos no Espaço "16 - Itens Agrícolas"	174
Figura 50 - Banner no Espaço "52 – Filhos Levados"	175
Figura 51 - Textos em A4 no Espaço "52 – Filhos Levados"	175
Figura 52 - Texto do CEDOPE no Espaço "23 - Sala dos Amores"	177
Figura 53 - Texto do CEDOPE no Espaço "53 - Religiosidade"	178
Figura 54 - Banners do Espaço “03 – Memórias do Mundo”	179
Figura 55 - Textos dos Espaços "08 – Pharmácia" e "09 – Esterilização"	179
Figura 56 - Textos Expositivos em A3 no Primeiro Andar	181
Figura 57 - Texto "40 - Escola Municipal de Ensino Fundamental Frei Pacífico"	181
Figura 58 - Texto "37 - Aldeia Pindo-Mirim"	182
Figura 59 - Reprodução de Imagem com legenda	185
Figura 60 - Legenda da Imagem	185
Figura 61 - Reprodução de Imagem com legenda	186
Figura 62 - Legenda da Imagem	186
Figura 63 - Quadros de médico Hansen com legendas	187

Figura 64 - Detalhe da legenda em um dos quadros.....	187
Figura 65 - Máquina de Esterilização de Cartas com legenda	188
Figura 66 - Expositor do Espaço "04 – Era da Medicina" com legendas.....	189
Figura 67 - Legenda do Estojo com Lentes	189
Figura 68 - Legenda dos Utensílios para Fabricação de Comprimidos.....	190
Figura 69 - Expositor das Moedas do HCI.....	190
Figura 70 - Legenda das Moedas do HCI.....	191
Figura 71 - Espaço "19 – Objeto com Itens de Barbear" com legendas.....	192
Figura 72 - Legenda.....	193
Figura 73 - Fotos do Espaço "34 – Pacientes Psiquiátricos"	193
Figura 74 - Texto Expositivo “03.1 Os Caminhos da Lepra”	196
Figura 75 - Texto Expositivo “23.2 Tempo de Encontros”	196
Figura 76 - Pontuação dos Espaços Expositivos	202
Figura 77 - Quadros de Hansen no Espaço "04 Era da Medicina"	206
Figura 78 - Imagens no Espaço "25 – Medicina no HCI"	207
Figura 79 - Espaço “55 – Igreja Luterana e o arquiteto Alexander Josef Wiederspahn"	208
Figura 80 - Imagens dos Prédios cujo arquiteto foi Alexander Josef Wiederspahn.....	208
Figura 81 - Fragmento do Texto “55.2 Theodor Alexander Josef Wiederspahn”.....	209
Figura 82 - Espaço “29 - Cadeia”.....	210
Figura 83 - Fragmento do Texto "32 - A Unidade de Saúde Metal do H.C. de Itapuã"	212
Figura 84 - Fragmento do Texto "32 - A Unidade de Saúde Metal do H.C. de Itapuã"	212
Figura 85 – Trecho do texto “49 - Nós Não Caminhamos Sós”.....	213
Figura 86 - Trecho do texto “49 - Nós Não Caminhamos Sós”	214
Figura 87 - Trecho do texto “49 - Nós Não Caminhamos Sós”	215
Figura 88 - Trecho do texto “49 - Nós Não Caminhamos Sós”	215
Figura 89 - Espaço “49 – Administração e Setores”	216
Figura 90 - Espaço “01 – Hall de Entrada”	217
Figura 91 - Reprodução de Imagem no Espaço “03 - Memórias do Mundo”.....	219
Figura 92 - Quadro no Espaço "31 - Escada"	219
Figura 93 - Espaço “33 - Voluntários do Carinho”	220
Figura 94 - Espaço “53 – Religiosidade” em 2015	222
Figura 95 - Espaço “53 – Religiosidade” em 2017	222
Figura 96 - Espaço “53 – Religiosidade” em 2017	223

Figura 97 - Trecho do texto “53.1 A Irmãs Franciscanas”	223
Figura 98 - Foto das Irmãs Franciscanas de Penitência e Caridade Cristã.....	224
Figura 99 - "O Berço e a Filha"	229
Figura 100 - Texto “3.1 Os Caminhos da Lepra” e Imagens	231
Figura 101 - Espaço “46 – Organizadores”.....	232
Figura 102 - Manequim Lázaro	237
Figura 103 - Banner do CEDOPE no espaço "23 - Sala dos Amores"	239
Figura 104 - Espaço “10 - Negão, o Cão”	241
Figura 105 - Máquina de Esterilização de Cartas e Moedas no Espaço "04 - Era da Medicina"	243
Figura 106 - Manequim com Vestido de Noiva	248
Figura 107 - Espaço "24 – Cristaleira de Bibelôs"	250
Figura 108 - Travesseiro no Espaço "25 – Medicina no HCI"	252
Figura 109 - Espaço “28 – Entretenimento”.....	253
Figura 110 - Pavilhão de Diversões.....	254
Figura 111 - Texto Expositivo no Espaço "28 - Entretenimento"	255
Figura 112 - Espaço “21 – Elpídio Salles Teixeira"	256
Figura 113 - Certificado de Reservista e a Carta.....	257
Figura 114 - Espaço "22 – Lori Kunzler"	258
Figura 115 - Imagem que aparece no Espaço “22 – Lori Kunzler”	259
Figura 116 - Lori criança e um Guarda no Hospital.....	260
Figura 117 - Lori com os pais comemorando seu aniversário de 20 anos	262
Figura 118 - Espaço "27 – João Francisco Saldanha"	263
Figura 119 - Ari e Albina	265
Figura 120 - João Pedro e Therezina Martins.....	266
Figura 121 - Sadi e Alda Roveda.....	267
Figura 122 - Texto Expositivo “16.4 Um Marcineiro de Sete Instrumentos"	269
Figura 123 - Espaço "26 – Tributo aos Filhos dos Pacientes Hansenianos"	270
Figura 124 - Cadeira de Parto no Espaço"25 – Medicina no HCI"	273
Figura 125 - Espaço “52 – Filhos Levados”.....	274
Figura 126 - Trecho do texto “52.2 O Amparo Santa Cruz”	275
Figura 127 - Trecho do texto “52.2 O Amparo Santa Cruz”	275
Figura 128 - Resto de uma Árvore	280

Figura 129 – Cartão-Postal com o Pórtico de Entrada à "Zona Suja" do HCI.....	418
Figura 130 - Cartão-Postal com a Igreja Evangélica do HCI.....	418
Figura 131 - Cartão-Postal de um Quarto nos Pavilhões do HCI.....	419
Figura 132 - Cartão-Postal com a Igreja Católica na "Zona Suja" do HCI.....	419
Figura 133 - Cartão-Postal de um dos Prédios do HCI	420
Figura 134 - Cartão-Postal com o Manequim Lázaro no Memorial HCI.....	420
Figura 135 - Cartão-Postal de um dos Pavilhões do HCI.....	421
Figura 136 - Cartão-Postal com o Campo de Bocha	421
Figura 137 - Cartão-Postal do Manequim da Noiva no Memorial HCI	422
Figura 138 - Cartão-Postal da Antiga Igreja Evangélica do HCI	422
Figura 139 - Verso dos Cartões-Postais	423

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Tipologia de Acervo do Memorial HCI.....	144
Gráfico 2 - Eixos Temáticos dos Objetos.....	159
Gráfico 3 - Suporte dos Textos Expositivos.....	176
Gráfico 4 - Conteúdo dos Textos Expositivos do Memorial HCI.....	195
Gráfico 5 - Eixos Temáticos dos Textos Expositivos	198
Gráfico 6 - Comparação dos Espaços Expositivos.....	204

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Questões do Projeto Acervos	63
Quadro 2 - Espaços Expositivos do Memorial HCI	85
Quadro 3 - Organização dos Espaços Expositivos	132
Quadro 4 - Textos Expositivos do Memorial HCI	170

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Comparações entre os Eixos Temáticos das Materialidades e dos Textos Expositivos	199
--	-----

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	22
2 HCI: OS RESTOS DE UMA HISTÓRIA DE EXCLUSÃO	32
2.1 A Criação do HCI	41
2.2 Entre a Memória e o Esquecimento	47
3 ESPAÇOS DE MEMÓRIA EM LUGARES ESQUECIDOS	59
3.1 HCI: Patrimônio em Processo	68
3.2 Memorial HCI	78
4 O TEATRO DAS SOBRAS	100
4.1 Como Perceber as Sobras? Métodos e Análises	111
4.2 O que as Sobras Falam? A Materialidade como Emissor	129
4.3 O que Falam das Sobras? O Texto Expositivo e suas Revelações	168
5 POR TRÁS DAS CORTINAS: ALGUNS ESTUDOS DE CASO	201
5.1 A Construção de Personagens: O Discurso dos “Heróis”	206
5.2 A Idealização do Passado: O Discurso Nostálgico	209
5.3 Elementos de Religiosidade: O Discurso da Caridade Cristã	216
5.4 Personificação dos Organizadores nas Escolhas Expográficas	225
6 ONDE ESTÁ MARIA? ENCONTRANDO OS MORADORES NO MEMORIAL ...	233
6.1 Participação dos Moradores: Quando o Paciente tem Razão?	236
6.2 Medo e o Preconceito: Como Surgem na Exposição?	242
6.3 O Invisível que Fala da Vida: Alguns Objetos e Suas Trajetórias	246
6.4 Quem são os Personagens/Moradores no Memorial HCI?	255
6.5 Os Filhos	272
CONSIDERAÇÕES FINAIS	281
REFERÊNCIAS	290
APÊNDICE A - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	305
APÊNDICE B – Autorização para uso das Entrevistas de 2015	306
APÊNDICE C – Roteiro para Entrevista Semiestruturada 2017	307
APÊNDICE D – Questionário para Estudo de Público do Memorial HCI	309
APÊNDICE E – Roteiro para Entrevista Semiestruturada de 2015	311
APÊNDICE F – Questionário por E-mail para a Enfermeira Rita	312
APÊNDICE G – Organização Espacial do Memorial	313

APÊNDICE H - Tabela para Análise da Tipologia do Acervo	319
APÊNDICE I – Tabela para Análise dos Eixos Temáticos das Materialidades	325
APÊNDICE J – Tabela de Organização dos Textos Expositivos	330
APÊNDICE K – Tabela para Análise do Conteúdo dos Textos Expositivos	334
APÊNDICE L – Tabela para Análise dos Eixos Temáticos dos Textos Expositivos.....	340
APÊNDICE M – Tabela Comparativa dos Espaços Expositivos	349
APÊNDICE N - Ficha de Apresentação/ Identificação dos Espaços Expositivos do Memorial HCI.....	353
APÊNDICE O – Respostas dos Questionários entregues ao público do Memorial HCI	409
ANEXO I – Modelo de Formulário do MORHAN.....	415
ANEXO II – Cartões-Postais do HCI	418
ANEXO III – Textos Expositivos do Memorial HCI	424

PREFÁCIO

O motivo que me levou a desenvolver este trabalho foi uma curiosidade pessoal, pois, desde que me lembro minha família tem o hábito de contar histórias do passado, de nossas origens, o que, creio, seja um costume comum para diversas pessoas. Eu sempre gostei de ouvir tais histórias e buscava perguntar sobre elas, para saber quem foram e como viveram aqueles que vieram antes de mim, os quais, em sua maioria, nunca tive a chance de conhecer.

Em 2012 comecei a cursar Museologia na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), mas como moro em Gravataí e as aulas eram em Porto Alegre em diversas ocasiões em ficava na casa de minha avó materna. Conversava muito com minha avó que, assim como muitas pessoas com mais de 80 anos, gosta de falar sobre o passado, a infância, histórias de família, meu avô e sua trajetória. Meu avô paterno faleceu cedo, com apenas 49 anos, deixando 10 filhos, o mais moço ainda com 10 anos, e muita saudade. Eu, assim como todos os seus netos, nunca o conheci, mas ele sempre esteve presente em nosso imaginário, pois nossos pais e tios sempre mencionaram suas histórias, brincadeiras e as dificuldades de suas vidas.

Meu avô materno era filho de uma empregada doméstica com o filho de seu patrão, segundo o registro ela tinha apenas 17 anos quando o teve. Apesar de serem casados oficialmente meus bisavôs nunca viveram juntos e ela criou meu avô e sua irmã, fruto de outro relacionamento, sozinha. A irmã de meu avô contraiu hanseníase, em que momento exato de sua vida eu não sei precisar, mas creio que tenha sido da infância para a mocidade. Devido à esta condição, minha bisavó escondeu a filha para que não fosse levada, até que foram descobertas e encaminhadas ao Hospital Colônia Itapuã (HCI). No Hospital minha tia avó se relacionou com outro paciente, e tiveram uma filha que foi levada para o Amparo Santa Cruz. Minha bisavó, nos anos 60, retirou a neta e a filha do local, posteriormente, minha tia-avó casou-se com o pai de sua filha e eles tiveram mais um menino, os dois vivem juntos até hoje.

Em seus últimos anos de vida minha bisavó retornou ao Hospital, talvez por se sentir bem naquele lugar que antes era um instrumento de segregação, talvez por não se sentir bem em sociedade, seus motivos pessoais provavelmente nunca irei descobrir. Mas, sei que ela não era uma pessoa de temperamento fácil, que havia sofrido muito em sua vida e passado por momentos difíceis, sei que tinha mania de perseguição, uma perna muito mais curta que a outra, um estágio severo de glaucoma e um lindo rosto. Sua morte foi no ano em que eu nasci e com alguns meses de vida visitei pela primeira vez o HCI. Minha bisavó está naquele cemitério,

localizado no terreno do Hospital, junto a tantos outros pais, mães, irmãos, avós, filhos, bisavós e amigos que foram levados e nunca puderam retornar.

Meu interesse pelo HCI se deu de forma muito espontânea, pois, quando estava na metade de minha graduação comecei a pensar em um tema para o meu trabalho de conclusão de curso (TCC), queria trabalhar algo que tivesse um significado pessoal para mim e que instigasse minha curiosidade. Sendo assim, resolvi buscar informações sobre o Leprosário no qual uma de minhas bisavós passou os últimos anos de sua vida, e descobri que haviam exposições e que recentemente havia sido inaugurado um memorial neste local. Outro aspecto que me chamou muita atenção foi perceber que este local e a doença hanseníase, os quais sempre havia ouvido falar, não eram popularmente conhecidos, diferente do que eu imaginava. Desta forma, escolhi trabalhar sobre este assunto que, cada vez mais, me instigou e levou a diferentes reflexões. Acredito que ele é um patrimônio envolto em uma complexidade de temas muito interessantes e que representa a forma com a qual construímos uma imagem oficial de nossa história, sociedade e de nós mesmos.

1 INTRODUÇÃO

O Memorial do Hospital Colônia Itapuã (Memorial HCI) foi inaugurado no ano de 2014 dentro das dependências de um hospital, antigo Leprosário, na cidade de Viamão no Rio Grande do Sul. Uma casa de dois andares e um sótão onde, originalmente, viviam as Irmãs Franciscanas de Penitência e Caridade Cristã responsáveis pelo cuidado com os pacientes hansenianos, foi reformada para abrigar o acervo e expor a história do Hospital Colônia Itapuã (HCI) e seus pacientes/moradores.

A organização, financiamento, expografia e mediação¹ do Memorial foi desenvolvida, em princípio, de forma voluntária por funcionários públicos que buscam preservar o acervo, recolhido pelos diferentes setores da instituição, doado por funcionários e pacientes para compor esta trajetória. Ao longo dos dois andares de exposição encontram-se diversas narrativas, apresentadas através do uso de objetos – testemunho e cenográficos² –, textos expositivos e mediação³.

A presente dissertação está, de certa forma, vinculada ao meu trabalho de conclusão de curso (TCC), realizado em 2015, no qual tive a oportunidade de pesquisar sobre o HCI, abordando algumas exposições que apresentaram esta instituição em seu discurso, em especial o Memorial HCI. Realizei um breve levantamento sobre as narrativas apresentadas e descrevi como a exposição foi organizada, contudo, não foi possível explorar aspectos como o discurso construído através das escolhas expográficas.

Nesta dissertação o foco centra-se no Memorial HCI, sem esquecer do processo de patrimonialização que leva a construção do mesmo, visando analisar as materialidades e informações complementares disponibilizadas na exposição. Posto que este Hospital representa

¹ Por mediação compreende-se a relação estabelecida entre o que é exposto e a narrativa construída, explicitada tanto no circuito realizado quanto na enunciação do mediador e nas informações complementares expostos em um espaço cultural, sendo essa uma “ponte de comunicação” entre o público e a instituição. Contudo, neste trabalho, a mediação pressupõe a intervenção de funcionários que levam uma pessoa ou grupo para conhecer a exposição do Memorial HCI, disponibilizando informações através de sua fala. Mais informações em: DESVALLÉES, André; MAIRESSE, François. (ed.) *Conceitos-chave da museologia*. SOARES, Bruno Brulon; CURY, Marília Xavier (trad.). São Paulo: Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus, Pinacoteca do Estado de São Paulo, Secretaria do Estado da Cultura, 2013, 100 p.

² Nesta pesquisa é apontada uma diferenciação entre os objetos testemunho – que são provenientes do HCI e de seus moradores – e objetos cenográficos, sendo estes “criadas” pelos organizadores do Memorial para compor a narrativa desejada. Essa discussão é retomada no capítulo “4.2 O que as sobras falam? A Materialidade como Emissor”.

³ A mediação, normalmente, era realizada pela senhora Rita Sosnoski Camello, um dos organizadores do espaço de memória, que trabalha como enfermeira no Hospital e hoje é coordenadora do patrimônio e do Memorial do HCI. Em 2018 ela foi afastada por problemas de saúde, sendo assim, a mediação passou a ser realizada por outros funcionários da instituição, e, no mesmo ano, foi transferida uma funcionária para atuar exclusivamente com essa exposição.

uma série de discussões complexas entre políticas de segregação, o controle exercido pelo Estado e pela Igreja Católica, e a vida de pessoas diagnosticadas com hanseníase ou isoladas por questões psiquiátricas.

O HCI foi inaugurado em 1940, com o intuito de isolar pessoas diagnosticadas com hanseníase, doença antigamente conhecida como lepra, e que carrega um forte estigma. Dentro de uma estrutura que se assemelha a de uma pequena cidade, a instituição abrigou 2.474 (duas mil quatrocentas e setenta e quatro) pessoas, muitas chegaram ainda crianças, cresceram, casaram, tiveram filhos – que eram separados ao nascer e levados ao Amparo Santa Cruz –, morreram e hoje estão enterradas no local.

Na mesma década de criação do HCI foi descoberta a primeira medicação eficaz no combate da hanseníase, o que levou a uma diminuição significativa do número de pacientes da instituição e ao fim do isolamento compulsório nas décadas seguintes. Desta forma, em 1972 começaram a ser transferidos para o local pacientes que provinham do Hospital Psiquiátrico São Pedro (HPSP), para participar do Centro Agrícola de Reabilitação (CAR), que visava, por meio da laborterapia a reinserção social destas pessoas.

Atualmente o HCI é uma instituição com aspecto asilar, tendo pacientes que provem destas duas diferentes políticas de segregação. Na época do meu TCC, em 2015, eram 29 (vinte e nove) ex-hansenianos, destes, 14 (quatorze) moravam nas antigas casas, 07 (sete) estavam na enfermaria e 08 (oito) moravam fora do Hospital, mas eram tutelados pelo HCI e pelo Estado. Depois de dois anos, em 2017, realizei uma visita ao local e fui informada de que atualmente haveria apenas 20 (vinte) pacientes do período em que o local funcionou como Leprosário, pois alguns faleceram devido à idade avançada. Como a instituição recebe gradualmente pacientes crônicos do HPSP, não sabemos precisamente quantas pessoas vivem no local.

Tendo em vista esta história de segregação e o HCI enquanto uma instituição dúbia sobre o aspecto de ser a “prisão” e o “lar” de seus habitantes, percebemos que ele pode suscitar discussões complexas sobre os processos de marginalização e exclusão percebidas em nossa sociedade. Mesmo assim, ou talvez por esta razão, surgem medidas que colocam este local sobre a ótica de um patrimônio. Podemos dizer que tais ações começam a acontecer a partir de 1999, quando passa a funcionar o Centro de Documentação e Pesquisa (CEDOPE) e culminam com a inauguração do Memorial HCI em 2014.

Além de um processo de patrimonialização institucional – no sentido do tombamento, criação de espaços de memória, registro de bens, etc. –, percebe-se que o HCI também está fortemente ligado a histórias de vida, sendo tema de documentários ou da elaboração de cartões-postais, despertando a curiosidade e o interesse da população. Levando em consideração que

essa ainda é uma história recente, diversos atores envolvidos – moradores, funcionários e os filhos destes pacientes – estão vivos e a estrutura material até o momento pode ser vista e analisada, assim percebemos que este Hospital pode ser pesquisado e documentado profundamente, representando, como outras instituições, a história viva.

Além destes aspectos, existe também o fato de que apesar de os hospitais colônias serem estruturas do passado, a doença, hanseníase, continua existindo e o Brasil é um dos países que apresentam maior número de casos recentes no mundo. Fato este que demonstra a existência de uma necessidade atual na divulgação desta história, a fim de suscitar o conhecimento desta doença e gerar reflexões acerca de temas atuais vinculados à marginalização e segregação de determinados grupos em nossa sociedade. Percebe-se que alterar o nome de uma doença e deixar que estruturas físicas de instituições de segregação sejam degradadas com o tempo não apaga um passado de perseguição e medo. Contudo, pode fazer com que trajetórias e a lutas de diferentes grupos sociais não sejam reconhecidas.

O HCI representa memórias e vidas à margem de uma história oficial. Deste modo, institucionalizar este tipo de patrimônio nos possibilita valorizar a heterogenia de identidades e reconhecer que o passado de uma nação não é construído apenas de heróis ou feitos grandiosos, mas, por seres humanos que passaram por processos históricos e sociais diferentes, apropriando-se do mundo de formas que não podem ser representadas por uma perspectiva única.

Levando em consideração que o Hospital Colônia Itapuã e sua trajetória são trabalhados em diversos estudos dentro da área de História, percebe-se que no campo da Museologia há poucas pesquisas realizadas ao tema. Sendo assim, o Memorial HCI enriquece as possibilidades de estudos sobre este local, que faz parte do imaginário da região metropolitana de Porto Alegre, e que pode ser considerado um lugar de memória⁴. Também possibilita a problematização de diversos temas, tendo em vista seu histórico, sendo assim, este espaço de memória torna-se um “laboratório” para perceber como trabalhar assuntos delicados para a sociedade dentro de espaços expositivos.

Desta forma a pesquisa em questão busca compreender: como é construído o discurso do Memorial HCI e o que as escolhas e narrativas expográficas apresentadas em sua exposição comunicam? Problema que se justifica ao percebermos que os espaços de memória são

⁴ Conceito de Pierre Nora (1993). Mais informações em: NORA, Pierre. Entre Memória e História: A Problemática dos Lugares. Tradução de: Yara Aun Khoury. In: *Projeto História* - Revista do Programa de Estudos Pós-graduados em História e do Departamento de História. nº 10. 1.ed. Educ – Editora da PUC-SP. São Paulo. 1993. p. 07-28. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/12101/8763>>. Acesso em: 10 de jun. 2017.

importantes meios de preservação, e concebem, tendo em vista seu trabalho de seleção, uma história oficial do passado. A exposição, por sua vez, representa um mecanismo de comunicação, transmitindo ao público uma versão dos fatos por meio da narrativa construída e dos discursos a elas vinculados. Somando-se a este contexto as complexas relações estabelecidas pelo processo de segregação do qual o HCI faz parte, uma investigação destinada a perceber como é “construída” essa história parece-nos de grande importância para a manutenção ou questionamento de representações feitas sobre o passado.

Após algumas visitas ao Memorial percebi que, devido ao grande número de peças expostas, era difícil encontrar itens que evocassem ou “materializassem” as vidas individuais dos pacientes/moradores, mesmo esses relatos sendo muito presentes durante a mediação. A partir desta análise foram elaboradas duas hipóteses. A primeira é de que os organizadores do Memorial HCI optam por trabalhar com o que chamaremos aqui de “objetos cenográficos”, de modo que esses se destaquem em relação aos objetos testemunho. Esta opção faz com que seja necessária mediação para a adequada compreensão da narrativa proposta.

A segunda hipótese é que ao não explorar o potencial evocativo dos objetos testemunho expostos a narrativa deste espaço de memória leva à uma seleção de histórias em prol da teatralização⁵ dos acontecimentos, mantendo uma visão unificadora e centralizada de discurso que não está aberta à reflexão e questionamentos. As escolhas expográficas – legendas, textos, acervo, cenografia, eixos temáticos, localização dos espaços expositivos e mediação – generalizam as histórias do HCI, tornando anônimos seus pacientes e doadores, impossibilitando ao visitante compreender a importância da materialidade exposta.

O objetivo desta pesquisa é compreender como a narrativa construída e exposta no Memorial HCI aborda este Hospital e seus pacientes/moradores em suas escolhas expográficas. Os objetivos específicos consistem em: contextualizar historicamente o HCI e as medidas públicas que levaram a sua construção; reafirmar a importância patrimonial deste local, no intuito de que ele possa ser preservado e utilizado como fonte de informação; perceber de que forma a materialidade presente na exposição representa as histórias e memórias do local; problematizar o uso de elementos cenográficos e de objetos testemunho na construção narrativa apresentada; entender quais discursos e temas tornam-se norteadores da exposição; identificar

⁵ O termo “teatralização” refere-se ao ato de teatralizar, segundo Patrice Pavis (1998) “Teatralizar un acontecimiento o un texto es interpretarlo escénicamente utilizando escenarios y actores [...]” (PAVIS. 1998. p.436). Podemos considerar que re-apresentar o “real” faz parte de uma performance museal, contudo nessa perspectiva nos referimos a uma representação que escolhe encenar uma versão oficial da história ao invés de utilizar elementos que suscitem a reflexão sobre a mesma. Mais informações em: PAVIS, Patrice. *Diccionario del Teatro*. Tradução: MELENDRES, Jaume. Barcelona: Paidós. 1998. 559 p.

qual a ressonância das escolhas expográficas e discursos apresentados para o público que frequenta o Memorial.

Há um número considerável de artigos, dissertações e periódicos analisando o HCI, em minhas pesquisas encontrei 17 (dezesete) trabalhos⁶, a maioria deles são dentro da área de História, sendo que um deles é da área da Museologia. Algumas destas pesquisas apresentam uma abordagem patrimonial sobre o Hospital e trazem aspectos museológicos como a menção ao acervo ou as exposições que falaram sobre a instituição, assim como o Memorial HCI. Entretanto, eles não parecem se aprofundar nas escolhas expográficas e representações existentes dentro da exposição do Memorial, considerando estes os focos de minha pesquisa.

Os 17 (dezesete) trabalhos encontrados que tratam especificamente sobre o Hospital Colônia Itapuã foram distribuídos em três grandes áreas, assim como fiz em meu TCC, sendo elas: trajetória do Hospital e políticas públicas; entrevistas e vivências; acervo e exposições.

Dentre os textos que se encaixam no primeiro eixo - trajetória do Hospital e políticas públicas - pode-se citar 04 (quatro) trabalhos: “*Os Escolhidos de São Francisco: Aliança Entre Estado e Igreja Para a Profilaxia da Lepra Na Criação e no Cotidiano do Hospital Colônia Itapuã - (1930-1940)*”, dissertação de mestrado de Fernanda Barrionuevo Proença, de 2005, apresenta a história das políticas públicas de saúde, os mecanismos de poder da Igreja e do Estado, e a relação com os internos do HCI; “*Isolamento, Isolamento e Ainda, Isolamento*” *O Hospital Colônia Itapuã e o Amparo Santa Cruz na Profilaxia da Lepra no Rio Grande do Sul (1930 - 1950)*, realizada em 2005, a dissertação de mestrado de Éverton Reis Quevedo, aborda duas instituições para a prevenção da lepra no Estado, relacionadas a Campanha Nacional Contra a Lepra: o Hospital Colônia Itapuã e o Amparo Santa Cruz; o artigo de Viviane Trindade Borges intitulado: “*Projeto CAR: o Centro Agrícola de Reabilitação do Hospital Colônia Itapuã*” (2002) realiza uma pesquisa bibliográfica sobre o Centro Agrícola de Reabilitação (CAR); Viviane Trindade Borges escreveu no ano de 2007 “*Loucos (nem sempre) mansos da estância: controle e resistência no cotidiano do Centro Agrícola de Reabilitação (Viamão/RS, 1972-1982)*”, no qual analisa os procedimentos e a dinâmica de funcionamento do Centro Agrícola fundado em 1972 para atender as necessidades do Hospital Psiquiátrico São Pedro.

No segundo eixo - entrevistas e vivências no Hospital - englobo mais 06 (seis) publicações sendo estas: “*Segregar para curar? A experiência do Hospital Colônia Itapuã*” (1999-2000), de Artur Henrique Franco Barcelos e Viviane Trindade Borges, apresenta histórias dos pacientes do HCI e sua reinserção social, assim como a criação do CAR e do

⁶ Não foram acrescentados à essa lista de trabalhos os 08 (oito) artigos que escrevi durante o processo desta dissertação, pois estão vinculados a este trabalho ou ao meu TCC.

CEDOPE, trazendo brevemente o histórico da instituição e entrevistas realizadas; o artigo *“A loucura herda um espaço deixado pela lepra: fragmentos de história oral com os pacientes-moradores do Hospital Colônia Itapuã”* (2006) de autoria de Viviane Trindade Borges, aborda a conflituosa relação entre os moradores do HCI provenientes do período em que a instituição recebeu pacientes com hanseníase e psiquiátricos; outro artigo de Viviane Trindade Borges, *“Casamento, maternidade e viuvez: memórias de mulheres hansenianas”* (2007) fala sobre a vida de quatro mulheres que tiveram hanseníase e que ainda vivem no Hospital; *“Memórias do Isolamento: trajetórias marcadas pela experiência de vida no Hospital Colônia Itapuã”*, tese de doutorado de Juliane Conceição Primon Serres de 2009 na qual se propõe analisar a história do Hospital através do relato de duas pacientes; podemos encaixar neste eixo também o ensaio fotográfico feito por Luiz Eduardo Robinson Achutti em 2010, intitulado *“Narrativa sobre uma cidade não como as outras: Hospital Colônia de Itapuã - A cidade dos condenados”*, pois nele são mostrados locais do Hospital e vivências de seus moradores; Viviane Trindade Borges e Juliane Conceição Primon Serres, são autoras do artigo *“Narrativas sobre o velho leprosário: as entrevistas realizadas com pacientes/moradores do Hospital Colônia Itapuã (Viamão/RS)”*, de 2014, traz como elemento norteado o trabalho desenvolvido pelo CEDOPE e reflexões sobre a importância das entrevistas realizadas.

No terceiro eixo - acervo e exposições – enquadram-se 07 (sete) pesquisas, sendo elas: o artigo *“Desvendando uma história de exclusão: a experiência do Centro de Documentação e Pesquisa do Hospital-Colônia Itapuã”* de 2003, de autoria de Arselle de Andrade da Fontoura, Artur H. F. Barcelos e Viviane Trindade Borges, aborda a trajetória do HCI, a criação do CEDOPE e o acervo bibliográfico, documental e iconográfico organizado pelo mesmo; Juliane Conceição Primon Serres e Éverton Reis Quevedo aparecem como fontes de informação para o *“Cadernos do Morhan. Projeto Acervo: pela recuperação e preservação dos registros históricos dos hospitais-colônia”* de 2010, organizado pelo Movimento de Reintegração das Pessoas Atingidas pela Hanseníase (MORHAN), no qual constam informações sobre o Hospital, sua história e acervo; *“Uma Memória Que Agoniza: Hospital Colônia Itapuã - RS”*, artigo de 2013 de Juliane Conceição Primon Serres, fala da história do HCI, sobre a patrimonialização e a exposição que foi organizada em homenagem aos 60 anos da instituição; o artigo de Juliane Conceição Primon Serres e Viviane Trindade Borges *“Memória, sofrimento e apartação: a patrimonialização de instituições de isolamento”*, de 2014, fala sobre os processos de musealização no Hospital Colônia Itapuã, com o CEDOPE, e no Hospital Colônia Santa Teresa, com a criação do Museu Hospital Colônia de Santa Teresa; o texto de 2015 intitulado: *“Leprosários ao Sul do Brasil: de locais de sofrimento a lugares de memória”*, de

Juliane Conceição Primon Serres e Viviane Trindade Borges, aborda o processo de patrimonialização de duas instituições ligadas a história da hanseníase, o Hospital Colônia Itapuã no Rio Grande do Sul e o Hospital Colônia Santa Teresa em Santa Catarina; Maria Leticia Mazzucchi Ferreira e Juliane Conceição Primon Serres escreveram “*A Difícil Memória: Musealização do Hospital Colônia Itapuã, RS, Brasil*” de 2015, no qual abordam além da história do Hospital, seu processo de patrimonialização e musealização com a abertura do Memorial do HCI; por fim, também encaixa-se neste eixo meu trabalho de conclusão de curso de 2015, “*Da Exclusão à Exposição: Narrativas Expográficas do Memorial do Hospital Colônia Itapuã - RS*”, no qual analiso as narrativas expográficas existentes no Memorial HCI.

Ao longo dos dois anos em que esta dissertação foi desenvolvida algumas dificuldades se apresentaram, entre elas o foco do trabalho que, em um primeiro momento, consistia na ideia de entrevistar os moradores do HCI para descobrir suas percepções sobre a forma como o Memorial representa suas histórias. Ideia excluída em virtude do tempo limitado e do processo de aprovação em diferentes instâncias que essa demandaria. Foi sugerido a realização de um estudo comparativo entre o Memorial HCI e o Memorial no antigo Leprosário de Santa Catarina, que estava sendo reestruturado, mas essa ideia também não pode ser executada porque o Hospital enfrentava risco de ser fechado.

Também se iniciou um estudo de público para tentar descobrir quais as percepções dos visitantes sobre o Memorial HCI, aplicado em novembro de 2017. Tal iniciativa foi pensada pois a instituição não permitiu acesso à pesquisa que realizam. Entretanto, com a licença de saúde concedida à senhora Rita, o Memorial ficou fechado por algum tempo, voltando a funcionar no começo do ano de 2018 com outros funcionários. Neste período foi instaurado o Comissão de Pesquisa do HCI. Durante os meses que se seguiram foram trocadas ligações e mensagens e no dia 30 de outubro de 2018 informaram que a Comissão avaliou o material enviado e decidiram por sua aceitação. Por este motivo, e por um problema de saúde em minha família, desde o final do mês maio de 2018 a pesquisa teve que andar a passos lentos e o estudo de público não teve continuidade. Os formulários para a autorização da pesquisa só foram enviados no dia 27 de novembro de 2018, deste modo, o prazo para continuar as visitas, os questionários e analisar todo o material recolhido acabou sendo escasso.

Deste modo, é correto afirmar que essa dissertação tem como ponto de vista, quase que exclusivo, o desta pesquisadora sobre o tema. Sendo que isso implica em uma transmissão, mesmo que involuntária, de preconceitos e percepções individuais formados também pela história pessoal. Por este motivo foi necessário adaptar diferentes metodologias a fim de que a análise da exposição buscasse uma certa objetividade nos pontos levantados.

Sendo um estudo de natureza básica, visando a geração de conhecimento, através da pesquisa exploratória e descritiva – à medida que faz uso de levantamento bibliográfico e de observação da exposição e das dinâmicas apresentadas durante as visitas –, a obtenção de dados se deu através da abordagem qualitativa, as fontes de informação consistem em análises do local (campo) e de material impresso ou publicado em mídia (bibliográfica).

Os procedimentos técnicos adotados foram: pesquisa bibliográfica, analisando fontes secundárias de informação sobre a exposição; pesquisa documental, considerando o acervo exposto pelo Memorial como documentos de estudo; estudo de caso, por meio de entrevistas e análises dos processos expográficos, visando a interpretação das representações vigentes na exposição pesquisada.

A revisão bibliográfica consistiu na pesquisa e análise de textos que trouxessem informações sobre: o Hospital Colônia Itapuã; a história e o estigma da hanseníase; arcabouço teórico que possa auxiliar na análise das escolhas expográficas do Memorial HCI e a refletir sobre a preservação e patrimonialização de espaços como este Hospital. A pesquisa documental teve como base o acervo e as informações expostas pelo Memorial, considerando-os como elementos de documentação histórica e de representação da trajetória do local.

No estudo de campo foram realizadas entrevistas semiestruturadas⁷ com os idealizadores do Memorial, problematizando as escolhas expográficas, para perceber de que forma suas diferentes visões contribuíram para a formação da narrativa desta exposição. As visitas ao Memorial HCI para coletar informações quanto as escolhas expográficas foram realizadas nos anos de 2015, 2017 e 2018. Houve também a aplicação de um estudo de público⁸, respondido por 13 (treze) visitantes em 2017 que não pode ser utilizado enquanto categoria de análise, mas que é citado para embasar algumas das problematizações propostas ao longo do trabalho.

Considerando que não foram encontrados muitos materiais teóricos que visassem ou aplicassem uma metodologia para a análise de escolhas expográficas, optou-se pelo uso dos métodos de **observação**, mais especificamente a **descrição densa**⁹, e a **análise de conteúdo**¹⁰. A primeira, vincula-se a perspectiva de que existem diversas camadas de subjetividade relacionadas ao discurso e as narrativas construídas, sendo assim, através de minúcia de relatos

⁷ O termo de consentimento e o roteiro de entrevista podem ser vistos nos apêndices A e C, respectivamente.

⁸ O questionário elaborado e as respostas obtidas com o público do Memorial HCI podem ser vistos nos apêndices D e O, respectivamente.

⁹ Conceito apresentado por Geertz (2008). Mais informações em: GEERTZ, Clifford. *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: LTC. 1ed. 2008. 323p.

¹⁰ Conceito trabalhado a partir das ideias levantadas por Bardin (1977). Mais informações em: BARDIN, Laurence. *Análise de Conteúdo*. Tradução de: Luís Antero Reta e Augusto Pinheiro. Lisboa: Edições 70. 1977. 226p.

seria possível uma maior compreensão do leitor sobre o que o pesquisador vivenciou. Desta forma, ao relatar alguns fatos ocorridos nas visitas ao Memorial HCI, objetivou-se explicar ao leitor como surgiram algumas das ideias e percepções expostas, aproximando-o da visão do autor.

A análise de conteúdo, por sua vez, foi escolhida como uma forma de compreender e classificar espaços e textos expositivos a fim de que fosse possível elucidar as temáticas apresentadas na exposição estudada, considerando que esse é um método que pode ser adaptado a diferentes áreas do conhecimento e que trabalha as formas de comunicação.

Este trabalho é estruturado em 06 (seis) capítulos, sendo este o primeiro. O segundo capítulo desta dissertação se intitula “HCI: Os Restos de Uma História de Exclusão”, que apresenta uma breve contextualização da hanseníase, a criação do HCI e reflete sobre a importância da preservação dos hospitais-colônia através dos conceitos de memória, esquecimento e espaços de memória.

No terceiro capítulo, “Espaços de Memória em Lugares Esquecidos”, abordamos reflexões sobre o conceito de patrimônio, adentrando em um panorama geral – com base no trabalho realizado pelo Movimento de Reintegração das Pessoas Atingidas pela Hanseníase (MORHAN) – do uso de hospitais-colônia no País enquanto espaços de memória. Também são descritas medidas consideradas, neste trabalho, como parte de um processo de patrimonialização¹¹ do HCI, não apenas do âmbito institucional deste conceito, mas enquanto mecanismo de fortalecimento de identidades. Em um segundo momento, se busca aprofundar o estudo na trajetória do Memorial, os motivos de sua fundação e a forma como está organizada sua exposição.

O quarto capítulo chama-se “O Teatro das Sobras” e discute a ideia de “sobras” de uma história oficial, além de conceitos como representação e performance museal, apontando teatro e Museologia enquanto representações sociais. São descritas as visitas e, com maior profundidade, os métodos empregados nesta pesquisa. A análise das materialidades e textos expositivos apresentados no Memorial HCI aparece com maior densidade, buscando a categorização dos mesmos para observar aspectos como os assuntos abordados, a tipologia do acervo, a organização dos textos, etc.

¹¹ O conceito de patrimonialização corresponde ao processo que ocorre quando bens materiais ou imateriais passam a ser institucionalizados, utilizando para isso instâncias legais de preservação como o tombamento ou o registro, vinculados aos órgãos governamentais. O que estou chamando de processo de patrimonialização do HCI não tem necessariamente vínculo com esta ideia, mas com a perspectiva de que medidas que levam ao conhecimento e reflexão sobre esta história podem suscitar o interesse e a apropriação desta por diferentes grupos, levando-os a se identificarem e perceberem o mesmo enquanto patrimônio, apesar de fora de normas legais.

O quinto capítulo, “Por Trás das Cortinas: Alguns Estudos de Caso” apresenta alguns espaços expositivos e objetos do Memorial, abordando temas como a construção de grandes personagens, a idealização do passado, o uso de elementos de religiosidade e a “personificação” dos organizadores nas escolhas expográficas.

O sexto capítulo “Onde Está Maria? Encontrando os Moradores no Memorial” tem por intuito trabalhar um dos focos desta dissertação, que é perceber como os pacientes/moradores são retratados na exposição do Memorial HCI. Levando à reflexão sobre temas como sua participação no processo de construção deste espaço de memória, como o medo e o estigma são abordados, algumas das materialidades vinculadas a suas histórias de vidas, quais nomes e trajetórias individuais são citados e como é trabalhada a questão dos filhos na exposição.

As considerações finais visam realizar um apanhado dos temas apresentados e propor algumas questões quanto a organização do Memorial HCI. Reforça-se que esta pesquisa tece críticas a alguns aspectos da exposição, contudo, não visa a desvalorização da mesma, apenas sua problematização, com o objetivo de estimular discussões acerca do trabalho de memória e esquecimento que nós, enquanto agentes culturais e seres sociais, realizamos em nossas instituições, através da patrimonialização e musealização de bens e histórias de vida.

2 HCI: OS RESTOS DE UMA HISTÓRIA DE EXCLUSÃO

O HCI é um local marcado por uma história de sofrimento e exclusão, considerando o estigma e o medo ligados às doenças tratadas neste local, hanseníase e doenças mentais. Sendo assim, podemos refletir sobre quais motivos levam a iniciativas de salvaguarda da memória deste local e sua compreensão enquanto patrimônio. Pretende-se estruturar este capítulo em eixos que ajudem a nortear a discussão sobre o tema aqui proposto: a compreensão da importância da preservação deste local. Ao considerarmos que a tônica deste segundo capítulo seja discutir conceitos como memória, esquecimento e introduzir a ideia de espaços de memória, dentro da perspectiva de pensar o Memorial HCI como um lugar que busca sintetizar “a história” do Hospital, se faz necessário trazer, de forma breve, alguns dados históricos sobre a hanseníase, com o objetivo de contextualizar o leitor sobre a longa trajetória da doença.

Sendo o único Leprosário do estado do Rio Grande do Sul, o HCI foi um dos últimos a ser construído no País durante o governo de Getúlio Vargas, que durou de 1930 a 1945. Este local, que hoje tem quase a aparência de uma cidade fantasma, foi entre as décadas de 1940 e 1980 o destino, muitas vezes final, de mais de dois mil pacientes. Atualmente abriga cerca de 70 (setenta) pessoas, sendo a maioria pacientes transferidos do Hospital Psiquiátrico São Pedro a partir dos anos de 1970, e a minoria fruto de uma política de segregação de pessoas acometidas pela hanseníase.

O que motivou a criação deste espaço foi a doença antigamente conhecida como lepra, que teve seu nome alterado para hanseníase em 1995, com a finalidade de diminuir o estigma e o medo vinculados a ela, fato que foi oficializado pela Lei nº 9.010/95 (BRASIL, 1995). Ao andar pelo local notamos diversos prédios cuja estrutura encontra-se comprometida, casas abandonadas, Igrejas, uma pequena cidade onde hoje habita o esquecimento.

Atualmente é difícil encontrar pessoas para as quais o nome “Hospital Colônia Itapuã” ou “Leprosário” remeta a algo. Este desconhecimento é fruto não só do tempo, como de uma política de descaso governamental, considerando a falta de iniciativas que visem salvaguardar a memória de grupos marginalizados e excluídos.

O ato de esquecer este local também está vinculado ao estigma da lepra e a construção social da hanseníase, posto que a troca deste nome também representou uma dissociação com esta história de segregação. Tendo em vista que palavras como “lazarento”, “leproso” ou “morfético” são expressões pejorativas comuns no nosso cotidiano, percebemos a forte persistência de um estigma e que muitas vezes, talvez pela falta de associação, usamos tais termos sem nos dar conta que sua origem e significado remetem a hanseníase, e que esta não

está apenas no passado. Sendo assim, essa troca de denominações não é apenas uma questão humanitária, mas política. Posto que, a dissociação entre o nome e a história desta doença, também fortalece a ideia de seu apagamento enquanto integrante de processos de exclusão e gera uma falsa ideia de que é algo distante de nossa realidade. Sendo que o Brasil é um dos países que apresenta maior número de novos casos desta doença, ocupando “[...] o segundo lugar no ranking geral de casos descobertos anualmente - uma média de 49 mil na última década. Só perde para a Índia, país asiático com densidade populacional 15 vezes maior e duas vezes mais pobre.” (PROHANSEN, [2018?], doc. eletr.)

A preservação e a identificação popular com este local, ou a falta delas, estariam, também, vinculados ao estigma da lepra, entendendo que este é ligado ao fato de a doença fazer parte da história da humanidade e ocasionar deformidades físicas quando não tratada. Segundo Goffman:

Os gregos, [...] criaram o termo estigma para se referirem a sinais corporais com os quais se procurava evidenciar alguma coisa de extraordinário ou mau sobre o status moral de quem os apresentava. Os sinais eram feitos com cortes ou fogo no corpo e avisavam que o portador era um escravo, um criminoso ou traidor uma pessoa marcada, ritualmente poluída, que devia ser evitada; especialmente em lugares públicos. (GOFFMAN, 1988, p.05)

Estas deformidades ocorrem porque a doença compromete os nervos, levando à diminuição ou perda de sensibilidade das extremidades do corpo, ocasionando feridas constantes que sem tratamento levam a perda dos membros. A paralisia facial, desabamento nasal e cegueira também são consequências, que, além de comprometer a fala, desfiguram os enfermos. Hoje, estes comprometimentos não ocorrem com tanta frequência, pois a doença possui tratamento ambulatorial de acesso simples, este impede a progressão das sequelas e a contaminação de outras pessoas. Sendo uma doença infectocontagiosa, de fácil transmissão, o contágio se dá através do contato direto e por via respiratória¹², poderíamos considerar que este aspecto também pode ter corroborado com o medo em relação a ela.

Leonardo Savassi (2010) aponta para a incerteza quanto a origem da doença e relata sua associação as civilizações antigas: indiana, egípcia e hebreia, outra possível fonte de origem seria a asiática e africana, pois:

¹² Mais informações em: SOUZA, Luís Roberto. *Condicionantes sociais na delimitação de espaços endêmicos de hanseníase*. Tese apresentada à Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Doutor em Ciências. São Paulo, 2012, 327 p.

A análise de polimorfismos raros em nucleotídeos simples de amostras do *M. Leprae* identificou duas linhagens diferentes do bacilo, segregadas na Ásia (principalmente tipo I) e África oriental (Tipo II). Devido à baixa frequência da linhagem do tipo II na Ásia, e sua frequência elevada na África Oriental, MONOT *et al* (2005) sugerem um cenário para a origem da hanseníase em que o tipo II teria evoluído primeiro na África Oriental (antes de 40.000 aC) e mais tarde transmitida para a Ásia (onde o Tipo I acabou prevalecendo) e Europa (evoluindo posteriormente para Tipo III), que também é comum na África Ocidental e nas Américas devido a colonização europeia. Outra possibilidade seria a linhagem do tipo II ter evoluído a partir do tipo I na própria Ásia mais recentemente, e de lá transmitida para África e Europa. (SAVASSI, 2010, p. 25).

O aspecto de deformidade dos enfermos deve ter sido uma das primeiras causas de medo e exclusão destas pessoas do convívio social. Contudo, no decorrer da história novos preconceitos e temores foram sendo agregados a esta doença. Um dos aspectos mais antigos ao qual as pessoas mais associam a doença refere-se à Bíblia, onde ela é vinculada à impureza e ao pecado, considerando que:

Encontra-se, nos capítulos 13 e 14 do Levítico, o termo hebreu *tsaraath* ou *saraath* para designar afecções impuras. Estes termos foram traduzidos como lepra em vários idiomas, sem que se possa afirmar com certeza o seu significado original. Em hebraico, significavam uma condição de pele dos indivíduos ou de suas roupas que necessitava purificação. (EIDT, 2004, p. 78)

Segundo Savassi (2010) o termo lepra vem da expressão grega *lepros* e significaria descamação, que seria a tradução para o termo hebreu *tsaraath* ou *saraath*, esta nomenclatura seria utilizada para denominar diversas doenças de pele (EIDT, 2004), entre elas lúpus e vitiligo. A falta de conhecimento em relação a doença e a nomenclatura ambivalente pode ter sido responsável por diagnósticos errados e por supostas curas dos enfermos.

De acordo com Letícia Maria Eidt (2004) a proliferação da hanseníase pela Europa teria ocorrido durante as guerras no período romano. No decorrer da Idade Média a Igreja Católica passou a ser responsável pelo cuidado com os doentes, considerando que:

A Igreja manteve, desde os primeiros séculos, especial “atenção” aos doentes. Em 314 d.C., uma reunião do Concílio regional de Ancyra declara os “leprosos” impuros de corpo e alma. Já em 325 o primeiro concílio ecumênico de Nicéia toma medidas para limitar a prática de castração entre os “leprosos”, revelando um procedimento brutal até então adotado para a contenção da “lepra”. Na mesma reunião, estabelece que toda cidade devia construir um hospital para abrigar peregrinos e viajantes necessitados, os xenodócios, embriões dos futuros Leprosários. (SAVASSI, 2010, p. 31-32).

Outro aspecto interessante é que, durante muito tempo, a figura do leproso também foi associada a lescividade. Este aspecto pode ser observado em histórias como o romance Tristão e Isolda. Paulo Gabriel Hilu da Rocha Pinto (1995) comenta que em uma de suas versões, do

final do século XVII, é considerado condenar Isolda, por ter traído seu marido, a viver com os leprosos “[...] pois este seria um castigo pior que a morte na fogueira, uma vez que duraria mais.” (PINTO, 1995, p.137). Ela seria condenada a saciar seus desejos sexuais, fortalecidos em função da doença, e a perder sua beleza, tornando-se uma leprosa, então implora para ser queimada demonstrando que a lepra era considerada pior que a morte.

Durante a Idade Média o leproso era considerado morto para a sociedade, sendo realizada uma cerimônia religiosa semelhante a um funeral, na qual ele era conduzido para longe de sua comunidade. Os bens do doente eram confiscados pela Igreja e ele era condenado a vagar sozinho, utilizando um sino que avisaria sobre sua proximidade e um cajado para que se mantivesse à distância. Jacques Le Goff (2005) comenta que:

[...] a doença e a deficiência física eram tidas por sinais exteriores do pecado, os que delas sofressem eram malditos para Deus, e, assim, malditos para os homens. A Igreja acolhia provisoriamente alguns e alimentava esporadicamente outros - nos dias de festa. Os demais tinham como único recurso a mendicância e a errância. (LE GOFF, 2005, p.322)

Vânia Carvalho Santos (2006a), aponta que, com a grande incidência da doença tornava-se necessário hospedar os enfermos fazendo com que surgissem “[...] a partir do século XII, as primeiras ordens religiosas dedicadas a prestar cuidados aos portadores de hanseníase. Criaram-se os leprosários com a função de asilar os excluídos da sociedade, sob o controle da Igreja.” (SANTOS, 2006a, p. 12) Com a criação dos primeiros leprosários, reforça-se também a relação de dualidade entre o medo e a piedade, sobre este assunto, Savassi (2010) aponta que:

O “leproso” é o “pobre de Cristo” por excelência e cuidar de suas feridas é um ato digno. Mas também é a prova corporal do pecado: a corrupção da carne manifesta a da alma. Por isso o seu confinamento também é uma maneira de condená-lo por seus supostos erros, ou pelos pecados que todos cometeram e que só eles vão expiar. (SAVASSI, 2010, p. 36)

As Cruzadas teriam disseminado a lepra pela Europa, segundo Savassi (2010), durante a Idade Média a identificação da doença era feita pela população que denunciava possíveis enfermos, o diagnóstico e os cuidados eram realizados pela Igreja. Encontramos também associações desta doença à mulher e a sexualidade, considerando que com a difícil distinção entre a lepra e outras doenças, como as venéreas, o sexo era visto como uma forma de contágio.

Esse vínculo entre a doença e o sexo teve o efeito de reforçar a visão geralmente aceita sobre a inferioridade e imoralidade potencial das mulheres. Rotulavam as mulheres

como fontes potenciais de infecção, pois era crença geral que a relação sexual com uma mulher menstruada podia levar à lepra, e que, se uma mulher tivesse relações com um leproso, ela não seria contaminada pela doença, mas poderia passá-la para o próximo homem com quem fizesse sexo. (RICHARDS, 1993 *apud* SANTOS, 2006a, p.12)

Outra afirmação interessante para pensarmos sobre o papel da mulher é a de Savassi (2010) de que: “[...] no país de Gales e na Escócia a mulher leprosa era impedida de engravidar sob pena de ir para a fogueira com o filho nascido nos braços.” (SAVASSI, 2010, p. 33). A figura feminina tem sua sexualidade, vinculados também à menstruação e a gravidez, considerada como causador da lepra. Creio que este exemplo mostra a visão de que a hanseníase e o preconceito em relação a esta doença foram associados a outras questões sociais, como a relação de gênero.

Segundo Ana Zoé Schilling da Cunha (1997) no século XIV os casos de hanseníase haviam diminuído consideravelmente no Ocidente e no decorrer dos séculos XVIII e XIX praticamente toda a Europa adotava o método do isolamento, o que teria auxiliado na diminuição graças a dificuldade de transmissão.

No continente americano a doença teria surgido por volta dos séculos XVI e XVII, trazida por colonizadores europeus (EIDT, 2004, p.80), sendo o primeiro hospital para leprosos construído na América em 1528 no México (SANTOS, 2006b).

Quanto ao surgimento da hanseníase no Brasil, Cunha aponta que: “Os africanos que vieram ao Brasil para suprir a falta de mão-de-obra do país, desde o século XVI, foram responsáveis, em grande medida, pelo aparecimento da doença e também pela sua disseminação.” (CUNHA. 1997. p. 36). Porém, Eidt (2004) comenta a questão de que dificilmente seriam negociados escravos com lesões na pele, e Luís Roberto Souza diz que: “Em Portugal, a doença era endêmica no século XIV.” (SOUZA, 2012, p. 04). Além deste aspecto, devemos lembrar que:

[...] havia dificuldade em prover tripulação: além de um punhado de aventureiros indisciplinados que se apresentavam, os demais tinham muitas vezes que ser coagidos, até pela violência a enfrentar o oceano tenebroso e ignoto. [...] Muitas vezes os armadores de expedições se valeram de condenados como marujos e grumetes. (MENDES JR.; RONCORI; MARANHÃO, [1976] 1983, p.51)

Considerando a existência de registros dos casos da doença em Portugal, no período próximo ao qual o continente americano começou a ser colonizado; a proximidade entre a chegada de povos europeus no continente americano, a partir de 1492, e a construção do primeiro leprosário, em 1528; o perfil dos primeiros europeus que vieram ao Brasil,

provavelmente pobres, em situações de maior vulnerabilidade às doenças, talvez possamos nos questionar se haveriam registros, motivados por preconceitos racistas, que atribuíam a hanseníase, com maior ênfase, aos escravos trazidos da África.

Devemos lembrar que, segundo Boris Fausto (1995), Portugal passou a utilizar mão-de-obra escrava de colônias africanas a partir de 1441, em trabalhos domésticos e ocupações urbanas. Considerando que, segundo Fausto (1995), a chegada destes ao Brasil foi incentivada a partir de 1570, com a primeira lei que proibia a escravização dos índios, ele comenta que: “Estima-se que entre 1550 e 1855 entraram pelos portos brasileiros 4 milhões de escravos, na sua grande maioria jovens do sexo masculino.” (FAUSTO, 1995, p.51). É claro que a escravidão e as rotas comerciais influenciaram na disseminação da hanseníase no País, porém, não necessariamente a doença foi trazida pelas populações africanas, posto que a relação entre portugueses e africanos já existia antes deles chegarem ao Brasil.

Fato é que em 1600 foram registrados os primeiros casos da doença no País, no Rio de Janeiro, posteriormente na Bahia e no Pará (SOUZA, 2012). Surgem as “Sociedades Protetoras dos Lázarus” no século XVIII e o isolamento domiciliar, posteriormente, os lazaretos que eram construções precárias com o objetivo de isolar os doentes do convívio social. O litoral brasileiro foi um dos primeiros focos, devido a constantes transações comerciais de açúcar, com o período de exploração do ouro a doença adentra o País. O governo colonial no século XIX regulamenta seu combate por ordem de D. João VI, contudo: “[...] as ações de controle se limitaram à construção de asilos e à assistência precária aos doentes.”. (EIDT, 2004, p. 82)

O bacilo da hanseníase foi descoberto em 1873 pelo médico norueguês Gerhard Henrik Armauer Hansen (1841-1912), denominado *mycobacterium leprae* ou bacilo de Hansen. Com esta descoberta a lepra deixou de ser vista como um castigo divino e passou a ser encarada como uma doença. Passou a ser realizadas conferências para discutir quais procedimentos deveriam ser adotados em relação as pessoas atingidas pela enfermidade, segundo Juliane Conceição Primon Serres (2004) a I Conferência Internacional de Berlim em 1897, na Alemanha, apontava para o isolamento dos doentes. A II Conferência Internacional de Bergen em 1909, na Noruega, reafirmou o isolamento e indicou a exclusão dos enfermos de algumas profissões, a separação dos filhos sadios de pais leprosos, o exame de pessoas que conviviam com infectados e anunciou o estudo da doença demonstrando a possibilidade de uma cura, mesmo que desconhecida. Neste contexto em 1915 a Academia Nacional de Medicina (ANM) começou a discutir políticas de combate a lepra, criando uma “Comissão” para tratar o assunto, contudo, pouco se sabia sobre sua transmissão, a autora comenta que: “As dúvidas que

rondavam os decanos científicos, entre a população, tornava-se a certeza de que a Lepra era um terrível mal, uma punição divina.” (SERRES, 2004, p.38).

No Brasil, a Constituição de 1891 previa a autonomia dos Estados em relação as práticas sanitárias. Em 1904, com a reforma sanitária determinou-se que os leprosos deveriam permanecer em suas casas até que fossem construídos espaços para eles. Lazaretos eram construídos a partir de medidas voluntárias ou de emergência. Em 1918 a Liga Pró-Saneamento começou um movimento para conscientizar as elites políticas que a falta de cuidados com a saúde pública impedia o progresso do País.

Cunha (1997) comenta que, enquanto na Europa do séc. XIX os casos de hanseníase haviam quase desaparecido, no Brasil, os médicos começavam a se preocupar com a doença, contudo, enfrentavam pressão da população e a falta de interesse e investimento financeiro. Considerando que: “Os hansenianos brasileiros, tal qual ocorreu na idade média européia, sobreviviam das esmolas recolhidas nas ruas ou de doações de religiosos. Isto os colocava na mesma situação social que os miseráveis, desempregados, prostitutas e criminosos.” (CUNHA, 1997, p.36)

No ano de 1918 ocorreu a criação do Departamento Nacional de Saúde Pública (DNSP) subordinado ao Ministério da Justiça e Negócios no Interior, que instituiu um Serviço de Profilaxia Contra a Lepra e contra as doenças venéreas. Em 1920 o DNSP criou a Inspetoria da Profilaxia da Lepra e Doenças Venéreas, apontando que:

Qualquer caso suspeito de Lepra devia ser *notificado*. A *notificação compulsória* cabia não apenas ao médico comunicar às autoridades sanitárias casos confirmados ou suspeitos, mas a qualquer pessoa que residisse ou convivesse com o *suspeito*. O não cumprimento deste dispositivo acarretaria multas, em dinheiro para as pessoas em geral, em dinheiro mais sanções para os médicos. O médico que infringisse o regulamento seria considerado “suspeito” pelo DNSP, sendo que todos os doentes por ele visitados e óbitos por ele atestados seriam sujeitos à verificação por parte das autoridades sanitárias. Caso o “infrator” fosse funcionário do DNSP, seria imediatamente demitido. (SERRES, 2004, p. 47)

O isolamento era a medida tomada para combater a lepra, poderia ser realizado de duas formas, em ambientes hospitalares (colônias para os capazes de trabalhar e asilos para os incapacitados) e domiciliar, destinado a:

[...] doentes que tivessem condições de respeitar a vigilância sanitária e de obedecer rigorosamente as prescrições médicas, tais como possuir cômodo e pertences de uso exclusivo, manter rigoroso asseio corporal e da habitação, não manusear nenhum objeto que pudesse ser manuseado por outrém, ficando o doente *livre* para levá-lo a efeito como lhe conviesse. (SERRES, 2004, p.48)

Observamos, a partir destes dois métodos de isolamento outro elemento interessante para analisar o esquecimento de locais como o HCI, que faz referência a outro problema social: a distinção entre classes econômicas. Considerando que até os dias de hoje “A doença, com frequência, relaciona-se a indicadores como baixa renda familiar ou per capita, baixa escolaridade e falta de condições básicas de saúde, entre outros.” (MAGALHÃES; ROJAS, 2007, p. 76). Ao doente pobre era obrigatório o internamento e reclusão social, ao enfermo com mais recursos financeiros era permitido estar em sua casa, de certa forma, mais perto de seu ciclo social.

No ano de 1930 foi criado o Ministério da Educação e Saúde Pública (Mesp), em 1937 com a “Reforma de Capanema” o Mesp passou a se chamar Ministério da Educação e Saúde (MES), reorganiza-se o Departamento Nacional de Saúde (DNS) e foram criadas Delegacias Federais de Saúde, Serviços Nacionais de Saúde e Conferências Nacionais de Saúde. Neste processo, foi proposto o Serviço Nacional da Lepra, efetivado em 1941. Em 1935 foi elaborado um Plano Nacional de Combate a Lepra que previa a construção, pela União de Leprosários, do tipo colônia agrícola; extensão e melhoramento dos já existentes; hospitalização de todos os pacientes de Lepra aberta ou mutilante, e de mendigos e indigentes. Foram planejados Leprosários para pacientes hospitalizados, Dispensários para o tratamento ambulatorial de doentes não-internados e Preventórios para os filhos sadios de pais leproso.

Os Leprosários seguiam indicações da III Conferência Internacional de Estrasburgo, de 1923, que aconselhava que quem não pudesse ter internamento domiciliar deveria ser internado em hospitais, sanatórios ou colônias agrícolas. A preferência por hospitais colônia no Brasil se deu, provavelmente, pela função econômica, já que os pacientes trabalhariam e se estabeleceriam em cidades autônomas. Ana Albano Amora (2009) comenta que:

Observamos já na concepção do projeto *Leprosário Modelo* e na sua divulgação, uma visão idealizada do confinamento dos hansenianos e nos chamou atenção o planejamento desses espaços como verdadeiras cidades, onde estaria sendo imaginada uma possibilidade de convívio social, de existência digna e de completo desenvolvimento humano dos doentes. (AMORA, 2009, p.26)

Segundo a autora a ideia destes espaços enquanto cidades-hospitais remete a questões dos problemas da vida urbana e do surgimento do socialismo utópico que estavam sendo discutidas na Europa no século XIX, comentando que: “[...] *cidades hospitais* emerge desse contexto indicativo de busca de soluções para as cidades industriais – doentes e sujas – e de

proteção das populações sadias, à luz de uma perspectiva utópica.” (AMORA, 2009, p.30, Grifo da autora).

Durante o governo de Getúlio Vargas (1930-1945) foram construídos cerca de 30 (trinta) hospitais-colônia no Brasil, com a finalidade de isolar pessoas contaminadas pela hanseníase. Um elemento relevante que podemos pensar, dentro da perspectiva de criação dos hospitais-colônia, é a ideia de progresso, fortemente propagada no País. Aspecto mencionado por Hilton Japiassu (2001) ao falar desta ideologia no século XIX e o uso das ideias de Darwin sobre evolução como legitimadores da desigualdade social. Considerando que se defendia “[...] o progresso, o princípio de liberdade e do respeito ao outro, mas não para todo mundo: devem ser excluídos do determinismo da lei da natureza os “enfermos”, os “débeis” e algumas “raças retardadas”.” (JAPIASSU, 2001, p.177). Deste modo, estariam excluídos do progresso pulsante os pacientes do HCI que representariam um “atraso”. Serres (2004) comenta que outro fator vinculado à criação destes hospitais foi a descoberta do bacilo causador da hanseníase, comentando que:

Se por um lado esta descoberta representou um importante passo para a medicina, por outro lado veio confirmar a contagiosidade da moléstia, fazendo com que houvesse um recrudescimento dos temores antigos e, sobretudo, munindo a medicina de justificativa científica para as práticas de segregação impostas aos doentes. (SERRES, 2004, p.57)

Sendo assim, esta percepção de excluir pessoas atingidas pela hanseníase em hospitais-colônia passa pela dualidade de segregar os indesejados de uma sociedade e ao mesmo tempo proporcionar condições de vida dignas a eles. Quevedo comenta que:

[...] a segregação dos doentes em Leprosários e, mais tarde, em Hospitais Colônias, contribuiu de forma excepcional para a perpetuação e consolidação desses preconceitos. Fazendo milhões de vítimas, não só clinicamente, mas principalmente do ponto de vista social, a lepra atravessou os anos e chegou ao século XXI completamente curável. (QUEVEDO. 2005. p. 43).

Podemos supor que o atrito entre preservar ou abandonar, lembrar ou esquecer o HCI também estaria vinculado a outras questões sociais que vão além do medo das deformidades físicas, mas cercam questões de gênero, raciais e econômicas.

2.1 A Criação do HCI

O HCI foi um dos últimos desta série de hospitais-colônia a ser construído no País, em virtude do número reduzido de casos no Rio Grande do Sul e em Santa Catarina, considerando a afirmação de Cunha (1997) de que: “[...] até o começo do século XX, a doença não era encarada como um problema de saúde pública.” (CUNHA, 1997, p.34).

Segundo Eidt (2004) o foco mais antigo estaria na cidade de Vacaria, região nordeste do Estado, nos Campos de Cima da Serra, onde a doença teria chegado no séc. XVIII trazida por paulistas. Outros fatores que levaram a disseminação da doença foram as relações migratórias e comerciais com outros estados e com países da fronteira. Também não se descarta, como fonte de contágio, a chegada de imigrantes europeus contaminados, sendo que: “Estes imigrantes tanto poderiam ter sido infectados em seus países de origem, quanto nos navios que os transportaram para o Brasil.” (EIDT, 2004, p.82).

Segundo Arselle de Andrade da Fontoura, Artur Henrique Franco Barcelos e Viviane Trindade Borges (2003), com o aumento do número de casos de hanseníase no Estado, muitas pessoas doentes começam a sair de suas cidades em direção à capital em busca de tratamento, sustentando-se muitas vezes de doações e esmolas, desta forma:

[...] surgiram algumas associações e sociedades beneficentes que trataram de arrecadar recursos para a construção de instalações permanentes para os hansenianos. A partir da década de 1930, a parceria entre essas instituições e os órgãos públicos federais, estaduais e municipais, agilizou a construção de hospitais-colônias em vários estados do Brasil (FONTOURA; BARCELOS; BORGES, 2003, p. 399).

Sendo assim, uma das questões que influenciou na criação do HCI foi a existência de uma sociedade beneficente na cidade de Santa Cruz do Sul, fundada em 1877. Em 1924 este grupo deu origem a Sociedade Beneficente Leprosário Riograndense, em virtude do centenário da imigração alemã no Estado. Outro ponto considerado por Cunha (1997) foi a alta incidência de casos de hanseníase na população alemã, em especial no município de Santa Cruz, onde, devido a comunidade fechada, a doença teria se disseminado.

Desde 1909 havia no Rio Grande do Sul o Hospital de Isolamento São José, que destinou dois pavilhões para o atendimento de pacientes com hanseníase. Os cuidados com os pacientes hansenianos foram destinados, segundo Fernanda Barrinuevo Proença (2005), às Irmãs Franciscanas de Penitência e Caridade Cristã, desde 1925, pela Sociedade Beneficente Leprosário Riograndense. A dedicação por parte da congregação religiosa a esta enfermidade

remetia-se a figura de São Francisco de Assis e seu trabalho com os leprosos.

Segundo Serres (2004), em 1936, graças ao apoio da alta sociedade, de autoridades públicas e da pressão social, os governos federal e estadual autorizaram a compra da Fazenda Santa Clara no Bairro de Itapuã, em Viamão. No ano de 1940 foi inaugurado o Hospital Colônia Itapuã, Proença (2005) aponta que com sua criação as Irmãs passaram a coordenar o local, sendo subordinadas ao Diretor Chefe que era o médico geral da instituição. Serres (2009) comenta que este local foi a morada de 2.474 (dois mil quatrocentos e setenta e quatro) pacientes com hanseníase, número conseguido a partir dos prontuários. Muitos destas pessoas chegaram ainda crianças, casaram, tiveram filhos e morreram neste local.

Figura 1 - Hospital Colônia Itapuã em 1940



Fonte: VIDAL, 2014.

A estrutura física do HCI foi organizada na forma de uma pequena cidade, com pavilhões onde os doentes solteiros moravam, aos casais eram oferecidas casas geminadas, havia praça, local para futebol, duas igrejas católicas (uma frequentada pelos pacientes e outra pelos funcionários), uma igreja evangélica, padaria, fábrica de sabão, lavanderia, um pavilhão de diversões com cinema, entre outras coisas. O Hospital era dividido em zona sadia, intermediária e suja, segundo Serres (2004):

Na “zona sadia” havia uma residência para o médico diretor, uma para o administrador, casas geminadas para os funcionários, uma usina geradora de eletricidade, garagem e moradia para motorista. Na “zona intermediária” encontravam-se os prédios da administração, da padaria, a casa das Irmãs, o pavilhão de observações e a futura casa do capelão. Na “zona suja” ficavam os 14 pavilhões “Carville”, as 11 casas geminadas, cozinha, refeitório, hospital com ambulatórios, enfermarias (mulheres e homens), lavanderia, capela, forno de incineração,

necrotério, oficinas, cemitério. À entrada da “zona suja” ficariam o *parlatório* e o expurgo. O Hospital ainda contaria com uma área rural. (SERRES, 2004, p.124)

O modo de vida assemelhava-se ao da sociedade da qual essas pessoas foram excluídas, considerando-se que havia regras próprias, a eleição de um delegado e um prefeito entre os pacientes, uma moeda própria feita de latão, entre outras peculiaridades. Aos pacientes incapacitados era destinada uma renda para subsistência e, os capazes de cumprir tarefas trabalhavam no local, recebendo pagamento em dinheiro feito para uso interno na instituição.

Figura 2 - Paciente Trabalhando no HCI



Fonte: Acervo Memorial HCI, [194-?].

Proença (2005) relata o internamento de três irmãs e um Frei, que não necessariamente adquiriram a doença no HCI, que moravam junto aos pacientes, sendo também responsáveis pela educação das crianças. Esta funcionava da seguinte forma:

[...] meninos e meninas eram separados em pavilhões distintos, onde alojamento e escola funcionavam juntos. As meninas eram classificadas como “*Grupo de Sta.Inês*” e permaneciam sob os cuidados de Irmã Perpétua. Já os meninos eram o “*Grupo São Luiz*” que, no primeiro momento foram cuidados e ensinados por um paciente que era professor. Depois, quem assumiu a responsabilidade foi o Frei Floriano, que assim como Irmã Perpétua, também era hanseniano. (PROENÇA, 2005, p.106)

Proença (2005) comenta sobre o acesso às três zonas, na zona sadia era proibida a entrada de pacientes, a intermediária era restrita ao pessoal autorizado e a suja onde “[...] também entravam alguns funcionários autorizados e as irmãs” (PROENÇA, 2005, p.71). O HCI era coordenado pelas irmãs, assim como o cuidado com os pacientes, a autora comenta que: “A

posição das Irmãs era extremamente ambígua pois, de um lado, estavam inseridas em um projeto político do Estado e religioso da Igreja, por outro, acreditavam na sua missão de regeneração e salvação daquelas almas diante de Deus.” (PROENÇA, 2005, p.83). A partir disso podemos compreender a existência de conflitos religiosos e de uma “autonomia vigiada”, seguindo as freiras que representavam esta imagem de controle.

Figura 3 - Irmã com crianças no HCI



Fonte: Acervo do Memorial HCI, [194-?].

Quevedo comenta que “[...] o contato entre sadios e doentes era evitado ao máximo possível. [...] padre encontrava “seu rebanho” em casamentos e extremaunção, os médicos, somente quando solicitados em casos de urgência, como problemas cardíacos, partos...” (QUEVEDO, 2005, p.116). Os filhos sadios dos pacientes que nasciam no Hospital eram encaminhados para a instituição Amparo Santa Cruz em Porto Alegre, assim que saiam do ventre da mãe eram retirados do convívio familiar e uma vez por ano viam seus pais de dentro de um ônibus que parava do pórtico que dividia a área limpa – destinada aos funcionários – da área suja – habitada pelos doentes. Na dissertação de Serres (2004) há, um trecho de entrevista na qual Dona Branca descreve tal situação, ela diz que:

Quando nasciam os nenéns, ali onde é nossa copa da enfermaria era a sala de operação e do lado de cá nasciam os nenens [sic], às vezes vinha uma mulher grávida, ou engravidava aqui dentro, a irmã já deixava tudo pronto. Do lado de lá ficava o bercinho, tinha uma moça que cuidava do nenén [sic] durante toda noite, dava um banho nele e trazia vestidinho e arrumadinho de manhã. Vinham mostrar para a mãe se despedir e de lá levavam para o Amparo Santa Cruz, só traziam aqui para visitar e de longe, bem longe e quando era pequenininho [sic] não traziam, depois de mocinho estudava tirava um curso, podia sair de lá e se empregar em Porto Alegre. Os partos eram feitos pela irmã Élia e essas duas enfermeiras que ela ensinou. Todos doentes,

todos doentes, enfermeiros não tinham de saúde, só as irmãs, só as irmãs de saúde e os médicos. (L.K. 2003. inf. verb. *apud* SERRES, 2004, p.206-207).

Segundo Vicente Saul Moreira dos Santos (2006b), o sistema instituído no período que Capanema assumiu o Ministério da Educação e Saúde se apoiava no tripé: leprosário (para os enfermos), preventório (para os filhos sãos) e dispensário (para os familiares). Éverton Reis Quevedo (2005) comenta que:

Havia um tripé profilático que começava com o dispensário, em que os primeiros exames médicos eram feitos, o segundo era o Hospital Colônia, para onde eram enviados os que obtivessem resultados positivos aos seus exames e, finalmente, os preventórios, que eram destinados aos filhos sadios dos doentes. (QUEVEDO, 2005, p.29)

Quevedo (2005) também comenta que o local onde funcionou o Preventório Estadual foi comprado, em segredo, pela Sociedade Beneficente Leprosário Riograndense, localizado na cidade de Porto Alegre, em Belém Velho, e abrigando 150 (cento e cinquenta) crianças.

Figura 4 - Crianças do Amparo Santa Cruz



Fonte: SOUZA-ARAÚJO, 1946 *apud* QUEVEDO, 2005.

Serres (2004), comenta que no começo da década de 1940 foi descoberta a primeira medicação eficaz no combate a hanseníase, a base de *sulfona*, um antibiótico que combatia o *mycobacterium leprae*, bacilo causador da doença. Nas décadas seguintes os tratamentos se difundiram, ocasionando uma diminuição significativa do número de pacientes do HCI e o fim do internamento compulsório. Santos (2006a) comenta que no Brasil existiam 36 (trinta e seis) leprosários, e que, devido a implementação do tratamento ambulatorial, eles passaram a abrigar

peessoas com dificuldade para retornar ao convívio social. A autora aponta que: “O isolamento foi considerado extinto no Brasil em 1962 com a aprovação do decreto nº 968, de 7 de maio, embora alguns estados, como São Paulo, continuassem a manter as colônias em funcionamento.” (SANTOS, 2006a, p.15).

Viviane Trindade Borges (2002) comenta que: “Os portadores do Mal de Hansen já poderiam voltar a seus locais de origem. Isso levou a uma diminuição considerável do número de pacientes do Leprosário, que passaram de 700 para 340 em 1960, criando espaços ociosos nas estruturas no HCI.” (BORGES, 2002, p.117). Sendo assim é necessária uma nova utilidade para a estrutura construída, Foucault escreve que:

Desaparecida a lepra, apagado (ou quase) o leproso da memória, essas estruturas permanecerão. Frequentemente nos mesmos locais, os jogos de exclusão serão retomados [...] Pobres, vagabundos, presidiários e “cabeças alienadas” assumirão o papel abandonado pelo lazarento [...] (FOUCAULT, 1993, p.06)

Deste modo, observamos que em 1972, decorrente deste processo de esvaziamento da instituição, começaram a ser transferidos pacientes do Hospital Psiquiátrico São Pedro. Neste período passou a funcionar nas dependências do HCI o Projeto do Centro Agrícola de Reabilitação (CAR) que utilizava a laborterapia que visava reintegrá-los ao mercado de trabalho e gerar sua subsistência. A princípio a integração entre os antigos e os novos pacientes do HCI não foi pacífica, sendo construída uma cerca de arame que delimitava a divisão do local. Borges (2006) aponta que, para os hansenianos, a cerca seria para conter os loucos, para estes, era uma forma de impedir a circulação e fuga, e “[...] para os atendentes do Centro Agrícola era uma forma de prevenção em relação à lepra.” (BORGES, 2006, p.104). A cerca foi retirada na década de 1990.

Borges (2002) chama a atenção para dois pontos interessantes quanto ao Projeto CAR, o primeiro é que: “No período de 1972 a 1982, a horta dos pacientes do CAR forneceu verduras não apenas para o consumo interno, mas para outras instituições hospitalares da Secretaria de Saúde e Meio Ambiente, produzindo o esperado retorno financeiro do Projeto.” (BORGES, 2002, p.119). O segundo, referente aos critérios para a seleção de pacientes destinados ao CAR:

[...] estabelecia-se que o paciente fosse de origem rural; que tivesse algum contato com a família ou perspectivas de viver fora do ambiente hospitalar; sexo masculino; idade entre 18 e 45 anos; preferencialmente com diagnóstico de esquizofrenia crônica. O que contradiz esse objetivo é o fato de o Projeto ser voltado para pacientes crônicos, ou seja, doentes sem qualquer possibilidade de reintegração, aos quais era certo o

destino de terminar seus dias confinados em um cárcere manicomial. (BORGES, 2002, p.119-120)

A partir dos dados apresentados pela autora é possível indagarmos que esta transferência de pacientes não tenha sido apenas uma forma de lidar com o esvaziamento do HCI, mas um meio para obter retorno financeiro através do uso da esperança de progressão dos pacientes, de pessoas que também foram excluídas. Embora o Projeto CAR não esteja mais em funcionamento, ainda hoje são transferidos, gradativamente pacientes crônicos do Hospital Psiquiátrico São Pedro para o HCI. Na visita realizada em 2017 ao Memorial fomos informados que haveria 55 (cinquenta e cinco) pacientes psiquiátricos e apenas 20 (vinte) pacientes do período em que o local funcionou como Leprosário. Sendo assim, percebemos que o perfil dos moradores deste Hospital já foi bastante alterado, mas ele mantém, ainda hoje, pessoas oriundas de suas diversas finalidades.

Há pouco mais de 10 (dez) anos foi aprovada a Lei nº 11.520 de 18 de setembro de 2007 (BRASIL, 2007) que dispõe o pagamento de uma pensão aos pacientes ex-hansenianos que foram privados do convívio social e isolados em hospitais-colônia até 31 de dezembro de 1986. Hoje os filhos sadios de pais hansenianos, separados de suas famílias, buscam direito à indenização. Segundo o Ministério da Saúde, cerca de 30.000 (trinta mil) crianças foram separadas de seus pais, algumas permaneceram nos preventórios, outras foram adotadas e hoje buscam o paradeiro de seus pais biológicos, outras tiveram suas vidas marcadas por abusos, preconceito e ausência de relações familiares. Deste modo, o HCI torna-se cenário de muitas lutas, recomeçar após a exclusão, sobreviver a doença, enfrentar suas sequelas, ter seus laços afetivos rompidos, sofrer preconceito e hoje buscar direitos que lhes foram tomados.

2.2 Entre a Memória e o Esquecimento

Poderíamos refletir sobre o constante risco de esquecimento do HCI considerando que o que leva a formação de um patrimônio, e a valorização deste, é a própria memória, desta forma, considerando as características de exclusão desta instituição, a transmissão de tradições, memória e valores entre gerações talvez nem ocorra. Neste local há uma história de sofrimento originalmente vinculada a uma doença milenar, representando a segregação de pessoas e sua morte simbólica em dois momentos diferentes. O primeiro, quando estas são separados de suas raízes, do contexto social no qual se formaram, e levados ao HCI. A segunda morte destes pacientes se dá no âmbito dos filhos, estes, ao serem separados de seus pais perdem o convívio

e os laços afetivos que seriam formados. A partir do rompimento destes laços estas pessoas estão sendo mortas pela segunda vez, pois quem levará nossa história, ideias e cultura serão as futuras gerações e, ao separar estes filhos, estamos impedindo que esta pessoa continue viva no meio familiar. Sendo assim, se não há filhos, não há herdeiros destas memórias para se identificarem, deste modo ele passa a ser esquecido.

A memória é uma faculdade humana, um recurso cerebral conseguido através do aprendizado e da experiência, ela que nos possibilita o reconhecimento de lugares e signos, por exemplo, estando ligada a uma série de associações. Inúmeros autores trataram o tema, alguns deles estão presentes em nossa reflexão, como Bergson ([1896] 1999), Halbwachs ([1950] 1990) e Candau (2016), que a apresentam sob uma perspectiva filosófica, sociológica e antropológica, respectivamente.

Para compreendermos o que seria a memória devemos perceber que o passado é evocado a partir do presente. Dentro desta perspectiva, para Bergson ([1896] 1999) há, em todos os seres humanos, a memória em estado puro que poderia ser acionada à medida em que nos deparássemos com situações onde ela fosse necessária. Segundo Bosi (1985) na teoria bergsoniana a memória se distinguiria entre memória-hábito que é adquirida pela repetição e utilizada no presente em práticas cotidianas, e lembrança pura que “[...] atualizada na *imagem-lembrança*, traz à tona de consciência um momento único, singular [...]” (BOSI, 1985, p. 49).

Enquanto para Bergson a memória seria individual e poderia ser recordada em seu estado puro, no pensamento de Halbwachs ([1950] 1990) a memória estaria vinculada aos quadros sociais. Deste modo, a memória existiria a partir da relação com o outro, utilizando o termo memória coletiva, sendo a memória individual uma perspectiva dentro de uma memória coletiva. As lembranças, mesmo que obtidas individualmente, se fixariam enquanto memória a partir de seu vínculo com os grupos sociais aos quais pertencemos, podendo também ser reformuladas através destas trocas.

Se para Halbwachs ([1950] 1990) a memória estaria associada a marcos sociais definidos, para Bergson ([1896] 1999) seriam evocações individuais. Candau (2011) avança nas classificações propondo que a memória seria organizada em *protomemória*, que seriam os hábitos realizados sem uma tomada de consciência; *memória* propriamente dita, que implicaria em recordações e reconhecimento; *metamemória*, que seria uma representação da memória, sua evocação. Para o autor, a memória coletiva seria uma *retórica holista*, visando a generalização de uma “memória comum”, sendo uma visão geral sem comprovação, que teria o intuito de agrupar. Tendo em vista que, mesmo em um grupo supostamente bem estruturado, não haveria homogeneidade. Assim, a memória coletiva é pertinente enquanto uma generalização, com a

finalidade de gerar e fortalecer uma identidade, ela seria importante sendo vista enquanto *metamemória coletiva*, ou seja, uma representação da memória, gerando a crença de que um grupo recordaria do mesmo jeito.

Considerando que a memória nos forma enquanto seres, pois somos aquilo que lembramos, ela também forma nossa identidade, pois nos constituímos de uma seleção de lembranças com as quais nos identificamos. Candau (2011) realiza uma associação entre os neurotransmissores e sociotransmissores, considerando que os neurotransmissores são moléculas responsáveis pela comunicação no Sistema Nervoso, que originam a transmissão sináptica, proporcionando que um impulso nervoso seja passado para outra célula. Os sociotransmissores seriam as pessoas e mecanismos sociais responsáveis por fazer a ligação entre a memória e identidade em um determinado grupo social, construindo e reforçando uma narrativa, assim como as transmissões sinápticas. Segundo Candau (2011):

Se identidade, memória e patrimônio são “as três palavras-chave da consciência-contemporânea” – poderíamos, aliás, reduzir as duas se admitimos que o patrimônio é uma dimensão da memória –, é a memória, podemos afirmar, que vem fortalecer a identidade, tanto no nível individual quanto no coletivo: assim, restituir a memória desaparecida de uma pessoa é restituir sua identidade. (CANDAU, 2011, p.16)

Ao perceber que o que lembramos está relacionado a uma construção cultural, poderíamos considerar os espaços de memória, como o Memorial HCI, uma ferramenta que visa a legitimação de uma memória, criando um discurso unificador de identidade social. Sendo assim, haveria nestes locais o potencial de se tornarem sociotransmissores, à medida em que fossem apropriados pela comunidade. Desta forma, poderíamos questionar: *o que faz do HCI um lugar esquecido?*

Ao adentrar esta pequena cidade, voltamos a década de 1940, quando ela foi inaugurada. Entretanto, a preservação deste local enquanto uma “bolha” isolada do mundo não impediu a degradação de sua estrutura, e o local está sob o perigo do desaparecimento, não apenas pela falta de manutenção das ruas, praças e prédios, mas pela falta de vida nova e de reapropriações por parte de nossa sociedade. Sendo assim, o HCI é um local que pode ser compreendido como um lugar de memória, conceito de Pierre Nora que apresenta a ideia de que:

São lugares, com efeito nos três sentidos da palavra, material, simbólico e funcional simultaneamente, somente em graus diferentes. [...] É material por seu conteúdo demográfico; funcional por hipótese, pois garante, ao mesmo tempo, a cristalização da lembrança e sua transmissão; mas simbólico por definição visto que caracteriza por

um acontecimento ou uma experiência vivida por um pequeno número uma maioria que deles não participou. (NORA, 1993, p. 21-22)

Sendo assim, este lugar é formado pela vivência e lembrança de muitas pessoas, possuindo outro elemento descrito por Nora ao falar de lugar de memória e que se reflete no ambiente do Hospital, posto que:

[...] a razão fundamental de ser de um lugar de memória é parar o tempo, é bloquear o trabalho do esquecimento, é fixar um estado das coisas, imortalizar a morte, materializar o imaterial para [...] prender o máximo de sentido num mínimo de sinais, é claro, e é isso que os torna apaixonantes: que os lugares de memória só vivem de sua aptidão a metamorfose, no incessante ressaltar de seus significados e no silvado imprevisível de suas ramificações. (NORA, 1993, p. 22)

Pierre Nora (1993) aponta para o conceito de lugares de memória, seriam ambientes nos quais a memória foi cristalizada, sendo assim, nestes locais não há mais o trabalho de memória, que dinamiza suas estruturas e os leva a reapropriação. Lugares de memória são, em si, lugares esquecidos, pois é somente através deste “esquecimento” que é possível manter suas estruturas intactas. Bloquear o trabalho do esquecimento e imortalizar é, ao mesmo tempo, impedir que a memória ocorra, pois ela representa um trabalho de seleção constante, que se baseia no presente.

Considerando isto, ações que poderiam ser percebidas como formas de reconhecimento da importância deste local enquanto um patrimônio – como a existência de um espaço de memória, Memorial HCI, ou o tombamento da Antiga Igreja Evangélica – também se vinculam ao constante risco de esquecimento deste Hospital. Posto que ele se tornou um local que foi cristalizado no tempo.

Figura 5 - Rua do HCI



Fonte: A CIDADE, [194-?].

Figura 6 - HCI Atualmente



Fonte: MEDEIROS, Nestor Ourique (2015).

Kossaifi (2006) aborda o esquecimento através de *Lethe*, uma figura mitológica grega que representa o esquecimento. O rio de *Lethe* separaria o Tártaro e os Campos Elísios. Ela é uma figura ambígua, à medida em que representa a perda da memória, e por sua vez de uma

consciência identitária, e a cura de doenças, por exemplo, pois ela protegeria os homens das “memórias do coração”.

Ao relatar em seu texto uma passagem da Odisseia, na qual há um encontro com os comedores do Lótus, a autora comenta que ao comer desta – que seria o fruto de Lethe – perde-se a memória do passado, sofrimentos e responsabilidades. Este trecho trouxe a reflexão de que talvez a memória poderia ser compreendida como algo que nos prende a convenções e pensamentos; o esquecimento seria a libertação destes padrões.

A água de Lethe deve ser bebida pelo morto afim de esquecer sua vida terrena. A autora comenta que, para Platão, se não esquecemos não temos como lembrar, seguindo a lógica da trilogia Mnemosyne - Lethe – Anamnese, que seriam a memória, o esquecimento e a reminiscência, recordação. Caso analisemos enquanto consciente e subconsciente, se não acessamos um mundo subconsciente, não entenderemos a lógica da consciente, seria pensar, abstrair os sentidos, para compreender o mundo real. Como memória e esquecimento, a lembrança é formada de escolhas, seleção entre o que esquecer e o que rememorar, assim esquecer nos possibilita lembrar.

A autora conclui seu texto dizendo que apesar de ser considerado um fracasso da consciência, o esquecimento tem o poder de suavizar lembranças dolorosas, possibilitar o auto esquecimento, a busca filosófica por *aletheia*, considerando que ele seria essencial pois: “[...] l’oubli n’est pas seulement bienfaisant, il est proprement essentiel à l’homme, aussi inhérent à sa nature que la mort à la vie.” (KOSSAIFI, 2006, doc. eletr.)¹³

O HCI representa uma memória traumática, mas quando me refiro a este trauma não estou falando especificamente de seus moradores, mas sim de uma parcela da sociedade¹⁴. Considerando o medo da população em relação a hanseníase, o peso de enviar, denunciar e excluir outros membros, a caça ao leproso que se fez durante este momento histórico do Brasil, nas décadas de 1930 e 1940, percebemos que esta é a memória traumática representada por este Hospital e a qual a sociedade quer esquecer, usando como mecanismos para este esquecimento o descaso e a degradação. Vale lembrar também que, apesar de oficialmente o fim do internamento compulsório datar de 1954, há casos de pessoas que foram levadas para os

¹³“O esquecimento não é apenas benéfico, é propriamente essencial ao homem, como inerente à sua natureza como a morte para a vida.” (KOSSAIFI, 2006, doc. eletr., Tradução nossa).

¹⁴ A parcela da sociedade a qual me refiro como relacionados a este trauma são os envolvidos com a doença (pacientes que passaram pelo isolamento, seus parentes e pessoas próximas) que talvez busquem o esquecimento como uma forma de continuar suas vidas sem o peso de um estigma; os governos que não investem em políticas de memória voltadas a estes lugares talvez por terem imposto e estimulado esta exclusão e os impactos que provém dela (separação dos filhos, preconceito, discriminação, agressões físicas e psicológicas, etc.), cabendo, muitas vezes, a acadêmicos e funcionários o trabalho de memória realizado, sendo essas iniciativas individuais e não coletivas.

hospitais colônia até as décadas de 1980 e 1990. Sendo que a Lei nº 11.520 (BRASIL, 2007) prevê o direito a pensão especial para pessoas atingidas pela hanseníase, que foram isoladas e internadas compulsoriamente em hospitais colônia até 31 de dezembro de 1986.

Segundo Márcio Seligmann-Silva (2002) o conceito de trauma provém das análises de Freud ao tratar sobre a histeria, partindo do pressuposto que a exposição a algo que a pessoa não consegue assimilar levaria à uma defesa física do corpo. Essa teoria foi substituída, porém, com o fim da Primeira Guerra Mundial, a ideia de trauma volta a ser utilizada na forma de neuroses traumáticas, que seria a fixação em um momento: “O trauma é descrito como uma fixação psíquica na situação de ruptura.” (SELLIGMANN-SILVA, 2002, p.138). O autor comenta que o trauma também pode ser visto como uma quebra de confiança. Sendo assim, na perspectiva da “caça aos leprosos” promovida durante o “Estado Novo”, Serres (2004) comenta que:

O momento da consolidação do combate à doença coincidiu com a ascensão de um Estado autoritário, onde os interesses do indivíduo deviam submeter-se aos da coletividade, portanto, concorriam para a justificativa da segregação dos *leprosos* não apenas elementos médicos, como o contágio, mas sociais, como o bem comum. (SERRES, 2004, p.65)

Com esta justificativa de um bem comum adultos e crianças foram retirados de suas casas, de suas famílias, muitos sem informação sobre para onde estavam indo ou porque haviam sido levados. Nesta perspectiva a autora aponta que:

[...] era preciso identificar os doentes no tecido social. Isso poderia ser feito através da busca direta dos doentes, de casa em casa, o que dificultaria o trabalho da saúde pública, através da apresentação espontânea do doente, na maioria dos casos pouco provável, ou através da denúncia. A propaganda deveria convencer a população, inclusive os doentes, sobre os benefícios da profilaxia e o perigo do contágio. (SERRES, 2004, p.67)

Podemos considerar que não se investiu somente em pesquisas para o combate a lepra, mas em propagandas do medo, estas por sua vez tiveram repercussão, mas não como conscientização sobre a doença, mas em temor e denúncias. Há diversos relatos de pessoas levadas, maltratadas, vítimas de preconceito até hoje, que viram suas casas, seus pertences sendo postos no fogo, talvez sem nem compreender os motivos. Nesta perspectiva, claro que há muitos casos de traumas individuais, mas creio que essa memória é traumática também para a sociedade, pois representa um momento onde um vizinho, um amigo, uma pessoa na rua,

deixa de ser outro ser humano e passa a ser o perigo de uma doença. Desta forma, poderíamos dizer que a falta de iniciativas governamentais em se preservar essa história no País tem origem neste trauma, pois ao revelar tal face sórdida estamos indo contra a ideia de uma *metamemória coletiva* bela e heroica que buscamos transmitir através dos *sociotransmissores*.

Sendo assim, esta história não está apenas no passado, como gostamos de acreditar, mas em um tempo muito próximo, e presente, não apenas pelos ex-hansenianos espalhados pelo País, ou pelos ainda moradores destes locais. Ela é presente também nas ressonâncias, nos trabalhos, nas exposições, nas memórias, no interesse pelo tema, nos termos usados cotidianamente. Estes lugares esquecidos estão presentes, mesmo que de forma inconsciente, através do estigma, de medos, da falta de cuidado com esta instituição, da crença de fantasmas que rondam o local¹⁵. É, de certa forma, simplista imaginar que deixando a estrutura construída para espaços de segregação desaparecer, trocando o nome de uma doença ou evitando falar sobre a mesma, iremos esquecer este passado traumático. O que estamos fazendo com isso, muitas vezes, é invisibilizando lutas e pessoas.

Pollak (1989) apresenta três exemplos que abordam memórias que não foram contempladas em um discurso oficial, trazendo reflexões quanto ao esquecimento. O primeiro exemplo é o processo de desestalinização, que revelava denúncias sobre os crimes estalinistas, transformando a imagem anteriormente formada de Stalin pai dos pobres. O segundo exemplo são os sobreviventes dos campos de concentração que retornaram para a Áustria e Alemanha. O autor aponta que “Seu silêncio sobre o passado está ligado em primeiro lugar à necessidade de encontrar um *modus vivendi* [...]” (POLLAK, 1989, p. 05). Neste caso o “esquecimento” é uma ferramenta de inserção social, pois sem ele não haveria como retomar a vida comum. Contudo, muitos anos depois este silêncio é abandonado, em parte pelo medo de que estas histórias de vida fossem perdidas, enfrentando uma luta contra o esquecimento. O terceiro exemplo faz uso da história dos soldados alsacianos e lorenos que foram recrutados à força para lutar ao lado do regime nazista na Segunda Guerra, mostrando que: “[...] uma situação ambígua e passível de gerar mal-entendidos pode, ela também, levar ao silêncio antes de produzir o ressentimento que está na origem das reivindicações e contestações inesperadas.” (POLLAK, 1989, p. 07). Desta forma: “A memória subterrânea dos recrutados a força alsacianos toma a

¹⁵ Este aspecto curioso e, provavelmente, influenciado por estigmas e preconceitos sobre o HCI, pode ser observado em uma reportagem feita pela emissora de televisão aberta Record sobre o local e que foi ao ar no programa “Domingo Espetacular” em 2016. Assim como outros vídeos encontrados no site YouTube. Mais informações em: RECORDTV. *Conheça os moradores da cidade fantasma do Rio Grande do Sul*. 2016. Disponível em: <<https://noticias.r7.com/domingo-espetacular/videos/conheca-os-moradores-da-cidade-fantasma-do-rio-grande-do-sul-21112016>>. Acesso em: 02 de janeiro de 2018.

dianteira e se crige então contra aqueles que tentaram forjar um mito, a fim de eliminar o estigma da vergonha [...]” (POLLAK, 1989, p. 07). Assim, o autor aponta que:

[...] esses exemplos têm em comum o fato de testemunharem a vivacidade das lembranças individuais e de grupos durante dezenas de anos, e até mesmo séculos. Opondo-se à mais legítima das memórias coletivas, a memória nacional, essas lembranças são transmitidas no quadro familiar, em associações, em redes de sociabilidade afetiva e/ou política. Essas lembranças proibidas (caso dos crimes estalinistas), indizíveis (caso dos deportados) ou vergonhosas (caso dos recrutados à força) são zelosamente guardadas em estruturas de comunicação informais e passam despercebidas pela sociedade englobante. (POLLAK, 1989, p.08)

Traçando um paralelo associando estes três exemplos ao caso do HCI, o primeiro exemplo pode ser entendido pela falta de incentivo governamental a fim de esquecer um espaço, antes de interesse público para segregar as pessoas com hanseníase, que hoje é uma vergonha governamental.¹⁶ Posto que, não se quer registrada em nossa história oficial momentos como os quais os hospitais colônia representam, onde o medo coletivo trancafiou crianças e adultos, os escondeu e os esqueceu em instituições isoladas. O segundo exemplo é também visto no HCI, no momento em que os pacientes deixam o Hospital, muitos realizam este processo de silêncio quanto ao seu passado, para preservar um *modus vivendi* e se reinserir na sociedade. Contudo, é necessário que estas lembranças indizíveis sejam parte da construção da nossa história e que sejam parte de uma luta contra o esquecimento. Creio que ao comparar o terceiro exemplo trazido por Pollak (1989) com a situação do HCI, esta representaria a inexistência de uma única versão dos fatos. Considerando que o Hospital representa um espaço de reclusão e retirada de direitos dos seus pacientes, posto que eles eram obrigados a viver neste local, longe de suas comunidades e relações sociais de origem, e que seu direito de construir ali um lar e uma família também lhes foi negado, já que as crianças que nasciam eram retiradas de seus pais. Sendo assim, esta memória contrapõe-se a um discurso oficial que legitima tais atos com o objetivo de preservar a saúde da população e até mesmo estes filhos, evitando o contágio da doença.

O autor observa que: “[...] um passado que permanece mudo é muitas vezes menos o produto do esquecimento do que de um trabalho de gestão da memória segundo as possibilidades de comunicação.” (POLLAK, 1989, p.11). Sendo assim, há necessidade de um

¹⁶ O termo “vergonha governamental” utilizado aqui refere-se a duas questões abordadas anteriormente. A primeira é a forma como foram realizadas as medidas de combate a lepra durante as décadas de 1930 e 1940, gerando medo na população ao invés de conscientização. A segunda é o fato de que o País ainda apresenta um dos mais altos índices mundiais de casos de hanseníase, demonstrando que ainda há falta de acesso à informação por parte das diversas camadas da população.

espaço que possibilite a escuta destas diversas memórias e formas que possibilitem captar não apenas um discurso oficial, mas as diversas possibilidades que a interação humana pode trazer.

Hyussen (2014) aborda dois exemplos sobre as disputas de memória, apresentando a questão das “Mães da Praça de Maio”, movimento promovido pelas mães de pessoas que desapareceram durante o regime militar. O segundo exemplo fala sobre as destruições causadas por bombardeios a cidades e civis da Alemanha durante a Segunda Guerra Mundial. No primeiro caso o esquecimento se dá na perspectiva de omissão do papel destes filhos desaparecidos em movimentos de guerrilha armada, a fim de gerar uma unidade a esta luta e maior empatia das camadas sociais. O segundo exemplo levanta a necessidade de se “esquecer” a destruição das cidades alemãs para a legitimação de uma causa e o combate a um regime. Desta forma o autor faz: “[...] uma defesa histórica do esquecimento público – não num sentido abstrato ou geral, sem dúvida, mas em relação a situações concretas em que o esquecimento público revelou-se constitutivo de um discurso politicamente desejável da memória.” (HYUSSEN, 2014, p. 160). Considerando que:

[...] como na Argentina, o esquecimento público na Alemanha, naqueles primeiros tempos, ficou a serviço de uma política da memória que, em última instância, pode forjar um novo consenso nacional, aceitando a responsabilidade pelos crimes de um regime anterior. (HUYSSSEN, 2014, p.174).

Seria necessário compreender a conjuntura na qual estes esquecimentos foram forjados para perceber sua necessidade, pois uma leitura simplista poderia implicar em ideias errôneas. Contudo, no final de seu texto o autor alerta para um novo risco que é o esgotamento, posto que: “Um discurso público onipresente e até excessivo da memória, somado a sua comercialização em massa, pode gerar outra forma de esquecimento, um olvido por exaustão [...]” (HYUSSEN, 2014, p. 174). Estes são exemplos de que a memória é também um trabalho de esquecimento a medida em que para se legitimar algo é necessário “esconder” outros aspectos divergentes.

A memória é um trabalho de reconstrução do passado evocado e percebido de acordo com um contexto presente. O esquecimento é uma constante a qual não conseguimos evitar, à medida em que para legitimar uma lembrança deixamos de lado outras perspectivas. Os espaços de memória por sua vez poderiam ser ambientes diferenciados, visando apresentar perspectivas negligenciadas pela história oficial. Contudo, a representação de uma memória por si só é a legitimação de uma série de signos intrincados em uma identidade construída por disputas de poder. Este aspecto, ainda assim, não desmerece os esforços do Memorial HCI, por exemplo,

que de certa forma, vai contra uma vontade política de esquecer esta instituição para que o passado de segregação que ela representa não seja mais lembrado. Todavia, se este espaço de memória irá representar o HCI e as trajetórias de vidas que foram afetadas por este local, devemos refletir quanto ao trabalho que vem sendo realizado.

Os espaços de memória poderiam estar entre a memória e o esquecimento, sendo cenários de seleção entre o que lembramos e esquecemos, pois, sua presença pode ser vista como resultado de um esforço para buscar uma identidade social, com a finalidade de gerar coesão. Considerando que esta memória social, capaz de representar um grupo que existiria apenas enquanto uma *retórica holista*, nem todas as perspectivas seriam englobadas. Sendo assim, muitas vezes os espaços de memória – como museus, memoriais, monumentos, arquivos, entre outros – apresentariam uma versão da história voltada para os grupos dominantes, construindo uma narrativa que não é imparcial, sendo parte de disputas de poder. Quase como se os espaços de memória fossem medidas para a demarcação de um território, visando legitimar uma representação dos fatos. Schindel (2009) aborda esta demarcação apontando que:

[...] esas prácticas cristalizan los modos que se va dando la sociedad de recordar y elaborar el pasado, combinando la necesidad privada e individual de homenajear a las víctimas con la aspiración colectiva de narrar la historia y plasmarla en el espacio público. Estos esfuerzos pueden definirse como procesos de “memorialización” y como tales deben distinguirse del simple ejercicio de la memoria: la facultad psíquica de recordar. La memorialización implica un impulso activo y una voluntad de incidencia política y a diferencia de la memoria [...] (SCHIDEL, 2009, p. 66-67)

Percebe-se estes espaços de memória como parte deste processo de memorialização, que objetiva legitimar um passado, tendo em vista que “[...] o passado presentifica-se em um gesto, em uma reminiscência ou lembrança que eclode na releitura de um mito, na presença de um objeto que nos evoca um tempo que já não é o nosso mas que contribuiu de modo efetivo para que sejamos o que somos.” (ROSÁRIO, 2002, p. 04). Deste modo, quando escolhemos um local, uma versão da história, estamos também formulando identidades e criando uma representação do passado que poderá ser perpetuada como base para o futuro.

Em 2014, com a criação do Memorial HCI surgiu uma possibilidade de ver este local também como um espaço de memória que entraria nesta lógica de memorialização. Contudo, não há investimento público para a manutenção da estrutura do próprio Hospital. Este espaço, que marcou a trajetória de vida de milhares de pessoas, está se deteriorando. Talvez esta falta de interesse na conservação seja de origem política, posto que ele é testemunho de medidas que levaram a exclusão social de pessoas pelo simples fato de elas estarem doentes. Schindel (2009)

aborda os processos de memorialização em locais que foram símbolos de ditaduras na América Latina e diz que:

La gran cantidad de lugares que contienen huellas invaluable de los crímenes y aún permanecen vedados al público informan sobre una cierta configuración de las relaciones de poder entre los actores implicados en esos crímenes, el Estado y la sociedad civil. (SCHINDEL, 2009, p. 76)

Contudo, a criação do Memorial demonstra que há interesse em que esta memória seja preservada, considerando que:

O museu, templo das Musas, era originariamente não apenas sua moradia, mas o lugar de adiestramento das artes, onde o conhecimento adquirido, ao ser lembrado, permite estabelecer um nexos com o conhecimento novo. Assim, a Memória é não apenas importante para a retenção do conhecimento, mas fundamental para a elaboração do conhecimento científico, tecnológico e filosófico. Sem a memória que permita a presentificação do conhecimento não há o passo adiante. (ROSÁRIO, 2002, p. 05)

Uma exposição é uma forma de representar uma história, é a organização, na maioria das vezes, material de uma série de fatos e memórias, cujo intuito é o de que sejam transmitidos ao público. Ela é a forma de comunicação entre o espaço museal e a sociedade a qual esta instituição serve. Deve-se levar em conta que a mensagem que se objetiva transmitir depende de uma relação entre transmissor/receptor, tendo em vista que não há neutralidade, pois: “A memória ao mesmo tempo que nos modela é por nós modelada.” (CANDAU. 2011. p.16). Considerando isto, uma exposição é formada e formadora de memórias.

A memória, enquanto esforço de rememoração, está intimamente ligada ao esquecimento, que possibilita a convicção em uma lembrança a medida em que a torna o único mecanismo de reconstrução do passado. Os espaços de memória buscam a legitimação de um discurso ao mesmo tempo em que podem ser ferramentas para sua desconstrução. Seu maior atributo seria a possibilidade de suscitar a reflexão sobre o passado a medida em que as memórias subterrâneas podem também emergir em contraposição a um discurso oficial.

3 ESPAÇOS DE MEMÓRIA EM LUGARES ESQUECIDOS

Patrimonializar espaços como o HCI é dizer que nossas lembranças enquanto sociedade não são apenas belas, mas formadas de lutas, de exclusões e de resistência. Pois é isso que a própria doença, hanseníase, representa, uma luta constante para continuar a existir. E não valorizar isso é decretar que não nos interessam as histórias dos excluídos, vencidos ou marginalizados, e que apenas queremos recordar a história oficial dos grupos dominantes.

Com o intuito de justificar nossas ações e escolhas, formulamos diariamente um discurso – para nós e para nossa representação social –, com o qual nos identificamos e sabemos quem somos. Se pensarmos que este ato só é possível a medida em que fazemos opções entre o que lembrar e o que esquecer, ou melhor, entre o que acreditamos ser mais vantajoso para nos representar socialmente, percebemos que na mesma forma é construído o discurso oficial de uma memória, e a seleção entre a patrimonialidade e a patrimonialização de fato.

Compreendendo os processos de patrimonialidade e patrimonialização – conceitos descritos por Dominique Poulot (2009) - como o potencial patrimonial de algum bem cultural e a institucionalização deste como patrimônio, respectivamente, percebemos que a ideia de patrimônio está atrelada a um processo de seleção. Poulot (2009) comenta que:

Uma primeira patrimonialidade encontra-se na relação íntima ou secreta de um proprietário ou de usufrutuários em diversos níveis, de especialistas ou de iniciados, em nome de afinidades e convicções, assim como de racionalizações eruditas e de condutas políticas, com determinados objetos, lugares ou monumentos. Mais tarde, na sequência de um longo processo de patrimonialização, a nação é que se tornou o objeto por excelência da patrimonialidade, fornecendo, por assim dizer, o quadro de interpretação de qualquer objeto do passado. (POULOT, 2009, p.28)

Partindo destas premissas, faz-se necessário compreender como está estruturado essa linha entre a patrimonialidade e patrimonialização dentro deste rico acervo material e imaterial que o HCI nos proporciona, percebendo como funcionaram e funcionam as ações de preservação deste local.

Poderíamos considerar que o processo de patrimonialização começa pela *memória*, que é uma faculdade individual do ser humano, relacionada ao âmbito da sobrevivência e da afetividade. Ponderando que temos diferentes memórias formuladas por diferentes pessoas em uma sociedade, percebemos que o fato do homem viver em grupo leva-o a construir signos e representações comuns, assim instituindo um sistema de crenças, costumes e saber-fazer. Dando à esta unidade de signos o nome de cultura, concluímos que a *cultura* se desenvolve na

relação de memórias individuais que se entrecruzam pela vivência. A partir desta vida em comum os *museus e o patrimônio* surgem, como legitimadores e construtores de nações, institucionalizando estas relações e servindo, em um primeiro momento, para reforçar uma unidade cultural. Sendo assim, indagamos: *o que levaria a sociedade a considerar locais como o HCI enquanto um patrimônio a ser perpetuado?*

Bens patrimoniais, em um primeiro momento, são representações de memórias individuais que se “enlaçam” através da cultura, porém, fora desta teia de significados seu potencial transmissor pode ser alterado. Compreendemos assim que, algo importante para um grupo pode não ter o mesmo potencial para outro. Lugares como o HCI podem não possuir patrimonialidade sobre algumas perspectivas ou representarem diferentes valores, sendo plausível que recebam novas leituras, passando por um processo de reapropriação.

Tratando sobre o conceito de patrimônio, Hernández e Tresserras (2007), comentam que “La palabra viene del latín; es aquello que proviene de los padres.” (HERNÁNDEZ; TRESSERAS, 2007, p.11). Sendo também uma forma de comunicação entre diferentes gerações, considerando que “[...] la idea de patrimonio se asocia a cosa de valor y al mismo tiempo comprendemos que este valor sirve para establecer algún tipo de vínculo entre individuos, es decir, genera nexo entre transmisor y receptor [...]” (HERNÁNDEZ; TRESSERAS, 2007, p.12).

Segundo André Desvallées e Françoise Mairesse (2013) o termo patrimônio vem do direito romano, sendo utilizado para definir o conjunto de bens herdados. Os autores também comentam que a partir da Revolução Francesa “[...] o termo “patrimônio” passou a designar essencialmente o conjunto de bens imóveis, confundindo-se geralmente com a noção de *monumentos históricos*.” (DESVALLÉES; MAIRESSE, 2013, p. 73). Marcia Sant’Anna (2009) comenta que com a Revolução Francesa formou-se também a ideia de um patrimônio representante e unificador de nacionalidades e, que no século XIX:

[...] os países europeus organizaram estruturas governamentais e privadas voltadas para a seleção, a salvaguarda e a conservação de seus patrimônios nacionais [...] Esses patrimônios eram, ao mesmo tempo, as riquezas das nações e a representação de seu gênio e sua história. (SANT’ANNA, 2009, p.50-51)

O patrimônio e o museu, em um primeiro momento, voltam-se para a materialidade. Entretanto, não devemos pensar que a percepção que temos sobre a mesma está distante da cultura a qual pertencemos e de nossas memórias individuais. Pois compreendemos o mundo e nos enxergamos dentro dele através destas camadas de subjetividade. Contudo, nem mesmo

fazendo parte de uma mesma cultura veremos esta da mesma maneira, pois nos apropriamos de forma única. Considerando que historicamente o patrimônio foi majoritariamente instituído de cima para baixo, representando visões destoantes de mundo e servindo para legitimar uma cultura dominante, percebemos que ao longo deste processo muitos grupos sociais foram postos à margem ou até mesmo esquecidos.

Sant’Anna (2009) relata que após a Segunda Guerra Mundial “[...] é que processos e práticas culturais começaram, lentamente, a ser vistos como bens patrimoniais, sem necessidade de mediação de objetos [...]” (SANT’ANNA, 2009, p.51). Sendo assim, percebemos que recentemente estes horizontes patrimoniais estão sendo expandidos, buscando abarcar outras formas de perceber e interagir com o mundo. Sobre as transformações na concepção de patrimônio, Letícia Julião (2014) aponta que:

Se, originalmente, nas sociedades ocidentais, o patrimônio se associava ao aspecto econômico, da propriedade e seu estatuto jurídico, o mundo moderno conferiu-lhe a dimensão de um valor de memória coletiva. Ou seja, ultrapassando o sentido original de bens materiais que se transmitem às futuras gerações, a ideia moderna de patrimônio evoca a transmissão de valores espirituais, de um legado cultural de determinada coletividade ao futuro. (JULIÃO, 2014, p.175-176)

Deste modo, percebemos que o patrimônio legitimado, em muitos momentos, não foi escolhido pelo povo e sim por seus governantes ou por pessoas que correspondem às camadas dominantes de nossa sociedade hierárquica. Garcia-Canclini comenta que:

[...] os capitais simbólicos dos grupos subalternos têm um lugar subordinado, secundário, dentro das instituições e dos dispositivos hegemônicos. Por isso, a reformulação do patrimônio em termos de capital cultural tem a vantagem de não representá-lo como um conjunto de bens estáveis e neutros, com valores e sentidos fixos, mas sim como um processo social que, como o outro capital, se acumula, se renova, produz rendimentos de que os diversos setores se apropriam de forma desigual (GARCÍA-CANCLINI, 1994, p. 97).

Historicamente um dos patrimônios mais valorizados no Brasil foi o arquitetônico, posto que em diversos momentos a ideia de monumento e de patrimônio foi confundida. Atualmente há iniciativas de valorização do patrimônio imaterial e do saber-fazer dos povos. Este reconhecimento de que a nação não é só patrimônio de pedra e cal, mas um conjunto heterogêneo de culturas, dominações e perspectivas pode nos levar a locais como o HCI. Fonseca (1997), aponta a perspectiva de que:

A questão de patrimônio se situa numa encruzilhada que envolve tanto o papel da memória e da tradição na construção de identidades coletivas, quanto os recursos que têm recorrido os Estados modernos na objetivação e legitimação da ideia de nação. Permeando essas dimensões está a consideração do uso simbólico que os diferentes grupos sociais fazem de seus bens – e aqui me refiro tanto à produção quanto à conservação ou destruição – na elaboração das categorias de espaço e tempo. Ou seja, o valor que atribuem a esses bens enquanto meios para referir o passado, proporcionar prazer aos sentidos, produzir e veicular conhecimento. (FONSECA, 1997, p. 49)

O patrimônio pode ser constituído de bens materiais ou imateriais, ligados a uma herança cultural a qual é valorada pela sociedade que se identifica ou não com eles. Deste modo, entram as instituições de memória, que formulam um passado a partir de escolhas, que envolvem também o esquecimento, a fim de unificar uma identidade. Pode-se dizer que lembramos aquilo que queremos lembrar, e que para nós traduz uma identidade. Um dos caminhos para o processo de identificação da população com determinado patrimônio tem base no conhecimento que ela possui do mesmo. Sendo assim, os espaços de memória constituem um local importante para o acesso à informação e a proposição de reflexões. A preservação do patrimônio do HCI vincula-se a perspectiva de que:

O patrimônio é usado não apenas para simbolizar, representar ou comunicar: é bom para agir. Esta categoria faz a mediação sensível entre seres humanos e divindades, entre mortos e vivos, entre passado e presente, entre o céu e a terra e entre outras oposições. Não existe apenas para representar ideias e valores abstratos e ser contemplado. O patrimônio, de certo modo, constrói, forma as pessoas. (GONÇALVES, 2009, p.31)

Sendo assim, preservar este local, estas memórias, está relacionada a uma revalorização das memórias dos excluídos de nossa sociedade. Representa um movimento de contestação a uma imagem de nação feita de momentos heroicos e belos, é lembrar daqueles que, muitas vezes, não puderam ter suas vozes ouvidas em vida. Fica nítido que não temos como reviver os mortos ou buscar fontes intactas de memória, mas temos como lembrar e valorar a existência destas pessoas, assim formando outras que preservem este local por todos os significados que ele representa a partir da reapropriação destas histórias.

Com este intuito de preservação e conhecimento, o MORHAN organizou, no ano de 2010, uma publicação intitulada “Cadernos do MORHAN - Projeto Acervos”, vinculada ao Projeto Global sobre a História da Hanseníase, promovido pela International Leprosy Association (ILA), com recursos da Organização Mundial da Saúde (OMS) e da Nippon Foundation. Nesta edição constam informações sobre acervos de 14 (quatorze) hospitais-

colônia, entre eles o HCI, três no estado do Rio de Janeiro, dois no Ceará, dois em São Paulo, dois em Minas Gerais, um em Goiás, um em Pernambuco, um no Piauí e um no Maranhão.

O objetivo do projeto é a formação de um banco de dados para pessoas interessadas em pesquisar sobre a história da hanseníase e o intuito do MORHAN é a criação de centros de documentação e pesquisa, contando com a participação de voluntários, pesquisadores e historiadores. Destas instituições, seis possuíam o acervo inventariado e as outras estavam em processo de quantificação. Um ponto que merece ser destacado é que eles colocam a importância dos moradores destes locais enquanto atores no processo de salvaguarda desta memória. As instituições fizeram um relato breve de suas histórias e preencheram um questionário que visava compreender a tipologia de acervo e como era o estado de conservação do mesmo.

Considerando o tema deste estudo creio que devemos nos focar nas respostas de quatro questões específicas apontadas no questionário¹⁷ proposto nesta publicação, seriam elas: “6 – Há algum tipo de trabalho de preservação?”; “7 – Em caso positivo: que tipo de ação de preservação?”; “14.1. A comunidade está envolvida no trabalho”; “15. Existe um trabalho de recuperação da memória dos moradores da colônia através de História Oral?”. Quanto aos dados coletados através destas questões, iremos apresentar tais respostas por meio de um quadro, a fim de auxiliar na ilustração destas respostas.

Quadro 1 - Questões do Projeto Acervos

Hospitais- colônia	6 – Há algum tipo de trabalho de preservação?	7 – Em caso positivo: que tipo de ação de preservação?	14.1. A comunidade está envolvida no trabalho	15. Existe um trabalho de recuperação da memória dos moradores da colônia através de História Oral?
Hospital Colônia Itapuã (HCI) – Viamão/RS	Sim	Centro de Documentação	Não	Sim
Centro de Convivência Antônio Diogo – Redenção/CE	Sim	Documentos em arquivos, equipamentos em uma sala	–	Não

¹⁷ O modelo do formulário enviado pelo MORHAN aos hospitais colônia pode ser visto no “Anexo I” desta dissertação.

		com intenção de um museu, uma biblioteca sendo organizada.		
Hospitais-colônia	6 – Há algum tipo de trabalho de preservação?	7 – Em caso positivo: que tipo de ação de preservação?	14.1. A comunidade está envolvida no trabalho	15. Existe um trabalho de recuperação da memória dos moradores da colônia através de História Oral?
Sanatório Padre Antônio Manuel – Hospital Colônia da Mirueira – Paulista/PE	Não		Não	Não
Instituto Lauro de Souza Lima – Bauru/SP	Sim	Museu, Centro de Documentação e Biblioteca	Sim	Sim
Espaço Convivência Antônio Justa – Maracanaú/CE	Não		Sim	Não
Colônia Santa Marta – Goiânia – Goiás	Não		Sim	Sim
Instituto Estadual de Dermatologia Sanitária – Curupaiti – Rio de Janeiro/RJ	Sim, no Centro Espírita e no Centro de Estudos	Centro de Documentação	Sim	Sim
Hospital Aquiles Lisboa – Colônia do Bonfim – São Luís/MA	Não		Sim	Não

Hospitais-colônia	6 – Há algum tipo de trabalho de preservação?	7 – Em caso positivo: que tipo de ação de preservação?	14.1. A comunidade está envolvida no trabalho	15. Existe um trabalho de recuperação da memória dos moradores da colônia através de História Oral?
Hospital Frei Antônio – Hospital dos Lázaros – Rio de Janeiro/RJ	Sim	Centro de Documentação e Biblioteca	Não	Sim
Hospital Dr. Francisco Ribeiro Arantes Pirapitingui – Itu/SP	Não		Não	Não
Hospital Estadual Tavares Macedo Antiga Colônia do Iguaçu – Itaboraí/RJ	Sim	Biblioteca	Sim	Sim
Hospital Colônia do Carpina – Parnaíba/PI	Não		Sim	Sim
Colônia Santa Isabel – Betim/MG	Sim	Memorial e Biblioteca	Sim	Sim
Colônia Santa Fé – Três Corações/MG	Sim	Centro Cultural	Sim	Não

Fonte: MORHAN. *Coleção Cadernos do MORHAN* - Projeto Acervo: pela recuperação e preservação dos registros históricos dos hospitais-colônia. Ed. 06, 2010, 128p.

Através destes dados fornecidos por apenas 14 (quatorze) dos cerca de 30 (trinta) hospitais-colônia do Brasil, percebemos que destes: 08 (oito) realizavam algum trabalho de preservação, sendo que destes apenas 02 (dois) apresentaram Memorial ou Museu, em 09 (nove) a comunidade estava envolvida com o trabalho e 08 (oito) faziam algum trabalho de história oral.

Considerando que tal levantamento já tem quase dez anos percebemos que o número de espaços de memória destinados a abordar a temática dos Leprosários construídos durante o Estado Novo e suas trajetórias pode ter sido alterado, o próprio HCI conta com um Memorial que não existia nesta época. Até o momento, foram encontradas informações sobre a elaboração de espaços de memória em quatro antigos hospitais-colônia, incluindo o que é tema desta dissertação.

O Hospital Colônia de Santa Teresa (HCST) na cidade de São Pedro de Alcântara em Santa Catarina aponta no relatório do MOHAN a existência de um memorial. Neste local existia um Museu, montado onde era originalmente a casa do padre, na qual foram coletados fotografias, maquinário e objetos que eram utilizados pela instituição. Em um artigo Serres e Borges (2014) comentam que:

A iniciativa partiu de funcionários do hospital, preocupados com o desaparecimento dos documentos, registros fotográficos e objetos. Na tentativa de preservar tais vestígios, foi criado na antiga casa do padre da Colônia, um pequeno Museu, aberto à comunidade interna e externa ao hospital. O Museu retrata um pouco da vida no hospital, foi organizado e é gerido pelos próprios funcionários da Instituição, com a ajuda de alguns pacientes/moradores. (SERRES; BORGES, 2014, p.05)

Segundo as autoras, no ano de 2013 começou a ser realizado um projeto de extensão da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), denominado Projeto Arquivos Marginais, que busca, por meio de entrevista, identificar o acervo guardado. A partir deste trabalho estariam reorganizando a antiga exposição e alterando a nomenclatura de “museu” para “memorial”. Hoje este local sofre com a possibilidade de fechamento.

O Instituto Lauro de Souza Lima (ILSL), antigo Asilo-Colônia Aimorés, localizado na cidade de Bauru em São Paulo, que também consta na publicação do MORHAN como possuindo um Museu, teria feito a salvaguarda de coleções científicas, registros médicos, filmes, slides, fotos e negativos que abordam a vida dos doentes e a trajetória da hanseníase. O conjunto arquitetônico do local que envolve os prédios do Cassino, Igreja, Coreto e residências coletivas, foi tombado pelo Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico do Estado de São Paulo (CONDEPHAAT). Posto que foi “[...] considerado [...] como sendo de importância histórica e portanto recebendo parecer favorável para seu tombamento, conforme processo nº 001-15.652-91-0, conforme publicação no Diário Oficial do Estado de 19/09/97.” (ILSL, [2017?], doc. eletr.). Segundo o órgão responsável pelo tombamento:

O antigo asilo colônia Aimorés foi pioneiro das pesquisas sobre a hanseníase, constituindo uma referência mundial no assunto até hoje, ao Instituto Lauro de Souza Lima.

Além de valores históricos e arquitetônicos identificados, o tombamento em questão considerou o reconhecimento como patrimônio cultural dos remanescentes de um capítulo doloroso e relegado da história da saúde em São Paulo, restabelecendo o seu direito à memória em âmbito público. (CONDEPHAAT, [2017?], doc. eletr.)

Além das iniciativas em Santa Catarina, São Paulo e Rio Grande do Sul, encontrou-se informações sobre a construção do Centro de Memória Luiz Vergani na Colônia Santa Isabel, localizada na cidade de Betim em Minas Gerais. Na página da prefeitura da cidade consta que este Hospital foi construído para ser um dos maiores Leprosários do Brasil: “O autor do projeto de Santa Izabel foi o urbanista Lincoln Continentino, nome consagrado no cenário mineiro de então. No projeto, ele associou o pensamento de vanguarda, naquele período, sobre o urbanismo e as políticas de saúde.” (PREFEITURA. [2018]. doc. eletr.). Segundo uma reportagem realizada pela TVBetim UHF (2016) com Hélio Dutra – presidente da associação do bairro Citrolândia –, o local foi inaugurado em 2016. Ele abriga a documentação deste hospital-colônia, e é identificado como primeiro centro de memória dos 33 (trinta e três) hospitais-colônia, apontando da importância desta instituição para a história da cidade, pois chegou a abrigar mais habitantes que o próprio município. Segundo uma reportagem da Rede Super de Televisão (2016) este Hospital foi aos poucos sendo mesclado com o bairro e hoje formam a Citrolândia. A ideia é de que este espaço, próximo ao Instituto INHOTIM, possa fazer parte de uma rota turística. O jornal “O Tempo Betim” (2009) aponta que o conjunto arquitetônico do local, que engloba “[...] o Portal, o Cine-teatro Glória, o sistema de alto-falante, as ruínas do antigo pavilhão, o campo de futebol e os clubes Minas e União.” (O TEMPO. 2009. doc. eletr.) teriam sido tombados em 2000. No site da Fundação Artístico-Cultural de Betim (FUNARBE), responsável pelo tombamento, são apresentados os dossiês completos de tombamento da Colônia Santa Izabel, do Cine-Teatro Glória e do Portal, que datam de 1998, 2017 e 1998 respectivamente.

Mesmo considerando estes poucos exemplos, percebemos que a patrimonialização dos hospitais colônia no Brasil não ocorre de maneira uniforme, pois estes locais representam diferentes papéis dentro das comunidades nas quais estão inseridos. Percebemos que alguns destes lugares podem ser incorporados ao entorno, sendo a hanseníase apenas um momento dentro de sua história, enquanto para outros o isolamento permanece, sofrendo com o constante risco de destruição e esquecimento que, talvez, possa ser relacionado com a falta de aproximação e uso. As iniciativas de preservação surgem de diferentes grupos que

reinterpretam estes locais como símbolos da história da saúde, do isolamento, de preconceito, da história de um local, mas, acima de tudo de vidas humanas.

3.1 HCI: Patrimônio em Processo

O HCI aparenta pertencer ao passado, mas este passado ainda está presente para aqueles que tiveram suas vidas marcadas por esta instituição, tanto pacientes como seus descendentes, sendo que estes ainda pedem indenização do Estado por terem sido privados do convívio familiar. Sendo assim: “[...] este Hospital ganha novos significados, como um local de memória, de perda, de reclusão e, também, como um espaço de luta por direitos.” (MEDEIROS, 2015, p. 36). Acrescido a todos estes conceitos – patrimônio material, imaterial e lugar de memória – o HCI ainda carrega mais um elemento importante à sua salvaguarda, posto que faz parte de um imaginário local, compreendendo que:

O imaginário possui um compromisso com o real e não com a realidade. A realidade consiste nas coisas, na natureza, e em si mesmo o real é interpretação, é a representação que os homens atribuem às coisas e à natureza. Seria, portanto, a participação ou a intenção com as quais os homens de maneira subjetiva ou objetiva se relacionam com a realidade, atribuindo-lhe significados. (LAPLANTINE; TRINDADE, 1996, p.28-29)

Ao considerarmos que a cura da doença só foi desenvolvida a partir da década de 1940, ou seja, historicamente recente, este fato corroboraria com o imaginário da lepra, ponderando esse enquanto representação do real, que eram as deformidades. Devemos considerar que há aspectos positivos e negativos neste imaginário pois, sem uma política de conscientização tende-se a reforçar antigos preconceitos, mas, ao mesmo tempo esta associação cultural faz com que as lembranças de locais como o HCI persistam. Mais uma questão que precisa ser levantada refere-se ao fato de que o Brasil ainda é um dos países com maior número de novos casos da hanseníase, sendo assim, há uma necessidade atual neste trabalho de memória.

Quanto a este processo de patrimonialização do HCI podemos destacar o fato de que em 1999 passou a funcionar nas dependências do Hospital o Centro de Documentação e Pesquisa (CEDOPE). Segundo Juliane Conceição Primon Serres (2013), começou vinculado ao Centro Estadual de Informação e Documentação em Saúde do Rio Grande do Sul (CEIDS), e contou com a ajuda de voluntários do curso de Graduação em História da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). A dissertação de Serres, de 2004, coloca que no começo deste trabalho, um grupo de alunos chegou ao Hospital no verão de 2000 para passar cerca de um mês. Eles

foram acomodados em um dos pavilhões, segundo a autora “Havia caixas com papéis para classificar e descrever, pilhas de fotografias para catalogar e “moradores-usuários” para entrevistar.” (SERRES, 2004, p.15). Aos poucos dividiram-se nas diferentes tarefas, sendo coordenados pela historiadora do local e foram apresentados aos pacientes. O CEDOPE funcionava na antiga casa das irmãs, onde hoje existe o Memorial. Quanto ao acervo deste centro:

O CEDOPE do Hospital Itapuã possui uma série de documentos produzidos pela Instituição, além de revistas, de boletins e de demais publicações sobre a Lepra, destaca-se os regulamentos internos, alguma documentação da “prefeitura dos internados”, alguns relatórios das atividades do Hospital, que incluem informações sobre o tratamento da doença, o movimento de pacientes, a administração do estabelecimento e as informações técnicas. (SERRES, 2004, p.20)

Na publicação do MORHAN citada anteriormente consta que: “Parte do trabalho já realizado no CEDOPE/HCI precisará ser refeito, tendo em vistas problemas estruturais e administrativos pelos quais o hospital passou nos últimos anos. Muitas das informações e da organização se perderam.” (MORHAN, 2010, p.17). Segundo este mesmo caderno, na época a quantidade da documentação do HCI era de acervo textual (60 caixas de arquivo com mais ou menos 2.000 documentos), iconográfico (aproximadamente 300 fotos), bibliográfico (cerca de 100 livros), oral (quinze entrevistas) e objetos (quantidade desconhecida). Em entrevista realizada em 2015 com Everton Reis Quevedo, que participou enquanto estudante de história da UFSM do CEDOPE, ele comenta que:

O que que se tinha lá no CEDOPE, de um primeiro momento era mais a documentação institucional mesmo, as fotografias a gente foi buscar com as pessoas, neste processo de interação com elas, elas gostavam da ideia, enfim, e nos recebiam muito bem, e doavam esse material. Tanto que depois, infelizmente, nas outras gestões do Estado o CEDOPE foi deixado de lado e muitas dessas pessoas foram lá e buscaram suas fotos de volta. Buscaram, porque, enfim a coisa estava toda, estava fechado, desarticulado, ninguém sabia mais o que fazer, as pessoas ficaram, enfim, acreditaram em um primeiro momento, depois viram essas suas trajetórias, lá depositadas, minhas memórias, muitos doaram fotos de casamento, fotos de batizado, fotos de coisas importantes pra sua trajetória, e aí quando eles viram que o material podia se perder, foram lá e buscaram. (QUEVEDO, 2015, inf. verb.)

Sendo assim, o CEDOPE funcionou regularmente entre 1999 e 2001, e posteriormente passou por períodos de abertura e fechamento. Em 2005 houve uma tentativa, por parte do MUHM de revitalizar este trabalho e em 2007 o Projeto Global sobre a História da Hanseníase, promovido pela Universidade de Oxford, também realizou uma nova tentativa. Contudo, apesar

da perda de boa parte do material elaborado pelo CEDOPE, permanecem ainda hoje, no Memorial HCI elementos criados e histórias pesquisadas neste período, tendo em vista alguns dos *banners* utilizados, e os trabalhos desenvolvidos a partir desta iniciativa. Sobre este primeiro período de retomada da história do HCI, Quevedo comenta que:

[...] serviu para dar visibilidade sim aquele acervo, então as pessoas tomaram contato, a comunidade acadêmica conheceu esse material, claro estou falando das teses em especial, mas quantas pessoas depois passaram por esses trabalhos, para os seus próprios trabalhos, quantos artigos isso se transformou, quantas comunicações, eu acho serviu, e com isso levou a trajetória dessas pessoas, levou a memória dessas pessoas [...] (QUEVEDO, 2015, inf. verb.)

Figura 7 - CEDOPE



Fonte: Acervo pessoal de Éverton Reis Quevedo, [200-?]

A partir do trabalho desenvolvido pelo CEDOPE foi organizada a exposição “HCI – 60 Anos de História”, no ano de 2000, em homenagem ao aniversário da instituição. A inauguração foi realizada dentro do HCI para os pacientes, mas a proposta era de uma exposição itinerante, Quevedo comenta que:

No primeiro momento a gente só tinha texto realmente, texto e imagem, porque a ideia é que fosse itinerante [...] a gente não tinha muito recurso, então como é que a gente ia montar uma estrutura para levar objeto, para levar peça, então, as primeiras exposições elas eram realmente só esses painéis com texto e fotografias, e esses textos eram constituídos basicamente das entrevistas, então era a fala das pessoas [...] (QUEVEDO, 2015, inf. verb.)

Figura 8 - Exposição “HCI 60 Anos de História”



Fonte: Acervo pessoal de Éverton Reis Quevedo, [200-]

Contudo, algum tempo depois passaram a ser incorporado alguns objetos, que hoje encontram-se no Memorial. A partir da iniciativa do CEDOPE, outras exposições sugeriram, como em 2007, quando foi realizada “A História da Saúde Pública no Rio Grande do Sul sob a Ótica dos Hospitais Estaduais”, organizada pela Secretaria da Saúde. Foi montada com *banners*, que contavam a história dos hospitais estaduais, entre os quais figura o HCI. Durante entrevista realizada em 2015 a relações públicas Lia Conceição Mineiro de Souza Magalhães, que participa da assessoria de comunicação dos hospitais estaduais, ela comenta que “A história passou a ser nosso carro chefe, eu acho, dentro dos Hospitais, porque é inegável a importância dessas instituições dentro da saúde pública” (MAGALHÃES, 2015b, inf. verb.).

No ano de 2012 o Museu da História da Medicina (MUHM) realizou a exposição “Da Lepra à Hanseníase”, tendo em vista que o diretor técnico do museu, Everton Reis Quevedo, foi um dos alunos que participaram do CEDOPE e que tiveram trabalhos voltados para a história do HCI. A exposição foi desenvolvida em parceria com o gabinete da Primeira-Dama do Estado na época, Sandra Genro, e utilizou objetos cedidos por comodato pelo HCI que também participou da atividade, assim como acervo documental da própria instituição. Um elemento muito interessante desta exposição foram as pequenas “janelas” vermelhas feitas com estrutura de madeira, ao abri-las havia dentro uma fotografia de um paciente do HCI e um pouco de sua história.

Em 2014 esta história foi o motivo da criação do Memorial HCI, ganhando uma exposição de longa duração, dentro do próprio Hospital. Esta instituição, o Memorial, participou, enviando alguns elementos de seu acervo, para a “V Mostra Museológica de História da Medicina”, que aconteceu no Memorial da Santa Casa de Misericórdia no ano de 2015.

Durante a entrevista com a enfermeira Rita S. Camello em 2017, coincidentemente, soube da exposição “Caminhos da Saúde Pública no RS”, realizada novamente pela Secretaria de Comunicação dos Hospitais Estaduais com *banners* sobre a história destes hospitais.

Percebemos que, das seis exposições encontradas, duas foram realizadas pela Secretaria de Comunicação dos Hospitais Estaduais, em 2007 e 2017; três, somando estas e a ““V Mostra Museológica de História da Medicina” (2015), contata-se que o tema não era o HCI, mas a história dos hospitais e da medicina. As outras 3 exposições, “HCI – 60 Anos de História” (2000), “Da Lepra à Hanseníase” (2012) e o Memorial HCI (2014), tem ligação direta ou indireta com o trabalho desenvolvido pelo CEDOPE, considerando que ainda hoje no Memorial parte dos textos expográficos são os *banners* desenvolvidos para a exposição de 2000. As informações que obtive indicam que, destas exposições, apenas três receberam a visita de moradores do HCI. Dentre elas a realizada pelo CEDOPE, pois foi inaugurada dentro do Hospital. Na exposição do MUHM, segundo Quevedo:

[...] teve um momento muito legal, muito legal da exposição, que foi quando os internos do HCI vieram visitar, vieram ver a exposição, claro que aqui estava em um outro contexto, então eles se viram mais aqui dentro [...] eles gostaram muito, a reação foi muito legal, muito positiva, eles gostaram tanto que no final eles cantaram para nós para agradecer. [...] Vieram famílias, vieram alguns filhos também, pessoal que mora aqui em POA veio, foi bem bacana, a visita foi muito legal, muito legal mesmo, foi um dos momentos mais bonitos que a gente viveu aqui, porque quando a gente tem essa troca é muito legal. (QUEVEDO, 2015, inf. verb.)

A exposição do Memorial também teria sido visitada pelos pacientes que aparecem em diversos vídeos do youtube falando sobre a mesma. Em entrevista realizada em 2017, a enfermeira responsável pelo local comenta que:

O bonito é tu ver o teu morador que fez parte da história chegar e dizer assim: “Dona Rita, eu hoje tenho visita, eu posso levá-los para ver as minhas fotos, as nossas fotos, a foto de meu casamento?” Então foram vários os pacientes que me chamaram, tipo assim, eles receberam visita.
 - Dona Rita, eu estou com visitas.
 - Está aqui a chave.
 - Não, venha junto para contar.
 Então, porque eles também querem saber se alguma forma, como é que foi a história toda. Porque muitos parentes não sabem. E os poucos que recebem fazem questão de mostrar [...] (CAMELLO, 2017, inf. verb.)

A partir destas colocações podemos pensar a importância destas exposições para a autoestima dos próprios moradores do HCI, ao mesmo tempo em que percebemos que todas estas iniciativas são tomadas por grupos externos ao Hospital, que resolveram, talvez com a

melhor das intenções, contar esta história. Contudo, mais uma vez estes moradores não são “donos” de suas próprias memórias, posto que, em um primeiro momento foram fonte de informação no CEDOPE e depois viram os bens que doaram sofrendo pela falta de cuidado. Posteriormente participaram, quando tiveram a possibilidade, enquanto espectadores de um trabalho feito a partir deles, e hoje, mesmo com um memorial dentro do Hospital, não são eles que contam suas histórias. Apesar de aparentemente estes trabalhos terem surgido a partir da fala destas pessoas, ainda não percebemos iniciativas próprias deles enquanto protagonistas neste processo de patrimonialização.

Um outro elemento, digamos assim, mais tradicional dentro de um processo de patrimonialização são iniciativas de tombamento. Com o HCI não é diferente, considerando que em 2010 a Antiga Igreja Evangélica do local foi tombada pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado (IPHAE). Esta Igreja, não estava no projeto original do HCI, considerando que a lepra era uma doença que estava sob os cuidados da Igreja Católica desde a Idade Média, contudo, segundo Proença:

Tão forte era a participação de protestantes na instituição, que no dia 19 de dezembro de 1948, a comunidade protestante se reuniu para conseguir fundos - procedentes de suas cidades de origem – para a construção de uma capela para seus cultos, intitulada “*Templo de Jesus Cristo*”. (PROENÇA, 2005, p.96-97)

Figura 9 - Igreja Evangélica do HCI



Fonte: MEDEIROS, Carolina Thomassim (2015).

Este prédio foi a última obra do arquiteto Alexander Josef Wiederspahn (1878-1952) que foi, segundo Paulo Bicca (2010), responsável por edificações como o Hotel Majestic, a

Faculdade de Medicina da UFRGS, a Delegacia Fiscal, a sede da Agência de Central dos Correios e Telégrafos, entre outros importantes prédios do Rio Grande do Sul, especialmente no centro histórico de Porto Alegre. Durante uma visita realizada em 2015, soube que os azulejos teriam sido importados da Alemanha, e no site do IPHAE consta que:

O projeto, minuciosamente detalhado, compõe-se de mais de 30 pranchas. O prédio possui planta irregular, com um polígono octogonal central ocupado pela nave da igreja, de onde se projetam os demais volumes. Na frente, hall de acesso com torre sineira e dois alpendres laterais, e na parte posterior, espaço do altar e sacristia com planta ortogonal. A edificação possui paredes de alvenaria de pedra granítica e tijolos, vitrais nas janelas e bandeiras das portas, cobertura em telha de barro do tipo francesa e estrutura do telhado em madeira. (IPHAE, [2015?], doc. eletr.)

Figura 10 - Interior da Igreja Evangélica do HCI



Fonte: MEDEIROS, Carolina Thomassim (2015).

Chama a atenção o dado de que provavelmente quem construiu esta Igreja foram os próprios pacientes, tendo em vista que não era permitida a entrada na “zona suja” do HCI de pessoas que não fossem os doentes ou pessoal autorizado. Outra questão interessante é que este é o único bem tombado pelo IPHAE na cidade de Viamão, um dos municípios mais antigos do Estado, e está localizado justamente em um local para onde eram levadas pessoas “indesejadas” pela sociedade.

Considerando o estado de conservação atual da Igreja Protestante também podemos nos questionar o quanto as práticas religiosas foram importantes na formação desta história, pois mesmo este bem sendo tombado, sua estrutura está muito fragilizada, enquanto as outras duas igrejas do HCI, católicas, aparentam estar em melhores condições, por este aspecto questiono-me se o uso não seria a melhor alternativa para uma conservação eficaz. Sobre esta óptica

poderiam ser destacadas duas iniciativas que não visam a preservação do HCI enquanto estagnação de suas estruturas, mas através da comunicação e do combate a políticas públicas de exclusão. Seriam estas ações a realização do documentário “A Cidade” e a elaboração de cartões-postais¹⁸ que tem este Hospital como tema.

No ano de 2012 foi gravado dentro das dependências do HCI o documentário “A Cidade”, dirigido por Liliana Sulzbach, financiado pelo Fundo Municipal de Apoio à Produção Artística e Cultural (FUMPROARTE) da Secretaria da Cultura de Porto Alegre. Segundo o site da prefeitura este curta:

[...] aborda a singularidade de uma microcidade, [...] a cidade (título do filme) é o que restou do chamado leprosário fundado em 1940, para onde foram levados mais de 1,4 mil doentes vindos de regiões do Estado. Hoje, ainda há alguns moradores no lugar, com mais de 60 anos. (PREFEITURA, 2016, doc. eletr.)

O curta de 25 minutos conta a história do Hospital a partir da perspectiva de seus pacientes-moradores, no DVD e no site “A Cidade Inventada”¹⁹ é possível percorrer o local, aprender sobre sua história, assistir ao filme e ao cinejornal realizado em 1943. A diretora e roteirista Liliana Sulzbach comenta que o projeto:

[...] se sustenta em três pilares: o filme “A Cidade” (exibido em festivais, salas de cinema e televisão), o DVD com material complementar e um website intitulado “A Cidade Inventada”, cuja navegação permite um passeio pelo lugar de forma interativa, apresentando um outro jeito de vivenciar a história. (A CIDADE, [2018], doc. eletr.)

No site também podemos selecionar locais do HCI para conhecer, ouvimos e vemos entrevistas com os moradores, assim como fotos antigas do local. Durante a visita que realizei em 2017 ao Memorial havia duas senhoras que foram conhecer a instituição influenciadas por este documentário, fato de demonstra seu potencial de ressonância.

Durante os anos de 2014 e 2017 aconteceu o “Projeto Economia Solidária com População em Situação de Rua: estratégias de valorização do saber-fazer a partir da inclusão socioeconômica e da autonomia da População em Situação de Rua na Região Metropolitana de Porto Alegre”. Vinculado ao projeto “EcoSol e PopRua: Conectando Vivências” do Centro de Assessoria Multiprofissional (CAMP), que é uma organização não governamental cuja missão é:

¹⁸Os 10 (dez) cartões-postais que retratam o HCI foram digitalizados e podem ser vistos no “Anexo II” desta dissertação.

¹⁹Mais informações em: A CIDADE Inventada. Disponível em: <<http://www.acidadeinventada.com.br/#home>>. Acesso em: 27 de mar. de 2018.

Promover a garantia dos direitos políticos, econômicos, sociais, culturais e ambientais das populações urbanas através da mobilização social, da formação de lideranças democráticas e da produção de conhecimento no sentido da construção de novos referenciais de desenvolvimento local sustentável. (CAMP, [2018?]b, doc. eletr.)

Este projeto tinha como intuito “[...] sensibilizar, mobilizar e formar 300 pessoas em situação de rua (100 em cada pólo) sobre temas relacionados à economia solidária, educação e qualificação profissional.” (CAMP, [2018?]a, doc. eletr.). Com ele foram desenvolvidos três coletivos, dentre eles o “Fundo Solidário Resistência Pop Rua” vinculado ao Movimento Nacional da População em Situação de Rua do RS. Segundo o site:

O Fundo, como é comumente conhecido, produz *botons* e chaveiros com imagens de resistência, como o próprio logo do Fundo Solidário, do MNPR, Zumbi dos Palmares, entre outros. Além disso, o coletivo teve a oportunidade de produzir uma série fotográfica denominada “Internações forçadas, NÃO! Cuidado em liberdade, SIM!”, na qual foram registrados diversos locais que serviram de espaços para internação de pessoas, em outras épocas. Para captação das imagens foram realizadas saídas de campo e que resultaram em 24 imagens das quais foram impressas em cartões postais e fotografias em tamanho grande para exposições. A comercialização dos cartões postais e fotografias revertem em recurso direto para os participantes. (CAMP, 2017, doc. eletr.)

Neste coletivo foram realizados cartões postais sobre lugares de exclusão, fazendo parte da “Campanha contra a internação Forçada”. Dentre os locais escolhidos estava o HCI, com uma série de fotografias pertencentes a série “Internações forçadas, NÃO! Cuidado em liberdade, SIM!”, este lugar de exclusão foi transformado em um cartão postal da região metropolitana do Estado. Este trabalho visou a geração de renda, sendo um “[...] projeto de autonomia financeira e independência do Movimento Nacional da População de Rua do RS.” (FUNDO, [2018?], Doc. eletr.). Considerando que dentre as 10 (dez)²⁰ imagens vinculadas ao HCI, que viraram cartões-postais, estão 02 (duas) fotos de manequins do Memorial, podemos supor que a instituição permitiu a realização de tal iniciativa, demonstrando assim, interesse pela ideia de agregar diferentes olhares à sua narrativa.

Poderíamos perceber estas duas últimas iniciativas, como tendo um grande potencial de ressonâncias, posto que envolveram pessoas, as motivaram a conhecer, fotografar, pesquisar, filmar e divulgar, direta ou indiretamente, a história do HCI. A primeira iniciativa apresenta o Hospital e seus moradores utilizando as falas e fotos dos mesmos e disponibilizando este

²⁰ Este número refere-se ao total de diferentes cartões-postais vinculados ao HCI aos quais tivemos acesso no decorrer desta pesquisa não sendo possível precisar se foram feitos apenas estes modelos ou se há mais.

conteúdo online e gratuitamente, o que a torna muito acessível. A segunda traz à tona outra faceta desta instituição, sendo incentivada por lutas contra a marginalização e reclusão dentro de nossa sociedade. Desta forma, podemos dizer que tais ações estão sim relacionadas a patrimonialização desta instituição, mesmo que não por meios oficiais, elas propiciam o conhecimento e podem gerar uma série de diferentes reapropriações deste local.

Deste modo percebemos que seja direta ou indiretamente, o trabalho desenvolvido durante estes diferentes períodos e que abordaram o HCI de variadas maneiras, interferiram para a existência de um memorial, que hoje aborda a trajetória desta instituição, sendo também inseridos como elementos do discurso expográfico construído.

O HCI apresenta aspectos vinculados à imaterialidade, além de elementos associados à ideia tradicional de patrimônio, considerando aspectos como a arquitetura do local e o acervo encontrado no mesmo. Percebendo que atualmente “Concebemos como patrimônio os elementos da cultura que ajudam a ligar uma comunidade com o seu passado tanto do ponto de vista imaterial (costumes, festas, rituais) como do ponto de vista material (bens móveis ou imóveis).” (XAVIER, 2010, p.260).

Dentro do HCI houve, e há, grupos de pessoas que se relacionaram e que, de certa maneira, constituíram uma forma de vida peculiar dentro dos limites desta instituição. Modos de fazer e viver específicos, que foram desenvolvidos em virtude do isolamento e das limitações físicas que a hanseníase poderia gerar, como os moldes de sapato, as fábricas e locais de socialização existentes neste ambiente. Outro aspecto são as leis e regras internas que regiam o comportamento dos moradores deste Hospital, porém, considerando o curto espaço de tempo entre sua criação e seu gradual esvaziamento, poderíamos dizer que o que se constituiu neste local foi um modo de viver que, em diversos aspectos, imitava o mundo do qual estas pessoas foram excluídas, mas reinventando-o. Constituindo uma referência de identidade para aqueles cujas vidas foram afetadas, tanto pacientes, como familiares e funcionários. Sua importância está também no âmbito da memória destas pessoas, que constituem o acervo desta instituição, servindo de base e fonte de informação para trabalhos acadêmicos, exposições, mediações e documentários.

Deste modo, creio que devemos considerar que o patrimônio do HCI se constitui em duas instâncias: a primeira diz respeito às memórias individuais e vivências compartilhadas neste local, as quais eu não tenho acesso, a não ser pelos relatos e trabalhos de outros pesquisadores; a segunda instância é o patrimônio institucionalizado, representante de uma visão mais formal e tradicional, por este aspecto consideramos como patrimônio do HCI a

Antiga Igreja Evangélica, tombada pelo IPHAE em 2010, o Memorial HCI, inaugurado em 2014, e seu acervo.

3.2 Memorial HCI

O Memorial HCI faz parte do processo de patrimonialização desta instituição, ele, diferente da Antiga Igreja Evangélica tombada, poderia apresentar uma perspectiva maior para a geração de ressonâncias e de formulação de uma identidade vinculada a história do local. Apontamos para esta perspectiva porque a possibilidade de acesso a uma exposição, sua compreensão e a interação do público, em tese, são maiores nesta interface da preservação que objetiva a comunicação.

Inaugurado no final do ano de 2014, essa iniciativa que surgiu em função de dois funcionários públicos: Marco Antônio Lucaora e Rita Sosnoski Camello. O senhor Marco trabalhou como bancário, é um artista autodidata, funcionário estadual que trabalha atualmente no HPSP. Após sua iniciativa de financiar e organizar um Memorial no HCI tornou-se coordenador do acervo dos hospitais estaduais do Rio Grande do Sul, participou ativamente da montagem deste espaço de memória, sendo responsável pela criação de diversos objetos-cenográficos utilizados na expografia. A senhora Rita, enfermeira especialista em hansenologia, trabalha na área da saúde há muitos anos e atualmente é a coordenadora do patrimônio e do acervo do HCI. Em uma entrevista realizada por e-mail em 2018, quando questionada sobre como sua trajetória profissional ou pessoal influenciou na criação do Memorial, ela comentou que:

Em 2001 quando Coordenadora do Programa de Hanseníase da SES/RS [Secretaria da Saúde do Rio Grande do Sul] houve a necessidade de descentralizar as ações de diagnóstico, tratamento e acompanhamento dos pacientes para seu município de origem, o que até então era feito pelas equipes de profissionais das Coordenadorias Regionais de Saúde (19 CRS). Diante desta demanda de capacitar os profissionais da área da saúde tanto de CRS como de municípios foi feita uma parceria entre direção do HCI e coordenação do Programa de Hanseníase onde os profissionais médicos, fisioterapeutas, Terapeutas ocupacionais, nutricionistas, enfermeiros, psicólogos, assistentes sociais do HCI atuaram como multiplicadores. Para estas capacitações e implantação de novas atividades [...] era utilizado o espaço da antiga Casa das Irmãs. A capela foi nosso auditório; para dormitório os quartos do segundo andar e as refeições no refeitório dos funcionários. (CAMELLO, 2018, doc. eletr.)

Percebemos nos dados apresentados pela enfermeira Rita que neste momento, em 2001, já eram utilizados o espaço da Casa das Irmãs para atividades do HCI. A participação dos

moradores teria sido muito importante neste processo, posto que: “[...] os nossos moradores ex-hansenianos participavam das capacitações contando a sua trajetória e história de vida e isto sempre sensibilizou muito os participantes.” (CAMELLO, 2018, doc. eletr.) A entrevistada também comenta que “[...] numa das salas da Casa das Irmãs que estavam a biblioteca, cuidada por um paciente ex-hanseniano, e o SAME, contendo os prontuários dos doentes que internaram no HCI de 1940 a 1986. Este espaço era então utilizado com certa frequência.” (CAMELLO, 2018, doc. eletr.). Porém, a trajetória do Memorial começa quando o senhor Marco é informado que existiam, nas dependências do Hospital, documentos e objetos desorganizados, e que tal acervo era do interesse de outras instituições. Ele comenta que:

Quando me passaram essa informação, que as pessoas estavam interessadas, que a documentação estava jogada, realmente a documentação estava no chão, não estava tendo cuidado, que não tinha quem fizesse [...] as pessoas simplesmente largaram os documentos em salas, a sala fechada, sem ventilação, sem iluminação, sem o mínimo de cuidado, o que aconteceu: o material vai se deteriorando [...] vou conhecer Itapuã, quando cheguei lá, a documentação está na Casa das Irmãs, entrei numa sala: não tinha luz, só vi aquele vulto de caixas, de documentos, pela pouca luminosidade que tinha. Fui na outra sala: também não tinha luz, tudo que eu enxergava era cheiro de mofo, mofo, mofo e muito documento no chão. Então as pessoas que têm interesse em pegar essa documentação: tem sentido. E eu digo: se eu sei fazer, por que não fazer? Só que a minha preocupação era só com a documentação. [...] Eu trouxe caixas de documentos para cá, para o Hospital, chegou na parte da tarde, aqui no São Pedro, eu comecei a higienizar e separar: isso é tal coisa, isso é tal coisa, fui busquei mais e consegui organizar e digo: mas, isso não vai dar para trazer toda hora para cá, eu vou para lá. Aí, a diretora colocou uma pessoa para me ajudar. A coisa foi tomando forma, forma, forma, forma, as coisas foram acontecendo, não foi o caminho [...] Aí me apresentaram: tu tem que conhecer a Rita, a Rita sabe tudo, a Rita é bam bam bam sobre hanseníase ela já viajou pelo planeta [...] Aí a gente se conheceu, a Rita é uma pessoa do bem, ela conseguiu me passar várias coisas e questionamentos [...] ela complicou muito minha vida [...] ela não era uma facilitadora, ela complicava minha vida [...] ela dizia: como é que uma pessoa que não sabe nada sobre hanseníase quer fazer um museu, memorial, sobre hanseníase? [...] o questionamento maior dela era: tu tem [sic] que entender o que é hanseníase, tu não sabe [sic] nada sobre hanseníase. Aí ela disse: tu não quer [sic] vir passar um domingo comigo? Aí eu fui, aquilo mexeu, aí entrou nas minhas entranhas, aí mudou a coisa, porque eu vi o sofrimento daquela cidade, daquela vila, daquele povo, do Brasil todo [...] Assisti uma palestra dela: piorou a coisa. Eu fiquei mais chocado, porque aquilo não era só aquilo que eu estava vendo em filme de televisão, no período de Cristo. Eu estava vendo aquilo ali com pessoas próximas, ela me enfiou para dentro da casa das pessoas e eu pude ver como as pessoas estavam vivendo. Aí tu começa [sic] a ver uma história do passado, do futuro, do presente, aí a coisa mudou. O mais interessante da Rita foi que ela começou a questionar pontos, porque eu estava muito solto, as coisas vinham vindo, objetos [...] a Rita, com a parte técnica [...] de dizer: tem que ter um porquê disso, um porquê daquilo. (LUCAORA, 2015, inf. verb.)

Percebemos, a partir da entrevista, que a ideia inicial dele era a organização de um arquivo na antiga casa das freiras, para salvaguardar a documentação, e que lhe indicaram a enfermeira Rita para ajudá-lo a conhecer esta história. Do diálogo entre eles surgiu a ideia de

montar um Memorial, o dinheiro para este projeto e para a reforma da casa foi obtido pelo senhor Marco através da venda de rifas e de quadros pintados por ele, a senhora Rita realizou pesquisas históricas e elaborou os textos. Scheiner (2013) comenta que:

O verdadeiro *museu* - o museu arquiconceito, gerador do termo - é portanto uma instância simbólica, que se articula e recria na interface com os tempos, espaços e representações de cada cultura; e assim, um espaço de relação. E pode assumir diferentes formas, que representam a visão de mundo dos diferentes grupos sociais, no tempo e no espaço - aquilo que seus criadores concebem como 'o real'. (SCHEINER, 2013, p.363)

Seguindo esta perspectiva observa-se que há forte influência dos organizados na eleição dos temas e objetos abordados neste espaço de memória. Posto que, no Memorial existe um grande foco na história da hanseníase – de interesse da senhora Rita –, e conseqüentemente do HCI, assim como quadros, obras de arte e cenografia feita pelo senhor Marco. Sendo assim, poderíamos pensar os criadores e organizadores de exposições enquanto pequenas aranhas responsáveis por tecer uma narrativa utilizando objetos, textos e cenografia como pontos de ligação sua teia, deixando assim suas próprias marcas no que foi tecido.

Considerando que o Memorial foi financiado pelo senhor Marco, percebemos que o papel do governo estadual se limita a manutenção da infraestrutura do Hospital. Rita comenta que “[...] é um memorial construído pelos pacientes, pelo dinheiro dele [Marco], pela boa vontade [...]” (CAMELLO, 2015, inf. verb.).

Sobre a criação do Memorial a senhora Rita coloca que “Foi em meados de 2014 a decisão do Departamento de Coordenação dos Hospitais Estaduais e direção do HCI de construir neste local um espaço de memórias, tendo como idealizador e coordenador do Memorial Marco Antonio Lucaora.” (CAMELLO, 2018, doc. eletr.). Contudo, outras fontes relatam que em 2010 alguns funcionários teriam tido a ideia de montar uma sala de enfermaria para mostrar como seria na época em que o Hospital surgiu, e, posteriormente, teriam entrado em contato com o senhor Marco para organizar os documentos que estavam espalhados pela Casa das Irmãs.

Figura 11 - Memorial HCI



Fonte: MEDEIROS, Nestor Ourique (2015).

Para formar o acervo do Memorial foi pedido aos funcionários dos diferentes setores do HCI que enviassem objetos que pudessem ser interessantes para compor essa história, e os moradores foram aos poucos trazendo objetos e fotos particulares para a exposição. A senhora Rita comenta que a coleta deste material ocorreu com:

Doações de pacientes [...] Nós fomos pros setores: “O que que tu tens que nós possamos aproveitar?” Então cada setor: “O que que tu tens do laboratório, que tu não usas e que é antigo?” Então nós pegamos aquilo que estava já socado em caixas, guardados em baús e se trouxe para fora. Mas eram objetos que tipo assim, o primeiro microscópio onde estava, a primeira lâmpada cirúrgica onde estava, tudo dentro de um pavilhão. Então a gente buscou sim trazer um pouco da história, dos objetos que estavam aonde e se trouxe para cá e se foi compondo salas. (CAMELLO, 2017, inf. verb.)

Também são utilizados textos feitos pela senhora Rita, assim como *banners* que tem sua origem no trabalho realizado pelo CEDOPE elaborados em 2000 para uma exposição em homenagem ao aniversário de 60 (sessenta) anos do Hospital. Neste ponto podemos compreender este espaço de memória como uma junção de diversas leituras feitas em relação a esta instituição e à vida construída dentro destes muros. Contudo não foi possível usufruir de muitas coisas em relação ao CEDOPE, pois:

RITA - Houve uma gestão aonde o CEDOPE estava funcionando 100% (cem por cento), tudo com controle, tudo com arquivo, tudo organizado. Quando mudou de gestão, eles precisaram das estantes, então retiraram as estantes e com o temporal o telhado desabou, sabe o que é virar lagoa, toda a base? Então nós perdemos 90% do que se tinha. O CEDOPE ficou destruído, não temos mais CEDOPE há muitos anos. Eu sei de CEDOPE porque quando entrei no Estado eu fui e visitei e porque os

pacientes de lá me comentam. O bibliotecário de lá, que foi meu bibliotecário até não muitos anos atrás, me diz que lá tinha muita coisa. Eu vejo pelas teses, pelos mestrados e doutorados, a quantidade de material que eles tinham que foi perdido. O livro tombo, o diário do Frei Pacífico, 10 (dez) anos de vida de um frei que trabalhava ali dentro. A coisa pública.

HELENA - Mas esse acervo que tinha na casa [das Irmãs], [que] vocês foram organizar para um arquivo, ele era um acervo do Hospital?

RITA - Ele estava em outro local. E um dos acervos que foi organizado estava em outro setor, ele não fazia parte do CEDOPE.

HELENA - Que setor ele era?

RITA - Um setor que tinha o controle de contas, de despesas de outros setores do hospital. Mas que não fazia parte, ele não compunha, por exemplo, a questão dos livros, da literatura, dos materiais que existiam no CEDOPE. Eram aqueles registros das irmãs, o batizado, a crisma, a festa, o dia a dia do hospital que estava no CEDOPE. Helena - E as entrevistas que foram feitas pelo CEDOPE não podem ser usadas?

RITA - Nem fitas nem nada, porque afogou tudo. Porque muitos que entrevistaram pacientes nossos deixaram as fitas guardadas, literalmente, se tu tentares uma tu não consegues.

HELENA - Não tem como restaurar.

RITA - Não.

HELENA - É um acervo que foram anos deles recolhendo histórias.

RITA - Com certeza, quem organizou o CEDOPE ele na verdade fez todo um trabalho para permitir que nós conhecêssemos um pouco do que foi. Hoje eu conheço dados e história por intermédio deles. E aí eu vou e tento buscar junto aos pacientes, gradativamente cada vez menos, com memória cada vez mais distante, com menos desejos de falar sobre isso, porque eles estão cansados de falar sobre suas vidas. (CAMELLO, 2017, inf. verb.)

Podemos dizer que organização do Memorial buscou recuperar informações e objetos, mas que, provavelmente, a perda do material organizado pelo CEDOPE é algo irreparável, pois muitos dos entrevistados na época já são falecidos hoje.

A senhora Rita e o senhor Marco hoje são coordenadores do patrimônio e do Memorial HCI, e do acervo dos hospitais estaduais, respectivamente, cargos que foram dados a eles após o início do processo de criação do Memorial, posto que:

[...] como eles viram que eu ia fazer por conta e risco, eu não estava preocupado se eu podia, eu não pedi autorização pra ninguém, eles decidiram fazer um documento me nomeando responsável pelo acervo de Itapuã, do São Pedro, do Sanatório e do Dermato [...] foi a única coisa que o governo fez. (LUCAORA, 2015, inf. verb.).

Estas afirmações corroboram que as reflexões anteriores de que o HCI não é um patrimônio que interessa a uma imagem governamental ou de nação, sua memória e acervo tem sido preservada por ações esporádicas de indivíduos ou grupos interessados nesta história por diferentes motivos. Sendo o Memorial fruto de uma destas ações pontuais e quase “individuais”, a medida em que não envolvia uma proposta governamental, poderíamos questionar: *quais os eixos temáticos norteiam essa expografia?*

A exposição está distribuída ao longo dos dois andares e encontra-se em constante atualização, nas visitas realizadas ao Memorial percebemos mudanças na organização do lugar. Em 2015 identifiquei a existência de 20 (vinte) espaços expositivos, que abordavam 04 (quatro) eixos temáticos, os quais intitulei de: Ambientações Históricas e o Cotidiano do HCI; Ambientações Hospitalares; Setor Psiquiátrico; Contexto Local do HCI. Na visita de 2017 notei que algumas alterações tanto em conteúdo como em acréscimo de espaços expositivos, considerando que nesta ocasião percebi 36 (trinta e seis), considerando também que com o passar do tempo a minha percepção sobre o local pode ser modificada também.

Em 2018 considerei a existência de 56 (cinquenta e seis) espaços expositivos, este aumento tão significativo se deu em função da análise dos textos, momento no qual percebi que mesmo dividindo um suporte ou ambiente havia fotos e textos sobre assuntos diferentes, que passaram a ser considerados individualmente. Além disso, passei a perceber locais que estão dentro do Memorial, os quais os visitantes transitam durante o percurso – mas que não necessariamente fariam parte da exposição – como espaços expositivos porque sua existência influencia o discurso institucional construído e a percepção do visitante.

O que estou chamando neste trabalho de espaços expositivos não são necessariamente salas com alguma temática, mas pequenos ou grandes conjuntos de objetos e/ou textos que abordam alguma temática e estão distribuídos ao longo do prédio ocupado pelo Memorial. Há uma única exceção, que se encontra fora do edifício e que é listado como um espaço expositivo por estar em frente a “Casa das Irmãs”. Este ambiente consiste em diversas máquinas, de grande porte, utilizadas no HCI para a agricultura. O maquinário em questão foi reunido e transportado para o local após o meu TCC, sendo percebida a mudança em 2017. Tal iniciativa foi citada pelo senhor Marco em entrevista: “Eu fui semana passada lá [HCI], olhar coisas, e separei com o diretor, o Arena [diretor do HCI em 2015], todo o equipamento rural, foi marcado com fita para nós puxarmos tudo com trator, para nós botarmos na frente do Memorial.” (LUCAORA, 2015, inf. verb.).

Figura 12 - Espaço "56 - Maquinário Agrícola" em 2015



Fonte: MEDEIROS, Helena Thomasim (2015).

Figura 13 - Espaço "56 - Maquinário Agrícola" em 2017



Fonte: MEDEIROS, Helena Thomasim (2017).

Considerando que em 2015 e 2017 as visitas realizadas contavam também com um percurso externo ao prédio do Memorial, percebemos que os espaços elencados para levar o público a conhecer o HCI também fariam parte do discurso institucional e por sua vez poderiam ser citados como espaços expositivos. Entretanto, devido ao fato de que as visitas ocorridas em 2018 não permitiram o acesso as outras áreas do Hospital, e que desde 2017 não foi autorizada nem a gravação das mediações e nem as fotografias fora do Memorial, esta pesquisa limitou-se

ao circuito expositivo interno ao ambiente relativo ao que era a antiga “Casa das Irmãs”²¹ e a área de exposição externo em frente ao prédio.

Cada ambiente que trata de um assunto específico foi considerado um espaço expositivo diferente, sendo que alguns são denominados pelos organizadores, outros que foram identificados e alguns percebidos de acordo com o texto expográfico. Há também locais que não são abertos para visitação e que guardam documentos do Hospital, outros sem objetos expositivos – como os arquivos e o auditório –, espaços funcionais que apresentam objetos históricos ou artísticos – como a escada, a cozinha e o hall de entrada. Nesta pesquisa, todos são denominados espaços expositivos pois seu conjunto forma também o discurso institucional que objetivamos analisar.

A fim de facilitar a compreensão do leitor sobre estes espaços, foi organizada o “Quadro 2 – Espaços Expositivos”, comparando aqueles identificados em 2015, 2017 e 2018. Os nomes são atribuídos por mim, na maioria dos casos, por isso constam com as letras N.A. (Nome Atribuído), alguns ambientes foram intitulados pelos organizadores, aparecem com a sigla N.I. (Nome Institucional), outros, percebidos de acordo com os textos expositivos vinculado a eles são representados como N.T (Nome do Texto). A numeração utilizada, em 2015 era de 01 (um)   20 (vinte), em 2017 de 01 (um)   36 (trinta e seis) e em 2018 de 01 (um) a 56 (cinquenta e seis). Estes espaços foram listados de acordo com a ordem pela qual as salas foram visitadas, na maior parte das vezes, sendo a primeira a número 01 (um) e assim sucessivamente, essa ordem tem como intuito apresentar ao leitor um elemento vinculado também ao percurso proposto pela instituição.

Quadro 2 - Espaços Expositivos do Memorial HCI

ESPAÇOS EXPOSITIVOS 1º ANDAR		
2015	2017	2018
01 – Sala de Memórias do Mundo (N.I.)	01 – Memórias do Mundo (N.I.)	01 – Hall de Entrada (N.A.)
		02 – Auditório (N.I.)
		03 - Memórias do Mundo (N.I.)
02 – Sala da Era Científica (N.A.)	02 – Medicina: Lepra e HCI (N.A.)	04 – Era da Medicina (N.I)

²¹ Este circuito pode ser observado no “Apêndice G”, por meio de imagens que ilustram como estão distribuídos os espaços expositivos identificados no prédio do Memorial HCI.

03 – Corredor com Jornais (N.A.)	03 – Jornais: História HCI (N.A.)	05 – Jornais: História HCI (N.A.)
	04 – Jornais: Tratamento da Hanseníase (N.A)	06 – Jornais: Tratamento da Hanseníase (N.A)
		07 – Jornais: Amparo Santa Cruz (N.A)
	05 – Jornais e Máquina (N.A.)	08 – Farmácia (N.T)
		09 – Esterilização (N.T)
	06 – Negão o Cão (N.I.)	10 – Negão o Cão (N.T.)
04 – Corredor com Máquina de Sabão (N.A)	07 – Madeireira (N.A.)	11 – Mateiros (N.T)
	08 – Padaria (N.A)	12 – Padaria (N.T)
		13 – Serviço de Nutrição e Dietética (N.T)
	09 – Sabão e Roupas (N.A.)	14 – Fábrica de Sabão (N.T)
15 – Roupas (N.A)		
05 – Sala com Utensílios Agrícolas (N.A.)	10 – Itens Agrícolas	16 – Itens Agrícolas (N.A.)
	11 – Trabalhadores Rurais (N.A.)	17 – Trabalhos Rurais (N.T.)
06 – Corredor com Fábrica de Calçados (N.A.)	12 – Sapatos e Moldes	18 – Sapatos e Moldes (N.A.)
	13 – Objeto com Itens de Barbear (N.A.)	19 – Objeto com Itens de Barbear (N.A.)
	14 – Panelas (N.A.)	20 – Tambores de Esterilização de Gaze (N.A.)
	15 – História de um Morador (N.A.)	21 – Elpídio Salles Teixeira (N.A.)
	16 – Dona Lori (N.A.)	22 – Lori Kunzler (N.T.)
07 – Sala dos Amores (N.I.)	17 – Sala dos Amores (N.I.)	23 – Sala dos Amores (N.I.)
	18 – Cristaleira de Bibelôs (N.A.)	24 – Cristaleira de Bibelôs (N.A.)
08 – Sala com Instrumentos e Objetos Médicos (N.A)	19 – Medicina no HCI (N.A.)	25 – Medicina no HCI (N.A.)

	20 – Filhos e o Amparo (N.A.)	26 – Tributo aos Filhos dos Pacientes Hansenianos (N.T.)
	21 – Documentário “A Cidade” (N.A.)	27 – João Francisco Saldanha (N.T.)
09 – Sala de Jogos (N.I.)	22 – Entretenimento (N.A.)	28 – Entretenimento (N.A.)
		29 - Cadeia (N.T)
10 – Escadas com Trabalhos dos Pacientes Psiquiátricos (N.A.)	23 – Cozinha	30 – Cozinha
	24 – Escada	31 – Escada
ESPAÇOS EXPOSITIVOS 2º ANDAR		
11 - Sala dos Portadores de Sofrimento Psíquico (N.A)	25 – Obras de Arte dos Pacientes Psiquiátricos 1 (N.A)	32 – Pacientes Psiquiátricos (N.A.)
		33 – Voluntários do Carinho (N.T.)
12 – Sala dos Portadores de Sofrimento Psíquico (N.A)	26 – Obras de Arte dos Pacientes Psiquiátricos 2 (N.A)	34 - Pacientes Psiquiátricos (N.A.)
		35 – Itens Indígenas (N.A)
13 – Sala das Comunidades do Entorno (N.A.)	27 – “Entorno” do HCI: Vila de Pescadores, Colônia Japonesa e Reforma Agrária (N.A.)	36 – Colônia Japonesa (N.T.)
		37 – Aldeia Pindo-Mirim (N.T.)
		38 – Colônia dos Pescadores (N.I)
		39 – Reforma Agrária (N.T.)
	28 – Escola Frei Pacífico (N.I.)	40 – Recontando a História (N.I.)
	29 – Frei Pacífico (N.I.)	41 - Frei Pacífico (N.A.)

14 – Corredor sobre a Creche para filhos de funcionários (N.A.)	30 – Creche no HCI (N.A.)	42 – A Creche (N.T.)
		43 – Sala de Arquivo (N.A.)
		44 – Banda Frei Pacífico (N.A.)
		45 – Sala de Arquivo (N.A.)
		46 – Organizadores (N.A.)
		47 – Imagens do HCI no Corredor (N.A.)
15 – Laboratório do Hospital (N.A.)	31 – Laboratório (N.A.)	48 - Laboratório (N.A.)
16 – Sala de “Informática” (N.A.)	32 – Material de Escritório (N.A.)	49 – Administração e Setores (N.I.)
		50 – Imagens da Flora e Fauna no Corredor (N.A.)
17 – Sala com fotos de tratamentos de pacientes (N.A.)	33 – Sala das Feridas (N.A.)	51 – Sala das Feridas (N.A.)
18 – Corredor sobre a questão dos filhos (N.A.)	34 – Filhos Levados (N.A.)	52 – Filhos Levados (N.A.)
19 – Sala de Artefatos Religiosos (N.A.)	35 – Obras Sacras (N.A.)	53 – Religiosidade (N.A.)
		54 – Salas de Arquivo (N.A.)
20 – Corredor sobre a Igreja Luterana (N.A.)	36 – Igreja Luterana	55 – Igreja Luterana e o arquiteto Alexander Josef Wiederspahn (N.A.)
		56 - Maquinário Agrícola (N.A.)

Fonte: Dados coletados através da pesquisa de campo realizada por Helena Thomasim Medeiros.

Esta exposição não apresenta uma ordem cronológica ou temática bem definidas em seu circuito expográfico, porém, pelo que foi percebido nas duas visitas guiadas que de 2015 e 2017

com a senhora Rita, seguiu-se o mesmo trajeto ao visitarmos as salas, sendo que em 2017, uma destas não foi aberta ao público. Além disso, as primeiras salas da exposição aparentam ter alguma ordem temporal, outro aspecto que indica isso é o fato de que no primeiro andar poderíamos considerar que estão representados os primeiros momentos e os pacientes internados pela hanseníase. Enquanto no segundo andar aparecem elementos de uma história mais recente, espaços destinados aos pacientes provenientes do HPSP e salas que abordam temas externos ao Hospital.

Neste momento, creio que seja mais fácil para a compreensão do leitor apenas apontar alguns dos eixos temáticos identificados, tendo em vista que no decorrer da dissertação pretendo esmiuçar este conteúdo. A partir de minhas observações conclui que os assuntos abordados na exposição seriam: história do HCI; história da lepra²²; medicina no HCI; vida dos moradores hansenianos no HCI; vida dos moradores do setor psiquiátrico no HCI; religião e arte sacra; vida fora do HCI; trabalho administrativo do HCI.

Percebemos que ao comparar espaços expositivos destinados aos pacientes/moradores do HCI há uma frequência maior de ambientes ligados a vida dos moradores hansenianos, tendo em vista, que os do setor psiquiátrico aparecem em apenas 02 (duas) salas. O eixo temático mais frequente é “história do HCI”. Desta forma, notamos um fio condutor dos principais temas e objetivos de abordagem deste Memorial que busca, segundo estes dados, focar-se nos primeiros moradores da instituição e na história dela. Contudo, durante as mediações com a senhora Rita e mesmo com a enfermeira Salete, notamos uma forte inclinação, provavelmente associada à formação e área de atuação delas, a abordar a história da lepra. Considerando também que nas visitas guiadas que participei houve, quase sempre, palestras antes que antecediam a observação dos espaços expositivos e que duravam cerca de 01 (uma) hora, na qual foram apontados dados históricos sobre a hanseníase, o estigma da lepra, a descoberta da cura e o tratamento da doença.

Segundo entrevista realizada em 2017 com a enfermeira Rita, o Memorial possui mais de 3.000 (três mil) itens, porém não há registro da sua origem, o conhecimento em relação ao acervo se deu pelo contato da senhora Rita com os moradores e funcionários do HCI. Durante as visitas pude perceber que este acervo é composto por roupas, moedas, móveis, fotos, troféus e medalhas, instrumentos agrícolas, máquinas, réplicas de documentos e jornais, utensílios médicos, bibelôs, maquete do local, obras de arte, artesanato indígena, itens de arte sacra, objetos cenográficos, entre outros. Isto, sem considerarmos os elementos externos ao prédio da

²² A denominação “lepra” foi escolhida para identificar este eixo expositivo tendo em vista que a alteração do nome para hanseníase é historicamente recendo, sendo a doença referida como lepra durante muitos séculos.

“Casa das Irmãs”, posto que em algumas visitas o percurso pelo próprio Hospital tornou-se um elemento da exposição. Todavia, considerando que no ano de 2018 este recurso não estava mais sendo utilizado ele acabou sendo desconsiderado dentro desta pesquisa, sendo apenas descrito quando relacionado as experiências da pesquisadora com o local.

Figura 14 -Primeiro Andar do Memorial HCI



Fonte: MEDEIROS, Carolina (2017).

Figura 15- Segundo Andar do Memorial HCI



Fonte: MEDEIROS, Carolina (2017).

Em alguns casos as exposições tentam apresentar uma ordem linear dos fatos, para facilitar a compreensão do visitante, com uma representação do passado alimentada pela subjetividade, a fim de trazer o fator emocional à narrativa expográfica. A exposição, assim como a memória que: “[...] introduz o passado no presente sem modifica-lo, mas

necessariamente *atualizando-o [...]*” (SEIXAS, 2001, p. 50, Grifo do autor), pode contribuir com diferentes formas de analisar e apresentar a história. Deste modo “[...] a memória tem um destino prático, realiza a síntese do passado e do presente visando o futuro [...]” (SEIXAS, 2001, p. 53).

É interessante perceber que a vontade de preservar a história do HCI parecem emergir de dentro instituição, mas não dos moradores ou comunidade relacionada de forma mais próxima com a exclusão realizada neste local, como familiares e ex-pacientes que vivem fora do Hospital. Inserida na ideia de uma performance museal, Soares comenta que “[...] podemos entender o ator como aquele que está duplamente inserido nos processos socioculturais da vida cotidiana, já que faz parte, simultaneamente, da própria vida social e da performance cultural sobre ela.” (SOARES, 2012b, p.201). No caso do HCI o mais próximo desta ideia seriam os funcionários que participaram da criação do Memorial, auxiliaram na montagem, recebem o público e realizam a mediação. Contudo, seria correto afirmar que a mesma discriminação e estigma imposto aos pacientes/moradores do Hospital também se encontra nos funcionários? As percepções quanto ao que representam essas políticas de segregação podem ser comparadas? A meu ver: não. Pois, por mais que algumas características deste isolamento possam ter afetado suas vidas, o peso destas doenças recai sobre os pacientes. Sendo assim, se os funcionários são atores desta história, para mim, seriam os coadjuvantes, enquanto os pacientes a protagonizariam. São visões diferentes da mesma história, que podem convergir ou não, seria necessário compará-las para descobrir.

Creio que os moradores também se preocupem com o futuro deste local, mas talvez não tenham meios para se expressar e montar sua própria história. Outro aspecto que pode estar relacionado a este fato²³ é o de que, muitas vezes, estas políticas de memória não estão na pauta prioritária das lutas de alguns grupos sociais e que é nestas ocasiões que cabe ao Estado e seus agentes intervirem a fim de salvaguardar diferentes trajetórias. Desta forma, talvez as lutas por indenizações, pela identificação de famílias separadas, por divulgação e investimento em políticas de combate e tratamento a hanseníase, sejam mais prioritárias neste momento.

O trabalho realizado pelos organizadores do Memorial é de grande importância, porém, talvez fosse necessário que esta vontade de memória fosse estimulada por outros grupos também, como os filhos que pedem indenização. Contudo, devemos levar em conta que a falta de ação popular pode indicar mais um aspecto vinculado aos esquecimentos provocados pelo

²³ Aspecto suscitado quando assisti uma palestra com o professor Renato Cymbalista em 2018 no “IV Colóquio Internacional Memória e Patrimônio” realizado pelo Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural (PPGMP) da Universidade Federal do Pelotas (UFPel).

estigma e traumas ocasionados pela segregação, ou por interesses políticos. Tendo em vista que há ex-pacientes do HCI que escondem o fato de terem tido hanseníase e morado no local. Gonçalves (2015) comenta que:

Do ponto de vista do Estado e de suas políticas, especificamente suas políticas de patrimônio, “identificar” um grupo e seu patrimônio equivale a exercer positivamente sua função enquanto agência do poder. Por esse ângulo, a noção traz em si uma certa ambiguidade: se, por um lado, é a forma pela qual um grupo se afirma publicamente, por outro, é o modo pelo qual o Estado exerce seu controle sobre a sociedade. (GONÇALVES, 2015, p.213)

Considerando estes aspectos de dominação e regulamentação do patrimônio, creio que seria de extrema importância realizar pesquisas que pudessem identificar até que ponto o HCI de fato é percebido como um local e uma história socialmente importantes para ser eleito como patrimônio. Posto que o esquecimento vinculado ao Hospital pode partir de perspectivas diferentes, sendo essas os traumas da segregação presente nas vidas dos envolvidos diretamente com esta trajetória, e uma memória “problemática” para a sociedade, caracterizando assim, uma vergonha governamental e uma tentativa de apagamento. Gonçalves (2015) comenta que muitas vezes trazemos uma perspectiva patrimonial a partir da possibilidade da perda destes bens, colocando que:

O florescimento extraordinário das diversas modalidades de patrimônios culturais na atualidade, nosso curioso empenho em preservar ou reconstruir objetos, lugares, prédios e formas de vida associadas ao passado talvez revele mais do que um esforço coletivo de buscar e expressar o reconhecimento de “identidades” sociais contra os supostos riscos de sua “perda”. É provável que esteja em jogo um trabalho coletivo de mediar e equilibrar contradições em nosso modo contemporâneo de representar o tempo, uma concepção na qual o futuro já não brilha como o foco das esperanças utópicas, e o passado é preservado ou reconstruído na vã expectativa de parar o tempo. (GONÇALVES, 2015, p.218)

Medidas de salvaguardo acabam sendo paliativas frente ao descaso com que esta memória é tratada. Todavia, elas representem uma chance de gerar ou estimular o interesse e a identificação dos visitantes com o Hospital e as vidas dos diferentes atores desta trama. O processo de permanência ou não desta história enquanto um legado para as gerações futuras irá depender das ações tomadas no presente. Prats (2005) fala que nosso verdadeiro patrimônio é reflexo da acumulação da experiência cultural humana

[...] en toda su profundidad y diversidad y es una herencia irrenunciable [...] esta herencia por su propia naturaleza, no se puede conservar, ni se puede conservar de ella un conocimiento razonablemente completo, ni siquiera se pueden establecer criterios

preferenciales en este sentido que no atenten contra su complejidad. (PRATS, 2005, p.23)

Creio que, mesmo com a inevitabilidade da perda, devemos considerar que “[...] é possível pensar o patrimônio não apenas como algo situado num tempo ou num espaço distante e inalcançável, mas também como um processo presente, incessante, conflituoso e interminável de reconstrução.” (GONÇALVES, 2015, p.220). Talvez, mesmo com os processos de perda e esquecimento ocorrendo sem possibilidade de serem parados ou retrocederem, este desaparecimento total nunca seja possível, posto que as ressonâncias são incalculáveis. Talvez nós só possamos dizer o que de fato é patrimônio ou não após este processo de perda, pois com os restos estariam os aspectos mais valorizados e que fazem sentido através dos processos de reconstrução e reapropriação da memória, identidade, cultura e patrimônio. Porém, devemos nos questionar, sempre em relação ao presente, sobre o que está sendo feito deste local, suas histórias e o que está sendo transmitido através de seus sociotransmissores. Tendo em vista que o Memorial, como parte de um processo de patrimonialização, apresenta limitações, conflitos e disputas de perspectivas sobre os diferentes focos de uma mesma história.

A montagem de uma exposição pode ser comparada a organização que fazemos, por exemplo, na nossa cozinha, os utensílios estão colocados da forma com que os encontramos melhor, isso irá depender da criação de cada um, da cultura, da forma como associamos o uso destes objetos, ou seja, nossa carga subjetiva. Apesar de pensarmos que a forma como nós organizamos nossa cozinha é a melhor para encontrar e entender o uso destes itens, nem sempre outra pessoa – no caso de uma exposição o visitante – irá compreender essa organização da mesma forma. Sendo assim, várias vezes temos que explicar onde as coisas estão, tentando compartilhar a lógica usada para esta organização. Este exemplo simples explica a necessidade de elementos de mediação entre o público e todos os elementos da montagem expográfica. A interpretação que cada pessoa terá em uma exposição será diferente, deste modo, devemos compreender que minha análise, mesmo que com traços objetivos, também depende da forma como eu organizo minha própria “cozinha”.

Sob esta perspectiva é interessante compreender os dois organizadores do Memorial, sendo eles o senhor Marco que é também artista plástico, e a enfermeira Rita, que tem um grande interesse e conhecimento na área da hansenologia. Percebemos que “Cada exposição representa, ainda, aspectos da visão de um mundo dos grupos sociais aos quais se refere, expressando, em linguagem direta ou metafórica, os valores e traços culturais desses grupos.” (SCHEINER, 2002, p. 97). O que corrobora com o problema proposto de perceber a narrativa

construída através das escolhas expográficas do Memorial, levando em consideração que o que este espaço de memória apresenta são objetos que representam uma história a partir de um determinado recorte, porém elas são formadas por diversos autores e podem ser contadas segundo muitas perspectivas diferentes.

É importante considerar que o espaço de memória destinado a exposição e salvaguarda de objetos e documentos vinculados à história do Hospital Colônia Itapuã não é um museu, considerando este como “[...] uma *instituição* a serviço da *sociedade* e de seu desenvolvimento” (DESVALLÉES; MAIRESSE, 2013, p.22, Grifo dos autores) que realiza as funções de pesquisa, preservação e comunicação de um acervo. Deste modo, compreendemos que:

Um museu é constituído quando há um acervo reconhecido, materializado num livro tomo e contemplado com um conceito de gestão. O memorial, assim, na perspectiva que acolhemos, é uma proposta de lidar com a memória sem necessariamente vinculá-la a um acervo, seja objetual, artístico, documental, imagético. (AXT, 2012, p.66)

Partindo desta perspectiva em um memorial não haveria necessidade de um acervo, de um espaço expositivo, nem de documentação. No caso do Memorial HCI, ele possui um vasto acervo – com objetos-testemunho, fotografias, documentos, móveis, vestuário, entre outros –, uma ampla exposição, em dois andares, que faz uso de cenografia e textos expositivos. Todavia, ao considerarmos que a documentação sobre ao acervo exposto não existe, percebemos que essas materialidades não se tornam documentos institucionais, já que não há estudo ou levantamento sobre elas.

Quanto ao entendimento do espaço de memória do HCI como um memorial e não museu, Jorge Barcellos (1999) aponta duas variantes as quais vemos comumente associado o conceito de memorial: palco de homenagem, instituições que se assemelham a museus, sendo “tributo” a uma personalidade ou tema; centro cultural, que “Levam o nome de memorial, mas em realidade, são o cenário para as mais diferentes atividades culturais, da música as artes plásticas [...]” (BARCELLOS, 1999, doc. eletr.). Após esta colocação o autor afirma que: “No meio campo entre museu e centro cultural, o memorial não tem uma identidade definida conceitualmente, aparecendo e diluindo suas funções ao sabor das administrações.” (BARCELLOS, 1999, doc. eletr.).

No caso estudado nesta dissertação uma das hipóteses é que o Memorial HCI poderia ser considerado museu a partir do momento em que apresenta acervo, entretanto, sem o uso de documentação e políticas de salvaguarda, acaba por ser denominado memorial. Barcellos

(1999) sugere um interessante elemento de conceituação sobre instituições com esta denominação, posto que:

[...] ao tudo indica, é em *memorialis* a raiz de memorial, com os significados de *registro que auxilia a memória*. [...] Arrisco a interpretação de que o que o conceito atual de Memorial preserva - ou deve preservar - para não sofrer o risco de descaracterizar-se na origem, é de que é uma escritura, uma memória institucional, formal, burocrática – se preferirem – o objeto fundamental de um memorial, seja ela qual for. (BARCELLOS, 1999, doc. eletr. Grifo do autor).

Sendo assim, o conceito de memorial estaria vinculado a um registro oficial do passado, aspecto que mais uma vez podemos vincular também aos museus. O autor delimita melhor o conceito ao escrever que “[...] ainda que possamos dizer que um memorial “adquire, comunica e expõe – como qualquer museu - para fins de estudo e educação - não se tratam dos testemunhos em geral, mas de *testemunhos específicos*.” (BARCELLOS, 1999, doc. eletr. Grifo do autor). Todavia, se nos atermos a ideia de que o memorial quando apresenta objetos o faz com fins específicos, institucionais, com uma história focal, podemos dizer que há diversos elementos na exposição do Memorial HCI que não deveriam estar lá, como as peças e histórias de pessoas externas à instituição. Um aspecto limitador desta perspectiva é a de que ela dá margem a ideia de que o museu seria responsável por objetos e exposições mais genéricas e gerais, o que excluiria museu com temáticas específicas. Outra perspectiva sobre o assunto é apresentada por Adler Homero Fonseca de Castro (2006), ele observa que:

[...] *qualquer entidade que trabalhe no sentido de preservação com testemunhos materiais pode ser vista como um museu. Mesmo um memorial que só trabalhe com testemunhos "imateriais" (registros de práticas, entrevistas, gravações audiovisuais, etc) pode ser vista como um museu, já que os registros em si (as transcrições, fitas, CDs, etc, enquanto bens materiais), formam os bens materiais que transformam o memorial em um museu.* (CASTRO, 2006, doc. eletr. Grifo do autor)

Seguindo esta lógica o Memorial HCI seria um museu, ainda que não preenchesse todos os critérios legais. Ainda sobre essa temática de distinção entre tipologias de espaços de memória, há a Lei nº 11.904 (BRASIL, 2009) que institui o Estatuto de Museus, ela apresenta a seguinte definição:

Art. 1º Consideram-se museus, para os efeitos desta Lei, as instituições sem fins lucrativos que conservam, investigam, comunicam, interpretam e expõem, para fins de preservação, estudo, pesquisa, educação, contemplação e turismo, conjuntos e coleções de valor histórico, artístico, científico, técnico ou de qualquer outra natureza

cultural, abertas ao público, a serviço da sociedade e de seu desenvolvimento. (BRASIL, 2009, p.1)

Posterior a esta definição, no mesmo documento, encontra-se a citação de uma distinção, observando que: “São consideradas coleções visitáveis os conjuntos de bens culturais conservados por uma pessoa física ou jurídica, que não apresentem as características previstas no art. 1º desta Lei, e que sejam abertos à visitação, ainda que esporadicamente.” (BRASIL, 2009, p.2). Considerando que o Memorial HCI se aplica a definição apontada no artigo citado anteriormente, não sendo enquadrado apenas como uma coleção visitável, poderíamos considerá-lo como uma instituição de caráter museológico.

Desta forma, apesar do esforço metodológico em se perceber uma diferenciação entre museus e memoriais nota-se que tal linha de separação ainda é muito tênue e, possivelmente, demandaria um empenho e aprofundamento maior do que essa dissertação se propõe para compreendê-la. Porém, observamos que ainda que existam tais diferenças, não há na esfera científica formas distintas para a avaliação de uma exposição que não seja através do uso de conceitos da Museologia.

A partir desta perspectiva constata-se que a falta de políticas de pesquisa e documentação do acervo do Memorial HCI pode acarretar uma grande perda informacional com o passar dos anos, tendo em vista que muitas das histórias transmitidas durante as mediações não estão disponíveis em outros suportes, deste modo, notamos uma certa preocupação por parte dos organizadores para que esta medida seja tomada no futuro. Fato este que pode ser percebido em um trecho da entrevista realizada com o senhor Marco e a senhora Rita em 2015, na qual ele comenta que:

MARCO - [...] eu queria saber como eu posso catalogar [...] existe o Livro Tombo, mas eu estou em 2015, eu não quero pegar o Livro Tombo [...] eu quero uma coisa moderna [...] existe dentro da museologia para eu usar um sistema de informática? Para chegar e dizer assim: Lázaro, boneco, plástico, cabelos, peruca, barba, com defeitos, tudo isso e “pápápá” [...] Mas assim, eu não sei fazer isso! Mas, eu trabalhei no museu de Antropologia, trabalhei no museu de Arte, trabalhei no Júlio de Castilhos, trabalhei naquele outro que tem ali, tudo porque fui emprestado. Então eu trabalhava um pouco em um, um pouco em outro, um pouco em um, um pouco em outro. Então o que que acontece, eu tenho um objeto, eu descubro o nome dele, mas como é que que eu, entendeu? Vou dar um exemplo: me deram uma agulha cumprida, e aqui tem um buraco. Eu disse: “O que que é isso?” A pessoa me deu o nome do objeto que tu enfia [sic] em um saco para tirar grãos. [...] não sei se usam isso, mas aquilo tem nome, mas é como é que eu faço isso? E se faz: 01, 02, 03, 04, 05? Não sei como é que se faz!

HELENA – É que vocês precisavam de alguém trabalhando lá em tempo integral, porque isso é muito...

MARCO – Só que tem uma coisa meu anjo, eu não tenho essa pessoa, mas eu quero fazer isso, só que eu não sei como fazer, o dia que eu souber como se faz eu acho uma

pessoa, ou eu mesmo vou fazer. Aí eu pego a Rita, digo: “Rita, tema para casa, pega esta sala, bota uma etiquetinha”. Porque aí a gente vai dizer: mesa de consultório, cadeira de consultório [...] eu quero tombar isso identificando. Mas como é que eu identifico aquela sala? [...] Medida, um objeto, como é que eu faço a medida dele, a largura? Eu preciso ter altura, medida, largura, sim, eu não sei fazer isso, eu não sou museólogo. [...] eu quero tombar isso no sentido de um computador, eu não queria ter um livro [...] eu preciso ter um caminho, não adianta alguém chegar para mim: é tu tens que catalogar, tu tens que fazer um livro tombo. Como é que eu começo um livro? Vai lá no museu e procura? Eu preciso de uma pessoa que me dê essas coordenadas. (LUCAORA, 2015, inf. verb.)

Percebendo a preocupação por parte dos organizadores do Memorial com a documentação e registro dos bens que estão em posse desta instituição, além de alguns “deslizes” em entrevistas ou mesmo em um texto expositivo denominando o ambiente como museu, poderíamos nos questionar: por qual motivo o espaço de memória do HCI é denominado Memorial e não Museu? Possivelmente, a razão esteja relacionada a algumas medidas e responsabilidades que seriam necessárias caso se optasse pelo uso do termo museu. Entre elas a necessidade da criação de um sistema de documentação e catalogação, a preocupação com medidas de conservação e preservação do acervo, assim como o replanejamento do próprio espaço expositivo e da criação de uma reserva técnica, devido à grande quantidade de objetos expostos.

Tendo em vista que os organizadores afirmam ter diversos termos de autorização para o uso de fotos e outros itens dos pacientes/moradores e que eles também buscam realizar um estudo de público, entregando questionários ao final das visitas, podemos dizer que já estão fazendo uso de ferramentas museológicas. Ángela García-Blanco (2009), afirma que:

La exposición no se puede considerar como un hecho aislado en relación con el museo, ya que no se puede exponer si previamente no se ha conservado y valorado lo que se va a exponer, lo cual implica en la mayoría de los casos una previa labor de colecta o acopio, conservación y estudio e investigación. Estas actividades constituyen la esencia y finalidad del museo [...] (GARCÍA-BLANCO, 2009, p.50)

Considerando esta afirmação, percebemos que há uma preocupação com as materialidades expostas que levam a sua conservação, seja por parte dos doadores, dos funcionários do HCI, do CEDOPE ou dos próprios organizadores do Memorial. A valorização dos objetos, acrescentado a eles relações com a imaterialidade e percebendo-os enquanto fonte de informação, são fatores que levam a sua coleta e pesquisa. Além disso, para que haja mediação, seja ela a partir de um mediador ou de textos e legendas, entre os bens materiais e o público é necessário antes um trabalho de estudo e investigação.

Pelo que podemos interpretar do que García-Blanco (2009) aponta sobre a essência e finalidade de um museu, o Memorial poderia ser considerado como um. Já que coleta acervo; conserva – mesmo sem uma política ou ferramentas apropriadas, fato que não difere muito de outros museus – resguardando os bens; estuda e investiga, a medida em que busca conversar e obter informações com funcionários e moradores, além da literatura específica.

Seguindo os aspectos apresentados proponho uma análise do Memorial HCI mais voltada para a Museologia, a fim de auxiliar a pensar as ações feitas por esta instituição e tendo em vista que a própria exposição de acervo é uma das funções do museu no que se refere a comunicação.

Creio ser interessante pensarmos uma frase de Japiassu, que comenta que: “O patrimônio cultural só é assimilado verdadeiramente por pensamentos pessoais, vontades de pensar, desejos de conhecer e criar.” (JAPIASSU, 2001, p.246). Deste modo, a imposição de um patrimônio muitas vezes leva ao descaso com o mesmo, pois este, falha em seu processo de identificação. É necessário conhecer para se identificar, por isso, preservar o HCI é dar uma chance a esta história de ser conhecida por gerações futuras que talvez se identifiquem ou não, mas que tenham esta oportunidade.

A memória, que é uma representação do passado feita em nosso presente, é organizada por escolhas, a fim de gerar um discurso unificador e formador de identidade, nesta relação há disputas políticas, memórias dos dominantes e dos oprimidos, entre outros embates. Desta forma o ato de lembrar significa ao mesmo tempo esquecer, pois para formar uma memória-identidade necessitamos esquecer aspectos que não sejam coesos com a imagem desejada. As reivindicações de “memórias esquecidas” são necessárias para que saibamos que não há uma visão homogênea do mundo e que as diferentes perspectivas nos mostram diversas verdades, ampliando a visão da humanidade.

Dentro desta perspectiva encontramos a ideia de espaços de memória como ambientes que poderiam suscitar a reflexão sobre um pensamento, teoricamente, homogêneo, despertando o interesse e a curiosidade sobre as outras versões de histórias que já conhecemos. Este trabalho representa a preservação de memórias, ao mesmo tempo em que também implícita no esquecimento, posto que este é fundamental para seleção e legitimação de escolhas que acabam representando os valores de uma sociedade. Dentro desta perspectiva as opções tomadas entre o que lembrar ou esquecer, demonstram o que seria mais importante de ser preservado socialmente, a partir da ótica de diferentes agentes que constroem uma narrativa oficial. No caso dos espaços de memória esta seleção estaria vinculada muitas vezes aos seus

organizadores, ou a missão ao qual o lugar se propõe, formulando assim um discurso institucional.

4 O TEATRO DAS SOBRAS

O intuito desse capítulo é compreender os objetos e as narrativas do HCI como “sobras”, pedaços não utilizados pela história oficial²⁴ e que são convenientemente esquecidos quando tratamos de patrimônio, posto que este muitas vezes é constituído como se o passado pudesse ser observado apenas por uma perspectiva hegemônica. Todavia, em algum momento, por diferentes fatores, surgiu o interesse em estudar e preservar este Hospital e as trajetórias de pessoas que foram isoladas ali. A partir desta “vontade de memória” são elaboradas pesquisas que trazem as informações que vão gerar narrativas sobre essa história, como é o caso do Memorial HCI, por exemplo. Contudo, dentro de uma exposição, muitas vezes, estamos mostrando o resultado destas iniciativas, sem perceber que elas também se referem a interpretações de pessoas que emitem um discurso. Seguindo esta linha de raciocínio abordamos aqui a ideia de “teatro das sobras” como sendo uma forma de transmitir ao visitante uma representação do passado com base nestes restos de histórias coletadas.

Considerando que a exposição é um meio de comunicação, nesta pesquisa o emissor é percebido como sendo a narrativa criada pelo Memorial HCI em suas escolhas expográficas, tendo em vista o uso da materialidade influenciada pela organização espacial e discursiva que é elaborada. O receptor é o público, que assiste e interage nas visitas realizadas, percebendo esta performance museal²⁵ de variadas maneiras. No caso do espaço de memória estudado seria válido compreender também os interesses específicos dos visitantes, posto que este não é um local de fácil acesso, nem um tema amplamente divulgado. Entretanto, com a impossibilidade de realizar um estudo de público que pudesse ser amplo o suficiente para compreender os diferentes grupos e objetivos que levam estas pessoas ao HCI, foi necessária adaptar e “criar” uma metodologia para esta pesquisa. Sendo assim, a análise se tornou um estudo de interpretações pessoais que também são moldadas por camadas de subjetividades e interesses particulares.

²⁴ Compreendendo o conceito de história oficial como: “[...] a historiografia produzida visando a defesa dos interesses tanto de um governante quanto de uma autoridade religiosa, de uma corporação urbana etc. [...] é um instrumento que visa divulgar uma imagem positiva daqueles nela interessados [...]” (KAGAN, 1995 *apud* SILVEIRA, 2011, p. 339).

²⁵ Conceito de Bruno Brulon Soares (2012b), que considera museus e teatro como análogos, nos quais são realizados novos arranjos das coisas da realidade, rerepresentando o real. O autor aponta que “[...] a performance foi definida por ser geralmente ordenada por uma estrutura dramática, um enredo que confere sentido e dá vida aos códigos comunicativos interdependentes de um grupo social.” (SOARES, 2012b, p.195). Mais informações em: SOARES, Bruno Brulon. Entre o Reflexo e a Reflexão: Por Detrás das Cortinas da Performance Museal. In: *Documentos de trabalho do 21º Encontro Regional do ICOFOM LAM 2012*. Petrópolis, Nov/ 2012b. P. 192 – 204.

As “sobras” muitas vezes são os objetos, os fragmentos de trajetórias deixados pela história oficial que é “consumida”. Segundo Debary “Le reste abandonné, le déchet, implique la circulation, le mouvement. Le reste comme déchet dérange dans sa persistance à être encore, à demeurer.”²⁶ (DEBARY, 2016, p.05). O HCI torna-se um exemplo disso no momento em que o consideramos enquanto um local cuja função, muitas vezes, é o esquecimento – posto que as pessoas internadas eram isoladas de diversas formas. Entretanto, este local passa, em um determinado momento, a representar um patrimônio histórico e arquitetônico reconhecido em termos de uma história oficial.

A ideia de teatro das sobras refere-se a perspectiva de trazer estes “restos” para contar através da performance museal uma narrativa sobre as vidas afetadas pela existência do HCI e a história desta instituição. Dentro desta “encenação” – posto que, ao expormos um tema não tratamos dele em si, mas de uma representação do mesmo – cria-se um discurso institucional que pode ou não corroborar com outras perceptivas. Sendo um Memorial criado por funcionários públicos e mantido por interesses do Estado ele passa a compor uma história oficial e gerar uma versão que poderá ser considerada como fidedigna deste passado. Estes fragmentos de narrativas pessoais ganham um papel enquanto “atores” que falam sobre o passado, sendo posicionais e visualizados de acordo com a vontade dos organizadores e mediadores do espaço, eles tomam o papel de “roteiristas” e “diretores” conduzindo o olhar do visitante a determinados aspectos em detrimento de outros.

Criado com o intuito de proteger os sãos e “esconder” os doentes – que muitas vezes eram pessoas que viviam à margem da sociedade – o HCI recebia aqueles que “sobraram”, no sentido de não se encaixar, dentro de um mundo idealizado. Ao considerarmos que um dos maiores impactos da hanseníase está vinculado a estética, chama a atenção o fato da doença não causar a morte de seu portador, que persiste vivo mesmo passando por um processo de deformação. Sendo assim, essas histórias e vidas permaneceram e isto, em minha análise, é o que levou ao reconhecimento de sua importância. Considerando que:

[...] El patrimonio está formado por objetos que permanecen a pesar del paso del tiempo, sea en uso, sea en un museo; y ya que el paso del tiempo es la esencia de la historia, es interesante en cierto sentido contemplar al patrimonio como los objetos de la historia. Estos son una materialización de la historia; en otras palabras, son algo así como historia materializada. (HERNÁNDEZ; TRESSERAS, 2007, p.14).

²⁶ “O resto abandonado, o dejetto, implica na circulação, no movimento. O resto como dejetto incomoda com sua persistência a ser ainda, a permanecer.” (DEBARY, 2016, p.05, Tradução nossa).

A ideia da materialização de uma história é muito interessante, pois os objetos, a materialidade, expostos no Memorial HCI e que resiste nas estruturas do Hospital, hoje, transformam-se em grande parte na prova da existência destas pessoas, considerando o distanciamento imposto entre os pacientes e a sociedade. A discussão sobre a cultura material é de grande valia considerando a história do HCI e da doença hanseníase, as vidas marcadas pela exclusão e retirada de direitos, com a elaboração de um espaço de memória que visa apresentar estes temas, notamos que o que é exposto são os restos destas trajetórias. Os objetos utilizados são elementos de uma narrativa que conecta os diversos temas apresentados, contudo, a este contexto estão associados outros fatores, como a relação entre sujeito e objeto, o papel das coleções e dos museus na elaboração de uma simbologia associada ao poder e às especificidades deste espaço de memória.

Para compreendermos a importância da cultura material devemos perceber que desde os primórdios da humanidade, o ser humano tenta reconstituir o que sente, pensa ou vivenciam. Podemos ver esta necessidade de expressão nas pinturas rupestres, em rituais, cerimônias, na criação de monumentos e objetos, e mesmo na necessidade de comunicação, que vai além da sobrevivência e está vinculada ao ato de compartilhar o mundo em nossa mente. Pomian (1984) comenta a existência da linguagem enquanto mecanismo de relação entre o visível e o invisível, colocando que “A necessidade de assegurar a comunicação linguística entre as gerações seguintes acaba por transmitir aos jovens o saber dos velhos [...] um conjunto de enunciados que falam daquilo que os jovens nunca viram e que talvez jamais verão.” (POMIAN, 1984, p.68). Diante desta perspectiva poderíamos perceber que a relação do homem com a materialidade constitui-se quase que naturalmente, à medida que interagimos com o que nos cerca e aprendemos a fazer uso disso a materialidade torna-se também um mecanismo de expressão e comunicação. Dohman (2013) comenta que:

A fabricação de objetos, bem como seu manuseio diário constitui parte substancial da odisseia humana, na medida em que esta relação com os artefatos estabelece o grande diferencial com o restante dos animais, que além de determinar a espécie dominante do mundo, passa a ser o legado físico que registra sua história. (DOHMAN, 2013, p.32)

Com o desenvolvimento histórico e social da humanidade os objetos passam a simbolizar algo que está no mundo das ideias, que, por sua vez, se forma a partir de nossa vivência em sociedade e como representantes da cultura na qual estamos inseridos. Se, em um primeiro momento, o objeto é vinculado a uma utilidade prática, como, por exemplo, a criação de pontas de lança para caça ou da cerâmica para uso doméstico, esta mesma materialidade

passa a adquirir função simbólica, como é o caso de urnas funerárias, feitas da mesma matéria-prima que vasos. Pomian (1984) aponta para a distinção entre as *coisas* e os *semióforos*, o primeiro grupo está vinculado ao uso prático dos objetos, no segundo grupo estão itens que “[...] representam o invisível, são *dotados de um significado*; não sendo manipulados, mas expostos ao olhar, não sofrem usura.” (POMIAN, 1984, p.71, Grifo do autor).

Uma materialidade adquire mais de um sentido, dentro disso, ainda são adicionados valores como “status social”, espiritualidade, e a relação entre culturas, sendo que, um objeto pode ter um determinado sentido quando inserido em um contexto social e não ser apropriado da mesma forma em outro. Sendo assim:

O semióforo desvela seu significado quando se expõe ao olhar. [...] acede à plenitude do seu ser semióforo quando se torna uma peça de celebração; [...] a utilidade e o significado são reciprocamente exclusivos: quanto mais carga de significado tem um objecto, menos utilidade tem, e vice-versa. (POMIAN, 1984, p.72)

Enquanto seres humanos elaboramos ao longo de nosso desenvolvimento histórico e social uma relação única com as coisas, ao ponto em que elas são sacralizadas e as cultuamos como se delas dependêssemos e não ao contrário. Mas, quem poderia dizer o que depende do quê? Apesar de nós criarmos objetos e dominarmos, por assim dizer, o mundo material, nossa existência é finita e o que resta ao fim não é nossa materialidade. Talvez, seja desta relação entre visível e invisível, permanência e finitude, que desenvolvemos um certo complexo de codependência com o mundo material, levando em conta que quando passamos a existir a materialidade já estava aqui e quando deixarmos de existir ela permanecerá.

Ao considerarmos o fator de resistência ao tempo poderíamos dizer que de fato o culto à materialidade faz muito sentido, pois ao compararmos nossas existências à de uma árvore, uma montanha ou um grão de areia no mar, perceberemos que estes estiveram e permanecerão no mundo muito mais do que nós. Por mais que nossa matéria seja transformada e não desapareça completamente do universo, a existência individual, o ser que sou agora, não existirá mais, ao passo que uma cerâmica feita de barro pode permanecer por muitas gerações. Mendoza (2005) comenta que: “[...] quien guarda algo em realidad no lo guarda sólo para sí y para su propia memoria, sino que, potencialmente, lo guarda para cualquier otro sujeto capaz de comprender – en el futuro – el sentido de ese objeto.” (MENDOZA, 2005, p.219).

A relação de codependência entre o homem e os objetos se estabelece a medida em que o homem, que cria os objetos, passa a ver nele uma face invisível, e que estes começam a ser percebidos enquanto representantes de sua história, por conservar-se por mais tempo que seus

criadores. Talvez, possamos dizer que nos apegamos aos objetos porque eles permanecem e o medo da morte nos faz invejá-los, por isso mantemos nossas vidas conectadas à materialidade, na esperança que um pouco de nós vivencie a imortalidade. Guarnieri (2010b) comenta que:

Essa historicidade do Homem, de que ele se faz cada vez mais consciente ao mesmo tempo em que conhece sua finitude, leva-o a aspirar sua transcendência; essa transcendência que ele só irá encontrar no sonho que arquitetou, na ciência que produziu, no artefato que logrou construir, na compreensão que deu aos objetos do mundo ao redor, naturais ou modificados pelo seu trabalho, esse registro, esse trabalho irão agasalhar-se nos museus, sob a forma de objetos e artefatos, marcando a perenidade da ação e da inteligência compreensiva e modificadora do Homem, aquilo que marca a sua transcendência e redime sua finitude. (GUARNIERI [1979], 2010b, p.85)

Nosso apego a vida nos leva a consciência de que nosso tempo é fugaz, sendo assim, tanto artífices como “possuidores” querem, de alguma forma, romper as barreiras do tempo e chegar ao futuro. Nossa ânsia de imprimir uma marca no mundo que nos cerca faz com que nos vejamos incapazes perante a grandiosidade da natureza, assim, através da dominação de elementos desta, transformamos matéria em objetos e depositamos neles nossas crenças e emoções na esperança de que eles possam permanecer como um híbrido entre o ser que fomos e o mundo que nos consome.

Há nesta relação entre a humanidade e o mundo material alguns fatores que entrecruzaram este caminho, entre eles a ideia de patrimônio e a criação de museus, que não deixam de ser, espaços onde expomos estes bens. O patrimônio representa um elo entre passado e presente, e, muitas vezes, este vínculo ocorre por meio do bem material, considerando que ele tem mais resistência ao tempo. Este conceito está impermeado por processos de dominação, legitimação e esquecimentos de histórias, pessoas e culturas, e os museus são um reflexo disto, além de desempenhar um papel em busca da geração de uma “homogenia de memórias”. Dentro desta perspectiva o museu encena um trabalho para o reforço de uma identidade e a construção de uma história “única”, Maria Cristina Oliveira Bruno aponta que: “[...] os museus são lugares da memorização, tanto quanto do esquecimento; são orientados para a consagração, valorização e preservação da herança patrimonial, mas também evidenciam preconceitos e dogmas [...]” (BRUNO, 2006, p.121).

Os museus são produto de uma cultura que liga a materialidade, o objeto, à uma cultura de poder. Alguns pontos quanto à história dos museus são recorrentes em diversos trabalhos, sendo elementos-chave para compreendermos como foi forjada a visão atual que temos sobre estas instituições. Segundo Bruno “[...] atitudes de observar, selecionar, valorizar, expor e

guardar distinguem as sociedades humanas há milênios, dando origem às ações do colecionismo que, por sua vez, permearam as rotas que levaram ao surgimento dos museus.” (BRUNO, 2006, p.123).

A origem do termo museu está vinculada a palavra grega *mouseion*, designado para se referir ao templo das musas²⁷. Na mitologia grega elas são filhas da titânide *Mnemosine* (deusa da memória), sendo assim, poderíamos dizer que os museus seriam os espaços onde os frutos da memória habitam? Mário Chagas (2002) comenta que:

As musas [...] foram geradas a partir da união celebrada entre Zeus (identificado com o poder) e Mnemósine (identificada com a memória). [...] os museus vinculados às musas por herança materna (matrimônio) são “lugares de memória”; mas por herança paterna (patrimônio) são configurações e dispositivos de poder. Assim, os museus são a um só tempo: herdeiros de memória e de poder. (CHAGAS, 2002, p.62)

Poderíamos então considerar os museus como representantes de uma memória que buscou, em diversos momentos, ser unificadora, dominando, selecionando e esquecendo. Sendo um local no qual se expõem histórias e objetos, que podem ou não representar diversas camadas da sociedade, mas que exercem determinado poder de “verdade” sobre esta. O mesmo autor comenta sobre a dualidade desta instituição, considerando que “[...] os museus podem ser espaços celebrativos da memória do poder ou equipamentos interessados em trabalhar com o poder da memória.” (CHAGAS, 2002, p.62). Pelo que se percebe, historicamente estes locais estão associados a memória do poder, contudo, notamos iniciativas que buscam abordar o poder da memória nestes espaços.

Nos anos oitenta grupos étnicos e sociais “[...] passaram a ser incorporados pelo discurso e pela prática preservacionista, não apenas como objetos de estudo, mas como produtores de cultura e sujeitos da história.” (JULIÃO, 2006, p.24). Com o movimento da Nova Museologia, que ocorre na mesma década, são apresentadas novas perspectivas para os museus, considerando este como:

[...] a expressão da mudança prática no papel social do museu, sendo também uma estruturação de valores [...] O novo Museu proposto se coloca como um fenômeno social, ampliando a sua ação que não se restringe mais à esfera da preservação da cultura, e se tornando, igualmente, gerador de conhecimento [...] comprometido com o desenvolvimento social, ele ganha a forma e a face de seus usuários. (SOARES, 2012a, p.61)

²⁷ As musas são: Calíope (musa da eloquência), Clío (musa da história), Érato (musa da poesia lírica), Euterpe (musa da música), Melpômene (musa da tragédia), Polímnia (musa da poesia sagrada), Terpsícore (musa da dança), Talia (musa da comédia) e Urânia (musa da astronomia).

Estas novas formas de percebermos os museus e os sujeitos que podem ser representados por estas instituições é o que possibilita, de certa forma, a existência de um memorial sobre o HCI e mesmo a preocupação com a preservação das histórias de seus moradores. Todavia, sobre as novas perspectivas museológicas Santos (1996) aponta que:

O discurso da modernidade é uma falácia para a maioria dos museus brasileiros que, nos moldes do antigo Museu Histórico Nacional, de Gustavo Barroso, preserva o acervo de uma elite, apresenta um nacional sem conflito, cumpre o seu papel como suporte necessário a preservação de uma identidade nacional, desempenhando, assim, a “função anestésica” de preservação do patrimônio [...] (SANTOS, 1996, p.33)

Não há uma linearidade perante a forma como os processos de transformação da teoria museológica são aplicados, podemos ter museus que representam diferentes formas de pensar seu papel na sociedade coexistindo em um mesmo contexto social e temporal. Porém, percebemos que desde o seu nascimento o museu aparece vinculado a ideia de ser um local aberto ao público, mesmo que no princípio este acesso fosse restrito as elites, a exposição de bens materiais sempre pareceu ser um foco, possibilitando uma “troca de olhares” entre homem e objeto, criador e criatura, visível e invisível, o efêmero e a eternidade. Talvez, como uma espécie de autoadmiração e reconhecimento o homem colecionou e preservou partes do mundo material que o cercava e aos quais ele atribuiu novas formas e significados. Pomian apresenta a seguinte reflexão:

Exatamente porque o museu é um depósito de tudo aquilo que de perto ou de longe está ligado à história nacional, os objectos que aí se encontram devem ser acessíveis a todos; e pela mesma razão devem ser preservados. Saídos do invisível, é para lá que devem voltar. Mas o invisível ao qual estão destinados não é o mesmo de onde são originários. Situa-se algures no tempo. Opõe-se ao passado, ao escondido e ao longínquo que não pode ser representado por objecto algum. Esse invisível que não se deixa atingir senão na e através da linguagem é o futuro. Ao colocar objectos nos museus expõem-se ao olhar não só do presente mas também das gerações futuras, como dantes se expunham outros ao dos deuses. (POMIAN, 1984, p.84)

Sendo assim, os museus apresentam um legado histórico, vinculando o hoje e o amanhã, e dentro desta trama o objeto torna-se “porta-voz” de uma imaterialidade. As relações de poder, construídas nos primórdios da instituição museal, ainda são fantasmas que rondam a eleição de objetos, a formulação de discursos e a montagem de exposições; o público ainda se vê como um visitante inoportuno e “verdades” ainda são transmitidas. O museu, o patrimônio e a sociedade encontram-se em constante processo de construção e reconstrução, a única certeza

que possuímos é a eterna incerteza quanto ao futuro e por esse motivo reconhecemos uma grande vontade de permanecer.

Observamos que a existência humana constrói uma relação com a materialidade inserindo na mesma um valor intangível, que pode ser percebido de diferentes formas e usos. A partir disso selecionamos e guardamos, com essa acumulação colocamos tais elementos em locais específicos. A ideia de civilização vai também trazer a necessidade da valorização do passado e da memória, contudo ele passa a ser legitimado através das elites. A medida em a ideia de público é inserida abrem-se os horizontes deste colecionismo. Entretanto a dominação europeia leva a representações limitadas de outros povos e culturas, sendo que é esta mesma visão preconceituosa que gera o patrimônio dos povos colonizados. Atualmente buscamos uma pluralidade maior de representações, mas os vestígios destas seleções não podem ser apagados. Percebemos, mesmo que sutilmente, a ideia do exótico muito presente não apenas em nossas exposições, assim como a construção de uma história oficial e a escolha de elementos expográficos que mencionam personagens e instituições de poder. A ideia de trazer diversas versões do passado é muito complexa e requer um trabalho constante de revisão e reformulação. A crítica e a participação tornam-se de extrema importância para trazer novos olhares as representações realizadas.

Percebemos que a exposição é o meio de comunicação entre o museu e a comunidade na qual ele está inserido. Scheiner (2002) afirma que o museu é:

[...] uma poderosa construção sógnica, que se constitui e institui a partir de percepções identitárias, utilizando os jogos de memória e expressando-se sob as mais diferentes formas, no tempo e no espaço. [...] Mais do que representação, **o Museu será portanto criador de sentidos, na relação:** dos sentidos que percolam essas sensações, atos e experiências. E é desses sentidos que o Museu constrói o seu discurso, veiculado para a sociedade essencialmente através da exposição. (SCHEINER, 2002, p. 96, Grifo do autor.).

Desta forma, observamos que todo o ambiente expositivo é montado de acordo com uma visão e objetivando uma determinada mensagem. Dentro deste contexto um objeto é mais do que um simples bem tangível, ele é a representação de uma história, que será contada de acordo com as escolhas entre o que deverá ser lembrado ou esquecido.

Considerando que a representação é compreendida como: “[...] o instrumento de um conhecimento mediato que revela um objeto ausente, substituindo-o por uma “imagem” capaz de trazê-lo à memória e “pintá-lo” como é.” (CHARTIER, 2002, p.74). Os itens expostos falam mais do que sua materialidade expressa, eles fazem presente uma imaterialidade vinculada ao

seu contexto, por exemplo. Entendendo que: “Aquilo/aquele que se expõe - o representante - guarda relações de semelhança, significado e atributos que remetem ao oculto - o representado.”. (PESAVENTO, 2003, p. 40), cada escolha expográfica tende à formação de uma determinada narrativa que corrobora com o intuito do museu.

Após estas explanações sobre o vínculo entre a humanidade e a materialidade, que irá se estender na relação sujeito e objeto, e na criação de espaços expositivos, percebemos que nos focamos na conceituação do que significam as “sobras”, sendo assim, gostaria de retomar a ideia de teatro. Segundo Peixoto (1981):

[...] o teatro nasce no instante em que o homem primitivo coloca e tira sua máscara diante do espectador. Ou seja, quando existe consciência de que ocorre uma “simulação”, quando a representação cênica de um deus é aceita como tal: a divindade presente é um homem disfarçado. (PEIXOTO, 1981, p.15-16)

Tendo em vista que o que apresentamos nos museus não é a realidade ou o fato, mas uma leitura de acontecimentos rearranjados e organizados, muitas vezes, para compor uma linearidade que não existe, estamos “encenando” o passado. Bruno Brulon Soares (2012b) apresenta a perspectiva de uma performance museal, apontando que:

Nos museus, a analogia teatral foi por muito tempo utilizada para explicar a relação com o público. Museu e teatro são análogos no encontro que promovem. Em ambas as instâncias, a plateia espera ver o real, o autêntico, ainda que não em sua forma ‘banal’. O que é apresentado é um novo arranjo das coisas da realidade, no qual as coisas reais re-apresentam o real. (SOARES, 2012b, p.195)

Essa reapresentação do real perpassa por diversos fatores, entre eles os objetos. Debary (2015) aponta para: “[...] the idea that people are able to project a story onto these objects, these remnants of objects, with their traces and their past. People recognise that these objects have a past and that from this past, they can imagine a future for them.”. (DEBARY, 2015, p.128).²⁸ Deste modo, a relação com o objeto passa pela subjetividade que colocamos no bem material, o que imaginamos a partir dele, entra aí o papel da construção de uma narrativa através de escolhas expográficas que, até certo ponto, guiam o visitante e apresentam-lhe uma forma de imaginar o objeto, acrescentando também uma visão institucional. Soares (2012c) comenta que:

²⁸ “[...] a ideia de que as pessoas são capazes de projetar uma história nestes objetos, nestes restos de objetos, com seus traços e seu passado. Pessoas reconhecem que estes objetos têm um passado e a partir deste passado, podem imaginar um futuro para eles” (DEBARY, 2015, p.128, Tradução nossa).

Como no teatro, em que as máscaras instauram representações que são, simultaneamente, um personagem e um ator – sem que um exclua a existência do outro –, ou em um ritual em que os deuses e espíritos “descem” para possuir os dançarinos em transe, nos museus o público é confrontado com uma dupla presença: a do objeto exposto e a de sua representação enquanto aquilo que ele não é. Essa distância entre aquilo que o objeto é, e aquilo que ele não é (ou ‘finge’ ser) no contexto dos museus, é onde se insere a performance museal. Ao incorporar os objetos a um tipo específico de teatralidade, também conhecida como *musealidade*, os museus criam uma espécie de encenação, que funciona como uma continuidade imaginada, baseada no fato de que sentimentos e emoções são mais importantes na produção de autenticidade do que a própria materialidade das coisas. Nesta perspectiva, o autêntico é produzido através de métodos artificiais e ficcionais – e, por isso, ele pode também ser recriado. (SOARES, 2012c, p.12-13, Grifo do autor.)

Desta forma, a recriação de um passado é uma obra ficcional, no caso analisado, baseada em restos da história oficial. Considerando que para representar, tanto ator como espaços de memória, buscam em suas experiências com a realidade a fonte para gerar a comunicação com seu público, em uma exposição que visa mostrar a relação construída e a significância do Hospital Colônia Itapuã, o subjetivo estará sempre presente. Cabe então, descobrir qual é o discurso proposto através da narrativa construída por meio das escolhas expográficas realizadas.

A exposição é antes de tudo um mecanismo de comunicação, nela apresentamos todas as atividades desenvolvidas dentro da instituição museal. Essa comunicação se dá através da linguagem expográfica, a expografia, que pode ser constituída de objetos, mediação, textos, cenografia, entre outros aspectos que contribuem para a montagem de um ambiente e a transmissão de uma narrativa. Dentro desta observamos aspectos relacionados ao discurso museal, uma vez que o museu não apresenta o “real”, mas sim uma representação do mundo ao qual pertencemos e para isso faz seleções, exalta e esquece elementos.

Seguindo a ideia de uma “história oficial” que legitima uma versão do passado, percebemos que no ato de musealizar há também a criação de uma barreira. Por exemplo, a antiga máquina de costura de uma avó, já sem uso, que “até ontem” poderia estar na sala de estar de uma família sendo objeto de brincadeiras para os netos, ao ser levada ao museu ganha uma nova perspectiva de sua importância e necessidade de preservação. Ao mesmo tempo, ela perde o toque e o uso cotidiano que a levam a ser parte de uma memória construída constantemente. Quando vemos este mesmo objeto exposto em uma instituição, quase que automaticamente, lhe atribuímos um significado que não está vinculada as crianças que brincavam ou a avó que costurava, mas sim como elemento histórico que constrói o que foi o passado, não só de uma família, mas de muitas outras. Por isso, percebe-se que o ato de

musealização institui uma nova forma de pensar o patrimônio, associando-o muitas vezes a uma história oficial e não a pequenos grupos e suas peculiaridades.

Há uma aceitação das informações expostas em um museu, onde legitimamos a importância de uma materialidade, este ato pode ter relação com a performance exercida neste local. Schechner (2003) traz a ideia de comportamento restaurado, comentando que:

Comportamento restaurado é o processo chave de todo tipo de performance, no dia-a-dia, nas curas xamânicas, nas brincadeiras e nas artes. O comportamento restaurado existe no mundo real, como algo separado e independente de *mim*. Colocando isto em termos pessoais, o comportamento restaurado é – eu me comportando como se fosse outra pessoa, ou eu me comportando como me mandaram ou eu me comportando como aprendi. [...] A maioria das performances, cotidianas ou não, têm mais de um autor. Rituais, jogos e performances da vida diária são escritas por um ente coletivo Anônimo ou pela Tradição. Pessoas a quem se credita a criação de um jogo ou rito, geralmente, revelam ser sintetizadores, recombinaidores, compiladores ou editores de ações já praticadas anteriormente. (SCHECHNER, 2003, p. 33-34)

Deste modo, toda a performance é um acontecimento único, não por ser totalmente original, mas por ser um exercício de recombinações de comportamentos restaurados. Sendo assim, a performance museal é alterada de acordo com cada mediação e com cada percepção que fazemos sobre ela. Contudo isso não significa que não se baseia em algo do “real”, mesmo que não seja o esperado ela faz parte da existência humana e nesse sentido o que apresentamos no museu sempre será uma “verdade”, o que fazemos é um deslocamento de contexto, que possibilita novas e infinitas construções de discurso.

Schechner (2003) realiza uma distinção entre performances que fazem crer e performances que fazem crenças, colocando que “As performances do cotidiano fazem crenças – criando a própria realidade social que é encenada. Nas performances que fazem crer, a distinção entre o que é real e o que é faz-de-conta é sempre clara.” (SCHECHNER, 2003, p.42). Desta forma questiono se a performance que fazemos em espaços de memória faz crenças ou faz crer?

Acredito que nosso compromisso é com a segunda opção, pois um rearranjo de elementos e história é de certa forma um “faz de conta” para facilitar a representação de algo. Contudo o mesmo autor comenta que “Personalidades públicas costumam fazer crenças com relativa frequência – encenando efeitos que desejam que o público de suas performances aceitem como reais.” (SCHECHNER, 2003, p.42). Podemos perceber que sendo parte de uma instância pública os museus, bibliotecas, arquivos, monumentos, centros culturais, memoriais,

entre outros, acabam, pela relação com o poder que personificam, fazendo crenças. Sendo a institucionalização de um bem, por exemplo, a criação de uma “verdade”.

O museu permanece no imaginário popular como templo, onde os itens que apresenta estão sacralizados; teatro, onde pegamos elementos da vida real e cotidiano e os rerepresentamos ao público fazendo-o perceber sua realidade de novas formas; fato, onde há relação entre o museu e a legitimação de sua narrativa enquanto verdade. O que vemos em exposições não são mentiras, mas sim visões forjadas por alguns grupos sobre algo. Contudo, é necessário que o público seja estimulado a questionar o que vê, a fim de não unificarmos o conhecimento em um discurso, mas fazer com que haja uma troca que potencialize a percepção sobre o patrimônio musealizado. Por este motivo os capítulos que se seguem visam a exposição de opiniões particulares assim como uma troca entre pesquisador, instituição e leitor, fazendo com que questionemos elementos que muitas vezes não percebemos, os quais não buscamos refletir.

4.1 Como Perceber as Sobras? Métodos e Análises

Este subtítulo tem por intuito descrever as escolhas realizadas para a análise do Memorial HCI, colocando algumas considerações sobre as metodologias utilizadas e sobre aspectos que foram levados em consideração para a realização deste estudo. Incluindo também a descrição das visitas realizadas ao espaço de memória, a fim de facilitar a compreensão do leitor em relação ao que foi visto e como se originaram algumas percepções da autora.

Ao analisar o Memorial do HCI deve-se ter em conta que a narrativa expográfica é construída por pessoas que possuem sua própria carga de subjetividade e que isso pode ser um importante fator na escolha e percepção dos elementos que compõe a exposição. Considerando que: “Asociadas a los sitios de memoria coexisten narrativas plurales para dar cuenta del pasado a recordar, y esas versiones diversas compiten entre sí a la hora de establecer o, en el mejor de los casos, consensuar qué y cómo relatar de pasado.” (SCHINDEL, 2009, p. 69). Há nestes espaços uma seleção de elementos e de memórias que serão expostas e preservadas, sendo assim, ampliar a visão de uma determinada trajetória pode contribuir na criação de uma expografia que represente melhor a memória e a perspectiva de um grupo.

O ato de analisar uma representação – a exposição do Memorial HCI – tem por intuito, além de abarcar questões mais técnicas, vinculadas à teoria museológica, perceber como a identidade e a história, cujos elementos expográficos objetivam narrar, são construídos em um discurso institucional. Desta forma, a memória se faz essencial, pois é formadora de identidade,

perpassando em todos os processos expográficos, desde a montagem até a percepção que o público irá obter. Ela representa uma dança entre o que é real e o que tornamos real.

A patrimonialização de um espaço de exclusão como o HCI e a musealização de suas sobras representam uma tentativa de abranger histórias de grupos oprimidos por nossa sociedade. Contudo, talvez este mesmo exercício de oposição à uma história oficial quando institucionalizada, na forma de espaços de memória, possa acabar – através da seleção inevitável de percepções – apresentando um discurso que tente ser unificador e volte a representar uma visão restrita. Porém, é importante essa tentativa de visibilizar o excluído, representado neste caso pelos pacientes da instituição, para diversificarmos as versões existentes e buscarmos problematizar o passado, desta forma refletindo sobre nossas bases identitárias e percebendo as medidas tomadas no presente, que construirão o futuro.

Considera-se que a Museologia é “[...] a ciência do Museu e das suas relações com a sociedade; é também, a ciência que estuda a relação entre o Homem e o Objeto, ou o Artefato, tendo o Museu como cenário desse relacionamento.” (BRUNO, 2006, p.78). Com esta ciência formam-se diversas maneiras de perceber o espaço museal, a relação com a sociedade e a cultura material, sobre esta última Meneses comenta que:

Com efeito, o artefato neutro, asséptico, é ilusão, pelas múltiplas malhas de mediações internas e externas que o envolvem, no museu, desde os processos, sistemas e motivos de seleção (na coleta, nas diversificadas utilizações), passando pelas classificações, arranjos, combinações e disposições que tecem a exposição, até o caldo de cultura, as expectativas e valores dos visitantes e os referenciais dos meios de comunicação de massa, a *doxa* e os critérios epistemológicos na moda, sem esquecer aqueles das instituições que atuam na área, etc. etc. (MENESES, 1998, p.98)

Sendo assim, quando temos acesso a um objeto em uma exposição devemos compreender que ele já passou por uma série de seleções e reapropriações, percebe-se que “[...] remontar (museograficamente) ao passado é reinventar *um* passado, uma vez que dele guardam-se apenas restos.” (CHAGAS, 2002, p.66. Grifo do autor.). Estes restos estão presentes na materialidade dos edifícios e objetos, e na imaterialidade da informação, dos ritos, do discurso e das memórias.

Contudo, devemos considerar que não basta para um museu apenas salvaguardar uma memória, ele deve comunicá-la. A necessidade de expor é que o distingue de espaços de memória como arquivos e bibliotecas, e a exposição é o meio de comunicação entre o museu e a comunidade na qual ele está inserido. Roque (2010) afirma que: “Enquanto repositório de memórias, o museu só poderá exercer, em plenitude, a sua função patrimonial se proporcionar

o uso e o conhecimento de seus espólios, conferindo-lhes um novo sopro de vida.” (ROQUE, 2010, p.51).

Os objetos, textos, cenografia, assim como todo o ambiente expositivo é montado de acordo com uma visão e objetiva a construção de uma determinada narrativa. Dentro deste contexto um objeto é mais do que um simples bem tangível, ele é a representação de uma história, que será contada de acordo com as escolhas entre o que deverá ser lembrado ou esquecido, posto que:

[...] onde há memória há poder e onde há poder há exercício de construção de memória. Memória e poder exigem-se. O exercício do poder constitui “lugares de memória” que, por sua vez, são dotados de poder. [...] o jogo da memória e do poder está presente, e em consequência participam do jogo o esquecimento e a resistência. (CHAGAS, 2002, p.69)

Considerando nossa vontade de permanecer perante o medo da morte, a relação de codependência com o mundo material e a vontade de transmitir algo para as gerações futuras através do patrimônio, vemos a importância e a delicadeza com a qual uma exposição e um acervo devem ser tratados. A própria existência de um espaço de memória é uma via de legitimação e construção de uma história oficial que será transmitida e recordada, passará por transformações e reapropriações, porém, o cuidado com ela é essencial, para que não esqueçamos que antes de qualquer coisa estamos falando de pessoas. Dohman (2010) comenta que:

Entre coisas, troços e tralhas, o objeto atual confirma seu papel como uma extensão do homem, traduzido em objetividade externa ao ser, convertendo e consolidando-se como o instrumento material de sua existência e, em paralelo, sinalizando outro mundo permeado pelo sentido, no qual desperta o signo, sempre transformado no espetáculo de uma função. (DOHMAN, 2010, p.76)

Sendo assim, o Memorial HCI abriga objetos que estão vinculados as pessoas e por isso a importância de se abordar determinados temas e utilizar estes “restos humanos” com cuidado e respeito. Outro fator que merece nota é o uso de *banners* elaborados para uma exposição realizada em 2000, fruto do trabalho do CEDOPE, através deles podemos perceber que estão expostos elementos de diferentes iniciativas de salvaguarda que hoje convergem nesse espaço. Identificamos então que há elementos significativos que derivam de variadas formas de perceber este Hospital.

Deste modo o que é apresentado em um museu não é a verdade, mas uma representação, devemos compreender que ele representa o olhar de um determinado grupo sobre um acontecimento específico. O museu depende de um contexto, o de sua elaboração e da percepção de seu visitante. Uma exposição é subjetiva e assim como a arte leva a múltiplas interpretações. Dentro da ideia de uma análise expográfica não há uma “receita” para se seguir, por este motivo nesta pesquisa buscamos adaptar algumas metodologias, a fim de fazer com que o leitor pudesse compreender a linha de raciocínio que gerou as conclusões formuladas.

O que compreendo sobre o Memorial HCI deriva, além de pesquisa bibliográfica e documental, das **visitas** e **entrevistas** que realizei, do que consegui perceber das **materialidades** expostas, da análise dos **textos** expositivos, do que me recordo das **mediações** e de algumas informações que pude extrair do **público**. Como metodologia para analisar as materialidades e os textos do Memorial optou-se pelo uso da **análise de conteúdo (AC)** sendo esta:

[...] uma técnica de pesquisa que trabalha com a palavra, permitindo de forma prática e objetiva produzir inferências do conteúdo da comunicação de um texto replicáveis ao seu contexto social. Na AC o texto é um meio de expressão do sujeito, onde o analista busca categorizar as unidades de texto (palavras ou frases) que se repetem, inferindo uma expressão que as representem. (CAREGNATO; MUTTI, 2006, p. 682)

Ela traria a ideia de se ler e interpretar um conteúdo com o objetivo de codificar sua informação, no caso desta pesquisa a base da análise são as visitas, as entrevistas, as leituras realizadas e o que é exposto no Memorial. Com a AC é possível a criação de códigos e categorias, como, por exemplo, a identificação de nichos e eixos temáticos na exposição. A interpretação de dados pode ser quantitativa (frequência de características repetidas) e qualitativa (presença ou ausência de características no conteúdo).

Laurence Bardin (1977) coloca que “[...] A técnica de análise de conteúdo adequada ao domínio e ao objectivo pretendidos, tem que ser reinventada a cada momento [...]” (BARDIN, 1977, p.31). Deste modo, sua utilização para a compreensão de uma expografia torna-se uma construção de acordo com as peculiaridades percebidas ao longo da pesquisa. A autora também escreve que “A análise de conteúdo é um *conjunto de técnicas de análise das comunicações.*” (BARDIN, 1977, p.31. Grifo do autor), ele difere tal método da linguística apontando que “A linguística estabelece o manual do jogo da língua; a análise de conteúdo tenta compreender os jogadores ou o ambiente do jogo num momento determinado, com o contributo das partes observáveis.” (BARDIN, 1977, p.43). Esta descrição se aplica a análise em questão, tendo em

vista que os “jogadores” e o ambiente são peças fundamentais na criação e percepção de um espaço de memória.

Desta forma, a metodologia de AC se aplica muito bem a análise de uma exposição, posto que ela é mutável, pode ser adaptada a diferentes casos; trabalha com a criação de categorias como método de codificação dos dados; analisa as comunicações, sendo o ato de expor um meio de comunicação entre instituição e público; visa compreender os contextos de produção da mensagem.

O método proposto pela AC consiste em três etapas: a pré-análise, que é a demarcação do que será pesquisado; a exploração do material, “[...] fase, longa e fastidiosa, consiste essencialmente de operações de codificação, desconto ou enumeração, em função de regras previamente formuladas [...]” (BARDIN, 1977, p.101); o tratamento dos resultados, a interferência e a interpretação, posto que “O analista, tendo à sua disposição resultados significativos e fiéis, pode então propor inferências e adiantar interpretações a propósito dos objectivos previstos, ou que digam respeito a outras descobertas inesperadas.” (BARDIN, 1977, p.101).

A primeira etapa seria a descrição ampla do que pode representar o Memorial HCI, em um contexto da doença hanseníase, da exclusão vivenciada pelos moradores deste local, dos desafios enfrentados na preservação e comunicação destas memórias, e das iniciativas que culminam na criação deste espaço de memória, em suma o que foi discutido até o capítulo “3 Lugares de Memória em Espaços Esquecidos”. O segundo momento é da exploração, sendo esta realizada ao longo deste capítulo, a fim de que o leitor possa compreender como foi estruturada a exposição e o que ela apresenta. O terceiro momento da análise segue nos capítulos “5 Por Trás das Cortinas: Alguns Estudos de Caso” e “6 Onde está Maria? Encontrando os Moradores no Memorial” a medida em que buscamos interpretar e problematizar as escolhas expográficas do local.

Considero importante frisar que seria interessante no futuro realizar uma pesquisa mais aprofundada nos textos expositivos utilizando a análise lexical, que observa e faz levantamentos sobre as palavras e termos escolhidos, percebendo que estes comunicam um discurso, possibilitando uma análise de dados objetivos com leituras subjetivas. Posto que “A análise lexical, ao apoiar-se na teoria dos atos de linguagem, oferece uma maneira científica de desenvolver investigações em áreas que tradicionalmente são objetos de uma única abordagem literária e subjetiva.” (FREITAS; MOSCAROLA, 2002, p.24). Os atos de linguagem, por sua vez, são as decisões que tomamos para nos expressar, escolhendo uma palavra em detrimento de outro, isso pode ter uma grande influência na forma como um discurso é entendido e na

percepção da subjetividade do locutor, influenciados também pelo idioma e realidade, expressam o contexto social.

A análise do discurso (AD) foi outra metodologia pensada para realizar este trabalho, tendo em vista que auxiliaria a entender o contexto sócio-histórico-ideológico no qual o sujeito está inserido. No caso do recorte desta pesquisa, serviria para auxiliar a perceber as influências e conceitos apresentados no Memorial e para quem ele visa comunicar essa mensagem. Poderíamos perceber a narrativa como uma história "linear" e sem conflitos ao qual somos apresentados na exposição e o discurso como a construção política e ideológica implícita nessa narrativa que só identificamos ao analisar aspectos como mediação, roteiro, textos, objetos, cenografia, legenda, entre outros. Considerando que:

As estruturas narrativas convertem-se em discurso quando assumidas pelo sujeito da enunciação: ele faz uma série de "escolhas", de pessoa, de espaço, de tempo e de figuras, contando a história a partir de um determinado "ponto de vista". A narrativa é, assim, "enriquecida" com essas opções do sujeito da enunciação. (GREGOLIN, 1995, p.16)

Percebemos que as seleções das quais os espaços expositivos são fruto fazem com que ele desenvolva um discurso, e este é “[...] um dos patamares do percurso de geração de sentido de um texto, o lugar onde se manifesta o sujeito da enunciação e onde se pode recuperar as relações entre o texto e o contexto sócio-histórico que o produziu.” (GREGOLIN, 1995, p.17) A AD consistiria em perceber as estruturas do texto para compreender as construções ideológicas, o contexto sócio-histórico-ideológico no qual o sujeito está inserido, analisando o sentido do discurso. Percebemos que:

A AD trabalha com o sentido e não com o conteúdo do texto, um sentido que não é traduzido, mas produzido; pode-se afirmar que o *corpus* da AD é constituído pela seguinte formulação: ideologia + história + linguagem. A ideologia é entendida como o posicionamento do sujeito quando se filia a um discurso, sendo o processo de constituição do imaginário que está no inconsciente, ou seja, o sistema de idéias que constitui a representação; a história representa o contexto sócio histórico e a linguagem é a materialidade do texto gerando “pistas” do sentido que o sujeito pretende dar. Portanto, na AD a linguagem vai além do texto, trazendo sentidos pré-construídos que são ecos da memória do dizer. Entende-se como memória do dizer o interdiscurso, ou seja, a memória coletiva constituída socialmente; o sujeito tem a ilusão de ser dono do seu discurso e de ter controle sobre ele, porém não percebe estar dentro de um contínuo, porque todo o discurso já foi dito antes. (CAREGNATO; MUTTI, 2006, p. 680-681)

Não se acredita que a linguagem seja neutra, da mesma forma que quem a interpreta também não é. A análise do discurso percebe elementos não ditos através da linguagem, a partir

de uma “troca” que só pode ser compreendida por meio da percepção dos contextos nas quais estão imersas, sendo assim:

A AD não vai trabalhar com a forma e o conteúdo, mas irá buscar os efeitos de sentido que se pode apreender mediante interpretação. Nunca esquecer que a interpretação sempre é passível de equívoco, pois embora a interpretação pareça ser clara, na realidade existem muitas e diferentes definições, sendo que os sentidos não são tão evidentes como parecem ser. (CAREGNATO; MUTTI, 2006, p.682)

Deste modo, os dados seriam interpretados de forma qualitativa, buscando a compreensão entre o simbólico e as relações de poder. Diferente da análise de conteúdo a análise do discurso trabalharia com questões vinculadas a história e a psicologia, buscando compreender o não dito através do que é dito, o exposto.

Esta metodologia seria muito interessante para a análise da mediação do Memorial, por exemplo, todavia, infelizmente ela não poderá ser realizada em virtude de que não foi possível conseguir autorização para gravação. Entretanto, devemos levar em consideração que as mediações também influenciam, de alguma forma, em como entendemos o espaço expositivo, sendo assim, elas não são analisadas diretamente, mas fazem parte da compreensão do pesquisador.

A fim de que fosse possível descrever um pouco do que foi vivenciado durante as visitas ao Memorial HCI utilizou-se as metodologias de **observação e descrição densa**. Considerando que “[...] quando se observa algo pela primeira vez, inicialmente são retidos os aspectos mais impressionantes do observado. Se o comportamento não for visto outras vezes, pontos mais detalhados poderão passar despercebidos.” (BELEI; et al, 2008, p.192), é muito difícil perceber os padrões, posto que cada experiência é única e implica em observações diferentes. Por este motivo a descrição densa também foi adaptada. Este método é muito utilizado por etnógrafos, posto que há diversas camadas subjetivas das quais não nos desassociamos ao analisar uma cultura, e que ao observamos determinados fatos sempre estaremos dando uma visão de segunda ou terceira mão, já que só quem poderia perceber tais dinâmicas em primeira mão seriam os nativos.

A descrição densa relaciona-se a três pilares: o conceito de cultura, ideia de “estar lá” e a percepção do pesquisador enquanto autor. Poderíamos dizer que ela representa uma espécie de diálogo entre a cultura do pesquisador e a do pesquisado, ou seja, o que eu compreendo do discurso o qual analiso está relacionado com quem sou e a cultura a qual pertença, pois:

[...] o que inscrevemos (ou tentamos fazê-lo) não é o discurso social bruto ao qual não somos atores, não temos acesso direto a não ser marginalmente, ou muito especialmente, mas apenas àquela pequena parte dele que os nossos informantes nos podem levar a compreender. (GEERTZ, 2008, p.14)

As informações as quais tive acesso são por si só recortes feitos pelos entrevistados e por outros pesquisadores, então descrever as visitas ao leitor tem como intuito levá-lo a ver um pouco do que vi, direcionando sua percepção aos fatos que chamaram minha atenção. Como os próximos dois subtítulos aprofundam-se na análise das materialidades e dos textos expositivos vinculados ao Memorial, aqui o foco recai sobre a descrição das visitas que realizadas entre 2015 e 2018 ao HCI.

Dentro desta pesquisa é interessante perceber que as descrições e a interpretações dos significados das visitas, das falas, dos objetos, dos textos e discursos, passam pela percepção de apenas uma pessoa: a autora. Geertz (2009) escreve que “[...] não se pode fugir do ônus da autoria, por mais pesado que ele tenha se tornado; não há possibilidade de transferi-lo para o “método”, a “linguagem” ou [...] “as pessoas”, redescritas [...] como co-autoras.” (GEERTZ, 2009, p.182). O autor também comenta, sobre a etnografia, que se deve reconhecer que:

[...] como a mecânica quântica ou a ópera italiana, ela é um trabalho da imaginação, menos extravagante que a primeira e menos metódico do que a segunda. A responsabilidade ou mérito da etnografia não podem ser depositados noutra porta senão na dos que a sonharam. (GEERTZ, 2009, p.183).

Deste modo, podemos reconhecer que este trabalho, as categorias criadas, os espaços percebidos, os levantamentos históricos e as descrições também fazem parte da imaginação de um pesquisador que criou um problema para buscar suas respostas. Este ponto torna todas as informações descritas plausíveis de reinterpretações, afinal, são fruto de uma visão formada por pré-conceitos e vivências de um indivíduo. Obviamente o mesmo ocorre com qualquer pesquisa, mas é importante frisar isto nesta descrição, posto que não foi possível dar continuidade à pesquisa de público que poderia ampliar nossas percepções. Por exemplo, um pré-conceito aqui exposto é o de entender que o foco do Memorial deve ser a vida dos moradores do HCI, em seu âmbito pessoal e social, o que leva a uma compreensão de que este espaço deve se dirigir quase que exclusivamente a estas pessoas e suas famílias, a fim de que seja um ambiente de homenagem e de “compensação” pelos danos causados a estes. Esta visão se justifica pelos motivos apontados no prefácio desta pesquisa e indica a importância da criação e adaptação de métodos que proporcionassem maior objetividade na análise.

Ao realizar as visitas ao Memorial não foi encontrado, exatamente, o que havia sido idealizado, mas sim, um espaço de memória que busca abordar também a história da criação de uma instituição, como era seu funcionamento, as necessidades que a geraram, a trajetória da doença hanseníase e de locais relacionados ao HCI direta ou indiretamente. A primeira visita ao Memorial HCI ocorreu no dia 10 de julho de 2015, após algumas dificuldades em relação ao agendamento:

Depois de alguns meses tentando marcar essa visita, fui informada pelo senhor Dennis que neste dia seria gravada uma entrevista dentro do Memorial. Era um dia chuvoso, eu e meu pai fomos ao HCI, chegando ao local com muita dificuldade devido as precárias condições da estrada. Alguns funcionários nos levaram ao prédio e me recordo de termos conversado com dois pacientes, um deles queria um cigarro e o outro interrogou meu pai sobre quem éramos. (Diário de Campo, 10/07/2015)

Percebe-se que neste período o Memorial havia sido inaugurado a cerca de 06 (seis) meses e o contato com pacientes e controle durante as visitas de dava de forma diferente, considerando que estas, em geral, são marcadas com antecedência e fazem parte de uma performance onde a mediação centraliza as atenções e constrói um discurso institucional:

Com os organizadores ocupados andei pelo local sozinha e pude ter minhas primeiras impressões, que influenciaram toda a percepção que tenho sobre essa expografia. Algumas das questões que me chamaram a atenção neste dia foram os manequins utilizados, a boneca que representa os filhos separados dos pais no segundo andar, os pães cenográficos, a sala onde mencionam as comunidades externas ao HCI e a sala onde são mostradas as lesões em tratamento dos pacientes. Essa primeira impressão não foi muito positiva, achei o local muito cheio de objetos, alguns dos espaços ainda não estavam organizados, a localização dos textos e a falta de padronização também dificultaram minha compreensão. (Diário de Campo, 10/07/2015)

Neste dia não visitamos outras áreas do Hospital, ficamos apenas na “Casa das Irmãs”, outro elemento diferente desta visita foi o de que na época ainda eram feitos no HCI os pães seguindo a receita trazida pelas irmãs que cuidavam dos pacientes quando o local funcionava como um Leprosário: “Tomamos um café dentro da cozinha do Memorial, foi um momento muito especial, pois esta atividade deixou-nos com uma sensação de acolhimento.” (Diário de Campo, 10/07/2015).

A segunda visita ao Memorial foi no dia 25 de julho de 2015, uma professora do curso de Museologia da UFRGS havia agendado esta data e os organizadores me perguntaram se eu gostaria de ir também:

Eu, meus irmãos e meus pais assistimos pela primeira vez a palestra, que segue, mais ou menos, os mesmos ritos: os visitantes se apresentam e mencionam seus interesses pelo local, a palestra se inicia com a senhora Rita falando sobre a história da hanseníase pelo mundo, depois apresenta um pouco da história do HCI – creio que neste dia assistimos ao vídeo, disponível no youtube, de uma notícia sobre a inauguração do Hospital –, ela menciona como ocorre o diagnóstico, mostra casos de pacientes e explica sobre o tratamento da hanseníase. Também são apresentadas fotos pessoais de visitas a lugares que trabalham com pacientes com hanseníase e em espaços de memória que abordam a doença. Neste dia em especial havia um funcionário, Jairo Antão Pires Medeiros, que trabalhava com os pacientes psiquiátricos e ele contou sobre o período de transferência deles para lá, dos conflitos entre estes pacientes e como, com o passar do tempo, as coisas se acalmaram. (Diário de Campo, 25/07/2015)

Novamente há relatos de interação com os pacientes:

Eu e minha família almoçamos no carro, onde um paciente veio conversar conosco. Dentro do Memorial outro paciente nos seguia e pedia para tirar fotos com meu irmão, por ele ser “cabeludo”. Foi uma visita muito agradável. Neste dia consegui compreender um pouco melhor a escolha de elementos expográficos do Memorial. No período da tarde andamos pelo HCI, guiados pelo funcionário Jairo. Entramos na Antiga Igreja Evangélica tombada pelo IPHAE, observamos por fora o Pavilhão de Diversões, passamos pelas casas geminadas dos moradores, onde vimos um dos pacientes ex-hansenianos que retribuiu o aceno de meu pai e se fechou em sua casa. Vários pacientes do setor psiquiátrico nos acompanharam na visita, andando de mãos dadas com nosso guia, demonstrando muito carinho por ele. Fomos andando até o cemitério, primeira e única vez que pude ver este local. Em conversa com um dos pacientes foi perguntado se ele gostava do local e ele respondeu que sim, pois ali não lhe davam choque como no HPSP. No retorno ao Memorial, escrevemos nossas opiniões no questionário fornecido pela instituição, ao sair da sala um dos pacientes me esperava com uma sacola onde havia dois abacates que ele havia pegado para me dar de presente. Esta foi a melhor visita que fiz ao Memorial, pois os pacientes que conversaram e interagiram conosco pareciam estar felizes e se sentindo bem com nossa presença em sua casa. (Diário de Campo, 25/07/2015)

A terceira visita ocorreu em 25 de novembro de 2017, quando esta dissertação já havia começado, o grupo era peculiar, consistia em:

Alunos e professores do curso de Museologia da UFRGS que se preparavam para a exposição “Imensamente”, sobre a história da saúde mental; um casal cujo o avô de um deles havia morado no HCI e constituído uma nova família ali; duas senhoras que haviam visto o documentário “A Cidade” e se interessaram pelo local; eu, meus irmãos e namorado, que já conhecíamos previamente a instituição e seu histórico. (Diário de Campo, 25/11/2017)

Talvez em virtude do próprio público foram percebidas diferenças em relação as demais visitas:

Havia diferenças no conteúdo da palestra, que buscou mencionar, além dos temas anteriormente citados, os pacientes psiquiátricos com maior enfoque. Havia novos espaços expositivos, adicionados recentemente, e guardas que ficavam na entrada do Memorial. Acabei ficando um pouco para trás do grupo para fotografar os espaços expositivos e conforme eu andava um guarda me acompanhava para apagar as luzes do lugar. Este fato que me fez pensar sobre o tempo dado ao próprio visitante para desfrutar da exposição e buscar dentre a grande quantidade de itens expostos suas histórias. Todas as vezes em que estive no Memorial o tempo para visita foi regrado e acompanhado. A sala onde apresentam fotos de lesões dos pacientes e seu tratamento foi fechada neste dia e ignorada durante a mediação. Também fomos avisados de que só poderíamos tirar fotos dentro do Memorial, e que as fotos do HCI, assim como de seus pacientes, haviam sido proibidas. (Diário de Campo, 25/11/2017)

Após realizarmos a visita do percurso do Memorial fomos guiados pela enfermeira Rita visitar o Hospital. A guia nos forneceu diversos dados sobre a história do local, quais as finalidades dos prédios e a vida de seus pacientes, contudo o contato com estes também não ocorreu da mesma forma:

Logo na entrada da zona suja reconheci um dos moradores que havia interagido alegremente comigo e minha família nas outras visitas, neste dia ele parecia muito quieto e abatido, fato que me chamou a atenção pois ele sempre se mostrou muito ativo e falante. (Diário de Campo, 25/11/2017)

A guia também focou seu discurso no fato de que a vida dos pacientes internados no HCI recomeçava ali dentro e que eles eram incentivados a “esquecer” a vida anterior pois não havia perspectivas de cura, e conseqüentemente saída do local. Neste dia entramos na Antiga Igreja Evangélica, vimos por fora e por um cantinho quebrado de uma janela o Pavilhão de Diversões, fomos levados ao local onde funcionava a Prisão e ao campo de futebol, onde nos contaram histórias sobre o namoro dentro da instituição. Não caminhamos pela rua com as casas geminadas e não fomos até o cemitério, pois este estava sendo “reorganizado” para que mais pacientes possam ser enterrados no local. Aspectos que demonstram que há diferentes enfoques e formas de interação dependendo do quem realiza a mediação, principalmente em relação aos moradores, pois:

Vimos no percurso poucos pacientes caminhando no local, e na volta ao Memorial a guia perguntou se gostaríamos de entrar em um dos pavilhões nos quais os pacientes moram. Ao chegar lá ela pediu a autorização de um deles para entrar no local. Eles, a guia e o paciente, conversaram na entrada, ela perguntou se ele gostaria de “brincar de dar banho” em algum de nós – brincadeira essa mencionada na palestra, onde esse paciente fingiu que lavava o cabelo de uma funcionária, ato com o qual ele teria se divertido muito. Ele afirmou que sim e escolheu minha irmã, ela aceitou e por alguns minutos a guia e o paciente fingiram que lavavam seu cabelo. Não creio que minha irmã parecesse muito confortável, contudo, a situação não apresentava muitas opções. Após este momento ele interagiu com outro visitante perguntando se ele era o Papai Noel. Entramos no pavilhão, que é ocupado por casos “menos graves” do setor

psiquiátrico. No prédio ao lado teria alguns pacientes crônicos e nós podíamos ouvir seus gritos do local em que estávamos. Dentro do edifício, fomos em um dos quartos, o paciente quis nos mostrar algumas de suas coisas e parecia muito contente, alguns visitantes se sentaram em sua cama e conversaram com ele, entre eles meu namorado que pareceu achar a experiência muito interessante. Vimos outros ambientes, como o banheiro, que é compartilhado, e nos despedimos. Senti-me um pouco incomodada, pois parecia que estávamos invadindo a intimidade destas pessoas. (Diário de Campo, 25/11/2017)

A visita terminou com nosso retorno ao Memorial, ambiente no qual escrevemos nossas opiniões no questionário fornecido pela instituição, os visitantes agradeceram e responderam ao estudo de público que foi elaborado para esta pesquisa, recebendo ao total 13 (treze) formulários respondidos, estando alguns incompletos.

A quarta visita ocorreu no dia 11 de maio de 2018, a convite de uma colega do PPGMP que estuda o HCI em sua tese, a principal mudança, em relação as idas anteriores, se deu em função da mediação:

Fomos com nossa orientadora, a professora Juliane, uma professora da UFRGS e meu namorado, nos encontramos no HPSP. Neste dia havia sido comunicado que não poderíamos mais tirar fotos dentro ou fora do Memorial. A enfermeira Rita que, normalmente, faz a palestra e media as vistas estava em licença saúde. Sendo assim, quem nos acompanhou neste dia foi a funcionária Elizabete Roseli Fabrasil de Almeida, que me informou que haveria outra visita no dia 23 de maio, e que no momento os funcionários abriam o Memorial em dias de poucos visitantes e que para grupos maiores ou voltados para a área da saúde a enfermeira Salette era designada. (Diário de Campo, 11/05/2018)

Sendo assim, percebemos que com o afastamento da senhora Rita surgiram diferenças em relação a dinâmica proposta:

Era um dia chuvoso, assim que entramos no Memorial a porta foi trancada, visitamos o local e fizemos algumas perguntas à senhora Elizabete, eu me foquei mais nos objetos que compunham essa exposição. A visita foi curta, após isso questionamos se poderíamos entrar na zona suja e nos informaram que por enquanto, já que o local estava passando por um período de reorganização, a visita seria somente ao prédio da Casa das Irmãs. (Diário de Campo, 11/05/2018)

Percebe-se que a relação estabelecida durante esta visita se deu de forma mais aberta, não sendo imposto um percurso muito definido, apesar das semelhanças identificadas com a ordem dos espaços expositivos apresentados, e que foi limitada ao prédio do Memorial, mostrando uma nova percepção sobre o espaço expositivo.

A quinta visita ocorreu no dia 23 de maio de 2018, junto à um grupo ligado a área da saúde que eram funcionários do pronto atendimento. Neste dia participaram da mediação três funcionárias, que forneceram informações importantes:

Chegamos antes do restante do grupo e por isso pudemos conversar com as três funcionárias que nos acompanhavam, eram elas: a enfermeira Salette de Albuquerque Wanke que trabalha no HCI há 08 (oito) anos; a funcionária Elizabete Roseli Fabrasil de Almeida que participou da montagem do Memorial; Isabel de Souza, funcionária transferida para o HCI que, na época, estava no local há 20 dias, sua função era a de trabalhar na mediação do Memorial. Porém, os grupos grandes ou que ligados à área da saúde ainda seriam mediados pela enfermeira Salette e os grupos pequenos seriam atendidos pela senhora Isabel, também mencionaram que dependendo do perfil dos visitantes poderiam ser indicados outros profissionais do HCI como psicólogos, por exemplo. Um aspecto muito interessante é que elas mencionaram que antes da criação do Memorial, por volta do ano de 2010, teria surgido a ideia de montar uma sala de enfermagem para mostrar como seria na época em que o Hospital surgiu e que posteriormente o Hospital teria entrado em contato com o senhor Marco para organizar os documentos que estavam espalhados pela Casa das Irmãs. . (Diário de Campo, 23/05/2018)

Sendo assim, elas trazem também diferentes perspectivas sobre a criação do Memorial e sobre a narrativa realizada, considerando as mudanças dentro da visita:

Com a chegada do grupo ocorreu uma palestra, diferente da que a senhora Rita costumava realizar. Feita pela senhora Salette, esta falava sobre a história da doença, utilizando algumas passagens bíblicas e indicados filmes, também assistimos ao vídeo, mencionado anteriormente, sobre a inauguração do HCI. Havia slides com fotos de lesões e explicação sobre os sintomas, efeitos, tratamento e a forma de lidar quando se encontra casos de hanseníase, já que esses devem ser sempre notificados e que o grupo era de profissionais vinculados a saúde. A palestra foi finalizada com uma passagem bíblica, Isaías, 41:10, que dizia mais ou menos assim: “Não tenha medo, pois eu estou com você. Não precisa olhar com desconfiança, pois eu sou o seu Deus. Eu fortaleço você, eu o ajudo e o sustento com minha direita vitoriosa.”. O percurso realizado foi um pouco diferente e alguns espaços foram mencionados com maior ênfase outros com menor, a cristaleira com itens doados pelos pacientes, por exemplo, foi ignorada, contudo visitamos a sala das lesões. Na saída do Memorial o grupo tirou uma foto em frente ao Pórtico de entrada da zona suja, mas não ultrapassamos esta linha, pois, aparentemente os moradores estariam um pouco incomodados com as visitas. (Diário de Campo, 23/05/2018)

No que tange ao acesso a informações para a pesquisa também percebemos novos impasses, além da impossibilidade de realizar fotos dentro ou fora do Memorial:

Perguntei as funcionárias se eu poderia entrevistá-las, tirar fotos de alguns elementos do Memorial ou entregar o estudo de público que escrevi aos visitantes, mas elas me informaram que as fotos não eram mais permitidas e que para realizar entrevistas ou prosseguir com o estudo de público eu teria que passar por um Comitê de Pesquisa que acabava de ser criado no HCI. Após a visita fui conversar com a diretora do HCI,

a senhora Marília Gehlen, que me informou que esta comissão de pesquisa teria surgido em 2017, e que o acesso e a vinculação de imagens dos pacientes do HCI estariam proibidos. O motivo destas mudanças seria porque eles notaram a necessidade de acompanhar o que estava sendo produzido sobre a instituição, considerando que ela estava sendo, supostamente, vinculada a uma imagem “negativa” e que é feito muito investimento para manter estas estruturas. Ela me pediu que enviasse as fotos, os artigos que produzi, o projeto da minha dissertação, vídeos das entrevistas que realizei e o meu TCC para que eles pudessem avaliar. (Diário de Campo, 23/05/2018)

Depois deste dia – como explica-se na “Introdução” – os formulários para a autorização da pesquisa só foram recebidos no dia 27 de novembro de 2018, fato que impossibilitou futuras visitas e entrevistas, já que se optou por respeitar as orientações da instituição. Além de que nesta época a análise do material coletado já estava sendo feita para que a dissertação terminasse dentro do prazo.

A partir da descrição destas visitas podemos nos questionar sobre alguns aspectos do que foi apontado, entre eles a questão do público, que nas ocasiões citadas manteve um perfil fortemente acadêmico. Roque (2010), aponta para dois tipos de comunicação em museus: intramuseal e intermuseal, sendo que o primeiro modelo estaria baseado na ideia de objeto, museu e público, na qual “A reflexão do emissor pode não coincidir com a interpretação dos receptores, à exceção de um grupo minoritário de eruditos ou especialistas [...]” (ROQUE, 2010, p.49). O Memorial HCI poderia estar vinculado a ele, levando em consideração que a maior parte do público é composto de estudantes universitários. O modelo intermuseal, abarcaria um público diverso, no qual o museu buscaria adequar sua mensagem, onde haveria um diálogo ativo e seriam utilizados elementos com a finalidade de sensibilizar o visitante. Poderíamos dizer que esta postura também é utilizada, contudo, se realizaria, especialmente, através da mediação. Quando se refere ao museu incomunicante o autor comenta que:

A ida ao museu tornou-se um percurso iniciático e ritualizado: o visitante entra no museu através de uma zona que, dita de acolhimento, funciona também como separação; adquire a senha de entrada que lhe permite aceder ao espaço resguardado da exposição; e, sob uma vigilância onnipresente, segue um percurso de sentido único, que lhe é sugerido numa imposição de vontade alheia, executando uma deambulação quase religiosa, marcada pelo silêncio e pela observação introspectiva. (ROQUE, 2010, p.54)

No Memorial HCI, as visitas devem ser agendadas, pois o trabalho realizado nesta instituição é feito de forma, praticamente, “voluntária” pois, geralmente, um dos seus organizadores, que é enfermeira no Hospital, reserva um pouco de seu tempo para tais mediações. No dia marcado um grupo, normalmente formado por acadêmicos ou por pessoas

interessadas no tema, vai até o local. Em relação as pessoas que costumam procurar o local, a senhora Rita aponta que:

Nós temos acadêmicos das várias áreas, então se tu me perguntares “O que que a área do Direito quer ali dentro?” [...] o Direito todos os semestres está comigo, Dom Bosco, equipe do Direito está comigo, equipe de saúde, médicos, enfermeiros, Psicologia, Psiquiatria, da área do ensino, Museologia, de Artes. O que vocês imaginarem, as universidades estão vindo em peso. Universidades, também tem cursos técnicos, também se recebe escolas de nível primário e secundário. Não importa a idade. (CAMELLO, 2017, inf. verb.)

Podemos considerar que foram apresentadas quatro diferentes mediações, duas com a enfermeira Rita, uma com a funcionária Elizabete e uma com a enfermeira Salette. A mediação que a primeira realiza é repleta de informações e histórias que formam uma narrativa bem construída e que se repete começando pela palestra, o percurso do Memorial e até mesmo algumas das histórias mencionadas. Entretanto, nas descrições das visitas, podemos perceber diferentes direcionamentos em suas falas que provavelmente ocorrem em função do perfil do seu público, considerando que ela dá mais ou menos enfoque em determinados assuntos dependendo do interesse e do objetivo explicitado pelos visitantes.

Nas experiências com a senhora Rita seguimos um roteiro similar, ao chegarmos no Memorial somos “convidados” a assistir uma palestra que dura cerca de uma hora, neste momento todas as luzes das outras salas ficam desligadas. Nesta palestra são apresentados uma introdução ao tema hanseníase, ao estigma da lepra, aos sintomas da doença, à história do HCI, curiosidades sobre o tema, viagens realizadas pela enfermeira em diversos hospitais do mundo que tratam da hanseníase e histórias de vida de pacientes que não têm necessariamente relação com o Hospital.

Ao fim da palestra somos levados por todas as salas, nas quais a enfermeira Rita passa informações sobre o acervo, as personalidades públicas que fizeram parte dessa história, a forma como era a vida dentro da instituição e algumas trajetórias pessoais vinculadas aos objetos. Quando questionada sobre a seleção dos objetos e a organização deste espaço de memória, ela comenta que:

Na verdade, a gente foi otimizando o espaço: o tamanho da sala é este, o que podemos por nesta sala? O que que tu podes utilizar? Mas sobrou um corredor, o que que tu podes colocar aqui? Então eu não posso te dizer que nós tenhamos uma sequência muito lógica, não. Nós utilizamos de um prédio pronto, a sequência lógica a gente tentou de alguma forma mantê-la, mas não necessariamente que ela tenha sido como poderia ser. As imagens sacras, por exemplo, deveriam estar dentro do auditório, onde era a Igreja das Irmãs, a igrejazinha delas da missa de todas as manhãs e é meu auditório.

Então, invés de ter todas aquelas imagens lá em cima, elas deveriam compor a parte dali de baixo [...] de fato, tinha as imagens, ali está o altar, o púlpito, tudo certinho. [...] Então nós fomos nos adequando conforme o espaço que se tinha. (CAMELLO, 2017, inf. verb.)

No ano de 2017, durante a visita que realizei fiquei para trás do grupo de visitantes a fim de tirar fotos do Memorial, porém a cada local que ia tinha que fotografar rapidamente, pois o guarda do local ficava me esperando para desligar as luzes das salas pelas quais eu passava. Deste modo, pude concluir que não é muito recomendado ao visitante observar as salas sozinho. Seguimos um percurso bem definido – apesar de não ser exatamente linear ou cronológico – até a última sala, e, em algumas ocasiões, quando a visitação em grupo termina somos levados a conhecer o Hospital.

Com a funcionária Elizabete ocorreu uma visita mais “solta”, sem palestra, na qual ela se ofereceu para explicar os ambientes, porém não realizou um percurso “fechado”, fato que pode ter se sucedido em função de que ela sabia que já conhecíamos o Memorial.

Em relação a terceira mediadora citada, a enfermeira Salette, as principais diferenças são em relação a sua palestra. Se comparada com as da enfermeira Rita, ela utiliza algumas passagens bíblicas e é mais sucinta, dando maior ênfase a aspectos vinculados a saúde do que histórias de pessoas atingidas pela hanseníase. Também podemos perceber uma pequena alteração na ordem das salas apresentadas, todavia, tendo participado de apenas uma mediação desta enfermeira não se sabe muito sobre a narrativa que ela constrói. Considerando a mediação em si um ato de performance, podemos perceber que:

Performances são feitas de pedaços de comportamento restaurado, mas cada performance é diferente das demais. Primeiramente, pedaços de comportamento podem ser recombinaos em variações infinitas. Segundo, nenhum evento pode copiar, exatamente, um outro. Não apenas o comportamento em si mesmo - nuances de humor, inflexão vocal, linguagem corporal e etc, mas também o contexto e a ocasião propriamente ditos, tornam cada instância diferente. [...] a particularidade de um dado evento está não apenas em sua materialidade, mas em sua interatividade. (SCHECHNER, 2003, p.28)

Em relação ao percurso realizado no Hospital, ou seja, que não é restrito ao prédio do Memorial, mas consiste em uma caminhada pela “zona suja”, pude perceber que este constitui em um importante elemento da visita e da mediação. Nas ocasiões de 2015 e 2017, foram percebidas a mudanças em relação a este aspecto “performance museal”, considerando que em 2018 não foi presenciada tal atividade.

No ano de 2015 a caminhada pela instituição foi realizada com um funcionário do setor psiquiátrico, os pacientes deste setor o conheciam e por isso acompanharam o grupo durante a visita, conversaram, tiraram fotos e contaram um pouco de suas vidas. Em 2017 a visita ao HCI foi realizada com a senhora Rita, e um guarda acompanhando os visitantes o tempo inteiro, mantendo-os afastados dos pacientes que ao tentar se aproximar eram conduzidas para longe. O contato com os pacientes se deu com a condução a um dos pavilhões do local, entrando “sem avisar” a todos, alguns deles correram para arrumar seus quartos, outros vieram cumprimentar.

A sensação deixada por estas duas experiências foi muito diferente, na primeira éramos abordados e nos sentíamos convidados a conversar, na segunda parecíamos intrusos “fazendo ronda”, sem nos comprometermos emocionalmente com aqueles seres humanos, apenas observando suas vidas como um pesquisador externo aquele ambiente. Considerando que:

Toda essa transferência da simbologia religiosa para o espaço museológico, complementada ainda por mecanismos de vigilância, de controle e de distância implícita, prefiguram um esquema de comunicação unilateral, em que o museu se assume como emissor da mensagem passivamente aceita pelo público. (ROQUE, 2010, p.55)

Assistimos a performance museal elaborada apenas como espectadores passivos, sem poder questionar os mecanismos de exposição elaborados. O Memorial é didático na perspectiva de que são apresentados diversos fatores sobre a história da hanseníase, informações sobre a doença, o HCI, seus moradores e a vida nesta instituição, porém o visitante não possui autonomia. Também há ausência de dados sobre os objetos, sendo este mais um fator que faz o público “refém” da mediação, assim, percebemos que “[...] tanto uma apresentação demasiado didática, como a ausência de elementos informativos são factores de exclusão ou de eletismo, provocando igualmente o fracasso da ação museológica.” (ROQUE, 2010, p.62).

Considerando que: “[...] museus, bibliotecas, arquivos, institutos e academias são espelhos e palcos que encenam a dramaturgia da sociedade a que se referem e que ao articularem um determinado discurso, também condicionam o olhar e aprisionam o entendimento, a ciência e a arte.” (CHAGAS, 2002, p.59). Dentro da microsociedade formulada no HCI percebemos seus moradores como impotentes diante dos mecanismos de controle que governaram suas vidas. Se em um primeiro momento uma política pública de exclusão os retirou de suas casas e famílias, dentro do Hospital obedeciam às irmãs que coordenavam o local, tiveram seu direito a constituir família negado com a retirada de seus filhos e hoje se

mantêm neste espaço, sem direito a posse das casas nas quais viveram grande parte de suas vidas. Ao “ganhar” um Memorial onde estão presentes em fotos e em poucos objetos, mas, nas visitas guiadas não são vistos ou ouvidos, continuam sendo controlados em suas memórias, que são passadas ao visitante por terceiros. O Memorial apresenta uma versão dos fatos, sendo assim:

[...] não se pode cumprir a utopia de um discurso isento e neutro. Mesmo querendo manter a imparcialidade numa compilação de dados reais e inequívocos, a forma como se organizam revela a faceta parcelar e fragmentada do grupo que a organizou [...] todos projetam o seu próprio horizonte onírico, as suas crenças e ambições, os seus instintos e emoções. [...] O reconhecimento destas influências, porém, não impede a validade do discurso museológico, desde que este assuma a orientação ideológica que lhe será subjacente e demonstre sua competência para veicular um ponto de vista, uma lógica racional e coerente, uma vertente do pensamento humano. (ROQUE, 2010, p.51)

Desta forma, o que irá definir se o Memorial consegue ou não, com todas as suas limitações, atingir seu público e cumprir um papel na desestigmatização da hanseníase e dos pacientes do HCI, é a ressonância de suas ações. Gonçalves (2005) aponta que:

[...] um patrimônio não depende apenas da vontade e decisão políticas de uma agência de Estado. Nem depende exclusivamente de uma atividade consciente e deliberada de indivíduos ou grupos. Os objetos que compõem um patrimônio precisam encontrar “ressonância” junto a seu público. (GONÇALVES, 2005, p.19)

Elemento que corrobora com a importância da realização de um estudo de público neste espaço de memória. Quanto aos questionários realizados com visitantes do Memorial HCI, cujo intuito era de acrescentar uma perspectiva que não fosse apenas da autora da dissertação sobre a exposição, este não pode ser considerado para fins de análise pois só foi possível a coleta de 13 (treze) respostas. Levando em consideração que 03 (três) são de pessoas que foram à visita já cientes sobre a pesquisa e que havia um grupo de funcionários e alunos do curso de Museologia da UFRGS visitando o local, entre estes alguns que também conheciam o trabalho, talvez possamos analisar que as respostas não demonstram o perfil do público que frequenta constantemente este local, posto que nas outras ocasiões em que estive presente não havia pessoas vinculadas a área da Museologia. Mesmo assim, as respostas e comentários coletados constituem parte desta análise a fim de elucidar e expandir algumas percepções.

Outro fator que acrescentou novas percepções sobre o HCI e as exposições que o abordaram, foram as entrevistas. Durante o período da dissertação duas foram feitas com a enfermeira Rita Sosnoski Camello, uma em 2017 quando nos encontramos no HPSP e outra

por e-mail em 2018²⁹. O intuito da primeira era perceber mais alguns detalhes sobre a criação e as escolhas do Memorial HCI, a segunda mais focada na trajetória dela como elemento que influencia a organização deste espaço de memória. As demais entrevistas apresentadas nesta dissertação foram realizadas em 2015, uma com a senhora Rita e senhor Marco Antonio Lucaora, sobre o Memorial; outra com a senhor Dennis Guedes Magalhães e a senhora Lia Conceição Mineiro de Souza Magalhães sobre o CEDOPE e as exposições desenvolvidas pela secretaria dos hospitais estaduais; uma com o senhor Éverton Reis Quevedo onde os temas foram o CEDOPE e a exposição de 2012 no MUHM.

A questão crucial deste trabalho não é o fato de haver uma performance museal no Memorial, pois esta é imprescindível para dar vida as histórias trazidas com os objetos, mas sim perceber as escolhas para apresentação desta trajetória e os personagens que a compõem. Tendo em vista a existência de outros espaços de memória cujos assuntos apresentados convergem em algum momento com o exposto neste local – por exemplo, o MUHM que aborda a história da medicina, sendo os Leprosários parte deste recorte; o Memorial do HPSP que trata sobre a instituição psiquiátrica da qual alguns pacientes do HCI provém – percebe-se que um dos principais diferenciais desta exposição seria abordar com mais profundidade os moradores da instituição, suas memórias e vidas. Sendo que ao serem apresentadas estas passam a ser representações que vão além da esfera privada, abarcam, principalmente, o estigma e o imaginário vinculados à lepra e às instituições de exclusão. O processo de musealização implica, muitas vezes, em um olhar distanciado das dinâmicas sociais, o que tira esses itens do cotidiano e os transforma em mecanismos para um discurso. Mas, qual discurso é este? Os moradores são de fato o foco da expografia? Fugimos ou legitimamos aspectos vinculados a ideia de uma história oficial? Não creio que seja possível responder tais perguntas seguindo apenas a minha visão, mas as análises a seguir objetivam elucidar um pouco essas questões.

4.2 O que as Sobras Falam? A Materialidade como Emissor

Este subtítulo busca compreender quais são os “restos” materiais trazidos ao Memorial para contar a história do HCI e de seus moradores, visando refletir sobre o impacto destas seleções para o discurso museal formulado.

A percepção de que os objetos possuem significados intrínsecos e imutáveis parece ingênua, principalmente, quando tratamos de uma exposição, tendo em vista que estes itens

²⁹ O “Apêndice F” apresenta as questões enviadas por e-mail a senhora Rita em 2018.

foram selecionados, ordenados e reorganizados em um novo contexto. A discussão sobre “verdades” e uma legitimação através da ideia de ciência entra em nossa percepção da materialidade, pois, muitas vezes, tratamos estas como se fossem provas que legitimam uma narrativa. Meneses (1994) comenta que:

Estamos imersos num oceano de coisas materiais, indispensáveis para a nossa sobrevivência biológica, psíquica e social. A chamada "cultura material" participa decisivamente na produção e reprodução social. No entanto, disso temos consciência superficial e descontínua. Os artefatos, por exemplo, são não apenas produtos, mas vetores de relações sociais. (MENESES, 1994, p.12)

Considerando que criamos relações simbólicas através das materialidades e que neste capítulo iremos analisar as representações realizadas pelo Memorial HCI por meio destas, talvez o primeiro aspecto que devemos nos questionar seria: onde está localizado este espaço de memória e o que esta informação pode nos dizer?

O Memorial HCI encontra-se localizado na antiga casa das Irmãs Franciscanas de Penitência e Caridade Cristã que coordenavam o HCI enquanto Leprosário, ditando formas de comportamento e até mesmo crenças. Nesta conjuntura elas representavam o poder, em uma casa próxima ao pórtico de entrada da área suja, talvez, de onde pudessem vigiar a conduta dos pacientes. Chagas (2002) comenta que: “Não é fruto do acaso o fato de muitos museus estarem fisicamente localizados em edifícios que um dia tiveram uma serventia diretamente ligada a estâncias que se identificam e se nomeiam como sedes de poder ou residência de indivíduos “poderosos”.” (CHAGAS, 2002, p.64). Ao considerarmos que o prédio foi reformado para abrigar o Memorial, nos questionamos: por que não reformar uma antiga casa ou um pavilhão onde moraram, de fato, os pacientes do HCI?

Devemos considerar também que a ideia de utilizar a Casa das Irmãs não começou com a iniciativa do Memorial, pois antes disso o CEDOPE e mesmo alguns cursos ocorriam neste prédio. Este espaço de memória, assim como muitos outros, está construído em um local que separa o mundo “vulgar” e terreno, de um local mais “elevado”, reforçando a ideia de um “templo” da cultura e do saber, ligado a instâncias de poder. Um exemplo que também indica a desigualdade na relação entre freiras e pacientes é comentado por Proença (2005), quando ela coloca que: “[...] quando ganhavam algum tipo de comida dos doentes, esta voltava para eles. Elas tomavam todo o cuidado para que este pequeno mecanismo de proteção não fosse revelado, o que traria muito desconforto em sua relação.” (PROENÇA, 2005, p.87). Goffman comenta que:

Nas instituições totais, existe uma divisão básica entre um grande grupo controlado, que podemos denominar o grupo dos internados, e uma pequena equipe de supervisão. [...] Cada agrupamento tende a conceber o outro através de estereótipos limitados e hostis - a equipe dirigente muitas vezes vê os internados como amargos, reservados e não merecedores de confiança; os internados muitas vezes vêem os dirigentes como condescendentes, arbitrários e mesquinhos. Os participantes da equipe dirigente tendem a sentir-se superiores e corretos; os internados tendem, pelo menos sob alguns aspectos, a sentir-se inferiores, fracos, censuráveis e culpados. (GOFFMAN, 1974, p.18-19)

Esta relação complexa entre o acolhimento e a exclusão persiste com a utilização deste edifício que apesar de ser grande, possibilitando abrigar muitos itens e documentos, poderia ser alterado por um dos pavilhões, se este recebesse investimento, tendo a vantagem de representar também o modo de vida dos pacientes do local. Outros prédios que no momento estão desocupados no Hospital, como o “Pavilhão de Diversões” que foi construído pelos próprios moradores, representando um elemento muito importante de sociabilidade desta instituição, poderia trazer outros olhares sobre as vidas neste local. Aspecto que, em minha visão, a “Casa das Irmãs” não possibilita por trazer essa “aura” distante da realidade, como muitos outros museus também acabam fazendo, legitimando, mesmo que inconscientemente, uma relação entre o passado e o poder, através da autoridade que as irmãs representavam.

Saindo da “casca” do Memorial vamos para a análise das materialidades de seu interior. Considerando que é dentro deste espaço que ocorre o fato museal, conceito de Waldisa Rússio Camargo Guarnieri, que representa “[...] a relação profunda entre o homem, sujeito conhecedor, e o objeto, parte da realidade à qual o homem igualmente pertence e sobre a qual tem o poder de agir.”. (GUARNIERI, 1981, *apud* GUARNIERI, [1983], 2010a, p. 127.), em uma exposição os objetos passam a simbolizar algo que está no mundo das ideias, que, por sua vez, se forma a partir de nossa vivência em sociedade e como representantes da cultura na qual estamos inseridos. Desta forma, poderíamos dizer que a performance do museu consiste em dar vida aos objetos? Ou talvez em encenar os motivos que o levaram à musealização? Estas duas perspectivas consistem na valorização de materialidades a fim de que elas consigam atingir um objetivo de transmitir uma mensagem, que é fruto de um discurso, ao seu público.

Realizando visitas entre 2015 e 2018 notei mudanças sutis da organização do Memorial, e, de acordo com minha percepção e subjetividade inerente, identifiquei eixos temáticos que norteiam a exposição, assim como a existência de 56 (cinquenta e seis) espaços expositivos³⁰.

³⁰ Durante a qualificação desta dissertação foi sugerido por um dos membros da banca o uso do termo “narrativas multimodais”, que trazem a ideia de que se pode narrar uma história por meio de diferentes “suportes”, com escrita,

Estes, são ambientes espalhados ao longo do percurso do Memorial que abordam diferentes temas, cada elemento que trata de um assunto específico identificado foi considerado um espaço expositivo diferente. Percebendo que nem todos eles apresentam objetos ou tem como função fazer parte de percurso mediado, além de levar em conta que as escolhas e a organização dos elementos em um espaço de memória não ocorrem sem um propósito, poderíamos dizer que todos estes espaços auxiliam na construção de um discurso institucional e por este motivo buscamos abrangê-los nesta pesquisa.

A “Quadro 3 – Organização dos Espaços Expositivos” visa facilitar a compreensão do leitor sobre esta exposição, apontando a organização deste espaço, utilizando para isso seis tópicos: localização dos espaços expositivos em salas ou nichos nos corredores do local; o acervo dividido entre objetos testemunho e objetos cenográficos; texto expositivo, nas categorias texto próprio, escrito exclusivamente para esta exposição, ou texto do CEDOPE, escrito e utilizado na exposição de 2000. Levando em conta que os textos em si, serão analisados no capítulo seguinte, sendo apresentados aqui apenas para contextualizar a exposição.

Quadro 3 - Organização dos Espaços Expositivos

E S P A Ç O S	ESPAÇOS EXPOSITIV OS	LOCAL		ACERVO		TEXTOS	
		Sala	Nicho	Objetos Testemu nho	Objetos Cenográ ficos	Próprio	CEDOP E
	01 – Hall de Entrada (N.A.) ³¹		X	X			
	02 – Auditório (N.I.)	X					

oralidade, imagens, objetos, etc. Tendo em vista esta ideia, talvez o termo espaços expositivos possa parecer confuso, já que abordo também ambientes que não foram necessariamente construídos para a exposição, mas que percebemos que interferem no discurso institucional, como a cozinha ou a escada. Até mesmo os banheiros poderiam ser elementos de análise, posto que também apresentam objetos testemunho, porém estes não foram mencionados como espaços expositivos por não serem mencionados nem percorridos nas mediações. Optamos por continuar a utilizar o termo “espaços expositivos” ao invés de “narrativas multimodais”, porque a própria ideia de uma exposição trabalha com narrativas multimodais, assim, mantivemos a utilizar a primeira nomenclatura.

³¹ As siglas N.A. N.I. e N.T. significam respectivamente: “nome atribuído”, pois são espaços sem nomenclaturas específica, por esse motivo foram colocados títulos que as identificassem; “nome institucional”, ambientes que possuem títulos apresentado nas visitas, entrevistas e reportagens sobre o Memorial HCI; “nome do texto”, que está vinculado aos textos expositivos associados aos espaços.

E X P O S I T I V O S 1 º A N D A R O	ESPAÇOS EXPOSITIV OS	LOCAL		ACERVO		TEXTOS	
		Sala	Nicho	Objetos Testemu nho	Objetos Cenográ ficos	Próprio	CEDOP E
	03 - Memórias do Mundo (N.I.)	X			X	X	
	04 – Era da Medicina (N.I)	X		X	X	X	
	05 – Jornais: História HCI (N.A.)		X		X	X	
	06 – Jornais: Tratamento da Hanseníase (N.A.)		X		X	X	
	07 – Jornais: Amparo Santa Cruz (N.A.)		X		X	X	
	08 – Farmácia (N.T.)		X	X		X	
	09 – Esterilização (N.T.)		X	X		X	
	10 – Negão o Cão (N.T.)		X	X	X	X	
	11 – Mateiros (N.T.)		X	X		X	
	12 – Padaria (N.T)		X	X	X	X	

ESPAÇOS EXPOSITIVOS	LOCAL		ACERVO		TEXTOS	
	Sala	Nicho	Objetos Testem nhos	Objetos Cenográ ficos	Próprio	CEDOP E
13 – Serviço de Nutrição e Dietética (N.T)		X	X		X	
14 – Fábrica de Sabão (N.T)		X	X		X	
15 – Roupas (N.A)		X	X		X	
16 – Itens Agrícolas (N.A.)	X		X		X	
17 – Trabalhos Rurais (N.T.)		X	X		X	
18 – Sapatos e Moldes (N.A.)		X	X		X	
19 – Objeto com Itens de Barbear (N.A.)		X		X		
20 – Tambores de Esterilização de Gaze (N.A.)		X	X			
21 – Elpídio Salles Teixeira (N.A.)		X		X	X	
22 – Lori Kunzler (N.T.)		X		X	X	
23 – Sala dos Amores (N.I.)	X		X	X	X	X

	ESPAÇOS EXPOSITIVOS	LOCAL		ACERVO		TEXTOS	
		Sala	Nicho	Objetos Testemunho	Objetos Cenográficos	Próprio	CEDOP E
	24 – Cristaleira de Bibelôs (N.A.)		X	X			
	25 – Medicina no HCI (N.A.)	X		X		X	X
	26 – Tributo aos Filhos dos Pacientes Hansenianos (N.T.)		X	X		X	
	27 – João Francisco Saldanha (N.T.)		X		X	X	
	28 – Entretenimento (N.A.)	X		X		X	X
	29 - Cadeia (N.T)	X		X	X	X	
	30 – Cozinha	X		X			
	31 – Escada		X	X	X		
E S P A Ç O S	32 – Pacientes Psiquiátricos (N.A.)	X		X		X	
	33 – Voluntários do Carinho (N.T.)		X	X		X	

E X P O S I T I V O S	ESPAÇOS EXPOSITIV OS	LOCAL		ACERVO		TEXTOS	
		Sala	Nicho	Objetos Testemu nho	Objetos Cenográ ficos	Próprio	CEDOP E
2 º A N D A R	34 - Pacientes Psiquiátricos (N.A.)	X		X		X	
	35 – Itens Indígenas (N.A.)		X		X		
	36 – Colônia Japonesa (N.I.)	X			X	X	
	37 – Aldeia Pindo-Mirim (N.T.)	X			X	X	
	38 – Colônia dos Pescadores (N.I.)	X			X		
	39 – Reforma Agrária (N.T.)	X			X	X	
	40 – Recontando a História (N.I.)	X		X	X	X	
	41 - Frei Pacífico (N.A.)		X		X		
	42 – A Creche (N.T.)		X		X	X	
	43 – Sala de Arquivo (N.A.)		X	X			
44 – Banda Frei Pacífico (N.A.)		X	X				

ESPAÇOS EXPOSITIVOS	LOCAL		ACERVO		TEXTOS	
	Sala	Nicho	Objetos Testem unho	Objetos Cenográ ficos	Próprio	CEDOP E
45 – Sala de Arquivo (N.A.)	X		X			
46 – Organizadores (N.A.)		X	X			
47 – Imagens do HCI no Corredor (N.A.)		X		X		
48 - Laboratório (N.A.)	X		X			
49 – Administração e Setores (N.I.)	X		X		X	
50 – Imagens da Flora e Fauna no Corredor (N.A.)		X		X		
51 – Sala das Feridas (N.A.)	X		X			
52 – Filhos Levados (N.A.)		X		X	X	X
53 – Religiosidade (N.A.)	X		X		X	X

ESPAÇOS EXPOSITIVOS	LOCAL		ACERVO		TEXTOS	
	Sala	Nicho	Objetos Testemunho	Objetos Cenográficos	Próprio	CEDOP E
54 – Salas de Arquivo (N.A.)	X		X			
55 – Igreja Luterana e o arquiteto Alexander Josef Wiederspahn (N.A.)		X	X	X	X	
56 - Maquinário Agrícola (N.A.)		X	X			
TOTAL	22	34	37	26	36	5

Fonte: Dados coletados através da pesquisa de campo realizada por Helena Thomasim Medeiros (2018).

Quanto aos textos, segundo o quadro percebemos que apenas 36 (trinta e seis) dos 56 (cinquenta e seis) espaços possuem este recurso, que pode ou não ser utilizado para explicar do que se trata o conjunto e suas materialidades apresentadas.

Referente ao “Local” que estes espaços expositivos ocupam dentro da exposição, a divisão foi feita entre “Sala” e “Nicho”, a maior parte, 34 (trinta e quatro), estão em nichos espalhados, principalmente, pelos corredores do Memorial, enquanto 22 (vinte e dois) ficam em salas.

No grupo “Salas” foram incluídos o auditório, a cozinha e os ambientes de guarda dos arquivos, sendo estes espaços sem uma “expografia intencional”, fato que, se analisado, reduziria o número para 17 (dezesete) locais. Esta consideração se deu em função de que a presença destes lugares também pode influenciar a performance museal e a percepção do público, além de estes serem ambientes que também contam a história do HCI de alguma forma e pelos quais transitamos durante as mediações.

Vale mencionar que, em alguns casos, foram considerados existentes mais de um espaço expositivo dentro da mesma sala, caso dos espaços: “36 – Colônia Japonesa”, “37 – Aldeia Pindo-Mirim”, “38 – Colônia dos Pescadores” e “39 – Reforma Agrária” que dividem o mesmo ambiente, e os espaços: “28 – Entretenimento” e “29 – Cadeia”. Fatos estes que ocasionam a percepção de 11 (onze) salas “reais” para a exposição.

Considerando que as salas representariam locais de maior destaque, pois são ambientes que paramos para olhar por mais tempo nas mediações, vemos que, destes espaços, 06 (seis) possuem nomes institucionais, citados nas mediações, reportagens ou que aparecem em etiquetas; 03 (três) são os nomes dos textos, e 13 (treze) foram nomes atribuídos por mim de acordo com o conteúdo que identifiquei. Chama a atenção o aspecto de que os poucos nomes institucionais percebidos nos espaços expositivos se encontram justamente nas salas, fato que pode demonstrar um certo “investimento” maior nestes.

A categoria “Acervo” foi dividida de acordo com o conteúdo visto nos espaços expositivos em “Objeto Testemunho” e “Objeto Cenográfico”. Estes somam 63 (sessenta e três), porque 01 (um) dos ambientes não apresenta acervo por se tratar do “Auditório” e 08 (oito) possuam as categorias. A maioria, 29 (vinte e nove) locais, apresentam apenas objetos testemunho, os outros 18 (dezoito) tem como materialidades expostas apenas objetos cenográficos.

Quanto a esta escolha de categorias para compreender os objetos como testemunho e cenográfico, devemos perceber que Laurier Turgeon (2007) aponta para quatro abordagens do objeto, sendo eles: o *objeto testemunho*, o *objeto signo*, o *objeto social* e o *objeto memória*. O primeiro relaciona-se a ideia de comprovar uma história, um item que “veio” do passado para testemunhar a existência de algo, pois “Au même titre que le langage, l'objet permet d'atteindre la pensée et les processus cognitifs.” (TURGEON, 2007, p.19).³² No segundo grupo o objeto atua como produtor de sentido, deixando de ser apenas um bem material para ser a representação de algo, neste contexto:

[...] l'objet peut produire du sens, posséder un pouvoir de représentation et agir sur les processus cognitifs. Plus que de répondre à des besoins matériels et techniques, l'objet signifie des valeurs complexes, marque les identités des individus et des groupes et évoque des idées abstraites dessinées à nourrir la pensée. (TURGEON, 2007, p.19)³³

³²“Da mesma forma que a linguagem, o objeto possibilita entender o pensamento e os processos cognitivos.” (TURGEON, 2007, p.19, Tradução nossa.)

³³ “[...] o objeto pode produzir significado, possuir um poder de representação e atuar nos processos cognitivos. Mais do que responder às necessidades materiais e tecnológicas, o objeto significa valores complexos, marca as identidades de indivíduos e grupos e evoca ideais abstratos projetados para desvendar o pensamento.” (TURGEON, 2007, p.19, Tradução nossa.)

A terceira categoria, objeto social, estaria relacionado ao uso e ao papel do objeto na sociedade. Considerando que entre os valores agregados à materialidade está a ideia de bens e a distinção de classes, servindo também como uma forma de legitimação e identificação social, posto que “Les objets déclenchent des expériences sensorielles et affectives fortes capables de mobiliser ou de démoboliser les personnes. Ils permettent aussi à l'individu de dire ce qu'il est, d'affirmer sa personnalité et d'assurer son ontégration sociale.” (TURGEON, 2007, p.24)³⁴. A quarta abordagem do objeto seria sua compreensão como suporte e construtor da memória, observando que:

[...] les objets domestiques de la vie quotidienne réactivent à chaque instant de la journée les souvenirs des personnes et des événements, et les situent dans le registre mémoriel. Il s'agit d'une mémoire non verbale qui fait appel aux sens, surrount à la vue, au toucher et à l'odorats. L'ordonnancement des objets dans la maison hiérarchise les souvenirs, les classe par catégories thématiques ou événementielles, et les fait cohabiter de manière séquentielle pour construire un récit historique ou encore pour les faire dialoguer entre eux. (TURGEON, 2007, p.27)³⁵

Todas estas categorias podem ser percebidas em diversas exposições, mas também dizem respeito a relação “privada” entre sujeito e objeto, sendo que é essa atribuição de valores que os torna tão importantes ao ponto de notarmos a necessidade de sua salvaguarda e, no caso do Memorial HCI, apresentação. Sendo assim o autor coloca que “Au cours des quarante dernières années, l'objet matériel est passé du rôle passif de témoin à celui d'agent de la vie sociale et de la mémoire.” (TURGEON, 2007, p.30)³⁶.

Passamos então a perceber que não há uma relação passiva entre sujeito e objeto, mas sim uma codependência, onde um alimenta a existência de outro, neste sentido a sociedade constrói o bem material, mas este além de tornar-se prova de nossa existência molda também nossas percepções sobre a vida. Dentro do ambiente museológico um objeto pode apresentar todos estes usos, posto que: “Comme les hommes, les objets apparemment inanimés étaient

³⁴ “Os objetos desencadeiam fortes experiências sensoriais e afetivas capazes de mobilizar ou desmobilizar pessoas. Eles também permitem que o indivíduo diga o que é, afirme sua personalidade e assegure sua inclusão social.” (TURGEON, 2007, p.24, Tradução nossa.)

³⁵ “[...] os objetos domésticos da vida cotidiana reativam a cada momento do dia as lembranças de pessoas e eventos, e os colocam no registro da memória. É uma memória não-verbal que agrada aos sentidos, revigora a visão, o tato e o olfato. A ordenação de objetos nas memórias da hierarquia da casa, classifica-os por categorias temáticas ou de eventos, e os faz coexistir sequencialmente para construir uma narrativa histórica ou para fazê-los falar uns com os outros.” (TURGEON, 2007, p.24, Tradução nossa.)

³⁶ “Nos últimos quarenta anos, o objeto material passou do papel passivo de testemunho para o de agente da vida social e da memória.” (TURGEON, 2007, p.30, Tradução nossa.)

munis d'un esprit, d'un pouvoir de communication avec les humains et de la capacite même de posséder les hommes.”. (TURGEON, 2007, p.31).³⁷ Nas quatro categorias apontadas percebemos um elemento em comum: **a relação do sujeito com o objeto**, sendo que é através desta que ele passa a ser valorado.

Todavia, um importante recurso de comunicação percebido na exposição do Memorial HCI é a cenografia. Compreendendo que: “Na cenografia, a representação não está limitada à substituição de um original: ela é também um elemento narrativo, um auxiliar que permite situar espacial e temporalmente o tema abordado por um texto teatral ou por uma exposição” (ROSSINI, 2012, p.158). Ela – a cenografia – não tem relação com os sujeitos que são apresentados pelo espaço de memória, mas sim, são colocadas, criadas, a fim de gerar um sentido que auxilie a compreensão do visitante e a transmissão do discurso elaborado pela instituição. Percebendo que:

Espaço teatral e cenografia caminham juntos. A inteligência do cenógrafo geralmente se manifesta em dois planos: sensibilidade para usar e renovar, em cada trabalho, o espaço tido como habitual em seu tempo, ou perspicácia histórica de ser agente transformador deste espaço, em função de novas exigências sociais ou estéticas do espetáculo. (PEIXOTO, 1981, p.39)

A cenografia faz parte destas representações realizadas tanto no teatro quanto nos espaços expositivos, levando o visitante a uma visão mais ampla da narrativa que está sendo proposta. Ela pode auxiliar a transformar um espaço, fazendo que consigamos ver algo novo em um ambiente já visto. Todavia: “Não podemos confundir cenografia com decoração. Cenografia é um elemento do espetáculo (teatral, cinematográfico, etc.), e decoração é sinônimo de arquitetura de interiores.” (MONTOVANI, 1989, p.06). Sobre estas circunstâncias proponho o uso de um termo para definir alguns objetos que estão presentes no Memorial HCI, mas que não se enquadram nas categorias elencadas por Turgeon (2007), seria este o **objeto cenográfico**. Considerando que:

Por cenário entende-se o conjunto dos diversos materiais e efeitos cênicos, que serve para criar a realidade visual ou a atmosfera dos locais onde decorre a ação. O cenário está inserido dentro da cenografia, que é um espaço conceitual mais abrangente: o espaço do espetáculo, qualquer seja a sua natureza. (COHEN, 2007, p.57)

³⁷“Como os homens, os objetos aparentemente inanimados eram dotados de um espírito, de um poder de comunicação com os humanos e até mesmo da capacidade de possuir os homens.” (TURGEON, 2007, p.31, Tradução nossa).

Cenário seria o local onde ocorre algo, é o plano de fundo de um ato, serve para dar sentido ou contextualizar, enquanto a ideia de cenografia vai além, inserindo significados, criando uma ambientação que faz parte do espetáculo. Deste modo, poderíamos dizer que o objeto cenográfico “extrapola” o sentido de apresentar apenas uma contextualização visual quando é imerso na performance museal. Sendo assim, podemos dizer que o objeto cenográfico é também um objeto signo? O objeto signo transmite por si mesmo, pelo seu “lugar social”; enquanto o objeto cenográfico cria uma necessidade, ele “enfeita” um discurso, fazendo parte de uma espetacularização do acontecimento?

A diferença entre um objeto signo e um objeto cenográfico é que o primeiro tem um significado por sua relação com a história e com a vida de pessoas, o segundo constrói um significado, sendo necessário um contexto, faz parte da elaboração de uma atmosfera para que os objetos testemunho possam atuar.

O objeto cenográfico tem relação com a ideia de que construímos um discurso e encenamos um passado, pois apenas os itens do passado não se tornam fonte de ligação suficiente, ou da relação desejada pelos organizadores, para a montagem deste teatro das sobras. Sendo assim, optei por estabelecer a dualidade na análise do acervo do Memorial HCI entre objetos testemunho e objetos cenográficos.

A diferença entre objetos testemunho e objetos cenográficos consiste na ideia de que ao primeiro são atribuídos significados ao longo de sua trajetória, enquanto o segundo surge para criar um significado, sendo a representação de uma ausência percebida dentro da narrativa almejada pelas pessoas que constroem o discurso expositivo. Ao analisarmos os objetos cenográficos de uma exposição pode ser que eles sejam uma fonte de informação ainda mais rica que os próprios objetos testemunhos. Pois um objeto testemunho tem seu sentido “dado”, ele está ali porque é testemunho de uma história, já os objetos cenográficos mexem com o imaginário das pessoas, sendo construtores de histórias e fortes indicadores do discurso institucional.

Desvallées (2015) aponta o termo *expôt*, que seria “[...] tudo aquilo que pode ser exposto, seja qual for a natureza e a forma, tratando-se de coisas reais (coisas autênticas), de imagens ou de sons, de originais ou de substitutos.” (DESVALLÉES, 2015, p.66). Considerando que “[...] o objeto de museu não era mais um fim em si, mas o meio de dizer alguma coisa, de *significar*.” (DESVALLÉES, 2015, p.57. Grifo do autor), ele comenta o uso de “substitutos” que poderiam ser tangíveis – maquetes, modelos científicos, réplicas – ou virtuais “[...] provenientes do domínio contemporâneo do audiovisual [...]” (DESVALLÉES, 2015, p.58), sendo que a fotografia poderia enquadrar-se em ambas categorias.

O autor coloca que seria necessário documentar estes bens, assim como contextualizá-los, acrescentando elementos cenográficos “[...] manequins para portar as vestimentas, dioramas (ou simples panoramas fotográficos) para reconstituir um meio ambiente, sonorização para criar uma ambiência, etc.” (DESVALLÉES, 2015, p.59). Segundo ele “É a linguagem que está em vias de se transformar. Não mais somente a estátua sobre seu pedestal, a pintura em sua moldura e a série em sua organização bem simétrica; mas a vida que tentamos recriar – ou ao menos transmitir por simulação.” (DESVALLÉES, 2015, p.59). Desta forma, seria necessário mais que o simples olhar, mas também a manipulação, a interação, o espectador se tornando ator.

Considerando a ideia de *expôt* chegamos à conclusão de que sim, os objetos cenográficos fazem parte desta categoria e servem em muitos momentos para suprir ausências. Todavia, no caso do Memorial HCI, eles não são substitutos, mas peças escolhidas e construídas para complementar “faltas” no discurso institucional identificou, sendo ao mesmo tempo elementos ligados a ausência e a evocadores de uma percepção sobre o passado. Posto que devemos também nos questionar: tais lacunas realmente existem ou encontram-se relacionadas ao discurso almejado pelos organizadores e suas próprias visões desta história e de como comunicá-la?

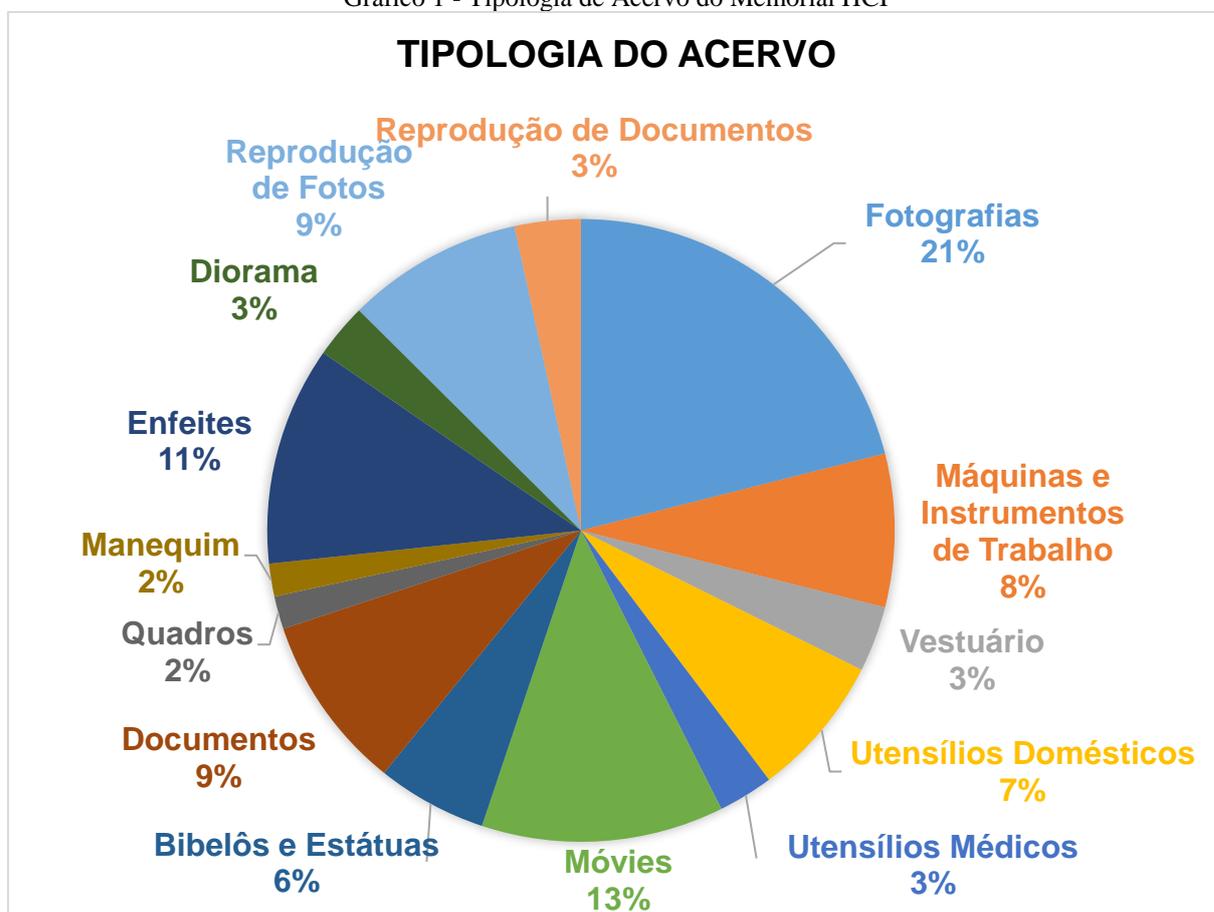
Podemos dizer que o uso de objetos cenográficos se trata de uma escolha, há itens que poderiam ser retirados, pois estão em demasia ou que podem reforçar o imaginário da lepra e o estigma em relação ao leproso. Todavia, ao mesmo tempo em que estas opções são polêmicas, atraem também a atenção do visitante, como podemos observar nas imagens do Memorial escolhidas para virar cartões-postais. Dos 10 (dez) postais aos quais tivemos acesso, somente 02 (dois) retratavam o interior deste espaço de memória, os elementos escolhidos foram justamente os manequins utilizados na exposição. São eles: o “Lázaro”, que transmite a ideia do leproso medieval, excluído, vagando sem poder tocar em nada, deformado pela doença, escondendo-se; a “noiva”, que apesar de se tratar de uma representação “positiva”, que seriam os amores que surgiram no HCI, também aparece como uma figura “fantasmagórica” do abandono e exclusão aos quais estes moradores foram expostos, tendo que limitar suas vidas, conhecimentos e relações à uma instituição.

Quanto à tipologia do acervo, foi feito um levantamento, organizado tendo como base as categorias objetos testemunho e objetos cenográficos, a tabela completa pode ser observada no Apêndice H. No primeiro grupo foram colocados: Fotografias; Máquinas e Instrumentos de Trabalho; Vestuário; Utensílios Domésticos; Utensílios Médicos; Móveis; Bibelôs e Estátuas; Documentos; Quadros. Na segunda categoria estão: Quadros; Manequins; Enfeites; Diorama;

Reprodução de Fotos; Reprodução de Documentos. A única tipologia que está presente nas duas categorias de objetos organizadas é a “Quadros”, por consistirem em apenas três casos de estudo, sendo dois deles enquadrados como cenográficos e um como testemunho.

As terminologias são o meio encontrado para descrever um acervo tão variado, amplo e que não dispõe de documentação. A porcentagem realizada não se refere ao número total de peças expostas, pois não há documentação ou levantamento destas e o tempo das visitas não foi suficiente para realizar tal contagem. Sendo assim, o gráfico a seguir sugere a frequência com que determinada tipologia de acervo aparece nos espaços expositivos.

Gráfico 1 - Tipologia de Acervo do Memorial HCI



Fonte: Dados coletados através da pesquisa de campo realizada por Helena Thomasim Medeiros (2018).

A maior frequência percebida através desta categorização de tipologia de acervo é a do uso de objetos testemunho, sendo os objetos cenográficos cerca de 30% (trinta por cento) das materialidades expostas no Memorial. Percebemos que o uso de itens cenográficos ocorre tanto como elementos de destaque na narrativa expográfica, quanto de ligação entre as materialidades na busca de uma linearidade nas representações criadas sobre o passado. As peças vinculadas

ao HCI e seus pacientes/moradores tentem a aparecerem com maior frequência, porém nem sempre a forma como são utilizadas explora seu potencial enquanto testemunho.

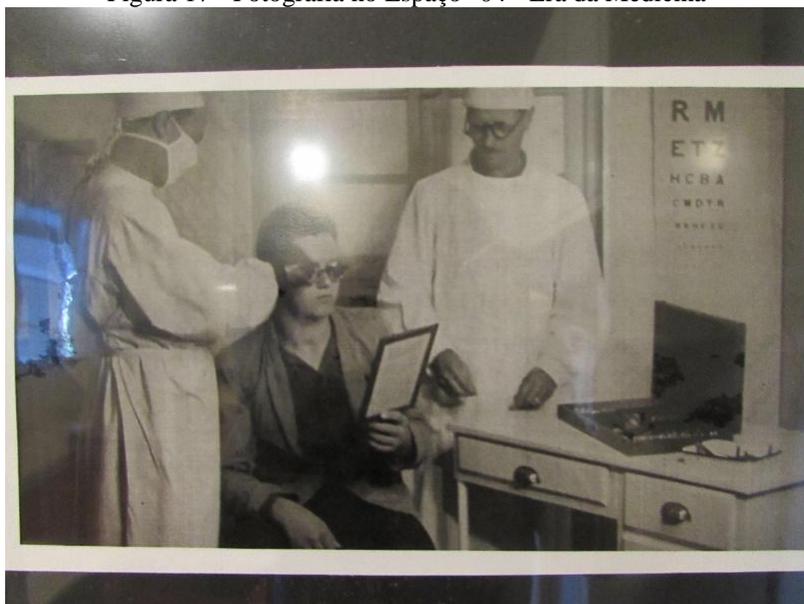
A partir do gráfico percebemos que na maioria dos espaços estão expostas fotografias, sendo 21% (vinte e um por cento) da frequência de tipologias de acervo que aparecem, além das reproduções de fotos que são 9% (nove por cento), dado que corrobora com a fala do senhor Marco, que comenta: “A freira manipulando e a foto dela manipulando, o objeto e a foto provando.” (LUCAORA, 2015, inf. verb.). Deste modo, percebemos que as fotos, em conjunto com os objetos recolhidos, nortearam a montagem da exposição.

Figura 16 - Fotos e Reproduções no Espaço Expositivo "31- Escada"



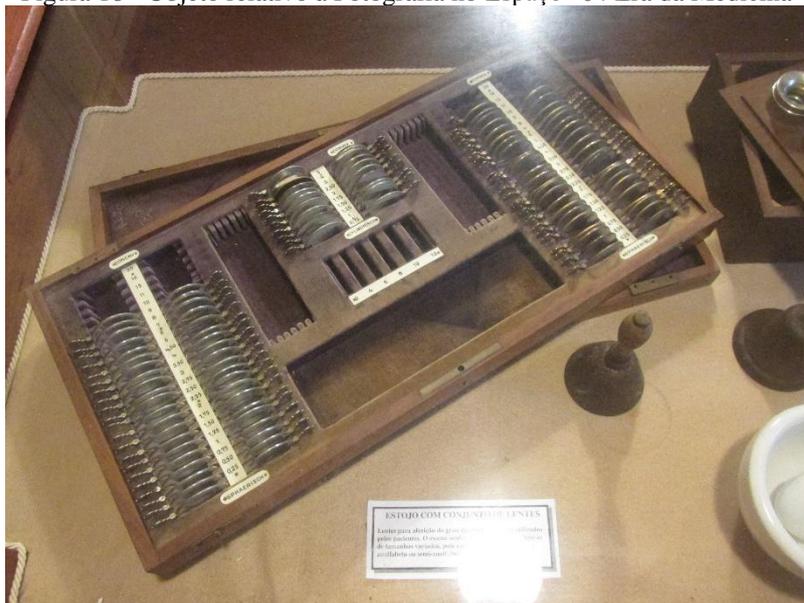
Fonte: MEDEIROS, Carolina Thomassim (2017).

Figura 17 - Fotografia no Espaço "04 - Era da Medicina"



Fonte: MEDEIROS, Helena Thomassim (2015).

Figura 18 - Objeto relativo à Fotografia no Espaço "04 Era da Medicina"



Fonte: MEDEIROS, Helena Thomassim (2015).

O segundo maior grupo, 13% (treze por cento), são os móveis, aspecto que também se justifica pois muitas vezes estes objetos não são o foco dos espaços expositivos ou dos textos, mas sim utilizados como suporte para outras materialidades.

Figura 19 - Móveis no Espaço "49 - Administração e Setores"



Fonte: MEDEIROS, Carolina Thomassim (2017).

Em terceiro lugar estão, com 11% (onze por cento), os “Enfeites”, este grupo consiste em peças que foram colocadas no Memorial com um intuito aparentemente decorativo, pois além de não estarem identificadas – como a maior parte do acervo –, são dispostas de forma “aleatória”, “embelezando” o ambiente e, algumas vezes, realizando uma “introdução visual” sobre um assunto, servindo como itens cênicos.

Figura 20 - Pratos no Espaço "30 - Cozinha"



Fonte: MEDEIROS, Carolina Thomassim (2017).

Figura 21 - Pães Cênicos no Espaço "12 - Padaria"



Fonte: MEDEIROS, Carolina Thomassim (2017).

Figura 22 - Artesanato no Espaço "35 - Itens Indígenas"



Fonte: MEDEIROS, Nestor Ourique (2015).

Há um empate de 9% (nove por cento) entre algumas tipologias, sendo estas: Reprodução de Fotos – mencionadas junto com as fotografias, por possuírem uma finalidade semelhante – e Documentos, entendidos no sentido de materiais elaborados para fins institucionais ou não, em suporte de papel, como livros, convites, cartas, cartazes, entre outros. Esta segunda materialidade pode ser uma rica fonte de pesquisa, por obter informações da

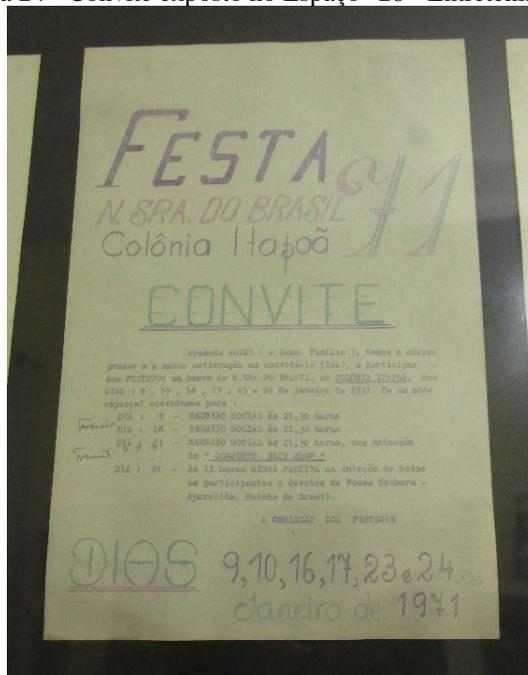
instituição, seus pacientes e o modo de vida destas pessoas no Hospital, referindo-se também às salas de arquivo presentes na Casa das Irmãs. Contudo, devido ao ritmo da mediação e a quantidade de materialidades expostas são vistos rapidamente sem que tenhamos muito tempo hábil para compreender seu significado dentro do contexto do HCI ou ler seu conteúdo.

Figura 23 - Documentos expostos no Espaço "28 - Entretenimento"



Fonte: MEDEIROS, Helena Thomassim (2017).

Figura 24 - Convite exposto no Espaço "28 - Entretenimento"



Fonte: MEDEIROS, Helena Thomassim (2017).

Figura 25 - Documento e Carta no Espaço "21 – Elpídio Salles Teixeira"



Fonte: MEDEIROS, Helena Thomassim (2017).

A próxima tipologia são as “Máquinas e Instrumentos de Trabalho” que aparecem com 8% (oito por cento) de frequência nos espaços expositivos. Este grupo corresponde objetos que eram utilizadas nos diversos trabalhos que desenvolvidos dentro do Hospital. No Memorial há muitos espaços expositivos com tal tipo de acervo, aspecto que demonstra a duração destes itens por serem compostos, muitas vezes, de metal e outros materiais duráveis. Além disso podemos refletir sobre a importância que estas atividades laborais tinham no cotidiano do HCI, definindo também a vida destes moradores dentro da instituição e reminiscências de seu passado.

Figura 26 - Objetos de trabalho no Espaço "17 - Trabalhos Rurais"



Fonte: MEDEIROS, Helena Thomassim (2017).

Outra tipologia percebida, 7% (sete por cento), são “Utensílios Domésticos”, uma classificação ampla que diz respeito a objetos, provavelmente, utilizados no cotidiano dos lares do HCI. Estão inclusos neste conjunto talheres, potes, eletrodomésticos, máquinas de costura, ferro de passar, entre outros. Considerando que alguns deles também podem ser vistos como instrumentos de trabalho.

Figura 27 - Armário com Objetos e Geladeira no Espaço "30 - Cozinha"



Fonte: MEDEIROS, Helena Thomassim (2017).

Figura 28 - Peças de uso Doméstico ou de Trabalho nos Espaços "14- Fábrica de Sabão" e "15- Roupas"



Fonte: MEDEIROS, Helena Thomassim (2017).

O próximo item são os “Bibelôs e Estátuas”, que aparecem com uma frequência de 6% (seis por cento), estes referem-se principalmente a peças religiosas, como imagens de santos, mas também podem ser objetos pessoais entregues ao Memorial, como porta-joias, troféus, medalhas, estatuetas, entre outros.

Figura 29 - Troféus e Medalhas no Espaço "28 – Entretenimento"



Fonte: MEDEIROS, Helena Thomassim (2017).

Empatados com a frequência de 3% (três por cento) aparecem as “Reprodução de Documentos”, “Vestuário” e “Dioramas”. Quanto ao primeiro, referem-se a reportagens de jornais, cópias de documentos da instituição e pessoais, são um elemento que agrega por trazer imagens que não são, necessariamente, do acervo do HCI e por possibilitarem o acesso do público a alguns bens que, caso fossem expostos os originais, poderiam comprometer as materialidades.

Figura 30 - Reproduções de Jornais no Espaço "07 – Jornais: Amparo Santa Cruz"



Fonte: MEDEIROS, Nestor Ourique (2015).

As peças de vestuário que aparecem na exposição consistem em roupas, chapéus, calçados e luvas. Estes são importantes objetos testemunho por representarem uma época, assim como as pessoas que as possuíram. São itens que chamam a atenção por possibilitar uma relação direta para o visitante entre sujeito/objeto, pois com a definição de uma imagem corporal somos suscitados a pensar na própria existência e efemeridade.

Figura 31 - Vestuário no Espaço "23 - Sala dos Amores"



Fonte: MEDEIROS, Helena Thomassim (2017).

Os “Dioramas” observados, neste caso, são algumas maquetes ou pequenos espaços montados para simular um ambiente, considerando que este conceito se refere a:

[...] cenários especialmente montados, utilizados contemporaneamente em Museus de História Natural, que nos dão a ilusão de realismo. [...] são construídos através de efeitos de luz, fundos pintados e animais empalhados. Esses cenários exibem uma espécie de teatro congelado [...] (ALMEIDA, 2012, p.115)

No Memorial HCI, nós podemos observar alguns dioramas mais complexos, como é o caso do Lázaro, no espaço “03 – Memórias do Mundo” que apresenta diversos elementos – roupas tingidas manualmente, as deformidades esculpidas à mão, objetos como corda, casca de árvore, cajado, sino, casca de tatu, entre outros –, e dioramas mais simples, como o do espaço “36 – Colônia Japonesa”, que imita uma plantação com alguns brotos germinando ou da sala “40 – Recontando a História”, que expõe maquetes do HCI feitas pelos alunos da Escola Frei Pacífico.

Figura 32 - Diorama no Espaço "03 - Memórias do Mundo"



Fonte: MEDEIROS, Helena Thomassim (2017).

Figura 33 - Dioramas dos Espaços "36 – Colônia Japonesa" e "37 – Aldeia Pindo-Mirim"



Fonte: MEDEIROS, Helena Thomassim (2017).

Figura 34 - Diorama/Maquete no Espaço "40 - Recontando a História"



Fonte: MEDEIROS, Helena Thomassim (2017).

Os “Utensílios Médicos”, que aparecem com 3% (três por cento) de frequência, são um grupo constituído de itens como frascos, tesouras, potes para fabricação de pomadas, entre outros. São aparelhos que eram usados para a manutenção da saúde dos pacientes de modo geral, tanto em exames quanto para fabricação de remédio e cuidado com as feridas destas pessoas.

Figura 35 - Utensílios Médicos no Espaço "04 - Era da Medicina"



Fonte: MEDEIROS, Helena Thomassim (2017).

Com menos frequência, mas não necessariamente em menor quantidade, são vistos objetos relativos às tipologias “Quadros” e “Manequim”, que correspondem a 2% (dois por

cento) cada um. O primeiro grupo consiste em quadros pintados pelo senhor Marco Lucaora e obras expostas na sala “32 – Pacientes Psiquiátricos”, que não possuem legenda, por este motivo não é possível ter precisão quanto a sua origem e autor. Entretanto, levando em conta a temática abordada na sala, provavelmente, são obras realizadas pelos pacientes da unidade psiquiátrica do HCI, aspecto que faz com que sejam listados como objetos testemunho.

Figura 36 - Quadros no Espaço "32 – Pacientes Psiquiátricos"



Fonte: MEDEIROS, Helena Thomassim (2017).

O segundo conjunto são os manequins, elemento que merece destaque e que são característicos desta exposição, chamando a atenção do visitante nos momentos em que aparecem. A partir de minhas análises identifiquei 03 (três) objetos que classifiquei como manequins, sendo eles: o Lázaro, a Noiva e o Bebê. O último item trata-se de uma boneca, contudo achei por bem incluir nesta categoria, já que está ali como a representação de um ser humano, assim como os outros dois. O uso destes elementos expositivos pode ser visto como controverso, pois, assim como podem estimular a curiosidade e aguçar o interesse do visitante, também correm o risco de corroborar com um imaginário “fantasmagórico” e assustador do HCI e seus pacientes. A “Noiva”, por exemplo, encontra-se em frente a porta do espaço “23- Sala dos Amores” que fica em linha reta com a porta de entrada do Memorial dando um aspecto assombroso em alguns momentos.

Figura 37 - Manequim "Noiva" vista do corredor



Fonte: MEDEIROS, Helena Thomassim (2017).

Figura 38 - Boneca no Espaço "52 - Filhos Levados"



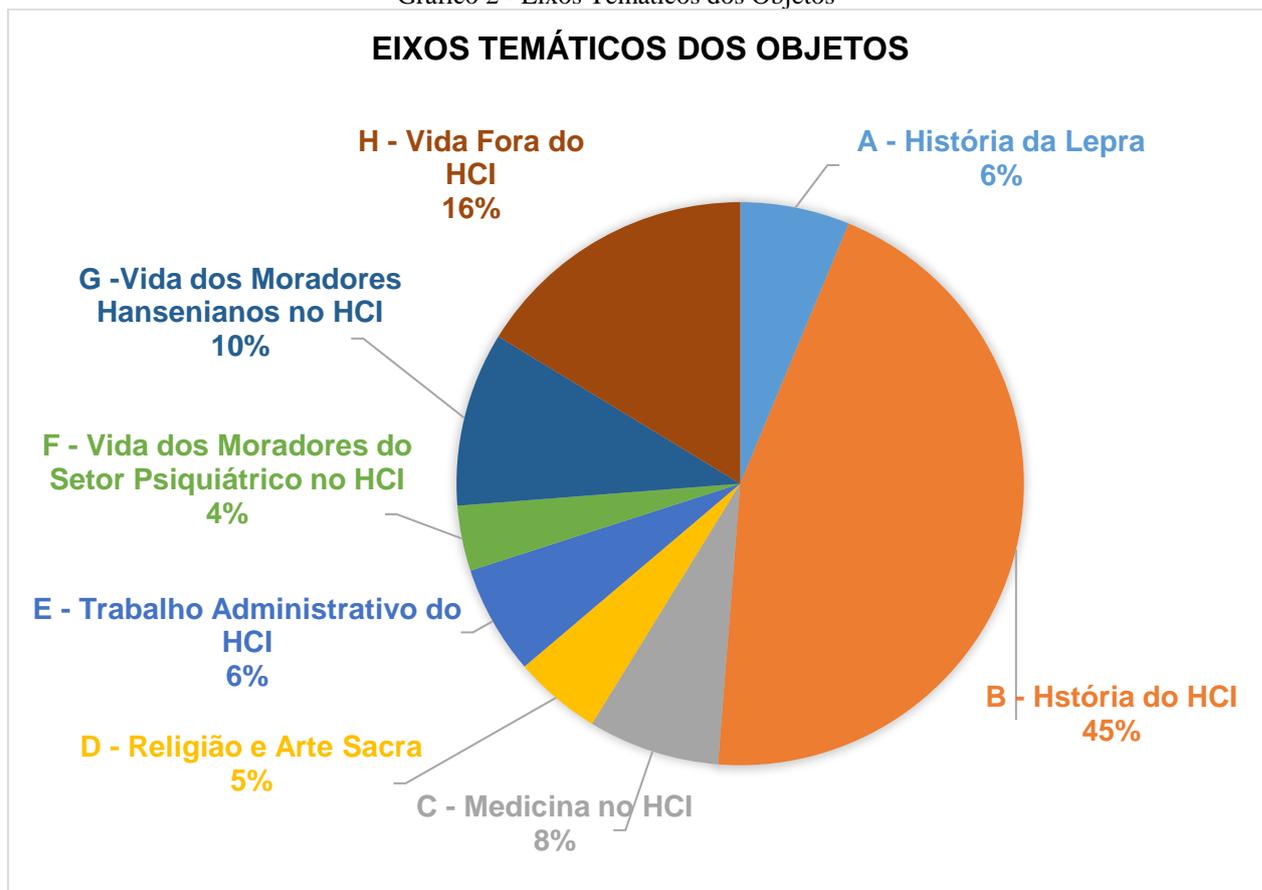
Fonte: MEDEIROS, Helena Thomassim (2017).

Após a identificação dos espaços expositivos e das tipologias de acervo encontradas, torna-se interessante agrupar estes ambientes segundo assuntos em comum, que acabam norteando a exposição. Foram organizados 08 (oito) eixos temáticos, listados de A à H, para

facilitar a montagem da tabela³⁸, são eles: A- História da Lepra; B- História do HCI; C- Medicina no HCI; D- Religião e Arte Sacra; E- Trabalho Administrativo do HCI; F- Vida dos Moradores do Setor Psiquiátrico no HCI; G- Vida dos Moradores Hansenianos no HCI; H- Vida Fora do HCI.

Os espaços expositivos foram organizados de acordo com os eixos temáticos nos quais suas materialidades se enquadravam e a partir destes dados o gráfico a seguir foi elaborado. Sendo assim, neste gráfico o que aparece é uma “leitura visual” das informações que este espaço de memória nos proporciona e que não estão, necessariamente, atreladas ao texto expositivo. Como há muitas materialidades e mais de um assunto abordado em cada espaço, o gráfico demonstra quais os temas que mais se repetem e que, desta forma, acabam sendo o foco da exposição do Memorial HCI.

Gráfico 2 - Eixos Temáticos dos Objetos



Fonte: Dados coletados através da pesquisa de campo realizada por Helena Thomasim Medeiros (2018).

Segundo estes dados a maior parte dos espaços se encaixaria no eixo “B - História do HCI”, 45% (quarenta e cinco por cento), o que tem muito sentido, levando em consideração que o Memorial conta a história desta instituição. Neste tema foram colocados os espaços que

³⁸ A tabela completa pode ser vista no “Apêndice I” desta dissertação.

fizessem referência a vida institucional, no sentido de falarem dos trabalhos realizados pelos pacientes e dos espaços de sociabilidade, os quais aparentemente não mencionam explicitamente histórias de vida dos moradores.

Figura 39 - Espaço "28 - Entretenimento"



Fonte: MEDEIROS, Carolina Thomassim (2017)

O segundo eixo mais recorrente, que seria tema de 16% (dezesseis por cento) dos espaços, é o “H – Vida Fora do HCI”, dado que surpreendeu, pois neste grupo foram colocados ambientes que não abordam o HCI, mas comunidades e assuntos próximos que circundam o Hospital sem fazer parte do mesmo.

Figura 40 - Espaço "50 – Imagens da Flora e Fauna no Corredor"



Fonte: MEDEIROS, Helena Thomassim (2017)

O eixo “G – Vida dos Moradores Hansenianos no HCI” representa 10% (dez por cento), dos temas percebidos visualmente nos espaços, seriam ambientes que abordam aspectos ligados as histórias de vida destas pessoas. O intuito de separar os moradores hansenianos e do setor psiquiátrico deve-se ao fato de que notamos poucos espaços destinados ao segundo grupo, colocando o Memorial mais voltado para a história da doença hanseníase, as medidas de saúde realizadas para seu combate – como a criação do próprio HCI – e a vida dos pacientes acometidos por ela. Segundo o senhor Marco “**A ideia do Memorial é preservar a memória da colônia de Itapuã.**” (LUCAORA, 2015, inf. verb., Grifo nosso.), e esta seria vinculada aos próprios pacientes e suas histórias, não apenas as materialidades com os quais eles interagiram durante sua vida.

Figura 41 - Espaço " 22 – Lori Kunzler"



Fonte: MEDEIROS, Helena Thomassim (2017)

Percebemos que o eixo “C – Medicina no HCI” aparece em 8% (oito por cento) dos espaços expositivos, que trazem um acervo ligado aos cuidados e procedimentos médicos utilizados, sendo também parte da história da própria “lepra”, do Hospital e de seus moradores. Para um visitante leigo nesta área, talvez, muitos destes itens não tenham tanto sentido, até porque há poucas legendas nos objetos, mas, possivelmente, sejam de grande interesse e utilidade para pessoas vinculadas a área da saúde, sendo fonte de conhecimento. Exemplo disso é que o ambiente “20 – Tambores de Esterilização de Gaze”, onde estão expostos itens ligados à medicina, todavia, foi necessário que a enfermeira Rita explicasse o que eram estes objetos, pois, assemelham-se a painéis.

Figura 42 - Espaço "20 – Tambores de Esterilização de Gaze"



Fonte: MEDEIROS, Helena Thomassim (2017)

Figura 43 - Espaço "48 - Laboratório"



Fonte: MEDEIROS, Helena Thomassim (2017)

Com 6% (seis por cento) de recorrência, ficaram os eixos “A – História da Lepra” e “E – Trabalho Administrativo do HCP”. Sobre o primeiro eixo percebermos logo nas primeiras salas uma forte preocupação com esta história, posto que, segundo a senhora Rita: “[...] nós não podemos começar Itapuã, como se Itapuã tivesse caído dos céus, nós não poderíamos fazer isso, porque [é] a primeira doença da história da humanidade, a ser citada, e nós simplesmente vamos começar Itapuã? De jeito maneira [...]” (CAMELLO, 2015, inf. verb.). Esta é uma escolha interessante dos organizadores pois a palestra que os visitantes assistem antes de frequentar a exposição também supre estas possíveis necessidades informacionais.

Figura 44 - Mapa no Espaço "03 - Memórias do Mundo"



Fonte: MEDEIROS, Helena Thomassim (2017)

O eixo temático “E – Trabalho Administrativo do HCI” refere-se, principalmente, aos espaços expositivos que apresentam arquivos, a sala com objetos de escritório e a própria entrada do Memorial que expõe elementos vinculados a administração do local, como a placa de agradecimento ao senhor Marco e o banner do HCI.

Figura 45 - Espaço "45 - Sala de Arquivo"



Fonte: MEDEIROS, Helena Thomassim (2017)

Figura 46 - Espaço "49 – Administração e Setores"



Fonte: MEDEIROS, Helena Thomassim (2017)

Em 5% (cinco por cento) da exposição vemos o tema “D – Religião e Arte Sacra”, aspecto de grande importância na história deste Hospital, levando em conta o papel desenvolvido pela própria Igreja Católica na criação do imaginário do leproso, pelas Irmãs no cuidado com os pacientes e pela Igreja Luterana, que se fez presente e que construiu, com o auxílio de seus fiéis, o único bem tombado do Hospital. Ao longo da exposição percebemos poucas materialidades vinculadas a manifestações religiosas, todavia, este tema sempre se fez presente nas relações que foram construídas nesta instituição.

Figura 47 - Espaço "53 - Religiosidade"



Fonte: MEDEIROS, Helena Thomassim (2017)

O tema que teve menor frequência, 4% (quatro por cento), foi o “F – Vida dos Moradores do Setor Psiquiátrico no HCI”, tendo em vista que percebemos este assunto em apenas 03 (três) espaços expositivos dos 56 (cinquenta e seis) identificados. Dado preocupante, posto que este espaço de memória está, de alguma forma, negligenciando pessoas que vivem, algumas, há cerca de 40 (quarenta) anos nesta instituição.

Talvez esta escolha expográfica se dê em função de que este grupo de moradores continua aumentando, do fato de que existe também o Memorial do HPSP – instituição da qual eles são provenientes –, ou de uma visão mais voltada para os motivos que levaram a construção do HCI, seu “período de ouro”, por assim dizer. Já que a transferência dos pacientes psiquiátricos delimita também uma grande transformação no modo de vida deste Hospital, com a saída das Irmãs e o esvaziamento do local, que leva também ao estado precário e em desuso no qual vários prédios se encontram.

Figura 48 - Espaço "34 - Pacientes Psiquiátricos"



Fonte: MEDEIROS, Helena Thomassim (2017)

A partir dos eixos temáticos observados – História da Lepra; História do HCI; Medicina no HCI; Religião e Arte Sacra; Trabalho Administrativo do HCI; Vida dos Moradores do Setor Psiquiátrico no HCI; Vida dos Moradores Hansenianos no HCI; Vida Fora do HCI – percebemos que a vida levada pelos moradores do HCI é um tema recorrente e que deveria ser a base desta exposição, tendo em vista que esta história só existe em virtude da trajetória destas pessoas. Sendo assim, é importante perceber que os objetos desta exposição foram recolhidos de duas formas: através do contato com diferentes setores do Hospital que enviaram objetos que julgaram relevantes por serem antigos ou estarem sem uso, e por meio de doações dos pacientes, funcionários e comunidade do entorno. Segundo a senhora Rita: “[...] a maior parte eram objetos do Hospital, se tu pensares em toda a farmácia, em todo o laboratório, em todo equipamento, tudo o que é mais estrutural. Agora eles [os pacientes] também tinham seus pertences sim, o bule de carregar, o copo que ganhou quando entrou lá.” (CAMELLO, 2017, inf. verb.)

Poderíamos considerar este segundo grupo de objetos enquanto representantes mais fortemente associados a memória que os pacientes do HCI querem transmitir, posto que “Relíquias, semióforo, objetos históricos: seus compromissos são essencialmente com o presente, pois é no presente que eles são produzidos ou reproduzidos como categoria de objeto e é às necessidades do presente que eles respondem.” (MENESES, 1998, p.94). Sendo assim,

a imagem de suas memórias no presente, o que eles querem que permaneça, estariam vinculadas a tais materialidades. Meneses (1998) comenta que:

[...] qualquer objeto pode funcionar como documento e mesmo o documento de nascença pode fornecer informações jamais previstas em sua programação. Se, ao invés de usar uma caneta para escrever, lhe são colocadas questões sobre o que seus atributos informam relativamente à sua matéria-prima e respectivo processamento, à tecnologia e condições sociais de fabricação, forma, função, significação etc. - este objeto utilitário está sendo empregado como documento. (MENESES, 1998, p.95)

Podemos perceber que muitos dos objetos apresentados pelo Memorial eram utilizados nas atividades realizadas dentro do HCI, tanto para aspectos da vida ligados ao entretenimento e sociabilidade quanto ao trabalho, seja ele no campo, na fabricação de comida, roupas, entre outros. Dohman (2013) observa que “As técnicas contam a história dos objetos na trajetória do homem através dos tempos, datando a materialidade artificial construída pelo homem e seus mais diversos segmentos, da produção à comunicação, da sociabilidade à subjetividade.” (DOHMAN. 2013. p.43). Sendo assim, estes itens são também representantes históricos da sociedade interna e externa ao Hospital. Porém, tais objetos, diferente dos doados são fruto de um processo de seleção realizado pelos funcionários do HCI, os quais também fazem parte desta história, mas que possuiriam um olhar diferente, de trajetórias que não vivenciaram uma exclusão forçada ou uma doença estigmatizante.

Ao considerar que “A integridade física do artefato corresponde sua verdade objetiva. Os discursos sobre o artefato é que podem ser falsos.” (MENESES, 1998, p.92) percebemos que não são somente os objetos que irão contar essa história, mas os discursos a eles atrelados. As materialidades podem nos proporcionar diversos dados, contudo, o modo como estes são utilizadas e a forma como o público os interpreta podem ser variados. Sendo assim, informações complementares como textos, legendas e mediações enriquecem e formulam um discurso. Nos levando a conclusão de que os objetos, as sobras, não “falam” por si mesmas, mas sim, nós, a partir de nossas experiências, é que os interpretamos e damos um sentido as materialidades.

4.3 O que Falam das Sobras? O Texto Expositivo e suas Revelações

Ao considerarmos que o patrimônio pode ser entendido de forma tangível e intangível, percebemos que as materialidades – no caso do HCI os objetos expostos no Memorial e os prédios que formam as sobras desta história de exclusão – nos transmitem sensações ou informações que fazem com que percebamos sua importância. Entretanto, diversas vezes

precisamos de um conhecimento que vai além do que estes bens podem nos proporcionar, e quando as tradições e histórias transmitidas por gerações não conseguem mais exercer este papel de salvaguarda, outras medidas tornam-se importantes, como a criação de espaços de memória.

No caso estudado nesta dissertação, as trajetórias que envolvem este Hospital não são de conhecimento geral e acabam tendo maior acesso a elas pessoas envolvidas com a área da saúde, que tem algum laço direto ou indireto com esse local, seus moradores e funcionários, ou visitantes com interesses particulares. Sendo assim, um espaço de memória neste local exerce um papel que, além de salvaguardar e apresentar um acervo, visa também informar sobre uma doença e sua relação com a própria história da humanidade.

As materialidades presentes no HCI, muitas vezes, fazem parte de um cotidiano não tão distante de outras realidades, sendo em grande parte relacionadas aos trabalhos desenvolvidos pelos pacientes no local. O que aponta e reforça suas peculiaridades, geralmente, são as mediações, os textos expositivos são utilizados na falta ou em sintonia com esta ação. Sendo assim, este capítulo visa adentrar na forma e no conteúdo trazido pelos textos, que podem ser ricos suportes informacionais, assim como construtores de um discurso sobre esta instituição e seus moradores. Debary comenta:

Até que ponto chegamos a pensar (crer) que o objeto evocado ou mostrado é mesmo aquele da história narrada? Trata-se do trabalho do narrador. A poética do objeto manipulado permite contar histórias. No museu como no teatro, é a força dessa teatralidade que desempenha na história. Um teatro que significa ausência da humanidade mas que não cessa de fazê-la retornar pela presença dos objetos. Essa força é sua capacidade de surpreender, sua criatividade. (DEBARY, 2017, p.62)

Consideramos que parte desta teatralidade está na organização dos objetos e na forma como a mediação nos guia por estas materialidades. Entretanto, quando não há esta condução, o que nos faz compreender os itens expostos geralmente são os textos, as legendas e nossa própria percepção sobre o espaço. Desta forma, optou-se pela análise dos textos expográficos apresentados no Memorial do HCI, considerando a impossibilidade de analisar a mediação, e tendo por intuito perceber “o que falam das sobras”.

Os textos expositivos do Memorial HCI variam de tamanho (banners, folhas A3 e A4), forma (folha de ofício no sentido vertical ou horizontal, tipo de fonte, tamanho da letra, localização e *designer*) e origem (CEDOPE ou Memorial). Em alguns deles há o nome do autor, mas na maioria essa informação não aparece, na entrevista de 2017 a senhora Rita fala sobre a criação deste material: “Eu acho que 90% (noventa por cento) são meus. [...] A direção anterior

[ajudou] de alguma forma, mas tipo assim 02 (dois) ou 03 (três) textos, tipo assim, alguma coisinha pequenina [...] do CEDOPE.” (CAMELLO, 2017, inf. verb.)

Para a identificação e localização destes textos se fez uso de fotos, vídeos, arquivos cedidos pela senhora Rita, fotos da pesquisadora Daniele Borges Bezerra³⁹ e do próprio HCI que enviou imagens dos textos solicitados. Mesmo assim, 03 (três) dos 62 (sessenta e dois) textos percebidos – posto que não se descarta a hipótese de que algum deles não tenha sido identificado – não puderam ser analisados por não estar inclusos nos arquivos que foram disponibilizados e/ou suas imagens terem ficado ilegíveis, sendo estes os “28.2 Sociabilidade”, “53.3 Sociabilidade” e “55.4 Relação Parcial dos Projetos de Theodor Wiederspahn”. Tendo em vista que os dois primeiros se referem a textos feitos pelo CEDOPE, sabemos que se trata de trechos de entrevistas com os pacientes/moradores do HCI, quanto ao terceiro, seu título dá um forte indício do assunto que aborda, sendo uma lista de obras projetadas por Theodor Wiederspahn.

A seguir está a lista com o título dos textos e os espaços expositivos onde eles estão, sendo a numeração uma referência ao local de exposição. Os nomes colocados, em geral, são os próprios títulos dos textos, na falta deste, foram usadas as primeiras palavras do texto seguidas de reticências.

Quadro 4 - Textos Expositivos do Memorial HCI

Espaços Expositivos	Textos Expositivos
01 – Hall de Entrada (N.A.) ⁴⁰	
02 – Auditório (N.I.)	
03 - Memórias do Mundo (N.I.)	3.1 Os Caminhos da Lepra
	3.2 Caminhos da Lepra
	3.3 A Igreja Católica assume a profilaxia
	3.4 Na Idade Média ...
04 – Era da Medicina (N.I.)	4.1 Em 1873 o médico...
	4.2 Micobacterium Leprae
	4.3 Especialidades Médicas

³⁹ Até o mês de fevereiro de 2019 a pesquisadora em questão estava vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural (PPGMP) da Universidade Federal de Pelotas (UFPel) como doutoranda.

⁴⁰ As siglas N.A. N.I. e N.T. significam respectivamente: “nome atribuído”, pois são espaços sem nomenclaturas específicas, por esse motivo foram colocados títulos que as identificassem; “nome institucional”, ambientes que possuem títulos apresentados nas visitas, entrevistas e reportagens sobre o Memorial HCI; “nome do texto”, que está vinculado aos textos expositivos associados aos espaços.

05 – Jornais: História HCI (N.A.)	5.1 Os painéis a seguir...
	5.2 Os Hospitais Colônia: Cidades para os Lázaros
	5.3 Mal de Hansen na Visão do Dr. Maximiliano Cauduro
	5.4 O Início do Combate a Lepra no Rio Grande do Sul
	5.5 A Escolha do Local para a Construção do Hospital Colônia Itapuã 5.5.1 Pedra Fundamental 5.5.2 Fala do Governo do Estado 5.5.3 Fala O Dr. Luiz Medeiros 5.5.4 Um Churrasco 5.5.5 Construção de uma Estrada
	5.6 Inauguração do Leprosário Itapoan 5.6.1 O Ato Inaugural 5.6.2 Convidados Do Governo Do Estado
06 – Jornais: Tratamento da Hanseníase (N.A)	6 - O Tratamento no Leprosário
07 – Jornais: Amparo Santa Cruz (N.A)	7.1 Amparo Santa Cruz: Um Lar ao Filho de São Lázaro
	7.2 Dentre as muitas histórias...
08 – Pharmácia (N.T)	8 – Pharmácia
09 – Esterilização (N.T)	9 – Esterilização
10 – Negão o Cão (N.T.)	10 - Negão, o Cão
11 – Mateiros (N.T)	11 - Mateiros: Homens que Trabalham no Corte de Lenha
12 – Padaria (N.T)	12 – Padaria
13 – Serviço de Nutrição e Dietética (N.T)	13 - Serviço de Nutrição e Dietética
14 – Fábrica de Sabão (N.T)	14 - A Fábrica de Sabão
15 – Roupas (N.A)	15 - O Cuidado com as Roupas
16 – Itens Agrícolas (N.A.)	16.1 Tambo
	16.2 Pocilga
	16.3 Olaria

	16.4 Um Marceneiro de Sete Instrumentos
	16.5 Primeiros Cuidados com as Terneiras ao Nascer
17 – Trabalhos Rurais (N.T.)	17 - Trabalhos Rurais
18 – Sapatos e Moldes (N.A.)	18.1 Sapataria
	18.2 Órteses e Adaptações
19 – Objeto com Itens de Barbear (N.A.)	
20 – Tambores de Esterilização de Gaze (N.A.)	
21 – Elpídio Salles Teixeira (N.A.)	21 - Capão do Veado, 19-1-1944.
22 – Lori Kunzler (N.T.)	22- Lori Kunzler
23 – Sala dos Amores (N.I.)	23.1 Sociabilidade
	23.2 Tempo de Encontros
	23.3 João Pedro e Therezina Martins
	23.4 Sadi e Alda Roveda
24 – Cristaleira de Bibelôs (N.A.)	
25 – Medicina no HCI (N.A.)	25.1 Envolvimento
	25.2 Dentista
26 – Tributo aos Filhos dos Pacientes Hansenianos (N.T.)	26 - Tributo aos Filhos dos Pacientes Hansenianos
27 – João Francisco Saldanha (N.T.)	27 - João Francisco Saldanha
28 – Entretenimento (N.A.)	28.1 Diversões
	28.2 Sociabilidade
29 - Cadeia (N.T)	29 - Cadeia: Estás Preso!
30 – Cozinha	
31 – Escada	
32 – Pacientes Psiquiátricos (N.A.)	32 - A Unidade de Saúde Metal do H.C. de Itapuã
33 – Voluntários do Carinho (N.T.)	33 - Voluntários do Carinho
34 - Pacientes Psiquiátricos (N.A.)	34 – ReHCIclar
35 – Itens Indígenas (N.A)	
36 – Colônia Japonesa (N.I.)	36 - História da Família Ino da Colônia Japonesa em Itapuã
37 – Aldeia Pindo-Mirim (N.T.)	37 - Aldeia Pindo-Mirim

38 – Colônia dos Pescadores (N.I)	
39 – Reforma Agrária (N.T.)	39 - Reforma Agrária
40 – Recontando a História (N.I.)	40 - Escola Municipal de Ensino Fundamental Frei Pacífico
41 - Frei Pacífico (N.A.)	
42 – A Creche (N.T.)	42 - A Creche
43 – Sala de Arquivo (N.A.)	
44 – Banda Frei Pacífico (N.A.)	
45 – Sala de Arquivo (N.A.)	
46 – Organizadores (N.A.)	
47 – Imagens do HCI no Corredor (N.A.)	
48 - Laboratório (N.A.)	
49 – Administração e Setores (N.T.)	49 – Nós Não Caminhamos Sós
50 – Imagens da Flora e Fauna no Corredor (N.A.)	
51 – Sala das Feridas (N.A.)	
52 – Filhos Levados (N.A.)	52.1 Isolamento
	52.2 O Amparo Santa Cruz
	52.3 Os Causos do Amparo Santa Cruz 52.3.1 Causo 1 – As Vacas Doadas 52.3.2 Causo 2 – O Rapto das Crianças do Amparo
53 – Religiosidade (N.A.)	53.1 A Irmãs Franciscanas
	53.2 "Nós não Caminhamos Sós"
	53.3 Sociabilidade
54 – Salas de Arquivo (N.A.)	
55 – Igreja Luterana e o arquiteto Alexander Josef Wiederspahn (N.A.)	55.1 O Significado da Rosa de Lutero
	55.2 Theodor Alexander Josef Wiederspahn
	52.3 Curiosidade
	55.4 Relação Parcial dos Projetos de Theodor Wiederspahn
56 - Maquinário Agrícola (N.A.)	

Fonte: Dados coletados através da pesquisa de campo realizada por Helena Thomasim Medeiros (2018).

Um aspecto interessante a se levar em consideração é que 20 (vinte) dos 56 (cinquenta e seis), ou seja, cerca de 36% (trinta e seis por cento) dos espaços expositivos não possuem nenhum texto, contudo outros apresentam até 06 (seis) diferentes. A presença ou ausência deste material pode demonstrar uma importância maior ou menor de determinados temas e espaços para o discurso institucional. Também observamos que com a falta de padronização na forma e frequência dos textos é possível que haja alguns que não foram percebidos por ficarem “escondidos” em meio as materialidades. Na imagem a seguir, por exemplo, podemos encontrar diversos textos, em um mesmo ambiente, colocados de forma desregular, que faz com que passemos por alguns deles sem ao menos encontrá-los.

Figura 49 - Textos Expositivos no Espaço "16 - Itens Agrícolas"



Fonte: MEDEIROS, Helena Thomassim (2017).

A separação do que é considerado um texto se deu pela existência de títulos diferentes e subtítulos que tenham relação com um tema. Por exemplo, no espaço “52 – Filhos Levados” são apontados 03 (três) textos expositivos, com 05 (cinco) páginas A4 e um banner do CEDOPE intitulado “52.1 Isolamento”, em A4 estão os títulos “52.2 O Amparo Santa Cruz” e “52.3 Os Causos do Amparo Santa Cruz”, este por sua vez possui os subtítulos “52.3.1 Causo 1 – As Vacas Doadas” e “52.3.2 Causo 2 – O Rapto das Crianças do Amparo”. Deste modo, a quantidade de textos corresponderá ao título e não as páginas, assim como os subtítulos serão considerados como parte de um mesmo texto expositivo e as numerações fazem referência as dos espaços expositivos nos quais se localizam.

Figura 50 - Banner no Espaço "52 – Filhos Levados"



Fonte: MEDEIROS, Helena Thomassim (2015).

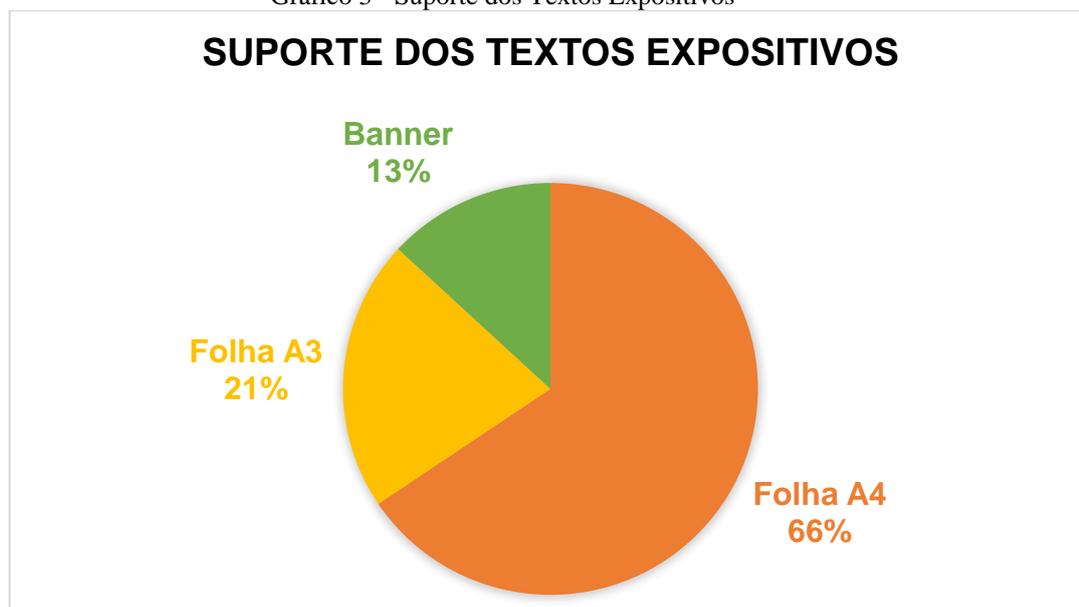
Figura 51 - Textos em A4 no Espaço "52 – Filhos Levados"



Fonte: MEDEIROS, Helena Thomassim (2017).

Através da criação de uma tabela, que pode ser vista no Apêndice J, foram analisadas questões como a origem destes – Memorial ou CEDOPE –, e o suporte no qual foram impressos – folhas A4, A3 ou *banners* –, como pode ser visto no gráfico abaixo que mostra a porcentagem de textos visto nos diferentes suportes.

Gráfico 3 - Suporte dos Textos Expositivos



Fonte: Dados coletados através da pesquisa de campo realizada por Helena Thomasim Medeiros (2018).

Observamos que apenas 05 (cinco) dos textos encontrados são de origem da exposição “HCI – 60 Anos de História”, organizada pelo CEDOPE, sendo todos eles *banners* que consistem em falas retiradas das entrevistas realizadas, na época, com os moradores do HCI, além de apresentarem imagens dos mesmos. Estes encontram-se expostos nos seguintes espaços: 23 – Sala dos Amores; 25 – Medicina no HCI; 28 – Entretenimento; 52 – Filhos Levados; 53 – Religiosidade. Levando em consideração que o *banner* que se encontra no primeiro ambiente citado foi alterado, pois um morador haveria reclamado ao ver uma das imagens, esta foi retirada e trocada por uma fotografia.

Figura 52 - Texto do CEDOPE no Espaço "23 - Sala dos Amores"



Fonte: MEDEIROS, Helena Thomassim (2017).

Os textos do CEDOPE chamam a atenção por manterem um padrão coerente de cores, tipo e tamanho da fonte, e organização do *banner*, porém, seu principal mérito está no conteúdo, que não é similar aos demais vistos do Memorial, já que apresenta falas dos próprios moradores. Esta ideia traz a sensação de que eles estão contando suas histórias ao público, não por intermédio de alguém ou de uma instituição, claro que são recortes de entrevistas e, sendo assim, também possuem intencionalidades. Todavia, a sensação de poder conhecer estes espaços através das memórias de alguém que os viveu em “plenitude”, acrescenta um caráter íntimo que, talvez, também seja o que os visitantes procuram, tendo em vista a falta de contato com os moradores durante as visitas.

Figura 53 - Texto do CEDOPE no Espaço "53 - Religiosidade"



Fonte: MEDEIROS, Helena Thomassim (2017).

Os textos feitos para o Memorial variam de tipo de impressão, sendo 40 (quarenta) deles impressos em folhas A4 – totalizando 51 (cinquenta e uma) páginas –, 13 (treze) feitos em folhas A3 – totalizando 17 (dezesete) páginas – e 03 (três) *banners*, que estão expostos apenas no espaço “03 – Memórias do Mundo”. Percebemos que a grande maioria, 66% (sessenta e seis por cento), destes textos foram impressos em folha A4, o que pode denotar uma “valorização” maior do espaço com *banners* que representa apenas 13% (treze por cento) destes suportes. As folhas A3 são 21% (vinte e um por cento), menos da metade dos textos expositivos.

Figura 54 - Banners do Espaço “03 – Memórias do Mundo”



Fonte: MEDEIROS, Helena Thomassim (2017).

Os próprios textos em A4 apresentam diferenciações, sendo que há ao redor de alguns deles adornos (Figura 51), outros estão fixados diretamente em paredes ou objetos – como é o caso que aparece na Figura 49 –, e, vários estão expostos dentro de um suporte retangular preto com fotos ao redor e protegidos por uma película plástica.

Figura 55 - Textos dos Espaços "08 – Pharmácia" e "09 – Esterilização"



Fonte: MEDEIROS, Carolina Thomassim (2017).

A fonte utilizada nestes textos é a “Times New Roman”, com exceção do texto “5.1 Os painéis a seguir...” que foi impressa com fonte “Century Gothic” e do “34 - ReHCIclar” que, aparentemente, utiliza a fonte “Calibri”, os tamanhos de fonte variam entre 14, 18 e 22. Há também legendas em alguns objetos da exposição, estas estão em fonte “Times New Roman”, com tamanhos de texto entre 18, 20 e 36.

Os textos impressos em papel A3 parecem seguir um padrão de fonte e de localização, posto que, a maioria, estão em ambientes próximos. O espaço expositivo “05 – Jornais: História HCI” apresenta 05 (cinco) textos – totalizando 07 (sete) páginas –, o “06 – Jornais: Tratamento da Hanseníase” expõe 01 (um), o “07 – Jornais: Amparo Santa Cruz” tem 02 (dois), com 03 (três) páginas, todos em fonte “Century Gothic” com o texto em tamanho de fonte 14 e os títulos variando de tamanho e se estão em “negrito” ou não. Ainda no primeiro andar o espaço “26 – Tributo aos Filhos dos Pacientes Hansenianos” conta com 01 (uma) destas impressões em A3.

No segundo andar, os espaços “36 – Colônia Japonesa”, “37 – Aldeia Pindo-Mirim” e “39 – Reforma Agrária” dividem a mesma sala e totalizam 03 (três) textos diferentes e 04 (quatro) páginas impressas em A3, todas com fonte “Century Gothic” em tamanhos de fonte que variam entre 14 e 15. Neste mesmo andar o espaço “40 – Recontando a História” apresenta um texto que se diferencia dos demais por aparentar ter sido digitado em uma máquina de escrever, sendo a fonte utilizada desconhecida.

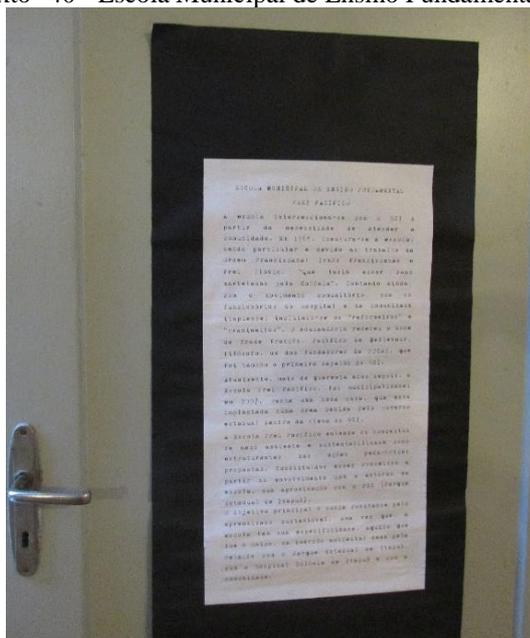
Quanto aos suportes, a maioria destes textos em A3 estão fixados em blocos pretos retangulares e cobertos por uma película plástica, com exceção do texto “40 - Escola Municipal de Ensino Fundamental Frei Pacífico”, que está fixado na porta de acesso ao espaço expositivo “40 – Recontando a História”. O texto “37 - Aldeia Pindo-Mirim” apresenta também uma decoração com pedaços de taquara ao redor de seu suporte.

Figura 56 - Textos Expositivos em A3 no Primeiro Andar



Fonte: MEDEIROS, Carolina Thomassim (2017).

Figura 57 - Texto "40 - Escola Municipal de Ensino Fundamental Frei Pacífico"



Fonte: MEDEIROS, Helena Thomassim (2017).

Figura 58 - Texto "37 - Aldeia Pindo-Mirim"



Fonte: MEDEIROS, Carolina Thomassim (2017).

Segundo García-Blanco (2009) alguns aspectos estariam ligados as condições de legibilidade, motivação e compreensão dos textos por parte dos visitantes, entre eles: cores contrastantes entre o fundo e o texto; tamanho da fonte; tipografia; tamanho das linhas; espaço harmonioso entre as linhas; parágrafos que não sejam muito grandes e que não demorem para ser lidos; complexidade das frases; a estrutura da frase. A autora também comenta que:

[...] el tamaño de las letras de las cartelas no debe ser menor de 24 puntos, entre 30 y 36 puntos el de las letras de textos de conjuntos; y éntre 48 y 60 el de las letras de los textos principales, aunque a veces puede ser más eficaz la combinación de tamaños. (GARCÍA-BLANCO, 2009, p.140).

Outro aspecto é que “[...] la tipografía, debe tener en cuenta que se leen mejor las minúsculas que las mayúsculas, y mejor en tipo romano que en bastardilla.” (GARCÍA-BLANCO, 2009, p.140). Deste modo haveria alguns ajustes aos textos realizados pelo Memorial, pois estariam fora do de um padrão de “conforto”, não sendo muito convidativos a leitura dos visitantes. Percebemos que a maioria dos textos foram impressos em folhas brancas com as letras pretas, o que facilitaria o contraste, todavia, são extensos, podem passar despercebidos devido à falta de padronização da localização deles nos espaços expositivos e o tempo da visita, muitas vezes, não possibilita sua leitura. Aspectos que poderiam ser repensados para proporcionar um acesso maior a essas informações.

A autora também comenta que “La complejidad y longitud de las frases: son mejores las frases cortas y simples que las largas y complejas. El largo medio de una frase eficaz para

adultos es más o menos de 15 palabras.” (GARCÍA-BLANCO, 2009, p.141). Levando em consideração este aspecto chamam a atenção os textos “4.2 *Micobacterium Leprae*” e “18.2 Órteses e Adaptações” que utilizam uma linguagem mais complexa, com termos como: antogênica; extractibilidade; endemia hansênica; férulas; meios auxiliares da locomoção. Tendo em vista alguns ambientes poderíamos nos questionar se o público visado não seria o da área da saúde, posto que espaços expositivos como o “51 – Sala das Feridas”, são difíceis para a compreensão dos visitantes em geral, por apresentar imagens de tratamentos realizados em pés e mãos de ex-hansenianos, e que fotos não são permitidas, como aponta a senhora Rita:

[...] a sala das imagens a gente não deixa tirar fotos dos pés, eu tenho a autorização de cada um deles por escrito, ainda assim eu não deixo tirar foto porque eu não quero que saia o pé de ninguém [...] Mas eu sei e os filhos dos pacientes vão saber, e é pela consciência da gente que a gente não quer. (CAMELLO, 2015, inf. verb.)

Percebemos que, em alguns espaços, é tomado um cuidado maior com o tipo de informação e imagem que será transmitido ao visitante, tanto do local quanto de seus moradores. Aspecto que corrobora com a visita do dia 25 de novembro de 2017, na qual essa sala não foi aberta, tendo em vista o perfil do público no dia, no qual alguns integrantes eram estudantes cujo interesse era a área da saúde mental e havia parentes de pacientes.

Em relação à análise do conteúdo, foram criadas categorias específicas, cujo intuito era o de facilitar a compreensão sobre a narrativa construída pela exposição do Memorial HCI em seus textos. Levando em consideração a importância deste suporte informacional, posto que sem mediação estas informações são extremamente necessárias para que o visitante possa compreender a complexidade de relações que as materialidades expostas visam comunicar, posto que:

Considerar al objeto emisor que se explica por sí mismo conduce a la mera exhibición de los objetos sin la mediación que supone la exposición como sistema de comunicación. Cuando se supone que el objeto responde por sí mismo a las cuestiones que su existencia plantea al visitante, se extrapola la capacidad propia del experto a los visitantes que, sólo en la medida en que sean expertos, podrán obtener respuesta a partir de la información que le ofrece el objeto y de sus propios conocimientos y recursos metodológicos. (GARCÍA-BLANCO, 2009, p.73)

O recurso do texto expositivo – por mais excludente que possa ser, levando em consideração pessoas que não sabem ou não podem ler – possibilita que a exposição seja um meio de comunicação com o visitante, trazendo informações sobre o acervo. Ángela García-

Blanco aponta que “Los contenidos de los textos son tenidos en cuenta para clasificar los textos en: orientativos, explicativos e identificativos-descriptivos.” (GARCÍA-BLANCO, 2009, p.127). Nesta perspectiva, a autora coloca os primeiros como meios de orientação dentro do próprio espaço expositivo, vinculando também os títulos, considerando que este são parte de uma:

[...] información global y orientativa el título de la exposición, macroproposición o enunciado que sintetiza su contenido y da sentido global al contenido de toda la exposición. Lo mismo se puede decir de los títulos de sus partes o subtítulos en relación con el de la exposición. Por ello y en la medida que la estructura conceptual de la exposición se haya explicitado previamente con los títulos y subtítulos de sus partes, el conjunto de éstos y sus interrelaciones no sólo desarrollan el contenido de la exposición y de cada una de sus partes, dando una visión global de las mismas, sino que también la articulan. (GARCÍA-BLANCO, 2009, p.131)

O segundo grupo, explicativos, seria composto de textos que falam sobre os objetos expostos, individualmente ou em conjunto, comunicando ao visitante a história destes bens e os motivos que levaram as escolhas destes como representantes de uma história. Contudo, no caso do Memorial, poderíamos dizer que todos os textos analisados pertencem a esta categoria, pois não abordam a localização do visitante no espaço de memória, nem são legendas que explicam diretamente as materialidades. O que percebemos são escritas destinadas ao entendimento do visitante sobre o conjunto de peças expostas, através de uma escrita “livre” na qual, provavelmente, primeiro se idealizou o conteúdo que deveria ser exposto e depois se buscou adaptá-los aos ambientes.

Os textos do Memorial, em sua maioria, não se referem às materialidades, mas são narrativas que dão sentido aos ambientes montados na exposição, com dados da trajetória do Hospital e histórias sobre as pessoas que se relacionam com esta instituição. São informações complementares, à medida que explicam o espaço expositivo sem referir-se aos objetos.

A terceira categoria, identificação/descrição, são as etiquetas ou legendas, com textos concisos que trazem informações sobre a origem, a materialidade dos bens, ou algum outro aspecto que seja interessante informar ao visitante. O Memorial apresenta algumas legendas em determinados espaços, contudo, estas se assemelham mais em conteúdo ao que seriam os textos explicativos apontados pela autora.

O primeiro espaço expositivo onde notamos a presença de legendas é o “03 - Memórias do Mundo”, com 02 (duas) legendas em objetos cenográficos que são reproduções de imagens emolduradas. Ambas são pequenas, impressas em um papel decorado com uma cor cobreada e detalhes nas laterais para imitar um material antigo, encontram-se dispostas abaixo dos quadros.

Figura 59 - Reprodução de Imagem com legenda



Fonte: MEDEIROS, Helena Thomassim (2017).

Figura 60 - Legenda da Imagem



Fonte: MEDEIROS, Helena Thomassim (2017).

Quanto ao conteúdo das legendas, podemos observar que a primeira⁴¹ busca contextualizar a imagem, colocando que enfermo do mal de Hansen era considerado morto para o mundo. A segunda⁴² coloca a descrição do que seria a peça original, sendo essa apresentada como um mosaico que trata sobre a hanseníase. Em ambos os textos aparecem os locais nos

⁴¹Transcrição da legenda da “Figura 60”: “Sendo considerado morto para o mundo Museu Egípcio do Cairo”

⁴²Transcrição da legenda da “Figura 62”: “Representação em Mosaico da hanseníase do Museu de Artes da Grécia-Atenas”

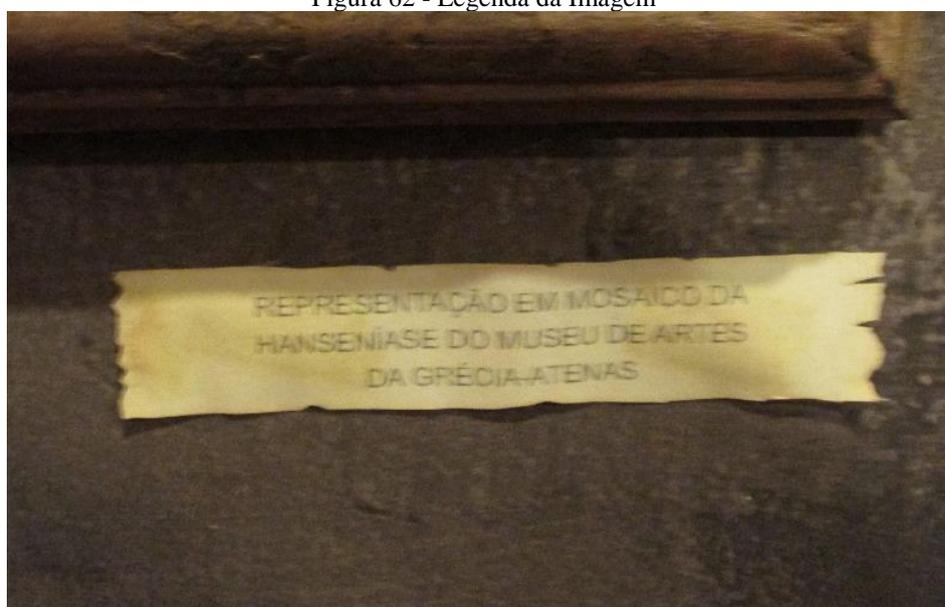
quais se encontram as obras, sendo apontados o Museu Egípcio do Cairo e o Museu de Arte da Grécia-Atenas.

Figura 61 - Reprodução de Imagem com legenda



Fonte: MEDEIROS, Helena Thomassim (2017).

Figura 62 - Legenda da Imagem



Fonte: MEDEIROS, Helena Thomassim (2017).

Entre os espaços expositivos que apresentam alguma legenda para o acervo, o mais significativo é o “04 – Era da Medicina”, pois conta com 06 (seis) legendas nos seguintes objetos: dois quadros do médico Hansen pintados por Marco Antônio Lucaora; máquina de esterilização de cartas; estojo com lentes para exame oftalmológico; utensílios para a fabricação de comprimidos; moedas utilizadas dentro do HCl.

Figura 63 - Quadros de médico Hansen com legendas



Fonte: MEDEIROS, Helena Thomassim (2017).

Figura 64 - Detalhe da legenda em um dos quadros



Fonte: MEDEIROS, Helena Thomassim (2017).

Este é o ambiente com maior diversidade de itens legendados, contudo percebemos que a forma de legenda que estamos acostumados a ver em outros espaços de memória, contendo informações sucintas sobre a origem ou materialidade de um bem, só é percebida nos quadros de Hansen, que são, na realidade, objetos cenográficos feitos por um dos organizadores do Memorial.

Poderíamos atribuir a presença destas legendas como uma identificação de que estes itens não integravam a história do HCI antes da criação deste lugar. Contudo, nas informações

fornecidas constam: identificação da pessoa representada; o ano em que Hansen nasceu e faleceu; a técnica com a imagem foi feita; o autor da obra. Em momento algum é indicado que este quadro não é um objeto testemunho e tal omissão pode levar a um entendimento errôneo. Por exemplo, o visitante pode interpretar que na época em que o Hospital funcionava como um Leprosário a figura do médico norueguês era de extrema importância para os pacientes e as irmãs, tanto que estas possuíam dois quadros do mesmo.

Sendo assim, o ano em que tal peça foi fabricada seria um dado interessante para esta legenda, já que não necessariamente o público deste espaço de memória saberá que Marco Antônio Lucaora é um dos organizadores do Memorial, pois, mesmo seu nome sendo mencionado em uma placa na entrada do prédio e no texto “3.1 Os Caminhos da Lepra”, ainda há a possibilidade do visitante não ler tais informações ou não associar uma a outra.

Figura 65 - Máquina de Esterilização de Cartas com legenda



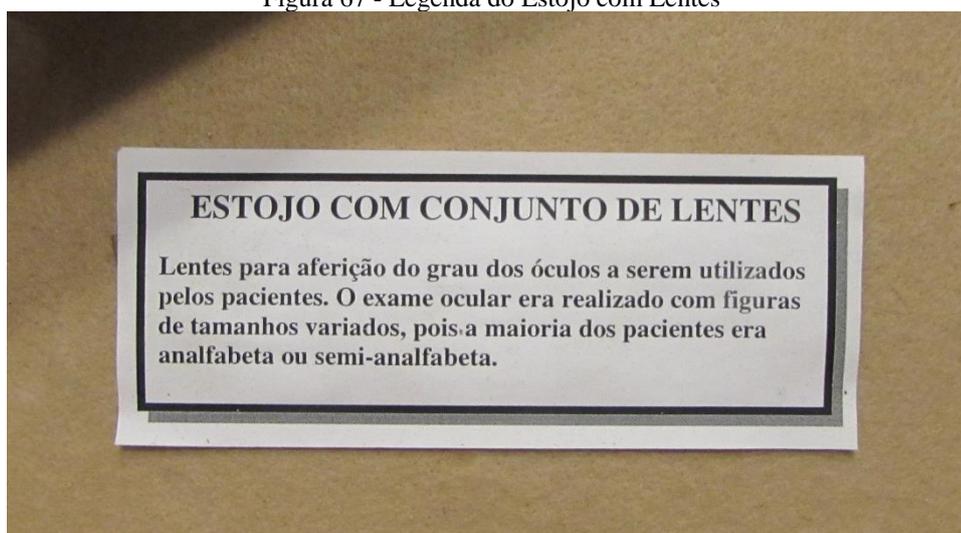
Fonte: MEDEIROS, Helena Thomassim (2017).

Figura 66 - Expositor do Espaço "04 – Era da Medicina" com legendas



Fonte: MEDEIROS, Helena Thomassim (2015).

Figura 67 - Legenda do Estojo com Lentes



Fonte: MEDEIROS, Helena Thomassim (2015).

Figura 68 - Legenda dos Utensílios para Fabricação de Comprimidos



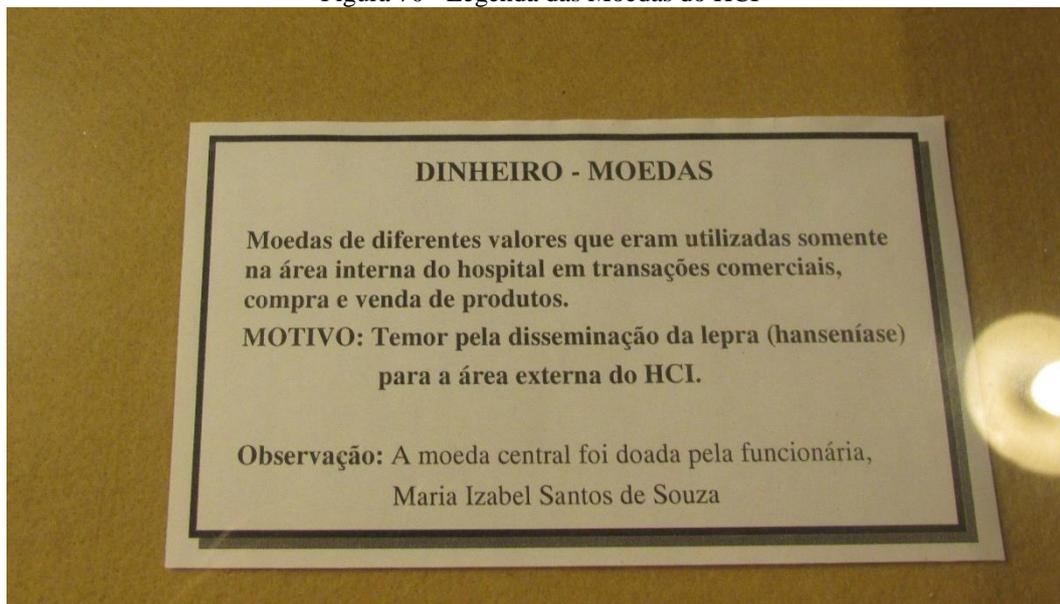
Fonte: MEDEIROS, Helena Thomassim (2015).

Figura 69 - Expositor das Moedas do HCI



Fonte: MEDEIROS, Helena Thomassim (2015).

Figura 70 - Legenda das Moedas do HCI



Fonte: MEDEIROS, Helena Thomassim (2017).

As legendas percebidas nas imagens acima⁴³ seguem um padrão um pouco diferente, pois não trazem dados sobre a origem do objeto ou quem é seu doador, mas parecem ter como foco a abordagem dos motivos que levaram tais itens a serem expostos. Considerando que:

[...] esta información que se refiere a cada objeto individualizado debe explicitar el sentido del objeto como tal o de algunos de sus atributos em relación con el papel que juega en el conjunto de la exposición. Es decir, debe identificar aquella parte o contenido del objeto que es significativa em relación con el discurso expositivo y las necesidades de reconocimiento del visitante. (GARCÍA-BLANCO, 2009, p.138-139)

Sendo assim, poderíamos dizer que estas legendas trazem informações úteis aos visitantes, posto que além de explicar o que são essas materialidades, acrescentam dados sobre a história do HCI e seus moradores, como o fato de que muitos eram analfabetos ou semianalfabetos, e que os comprimidos eram manipulados artesanalmente pelas Irmãs Franciscanas. Um aspecto que chama a atenção e que é mencionado em duas legendas, do esterilizador de cartas e a das moedas, é: o temor pela disseminação da hanseníase. Tendo em vista o contexto em que tais objetos eram utilizados, esta associação é realmente muito

⁴³Na “Figura 65 - Máquina de Esterilização de Cartas com legenda” não é possível ler a legenda no papel, portanto, seguem a transcrição desta: “ESTERELIZADORA DE CARTAS - Cartas escritas pelos pacientes para seus familiares e amigos fora do hospital, eram colocadas neste aparelho antes de serem remetidas, PELO TEMOR DE DISSEMINAÇÃO DA DOENÇA”

necessária e acaba sendo o principal motivo da valorização dos mesmos, pois são representantes de uma política de exclusão e do medo motivado por uma doença.

A única menção ao doador de um bem, vista em todo o Memorial HCI, está na legenda das moedas, que aponta que a moeda central foi doada por uma funcionária. Desta forma, nos questionamos sobre a própria participação dos moradores do Hospital, que mesmo tendo alguns de seus nomes mencionados em textos expositivos, não aparecem associados aos objetos por meio de legendas. Fato curioso, principalmente quando consideramos a seguinte fala: “[...] na verdade nós não saímos à cata de coisas, o paciente foi o nosso doador.” (CAMELLO, 2017, inf. verb.).

Um dos menores espaços expositivos identificados no Memorial é o “19 – Objeto com Itens de Barbear”, que nada mais é do que um objeto cenográfico montado a partir do que parecem ser objetos testemunho. Nele há uma das poucas legendas percebidas e que faz menção ao ato de cortar o cabelo e fazer a barba, tarefas simples do cotidiano do Leprosário, que demonstram que mesmo em um local de exclusão há vínculos com a vida social que foi ensinada fora destes limites.

Figura 71 - Espaço "19 – Objeto com Itens de Barbear" com legendas



Fonte: MEDEIROS, Helena Thomassim (2017).

Figura 72 - Legenda



Fonte: MEDEIROS, Carolina Thomassim (2017).

Este nicho parece ter sido o meio que os organizadores encontraram para colocar objetos que talvez não parecessem se encaixar em outros ambientes. O local escolhido é um pequeno canto de corredor que fica entre duas portas, sendo uma delas a de um banheiro.

O último ambiente no qual pude notar a existência de legendas é o espaço “34 – Pacientes Psiquiátricos”, que conta com 08 (oito) legendas em objetos testemunho que são fotos dos pacientes da unidade psiquiátrica do HCI em passeio e momentos de lazer.

Figura 73 - Fotos do Espaço "34 – Pacientes Psiquiátricos"



Fonte: MEDEIROS, Helena Thomassim (2017).

Como pudemos perceber a classificação proposta por Ángela García-Blanco em textos de orientação, explicação e identificação/descrição, centra-se mais nos diferentes usos destes dentro de uma exposição. Como já foi dito, no caso do Memorial HCI os textos analisados pertencem a categoria “explicativos”. Sendo assim, para a realização de uma análise de conteúdo foi necessária a criação de grupos, pois além de elemento de “apoio” o texto expositivo constrói também uma história sobre este local.

Posto que as visitas ao Memorial, quase sempre, são mediadas e não abrem muito espaço para discussões ou mesmo fruição dos ambientes expositivos, diversas informações interessantes que poderiam ser extraídas dos textos passam despercebidas. A partir deste trabalho foi possível ler estes textos, perceber que são muito ricos e trazem também aspectos sentimentais vinculados a história do HCI e seus moradores. Todavia, após esta leitura, foi preciso realizar uma categorização destes conteúdos, segundo Bardin (1977):

A categorização é uma operação de classificação de elementos constitutivos de um conjunto, por diferenciação e, seguidamente, por reagrupamento segundo o género (analogia), com os critérios previamente definidos. As categorias, são rubricas ou classes, as quais reúnem um grupo de elementos (unidades de registo, no caso da análise de conteúdo) sob um título genérico, agrupamento esse efectuado em razão dos caracteres comuns destes elementos. (BARDIN, 1977, p.117)

Desta forma, as categorias recorrentes nos textos expositivos do Memorial HCI foram: Entrevistas; Informações Históricas; História de Vida; Textos Explicativos. Após a análise dos dados, que pode ser vista no Apêndice K, foi possível organizar um gráfico que mostra a recorrência com que tais categorias aparecem, levando em consideração que 18 (dezoito) dos 55 (cinquenta e cinco) textos analisados foram identificados como pertencentes a mais de um dos grupos anteriormente mencionados.

Gráfico 4 - Conteúdo dos Textos Expositivos do Memorial HCI



Fonte: Dados coletados através da pesquisa de campo realizada por Helena Thomasim Medeiros (2018).

Com maior frequência são percebidos textos que trazem “Informações Históricas”, sendo 51% (cinquenta e um por cento) do total, eles se relacionam tanto com a trajetória do HCI – sua criação, a forma como funcionava, a vinda dos pacientes psiquiátricos – quanto com a história da doença hanseníase. Considerando que: “Rigorosamente, todos os museus são históricos, é claro. Dito de outra forma, o museu tanto pode operar as dimensões de espaço como tempo. No entanto do tempo jamais poderá escapar, ao menos na sua ação característica, a exposição.” (MENESES, 1994, p.14). Este tema tem uma forte razão para existir, o que poderia ser mais aprofundado é a relação mais íntima entre espaço-tempo-sujeitos.

O segundo conteúdo mais frequente, 26% (vinte e seis por cento) são os “Textos Explicativos”, eles falam muitas vezes de informações médicas, das dinâmicas sociais e hospitalares, ou vinculadas aos objetos, dando sentido as escolhas de alguns elementos na exposição. Esta categoria relaciona-se muito com a anterior, posto que 11 (onze) dos 21 (vinte e um) textos aqui enquadrados também foram identificados como contendo “Informações Históricas”, tendo em vista que ao explicarmos um item ou um assunto estamos, muitas vezes, falando da história deste Hospital.

O termo “textos explicativos” é utilizado nesta dissertação para indicar textos que são menos “líricos” e mais centrados em trazer o sentido das escolhas expográficas feitas, trazendo uma percepção diferente da apontada por García-Blanco (2009). Exemplos de textos enquadrados nesta categoria são o “03.1 Os Caminhos da Lepra” e “23.2 Tempo de Encontros”.

Figura 74 - Texto Expositivo “03.1 Os Caminhos da Lepra”



Fonte: MEDEIROS, Helena Thomassim (2017).

Figura 75 - Texto Expositivo “23.2 Tempo de Encontros”



Fonte: MEDEIROS, Helena Thomassim (2017).

No primeiro texto é descrito como se iniciou a ideia da montagem do espaço expositivo “03 - Memórias do Mundo”, explicando o que levou os organizadores a verem a necessidade deste ambiente e da criação de um mapa que mostrasse a trajetória da hanseníase. O segundo caso refere-se a um texto que explica um pouco sobre as dinâmicas do Hospital, fazendo com

que o visitante possa compreender melhor o que aquelas relações significavam dentro deste contexto.

O grupo “Histórias de Vida” é percebido em apenas 17% (dezesete por cento) do conteúdo dos textos, levando em consideração que esta categoria abarca o que deveria, em minha opinião, ser o foco de toda a exposição do Memorial HCI: a vida e a trajetória de pessoas que se entrecruzam com a existência deste Hospital. Este dado reflete um pouco do discurso institucional que acaba priorizando informações da história da instituição e trazendo objetos que se relacionam com vidas humanas, mas cuja compreensão fica escondida em meio a outras explicações.

Esta categoria também acaba nos fazendo perceber os motivos que levaram a escolha de espaços expositivos como “39 - Reforma Agrária”, pois o texto aborda a história de Jaci Menezes, entrevistado pela senhora Rita, ele não foi morador do HCI, mas frequentava o local. Sendo assim, a narrativa aborda a vida deste senhor relacionando-a com a Reforma Agrária que ocorreu no governo Brizola, o cotidiano do Hospital e finaliza evidenciando que uma de suas filhas hoje trabalha no local. Desta forma, algo que parece não estar relacionado ao foco da exposição – o HCI e seus moradores – acaba fazendo sentido a partir de uma informação complementar. Todavia, vale avaliar sempre: o que se pretende com este Memorial? Qual é seu objetivo? Estas histórias que circundam o local entram no enfoque proposto?

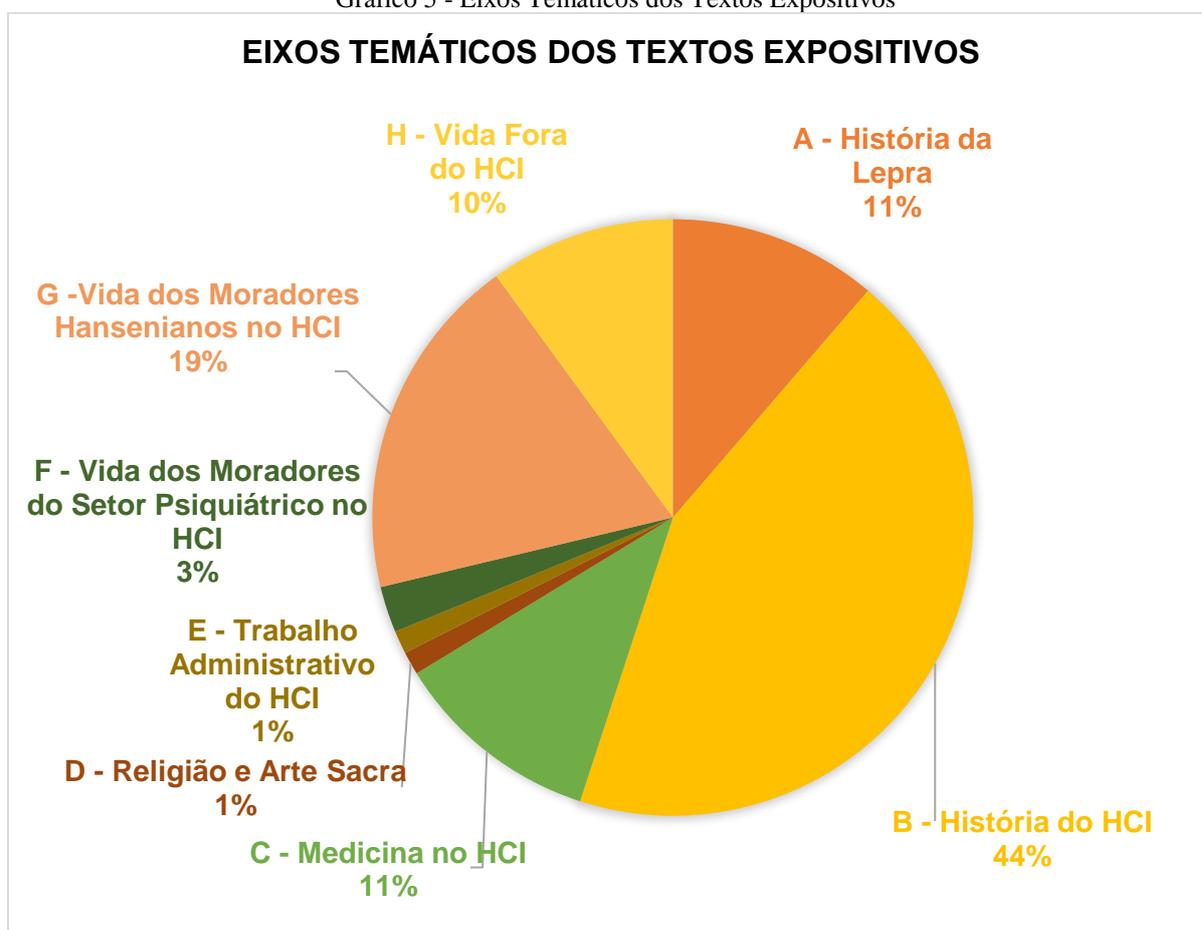
Há 12 (doze) textos que contam histórias de pessoas, buscando abordar como suas vidas se relacionam com o HCI. Esta leitura proporcionou uma grata surpresa, ao percebermos que em meio a títulos como: “29 - Cadeia: Estás Preso!”, havia a história do senhor Aristides. São detalhes, muito significativos, que acabam despercebidos nas visitas, mas que são explorados dentro de algumas mediações. Há também o fato de que alguns textos citam o nome dos pacientes em seus títulos, o que nos leva a pensar sobre como ocorre esta seleção. Por que esta história tem “nome e endereço” enquanto outras não podem ser identificadas?

O conteúdo com menor porcentagem são as “Entrevistas” com 06% (seis por cento) de frequência. Entretanto, os únicos textos que utilizam as falas dos próprios moradores do HCI são os *banners* feitos pelo CEDOPE e citados anteriormente. Um meio interessante para trazer a voz destas pessoas à exposição – considerando que elas estarem presentes nas visitas deva ser algo mais difícil, tendo em vista a idade avançada, as condições de saúde e a própria vontade de se expor – seria a realização de entrevistas gravadas com eles contando suas histórias ou explicando sobre o Hospital. Poderiam, inclusive, ser utilizados materiais já existentes, como alguns vídeos disponíveis no Youtube, ou vinculados ao documentário “A Cidade”. Deste modo

seria possível haver uma padronização da mediação, que, em alguns casos, é iniciada com uma palestra que varia de acordo com o mediador.

Além da análise de conteúdo, também foi realizado uma distinção categorizando os textos expositivos por eixos temáticos, utilizando a mesma nomenclatura desenvolvida para perceber as materializadas, no capítulo anterior. O objetivo era observar se ao ler os textos expositivos a percepção sobre os espaços seria diferente, sendo assim, o gráfico abaixo foi o resultado da tabela que se encontra no “Apêndice L”.

Gráfico 5 - Eixos Temáticos dos Textos Expositivos



Fonte: Dados coletados através da pesquisa de campo realizada por Helena Thomasim Medeiros (2018).

A fim de perceber se há entre os eixos observados nos bens materiais e nos textos expositivos semelhanças e diferenças foi elaborada a tabela abaixo, entretanto, devemos ressaltar que diferente dos objetos os textos, muitas vezes, não são vistos ou mencionados durante as visitas.

Tabela 1 - Comparações entre os Eixos Temáticos das Materialidades e dos Textos Expositivos

EIXOS TEMÁTICOS	MATERIALIDADE	TEXTO
A - História da Lepra	06%	11%
B - História do HCI	45%	44%
C - Medicina no HCI	08%	11%
D - Religião e Arte Sacra	05%	01%
E - Trabalho Administrativo do HCI	06%	01%
F - Vida dos Moradores do Setor Psiquiátrico no HCI	04%	03%
G - Vida dos Moradores Hansenianos no HCI	10%	19%
H - Vida Fora do HCI	16%	10%

Fonte: Dados coletados através da pesquisa de campo realizada por Helena Thomasim Medeiros (2018).

Percebemos que o eixo “A - História da Lepra” aumenta em relação aos textos, passando de 06% (seis por cento) para 11% (onze por cento), fato que pode ser atribuído a quantidade deles nos espaços expositivos que abordam este tema, posto que as materialidades foram organizadas por conjuntos, diferente dos textos que são vistos individualmente.

O eixo “B - História do HCI” mantêm-se praticamente igual, com 45% (quarenta e cinco por cento) de frequência nos espaços e 44% (quarenta e quatro por cento) nos textos expositivos. O que demonstra que a maior parte do discurso e das informações que aparecem no Memorial são voltadas a história da instituição, aspecto que parece óbvio sobre algumas perspectivas, contudo, demonstra também uma narrativa mais voltada para aspectos institucionais do que para a vida das pessoas.

O eixo “C - Medicina no HCI” também aumenta quando analisamos o texto em relação as materialidades, aspecto que nos faz refletir sobre a importância que estes espaços – “A - História da Lepra”, “C - Medicina no HCI” e “G - Vida dos Moradores Hansenianos no HCI” – possuem dentro do discurso proposto pelo Memorial, já que possuem diversos textos para contextualizá-los.

Os eixos “D - Religião e Arte Sacra”, “E - Trabalho Administrativo do HCI”, “F - Vida dos Moradores do Setor Psiquiátrico no HCI” e “H - Vida Fora do HCI” diminuem em relação aos espaços expositivos. Quanto ao primeiro eixo, percebemos que apenas 01 (um) texto do Memorial aborda diretamente algum aspecto religioso que não está vinculado diretamente a história do Hospital que é o “55.1 O Significado da Rosa de Lutero”.

O segundo, “E - Trabalho Administrativo do HCI”, aparece somente no texto, “34 – ReHCIclar”, que foi enquadrado por apresentar dados sobre um projeto realizado com os pacientes psiquiátricos do HCI. O terceiro eixo, “F - Vida dos Moradores do Setor Psiquiátrico no HCI”, aparece em 02 (dois) momentos, no texto anteriormente mencionado e no “10 – Negão, o Cão”, porque o convívio e a importância dos animais de estimação podem estar vinculados a vida de todos os pacientes e moradores do HCI.

O quarto eixo que diminui sua frequência é o “H - Vida Fora do HCI”, o motivo é porque percebemos que muitos dos espaços nos quais este assunto é abordado não possuem textos.

Um dos eixos cujo aumento é mais expressivo, quase dobrando sua porcentagem, é o “G - Vida dos Moradores Hansenianos no HCI”, que passa de 10% (dez por cento) nos espaços expositivos para 19% (dezenove por cento) nos textos. Através deste recurso foi possível encontrar histórias de pessoas, fato muito interessante, pois demonstra que, além de elemento de apoio à compreensão da materialidade, ele pode enriquecer o discurso, trazendo dados e histórias que não são transmitidas de outros modos.

Considerando que “La información didáctica por medio de textos escritos promueve la participación del visitante en el propio proceso de aprendizaje, favoreciendo muy directamente la interacción intelectual.” (GARCÍA-BLANCO, 2009, p.140). Podemos dizer que essas “surpresas” percebidas nos textos expositivos – como a descrição da vida de pacientes que não haviam sido notados apenas com a observação dos espaços – enriquecem o discurso do Memorial e faz, quando possível sua leitura, com que o visitante possa compreender um pouco melhor quem são seus personagens e os motivos que fazem esta história ser preservada.

García-Blanco também comenta que “La presencia de la información complementaria es un indicio de intencionalidad comunicativa – independientemente de su eficacia – y capaz de convertir la mera exhibición en exposición.” (GARCÍA-BLANCO, 2009, p.126). Concluimos que, talvez, a forma – tamanhos, fonte, padronização, linguagem, local – com que os textos expositivos são encontrados no Memorial possa melhorar em diversos aspectos, todavia, o esforço e a dedicação, empregados na criação deste espaço de memória, é inegável. Deste modo, seria interessante nos debruçarmos sobre alguns estudos de caso, a fim de aprofundar questões levantadas nestes capítulos de análise da exposição. Como, por exemplo, elementos que dizem respeito a personificação dos organizadores nas escolhas expográficas; a religiosidade percebida; a participação e interferência dos pacientes; a construção de personagens no discurso museal; as relações com o medo e o preconceito na exposição.

5 POR TRÁS DAS CORTINAS: ALGUNS ESTUDOS DE CASO

Levando em consideração a grande quantidade e variedade de materialidades expostas no Memorial HCI⁴⁴, este capítulo foi escrito com o intuito de apresentar alguns “estudos de caso”, estes são espaços e objetos que chamam a atenção no decorrer das visitas, foram citados nas entrevistas ou mencionados nos questionários⁴⁵ respondidos pelo público.

Seguindo uma das ideias nas quais este trabalho se embasa, que é perceber como as materialidades expostas no Memorial HCI representam as histórias e memórias vinculadas a este Hospital, também nos propomos a tentar encontrar um discurso expositivo. Nos capítulos anteriores apontamos elementos, conteúdos e temas que são mais ou menos recorrentes na exposição, percebendo que as informações históricas e a trajetória deste local são seu foco, e não as trajetórias particulares.

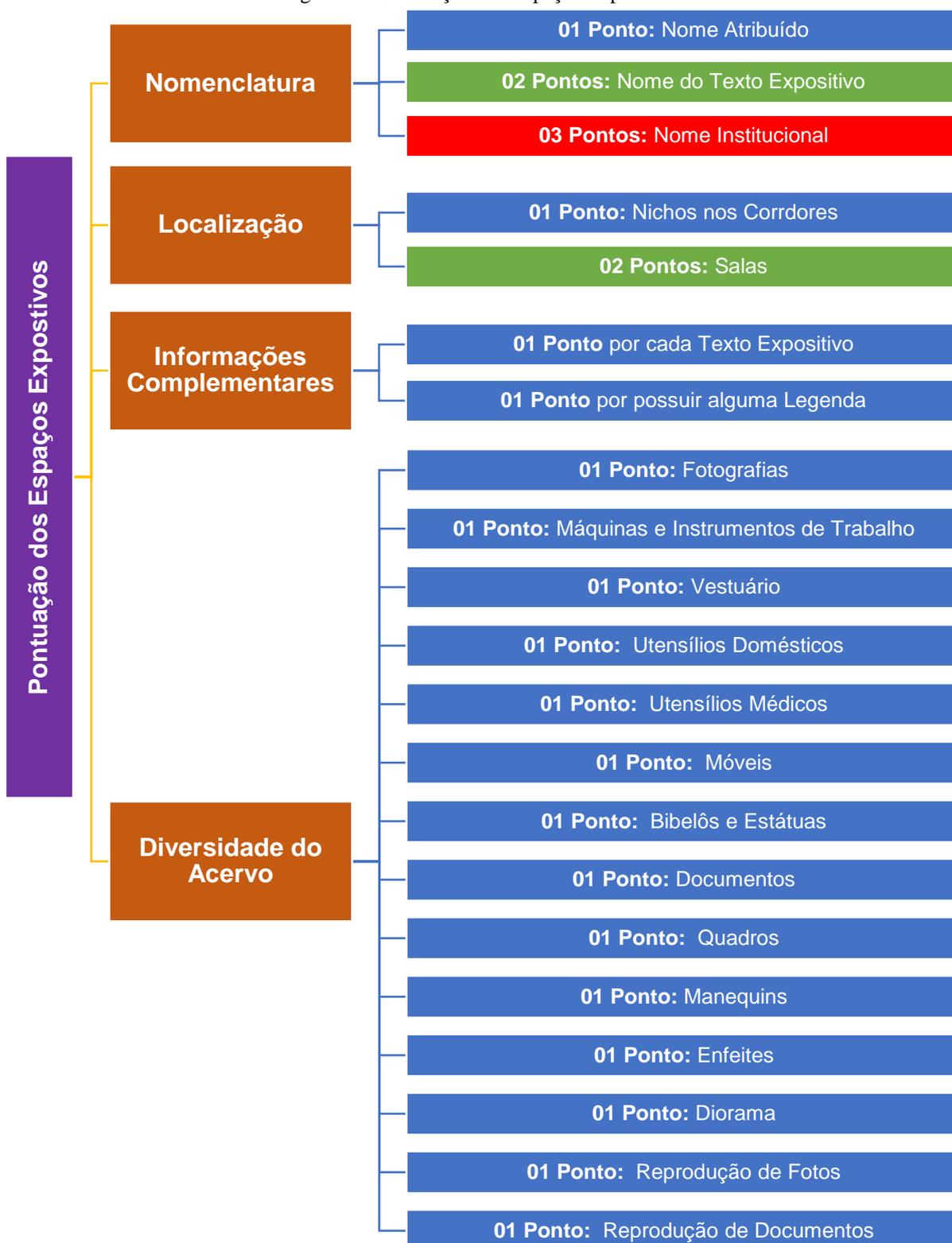
Observa-se que há grandes diferenças entre os espaços expositivos que consistem não apenas no assunto abordado, mas no empenho que parece ter sido investido em determinados ambientes. Desta forma, tais informações poderiam nos dizer também um pouco sobre as intenções dos organizadores deste local. Levando em consideração esta ideia foi organizada uma tabela, que pode ser vista em detalhes no Apêndice M, e que gerou um gráfico de comparação entre os espaços expositivos.

Para a realização de tal gráfico foram analisadas 04 (quatro) categorias: nomenclatura, local, informações complementares e diversidade do acervo. A partir das diferenças encontradas em cada uma delas foram atribuídas pontuações, objetivando perceber quais espaços teriam recebido mais investimento dos organizados, o esquema elaborado para esses pontos pode ser visto na imagem a seguir:

⁴⁴ Com o intuito de que o leitor possa conhecer melhor este espaço de memória, no “Apêndice N” desta dissertação é possível encontrar pequenas fichas de identificação para cada um dos 56 (cinquenta e seis) espaços expositivos identificados.

⁴⁵ As respostas completas dos questionários podem ser vistas no “Apêndice O”.

Figura 76 - Pontuação dos Espaços Expositivos



Fonte: Dados coletados através da pesquisa de campo realizada por Helena Thomasim Medeiros (2018).

Na primeira categoria, nomenclatura, houve 03 (três) subdivisões, que foram pontuadas a fim de que pudessem demonstrar um maior ou menor “investimento” no ambiente. Os nomes atribuídos valeriam 01 (um) ponto, posto que foi necessário identificar o espaço expositivos em

questão; os ambientes com nomes de textos receberiam 02 (dois) pontos, por seu título ser indicado de alguma forma; a maior pontuação foi dada aos nomes institucionais, onde há plaquinhas de identificação ou suas nomenclaturas são mencionadas em mediações, entrevistas e reportagens, estes valeriam 03 (três).

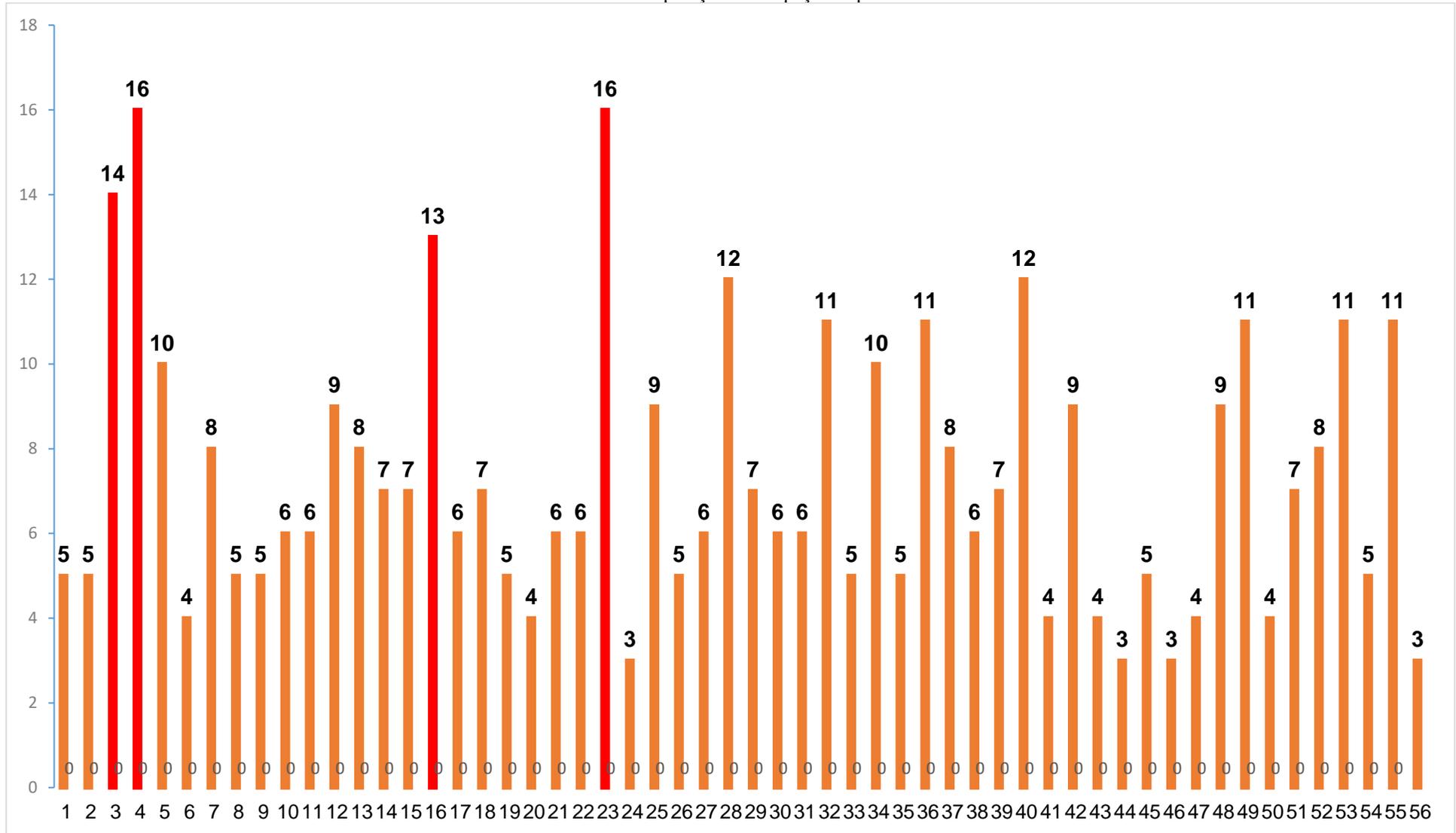
Para o segundo item analisado, local, haviam 02 (duas) divisões, nichos, que são espaços espalhados pelos corredores do prédio sem muitas delimitações que seriam pontuados com 01 (um), 02 (dois) pontos seriam para os espaços expositivos que estivessem dentro de salas, levando em consideração que estes são norteadores da exposição durante as visitas.

Outro tópico analisado são as informações complementares, estas foram pontuados de acordo com a quantidade de textos diferentes que o local apresenta e se há legendas, sendo estas marcadas com 01 (um) ponto para cada espaço em que fossem observadas. Não foram levados em consideração os diferentes suportes, em formatos A4, A3 e *banners*, porque no geral os textos são em A4 e os *banners*, em sua maioria, são do CEDOPE e não do Memorial, sendo assim, a pontuação seria confusa.

A última categoria analisada foi a diversidade do acervo. Neste item foram contabilizados os tipos diferentes de materialidades apresentadas nos espaços expositivos, sendo estas: Fotografias; Máquinas e Instrumentos de Trabalho; Vestuário; Utensílios Domésticos; Utensílios Médicos; Móveis; Bibelôs e Estátuas; Documentos; Quadros; Manequins; Enfeites; Diorama; Reprodução de Fotos; Reprodução de Documentos. A ideia é que quanto maior essa variedade, mais abrangente seriam as informações transmitidas ao público.

Todavia, é importante perceber que esta diferenciação também poderia ser compreendida de outras formas, por exemplo, entender que quanto mais variadas as tipologias, menor seria o “investimento” colocado na organização e seleção de elementos expostos no espaço expositivo em questão. Sendo assim, por mais que se busque uma justificativa para as concepções aqui apresentada e uma análise objetiva, há diversas outras formas e caminhos que poderiam ter sido seguidos.

Gráfico 6 - Comparação dos Espaços Expositivos



Fonte: Dados coletados através da pesquisa de campo realizada por Helena Thomasim Medeiros (2018).

A partir desta análise e do gráfico que resulta desta, observamos que 04 (quatro) espaços expositivos se destacam dos demais, apresentando maior pontuação, são estes: “04 – Era da Medicina” e “23 – Sala dos Amores” com 16 (dezesseis) “pontos”, “03 - Memórias do Mundo” com 14 (quatorze) e “16 – Itens Agrícolas” com 13 (treze). Destes 04 (quatro) os 03 (três) primeiros tem em comum o fato de possuírem objetos cenográficos que são marcantes tanto para o público, quanto para os organizadores do Memorial, considerando as entrevistas, questionários respondidos pelo público e mesmo os cartões-postais com o Lázaro e a Noiva. Coincidentemente, ou não, todos estão localizados no 1º andar do Memorial.

Os organizadores por sua vez, mencionam nas entrevistas de 2015 e 2017 a criação de alguns espaços e a escolha de determinados objetos, sendo estes, os espaços expositivos, “03 – Memórias do Mundo”; “04 – Era da Medicina”, “05 – Jornais: História HCI”, “10 – Negão o Cão”, “14 – Fábrica de Sabão”, “16 – Itens Agrícolas”, “23 – Sala dos Amores”, “40 – Recontando a História”, o Lázaro, as fotos dos pés e mãos dos pacientes e as moedas.

Quanto aos textos expositivos também seria interessante discutir alguns deles, sendo estes: “32 - A Unidade de Saúde Metal do H.C. de Itapuã”, “49 - Nós Não Caminhamos Sós”, “52.2 O Amparo Santa Cruz”, “53.1 A Irmãs Franciscanas”.

Santos (1996) comenta alguns elementos representativos “[...] do “pensamento barrosiano”⁴⁶ interiorizado em nossos museus ao longo dos anos [...]” (SANTOS, 1996, p.25), estes seriam: acervos que privilegiam determinados segmentos da sociedade; abordagem factual; culto à personalidade “[...] sem análise crítica da atuação do indivíduo na sociedade” (SANTOS, 1996, p.25); textos incontestáveis; pouco contextualização, sem reflexão crítica.

Muitos dos elementos descritos como representantes do “pensamento barrosiano” podem ser percebidos na exposição do Memorial, entre eles a forma como a visita é organizada em relação ao percurso, tendo em vista que ela segue uma linearidade construída que não abre margem a questionamentos. Ao assimilarmos estes fatores surgem algumas percepções críticas em relação ao que é exposto pelo Memorial, como: a construção de personagens; a idealização do passado; elementos de religiosidade; personificação dos organizadores nas escolhas. A partir disso são elencados exemplos para a problematização das escolhas expográficas realizadas.

⁴⁶ O termo “pensamento barrosiano” utilizado por Santos (1996) faz referência a Gustavo Barroso (1888-1959) primeiro diretor do Museu Histórico Nacional (MHN), que foi criado em 1922. O MHN teve seu modelo transplantado para outras instituições, e contribuiu para a museologia no País, posto que o primeiro curso da área, do qual Barroso foi o fundador, funcionou no Museu de 1932 a 1979, privilegiando uma história oficial muito vinculada ao papel das elites.

5.1 A Construção de Personagens: O Discurso dos “Heróis”

Um dos aspectos mencionados por Santos (1996) como parte de um “pensamento barrosiano” e que percebemos no Memorial é o culto à personalidade. Ele não está colocado de maneira muito expressiva e nem mesmo é descontextualizado, contudo, a problematização visa sempre um aprimoramento e o questionamento sobre a forma como estamos construindo um discurso sobre o passado e o que ele dirá ao futuro.

A primeira ocasião em que percebemos essa “criação de heróis do passado” é no espaço “04 – Era da Medicina”, com os quadros, feitos pelo senhor Marco, do médico Hansen, em entrevista a senhora Rita aponta que:

[...] quando a gente sai da primeira sala e nós entramos para a segunda, nós já temos uma fala, quando nós dizemos o seguinte: ela [hanseníase] deixa de ser uma doença lendária, fruto de um castigo divino. É uma doença grave, contagiosa, mutilante, ela incapacita pessoas, ela mutila pessoas e incurável, nós não tínhamos a mínima noção de um medicamento. [...] Nós começamos com todo um trabalho do Hansen, que é o que descobre o bacilo, e aí com a vinda do Hansen, nós já começamos a introduzir o Hospital Colônia, por quê? Porque ele identificou o bacilo, pronto, o Marco fez o quadro do Hansen. (CAMELLO, 2015, inf. verb.)

Figura 77 - Quadros de Hansen no Espaço "04 Era da Medicina"



Fonte: MEDEIROS, Helena Thomassim (2017).

O trabalho de Hansen foi fundamental na história da doença hanseníase, contudo, ele não faz parte da história do Hospital Colônia de Itapuã diretamente. Se o objetivo do Memorial – segundo a fala do senhor Lucaora (2015) – é salvaguardar as memórias deste local, por que escolher como elemento de destaque um médico estrangeiro? Estes quadros ocupam boa parte

da parede de uma das maiores salas de exposição, enquanto imagens das Irmãs ou dos pacientes que cuidavam da saúde de outros, estão espalhadas, muitas vezes, pelos corredores, em fotos em tamanhos menores, sem legendas ou informações sobre quem eram.

Figura 78 - Imagens no Espaço "25 – Medicina no HCI"



Fonte: MEDEIROS, Helena Thomassim (2017).

A imagem acima compara a localização dos quadros com algumas fotos históricas do HCI que se relacionam com a medicina. A questão aqui, não é a exaltação ao médico que auxilia a percepção da hanseníase como uma doença, mas sim o destaque que se dá a uma pessoa que morreu 38 (trinta e oito) anos antes da criação deste Hospital existir, em detrimento de indivíduos que participaram dessa história.

Outro elemento que pode ser indício como vinculado a um discurso que cria “heróis” para a história do HCI está no espaço expositivo “55 – Igreja Lutera e o arquiteto Alexander Josef Wiederspahn”.

Figura 79 - Espaço "55 – Igreja Luterana e o arquiteto Alexander Josef Wiederspahn"



Fonte: MEDEIROS, Helena Thomassim (2017).

Podemos perceber pela imagem objetos testemunho, como livros, um dos vitrais da Igreja, assim como um dos bancos onde os fiéis se sentavam. A Antiga Igreja Luterana do HCI é o único bem tombado dentro deste complexo de prédios, as fotos expostas que se referem a ela estão em tamanho que, provavelmente, é de 10cm por 15cm. Todavia, vemos muitas imagens que não são do Hospital ou relacionadas a esta história, mas que fazem referência a prédios cujo arquiteto foi o mesmo que o da Igreja. As figuras em questão foram impressas em um tamanho maior e ocupam as duas paredes deste espaço, seguindo a linha da escada que leva ao sótão.

Figura 80 - Imagens dos Prédios cujo arquiteto foi Alexander Josef Wiederspahn



Fonte: MEDEIROS, Helena Thomassim (2017).

Ao analisarmos os textos deste espaço percebemos que abordam a religião luterana e o arquiteto deste edifício. O texto “55.1 O Significado da Rosa de Lutero” explica o que os elementos da rosa de Lutero representam. O “55.2 Theodor Alexander Josef Wiederspahn” conta a história deste arquiteto, desde seu nascimento até sua morte, mencionando o HCI apenas no seguinte trecho:

Figura 81 - Fragmento do Texto “55.2 Theodor Alexander Josef Wiederspahn”

Alquebrado, encerrou seus dias fazendo seus últimos projetos aos pés da cama da esposa doente, que exigia cuidados constantes. O mais comovente foi o da **igreja do Leprosário de Itapuã**, que foi construído pelos próprios hansenianos.

Fonte: Direção de Ensino e Pesquisa do HCI (2019).

O texto expositivo “52.3 Curiosidade” comenta que Theodor é possivelmente o autor do traçado base da Catedral Metropolitana de Porto Alegre, e o “55.4 Relação Parcial dos Projetos de Theodor Wiederspahn” lista suas obras. Dito isto, questiono novamente: de quem é essa história? Qual o propósito deste Memorial? Onde estão as imagens da construção da Igreja? O nome do mestre de obras? O pastor que iniciou este trabalho? Como era a relação entre as duas religiões predominantes no HCI? Havia conflitos? Os diferentes credos eram respeitados? Se este prédio foi construído pelos moradores é porque tinha uma grande importância para estes, mas quando olhamos os elementos que compõe o espaço expositivo que busca apresentar esta faceta do Hospital há a valorização de seu arquiteto e não das pessoas que viveram este local.

5.2 A Idealização do Passado: O Discurso Nostálgico

Neste subtítulo busca-se discutir outro elemento apontado por Santos (1997) como uma influência do “pensamento barrosiano” incrustado em nossas instituições museais: a ideia da criação de textos incontestáveis. No caso do Memorial HCI há alguns textos expositivos que ignoram ou passam rapidamente por algumas questões sobre o passado, apontando a ideia do que foi chamado de um “discurso nostálgico”.

Por mais que uma exposição sobre o HCI sirva para homenagear, de alguma forma, os pacientes e moradores desta instituição, não podemos nos esquecer dos motivos que levaram a exclusão, de como esta ocorreu e das coisas que aconteceram neste local. No período em que funcionou como Leprosário viveram milhares de pessoas nestes prédios, estas foram separadas de suas famílias e excluídas da sociedade. Considerando que:

[...] acrescenta-se o medo social do contágio, a mobilização de médicos sanitaristas que percorriam o interior em busca de novos casos da doença e anunciava diariamente nos meios de comunicação a construção de um leprosário para livrar o Rio Grande do Sul da doença. Tudo isto formava um ambiente onde os doentes eram cercados. (SERRES, 2009, p.155)

O HCI é, em um primeiro momento, uma prisão, na qual pessoas doentes são confinadas, dentro deste ambiente os pacientes buscaram refazer suas vidas, reconstituindo elementos de “ordem” do mundo exterior à instituição. O espaço “29 - Cadeia” é um dos poucos no Memorial – excluindo os que falam sobre a separação dos filhos e do estigma da lepra – que aborda um aspecto “negativo” da vida neste local.

Figura 82 - Espaço “29 - Cadeia”



Fonte: MEDEIROS, Helena Thomassim (2017).

Mesmo abordando um assunto difícil e delicado, o nicho divide a sala com o espaço “28 – Entretenimento”, sendo dedicado um pequeno canto na parede, próxima a porta, para este tema, muitas vezes, nem percebemos que se trata de um outro assunto. As escolhas expográficas consistem em objetos testemunho, que são fotos dos moradores do HCI e de um prédio que, suponho, era a cadeia, além de itens cenográfico formados por desenhos de prisioneiros para “enfeitar” ou “ilustrar”. O texto expositivo, por sua vez, pode ser dividido em duas partes, a primeira referente ao funcionamento da cadeia e a segunda sobre a história do Senhor Aristides Amaral que foi delegado no HCI. A primeira metade coloca o seguinte:

CADEIA – Estás preso!

Com esta ordem de prisão eram resolvidos muitos casos de desacato entre pacientes e, principalmente casos de bebedeira e fugas ou mesmo a tentativa de sair de maneira irregular do Hospital Colônia Itapuã.

Como uma pequena cidade autônoma, o hospital tinha suas regras internas próprias e que deveriam funcionar para que o bom relacionamento interno continuasse.

Assim havia um delegado e uma delegacia para manter a ordem entre os pacientes do hospital. (MEMORIAL HCI, [2018?])

Como podemos perceber: não há problematização sobre os crimes que ocorriam ou seus motivos. O texto transmite a ideia de que o Leprosário era como uma cidade pacata, onde todos se davam bem e viviam tranquilamente, ocorrendo apenas algumas pequenas perturbações da ordem. Tais colocações contradizem com o que Serres (2009) aponta: “Embriaguez, brigas, agressões, acusações de pedofilia, denúncias de corrupção, violência, tudo fazia parte do mundo dos internados. Estes temas, todavia, não estão presentes nas falas, quando o estão, em geral, referem-se a casos anedóticos [...]” (SERRES, 2009, p.168). Provavelmente o “não dizer” também se relaciona a uma vontade de amenizar nas lembranças um passado difícil, ideia com a qual o Memorial parece corroborar.

Além disso, devemos perceber que ser preso por uma fuga é um elemento muito triste nesta história, pois nos mostra como deve ter sido difícil aceitar a condição de uma vida regrada, privada de autonomia, e a forma como estas questões são colocadas acabam sendo superficiais. Posto que: “Observa-se que a “cadeia” era o lugar de excelência para a punição dos que não obedeciam os preceitos ditados pela equipe dirigente. Assim sendo, entre os anos de 1945 e 1946, por exemplo, fugiram da instituição 228 internos.” (PROENÇA, 2005, p.110) e que “[...] o número de fugas na instituição era bastante grande e preocupava a administração. Fugindo, os internos mostravam ao Estado e a sociedade que o hospital colônia não conseguia cumprir sua função principal: manter os “leprosos” isolados.” (PROENÇA, 2005, p.111). Sendo assim, este ambiente não era apenas um local de detenção, mas um elemento que demonstrava o controle do Estado na vida dos moradores do HCI.

Quanto aos textos, percebemos uma falta de problematização das políticas que levaram a construção do HCI, fazendo com que o Memorial acabe em consonância com um discurso político da necessidade destas instituições, assim como do uso dos pacientes psiquiátricos no trabalho agrícola. Apresentando uma visão pacífica dos pacientes e sua relação com as instituições totais, que pode ser percebida nos seguintes trechos⁴⁷ do texto “32 - A Unidade de Saúde Metal do H.C. de Itapuã”:

⁴⁷ Transcrição do primeiro trecho: “A Unidade Psiquiátrica do Hospital Colônia de Itapuã nasce como Centro Agrícola de Reabilitação, no início da década de 1970. Advém da necessidade, reconhecida na época, de encontrar

Figura 83 - Fragmento do Texto "32 - A Unidade de Saúde Metal do H.C. de Itapuã"

A Unidade Psiquiátrica do Hospital Colônia de Itapuã nasce como Centro Agrícola de Reabilitação, no início da década de 1970. Advém da necessidade, reconhecida na época, de encontrar uma nova estratégia de abordagem com pacientes considerados crônicos que viviam no hospital São Pedro.

Fonte: BEZERRA, Daniele Borges (2017).

Figura 84 - Fragmento do Texto "32 - A Unidade de Saúde Metal do H.C. de Itapuã"

Os relatos da época evocam a surpresa dos profissionais ao reencontrar aqueles "crônicos", que haviam conhecido confinados nas alas do São Pedro, imóveis e apáticos, agora corados e bem dispostos, bem vestidos e falantes, no local onde realizavam suas tarefas de todo dia. Essa

Fonte: BEZERRA, Daniele Borges (2017).

Nestes trechos do texto expositivo podemos perceber que tanto a transferência quanto o trabalho destes pacientes são colocados com naturalidade, sem apresentar as percepções deles. Sabemos que houve conflitos entre “novos” e “velhos” pacientes do HCI, posto que “A ocupação do Hospital Colônia por novos moradores provocou a indignação daqueles que viviam na instituição [...]” (BORGES, 2006, p.102), além da construção, em um primeiro momento, de uma cerca que separava o espaço destinado a cada grupo. A vinda destes pacientes também provocou uma reestruturação na vida no HCI, tendo em vista que:

As irmãs franciscanas que cuidavam dos portadores de hanseníase também foram contra a transferência dos pacientes oriundos do São Pedro para Itapuã. [...] as religiosas não iriam atender os novos internados. Segundo elas, “devido à filosofia de sua Ordem: esta dedicava-se exclusivamente ao cuidado dos leprosos” e também porque implicaria “em um aumento de trabalho para as Madres”. (BORGES, 2006, p.104)

A mesma autora também aponta que: “A Laborterapia visava à recuperação através da reintegração do indivíduo ao mercado de trabalho, à medida em que conseguiam arcar com sua subsistência e ainda produzir lucro [...]” (BORGES, 2002, p.119). Segundo ela:

A proposta difundida pela equipe médica do Centro era a de reabilitar pacientes psiquiátricos crônicos, possibilitando o retorno a suas comunidades de origem. Eram os “loucos mansos de estância”, segundo um dos psiquiatras que atuou no Centro, ou

uma nova estratégia de abordagem com pacientes crônicos que viviam no hospital São Pedro.” (MEMORIAL HCI, [2018?])

Transcrição do segundo trecho: “Os relatos da época evocam a surpresa dos profissionais ao reencontrar aqueles “crônicos”, que haviam conhecido confinados nas alas do São Pedro, imóveis e apáticos, agora corados e bem dispostos, bem vestidos e falantes, no local onde realizavam suas tarefas de todo dia.” (MEMORIAL HCI, [2018?])

seja, pacientes de origem rural e do sexo masculino que superlotavam o São Pedro. (BORGES, 2007, p.09)

Percebemos que o fato de os pacientes serem crônicos contradiz com a perspectiva de “progressão” e possível reintegração a sociedade que lhes era apresentado como “motivação” para que trabalhassem no HCI. Borges comenta que mesmo os poucos pacientes que foram considerados aptos pelos médicos a voltar para seus locais de origem, enfrentavam dificuldades: “[...] muitas famílias não sabiam ao certo o que fazer com o parente doente e viam no hospício uma possibilidade de cura.” (BORGES, 2007, p.123). Outro fator interessante é o texto do Memorial aponta para a melhora dos pacientes que antes “apáticos” agora encontravam-se “corados e bem dispostos”, porém:

O trabalho realizado era, muitas vezes, motivo de orgulho para os pacientes, mas também gerava, em alguns casos, abalos na ordem institucional. Por exemplo, o envolvimento dos pacientes com os frutos de suas atividades laborativas e o destino que a instituição dava a esta produção podiam, segundo a equipe médica, conduzir a gestos extremos, como o suicídio. (BORGES, 2007, p.138)

Com estas colocações percebemos que este processo não foi simples e que trouxe uma série de questões complexas que aparentemente são “esquecidas” dentro de um discurso institucional que apresenta uma visão nostálgica do passado.

No espaço “49 – Administração e Setores” há um texto expositivo intitulado “49 - Nós Não Caminhamos Sós”, ele apresenta uma breve narrativa sobre a chegada dos primeiros pacientes ao, na época, Leprosário. Nele, podemos observar que a ida ao HCI causava medo aos enfermos pelas incertezas em relação ao futuro, porém, após a chegada este receio era dissipado pela recepção calorosa proporcionada pelas Irmãs:

Figura 85 – Trecho do texto “49 - Nós Não Caminhamos Sós”

Ao chegarem ao novo Hospital, depararam-se com prédios novos, que eles seriam os primeiros habitantes... Os quartos estavam arrumados, as camas prontas para repousarem, o ambiente decorado... A janta estava preparada para “confraternizar”. Foi uma bela recepção, preparada pelas Irmãs que estavam dispostas a dar-lhes um pouco de conforto físico, espiritual e social.

Fonte: Direção de Ensino e Pesquisa do HCI (2019).

A partir desta afirmação podemos nos questionar sobre alguns aspectos, entre eles o fato de que o texto coloca que a recepção aos doentes fez com que se sentissem acolhidos, contudo,

eles não estavam indo a um retiro ou encontro, mas, muitas vezes, foram “caçados” e levados a força sem saber para onde estavam indo ou o motivo.

Considerando que “Os doentes viam-se sozinhos e reclusos em um mundo diferente do seu habitual, cujas únicas pessoas que se ofereciam para confortá-los e ajudá-los eram as Irmãs Franciscanas de Penitencia e Caridade Cristã.” (PROENÇA, 2005, p.126). Percebemos que elas, as freiras, também eram uma figura de poder e autoridade que mantinham estas políticas de reclusão. Outro aspecto que chama a atenção é a forma como a criação do Pórtico, que é a entrada à “zona suja”, é representada neste texto:

Figura 86 - Trecho do texto “49 - Nós Não Caminhamos Sós”

Eles sentiram que neste lugar não estavam totalmente abandonados. Sentiram que haviam pessoas dispostas a amenizar o sofrimento da descoberta da doença que afastava todo mundo de perto. Foi então que tiveram a ideia de registrar no pórtico de acesso à área do Hospital a frase “NÓS NÃO CAMINHAMOS SOS”.

Fonte: Direção de Ensino e Pesquisa do HCI (2019).

Considerando que o texto inicia narrando a chegada e a acolhida aos primeiros pacientes do HCI, em 1940, este trecho nos dá a impressão de que logo que os pacientes se viram reconfortados e interagiram tiveram a ideia de escrever a frase “Nós Não Caminhamos Sós” no Pórtico. Entretanto, há nesta informação alguns dados conflituosos, pois:

Foi pelos idos de 1950 que ergueram um portão onde antes havia uma cerca para separar a zona dos doentes do resto do Leprosário e sob ele escreveram: “Nós não caminhamos sós.” O “lema” escrito à entrada do Hospital podia abrigar ao menos dois sentidos: aqueles doentes não viveriam sem ajuda, “não caminhavam sós”, ou a frase traduzia uma afirmação de que os doentes não estavam sós, contavam com a ajuda, do Estado, da Caridade, da Igreja, dos companheiros. De qualquer modo, o lema pretendia conferir um caráter mais humano ao isolamento, oferecer palavras de conforto não apenas aos internados, mas aos visitantes. (SERRES, 2004, p.178)

Desta forma, a data que pode ser indicada pela leitura do texto expositivo estaria equivocada, assim como a ideia transmitida de que a frase teria sido concebida em conjunto, pois, Serres (2004) comenta que esta inscrição foi escolhida em um concurso onde os moradores escreveram disseres para o portão e o vencedor ganhou um prêmio no dia da inauguração. Além disso, o texto aponta para a ideia de que esta sensação de conforto e acolhimento era compartilhada por todos os que chegavam na instituição e foi sentida durante as décadas de funcionamento.

Figura 87 - Trecho do texto “49 - Nós Não Caminhamos Sós”

E, durante dezenas de anos sentira-se amparados e confortados por todos aqueles que trabalharam junto a eles. Todos aqueles exerceram atividades no hospital, em todas as áreas, em todas as atividades, desde as mais nobres até as mais humildes, colaboraram para melhorar a vida dos que estiveram e aos que ainda permanecem internados.

Fonte: Direção de Ensino e Pesquisa do HCI (2019).

Por este trecho percebemos a tendência de se colocar o paciente/morador em um papel passivo diante de seu confinamento, como se todos os momentos vividos na instituição tivessem sido bons e tranquilos. Compreendesse que tal texto buscou fantasiar o passado e demonstra um forte discurso de nostalgia e idealização em relação a vida dentro do HCI, porém, talvez o mais preocupante sejam as generalizações e as informações passadas de forma incompleta.

É interessante ressaltar que este é um dos poucos textos do Memorial que apresenta autoria, está inserido em uma sala com a qual, aparentemente, não possui relação temática e possui uma informação incompleta em seu primeiro parágrafo:

Figura 88 - Trecho do texto “49 - Nós Não Caminhamos Sós”

Quando os primeiros pacientes hansenianos foram levados para o Hospital Colônia Itapuã, chegaram à tardinha do dia ... de maio de 1940. Cada um levava consigo a certeza do trauma que o segregou da sociedade, que o arrancou, que o sequestrou da sua família.

Fonte: Direção de Ensino e Pesquisa do HCI (2019).

Figura 89 - Espaço “49 – Administração e Setores”



Fonte: MEDEIROS, Helena Thomassim (2017).

Muitos dos fatos e percepções apontados aqui não aparecem nos textos, considerando também a fala de um dos organizadores de que: “[...] o Memorial, ele é bastante pesado, mas ele podia ser muito mais. A gente tentou colorir, enfeitar, fantasiar, criar cenários e coisas assim [...]” (LUCAORA, 2015, inf. verb.) Poderíamos compreender a “falta” de estímulo a algumas discussões como recorrência de uma vontade de fazer deste espaço um local acolhedor, que trouxesse, mesmo ao mostrar a dor destas pessoas, uma mensagem de esperança. Fato que remete a Serres (2009), que ao comentar sobre as entrevistas que realizou, coloca que: “[...] memórias mais amargas, marcadas por vínculos desfeitos e sofrimentos, dão lugar a uma explicação conclusiva por parte dos entrevistados. O Leprosário foi um mal necessário, que acabou por se converter em um lugar para se viver. Este foi o mundo possível [...]” (SERRES, 2009, p.169). Talvez, este seja o sentimento que os organizadores do Memorial buscam transmitir, colocando que, dentro de suas limitações e peculiaridades, esta foi e é a vida construída por estas pessoas.

5.3 Elementos de Religiosidade: O Discurso da Caridade Cristã

Considerando que o HCI foi, durante muitos anos, coordenado pelas Irmãs Franciscanas de Penitência e Caridade Cristã e que a hanseníase é uma doença cujos cuidados vem sendo mantidos pela Igreja Católica desde a Idade Média, é, de certa forma, “natural” que encontremos elementos desta religião no Hospital. Todavia, o Memorial é um espaço para todos

e que visa mostrar a vida de todos. Por este motivo, pareceu-nos interessante explorar como pequenos elementos vinculados ao catolicismo são expostos e transmitem um discurso sobre a caridade cristã. Proença (2005) comenta que:

A Igreja desde seus primórdios esteve envolvida na assistência, nas terapias e nos cuidados aos doentes. Mas também, na acusação moral e na segregação deles. A relação entre doença – doente – Igreja é bastante paradoxal. A historiografia observa que ao mesmo tempo que a Igreja atuava em prol dos doentes, condenava estes indivíduos, pregando que sua doença era proveniente de seus pecados, principalmente no tocante às doenças contagiosas. (PROENÇA, 2005, p.59)

Percebemos então essa dualidade entre ajudar e excluir como um elemento que pode ser abordado na exposição, sendo também um bom gatilho para o questionamento do próprio Hospital enquanto uma prisão ou um lar.

Logo no primeiro espaço – que foi considerado expositivo nesta dissertação – do Memorial, o qual nos deparamos assim que sumimos as escadas e passamos pela porta, o ambiente “01 – Hall de Entrada”, vemos elementos de religiosidade cristã: São Lázaro e uma bíblia aberta.

Figura 90 - Espaço “01 – Hall de Entrada”



Fonte: MEDEIROS, Helena Thomassim (2017).

O nome deste santo católico, Lázaro, aparece em dois momentos na Bíblia, a primeira vez no Evangelho de São Lucas 16:19-31 e a segunda no Evangelho de São João 11:28-44. No

primeiro é um homem pobre, repleto de feridas que tentava comer as sobras de um rico, enquanto os cachorros lhe lambiam. No segundo, é um amigo de Jesus Cristo ressuscitado por ele após 04 (quatro) dias de sua morte.

A correta atribuição do santo seria ao segundo Lázaro, que foi ressuscitado, contudo, em diversas imagens, como neste caso, ele é retratado com machucados, este fato e a relação com a pobreza fizeram com que fosse considerado, a partir da Idade Média, o padroeiro dos leprosos e mendigos. O cachorro ao seu lado é um símbolo de que ele não está só, a muleta é a fraqueza, as feridas representam a dor e o sofrimento, e a cor marrom de seu manto a humildade.⁴⁸

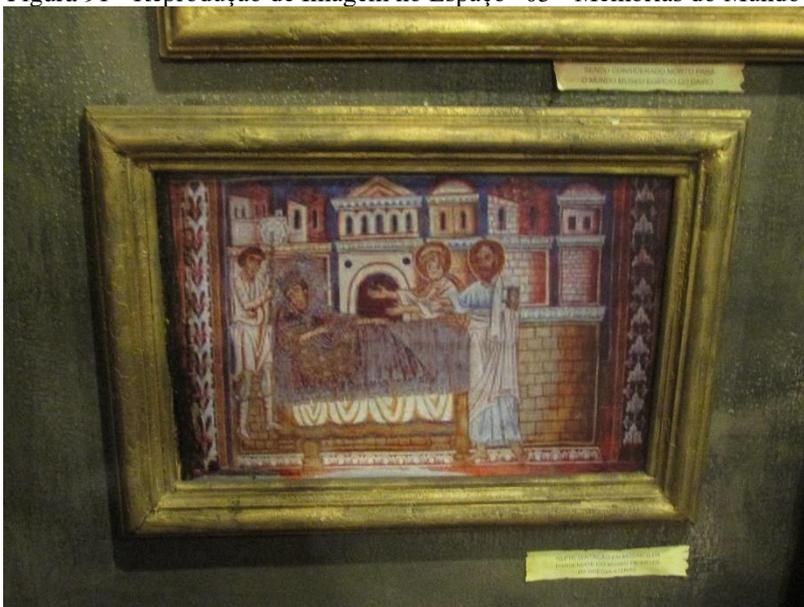
Outro elemento de ligação com o cristianismo está no espaço “03 - Memórias do Mundo”, em uma das reproduções de obras feitas em papel e emolduradas. A imagem em questão faz parte de um conjunto de 11 (onze) afrescos que ilustram o “Actus Silvestri”, sendo estes momentos da vida de Silvestre I, papa na época do Édito de Milão que:

[...] declarava que o Império Romano seria neutro em relação ao credo religioso, acabando oficialmente com toda perseguição sancionada oficialmente, especialmente ao Cristianismo. A aplicação do Edito fez devolver os lugares de culto e as propriedades que tinham sido confiscadas dos cristãos e vendidas em praça pública. O Edito deu ao Cristianismo (e a todas as outras religiões) o estatuto de legitimidade, comparável com o paganismo e, com efeito, desestabeleceu o paganismo como a religião oficial do Império Romano e dos seus exércitos. (CARLAN, 2009, p.28)

A obra original está localizada no Oratório de São Silvestre, na Basílica do Santi Quattro Coronati, em Roma. A figura refere-se a suposta visita de São Pedro e São Paulo ao Imperador Constantino I que, supostamente, padecia de lepra, após ser curado ele teria se convertido ao cristianismo, ocasionando no fim da perseguição aos cristãos. Este detalhe na exposição revela um aspecto da história da hanseníase, ligada à Igreja, transmitindo a visão do portador da doença enquanto um pecador que deve se redimir sobre arrependimento para alcançar a cura.

⁴⁸ Mais informações em: CRUZTERRASANTA. Santos e Ícones Católicos: *São Lázaro*. Disponível em: <<https://cruzterrasanta.com.br/historia-de-sao-lazaro/150/102/#c>>. Acesso em: 10 de jan. de 2019.

Figura 91 - Reprodução de Imagem no Espaço “03 - Memórias do Mundo”



Fonte: MEDEIROS, Helena Thomassim (2017).

Outro elemento interessante se encontra no espaço “31 - Escada”, é a figura de um grupo de “leprosos” – apresentados com o imaginário da Idade Média e com o corpo coberto por panos em meio à escuridão – e de um anjo, envolto em luz, que lhes estende a mão. Esta obra teria sido feita pelo senhor Marco após as conversas com a senhora Rita e as visitas ao Hospital. Percebemos então que estes objetos-cenográficos trazem uma grande carga de subjetividade e, podem demonstrar algumas perspectivas dos organizadores deste espaço de memória.

Figura 92 - Quadro no Espaço "31 - Escada"



Fonte: MEDEIROS, Helena Thomassim (2017).

Pelo que percebemos da fala dos organizadores o espaço “03 - Memórias do Mundo” seria o responsável por apresentar esta visão do leproso com o imaginário medieval, e mesmo, religioso: “Ficou muito claro para nós [...] essa sala é o passado e daqui em diante, na segunda sala, que começa em 1873, a era científica, deixa de ser [...].” (LUCAORA, 2015, inf. verb.) Entretanto, vemos que este quadro está localizado em outro ambiente, sendo assim, seria possível interpretar este item como algo que reflete a personificação dos organizadores no Memorial, ou como um elemento que traz novamente a religião como um “protagonista” na salvação destas pessoas.

No segundo andar do Memorial há um pequeno espaço expositivo: “33 - Voluntários do Carinho”, foi mencionado brevemente na mediação do dia 11 de maio de 2015, sendo este nicho dedicado a um grupo de voluntários que atuou no HCI durante 12 (doze) anos. Porém, mesmo em seus textos não há muitas informações sobre o trabalho desenvolvido.

Figura 93 - Espaço “33 - Voluntários do Carinho”



Fonte: MEDEIROS, Helena Thomassim (2017).

Este ambiente expositivo quase passa despercebido, pois fica localizado em um pequeno espaço de parede no corredor entre as duas portas que dão entrada as salas “32 – Pacientes Psiquiátricos” e “34 – Pacientes Psiquiátricos”, contudo não se sabe se seu trabalho tinha alguma relação com este setor do Hospital. O interessante é o seu texto expositivo “33 - Voluntários do Carinho” apresenta a “Oração de São Francisco de Assis”, trecho que diz o seguinte:

Conforme as palavras de São Francisco de Assis:

Senhor, fazei-me instrumento de vossa paz.

Onde houver ódio, que eu leve o amor;
 Onde houver ofensa, que eu leve o perdão;
 Onde houver discórdia, que eu leve a união;
 Onde houver dúvida, que eu leve a fé;
 Onde houver erro, que eu leve a verdade;
 Onde houver desespero, que eu leve a esperança;
 Onde houver tristeza, que eu leve a alegria;
 Onde houver trevas, que eu leve a luz.

Ó Mestre, Fazei que eu procure mais Consolar, que ser consolado;
 compreender, que ser compreendido;
 amar, que ser amado.
 Pois é dando que se recebe,
 é perdoando que se é perdoado,
 e é morrendo que se vive para a vida eterna. (MEMORIAL HCI, [2018?])

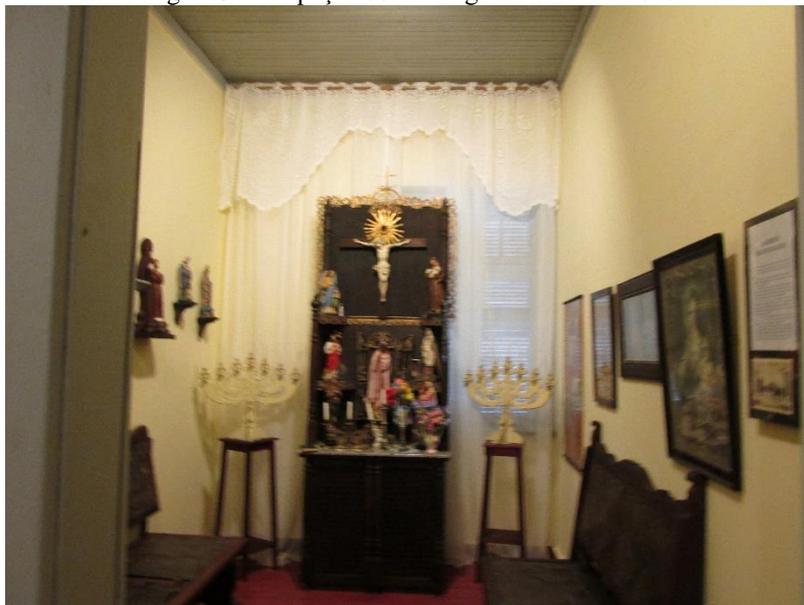
A presença de uma oração dentro da exposição é um elemento muito forte de religiosidade e, mais uma vez, vinculada ao catolicismo. São Francisco de Assis⁴⁹, seria o filho de um rico comerciante que dedicando-se a ajudar os necessitados e vivendo de forma simples, teria auxiliado no cuidado com os leprosos. Este texto refere-se à abnegação à serviço do próximo, podemos perceber como uma referência ao trabalho dos voluntários, mas também ao das Irmãs Franciscanas que cuidavam do Leprosário. Sendo assim um exemplo do discurso da caridade cristã em cuidar dos excluídos de nossa sociedade.

Na sala “53 – Religiosidade” percebemos muitos objetos ligados a esta temática, são, geralmente, estátuas de santos em diversos tamanhos espalhadas pela sala, há também um altar com mais imagens, quadros com figuras religiosas, crucifixos, entre outros.

Em meio a uma sobrecarga de objetos, cuja maioria se referem a religião católica, percebemos dois *menorá* (candelabro com sete braços que é descrito no Livro Êxodo 25:31-40 relacionados ao judaísmo) e do banco da Igreja Luterana. Em comparação entre 2015 e 2017, foram acrescentados novos itens, entre eles esculturas que representam a Via Sacra, expostos nas paredes, item geralmente visto em igrejas católicas.

⁴⁹ Mais informações em: CRUZTERRASANTA. Santos e Ícones Católicos: *São Francisco de Assis*. Disponível em: <<https://cruzterrasanta.com.br/historia-de-sao-francisco-de-assis/139/102/#c>>. Acesso em: 10 de jan. de 2019.

Figura 94 - Espaço “53 – Religiosidade” em 2015



Fonte: MEDEIROS, Helena Thomassim (2015).

Figura 95 - Espaço “53 – Religiosidade” em 2017



Fonte: MEDEIROS, Helena Thomassim (2017).

Figura 96 - Espaço “53 – Religiosidade” em 2017



Fonte: MEDEIROS, Helena Thomassim (2017).

Há neste espaço alguns textos, entre eles o “53.1 A Irmãs Franciscanas”, que é interessante de se analisar, ele traz a informação de que o Leprosário Itapuã era coordenado pelas Irmãs Franciscanas de Penitência e Caridade Cristã em diferentes esferas:

Figura 97 - Trecho do texto “53.1 A Irmãs Franciscanas”

Desta forma setores como enfermaria, farmácia, padaria, cozinha, lavanderia, fábrica de sabão e outros, eram dirigidos por estas religiosas. Também eram responsáveis pelo apoio dos serviços religiosos: limpeza, ornamentação da igreja, missas, casamentos e enterros.

Os pacientes foram gradativamente construindo laços de confiança e amizade com estas “trabalhadoras” a ponto destas sugerirem namoros e casamentos entre os pacientes.

Fonte: MEDEIROS, Helena Thomassim (2015).

Quanto ao cuidado com os pacientes, percebemos que o contato entre os pacientes e médicos praticamente não acontecia, sendo esta relação mediada pelas Irmãs, fato que também aumentava a autoridade destas dentro do Hospital, pois:

Sendo as Irmãs Franciscanas as enfermeiras da instituição, cabia a elas o cuidado básico e específico de cada paciente internado. O contato diário com os doentes era de responsabilidade delas. Aos médicos cabia o diagnóstico das doenças, a realização das consultas prévias, das cirurgias prescritas e as visitas rápidas. Entretanto, o cuidado diário, o curativo a fazer, o remédio a tomar, a explicação simples do que se tratava sua doença era dever das Irmãs: elas eram as responsáveis pela enfermagem do

Hospital Colônia Itapuã. Logo, a sua legitimidade não advinha apenas da religião, mas da intermediação entre médicos e pacientes e dos cuidados clínicos realizados. (PROENÇA, 2005, p.121)

Figura 98 - Foto das Irmãs Franciscanas de Penitência e Caridade Cristã



Fonte: MEDEIROS, Helena Thomassim (2015).

Sobre o papel das Irmãs, apontado no texto expositivo, enquanto “amigas” que sugeriam namoros e casamentos entre os pacientes do Leprosário, devemos lembrar que:

[...] o estímulo dado ao casamento na instituição, pelas Irmãs e pela direção, implicava em aspectos como moralidade e disciplina. Não havia tolerância de namoros muito longos e, muito menos, que envolvesse algum contato físico. Para isso não ocorrer, o casamento legitimado foi à forma encontrada de moralizar as relações pessoais, além de institucionalizar os costumes que tinham antes de contrair doença. (PROENÇA, 2005, p.118)

Sendo assim, esta liberdade também era um mecanismo de controle sobre estas pessoas. O trabalho de evangelização era uma constante dentro do Leprosário, mesmo considerando, por exemplo, a forte presença luterana no local, ainda haviam imposições. Segundo Proença:

[...] a construção da Igreja Protestante não modificou a prática da negação de outras religiões. O repúdio das Irmãs era expresso através da negação de concessões e direitos aos doentes de outros credos. Segundo o depoimento de um paciente protestante, já falecida, Dona Carolina: as Irmãs de tudo faziam para a conversão dos pacientes, seja um doente protestante ou de outra religião. Ela relatou que para se casar teve que se batizar na Igreja Católica – junto com o noivo, também luterano – pois as Irmãs não permitiam nenhum casamento na Colônia que não fosse realizado na sua Igreja [...] (PROENÇA, 2005, p.98)

Certamente a história da hanseníase se confunde com o catolicismo e com a imagem criada de um leproso pecador que busca sua cura e redenção na fé. Sendo assim, um Memorial criado envolto neste contexto e estabelecido na Casa das Irmãs, acaba legitimando, em alguns pontos, essa relação de poder. Talvez o cuidado que este espaço de memória poderia ter a respeito deste discurso de caridade cristã seja mais relacionado aos objetos e aspectos visuais que podem ser interpretados de muitas formas pelos visitantes e, quiçá, legitimar a ideia do pobre lázaro que necessita de proteção mesmo que esta seja através do controle de sua vida.

5.4 Personificação dos Organizadores nas Escolhas Expográficas

Este é um intrigante aspecto a ser estudado, pois demonstra a visão dos organizadores sobre a história que eles desejavam contar no Memorial e como isso influencia nas escolhas expográficas tomadas. Sobre este tema – personificação das escolhas – é interessante trabalharmos a ideia do objeto-cenográfico, pois este é um elemento ao qual os organizadores recorrem para a formulação de um discurso.

O objeto-cenográfico não é apenas um plano de fundo que “enfeita” o museu, compreendendo que todos os elementos colocados em um espaço expositivos “contam uma história” e não estão ali pelo simples acaso. Dentro de uma instituição museal estes itens representam elementos que foram considerados necessários de serem materializados, estas peças são fruto de escolhas e, desta forma, construtores da narrativa proposta. Sendo assim a sala “03 - Memórias do Mundo” é cenário de grandes discussões, pois nela há elementos como o mapa dos “caminhos da lepra”, o manequim Lázaro e é o único espaço expositivo com *banners* produzidos pelo próprio Memorial, fato que chama a atenção, pois, os demais espaços, não receberam o mesmo “investimento” em relação ao *designer* de seus textos. Este ambiente se destaca por sua coerência em relação aos textos, imagens, cores e objetos, que parecem seguir um padrão lhes dando o sentido de unidade. Apesar disto, toda a sala assemelhasse a um diorama que busca congelar um momento na história. Sobre o mapa os organizadores dizem que:

[...] o Memorial teve uma lógica. [...] tinha um início, que dentro do carro, nós indo para Itapuã, ela me veio com um mapa do mundo, mas uma coisa de primário [...] aí surgiu a ideia de que: eu vou fazer um presente pra Rita, eu vou fazer um mapa “tcham”, uma moldura “tcham” [...] Quando ela viu, o mapa foi feito para ela, homenagem a Rita. Aquela sala [Sala Memórias do Mundo] foi em homenagem a Rita. [...] Foi feita uma reunião [...] com a Rita, eu [Marco] fora, eu completamente fora, eram quatro pessoas para decidir [...] ela escolheu o mapa, não fui eu que escolhi o mapa, eu só ampliei e fiz a prática da coisa, aí eles se reuniram aqui no São Pedro

para marcar os pontos onde começou a hanseníase, a lepra, no caso. (LUCAORA, 2015, inf. verb.)

Deste modo, percebemos que por trás desta escolha e da criação deste elemento há a vontade dos organizadores, sendo que ele é creditado como uma homenagem a senhora Rita. O espaço também chama a atenção, pois a ideia tem relação com uma representação baseada em fatos, sendo que:

[...] a gente não se deteve, não, na Espanha foi assim, Portugal foi assim, a gente mesclou algumas partes que foram interessantes, sim, e nós damos o nome ali, “Os Caminhos da Lepra” para saber por onde ela havia transitado num passado mais distante, até chegar a Europa. Mas, ainda nem se pensava em Brasil. (CAMELLO, 2015, inf. verb.)

Sendo assim, ele mescla diversos elementos. Entretanto, um dos destaques deste ambiente é o manequim Lázaro. O processo de criação deste elemento cenográfico se deu a partir de uma iniciativa do senhor Marco que conseguiu um manequim e passou a incorporar nele deformidades típicas da hanseníase, quando não tratada. A senhora Rita aponta que para a criação deste diorama eles fizeram uma pesquisa: “Vários filmes, várias coisas, nós assistimos muitas coisas do período da Idade Média, porque era aquilo que nós queríamos reportar, então, tudo que era filme que abordasse alguma coisa da Idade Média nós assistimos e nós fomos vendo e nós fomos somando.” (CAMELLO, 2015, inf. verb.)

Este objeto cenográfico aplica, na escultura, elementos reais, que são as deformidades ocasionadas pela hanseníase, sendo utilizado para representar a figura de um leproso no contexto da Idade Média. Fazendo assim um vínculo deste passado, ligado a doença que levou a criação do Hospital. Contudo, baseia-se em filmes e elementos “teatrais” a fim de criar um cenário para retratar o assunto.

Percebemos um grande cuidado e estima, por parte dos organizadores do Memorial, com este espaço expositivo. Observamos atenção aos detalhes realizados com o *designer* do ambiente, fato que parece corroborar com a percepção de que este local “personifica” o trabalho e os interesses da enfermeira Rita. Pois, a mesma comenta que:

RITA - Quando a gente começou a trabalhar, a primeira sala, já começou com vidros. E nesse meio tempo o Marco estava mandando pintar as paredes, organizar e tudo mais, aí ele vinha, fugia e assistia minha aula. Acho que ele assistiu minha aula 40 (quarenta) vezes pelo menos. Aí, lá pelas tantas, quando ele começou a querer colocar vidro, porque então começamos aqui, aí eu digo: “Não senhor, como é? Tu estás pensando que a lepra começa em 1940, na inauguração do Hospital?” Digo: os pacientes vieram para cá estavam nos fundos do Parthenon, então tu terias que

começar com os fundos do Parthenon. Mas antes dos fundos do Parthenon, é na frente da Santa Casa esmolando. Mas antes de esmolarem na frente da Santa Casa, tu tens que mostrar de onde é que veio essa gente e trazer um pouco de histórico. Como é que tu queres [sic] montar alguma coisa? Minimamente tu não precisas [sic] de uma base para te alavancar aquilo que tu fores falar? Então a sala do Lázaro, aquela coisa preta, de fato, porque é. Assista todos esses filmes que te falei. Pegue todos esses filmes que deixei anotado, dê uma olhada, como era tratado, como era feito. Tu vais ter todo o imaginário do que quê é, o porquê daquela sala.

HELENA - Na realidade, aquela sala foi toda de acordo com o imaginário.

RITA - Ela reflete tudo o que foi feito, durante todo um passado que não é tão passado, grande, mas que não foi até tão longe.

HELENA - Que ainda está no imaginário da sociedade.

Rita – No imaginário do povo. Em questão de poucos anos atrás eu fui em uma cidade do interior, quando o paciente viu o carro, ela disse assim, ela já estava fugindo, ela disse: “Não vou voltar para o leprosário hoje não”. (CAMELLO, 2017, inf. verb.)

Notamos neste trecho que uma das maiores dificuldades neste espaço é apresentar o passado – a hanseníase enquanto lepra, sendo um castigo divino, este doente excluído, submetido ao medo que gera o estigma desta enfermidade – sem legitimar preconceitos. Posto que o imaginário popular ainda é muito carregado com a ideia bíblica, alimentada pelo cinema, por exemplo.

Em 2018, a senhora Rita respondeu por e-mail a seguinte questão: Dentro do Memorial HCI há algum elemento ou ambiente o qual você considera mais importante em relação aos demais? Se a resposta for afirmativa, qual o motivo desta diferenciação? O qual ela retornou: “Sim. A primeira sala intitulada “História da Lepra no mundo”, que traz a trajetória da doença enquanto pecado.” (CAMELLO, 2018, doc. eletr.) Há neste ambiente uma associação com o trabalho e os interesses profissionais e pessoais da mesma, e ele acaba sendo um diorama que representa os elementos trazidos nas palestras mediadas por ela.

Outro exemplo desta “personificação” são os quadros de Hansen “04 – Era da Medicina”, segundo Marco Lucaora estes objetos foram feitos:

Em homenagem a Rita, os dois quadros, porque, o que acontece, ela fala assim: foi o Hansen, o Hansen, o Hansen, o Hansen, o Hansen. Aí eu digo: “tu tens [sic] uma foto do Hansen?” Aí, ela pegou e me mostrou uma foto pequenininha, em preto e branco, que era a imagem dele no laboratório, duas, uma, dele no laboratório. Ela disse: “tu pensas [sic] em ampliar, fazer alguma coisa?” Aí eu digo: “não, eu vou pintar.” [...] eu pintei um quadro do Hansen e pintei ele no laboratório e, assim, como a foto dele no laboratório aparece ele olhando no microscópio, nós tínhamos um microscópio, tínhamos dois até. Então assim, tinha uma mesa da época, então, já se colocou. [...] vários objetos, já de Itapuã, por exemplo, fazendo parte deste contexto de material de enfermagem, vidros, entendeu? Então a sala vai tendo uma forma do laboratório e ao mesmo tempo da história, que deveria ser, talvez, para o Hansen, naquela época, em 1873, os objetos. (LUCAORA, 2015, inf. verb.)

Sendo assim, percebemos uma reapropriação de objetos, do HCI, para compor uma cenografia inspirada em um personagem e no uso de uma figura que faz parte da história da medicina para elaborar a narrativa do Memorial.

Durante a entrevista de 2017, quando questionada sobre como se sabiam informações sobre o acervo do Memorial e de que forma eram realizadas, ou não, investigações sobre essas materialidades, a senhora Rita respondeu:

A investigação em si, ela não foi feita, eu a conheço porque eles me deram, tipo assim: “Dona Rita, eu estou entregando isto aqui porque eu cuidava da Igreja. Isto aqui fui eu que bordei, eu estou lhe dando isto para pôr no Memorial.” Como muita coisa eu ganhei de presente, tipo um paciente me presenteia com a minha casa, paciente me presenteia com uma xícara, outra me presenteia com uma fronha que ela bordou. Então eu vou lhe dar um presente, e eu optei por trazê-lo para o Memorial. (CAMELLO, 2017, inf. verb.)

Desta forma percebemos que vários objetos que compõem a exposição foram dados pelos pacientes a ela como presente e que ela achou por bem expô-los ao invés de guardá-los, por acreditar que também fazem parte desta história. O trabalho de seleção torna-se complexo, pois não há um regimento interno, passando todos os bens por um crivo que não é técnico, mas pessoal. O espaço expositivo “40 – Recontando a História”⁵⁰, inaugurado em 2017, também traz este elemento, onde o Memorial é associado a uma pessoa, a senhora Rita comenta que:

A gente tem uma sala nova, desde que tu fostes, nós temos uma sala nova. No dia em que nós completamos 77 (setenta e sete) anos e que a gente lembra assim, todo um passado de história triste, nós inauguramos uma sala que se chama “Escola Frei Pacífico”. Os alunos fizeram uma maquete de todo o Hospital na época da inauguração. Então na inocência deles, são todas as casas, são todos os pavilhões, são todas as igrejas, na inocência de pequeninos, sem o ranço que eu guardo da dor de quem esteve lá. Lógico que se eu olhar para este primeiro pavilhão eu vou dizer assim: “Meu Deus”. Saber das tragédias que viveram aqui, saber de fulana que não queria engravidar e acabou tendo 11 (onze) filhos. Então de cada casa eu sei isto, mas eles não, eles têm a alma limpa. Eles simplesmente quiseram fazer um trabalho que daqui a alguns anos eles levarão seus filhos e seus netos e dirão: “Isto aqui quando teu pai tinha 13 (treze) anos, foi teu pai que ajudou a fazer.” [...] Eles chegaram me presenteando, queriam me dar: “Professora, a gente trouxe de presente a sua casa”. A minha casa era a casa das Irmãs, queriam me presentear com minha casa, eu digo: “Muito bem, vou levar minha casa para casa”, e aí eu olhei e digo: “Não é possível”. (CAMELLO, 2017, inf. verb.)

⁵⁰ Durante a entrevista a senhora Rita menciona esta sala com a nomenclatura “Escola Frei Pacífico”, todavia, em reportagens o nome utilizado é “Recontando a História”. Mais informações em: SECRETARIA DA SAÚDE. *Hospital Colônia Itapuã inaugura a sala “Recontando a História” nos 77 anos da instituição*. 2017. Disponível em: <<http://www.saude.rs.gov.br/hospital-colonia-itapua-inaugura-a-sala-recontando-a-historia-nos-77-anos-da-instituicao>>. Acesso em: 20 de jun. de 2017.

Estes fatos são interessantes, pois, ao mesmo tempo em que demonstram reconhecimento para com o trabalho que vem sendo feito no Memorial, percebemos uma imagem que centraliza a instituição em um funcionário. Contudo, este, assim como qualquer outro ser humano, não será eterno, sendo extremamente necessário um trabalho de documentação e preservação destas histórias para que estes bens possam fazer sentido para outras pessoas no futuro.

Outro elemento que merece destaque, tendo em vista que também foi mencionado pelo público, é o berço utilizado no segundo andar no espaço expositivo “52 – Filhos Levados”. Este item tem origem em uma viagem realizada pela enfermeira Rita:

Quando eu fui a Portugal, no Leprosário de Portugal, uma das pacientes disse assim: “Sabes porque que isto está aqui?”; digo “Não”; “As tetas doem menos quando embalam os berços”. Elas conseguiam tirar o leite, porque da mesma forma que aqui, que o filho era retirado e levado para o Amparo, sobravam as tetas cheias de leite e não tinha injeção, medicamento na época que pudesse secar o leite, como teríamos essa opção hoje. Então elas teriam que esgotar a mama e a mama esgotava mais facilmente se tivesse um berço para embalar. Quando eu voltei de Portugal, mas não deu outra! Eu só digo assim “Marco, eu quero um berço e eu quero uma filha” e lá está o berço e a filha. (CAMELLO, 2017, inf. verb.)

Figura 99 - "O Berço e a Filha"



Fonte: MEDEIROS, Carolina Thomassim (2017).

Deste modo, compreendemos que este objeto cenográfico é um item retirado de um contexto e uma história diferentes da que ocorreu no HCI, sendo um elemento escolhido para representar um momento em comum: a retirada dos filhos. Todavia, ele só tem lógica a partir

do momento que temos informações que envolve essa escolha, caso contrário, sem mediação, possivelmente, o público entenderia este como um acontecimento da realidade de Itapuã.

Sendo este um forte elemento da exposição, em um dos questionários respondidos sobre o Memorial um visitante coloca que: “O berço, acredito que mesmo não sendo original, objeto do hospital, consegue retratar a dor das mães que tinham que entregar seus filhos.”⁵¹. Desta forma observamos que a escolha por um objeto-cenográfico, que em nada se relaciona a realidade do HCI, acaba por ser reapropriada e fazer sentido para algumas pessoas como elementos simbólico da separação dos filhos.

Estes poucos estudos de caso demonstram como a linha entre representação e realidade, pessoalidade e coletividade, é tênue, pois estes elementos se confundem em um espaço de memória. Os organizadores se dedicam ao local desde sua criação, essa sendo, inclusive, custeada pelo senhor Marco, que relata que:

Como eles [servidores do Estado] viram que eu ia fazer por conta e risco, eu não estava preocupado se eu podia, eu não pedi autorização para ninguém. Eles decidiram me fazer um documento me nomeando responsável pelo acervo de Itapuã, do São Pedro, do Sanatório e do Dermato. Saiu uma portaria, assinada pela Secretaria da Saúde que eu seria responsável por essa documentação e os bens afins. E aí eu disse que não precisava, mas aí, o que que acontece, como eles sabiam que eu ia fazer, eu sou muito dono do meu nariz aqui dentro do São Pedro, então eu não perguntei: “Eu posso ir?” para o diretor, eu fui, e continuei indo, e eu digo, eu vou montar o Memorial e eu vou fazer. Então eles acharam bom, e foi a única coisa que o governo fez. [...] e eles foram lá e inauguraram. (LUCAORA, 2015, inf. verb.)

A conservação do local também passa pelo senhor Marco e a senhora Rita, tendo em vista que, após a criação do Memorial, eles se tornaram coordenadores do patrimônio dos hospitais estaduais e do patrimônio do HCI. Ela comenta que:

[...] até hoje, se eu precisar de lâmpada, eu digo assim: “Marco, eu tô com 03 (três) salas sem lâmpada” [...] ele me manda. Um vaso que quebrou, eu pus dentro de uma caixa e digo assim: “Marco, isto é um vaso quebrado” O teto da Igreja está caindo e ele me disse assim: “Tira todas as imagens”. Chamei a manutenção, botamos no caminhão, chaveamos tudo dentro de um quarto, todas as imagens, vamos ver se a gente consegue recuperar a Igreja, mas tu não podes perder a Igreja com as imagens junto. [...] Do Estado a gente recebe assim, papel higiênico eu recebo, geralmente quem vai, por exemplo, amanhã a Ângela vai levar café, só que a última turma que teve sobrou café, então quando vocês chegarem vai ter um café passado. Mas a Ângela vai deixar um café para que a próxima turma que chegar tenha. [...] O Estado faz a manutenção, no sentido assim, quebrou uma janela, eles vão ali, eles ajustam e consertam, caiu alguma coisa, eles vão ali e prendem, tem que transportar alguma coisa, eles fazem todo o transporte, então a manutenção do Hospital ela entra nesta questão. (CAMELLO, 2017, inf. verb.)

⁵¹ Fonte: Estudo de público realizado com visitantes do Memorial HCI no dia 25 de novembro de 2017.

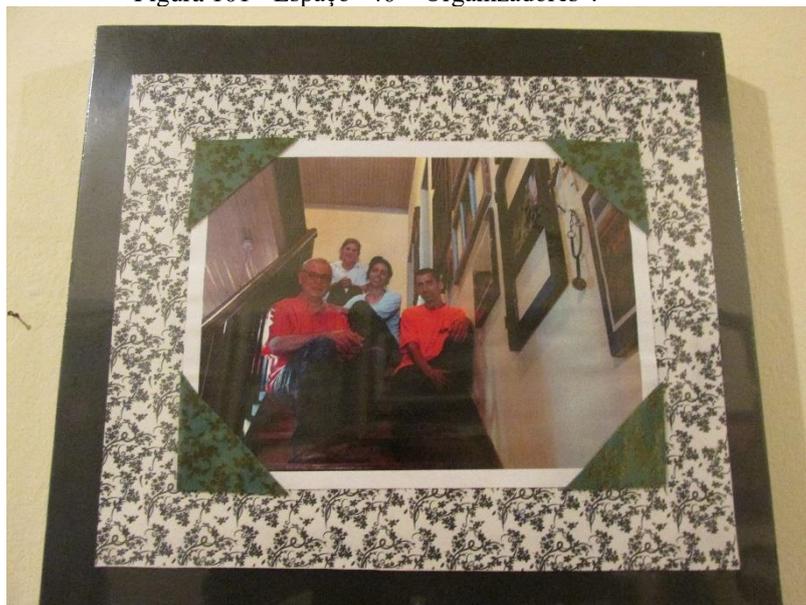
Considerando tais afirmações podemos dizer que o envolvimento dos organizadores com o Memorial extrapola suas relações trabalhista, entrando também em sua vida pessoal. Na exposição são percebidas apenas duas pequenas menções ao trabalho que diversas pessoas tiveram para a montagem deste Memorial, sendo estes um texto com algumas imagens, “3.1 Os Caminhos da Lepra”, e uma imagem no corredor do segundo andar que identificamos como espaço “46 – Organizadores”.

Figura 100 - Texto “3.1 Os Caminhos da Lepra” e Imagens



Fonte: MEDEIROS, Helena Thomassim (2017).

Figura 101 - Espaço “46 – Organizadores”.



Fonte: MEDEIROS, Helena Thomassim (2017).

Nas imagens é possível ver pessoas mencionadas nessa pesquisa, entre elas o senhor Marco, a senhora Rita, o senhor Dennis, a senhora Lia e senhora Elizabete. Sendo um trabalho que surgiu, originalmente, de uma preocupação com o acervo histórico, financiado e motivado por indivíduos, ele envolveu outros funcionários que participam deste processo e tudo isso levou a criação de algo que é de todos. A senhora Rita também aponta sobre a importância de dar continuidade a este trabalho:

[...] vem alguém aprender comigo, se vier um historiador, gente, eu vou passar tudo que eu souber, vou tentar fazer de tudo para que ele possa transitar na casa dos pacientes. Que ele tenha o mesmo vínculo que eu consegui ter, para que ele possa contar essa história viva, não é pedaços que eu junto, não, é a história viva, que tu me disseste, eu vou repetir a tua fala. (CAMELLO, 2017, inf. verb.)

Estas são provas muito significativas do apreço deles por esta história e este patrimônio, todavia, também são preocupantes. Pois, muitas das informações e justificativas que perpassam este lugar de memória não possuem registros e acabaram se mantendo através da vontade e esforços individuais. O fato recente de uma funcionária encaminhada pelo Estado para trabalhar apenas com o Memorial nos dá uma esperança de que este trabalho continue, contudo, ainda há muito a ser feito e, desvencilhar este local de seus organizadores é algo difícil de que se imaginar, tanto pelas relações construídas com os moradores e a comunidade, quanto com o próprio acervo.

6 ONDE ESTÁ MARIA? ENCONTRANDO OS MORADORES NO MEMORIAL

Uma das questões que motivou a escrita desta dissertação era descobrir onde está Maria, fazendo analogia ao nome de minha bisavó⁵². Assim como outras pessoas que visitam o HCI, e agora o Memorial, na busca pela história de parentes e entes queridos, no começo da pesquisa esta história vinculava-se a um interesse pessoal: saber como era o local onde ela passou os últimos anos de sua vida, visitar o cemitério onde está enterrada, ver um pouco do que ela via.

A senhora Rita comenta que “Parentes de pessoas que moraram conosco [no Hospital], nos procuram para saber a história [...] Já tem sido bastante frequente, tipo assim: busco a minha identidade.” (CAMELLO, 2017, inf. verb.) Este fato é muito interessante, pois demonstra que além do Memorial HCI ser um local para preservar e expor a trajetória desta instituição, ele também tem sido visto como fonte de informação para pessoas que tiveram suas relações desfeitas devido a exclusão imposta aos hansenianos.

Considerando que em 2017 foi entregue um questionário ao público do Memorial e que este teve o retorno de 13 (treze) respostas, devem-se analisar algumas questões julgadas relevantes pelas constatações que desencadeiam. Exemplo disso é a pergunta “9- Se você fosse definir a temática da exposição do Memorial do Hospital Colônia Itapuã, esta seria:”, as opções apontadas eram: “A história da medicina”, a qual ninguém marcou; “A história da hanseníase”, que teve 09 (nove) marcações; “O Hospital Colônia Itapuã” com 06 (seis); “A vida dos moradores do HCI” com 11 (onze); “Outro” com 01 (uma) resposta. Percebemos então que a vida dos moradores do HCI é o tema que estes indivíduos acreditam que melhor define a exposição do Memorial.

No estudo de público, também havia as seguintes questões: “12- Algum objeto lhe chamou a atenção no Memorial do Hospital Colônia Itapuã?” e “13- Se a resposta anterior for SIM, qual ou quais seriam estes objetos e por qual motivo eles lhe chamaram a atenção?”. A partir disto, percebemos que 09 (nove) pessoas responderam positivamente a primeira questão e 03 (três) deixaram a segunda sem resposta. Os itens apontados pelos visitantes foram: Vestido de noiva, mencionado 03 (três) vezes; Moldes de calçados, Objetos do cotidiano/Aparato científico e doméstico, Berço e Cadeira de Parto, mencionados 02 (duas) vezes cada um;

⁵² Minha bisavó passou os últimos anos de sua vida morando em um dos pavilhões do HCI, sendo enterrado no cemitério da instituição. Os registros médicos apontam que ela foi uma paciente que realizou tratamento para hanseníase, contudo minha família desconhece que ela tenha tido a doença, mas acredita que teria conseguido estadia no local por causa de sua filha que teve hanseníase e morou no Hospital durante muitos anos.

Quadros e artes dos pacientes psiquiátricos, Dioramas, espaço expositivo “03 – Memórias do Mundo”, Fotos de Casamento, Travesseiro "Felicidade" e o Cão, mencionados 01 (uma) vez.

Percebemos, de acordo com estas respostas, que há um grande interesse do público com as histórias pessoais dos indivíduos que viveram e vivem neste Hospital, por este motivo notamos a necessidade de um recorte onde pudéssemos analisar melhor onde estão estas pessoas dentro do discurso expositivo. Quem são eles? Por que determinados nomes e histórias aparecem e outras não? Qual passado e memórias eles querem enaltecer e lembrar? A fim de que seja possível realizar uma reflexão mais aprofundada de suas vidas.

Deste modo, o capítulo em questão se propõe a descobrir onde estão os moradores na exposição realizada pelo Memorial HCI e, assim, refletir sobre como estão retratados. Notamos nas escolhas expográficas apresentadas alguns espaços e textos que narram claramente a história de algumas pessoas, além destas menções explícitas, há pequenas histórias que são contadas na mediação ou que são percebidas apenas com um olhar mais atento.

Nas visitas ao Memorial identificamos 03 (três) espaços expositivos dedicados as vidas de determinados moradores: “21 – Elpídio Salles Teixeira”, “22 – Lori Kunzler”, “27 – João Francisco Saldanha”. Há no espaço “23 – Sala dos Amores” textos expositivos cujos títulos são nomes de casais, sendo estes: “23.3 João Pedro e Therezina Martins” e “23.4 Sadi e Alda Roveda”. No decorrer da exposição há diversas fotos, porém, a maior parte não apresenta legendas, por isso não é possível saber quem são as pessoas retratadas. Segundo os organizadores a participação dos moradores, funcionários e comunidade, foi muito ativa, posto que:

R - Começou, digo assim, surgiu de vamos organizar um arquivo, começaram a surgir peças e mais peças e mais peças e cada um querendo participar, e cada um surgindo com coisas. “Não, mas eu tenho isto, ou eu tenho aquilo, não, mas isto aqui era do meu pai, não, mas esta arma foi uma arma que meu pai fez com uma taquarinha que funcionava.” Então eles começaram contando histórias e começaram trazendo de suas próprias casas ou de onde estivessem: fotos, coisas totalmente antigas que estariam perdidas na verdade. E eles foram buscando e nós simplesmente nos damos ao trabalho de organizar isto dentro do espaço.

H – E quem foram estas pessoas que trouxeram? Eles foram os moradores, os funcionários?

R – Bom, foram os ex-hansenianos, que fizeram questão de estarem inclusos, filhos de ex-hansenianos, funcionários [...] comunidade, [...] a comunidade do entorno, muito. Nunca te esqueça que os pais tiveram filhos, que depois tiveram alta e que foram morar ali perto, estes filhos, as pessoas que são da empresa terceirizada de hoje, todos eles têm vínculos: “Porque o meu pai foi o trabalhador daqui”. Lembrasse a área limpa, área suja?

H – Sim.

R – As pessoas da área limpa, que eram os trabalhadores, tiveram seus filhos que se casaram, seguem os nossos trabalhadores de hoje. São as empresas terceirizadas que trazem os netos, os filhos, os netos e os bisnetos que foram dos primeiros

trabalhadores da Colônia em 1940. Então existe uma relação afetiva muito grande ainda ali dentro. (CAMELLO, 2017, inf. verb.)

Segundo este depoimento houve forte participação da comunidade na criação do Memorial, na coleta e doação de objetos para o mesmo. Contudo, só localizei o nome de uma doadora na exposição, sendo esta funcionária do HCI. O item doado é uma das moedas utilizadas no período de Leprosário, os organizadores comentaram que houve grande dificuldade em encontrar este objeto:

MARCO – [...] As moedas, que não tinha nenhuma moeda, e todo mundo aqui no São Pedro e lá em Itapuã disse: não, não tem mais a moeda. E as moedas apareceram...

RITA – Nós sabíamos que tinha, porque durante muito tempo eu dei aula no Hospital São Pedro, e um paciente nos doou aquelas moedas porque ele acompanhava as aulas conosco. E, num dia, ele chegou para mim e disse assim: Dona Rita, a única pessoa que eu entregaria este material é a senhora, porque a senhora dá aula. E eu nunca vou esquecer, eu botei elas dentro de uma caixinha [...] e ela sempre permaneceu na sala de aula. Então, para nós, como nós tínhamos a pasta, nós tínhamos o material, como eu tinha o computador ali aquilo também fazia parte do meu dia de dar aula. Só que na mudança de gestão, deixasse de usar, passasse a fazer reuniões e desaparecem todas as moedas. Seis meses depois, quando o Paulo e eu entramos na sala: não a gente não sabe mais. Mas, assim, a gente teve muita sorte quando de repente uma funcionária diz assim: não isso aqui estava em uma caixinha assim e assim.

MARCO – E a primeira moeda que surgiu, eu digo: nem que seja uma moeda eu vou fazer um móvel, com vidro, com feltro, para botar uma moeda. [...] O Hospital todo sabia que eu queria uma moeda, e aí ela doou, eu me desatei a chorar no dia que eu consegui a moeda, porque eu digo, é o tipo da coisa assim, tu não vais conseguir. [...] Dias depois ou horas depois, eu não me lembro, ela grita: “Marco, Marco, olha aqui!” E veio sacudindo. O que que é isso? Báh, foi outra emoção.

RITA - Era minha caixinha das moedas.

MARCO – A caixinha das moedas. (CAMELLO; LUCAORA, 2015, inf. verb.)

Talvez, por esta dificuldade eles tenham achado importante mencionar o doador de uma delas. Ao ler os textos expositivos do Memorial, temos uma grata surpresa, pois percebe-se a existência de outros personagens cujas histórias estão incluídas na narrativa institucional, mesclando suas trajetórias individuais a alguma outra temática. Essas pessoas são: Nelson e Ivete, no texto “16.4 Um Marcineiro de Sete Instrumentos”; Cláudio Jacó, no “26 - Tributo aos Filhos dos Pacientes Hansenianos”; Arístides em “29 - Cadeia: Estás Preso!”; Kazuko Ino no “36 – Colônia Japonesa”; Jaci Menezes em “39 – Reforma Agrária”. Também é citado o nome de Paulo Moreira no texto “37 – Aldeia Pindo-Mirim”, mas sem aprofundar na sua vida. É importante ressaltar que os últimos 03 (três) textos citados – 36, 37 e 38 – falam da vida de pessoas que nunca moraram no HCI ou em instituições a ele associados – no sentido de exclusão e controle estatal, como o Amparo Santa Cruz – mas que, por morarem próximos ao local, tiveram alguma interação e os organizadores acharam interessante expor, mostrando o contexto no qual o Hospital está inserido.

Descobertos estes nomes, este capítulo visa refletir, assim como o anterior, sobre algumas questões pertinentes para compreendermos um pouco mais a participação e a forma como são representados os moradores do HCI no Memorial desta instituição. Com este intuito apresentamos alguns estudos de caso, estes buscam perceber: a participação dos moradores; como o medo e o preconceito se refletem na exposição; o que algumas materialidades “dizem” sobre os moradores; quem são os personagens expostos no Memorial e como eles representam estas histórias; como é abordada a questão da separação entre pais e filhos. Estes tópicos foram pensados para tentarmos compreender como são apresentadas ao público as histórias dos pacientes/moradores e realizar algumas reflexões sobre esta relação complexa entre selecionar e expor.

6.1 Participação dos Moradores: Quando o Paciente tem Razão?

A participação dos moradores do HCI sempre foi uma questão importante neste trabalho, posto que, como relatado, o contato que temos com eles durante as visitas é pequeno e parece estar cada vez mais restringido e vigiado. Considerando que este espaço de memória se localiza dentro da “casa” deles, é interessante compreendermos como se deu esta troca de perspectivas entre morada e exposição. Por este motivo, são trazidos alguns casos para discutirmos: o manequim do Lázaro, uma foto de casamento e um espaço expositivo dedicado a um cachorro.

Em entrevista realizada em 2015, com o senhor Marco e a senhora Rita, ao serem questionados sobre a participação dos moradores do HCI no processo de construção do Memorial, o senhor Marco respondeu:

O envolvimento deles foi maravilhoso, porém, antes deles entenderem o objetivo, aonde é que nós queríamos chegar, que nós não estaríamos desrespeitando eles, houve uma rejeição muito grande, em relação a primeira sala “Os Caminhos da Lepre”. Aquilo foi uma coisa que eu tive que abraçar no peito, porque a Rita chegava numa terça para uma outra terça e dizia: “Marco, a paciente Eva não está gostando, a fulana Marlene tá querendo conversar e tão se reunindo.” Se reuniram dentro do Hospital, na enfermaria numa sala grande que tem lá, numa sala de convívio, e numa reunião com a direção, e a Marione [diretora na época] disse: “Gente, ele não está mostrando vocês”. Porque ela já sabia, até ela ficou chocada, todo mundo ficou chocado. E eu digo: “eu quero porque quero mostrar, essa figura”. Mas eles não aceitaram bem. O Memorial eles gostaram, mas na época, depois eles entenderam [...] Dona Alda ficou quieta, sem desconforto eu fui lá, onde elas fazem tricô, o fuxico, e falei sobre o Lázaro, o boneco. E ela entendeu. O marido dela, ficou discreto, não falou nada. O dia em que eu levei os dois para dentro da sala, a primeira coisa que ele olhou, foi o boneco. Ele se viu com no lago [lagofalmo]. (LUCAORA, 2015, inf. verb.)

Podemos compreender com esta fala que os organizadores do Memorial tiveram um impasse com os moradores por causa do manequim do Lázaro. Como dito nos capítulos anteriores, este objeto cenográfico, de autoria do senhor Marco, consiste em um manequim que foi propositalmente deformado para assemelhar-se a um leproso. A ideia que os organizadores visavam transmitir era a representação desta doença e a exclusão do doente durante períodos mais antigos, como a Antiguidade e a Idade Média. Sobre este processo de construção eles comentam que:

MARCO – [...] eu consegui um manequim, eu consegui, foi uma doação o manequim, aí assim, começamos a desmontar o manequim [...] eu fiz a roupa. A Rita, nós, passamos um domingo lá, cortando os dedos, fazendo, mas isso não é uma ofensa, isso seria um outro período, isso seria um outro período, seria o período da Idade Média. Então, várias vezes nas palestras da Rita, que ela dava a palestra, eu escutava e ela falava, falava, falava, aquilo tinha que entrar dentro da minha cabeça, era isso que ela queria. Ela me mostrou pacientes: “é assim, presta atenção nos olhos, presta atenção na sobrancelha, presta atenção no nariz” [...] eu levei a cabeça para casa para botar o cabelo.

RITA - Retirar a sobrancelha, fazer o lagoftalmo, o comprometimento ocular, o nariz, amputação, porque na verdade o nariz foi serrado para a gente refazer um nariz compatível. (CAMELLO; LUCAORA, 2015, inf. verb.)

Figura 102 - Manequim Lázaro



Fonte: MEDEIROS, Helena Thomassim (2017).

O trabalho de transformação de um manequim para a figura de um leproso da Idade Média fez com que os moradores se sentissem ofendidos, o que é esperado, tendo em vista que

quando não gostamos de algo em nós mesmos buscamos esconder para mostrar nossa “melhor” versão. A senhora Rita comenta que:

RITA - Ali dentro nós temos três pessoas que, não é só pela questão da idade, a Ivete é a pessoa mais idosa que nós temos, e o esposo dela era um grande articulador, junto com a Dona Marlene e a Dona Eva. Bom a Dona Marlene já é mais sensata [...] Então assim, como é que eu comecei a trabalhar isto, a Marlene é um tipo de pessoa muito inteligente, muito perspicaz, e eu pensei: bom, eu tenho que trabalhar com ela, para que ela tenha compreensão. E num belo dia ela vai à enfermaria me pedir um medicamento, e eu prontamente digo assim: “Marlene, tu tens andado por aí?”. “Olha, menos do que eu gostaria, porque eu tô mais cuidando do meu neto”. Aí eu digo assim: “Pois é, tu estas sabendo do Memorial que estamos fazendo?”. “Pois é, cada um me fala uma coisa”. E eu conversando com ela, eu digo assim: “Olha, na verdade, a gente está tentando trazer um mundo do passado, numa primeira sala, e depois estamos com muito carinho juntando cada objeto que fez parte aqui do Hospital. E até se tu tiveres alguma coisa do passado...”. Até porque ela foi responsável pelo armazém, eles tinham um armazém próprio ali dentro, e ela era a dona do armazém, que administrava, que pagava, que fazia as vendas, e encomendas. E aí foi quando ela começou caminhando com uma e com outra, tipo assim: “Não, a gente vai ter que ir lá”. Ela não pôde ir lá, mas aí, quem foi um belo dia a tarde? Vai a Dona Ivete, vai Angélica e vão tomar chá com ele [senhor Marco]. Só que a Marlene já havia dito: “Quando vocês chegarem lá, a primeira sala, não é para a gente. A primeira sala é aquilo que aconteceu, aquilo que a gente viu em filmes. Quer dizer, a gente já viu nossos aqui dentro.” Que eles se dizem ‘os nossos’. “A gente já viu dos nossos assim, tipo assim o meu marido, o fulano, não eram diferentes”.

MARCO – Jacó, ele é filho de hanseniano, por exemplo, a Rita era termômetro, a Neca era o termômetro, a Elisete era o termômetro, as pessoas próximas eram o meu termômetro. Aí o Jacó me disse: “Marco, tá tendo uma confusão, uma confusão”. Eu digo: “Eu não vou tirar o Lázaro dali. Ele vai ficar.” “Quem sabe tu tapa?” [sic]. Eu digo: “Não vou tapar o nariz dele, não vou mexer nos olhos dele”. “Mas, quem sabe tu bota [sic] uma palha assim?”

RITA - Não! Não tem que botar nada!

MARCO – Eu não vou fazer isso. A única coisa que se fez, no dia da inauguração, que tinha criança.

RITA - A gente puxou [fazendo gesto de que colocaram um véu no rosto do boneco Lázaro] para deixar o rosto um pouquinho tapado. (CAMELLO; LUCAORA. 2015. inf. verb.)

Para convencer os moradores os organizadores do Memorial conversaram diversas vezes e explicaram os motivos para a criação do Lázaro. Contudo, nesta fala percebemos que eles mesmos consideram que tal imagem pode ser forte ou incomodar algumas pessoas, como os próprios moradores ou visitantes. Sendo assim, o que devemos priorizar quando estas visões de necessidades são diferentes?

Serres comenta que “Os moradores não tratam de esconder os sinais corporais dos visitantes, ou daqueles por eles denominados, “os de saúde”, antes os evidenciam para que se dê a aceitação ou rejeição plena.” (SERRES, 2009, p.172). Essa afirmação nos faz refletir, ao evidenciar estes sinais para pesquisadores, por exemplo, os moradores estão confrontando a “sociedade”. Todavia, ao verem estas marcas evidenciadas no manequim percebem que é esta

imagem deles que será transmitida, e talvez esta seja a fonte do desconforto e não, apenas, o fato de se identificarem fisicamente com o Lázaro.

Outro exemplo desta interação entre os moradores e os organizadores pode ser visto no espaço expositivo “23 – Sala dos Amores”, considerando a fala do senhor Marco sobre o caso:

[...] uma delas [moradora do HCI] ficou sabendo que a foto dela estava em um *banner* já antigo [...] em uma das fotos ela está na Igreja lá, de Itapuã, no altar, e ela olhou e disse: “Não quero essa foto!”. O que que eu fiz: na frente dela eu botei um vidro embaixo, cortei a foto, tirei a foto, botamos outra coisa. [...] tem que respeitar, porque não fui eu que inventei isso. Mas, ela não queria aquela foto, daquela época do casamento dela, porque acho que ela não foi muito feliz com aquele casamento [...] outras fotos ela não vê importância de usar. (LUCAORA, 2015, inf. verb.)

Figura 103 - Banner do CEDOPE no espaço "23 - Sala dos Amores"



Fonte: MEDEIROS, Helena Thomassim (2017).

Assim que a moradora reclamou sobre sua foto sendo exposta os organizados retiraram esta imagem e a substituíram, porém, este *banner* que foi alterado não foi feito pelos organizadores do Memorial, trata-se de um material feito para a exposição “HCI – 60 Anos de História”, elaborada pelo CEDOPE. O que nos leva a questão: por que em um dos casos a paciente tem razão em sua queixa e é prontamente atendida, e no outro trata-se de uma falta de compreensão destas pessoas sobre as escolhas expográficas realizadas?

Talvez uma das causas seja o próprio trabalho de autoria, sendo esta uma manifestação de um processo que personifica o espaço de memória de acordo com os critérios de seus organizadores e trabalhadores. O manequim também aparenta ser uma forma de expressão

artística do senhor Marco e de homenagem a toda a pesquisa histórica feita pela senhora Rita. O HCI é a “casa” e a “prisão” de seus moradores, entretanto, seus corpos e problemas decorrentes da doença são questões íntimas, que só dizem respeito a eles. Goffman comenta que:

Nas instituições totais há uma forma de mortificação; a partir da admissão, ocorre uma espécie de exposição contaminadora. No mundo externo, o indivíduo pode manter objetos que se ligam aos seus sentimentos do eu – por exemplo, seu corpo, suas ações imediatas, seus pensamentos e alguns de seus bens – fora de contato com coisas estranhas e contaminadores. No entanto, nas instituições totais esses territórios do eu são violados; a fronteira que o indivíduo estabelece entre seu eu e o ambiente é invadida e as encarnações do eu são profanadas. (GOFFMAN, 1974, p.31)

Obviamente o manequim não expõe diretamente os moradores do HCI, mas acaba demonstrando seu sofrimento e o fato deste objeto não ter sido retirado demonstra bem esta diluição entre as fronteiras do eu levantada por Goffman. Talvez, não haja necessidade deste objeto, ainda mais com alguma objeção, mesmo que inicial, por parte dos ex-hansenianos que moram no local. Tendo em vista que a palestra e outros elementos do espaço “03” já conseguiriam realizar esta associação do estigma e medo de uma doença bíblica que era carregado pelos pacientes do Hospital.

Entretanto, o manequim do Lázaro é sempre citado pelos organizadores, durante a mediação é um item importante que incorpora todos os elementos que vemos na fala realizada pela enfermeira Rita. Em várias reportagens sobre o Memorial há fotos dele, em boa parte porque representa o imaginário da lepra que muitos buscam encontrar neste Hospital, deste modo, este objeto também atrai olhares e publicidade, podendo assim ser uma “isca” para que se crie uma problematização maior, que é feita durante a mediação.

Outro ambiente interessante de analisarmos nesta perspectiva de participação dos moradores é o “10 - Negão, o Cão”. Na entrevista de 2017, com a senhora Rita, ela foi questionada se havia critérios de seleção para os acervos doados, ao que respondeu:

RITA – Não, a gente teve que fazer uma certa seleção, tanto que assim, teve alguém que me trouxe um cachorrinho vivo para deixar na sala.
 HELENA – Cachorro!
 RITA – Um cachorrinho vivo para deixar na sala, porque ele teria que ser companhia do Lázaro: “Eu trouxe o meu cachorro para deixar aqui com ele”
 BRUNO⁵³ – A história bíblica de que os cachorros lambiam o Lázaro.
 RITA – Lambiam, queres mais?
 HELENA – Foi um gesto bonito.

⁵³ Este nome refere-se ao meu namorado, Bruno, que participou no dia da entrevista em questão.

RITA – É um gesto ótimo, mas eu digo assim: “Amado, este não dá”. Mas não satisfeito eles tiraram foto de um cachorro, que se chama Negrão, que está fotografado ali no canto, porque é o Negrão.

HELENA – Aí que bonitinho.

RITA – Então, para ter a noção, ou tipo assim: a casa do Lázaro. Nós assistimos tudo que foi filme de época para a gente pensar assim: o que que era o lázaro⁵⁴ do passado? Certo, faz a cerimônia, vai e vive no mato. Gente, desde cachopa de abelhas, desde arapucas, aquilo de pegar tatu, aquilo que tu pega [sic] passarinho, uma montagem de fogão, a questão das paredes. Então assim, eles foram trazendo árvore com o balão da abelha ali pendurado junto. Casco de tatu [...] quando irias imaginar que irias conseguir que isto faria parte? Nunca! Então, tudo para nós foi surpresa. (CAMELLO, 2017, inf. verb.)

Figura 104 - Espaço “10 - Negão, o Cão”



Fonte: MEDEIROS, Helena Thomassim (2017).

Esta história demonstra a ingenuidade e a vontade de interagir e participar da criação deste espaço de memória por parte de alguns pacientes. O espaço “10 - Negão, o Cão” era algo difícil de se compreender no contexto da exposição pois parecia fora da narrativa, mas, através deste relato, observamos a importância que o Memorial pode ter para os moradores do HCI, no sentido de se sentirem valorizados e acolhidos. Pois, estando localizado em um Hospital que também é a morada de muitas pessoas, este espaço de memória deve ser dinâmico e estar aberto à troca.

⁵⁴ O nome está em letras minúsculas porque neste momento ela não está se referindo ao Lázaro como personagem bíblico ou nome próprio, mas sim como pessoa atingida pela hanseníase.

6.2 Medo e o Preconceito: Como Surgem na Exposição?

Considerando toda a história da lepra, hoje hanseníase, podemos perceber que o medo e o preconceito são duas constantes, deste modo, haveriam memórias traumáticas, vinculadas a estes elementos, nas histórias de vida das pessoas internada no HCI. Por este motivo, o subtítulo em questão visa compreender como estes aspectos podem ser percebidos nas escolhas expográficas do Memorial.

Em sua tese, Serres (2009, p.138-139) comenta que em entrevistas com 20 (vinte) pessoas que foram internadas no HCI, percebeu-se a recorrência de alguns temas em suas histórias de vida, entre eles o diagnóstico, que é apontado pela autora como uma espécie de condenação. Ligado ao receio dos próprios doentes em relação as deformidades e do isolamento que seria imposto, associados também ao medo instituído pelas próprias medidas políticas e de conscientização da população que apontavam este doente como uma ameaça social. Segundo ela “O preconceito vivenciado pela maioria dos entrevistados foi fruto das representações sociais construídas acerca da doença que conformaram um estigma da lepra como uma doença altamente contagiosa e do doente como uma ameaça social.” (SERRES, 2009, p.153).

Encontramos no Memorial alguns elementos que contam um pouco desta história, dentre eles o já citado Lázaro, do espaço “03 – Memória do Mundo”, que representa, entre outras coisas, um passado de segregação. Há também peças mais discretas, como a máquina de esterilização de cartas e as moedas utilizadas dentro da instituição. Além disso, o medo e o preconceito em relação a hanseníase ainda existem em nossa sociedade, e, talvez, por este motivo percebemos um cuidado no momento de expor fotos dos moradores, por exemplo. Posto que os organizadores têm que se preocupar com o que será mostrado e como este material poderá ser interpretado pelo público. A partir da forma como estes temas são abordados percebemos também um discurso institucional sobre esse passado.

No espaço “04 – Era da Medicina”, estão expostas a máquina de esterilização de cartas e as moedas. Estes objetos são mencionados pelos organizadores do Memorial em entrevista:

MARCO - O equipamento que tem dentro dessa sala, do lado das moedas, para mim, são as duas coisas fortíssimas, [...] o que esteriliza cartas.

RITA - O dinheiro que tem que ser esterilizado.

MARCO – Aquilo é muito forte. Porque aí tu nota [sic] que eles não podiam ter dinheiro, o porquê das moedas. O objeto esse, para esterilizar, fica na luz, então tu colocava [sic] ali dentro o objeto, a carta...

RITA – Esteriliza para depois sair.

MARCO – Existe todo um medo do contato. Aquilo é a prova: moeda. O porquê da moeda. Essas moedas foram cunhadas...

RITA – Na Eberle, em Caxias, é uma fábrica de lamparinas

MARCO – Então o que que acontece, [...] aquele esterilizador existe por causa da moeda que foi criada, uma moeda para não usar o dinheiro papel ou a moeda [nacional].

RITA – E o dinheiro papel, ali dentro, não valeria absolutamente nada. (CAMELLO; LUCAORA, 2015, inf. verb.)

Figura 105 - Máquina de Esterilização de Cartas e Moedas no Espaço "04 - Era da Medicina"



Fonte: MEDEIROS, Carolina Thomassim (2017).

Sendo assim, estes objetos representam o medo e o preconceito com a doença hanseníase e podem ser utilizados dentro das mediações para levar o visitante a compreender parte da segregação imposta aos pacientes/moradores do HCI. Todavia, a máquina para esterilizar cartas fica próxima a parede ao lado dos quadros do médico Hansen, o que acaba desvirtuando a atenção deste item tão importante. As moedas, por sua vez, estão dentro de um expositor de vidro, sendo um dos poucos itens do Memorial expostos desta forma, fator que pode denotar uma valorização desse acervo. Ambos possuem legendas, mas, não parecem combinar com o restante do espaço expositivo no qual foram colocadas, o que pode levar a um subaproveitamento de seu poder de evocação sobre a exclusão dos moradores do HCI. Sobre a questão do isolamento, Serres comenta que:

[...] a Instituição apresentava restrições, impunha lugares para cada um, tinha uma geografia, procurava de todas as formas limitar as possibilidades dos doentes, como ocorreu com a criação de uma moeda própria, de circulação interna, que obedecia a duas lógicas, evitar a manipulação por doentes do dinheiro corrente, dentro de uma visão exagerada de contágio e, em nosso entendimento, sobretudo, para restringir as chances de uma fuga bem sucedida dos pacientes. (SERRES, 2009, p.168)

Este trecho destaca mais uma das funções das moedas no HCI, que além de refletirem o medo do contágio da hanseníase, também evocam o controle exercido pelo Estado na vida dos

internos, sendo um mecanismo que diminuía a possibilidade de fuga. Não somente estes objetos, mas a localização do Hospital também buscava coibir possíveis escapadas, segundo o senhor Dennis e a senhora Lia:

LIA – Essa era uma política nacional de saúde, uma política que foi adotada, todo mundo diz: “Aí que absurdo”. Parece assim, que foi o próprio Estado que adotou aquela atitude absurda, ou que o País e tal, mas era a profilaxia daquele momento, era o tipo de tratamento que podia ser dado para diminuir os casos de hanseníase [...] Essa política de saúde que foi encontrada, com a criação dos vários hospitais colônia no País, incluindo Itapuã, foi uma saída para aquela situação do País naquele momento e a estrutura dada foi muito boa. [...] É uma microcidade. Claro, cruel pela situação.

DENNIS – Pelo afastamento.

LIA – Pela segregação, porque ali tudo em volta, era tudo plantado taquaireiras, até para o ar não passar.

DENNIS – Foi toda uma estratégia, era perto da água, não tinha saída, não tinha nenhuma entrada, e foram implantadas várias carreiras de taquaireiras e árvores frondosas, como chamavam aqueles pinheiros enormes, porque, claro, era transmitido pelo ar. Então de um lado tu ficava com água e do outro lado, claro, tem duas lagoas. (MAGALHÃES; MAGALHÃES, 2015, inf. verb.)

Sendo assim, no Hospital inteiro podemos interpretar elementos deste medo da sociedade e que, ainda hoje, ocasiona preconceito com esta doença. Como o Memorial tem que trabalhar alguns temas muito fortes, notamos nas falas dos organizadores alguns cuidados tomados por eles em relação ao público:

MARCO – [...] então crianças podem ir lá? Podem. Mas tem dois lugares que a Rita sabe, eu sei, eu não posso estar lá. O Memorial não é meu, o Memorial é do Estado, ele é de todo mundo. Mas assim, por que levar os pés e mãos lá de cima?

RITA - Exatamente! Da sala que eu digo não tirem fotos.

MARCO – Uma criança de 11 (onze) anos, 12 (doze) anos, ela pode olhar e achar que ela vai ficar a assim. Então, tu não podes assustar uma criança.

HELENA – Até para a gente que não está acostumado.

MARCO – Uma criança não tem necessidade.

RITA – E uma outra questão, se tu tiveres alguém junto que te passe uma informação, é uma conversa. Agora tu ser largado ali, tu não teres uma sequência dos acontecimentos, e tu te dá de cara com aquilo.

MARCO – É muito pesado.

RITA – É pesado gente. (CAMELLO; LUCAORA, 2015, inf. verb.)

Os dois espaços em questão são o “03 - Memórias do Mundo” e o “51 – Sala das Feridas”, o primeiro, já mencionado diversas vezes nesta dissertação, aparece em uma fala da senhora Rita:

[...] deixo aquela sala chaveada, ninguém entra. Antes eu dou aula para depois entrar. Então eu digo assim “O período do pecado que eu conversei com vocês está nesta sala, aqui está o período de pecado. Tudo o que aconteceu antes de Cristo, todo o período medieval, antes de sermos ciência, isto acontecia aqui, por onde começou, por onde andou, o que que se fazia, como vivia, como eram as pessoas”. Só que saio dali

limpa, tipo assim: “Deu! O ranço do pecado ficou para trás, estamos indo para a ciência”. Eu procuro deixar muito claro: isso aqui é o pecado, isso aqui é bíblico, isso de 4.600 (quatro mil e seiscentos) anos antes de Cristo até 1873, agora o que é ciência... (CAMELLO, 2017, inf. verb.)

Este trecho da entrevista demonstra que tal espaço, além de corroborar com a fala realizada pela senhora Rita na palestra, só pode ser visto após esta ou mediado por uma interação para que o visitante compreenda o que representa aquele ambiente e isso não reforce o estigma da lepra.

O segundo local, “51 – Sala das Feridas”, consiste em uma sala, organizada de modo que parece um consultório médico, onde vemos diversos objetos utilizados em consultas e tratamentos de saúde. O motivo pelo qual esse é um dos espaços que preocupa os organizadores do Memorial são as fotos expostas em suas paredes, imagens de mãos e pés dos pacientes do HCI como um “antes e depois” do tratamento e cicatrização.

Sendo assim, percebemos que o medo e o preconceito em relação a hanseníase estão expostos no Memorial, mesmo que discretamente, e que a preocupação dos organizadores com determinados espaços é justificável, porém, não se sabe como estes ambientes serão trabalhados sem a presença destes profissionais no futuro.

Tendo em vista que “[...] o pior que os doentes passaram não foi a enfermidade em si, mas o rechaço social.” (SERRES, 2009, p.179), talvez, fosse interessante, já que o Memorial abarca também a história da hanseníase, apontar como a sociedade, nos anos de 1930, 1940 e, até os dias atuais, percebe a hanseníase. Pois também é necessário conscientizar os visitantes sobre os preconceitos implícitos em nosso comportamento.

Em uma das questões proposta no estudo de público dizia-se o seguinte: “10- Que visão você tinha sobre o tema antes da visita ao Memorial do Hospital Colônia Itapuã?”. Daqueles que responderam, muitos diziam ter pouco conhecimento sobre o local, um, inclusive mencionou a imagem transmitida pela Bíblia e por filmes sobre a lepra, outro disse ter receio em ir visitar o local. Estas respostas, em um número tão pequeno de questionários entregues, nos fazem refletir sobre a importância que este Memorial pode ter na conscientização da sociedade e ao mesmo tempo na responsabilidade que isso acarreta.

Conclui-se que o medo e o preconceito, tão presentes na vida dos internos no HCI, pode ser observado em toda a estrutura do Hospital, mas que no Memorial, ele é tratado de forma sutil. Devemos levar em consideração que para compreendermos como estes aspectos alteraram a vida destas pessoas e estão presentes em diversas materialidades é necessário ter um

conhecimento prévio sobre quais medidas eram tomadas no período em que o local funcionou como Leprosário, ou uma mediação que busque refletir sobre tais aspectos.

Tendo em vista que o medo e o preconceito não são temas simples de serem abordados, observamos que a expografia parece mesclá-los a outros elementos, o que pode ser bom se estas pequenas sutilizas forem discutidas e preocupantes a medida em que passem despercebidas pelo visitante. Demonstrando assim, que a exposição foi pensada em conjunto com a função da mediação ou que, com o passar do tempo, a necessidade dela se tornou mais evidente. É necessária a conscientização sobre o isolamento e o sofrimento imposto aos pacientes/moradores desta instituição, pois o público que frequenta hoje esta exposição pode ser o responsável pela existência ou não, de locais de segregação no futuro.

6.3 O Invisível que Fala da Vida: Alguns Objetos e Suas Trajetórias

Partindo do fato de que no estudo de público duas pessoas mencionaram os objetos do cotidiano expostos no Memorial, sejam eles de uso doméstico, médico ou para os trabalhos exercidos dentro do Hospital, percebemos que estes objetos contam histórias, mas pela grande quantidade de materialidades expostas podem ser também invisibilizados. Sendo assim, neste subcapítulo buscamos discutir algumas materialidades que podem passar despercebidas no Memorial, tanto por sua simplicidade, como pela perda informacional que ocorre em virtude de algumas escolhas expográficas. Entre elas o vestido de noiva, a cristaleira com bibelôs, o travesseiro bordado e o espaço “28 - Entretenimento”.

O acervo exposto no Memorial foi adquirido de duas formas: coleta e doação. A coleta foi realizada pelos funcionários, moradores e a comunidade, que ao perceber algum item que poderia ser preservado levava-o ao local. Quanto aos objetos doados, é difícil ter precisão sobre quem os doou, pois não há essa informação nas legendas – sendo a única doadora mencionada uma funcionária –, nem registro de quem são essas pessoas. Segundo a senhora Rita: “Nós não fizemos ainda, mas de muita coisa nós temos [...] tipo assim, eu sei [...] se tu me disseres assim: “De quem é esse sapato?” Eu vou te dizer, esse sapato é de fulano [...] Eu sei, mas não tem nada escrito ali [...] eu sei de onde veio sim.” (CAMELLO, 2017, inf. verb.).

Esta falta de informação faz com que o Memorial tenha a posse de objetos, mas não de documentos, posto que “Uma vez selecionado, interpretado, registrado, organizado e armazenado, o objeto museológico torna-se patrimônio cultural. Essas ações são as que dão intencionalmente valor documental, patrimonial e informacional a ele, tornando-o um documento.” (PADILHA, 2014, p.20). No espaço de memória em questão, os itens expostos

passam por um processo de seleção, considerando as diversas opções que o HCI apresenta. Este processo institucional, aparentemente, tem duas intenções: representam a história da medicina e dos pacientes/moradores, sendo estes aspectos vinculados a própria trajetória do Hospital.

Percebemos, a partir das informações recebidas pelos organizadores, que há alguns critérios que levam materialidades à exposição ou não, por exemplo, para que a vida e a trajetória pessoal de um dos pacientes/moradores seja mostrada é necessário que os mesmos ou algum membro de suas famílias tenham autorizado o uso das fotos e as informações do texto. A ideia de valoração do bem a partir da percepção dele como antigo também parece nortear estas escolhas: “[...] a gente foi juntando objetos que ainda eram os primeiros.” (CAMELLO, 2015, inf. verb.)

Podemos dizer também que muitos destes itens são interpretados, a medida em que a senhora Rita e o senhor Marco buscam compreender o que são e representam algumas das materialidades, para também as inserir no discurso institucional. Todavia as peças menores, colocadas em cantos ou em cima de armários não parecem ser muito mencionadas nas mediações, muito menos, nos textos expositivos. O registro destes bens não é feito, mesmo assim, eles são organizados dentro do Memorial e seu armazenamento, por mais que possa não apresentar critérios técnicos busca salvaguardar essas materialidades para que seja possível termos acesso e pesquisá-las no futuro. Fato que podemos observar no seguinte trecho:

MARCO – [...] Tem um moedor lá, ele esconde a pedra, que é um moedor de milho.
 RITA - De fazer farinha. É tipo um moinho.
 MARCO - Encontrei duas malas velhas, discos antigos: que já estão lá [no Memorial HCI]. Fui na Igreja [Católica] levar uns santos – que eu restaurei todo o presépio a pedido de uma funcionária. [...] Levei todas as peças do presépio pra casa, pintei todas, lixei, higienizei. Está tudo de volta lá. Eu estou aqui no [Hospital Psiquiátrico] São Pedro com uma imagem grande de São Paulo e numa dessas devoluções encontrei uma vitrola antiga. Já está no Memorial, a vitrola. (CAMELLO; LUCAORA, 2015, inf. verb.)

Percebemos então que há uma ânsia em recolher objetos, prioritariamente, antigos, para que o Memorial os guarde – mesmo sem registro – com o objetivo de evitar sua perda. Muitas vezes em nossa história este colecionismo foi a diferença entre termos acesso ou não a determinados conhecimentos hoje. Observando este aspecto, percebemos que o item mais mencionado pelos visitantes que responderam ao estudo de público, aparecendo 03 (três) vezes, é o vestido de noiva no espaço “23 – Sala dos Amores”, sendo que este bem não está associado a nenhuma informação complementar na exposição e que nas mediações presenciadas foi brevemente discutido.

Figura 106 - Manequim com Vestido de Noiva



Fonte: MEDEIROS, Helena Thomassim (2017).

Em entrevista concedida pela senhora Rita ao jornal Zero Hora (2017. doc. eletr.), ela comenta que o vestido de noiva seria de uma paciente de 17 anos que recebeu o diagnóstico de hanseníase pouco tempo antes de seu casamento. A moça estaria recolhendo rosas com o noivo e percebeu que havia machucado seus braços, mas que não sentia nada, por isso foi ao médico. A partir da descoberta da doença ela teve 02 (duas) horas antes de ser levada de Uruguaiana, seu local de origem, até o HCI. Desta forma, ela pegou entre seus pertences o vestido que havia demorado um mês para ser feito, fotos de seus pais e noivo, colocou-os em uma mala antiga de sua família e chegou ao Hospital no ano de 1941. A reportagem ainda acrescenta que ao descobrir, com 24 anos, que o ex-noivo havia casado com outra e já era pai, ela doou o vestido para uma noiva da instituição e morreu 15 (quinze) dias depois. Após o ocorrido outras 14 (quatorze) mulheres haveriam usado a roupa em seus casamentos na Igreja Católica do Hospital, Sagrado Coração de Jesus.

Devemos considerar que, provavelmente, esta história foi relatada a senhora Rita por algum paciente/morador ou funcionário do HCI, tendo em vista a dona original do vestido haveria morrido em 1948, a enfermeira em questão só começou a atuar no local, em torno, de 2001, e que dificilmente a documentação institucional do Hospital apresentaria uma riqueza de detalhes tão grande sobre a história de vida, principalmente no que se refere a aspectos anteriores ao internamento, de um paciente/morador. Deste modo, podemos supor que detalhes como a antiga mala da família, o corte dos braços com a rosa, a exigência de requintes no

vestido, entre outros, sejam aspectos que foram adicionados aos poucos pelos próprios contadores ou apresentam histórias que se mesclam. Em vista a menção de que o vestido haveria sido utilizado por outras pacientes do local seria interessante apresentar fotos que mostrasse este bem em uso, assim legitimando sua importância para a trajetória da instituição.

Este objeto é um item marcante na exposição, levando em consideração que foi tema de uma reportagem, aparece nos cartões postais e é mencionado pelos visitantes. Percebemos que os próprios organizadores do Memorial optaram por o expor em um manequim, distinguindo-o de outras peças de vestuário, assim reforçando-o enquanto elemento de destaque na expografia. Todavia, ele não é associado a nenhuma informação sobre quem o doou ou sua história social e institucional, sem texto ou legenda que o identifique, aspecto interessante ao percebermos sua importância na narrativa do Memorial. Padilha comenta que:

Ao ser pesquisado, o documento permite a extração das informações intrínsecas e extrínsecas, ao mesmo tempo que novos usos e significados podem ser construídos. O documento é suporte que evidencia algo a alguém e que, ao passar por um processo técnico específico, manifesta seu potencial informativo. (PADILHA, 2014, p.13)

Levando em consideração que as informações intrínsecas são obtidas através da materialidade do item e as extrínsecas por fontes que permitam compreender o contexto e a atribuição de valor imaterial ao objeto. Poderíamos dizer que o vestido de noiva chama a atenção por suas características intrínsecas, já que não dispõe de dados para a compreensão de seu valor extrínseco na exposição, a não ser que consideremos o aspecto dedutivo de que ele pertenceu a uma paciente do HCI e das reações simbólicas e emocionais que tal item pode despertar no visitante. O fato de não passar por um processo técnico restringe seu potencial informativo. Sendo assim, percebemos que a invisibilidade não está associada somente ao tamanho do objeto ou ao destaque dado a ele na exposição, se passa ou não de forma desapercibida ao olhar do visitante, mas sim a quais informações eles podem ser associados.

Pelo que se percebe nas mediações os itens doados representam um número muito pequeno de objetos dentro do Memorial HCI, dentre eles as fotografias vistas no espaço “23 - Sala dos Amores”, para as quais, segundo os organizadores, foram pedidas autorizações dos donos e realizadas cópias para a exposição. Outro elemento fruto da doação dos moradores está no ambiente “24 – Cristaleira de Bibelôs”, em uma pequena cristaleira, na qual estão guardados bibelôs comuns. Não há legenda, não há texto, apenas objetos que as relações que estes suscitam.

Figura 107 - Espaço "24 – Cristaleira de Babelôs"



Fonte: MEDEIROS, Helena Thomassim (2017).

Sobre este processo de musealização de um objeto, Possamai comenta que:

[...] não são todos os objetos que são levados ao museu. Notadamente aqueles que perdem a sua utilidade e mobilizam uma vontade de preservação. Num primeiro momento, eles são guardados em casa ou em algum lugar fora do âmbito do museu e somente num segundo momento, são doados àquela instituição. Como o indivíduo, obviamente, não guarda todos os objetos que passam pelas suas mãos ou circulam no seu cotidiano ao longo de sua vida, é correto supor que ele opera uma seleção entre as coisas materiais que vai guardar. A significação simbólica atribuída ao objeto é o que possibilita a sua conservação, num primeiro momento em casa e, posteriormente, no museu. (POSSAMAI, 2010, p.66-67)

Sendo assim, poderíamos nos questionar: o que resta desta história e por quê? Houve, em algum momento, a atribuição de valor ao bem, a vontade de que fosse preservação e sua história transmitida. Mendoza (2005) comenta que:

[...] esta dimensión “estética”, visible, de la colección, es un rostro de los humanos, individual y colectivamente tomados. Tenemos los rostros que nos damos con las cosas que conservamos. Ellas dicen mucho más acerca de nosotros que su mera objetividad. Dime qué y cómo coleccionas y te diré quién eres. (MENDOZA, 2005, p.224)

Seguindo esta perspectiva poderíamos nos indagar acerca da simplicidade da vida destes moradores, sendo sua história contada por fotografias e pequenos objetos, aparentemente genéricos, mas que, supomos, devem estar vinculados aos sentimentos e memórias de seus doadores. É necessário um trabalho de comunicação destas memórias para que seja possível desvendar alguns dos significados destas pequenas materialidades que se tornam invisíveis ao olhar por sua “banalidade”. Os organizadores do Memorial comentam que:

MARCO - Sabe qual é o meu desconforto? Uma coisa que não foi com um casal, ou uma moça, ou duas pessoas, senhoras, enfim, várias pessoas eu tive esse contato. As pessoas, por exemplo, ficaram sabendo que existe um memorial, filhos de hansenianos que ficaram a par, aí de repente tá lá e entra duas senhoras. Aí, tu vê [sic] as senhoras, tu vai [sic] conversando, vai mostrando, tu mostra [sic] pra eles que tu não tá...

RITA - Expondo de uma forma simplesmente objetos, não.

MARCO - A gente quer contar essa história. Que essa história fique registrada porque é um período muito triste, horroroso. E tu vê essas pessoas se desmontarem na tua frente. Porque as duas irmãs, senhoras já, não são crianças, senhoras de idade, se desmontarem na tua frente, as duas se abraçarem e tu fica morrendo de vontade de chorar, mas tu nem sabe o porquê que elas tão assim. E aí, daqui a pouco uma delas toca num desses *banners* e mostra assim, e se desatam a chorar.

RITA - “Essa sou eu. Aqui estamos nós.”

Marco - “Aqui tá teu irmão que já morreu”. Então as duas olham... que que tu vai [sic] dizer? (CAMELLO; LUCAORA, 2015, inf. verb.)

Pela fala observamos que há significados ocultos que nós, visitantes, por não estarmos inseridos neste contexto não conseguimos compreender, mas que são extremamente significativos para as pessoas afetadas. Há também outros objetos do cotidiano que passam despercebidos, como as caixas ou eletrodomésticos na cozinha do Memorial, além de uma infinidade de peças deste quebra-cabeças, que é o passado, as quais nunca teremos acesso – considerando o acervo dos moradores falecidos. Na entrevista que realizei em 2017, perguntei a senhora Rita o que acontecia com os objetos dos pacientes/moradores quando estes morriam, ela respondeu:

RITA – A família, se tem, busca lá o que é de dinheiro, o que pode ser transformado em dinheiro, mas não querem nem fotos, roupas, nada.

HELENA – Então fica com vocês?

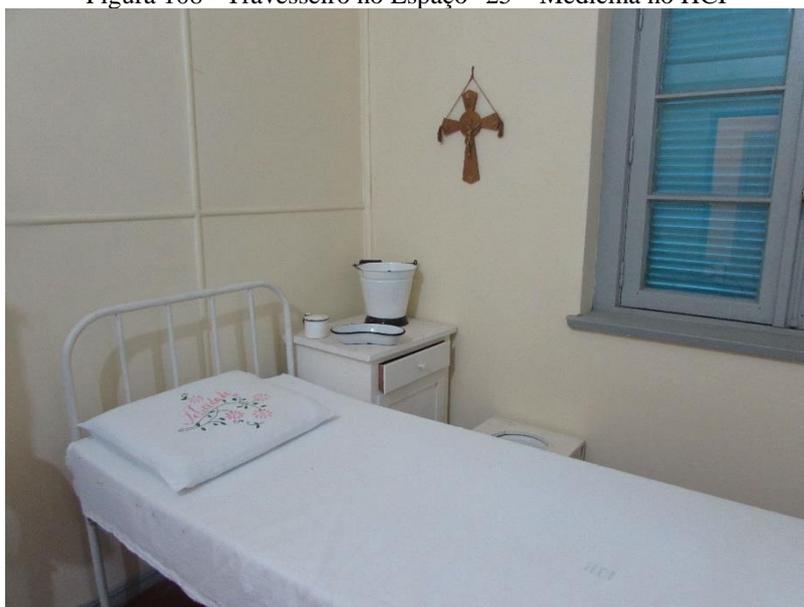
RITA – Fica pela casa, que geralmente é recolhida, fica em determinados pavilhões, muitas vezes é chaveada.

HELENA – Então esse material nunca é utilizado, tudo o que vocês têm são doações?

RITA – Sim, “eu tenho foto e eu te dei, fui eu que permiti”. Jamais a gente entraria em uma casa, mesmo uma casa chaveada, sabendo que ali ainda tem pertences de alguém, jamais faríamos isso de tirar ali e trazer para cá. [...] Tanto que quem nos deu foto, teve a foto antiga e geralmente teve a foto de agora, se prontificaram a fazê-lo. (CAMELLO. 2017. inf. verb.)

Dentre as tristes histórias contadas no Memorial, uma, que foi citada no estudo de público, abarca um item que não havia sido observado, um travesseiro com bordado “Felicidade”. Como resposta a uma questão sobre se algum objeto havia lhe chamado a atenção e o motivo disto, o visitante respondeu: “Um travesseiro bordado “felicidade”, uma freira ensinou uma paciente a bordar a palavra. Quando a paciente analfabeta, descobriu o que era ficou demasiadamente triste. Se sentiu enganada e injustiçada.”⁵⁵

Figura 108 - Travesseiro no Espaço "25 – Medicina no HCI"



Fonte: MEDEIROS, Carolina Thomassim (2017).

Se esta história aconteceu exatamente da forma relatada ou com quem ocorreu, não temos como saber, mas é um dos pequenos casos narrados durante a mediação do Memorial que suscita tanto o interesse quanto a empatia do visitante com o tema. Considerando também a forma como foi descrito tal relato, apontando, inclusive, os sentimentos de um morador que este visitante nunca conheceu.

Supomos que se fosse possível observar cada um dos itens expostos e perguntar: o que este objeto pode contar sobre o passado? Haveria uma infinidade de novas leituras e sentidos, fato que só reforça a riqueza deste acervo. Os sapatos, por exemplo, falam de um passado difícil, das adaptações necessárias para conviver com os limites impostos pela hanseníase e das pessoas que um dia os calçaram. Mesmo que não tenhamos muitos dados sobre eles na exposição, além de sua própria materialidade, ainda assim, alcançam o público que os mencionou nos questionários.

Sobre as doações, a senhora Rita diz o seguinte:

⁵⁵ Fonte: Estudo de público realizado com visitantes do Memorial HCI no dia 25 de novembro de 2017.

Mas quantas coisas, nos foram entregues de uma forma tão amorosa, tipo assim: “Este relógio eu comprei uma semana antes de vir para o Hospital. Eu colhia trigo, e eu me cortava toda, mas com a venda do trigo eu consegui comprar meu relógio. Então, eu quero que este relógio fique aqui dentro com vocês.” Então, é a minha marca que estou dando, né? Muitas surpresas. (CAMELLO, 2017, inf. verb.)

Vão se somando valores para as materialidades, como bens pessoais envoltos em histórias afetivas e como objetos sociais que demonstram a vida levada pelos pacientes/moradores no HCI e antes dele. O espaço “28 – Entretenimento” é um exemplo de ambiente que retrata a sociabilidade, ele chama a atenção na exposição do Memorial HCI e, por mais que seu acervo esteja bem “visível”, muitas vezes não nos damos conta da importância do tema retratado.

Figura 109 - Espaço “28 – Entretenimento”



Fonte: MEDEIROS, Helena Thomassim (2017).

Considerando que: “Toda instituição total pode ser vista como uma espécie de mar morto, em que aparecem pequenas ilhas de atividades vivas e atraentes. Essa atividade pode ajudar o indivíduo a suportar a tensão psicológica usualmente criada pelos ataques do eu.” (GOFFMAN, 1974, p.66). Desta forma, esta sala representa o lazer destas pessoas, alguns pequenos momentos onde era possível fugir de uma realidade de segregação e doença, Serres comenta que:

A tentativa de normalidade era imprescindível para uma vida menos difícil no isolamento e as memórias desta normalidade também o são nas diferentes narrativas. Este parece ser um tema constante, as diversões, os passeios, os eventos, todos são evocados nas entrevistas. Nas memórias com que trabalhamos, chama atenção a referência aos passeios de barco na Lagoa Negra, um dos limites territoriais do Leprosário; embora previstos pelo Hospital, nestes passeios os internados estavam mais livres dos controles institucionais. (SERRES, 2009, p.169)

Outro elemento interessante deste espaço expositivo é que, além do entretenimento e momentos de lazer do Hospital, ele retrata um dos prédios do HCI, tendo inclusive diversos objetos que pertenciam a ele. O local em questão é o Cassino, ou Pavilhão de Diversões. Proença comenta que:

Para incentivar o lazer dos internados, foi construído em 1945, um prédio destinado aos bailes, ao cinema e ao teatro dos doentes. Também foi montada uma ampla biblioteca, [...] e um cassino para o divertimento dos internos e para as grandes festas da instituição quando figuras ilustres da sociedade riograndense eram convidadas. O “Cassino” foi construído com material doado pelo Estado, mas levantado pelos próprios internos que tinham experiência na construção civil. (PROENÇA, 2005, p.114)

Figura 110 - Pavilhão de Diversões



Fonte: PROENÇA. 2005. p.114

Figura 111 - Texto Expositivo no Espaço "28 - Entretenimento"



Fonte: MEDEIROS, Helena Thomassim (2017).

No texto expositivo “28.1 Diversões” são descritas atividades que ocorriam no HCl: bailes, piqueniques, gincanas, campeonatos de futebol, cinema, bocha, entre outras. Porém, a falta de informação sobre os objetos nos mantém em curiosidade quanto às histórias atreladas aos troféus, fotos, roupas e móveis. Como eram os eventos cujos convites estão desenhados? Os filmes, festas, risadas, brigas, brincadeiras e amores que florescia nestes momentos em que eles podiam ser só mais um.

Desta forma, percebemos que a invisibilidade destes itens se relaciona com as poucas informações disponíveis sobre eles, o que faz com que, muitas vezes, objetos testemunho e cenográficos se confundam. É a partir de dados complementares que o público tentará realizar sua própria linha de raciocínio sobre a exposição e compreender as escolhas feitas, sem que seja necessário ficar “refém” de uma mediação, que traz consigo subjetividades e olhares distintos. É importante podermos contar com a visão institucional sobre os bens patrimoniais, mas para que haja uma real apropriação e ressignificação destes também é preciso que criar ferramentas para que o visitante possa pensar por si só.

6.4 Quem são os Personagens/Moradores no Memorial HCl?

Há poucos nomes e histórias individuais contadas no Memorial HCl, fato que pode estar relacionado à percepção de que expor sua trajetória neste espaço de memória é contar um passado de segregação, controle e sofrimento. Serres comenta que é importante para muitos ex-internos do Hospital esconder estes momentos:

Manter segredo, portanto, é algo compartilhado pelos ex-internos do Leprosário. O primeiro passo para esta descontinuidade biográfica foi a mudança de lugar de moradia; dos entrevistados nenhum continuou morando sequer próximo de seu antigo lugar de origem. Outra estratégia é não falar muito sobre o passado. Quando o fizer, ser vago, impreciso e quando for preciso falar de uma passagem considerada socialmente importante, às vezes a solução é forjar uma história. (SERRES, 2009, p.171)

Observando este dado há muitas histórias que nunca serão contadas, entretanto, podem existir descendentes ou pessoas relacionadas a estas trajetórias que buscarão informação sobre as mesmas. Deste modo, ter acesso a algumas delas é uma possibilidade que existe em função de trabalhos oriundos do CEDOPE, documentários e do Memorial. Neste último notamos que alguns personagens se destacam por possuírem um espaço expositivo próprio, são eles: Senhor Elpídio; Dona Lori; Senhor Saldanha.

O espaço “21 – Elpídio Salles Teixeira” consiste em um nicho contendo um certificado de reservista com uma pequena foto, uma carta, a transcrição⁵⁶ da mesma, e um livro com cópias de documentos do Hospital.

Figura 112 - Espaço “21 – Elpídio Salles Teixeira”



Fonte: MEDEIROS, Helena Thomassim (2017).

⁵⁶ A transcrição da carta consta como sendo o texto expositivo “21 – Capão do Veado, 19-1-1944” e pode ser lida por completo no Anexo III deste trabalho.

Em 2018 entramos em contato com a senhora Rita para saber a razão pela qual apenas algumas pessoas que aparecem na exposição, ela relatou que o senhor Elpídio casou-se com a filha de um casal de ex-hansenianos. Ela havia ido morar e trabalhar no HCI após sair do Preventório, no Hospital eles se conheceram e casaram. Como ele já é falecido, a viúva autorizou este espaço expositivo e pediu para que os organizadores do Memorial colocassem em exposição a carta enviada pelos pais do senhor Elpídio dando permissão e desejando felicidades aos dois pelo casamento.

Figura 113 - Certificado de Reservista e a Carta



Fonte: MEDEIROS, Helena Thomassim (2017).

A carta da mãe de Elpídio começa com ela dizendo o quanto se orgulha dele que continua sendo o “[...] o mesmo filho obediente, amorável e submisso de quando pequenino e inexperiente vivias, por assim dizer sob as asas maternas.” (MEMORIAL HCI, [2015?]) Ela comenta que lhe envia uma quantia em dinheiro e que ele deve gastá-la com moderação. Ao finalizar a correspondência acrescenta que está feliz pelas notícias e que já conta a nora como mais uma filha, acrescentando: “[...] logo que possa ser abraçaremos com muito prazer e abençoaremos com ternura. Teus pais e amigos.” (MEMORIAL HCI, [2015?].) A data, colocada acima da carta é de 19 de janeiro de 1944. Sendo assim, supomos que tal abraço tenha demorado a chegar. Este é um elemento emocionante da exposição, pois retrata palavras de amor e saudades dos familiares que ficavam do lado de fora do HCI.

O espaço “22 – Lori Kunzler” aborda uma das primeiras pacientes do Hospital, ela veio ainda pequena, com 13 (treze) anos, já era interna do Hospital de Emergência de Leprosos que é hoje o Sanatório Partenon. Viveu até os 85 (oitenta e cinco) anos e era falecida quando o Memorial foi montado, sendo assim, quem autorizou a exposição de sua história foi seu irmão. Segundo Serres:

[...] Lori [...] procurou encontrar um lugar para si na Instituição, não como doentes. [...] ela, procurou sobreviver, foi boa filha, procurou desempenhar os papéis de gênero, casou, não foi mãe como gostaria, hoje desempenha um papel reconhecido, como a *guarda-memórias* do grupo. (SERRES, 2009, p.173-174, Grifo da autora)

Percebemos que um papel muito importante na manutenção, preservação e, de certo modo, criação das narrativas que envolvem a vida dos internos no HCI, pode ter sido desempenhado pela senhora Lori, a autora também afirma que:

Ela *perdeu as contas* de quantas vezes foi chamada a falar; deu entrevistas para trabalhos acadêmicos, para jornalistas, falou para médicos, psicólogos, televisão. A visita ao seu quarto, na enfermaria do Hospital, está incluída na programação do Curso de Capacitação em Hanseníase, oferecido pelo Governo do Estado há alguns anos. (SERRES, 2009, p.35, Grifo da autora)

Figura 114 - Espaço "22 – Lori Kunzler"



Fonte: MEDEIROS, Helena Thomassim (2017).

Sendo assim, esta paciente foi um marco na preservação das memórias ligadas ao HCI. Um dos elementos que podemos perceber no espaço expositivo destinado à senhora Lori é a reprodução de uma imagem em preto e branco, segundo Serres (2009), é a foto do último baile que ela frequentou antes de ficar cega.

Figura 115 - Imagem que aparece no Espaço “22 – Lori Kunzler”



Fonte: SERRES. 2009. p.216

Na tese de Serres (2009) também podemos ver uma imagem de Lori pequena com um guarda, pois já era uma interna. Em entrevista com os organizadores do Memorial eles comentam do espanto do senhor Marco ao perceber que dentro de um Leprosário também haviam crianças:

MARCO - Quando eu escutei da Rita, uma vez assim, isso foi num domingo, a gente tava arrumando o Lázaro, lembra que eu desmontei? [perguntando para a senhora Rita]. Porque assim, é excesso de informação. Não que eu tô reclamando, mas é muita informação. Aí, de repente tu tá olhando e a Rita diz assim: “Aqui ficavam as crianças”; e eu digo: “Como assim?”. Porque até então, na minha cabeça, não tinha criança.

RITA - Ele achou que a lepra era uma doença só de adultos.

MARCO - Aí eu desmontei, porque aí eu comecei a me dar conta que tu, pequeno, saber por que que teus pais te abandonaram, tu não consegue [sic] entender.

RITA - Os pequeninos de 07 (sete), 08 (oito) anos, estavam lá dentro. “Tu é [sic] um leproso”.

MARCO - Então a Rita diz assim: “Aqui ficava tipo a creche, que era onde eles dormiam”.

RITA - Era escola. Tinha o pavilhão e tinha escola.

MARCO - “Como assim? Criança, Rita?”; “Sim, tinha criança aqui”. Porque na minha cabeça não tinha criança. Aí eu digo: “Meu Deus, por quê?”. Aí eu me desmontei, porque eu conseguia me colocar na época.

RITA - Até ele tentava aceitar que um adulto passasse por isto.

MARCO - Mas aí tu imagina [sic] uma criança saber que não vai mais ver teu pai e tua mãe.

RITA - Saber que, aqui, quando tu entrar [sic], tu nunca mais vais sair.

MARCO - Até que ponto as freiras, os funcionários passavam essa informação, de que tipo de doença. Mas, numa criança, como é que tu vai [sic] te dar conta que teu pai e a tua mãe não tão contigo? (CAMELLO; LUCAORA, 2015, inf. verb.)

Figura 116 - Lori criança e um Guarda no Hospital



Fonte: SERRES. 2009. p.213

Percebemos que a segregação atingiu pessoas em diferentes momentos de suas vidas, e que Lori é um dos exemplos das crianças, ainda que com suas peculiaridades. O texto, presente no espaço, fala que ela chegou aos 14 (quatorze) anos no Hospital, era de Novo Hamburgo e veio com os pais. Foi Rainha da Primavera e ficou cega aos 19 (dezenove) anos por causa de tratamentos incorretos que eram utilizados no Hospital, mesmo motivo que cegou seu pai. Casou-se com Ildor Göebel, era muito querida por todos, fã do Grêmio e apesar de cega, escolhia as cores de suas mobílias, cobertas de cama, entre outras coisas. Finaliza-se o texto com o trecho: “Boas histórias de pessoas importantes...” (MEMORIAL HCI, [2017?].) Os organizadores comentam que:

MARCO - O nosso projeto [...] foi feito através de puro sentimentos e emoções. Foi feito sentimentos e as emoções, das coisas, nossas e das pessoas.

HELENA - O dia que meu pai saiu de lá [Memorial HCI], saiu emocionado.

RITA - A coisa surgiu, meramente a coisa surgiu e nós corremos atrás. Alguém me falava uma frase e eu passava a frase para ele.

MARCO - Eu vou dar um exemplo assim: [...] eu sabia a história da tal de Lori, a Lori dá um capítulo, por exemplo. O seu Saldanha dá um capítulo.

RITA - Um único morador te dá um capítulo.

MARCO – Então assim [...] a Rita me falava da Lori e tudo mais, aí o dia que eu estava indo buscar, disseram, uma vigilante disse:

RITA – “Tu precisava [sic] conhecer”. Não é?

MARCO – [...] Final de tarde assim, tô indo com a Neca e digo: Neca tô com uma coisa na cabeça assim, parece que vem no meu ouvido, tem que ter uma imagem, alguma coisa relacionada a história da Lori. “Ué, mas isso é fácil, não sei o que”. E aquilo fiquei. Foi ou não foi Rita?

RITA – Uhum.

MARCO – Rita tu precisa [sic].

RITA – E eu tinha umaimensidão de fotos dela.

MARCO – Tinha um monte de coisas da Lori.

RITA – Entrevistas.

MARCO – Tem filme, tem um filme que é horroroso, o filme dela, e ao mesmo tempo é maravilhoso. Um filme dela falando que tipo assim, tu vê [sic] a magoa que ela tinha. Muita dor.

RITA – A pequenina sendo apedrejada em Novo Hamburgo.

MARCO – Então assim ó, vê se tu consegue [sic] entender: a riqueza do memorial, não é isso, é alguém que em determinado momento, vai chegar e dizer assim: eu quero fazer isso. Um historiador, um jornalista, e sentar e pegar e pegar. Tu monta [sic] um acervo, de um livro ou dois ou três volumes, não vem ao caso. Mas com a história. (CAMELLO; LUCAORA, 2015, inf. verb.)

Considerando que um texto expositivo deve ser breve, não sabemos maiores detalhes desta senhora apenas pela exposição, contudo a tese de Juliane Serres, de 2009, aborda, entre outras questões, a vida dela. Segundo Serres (2009), Lori nasceu em 1926, seus pais de ficaram doentes, quando ela tinha cerca de 03 (três) anos, passaram por tratamentos que fizeram com que os sintomas da hanseníase desaparecessem e por isso pensaram estar curados.

Aos 08 (oito) anos ela teve que deixar escola, possivelmente, por causa das despesas médicas, a família passou por um processo de marginalização, os comerciantes não queriam negociar com eles, foram proibidos de ir à Igreja. Seu pai teve que deixar a casa em 1935 para ser internado, enquanto Lori e a mãe esperavam o Hospital de Emergência de Leprosos que ficaria pronto em 1936, porém:

[...] as novas construções eram insuficientes para isolar os doentes que vinham sendo notificados pela Saúde Pública. Os doentes que o pudessem, deveriam construir suas próprias casas na área do Hospital. Foi o que fez a família de Lori. Seu pai veio antes para Porto Alegre e enquanto sua casa no Hospital não ficasse pronta, a família esperava em Novo Hamburgo. (SERRES, 2009, p.68)

A família sofreu preconceito em Novo Hamburgo, sendo ela apedrejada. A autora coloca que “Por mais paradoxal que possa parecer, no isolamento muitos destes doentes encontravam um *lugar para si*.” (SERRES, 2009, p.69, Grifo da autora), e no confinamento eles puderam voltar a frequentar a missa e caminhar sem se preocupar. Após 04 (quatro) anos de espera foram encaminhados para o HCI, onde receberam uma casa e puderam viver juntos, Lori e os pais, por 16 (dezesseis) anos. Contudo: “Quando sua mãe morreu, Lori e seu pai tiveram que se separar, ambos necessitavam de cuidados e era uma norma do Hospital que as

casas fossem destinadas às famílias, marido, mulher e se houvesse, filhos.” (SERRES, 2009, p.111).

Figura 117 - Lori com os pais comemorando seu aniversário de 20 anos



Fonte: SERRES. 2009. p.215

Após a separação entre pai e filha, ela trocou de casa algumas vezes, vivendo em um dos Pavilhões do Hospital compartilhou o quarto com uma senhora chamada Selma, essa lhe contou do retorno de Ildor, que havia sido paciente do HCI de 1942 à 1951 e voltou em 1958 por problemas de saúde: “Lori recorda que contou a esta senhora que este paciente queria casar com ela e antes de partir pediu-lhe uma foto.” (SERRES, 2009, p.112 - 113).

Lori e Ildor se casaram em 1960, após ele se converter ao catolicismo para a aprovação do pai de Lori, Selma foi a madrinha, o casal não teve filhos, ele morreu em 1981 e ela em 2011. Serres coloca que:

Lori é uma remanescente destes anos iniciais do Leprosário, quiçá a única sobrevivente da “turma dos cem primeiros”. Há alguns anos ela não sai de seu quarto na enfermaria da Instituição. Diz ter saudades dos tempos antigos. Criou uma representação idealizada do Itapuã, cenário onde diz que um dia foi feliz. (SERRES, 2009, p.177)

O espaço expositivo “27 – João Francisco Saldanha”, conta a história deste senhor, cuja filha autorizou a exposição. Neste nicho podemos ver 03 (três) imagens dele: uma foto em preto e branco onde está ao lado de uma vaca, uma colorida com uma senhora e sua imagem sua em um cartaz de divulgação do documentário “A Cidade” de 2012.

Figura 118 - Espaço "27 – João Francisco Saldanha"



Fonte: MEDEIROS, Helena Thomassim (2017).

Na entrevista realizada em 2015 os organizadores do Memorial HCI comentam sobre o senhor João Saldanha que chegou a visitar o espaço de memória:

O seu Saldanha, por exemplo, foi super querido – já falecido, ele estava com 91 (noventa e um) anos, ia fazer 92 (noventa e dois) –, ele chegou um dia e disse assim: “Vim conhecer o tal de memorial”. E ficou a tarde conosco, ou seja, eles foram entendendo que a gente estava contando a história deles. Nós fomos visitar a casa dele, nos deu de presente uma arminha. Tá lá escondido porque eu tenho medo de expor. Porque de repente tem interesse, porque arma é arma. Ele contou a história dele, a gente tem um mural dele. (LUCAORA, 2015, inf. verb.).

O texto expositivo apresenta que ele era natural de Uruguaiana, nasceu em 1922, trabalhava desde cedo no campo e atribuiu, em um primeiro momento, os sinais da doença ao uso de produtos agropecuários. Com o aumento dos sintomas fez exames aos 49 (quarenta e nove) anos e teve de ficar em repouso, tendo dificuldades financeiras pediu ao médico um lugar em que pudesse ficar e este o encaminhou à Porto Alegre. Despediu-se da mulher e da filha e entrou no HCI em 1971.

Ainda em 1971, casou-se com Antônia Benites, natural do Mato Grosso que era interna do HCI desde 1964 e que faleceu em 2001. Ela tinha 02 (dois) filhos, mas o casal não teve nenhum, ele escondia o fato de ter uma filha, pois não queria magoá-la. No trecho final do texto diz o seguinte:

Só em 2008 Sr. João voltou a procurar a filha Regina, surpreendendo a todos. Ele nos conta que nunca se sentiu encorajado em procurar Regina porque nada tinha a

oferecer, então, após ter recebido a pensão especial, se encheu de coragem o reencontro aconteceu. Em 2007 foi aprovada a Lei 11.520 que concede pensão especial vitalícia às pessoas que foram internadas compulsoriamente em hospitais colônia.

Sr. João resgatou o convívio com a filha, conheceu o genro, netos, bisnetos, sobrinhos e aguarda ansiosamente sua próxima viagem para Uruguaiana. (MEMORIAL HCI, [2017?])

Essa história mostra a mudança que a aprovação de uma lei pode fazer na vida de uma pessoa, tanto para o bem quanto para o mal. O retorno a família, conhecer seus descendentes, é algo muito emocionante, e é por meio destas histórias de vida que nos damos conta do que realmente significa preservar a memória do Hospital Colônia Itapuã.

No espaço “23 – Sala dos Amores” podemos encontrar a trajetória de alguns casais que se conheceram no Hospital. Em 2018 a senhora Rita comentou que quando o Memorial começou a ser montado existiam 04 (quatro) casais que se conheceram, casaram, viveram no Hospital e aceitaram ter suas histórias expostas: Ari e Albina; Terezina e Pedro; Sadi e Alda; Osvaldo e Eva.

Hoje são apenas 02 (dois) casais vivos, estando 03 (três) deles em exposição, os organizadores do Memorial pretendiam colocar a história de Osvaldo e Eva em 2018, mas com o afastamento da senhora Rita, por problemas de saúde, estas alterações ficaram para outro momento. A senhora Eva é a última paciente internada no HCI com hanseníase.

Serres comenta que: “Se o Leprosário foi espaço de exclusão e de sofrimento, também foi um lugar de construção de uma nova vida [...]” (SERRES, 2009, p.158) e esta sala visa explorar um pouco destes momentos de reconstrução, sobre a criação deste espaço, os organizadores dizem que:

RITA - O vestido de noiva. Toda a sala dos amores em si. Que aí ele pegou todos os casais vivos.

MARCO - Conversamos com eles, pegamos autorização deles. O diretor do DCHE foi lá. Eles ficaram bastante impressionados porque o diretor veio convidar se eles permitissem fazer parte dessa coisa. “Topamos”. Eles emprestaram as fotos, eu não fiquei com as fotos deles, eu copiei todas coloridas, para não ficar com aspecto de velho, devolvi todas as fotos e criamos painéis sobre os casais. A sorte que, por escolha nossa de olhar as fotos...

RITA - Passado e presente.

MARCO - Ele com 21 anos, por exemplo, ela um pouco mais velha, e aparece a cena dos dois, jovens e com a família. E tu olha a foto da família; uma família imensa, aí começa a dar a dor da coisa. Tu olhando a história deles, do casal esse, por exemplo, tu vê [sic] com toda uma família enorme numa foto com 25 pessoas. Por exemplo, a foto dos pais, de repente tu nunca mais vai ver esse povo. Aí começa a tragédia, aí tu começa [sic] a sentir a emoção da coisa. Esse é passado, agora aparece só os dois: esquece a família! Ele com 21 anos e ela um pouco mais, a dona Teresinha. Daqui a pouco aparece os dois casando. Ela saindo da casa, de noiva, entrando num carro, a foto, tudo isso a gente conseguiu. Eles entrando na igreja, depois a festa, a cama com os presentes, uma foto da cama com presentes, a festa, o bailinho, teve baile. E, depois,

eles nos dias atuais, já podem ir pra rua, Gramado. A história deles. E a Rita, a Salete, a Cristina, cada um montou de um, montou de outro, fazia entrevista, escrevendo a história deles. E a gente tem, então, o passado, a história; rápido! É pra iniciar e terminar, não é pra uma leitura de ficar dias fazendo pesquisa. Pegamos de outro casal, uns não quiseram participar.

RITA - Se esteve nas residências, então nós pegamos o dia a dia. Chegamos na casa do Osvaldo, eles estavam jogando baralho. Bom, se estão, sigam jogando baralho.

MARCO - E nós tiramos fotos. Escolhemos as melhores para evitar que, de repente, a pessoa tá olhando e, a Eva, por exemplo, não tem nariz. Então tá os dois e os cachorros deles lá. Mas então, o que a gente fez? Pegamos as fotos melhores para não ficar...

RITA - Com muito respeito, a gente sempre procurou ter respeito por eles. Até porque eles transitam e se olham.

MARCO - Várias pessoas [que] foram casadas e o marido tá enterrado lá: “Não quero participar”. Vamos respeitar! (CAMELLO; LUCAORA, 2015, inf. verb.)

Sendo assim, percebemos que este espaço se deu a partir da autorização destes moradores e de entrevistas que se tornaram depois os textos expositivos. O primeiro casal que observamos ao entrar pela porta, na parede à esquerda, são Ari e Albina. Ela faleceu pouco tempo após dar a autorização de exporem sua história, as fotos e o texto expositivo já haviam sido selecionados, porém o marido pediu que não colocassem o texto, apenas as imagens.

Figura 119 - Ari e Albina



Fonte: MEDEIROS, Helena Thomassim (2017).

Podemos observar fotos mais antigas e atuais do casal. O texto que se encontra próximo é o “23.2 Tempo de Encontros”, que realiza uma espécie de introdução ao espaço e, em um trecho, coloca que:

Aconteceu que muitos casais foram formados aqui dentro do hospital, quando jovens solteiros chegaram para o tratamento da hanseníase oferecido na época e, no seu dia

a dia de tratamento e trabalho, encontraram o seu parceiro ou a sua companheira que lhe seria o amor pelo resto das suas vidas. (MEMORIAL HCI, [2017?])

Todavia, percebemos que havia também muitas pessoas que se casaram dentro do HCI e que já eram casadas anteriormente, compreendo que neste contexto:

O casamento representava [...] uma forma de proteção e cuidado em um grupo de pessoas tão dependentes. Ademais, conferia alguns privilégios. Os casais tinham direito a receber uma casa para morar e um rancho semanal e não tinham necessidade de comer no refeitório. (SERRES, 2009, p.112)

Sendo assim, com a entrada no Hospital presume-se que muitos casamentos tenham sido desfeitos e novos começado em função da necessidade tanto de afeto como das vantagens que essa união poderia trazer. O casal Terezina e Pedro aparecem em sequência, na mesma parede, ambos já são falecidos. A quantidade de fotos é muito maior e há em alguns espaços imagens decorativas de pombos brancos encostando seus bicos, tendo atrás deles um coração vermelho.

Figura 120 - João Pedro e Therezina Martins



Fonte: MEDEIROS, Helena Thomassim (2017).

O texto “23.3 João Pedro e Therezina Martins”, fala sobre a entrada deles na instituição e como se conheceram. Ele nasceu em 1940 no município de Lagoa Vermelha e veio para o HCI em 1961, trabalhou entregando lenha nas casas dos pacientes, no corte da madeira e também auxiliava na cozinha e refeitório. Em 1970 Therezina veio morar no Hospital, ela nasceu em 1930, em São João do Sul, no estado de Santa Catarina (SC), passou a trabalhar no refeitório, onde conheceu o senhor João. Casaram-se em 1973, após 02 (dois) anos de namoro. O texto acrescenta que “João Pedro refere que foi a responsabilidade e a sinceridade de

Therezina que lhe chamaram a atenção. Therezina acrescenta que a maneira espontânea e alegre de João foram marcantes para solidificar sua escolha.” (MEMORIAL HCI, [2017?])

Ao final do texto são feitos agradecimentos: “[...] a Marcelo Fillipin, Diretor Adjunto do DCHE: Marione Cortinaz, Diretora do HCI Cristina Wallner fisioterapeuta e Diretora Adjunta do HCI e Marco Antônio Lacaora, organizador do Museu do HCI pelas fotos feitas com os casais citados.” (MEMORIAL HCI, [2017?].) Podemos perceber que chamam o Memorial de Museu, algo que pode ter sido um pequeno erro na digitação, mas que demonstra como é tênue a linha entre tais conceitos na compreensão popular.

O único casal em exposição, ambos vivos, são Sadi e Alda, este nicho é muito similar ao anterior, demonstrando a busca com uma padronização que conferisse uma “identidade visual” ao espaço.

Figura 121 - Sadi e Alda Roveda



Fonte: MEDEIROS, Helena Thomassim (2017).

A senhora Alda nasceu em Araranguá, Santa Catarina, no ano de 1938, em 1956 foi morar no HCI, trabalhando como enfermeira. O senhor Sadi veio no ano seguinte, 1957, proveniente da cidade de Ibirubá, nasceu em 1937. Ele trabalhou por mais de 10 (dez) anos como responsável pelo motor da casa hidráulica e depois na manutenção elétrica. O texto expositivo comenta que:

Nos anos da década de 50 havia um alto-falante para divulgar os eventos e anúncios necessários, bem como tocar músicas, inclusive quando os pacientes se dirigiam para o refeitório.

Ambos gostavam de uma determinada canção e ao se encaminharem para o almoço no refeitório, a música tocou no alto-falante. Foi o momento em que houve a

troca de olhares. A partir deste momento Sadi e Alda começaram a conversar e a namorar. (MEMORIAL HCI, [2017?])

O casamento ocorreu em 1962 em Araranguá, cidade natal da senhora Alda. O trecho final diz que: “[...] segundo Alda foi o porte e o esmero em se arrumar que lhe chamaram a atenção do jovem Sadi. Por sua vez, Sadi enfatiza ter ganhado mais que uma Mega Sena ao encontrar Alda, sendo que foi a sua delicadeza, bondade e simplicidade que lhe encantaram na bela moça.” (MEMORIAL HCI, [2017?])

Em ambos os textos aparecem a origem e o ano de entrada no HCI de cada um deles, a forma como se conheceram e ao final uma breve explicação do motivo que levou a gostarem um do outro. Desta forma, podemos dizer que neste ambiente houve a preocupação em se padronizar as informações e o *designer*. Contudo, o Memorial não segue esta regra, por este motivo fomos surpreendidos ao “encontrar” em meio aos textos expositivos de outros espaços “novos” personagens e suas histórias: Nelson e Ivete; Jacó; Arístides.

Deste modo, outro casal retratado pelo Memorial está representado no texto “16.4 Um Marcineiro de Sete Instrumentos”, dentro do espaço “16 – Itens Agrícolas (N.A.)”, são eles Nelson e Ivete. Muito da surpresa em relação ao texto expositivo se deve a sua localização peculiar, sendo o único nesta sala que está fixado diretamente sobre um objeto e que “faltam” elementos que indiquem que ali está narrada a história de um casal. Considerando que Serres comenta que

[...] os doentes procuraram restabelecer uma normalidade através de rotinas cotidianas que, importantes para a manutenção do Hospital, serviam também para configurar um lugar para cada um dentro da Instituição, que naquele momento equivalia a um lugar no mundo, pois aquele era o mundo possível para os internados. (SERRES, 2009, p.158)

Talvez, a escolha da localização do texto indique um dos papéis sociais que estes moradores exerciam, tendo em vista o título do texto expositivo, “16.4 Um Marcineiro de Sete Instrumentos”, e a materialidade a ele relacionada, um instrumento de serrar madeira.

Figura 122 - Texto Expositivo “16.4 Um Marcineiro de Sete Instrumentos”



Fonte: MEDEIROS, Carolina Thomassim. (2017).

O texto conta que Nelson Göehler chegou ao HCI em 1952, nasceu em Santa Cruz no ano de 1927. São tecidos elogios ao seu porte físico, intelecto e gentileza, como ele sabia trabalhar com madeira, pois trabalhava com o tio em sua cidade de origem, um médico incentivou sua permanência no Hospital. Em 1954 quando Ivete – também descrita como muito bonita – chegou o mesmo disse que ela “seria para ele”. Em 1956 se casaram em Caxias do Sul, cidade de origem dela, e viveram juntos por quase 53 (cinquenta e três) anos. Ele faleceu em 2008 e segundo o texto “[...] deixou excelentes lembranças para cada um que conviveu com ele.” (MEMORIAL HCI, [2017?])

É descrito também que: “Além da marcenaria outro prazer que ele tinha era tocar órgão e cantar música sacra, inicialmente nos cultos evangélicos e, por fim também nas missas, acompanhando sua querida esposa Ivete.” (MEMORIAL HCI, [2017?]) Detalhe interessante, pois dá a entender que Nelson seria luterano e depois passou a ser católico, aspecto que parecia ser comum no cotidiano do Hospital, posto que:

[...] a administração laica da instituição protegia as ações evangélicas das Irmãs Franciscanas no HCI. Raramente a Direção se intrometia ou vetava alguma decisão das Irmãs. Isto ocorria pelo fato delas estarem em contato direto como os pacientes. O que na prática era bastante conveniente, pois não precisavam se envolver com o que acontecia no dia-a-dia dos doentes. Portanto, sua atuação como evangelizadoras dos doentes era notadamente aceita, instigada e estimulada pela Direção. (PROENÇA, 2005, p.21)

Outra questão que chama a atenção neste texto é que são feitos diversos elogios tanto ao comportamento quanto à beleza do casal Nelson e Ivete, porém não há fotos deles próximas ao objeto no qual o texto é fixado. O item em questão é uma serra que, supomos, devido as poucas informações dadas, que poderia ser dele ou algo que usava, mas não há legendas que afirmem isto. Nas mediações presenciadas este nicho não parece ter sido citado ou essa história contada.

A narrativa sobre Jacó encontra-se no texto, e no espaço de mesmo nome, “26 – Tributo aos Filhos dos Pacientes Hansenianos”. Ele não foi um dos moradores do HCI, mas é um dos poucos filhos mencionados na exposição.

Figura 123 - Espaço "26 – Tributo aos Filhos dos Pacientes Hansenianos"



Fonte: MEDEIROS, Helena Thomassim (2017).

O espaço expositivo é pequeno e encontra-se ao lado da porta do espaço “25 – Medicina no HCI”, não sabemos se essa localização é proposital, contudo, na sala mencionada, há um móvel que era utilizado para fazer o parto das pacientes do HCI e separá-las de seus filhos.

O espaço em questão, “26 – Tributo aos Filhos dos Pacientes Hansenianos”, mostra diversas fotos sem legenda de crianças, adultos, idosos e imagens que parecem ser de famílias, todavia, podemos apenas supor tais relações devido à falta de informações complementares. O texto expositivo apresenta uma breve introdução à instituição Amparo Santa Cruz, comentando que os filhos dos pacientes/moradores do HCI eram levados para este local e lá eram cuidados pelas Irmãs Franciscanas. Após é apresentado Cláudio Jacó Hansel que é representante destes filhos, ele chegou ao Amparo com 08 (oito) anos, em 1968.

Jacó relata algumas coisas que lembra desta época de sua vida, como o tumulto de crianças que não entendiam por qual razão haviam sido separadas dos pais, o cuidado dos irmãos mais velhos com os menores, a precariedade das refeições, as visitas aos pais, onde não podiam encostar uns nos outros. No Amparo as crianças eram separadas por gênero e faixa etária, auxiliavam na horta e no corte de lenha, havia atendimento odontológico e uma escola ao lado. Ele relata que as Irmãs eram boas e que com sua saída houve um decréscimo. Foi o primeiro interno a sair formado pela Escola Técnica João Calábria com Impressor Gráfico, profissão na qual atuou por 17 (dezessete) anos. O texto termina com os seguintes dizeres:

Inúmeras lembranças percorrem a mente e o coração, destes hoje adultos, sobre seu tempo de infância vivenciado longe dos pais. Estes homens e mulheres merecem receber um reconhecimento especial pela capacidade de refazer suas vidas apesar dos difíceis momentos da infância. (MEMORIAL HCI, [2017?])

Percebemos que o texto começa e finaliza abarcando a questão dos filhos separados, e que Jacó, apesar de ter alguns aspectos de sua vida narrados, aparece mais como o testemunho de um momento coletivo.

A trajetória do senhor Arístides aparece no texto “29 - Cadeia: Estás Preso!” no espaço “29 - Cadeia”. A primeira metade do texto trata sobre este elemento da vida no isolamento e na segunda parte comenta que Arístides Amaral foi delegado do HCI e presidente da associação dos pacientes internos do hospital. Ele foi internado aos 30 (trinta) anos, natural de São Borja, já era casado, teve que deixar a esposa Tereza e 05 (cinco) filhos que, 13 (treze) anos depois, mudaram-se para a comunidade de Itapuã. Passados mais 03 (três) anos o senhor Arístides conseguiu uma casa para morar com a família no Hospital, a esposa e 02 (duas) filhas passaram a trabalhar na instituição.

Nas histórias de moradores aqui relatadas analisamos que poderíamos considerá-los como personagens que aparecem no Memorial, mas não como autores. Há sempre alguém que conversou com eles e “reescreveu” o que foi dito, contudo, neste ato de pesquisa também há seleção e construção, para que se faça uma narrativa mais ou menos linear, sendo assim, sempre vai haver esquecimentos e a eleição do que lembrar.

Estas histórias e pessoas são “objetificadas”, servindo como testemunho de um passado sem que ajam sobre suas representações no presente. Tornando-se coadjuvantes no discurso institucional suas trajetórias são cenário no qual este se alicerça, deste modo, não são mostradas visões que divergem da narrativa construída.

Todos estes nomes e histórias são relacionados ao HCI enquanto Leprosário, sendo assim, nos cabe questionar: onde estão os pacientes psiquiátricos e suas trajetórias individuais na exposição? No estudo de público, seus quadros e objetos de arte são mencionados como itens que chamam a atenção do visitante, contudo sua participação no Memorial resume-se a duas salas no segundo andar e textos que mencionam tratamentos e projetos realizados com eles, não suas vidas.

6.5 Os Filhos

Por fim, agora que já nos foram apresentadas as “Marias” possíveis de serem encontradas, nominalmente, nas materialidades e textos do Memorial HCI, é o momento de tocar na questão de seus filhos. Tendo em vista que:

[...] uma rede toda envolvia não apenas o doente, mas sua família. Não sabemos ao certo quantas crianças passaram pelo Amparo. Em 1942, havia 84 crianças na Instituição. Algumas destas desenvolveram a doença, outras saíram quando seus pais tiveram alta ou quando algum parente as reivindicava. Outras, ainda, deixaram a Instituição quando atingiam a maioridade. Em relação a estas crianças, sabemos através de um documento do próprio Amparo, do ano de 1979, que muitas apresentavam sérios problemas psicológicos, como a própria instituição admitia, em função do afastamento dos pais e à falta de vínculos afetivos. (SERRES, 2009, p.149)

Percebemos que este é um tema abordado no Memorial em alguns espaços: “07 – Jornais: Amparo Santa Cruz”; “25 – Medicina no HCI”; “26 – Tributo aos Filhos dos Pacientes Hansenianos”; “52 – Filhos Levados”. O primeiro espaço reúne uma série de informações e reportagens de jornal abordando a criação do Amparo Santa Cruz, colocando o papel da Sociedade de Assistência aos Lázarus e defesa Contra a Lepra na arrecadação de fundos para esta obra beneficente. Nestes registros também é possível ver o medo e o preconceito da sociedade, associados também a ideia de caridade para estes “órfãos de pais mortos em vida”, como cita um dos textos.

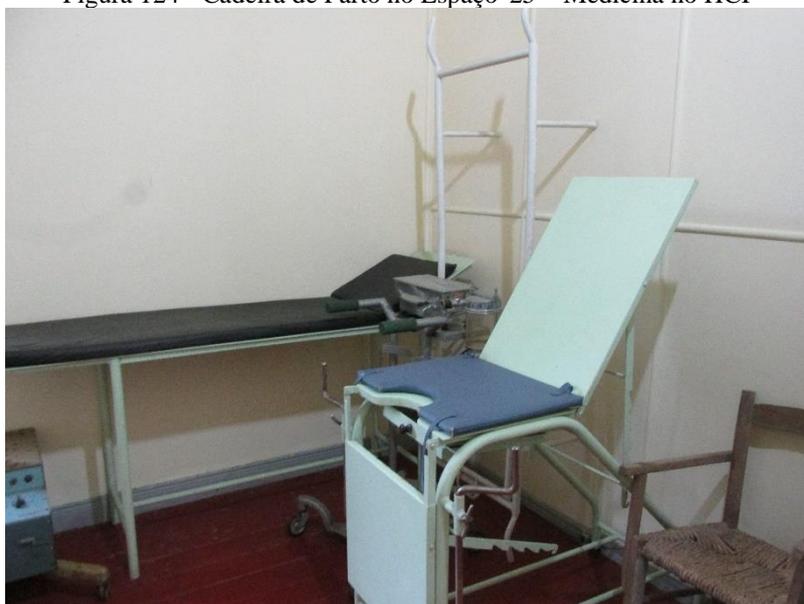
No espaço “25 – Medicina no HCI” observamos um objeto que é citado 02 (duas) vezes, no estudo de público realizado, como sendo um item que atrai a atenção dos visitantes no Memorial: a cadeira de parto, na qual nasciam os bebês no Hospital. Em entrevista, os organizadores do Memorial comentam sobre este momento:

RITA - Os bebês nasciam, a freira fazia o parto. Agora vamos entender uma parte, existia a maca ginecológica, como todas, a parte de abdômen ficava um vidro [que] passava por aqui. Imagina: a parte de fora da janela, é até onde fica o abdômen. Uma

meia janela em aberto para que fique do abdômen pra baixo. Daqui “eu” faço o parto e retiro o bebê, porque eu sou a freira. No momento que eu retiro o bebê, eu te mostro: “Estas vendo? Este é teu filho! Estas vendo? Este é um menino”. Só que está mãe jamais poria a mão pela janela para tocar, porque tu estavas pelo lado de lá do vidro. E ela dizia “Veja o nome, veja os padrinhos, porque a gente vai batizar e levar lá pro Amparo”. O Amparo Santa Cruz fica aqui no trajeto de quem vai pro Hospital Colônia. É uma instituição pra receber todos os filhos nascido de pais leprosos. Então, assim, todos os sapatinhos que as mães confeccionaram, jamais elas iriam saber se aquele sapatinho cor-de-rosa foi, de fato, posto neste bebê, porque ia pro Amparo. Uma vez por mês vinha um ônibus com as irmãs do Amparo, trazendo os bebês no colo e de dentro do ônibus ela mostrava pros pais “Olha, essa aqui é a Maria”, os pais, atrás de um muro, um ônibus atravessado no meio da rua, a freira de dentro do ônibus mostrando “Essa aqui é a Maria”, aí baixava a Maria, pegava o José pra mostrar pela janela do ônibus.

MARCO: Isso que a Rita tá falando é um horror. Agora tu imagina [sic] uma criança que tá lá dentro, moradora: “Por que que eu fui abandonado aqui?” (CAMELLO; LUCAORA, 2015, inf. verb.)

Figura 124 - Cadeira de Parto no Espaço"25 – Medicina no HCI"



Fonte: MEDEIROS, Carolina Thomassim (2017).

Além do toda a dor do parto que as mães sofriam, viam, assim que saiam de seus ventres, seus bebês serem levados sem saber como eles viveriam. Deste modo, mesmo sem texto referente a ele, este objeto consegue evocar no público parte desta dor e perda, posto que é mencionado na mediação. Os organizadores do Memorial também comentam que:

RITA - Muitas mães ali de dentro ainda tentavam tecer alguma coisa pra ver seus filhos vestidos, mas não viam seus filhos vestidos.

MARCO - O memorial, se tu for olhar, é bastante pesado. Mas ele podia ser muito mais. A gente tentou colorir, enfeitar, fantasiar, criar cenários e coisas assim. Porque assim, quando pega a parte do Amparo, eu sentado, sozinho, na sala lá em cima, e as gurias, cada um fazendo sua atividade, e eu digo: “Tenho que separar o material do amparo”. Aí eu digo: “Meu Deus do céu, o que que é isso que eu tô lendo?” Um documento de duas folhas, tipo assim, com meu nome: Marco Antônio Lucaora – eu

era uma criança –, filho da Rita Camello com fulano de tal. Abuso sexual, maus tratos, tã tã tã. Eu digo: “Meu Deus do céu”. Dá a idade e tudo direitinho.

RITA – Dentro do Amparo

MARCO – Datilografado. Tipo, Rita não sei o que lá, filha de fulano, de fulana, várias vezes houve maus tratos, pã pã pã pã... E eu engolia: “Fulana de tal e fulano, teve um com dois irmãos, maus tratos, não cumpriram regras, não sei o que lá”

RITA - Banho frio. Não é meramente o Amparo, não é meramente uma foto. (CAMELLO; LUCAORA, 2015, inf. verb.)

Os filhos levados tinham que passar pelas amarguras de um futuro incerto. Como o espaço “26 – Tributo aos Filhos dos Pacientes Hansenianos” já foi citado no subtítulo anterior por contar um pouco da história de Jacó, um destes filhos levados ao Amparo, passamos ao “52 – Filhos Levados”. Neste ambiente são observados três textos expositivos: “52.1 Isolamento”, sendo este um *banner* feito pelo CEDOPE com algumas falas de pacientes; “52.2 O Amparo Santa Cruz”; “52.3 Os Casos do Amparo Santa Cruz”. Além de um berço com uma boneca dentro – aspecto já explorando em outro capítulo – e alguns objetos decorativos como pentes de cabelo, a maioria na cor rosa.

Figura 125 - Espaço “52 – Filhos Levados”



Fonte: MEDEIROS, Helena Thomassim Medeiros (2017).

O texto “52.2 O Amparo Santa Cruz” é muito interessante, pois expõe uma outra faceta do internamento. O texto fala sobre a utilidade do Amparo Santa Cruz, instituição na qual os filhos sadios de pais doentes eram colocados, às mães que tinham seus filhos dentro do HCI era permitido apenas saber o sexo da criança e escolher seus nomes, o contato entre pais e filhos se dava através de visitas.

Figura 126 - Trecho do texto “52.2 O Amparo Santa Cruz”

As visitas não possuíam regras, assim ficava ao cargo das Irmãs a permissão ou não dos pais visitarem seus filhos no Amparo.

Fonte: MEDEIROS, Helena Thomassim (2015).

Desta forma, observamos que mesmo o contato com os filhos era mediado por mecanismos de controle. As visitas anuais das crianças ao HCI ocorriam com elas dentro de um ônibus, de onde uma das Irmãs as identificava. Outro trecho interessante deste texto expositivo comenta que o poder das Irmãs acabava se estendendo aos filhos destes doentes:

Figura 127 - Trecho do texto “52.2 O Amparo Santa Cruz”

Portanto a influência das Irmãs ia além do HCI. Também se estendia para os filhos no Amparo Santa Cruz e acompanhava seu crescimento.

A partir da década de 1970 houve a diminuição do rigor da internação compulsória. Para alguns adolescentes foi permitido retornar para o convívio com seus pais no hospital. Como as crianças foram criadas afastadas dos laços familiares gerou-se um novo impasse: pais e filhos não estavam acostumados a conviver.

Este momento foi repleto de conflitos, pois o distanciamentos transformou pais e filhos em estranhos.

A ausência de um trabalho social de aproximação gradativa trouxe consequências severas para ambos os lados.

Com o decorrer dos anos esta lacuna emocional tem sido trabalhada intensamente para amenizar estes conflitos.

Fonte: MEDEIROS, Helena Thomassim (2015).

Em comparação a outros textos do Memorial, o citado aqui apresenta, além de dados importantes, uma crítica a vida que foi imposta aos moradores do HCI e a como este isolamento ainda influencia na trajetória privada de muitas pessoas. Os pais perderam a infância e o desenvolvimento dos filhos, as crianças cresceram sem conhecer suas origens, muitos passaram por momentos difíceis dentro e fora do Amparo Santa Cruz e não tiveram nem ao menos uma família a qual os confortasse. São marcas muito grandes, que não podem ser apagadas ou ignoradas, por mais que tenhamos a tendência de “amenizar” o passado, estas são questões do nosso presente que precisam ser pensadas, questionadas, criticadas, para que não voltem a ocorrer no futuro.

O outro texto “52.3 Os Causos do Amparo Santa Cruz” acaba sendo mais leve, no sentido de que busca mostrar como, mesmo com todas as restrições impostas, o amor pelos

filhos e a vontade de estarem juntos conseguiu prevalecer em alguns momentos. O texto se divide em 02 (dois) “causos”, sendo que o primeiro “52.3.1 Causo 1 – As Vacas Doadas” conta sobre uma paciente que ao ir visitar os 05 (cinco) filhos no Amparo percebeu que estavam mais magros, descobrindo que havia pouco leite na instituição, foi até a Direção do HCI para falar do ocorrido e assim foram enviadas 02 (duas) vacas leiteiras para as crianças do Amparo.

O texto “52.3.2 Causo 2 – O Rapto das Crianças do Amparo” também é muito interessante pois conta que a mesma paciente, protagonista da história anterior, no verão, queria que seus filhos pudessem desfrutar da praia na beira da Lagoa dos Patos, da qual se tem acesso pelo Hospital. Como os filhos não podiam visitá-los, ela e outros pacientes, pais de crianças que estavam no Amparo, resolveram ir buscá-los. Tendo um deles um carro – Fusca – convenceram alguns guardas, fizeram 03 (três) viagens e trouxeram cerca de 15 (quinze) crianças, sendo estas levadas para a beira da praia para que as Irmãs não descobrissem. Usaram uma lona para armar um acampamento, levaram uma vaca leiteira e pescaram, os pais se revezavam para cuidar deles. O trecho final diz: “Houve muita brincadeira, banhos de praia, jogo de bola, mas acima de tudo aconteceu um encontro entre pais, filhos e amigos. A festa durou cerca de dez dias, mas certamente muito mais na lembrança de todos.” (MEMORIAL HCI, [2017?].)

Serres, ao falar sobre o isolamento, menciona que “Apesar de todo o sofrimento que representou, para a maioria, esta decisão, nas lembranças dos entrevistados existe esta tentativa de construir uma positividade sobre suas experiências.” (SERRES, 2009, p.166). Podemos dizer que os causos citados também se relacionam a essa ideia, posto que buscam abordar a relação entre pais e filhos, tão complexas devido as restrições impostas a ambos, na forma de anedota, na qual era possível burlar as regras do isolamento. Segundo os textos, as histórias são reais e foram escritas conforme a entrevista relatou. Pode ser que sejam reais e que além destas hajam milhares de outras. A escrita também é divertida e leve, trazendo ao visitante uma sensação “agridoce” ao final da visita.

Roque (2010) comenta que: “A exposição, a face visível museu, é a consequência dessa escolha redutora e artificial, exercida segundo critérios subjetivos, através da qual constrói uma ficção, uma representação truncada da realidade.” (ROQUE, 2010, p.50). Sobre esta perspectiva o Memorial apresenta uma ficção na qual os pacientes são personagens ativos dentro da exposição, como se tivessem a possibilidade de contar ao visitante sua versão da história. Todavia, ao analisarmos a origem destes objetos e as informações associadas percebemos que poucos passaram de fato por um processo de seleção, apropriação e significação por parte dos

moradores. Sendo assim, o espaço de memória apresenta uma narrativa na qual podemos perceber fortemente a influência de seus organizadores.

Gonçalves afirma que ao desenvolvermos um trabalho de eliminação das ambiguidades, ou seja, a formação de um discurso unificador, podemos colocar em risco o poder das ressonâncias, posto que:

Objetos materiais e técnicas corporais [...] não precisam ser necessariamente entendidos como simples “suportes” da vida social e cultural [...] Mas podem ser pensados, em sua forma e materialidade, como a própria substância dessa vida social e cultural. [...] os objetos fazem parte de um sistema de pensamento, de um sistema simbólico, mas deixam em segundo plano o fato de que eles existem na medida em que são usados por meio de determinadas “técnicas corporais” em situações sociais e existenciais (e não apenas em termos conceituais e abstratos). Eles não são apenas “bons para pensar”, mas igualmente fundamentais para se viver a vida cotidiana. (GONÇALVES, 2005, p.22-23)

Talvez esteja nesta relação com a “vida cotidiana” a grande dificuldade para espaços de memória como o Memorial HCI, pois este local faz parte de uma rede de significados, ligados ao estigma da lepra, exclusão, conflitos de classes sociais, morte, dor, vida e luta. Mesmo que vinculada ao mundo externo – e aberta a ele, através do Memorial –, o isolamento, ainda presente nesta instituição a afasta de uma “normalização” e de uma reincorporação social. Posto que “[...] a cultura, quando autêntica, não se impõe de fora sobre os indivíduos, mas de dentro para fora, sendo uma expressão da criatividade destes.” (GONÇALVES, 2005, p.31), poderíamos considerar que, se o HCI precisa de um trabalho de memória, é porque a linha cultural que une passado, presente e futuro foi rompida. Nesta perspectiva o Memorial busca refazer esta ligação através dos restos desta história. A senhora Rita comenta que:

[...] o bonito é tu ver o teu morador que fez parte da história chegar e dizer assim: “Dona Rita, eu hoje tenho visitas. Eu posso levá-los para ver as minhas fotos, as nossas fotos? A foto de meu casamento?” Então foram vários os pacientes que me chamaram, tipo assim, eles receberam visita: “Dona Rita, eu tô com visitas. – Está aqui as chaves. – Não, eu quero que a senhora venha junto para contar.” Então, porque eles também querem saber de alguma forma como é que foi a história toda, muitos pacientes não sabem e os poucos que recebem [visitas] fazem questão de mostrar: “Isto aqui foi quando conheci minha namorada, foi quando noivamos, foi quando nos casamos, e aqui estamos nós agora”. Então eles fazem parte, não foi nada construído sem a permissão do paciente, a gente vai começar a juntar coisas e vamos colocá-las aqui, não. O paciente nos deu os objetos para pôr, na verdade nós não saímos à cata de coisas, o paciente foi o nosso doador. (CAMELLO, 2017, inf. verb.)

Esta afirmação pode representar que os moradores valorizam o Memorial, contudo não parecem se sentir “donos” dele. O que restou de uma história de exclusão, preconceito, estigma, retirada de direitos, perseguição e reconstrução de uma vida dentro dos limites de uma

instituição repressora – sobre alguns aspectos de liberdades individuais –, foram alguns poucos objetos escondidos em meio a diversos outros itens sem legendas e histórias sem nomes. Poucas coisas que, sem um olhar atento, passam despercebidas. Sobraram vidas controladas sempre por terceiros, e lembranças de “segunda mão”, em um discurso longe das pessoas que compõem essa história e que ainda estão vivas para contá-la. Todavia, Serres aponta que:

As recordações do isolamento, época em que viveram com uma série de limitações, perda de liberdade, medo, ausências, são memórias difíceis de transmitir pelo caráter emocional que comportam e, muitas vezes, pela ausência de interlocutor. O fato dos filhos terem sido tirados dos doentes logo depois do nascimento ou assim que os pais eram isolados, de alguma maneira promoveu uma ruptura na transmissão geracional. Pelo isolamento, não raro o vínculo familiar acabava sendo desfeito ou nem mesmo chegava a se constituir. (SERRES, 2009, p.164)

Talvez por esta ruptura mencionada pela autora – entre pais e filho, os internados, suas comunidades e famílias –, quem acabou percebendo e “abraçando” a missão de preservar estas histórias foram funcionários do Estado que, bem ou mal, conseguem ter um distanciamento maior, posto que estes espaços não representam seus dramas pessoais. De modo que a ideia de uma vontade de memória “externa” pode acabar sendo a maior esperança de continuidade para estes relatos e vidas. Quando questionada sobre as perspectivas para o futuro do Memorial a senhora Rita afirma:

Queremos muito que continue. Que muitas pessoas conheçam. Na verdade, a gente construiu aquilo, não é uma coisa para a gente, é uma coisa para que as pessoas saibam sobre o que aconteceu no nosso estado, com o número de pessoas, por conta de uma doença. Se não tiver isso, tudo isso se perde. Amanhã passa um trator, constrói um shopping, deu, terminou. Quem vai saber que algum dia 2474 pessoas entraram e viveram ali? Quem vai saber que 143 pequeninos nasceram ali dentro e os pais nunca puderam tocar? Que foram levados direto para o Amparo. Quem vai saber o que é viver num pavilhão entre o ser casado e não ter a sua casinha? Quem vai saber que dentro tinha uma cidade construída para uma doença? Uma cidade com prefeitura, com delegacia, com cadeia, com cemitério, com loja, com igrejas... (CAMELLO, 2017, inf. verb.)

Eles, funcionários e organizadores, apoiaram e se dedicaram a ideia de um Memorial, talvez, isto por si baste para a continuidade de tal ação, todavia, esperamos que alguns aspectos sejam repensados e que os filhos, moradores – tanto ex-hansenianos quanto psiquiátricos – possam se envolver mais, se esta for sua vontade. Contudo, a senhora Rita menciona a opinião dos pacientes/moradores quanto a interação com o público:

Durante a visita não [...] Eles não querem ser vistos, tu quer [sic] no máximo tu tens a foto, mas tipo assim: “Eu não quero falar com ninguém, não quero ver ninguém”.

[...] Eles também não gostam, por exemplo de sentar com vocês a mesa, porque de repente um objeto cai, a mão dele não é firme, então ele te diz assim: “Não, não quero me sentar com eles, porque eu estou cansada de ser um macaco do circo onde todo mundo vinha me olhar”. Quando eu passo com visitas eles fecham as portas e me dizem assim: “Dona Rita, se for a senhora, senhora entra, conversa comigo, fica o tempo que quiser, mas eu não quero estranhos aqui.” (CAMELLO, 2017, inf. verb.)

Esta afirmação nos faz perceber a complexidade das relações que se estabelecem neste espaço, pois o HCI não é apenas um bem patrimonial ou um local de exposição, ele também é a casa que acolhe e a prisão que separa. Estes moradores estão presentes no Memorial e estão presentes em nossas comunidades, todavia não basta que o pesquisador ou visitante queria conhecer e interagir, esta vontade não pode ser externa, mas interna. Outro elemento que, aparentemente, agrada muito o público, além das histórias dos pacientes, é o percurso dentro do Hospital, onde de fato podemos ver esta história, sobre isso a senhora Rita diz que:

O desejo de todos nós é o de poder transitar entre as igrejas. Poder entrar na cadeia e dizer “estás vendo essas doze solitárias? Tu sabe [sic] por que motivos eles iriam presos e ficavam sete dias em uma solitária?” Quais eram os principais motivos por que alguém ia para a cadeia? Te levar para a sala onde era o delegado, onde era o prefeito e dizer assim: esta mesa, esta sala... Te levar para a lavanderia antiga e te dizer: “essa máquina é do período”. Ir para dentro dos espaços e te mostrar o que são os espaços na sua originalidade [...] Que tu pudesse [sic] entrar. O que é uma casinha? Vamos entrar em uma casinha, de que ela é composta. (CAMELLO, 2017, inf. verb.)

Contudo, este não é apenas um espaço museal, não é uma “cidade fantasma”, os visitantes não são, necessariamente, sempre bem-vindos e, no momento, não tem como esta ser uma perspectiva diferente. Possivelmente, o percurso pelo Hospital não foi mais realizado em 2018 por alguma reclamação ou desconforto por parte de pacientes/moradores ou até mesmo do público, não há como afirmar. Todavia, ações de preservação, salvaguarda, documentação e divulgação podem auxiliar a permanência da história do HCI e daqueles que tiveram suas vidas atravessadas pela segregação e isolamento. É preciso que este seja um projeto, em constante aprimoramento, fruto de um processo que une a memória e o trauma, ocasionando tanto homenagens quanto questionamentos.

Ao final das visitas não posso dizer que, de fato, encontrei minha Maria, mas foi possível conhecer e estudar sobre Evas, Loris, Josés, Nelsons, e fiquei muito feliz em encontrá-los. Ao mesmo tempo em que ir ao Memorial HCI, ler entrevistas, ver fotos e documentários com estas pessoas nos faz chorar, também faz sentir e perceber que não há o belo e feio, o sim e não, o lembrar e esquecer, tudo é momentâneo e serve ao nosso presente. Contamos e recontamos histórias para justificar e compreender nossas ações, mas no fundo não há perfeição, somos sempre algo em construção, assim como o passado que não cansa de se refazer e ressignificar.

Um elemento que parece bobo, mas que me fez feliz, ao longo de minha “busca” foi retratado nessa imagem:

Figura 128 - Resto de uma Árvore



Fonte: MEDEIROS, Carolina Thomassim (2017).

A foto foi feita em 2015, em meio ao percurso de visitação do Hospital. Este é um pequeno toco que sobrou do que algum dia foi uma árvore, estava em frente ao cemitério e remeteu a imagem da representação de um corao. Não sei onde minha bisavó está enterrada, sobre sua vida, nem se eu gostaria dela se a conhecesse. Mas ela é parte de mim, assim como algum dia fui parte dela. Essa pequena “sobra” na qual vejo um corao, frente a um cemitério onde tantas pessoas “sem nome” estão enterradas, pode significar todo o amor que sentimos e que elas também sentiram algum dia. Deste modo lembrar é sempre valorizar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O HCI surge, assim como os outros Leprosários construídos no Brasil, com o intuito de segregar pessoas doentes, com hanseníase, pois não havia tratamento eficaz para a enfermidade quando os Hospitais passaram a existir. Seu intuito era livrar as ruas dos doentes e impedir que os sãos se contaminassem. Passaram-se os anos, esta história foi deixada no passado, talvez para ser esquecida, por retomar lembranças tão difíceis que não querem ser recordadas pela vontade política ou popular.

Atualmente o tratamento para a hanseníase se dá de forma ambulatorial em unidades públicas de saúde, a pessoa diagnosticada faz uso da poliquimioterapia de acordo com o estágio da doença e pode estar curada em alguns meses. Mesmo assim, o Brasil ainda é um dos países com mais casos, talvez, reflexo deste processo de esquecimento de um passado de exclusão, muitas pessoas ainda não procuram o tratamento ou não percebem a doença até estar em estágios mais avançados. A palavra “lepra” e seus derivados ainda são muito presentes em nosso cotidiano, fazendo parte de piadas e xingamentos, talvez este “uso impensado” dos termos demonstre os preconceitos ainda tão presentes na sociedade e que se transformam também em um risco a saúde física e psicológica de muitas pessoas.

Devemos refletir sobre o que antigos Leprosários espalhados pelo País se tornam neste espaço entre esquecer e lembrar. Quando não queremos recordar algo, mas também não podemos olvidar, pois aquilo é importante para a nossa formação pessoal, mantemos essas “lembranças indesejáveis” próximas. Escondidas dentro de caixas onde sabemos que estão protegidas, mas que ao mesmo tempo faz com que não precisemos vê-las, e, assim, podemos seguir em frente. A patrimonialização de lugares como o HCI, muitas vezes, reflete este mesmo processo, pois são lembranças que precisamos salvaguardar, mas que mesclam alegria e tristeza de uma forma tão incômoda que preferimos manter a uma certa distância para que, quando preciso, saibamos onde encontrar. Seria errado patrimonializar, eternizar (do ponto de vista fugaz da vida humana) lembranças tristes?

Muitas vezes encontrei ao apresentar este trabalho pessoas que disseram não gostar da ideia de um memorial como o do HCI e que não teriam interesse em visitar este tipo de instituição. Se esta visão está certa ou errada não há como afirmar, porque, geralmente, ao pensarmos em museus e espaços culturais buscamos algo que nos distraia de nosso cotidiano. Ir em lugares onde vidas foram isoladas, representa justamente o contrário, pois denota uma preocupação com as injustiças do mundo. Contudo, se o patrimônio é bom para agir, aí está um excelente elemento de ação, que busca lembrar esses esquecidos. Se não valorizarmos espaços

como estes hospitais colônia agora, estamos fadados a cometer repetidamente os mesmos erros: insistir em mecanismos de exclusão, em perseguições, isolamentos, estigmatizando pessoas, não tendo empatia ou compreensão com o próximo.

Nesta perspectiva uma abordagem que seria interessante de se aprofundar futuramente é a relação entre nossa vontade, enquanto sociedade, de preservar o belo e de “esquecer” o feio. Deste modo, poderíamos questionar se um dos aspectos que leva ao estranhamento quanto a preservação de antigos Leprosários e espaços de exclusão, não se relaciona as deformidades ligadas a hanseníase e a incompreensão do “louco”, reafirmando seu isolamento, tanto em vida quando na morte.

A relação entre o homem e a cultura material é uma discussão complexa, que associa o mundo físico e visível à imaterialidade criada pelo ser humano, da qual ele também faz parte. Acrescido a este conflito está a relação entre memórias de exclusão e o estigma de uma doença milenar. Sendo assim, no Memorial HCI temos uma profusão de sentimentos e representações, aos quais cabem múltiplas interpretações, e a visão proposta nesta dissertação torna-se uma forma de perceber, que pode ser refutada.

No decorrer deste processo de escrita e análise diversas modificações foram feitas na proposta de trabalho, as dificuldades enfrentadas, levando em consideração as limitações impostas pela própria instituição, também foram responsáveis pela forma como estudo se desenvolveu. Havia uma preocupação muito grande com a metodologia que seria utilizada, pois não foram encontrados muitos materiais que pudessem auxiliar na análise de uma exposição já montada. O uso de descrições, quadros, tabelas e gráficos teve como objetivo sanar um déficit informacional sobre a instituição, tendo em vista que não foram encontrados documentos que definissem nitidamente os objetivos do Memorial e que o acervo exposto nunca foi catalogado.

Deste modo, a diferenciação das materialidades percebidas dentro do Memorial entre objetos testemunho e cenográficos visou a criação de uma categoria que facilitasse a análise destes bens. O termo “objetos cenográficos” foi escolhido para representar elementos criados ou trazidos pelos organizadores do Memorial, que não apresentavam uma relação direta com os pacientes/moradores.

Houve o cuidado de que as opiniões expostas pudessem ter elementos objetivos nas quais se embasassem, tendo em vista a relação pessoal e subjetiva que uma análise sugere. E, apesar de ser perceptível que este trabalho teria tomado outros rumos se as condições fossem favoráveis, buscamos abranger diversas questões.

Em relação ao problema proposto no começo deste estudo, percebemos que o discurso do Memorial é construído por meio da **mediação** – que se divide entre a palestra realizada e o

percurso guiado no interior do prédio –, as **materialidades** – o prédio que abriga a exposição e os objetos testemunho e cenográficos – e dos **textos** expositivos. O primeiro, por dificuldades que surgiram no decorrer da pesquisa, não pode ser amplamente analisado, mas, de certa forma, faz parte da minha própria compreensão sobre o espaço. O segundo e terceiro, buscamos compreender e apresentar ao leitor no que consistiam e, posteriormente, problematizar através de subtítulos.

Dentro das concepções alcançadas neste processo observamos que, apesar de o Memorial HCI estar dentro das dependências do Hospital, ele se distancia dos pacientes/moradores, levando em conta sua localização “privilegiada” em uma casa, de dois andares e sótão, destinada as freiras, que representavam o poder, ao invés de estar em uma casa simples que já fora habitada pelos pacientes, e que serviria também para mostrar como era a vida destes. Os objetos expostos, apesar de fazerem parte da trajetória da instituição, parecem ser fruto, em sua maioria, de um processo de seleção realizada por funcionários e não pelos moradores do local, que seriam os principais envolvidos nesta história.

O discurso e a mediação também se distanciam dos moradores, posto que, quem estabelece a narrativa não são eles, mas sim funcionários do Hospital que tentam transmitir ao público histórias de vida que não são suas. Nas últimas vezes em que se presenciou o percurso pelos prédios do HCI os moradores foram acompanhados por guardas atentos que possibilitavam o contato do visitante com os mesmos apenas quando este fazia parte da performance do Memorial. Sendo assim, há uma liberdade controlada de todos os lados.

Sugere-se que os objetos, nesta exposição, não são utilizados como suportes de memórias, mas instrumentos para a montagem de um discurso institucional pois percebemos que, mesmo sendo parte do cotidiano dos moradores do HCI, estes e suas trajetórias pessoais são apresentados em breves momentos.

A coleta e análise de dados também aponta que, apesar do público identificar a história de vida dos moradores do Hospital como tema norteador deste espaço de memória, o que realmente observamos com maior frequência nas materialidades e textos expostos é a presença do eixo temático “História do HCI”. Porém, devemos considerar que a mediação atua fortemente na montagem de um discurso que revela, por meio de pequenas histórias de vida, um aspecto mais “humano” das escolhas expográficas, e, deste modo, pode influenciar na percepção que o visitante tem da exposição.

Quanto aos textos expositivos, um fato que se destaca é que os únicos que trazem as falas dos pacientes/moradores do HCI são os *banners* do CEDOPE, que mesmo representando uma seleção das entrevistas, buscam a percepção das pessoas que compõe essa história.

Enquanto os textos próprios do Memorial apresentam uma visão mais institucional ou mesmo acadêmica, com narrativas pessoais contadas por meio de relatos dos entrevistadores e não dos entrevistados.

Observou-se que as escolhas expográficas do Memorial comunicam ao público um passado, apesar de triste, em relação a exclusão, sem grandes conflitos, onde as falas e as vidas individuais dos pacientes/moradores ficam em segundo plano diante da visão institucional. A narrativa proposta demonstra ser focada na utilização do HCI enquanto Leprosário e na própria história da hanseníase e da saúde, tendo em vista que essa também se relaciona com sua trajetória. Os pacientes do setor psiquiátrico ganham pouco destaque, mesmo que pequenas mudanças tenham sido percebidas em relação a palestra vistas entre os anos de 2015 e 2018, são sempre colocados como grupo, não individualmente. Há também muitos elementos expostos por se relacionarem com locais e grupos próximos geográfica ou historicamente ao Hospital, contudo, este excesso de temáticas, quando não desenvolvida faz com que o público não compreenda tal relação, parecendo uma “ruptura” no circuito proposto.

Há uma grande quantidade de objetos no Memorial com sentidos ocultos, que o visitante não consegue perceber sozinho, e a falta de legenda dificulta muito esta relação. Mas, também existem muitos itens que, infelizmente, não tem sentido algum a não ser o de enfeitar as paredes. Talvez seu intuito esteja em criar cenários para a exposição, contudo, o que noto e o estudo de público aponta, é que este excesso de materialidade distrai o visitante e prejudica, de alguma forma, a percepção de itens realmente ligados a trajetória dos pacientes/moradores do HCI.

Estas conclusões nos levam a questão: quem são os detentores do poder sobre o discurso construído? Os doadores e os envolvidos com o HCI não se fazem presentes, a não ser como cenário para abordar a hanseníase. Mas, devemos entender que a doença fez parte de suas vidas e as modificou, porém, ela não representa a completude destas trajetórias.

Deste modo, quem cria os discursos do Memorial são os organizadores, mediadores e funcionários que se relacionam com o local. O discurso dos heróis demonstra uma preocupação em associar o HCI à nomes de pessoas reconhecidas por seus trabalhos, prática comum em muitos espaços de memória, contudo, talvez ao enaltecer uma figura pública se perca a chance de descobrir mais sobre os pacientes/moradores e mesmo servidores, que se relacionam com esta instituição. O discurso nostálgico por sua vez ameniza em alguns pontos os problemas do passado e, pode trazer, a perspectiva de percebermos este local de exclusão como um lar, o que pode ser uma verdade, mas não a única. A ideia de uma caridade cristã também é recorrente na exposição, apesar de não ser tão enfatizada nas mediações, é percebida através de diferentes objetos expostos.

Os discursos percebidos demonstram a necessidade de uma revisão constante dos conteúdos que são transmitidos nos espaços de memória, para que a problematização possa também trazer a oportunidade de repensarmos o passado e construir um futuro, talvez, com menos certezas, mas com maior senso crítico, onde sejamos capazes de perceber nossas limitações e buscar superá-las.

Outro aspecto que pode ser indagado é: onde estão os nomes, as histórias pessoais destas pessoas na narrativa do Memorial HCI? Podemos encontrar estes pacientes/moradores apenas nos textos e nas mediações, posto que, mesmo as imagens expostas, sem informações complementares não são capazes de suscitar “dados”, apenas sentimentos. O que vemos destas pessoas são sempre discursos construídos sobre eles e não suas próprias palavras.

No Memorial HCI os objetos testemunhos, muitas vezes, não comunicam nada ao visitante. A cenografia, e isso inclui principalmente os objetos cenográficos, deixam fortes impressões e atraem a atenção do público, porém, necessitam ser problematizados para que suscitem reflexões. Deste modo, creio que a hipótese da teatralização desta história através das escolhas expográficas feitas corrobora sim com o que foi averiguado, posto que a comunicação é feita, quase que exclusivamente, pela mediação, tendo em vista a falta de padronização dos textos expositivos e o tempo controlado da visita, isto faz com que a instituição, seus funcionários e organizadores, sejam os detentores das histórias dos pacientes e formulem o discurso oficial. Os mediadores e principalmente os organizadores tornam-se a personificação do acervo, e por este motivo sem sua mediação não há exposição concreta das vidas dos moradores. Contudo, a teatralização do passado, o uso de elementos relacionados à história oficial e as visitas guiadas em circuito fechado são escolhas e fazem parte do recorte pelo qual a instituição optou.

No fim, o que podemos perceber é que a vida e as histórias destes pacientes nunca estiveram realmente em suas mãos, pois sempre foram vítimas de mecanismos de controle que se impuseram. Hoje, podemos ver este controle, na seleção e construção de suas memórias e histórias, “oficializadas” nas representações elaboradas pelo Memorial, que através de informações breves, anonimato e amenização dos problemas sociais, os quais o HCI tem potencial para representar, constrói novamente uma “bela” história, no qual os pobres e desamparados leprosos são acolhidos por almas generosas que lhes estendem a mão. O poder de suas vidas que antes estavam sob controle do Estado e das Irmãs, hoje converte-se em poder sobre suas memórias, que está na mão de pessoas que querem ajudar, mas que ao mesmo tempo retiram o protagonismo destas pessoas de suas próprias histórias.

Sendo assim, poderíamos questionar: o que se pretende com este Memorial? Qual é seu objetivo? As histórias dos pacientes/moradores fazem parte de seu enfoque? Segundo as falas dos organizadores a pretensão seria de apresentar as memórias do HCI, todavia, há um forte controle na visão do passado que será mostrada, tendo em vista que apresentar a trajetória de uma instituição não é o mesmo que preservar a memória do local, pois essa não está em materialidades, mas na vida e nas histórias individuais daqueles que presenciaram esses acontecimentos.

A partir da análise de textos e materialidades o que percebemos é que o foco do discurso construídos neste espaço de memória não seriam as pessoas, mas a instituição que abriga pessoas, sendo a mediação o recurso escolhido para “dar vida” aos elementos expográficos. Creio que ainda haja muito o que ser feito, não só neste, mas em diversos outros espaços de memória, para que a “voz” da população, dos grupos marginalizados e excluídos de nossa sociedade possa ser ouvida, contudo a existência do Memorial HCI cria e preserva essa possibilidade para o futuro.

Uma sugestão proposta, e comentada anteriormente, para sanar a falta de participação dos pacientes/moradores na exposição, seria o uso de vídeos feitos pela própria instituição ou fruto de outras iniciativas, que mostrem diferentes olhares e opiniões sobre o passado retratado no Memorial. Este recurso também poderia auxiliar nas mediações pois instituiria um recorte mais padronizado e garantiria que as mesmas histórias fossem contadas independentemente de quem fosse o guia.

A materialidade presente no Memorial HCI pode ser um fio condutor para diversas interpretações, aprendizados e reflexões, contudo é preciso que, não só o visitante esteja disposto a vivenciar tais experiências, mas que a construção expográfica e a performance museal deste local se mostrem receptivas à diversidade. Com a participação mais ativa de moradores, visitantes e organizadores, creio que este espaço de memória apresentaria potencial para tornar-se um sociotransmissor destas memórias e canalizador para discussões sobre a repressão e a exclusão de diferentes grupos, tanto do passado quanto do presente.

Nesta perspectiva o uso dos cartões-postais, citados anteriormente, na exposição do Memorial poderia ser um elemento de discussão quanto ao próprio papel que o HCI ainda desempenha, colocando também a importância da aprovação das leis na vida das pessoas, tendo como exemplo o internamento compulsório imposto aos moradores ex-hansenianos e a concessão de pensão aos ex-internos, percebendo que ambas afetaram e afetam muitas vidas. Ao se aprofundar nestes temas este espaço de memória poderia trazer diferentes olhares sobre

o passado, tornando-se mais politizada em alguns aspectos e reafirmando a importância de direitos.

Este Memorial tem a potencialidade de ser palco de lutas sociais e assim também transformar sua patrimonialidade latente em patrimonialização, no sentido de ser reapropriado pela sociedade. Considerando a procura de descendentes e pessoas relacionadas aos internos e ex-internos do HCI ao espaço de memória em questão, percebemos aí um interesse e uma possível aptidão deste local vinculado ao direito à memória.

A resistência da história através dos objetos hoje vincula-se também a um espaço de memória e ao trabalho que este desenvolve. Buscando encontrar as ressonâncias necessárias para que possa permanecer é preciso estar em constante processo de transformação, apropriação e escuta do outro, seja este o paciente, o visitante ou a sociedade.

Outra questão que surge é a dos limites impostos para a existência e funcionamento de um espaço de memória ativo dentro da estrutura de um hospital em funcionamento. Apesar da senhora Rita, na entrevista de 2017 comentar que seria interessante poder realizar a visita utilizando todo o espaço do HCI, questão com a qual concordo plenamente, também levamos em conta que esta é a casa de muitas pessoas, que podem se sentir expostas.

Não podemos dizer que o que há no prédio do Memorial basta para contar esta história, mas algumas escolhas de elementos, prejudicam a observação. É importante realizar uma seleção maior dos itens expostos, especialmente as reproduções de imagens e objetos nos corredores, criando uma reserva técnica ou alternando temáticas na exposição. Entretanto, sabemos que isto exigiria um trabalho diário e não somente boa vontade, sendo assim, apenas podemos desejar e esperar que estas atividades, assim como a documentação dos objetos, possam ser desenvolvidas com a entrada de uma funcionária específica para o Memorial. Devemos ressaltar que este espaço de memória é riquíssimo e a inserção de museólogos, historiados, conservadores, antropólogos, biólogos, turismólogos, entre outros profissionais, poderia aumentar e melhorar muito a exposição e todo o trabalho de preservação que pode ser feito neste Hospital.

Ao mesmo tempo, a ideia de um Memorial no HCI torna-se contraditória a medida em que percebemos as mudanças que ocorreram no próprio percurso expográfico. Pois, apesar de haver uma vontade de preservação e exposição destas histórias, ainda há pessoas vivendo neste Hospital. E, o simples fato de realizarmos uma caminhada “turística” pelo local deve causar certo desconforto aos pacientes/moradores que, concordando ou não, acabam por ter suas vidas expostas. Este impacto ainda é reforçado quanto tentamos fazer um exercício de empatia e compreender que as vidas deles foram tuteladas, durante muitos anos não tiveram a liberdade

de escolher onde morar, com quem se relacionar, como criar seus filhos ou por onde transitar sem a autorização dos dirigentes desta instituição.

Esta discussão torna-se muito complexa pois, como pesquisadora, acho este local muito interessante e adoraria ver muitas atividades culturais ocorrendo ali, diversificante e explorando as várias possibilidades de temas. Porém, como pessoa, e parente de ex-moradores, creio que tais ações só poderiam ocorrer se todos os pacientes e moradores concordassem e pudessem ter a opção de participar, se assim desejassem.

A relação que estabelecemos, enquanto público do Memorial, com os pacientes/moradores é dúbia, ao mesmo tempo em que queremos saber de suas vidas e explorar o local, podemos ficar incomodados com o toque, berros, ações bruscas, aparência ou com a exposição deles. Todos os visitantes demonstram se incomodar? Não, mas não temos como prever como será a reação de cada pessoa e expor um paciente a qualquer ação negativa, pode ser muito complicado. Assim como citei anteriormente, houve apenas uma visita na qual me senti confortável em relação aos pacientes, pois eles vieram nos encontrar na caminhada e conversaram, não tivemos que “invadir” suas casas.

Considerando que algumas das críticas feitas à escolhas e textos expográficos do Memorial HCI, no decorrer do trabalho, tem como base informações retiradas de dissertações e teses escritas por pessoas que participaram do CEDOPE, e que, segundo a entrevista de 2017 com a senhora Rita, não sobrou praticamente nada do acervo coletado nesta iniciativa, seria muito interessante e útil a este espaço de memória entrar em contato com tais pessoas, realizar palestras ou rodas de conversa com elas, descobrir se possuem cópias destes acervos, gravações ou transcrições de entrevistas, fotos, documentos, etc. Esta ação poderia proporcionar um enriquecimento significativo ao Memorial, posto que estes pesquisadores também fizeram parte de sua história e apresentam em seus textos perspectivas interessantes e, muitas vezes, críticas em relação ao Hospital, fato que incentivaria a pluralidade de narrativas a serem expostas e problematizadas na exposição.

Com a retirada da visita ao interior da cidade/hospital, enquanto recurso do próprio percurso museal, sugiro que, se possível, seja utilizado o documentário “A Cidade” e a visita ou indicação do site “A Cidade Inventada”. Posto que, o público que frequenta o Memorial, geralmente, tem grande interesse ou curiosidade sobre a vida dentro do HCI, e, a fim de não perturbar ou constranger os moradores, poderiam ser utilizados tais recursos dentro deste espaço de memória.

Neste trabalho visei analisar as escolhas expográficas do Memorial HCI, todavia, minhas críticas e considerações em nada diminuem o trabalho realizado pelos organizadores

deste espaço. Por mais que eu, enquanto pesquisadora, museóloga, visitante e familiar de pessoas que moraram no HCI, preferisse que essa iniciativa brotasse dos moradores e seus descendentes, devo reconhecer que, talvez, esta não seja a prioridade na vida destas pessoas. É provável que muitas nem queiram lembrar ou guardar os restos desta história. Desta forma, o trabalho destes funcionários públicos acaba sendo o de manter uma memória, que não é sua, mas que precisa ser lembrada pela sociedade para que não se repita. Dando visibilidade a esta história eles estão disseminando conhecimento e informações, por uma iniciativa própria, eles continuam preservando essas vidas.

Como citado ao longo do trabalho há diferentes enfoques que poderiam ser estudados abordando o Memorial e o HCI enquanto patrimônio, entre estas a análise lexical dos textos expositivos; um estudo de público mais abrangente; entrevistas com os pacientes/moradores; pesquisas sobre as diferentes iniciativas de preservação, entre essas o CEDOPE; o uso deste Hospital como estudo de caso sobre a reelaboração de memórias traumáticas dentro de políticas governamentais; entre outras problemáticas que poderiam ser exploradas.

O próprio processo de patrimonialização ou esquecimento dos antigos Leprosários espalhados pelo Brasil é um tema que eu gostaria de abordar no futuro, com a finalidade de perceber quais aspectos valoramos enquanto sociedade e como percebemos o que deve ser preservado ou não.

Espero que essa dissertação possa ser útil a estudos futuros sobre o HCI e o Memorial desta instituição, percebendo que a própria pesquisa pode se tornar um instrumento de divulgação e de preservação desta história. Com este objetivo foram elaborados apêndices e anexos com fichas sobre os espaços identificados e com os textos expositivos utilizados nesta pesquisa.

Ao final desta jornada percebemos que o trabalho de preservação e divulgação da história vinculada ao HCI cria possibilidades, o que é uma valorização deste passado. Compreendemos que os objetos, restos materiais da existência humana, se tornam importantes a medida em que resistem ao tempo, e essa resistência ganha uma nova simbologia quando associado a um local que resiste ao esquecimento, a pessoas que resistem ao estigma e aos afetos que resistiram a exclusão. A esperança de que essa trajetória possa ser lembrada no futuro perpassa a relação entre a materialidade dos bens e a imaterialidade vinculada aos diferentes sentimentos e histórias de vida. Lembrar nos possibilita conhecer e questionar, desta forma, reelaborando o presente para que sirva bem ao amanhã.

REFERÊNCIAS

- A CIDADE Inventada. *Motivação do Diretor*. Disponível em: <<http://www.acidadeinventada.com.br/#motivation>>. Acesso em: 27 de mar. de 2018.
- ALMEIDA, Angela Prada de. Realismo e Fotografia: Dioramas de Hiroshi Sugimoto do Museu de História Natural de Nova Iorque. In: *Museologia & Interdisciplinaridade* v.1, n.2. 2012. p.114-133.
- AMORA, Ana Albano. Utopia ao avesso nas cidades muradas da hanseníase: apontamentos para a documentação arquitetônica e urbanística das colônias de leprosos no Brasil. In: *Cadernos de História da Ciência*: Instituto Butantan. Vol.5. 2009. p.23-53
- AXT, Gunter. A Função Social de um Memorial: a Experiência com Memória e História no Ministério Público. In: *Revista Méti*s: História & Cultura. v. 12. n. 24. jul./dez. 2012. p. 64-87. Disponível em: <<http://www.uces.br/etc/revistas/index.php/metis/article/view/2338/1395>>. Acesso em: 10 de jun. de 2017.
- BARCELLOS, Jorge. *O Memorial como instituição no sistema de museus: Conceitos e práticas na busca de um conteúdo*. Versão modificada da palestra apresentada no Fórum Estadual de Museus, Porto Alegre, 1999. Disponível em: <http://lproweb.procempa.com.br/pmpa/prefpoa/camarapoa/usu_doc/concmemor.pdf>. Acesso em: 25 de mar. de 2019.
- BARDIN, Laurence. *Análise de Conteúdo*. Tradução de: Luís Antero Reta e Augusto Pinheiro. Lisboa: Edições 70. 1977. 226p.
- BELEI, Renata Aparecida; GIMENIZ-PASCHOAL, Sandra Regina; NASCIMENTO, Edinalva Neves; MATSUMOTO, Patrícia Helena Vivan Ribeiro. O uso de entrevista, observação e videogravação em pesquisa qualitativa. In: *Cadernos de Educação*. Pelotas. 2008. p.187-199. Disponível em: <<https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/caduc/article/view/1770/1645>>. Acesso em: 10 de jun. de 2018.
- BERGSON, Henri. *Matéria e Memória*: Ensaio sobre a relação do corpo com o espírito. [1896]. Tradução de: Paulo Neves. São Paulo: Martins Fontes. 1999. p. 59-107.
- BÍBLIA Sagrada: Edição Pastoral. Tradução de: Ivo Storniolo e Euclides Martins Balancin. São Paulo: Paulus. 2002. 1629 p.

BICCA, Paulo. Arquiteto Theo Wiederspahn: um eclético no sul do Brasil. In: *Letras de Hoje*. Porto Alegre, v. 45, n. 4. 2010. p. 48-53. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fale/article/view/8553/6067>>. Acesso em 28 de nov. de 2017.

BORGES, Viviane Trindade. A loucura herda um espaço deixado pela lepra: fragmentos de história oral com os pacientes-moradores do Hospital Colônia Itapuã. In: *História Unisinos*. 2006. p. 99-105. Disponível em: <<http://revistas.unisinos.br/index.php/historia/article/view/6174>>. Acesso em: 27 de nov. de 2017.

BORGES, Viviane Trindade. Projeto CAR: o Centro Agrícola de Reabilitação do Hospital Colônia Itapuã. In: *Boletim da Saúde*. Rio Grande do Sul, v.16, n.2, 2002, p. 116-124. Disponível em: <<http://www.boletimdasaude.rs.gov.br/conteudo/1207/projeto-car:-o-centro-agricola-de-reabilitacao-do-hospital-colonia-itapua>>. Acesso em: 30 de set. de 2017.

BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade: Lembrança de velhos*. São Paulo: Companhia das Letras. 1985. p. 37-70.

BRASIL, Lei nº 9.010, de 29 de março de 1995. Dispõe sobre a terminologia oficial relativa à hanseníase e dá outras providências. *Diário Oficial da União*, Brasília, DF, 30 de março de 1995. Seção 1. p. 4509. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9010.htm>. Acesso em: 15 de set. de 2017

BRASIL. Lei nº 11.520, de 18 de setembro de 2007. Dispõe sobre a concessão de pensão especial às pessoas atingidas pela hanseníase que foram submetidas a isolamento e internação compulsórios. Conversão da Medida Provisória nº373, de 2007. *Diário Oficial da União*, Brasília, DF, 19 de setembro de 2007. Seção 1. p. 1. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2007/Lei/L11520.htm>. Acesso em: 18 de ago. de 2017.

BRASIL, Lei nº 11.904, de 14 de janeiro de 2009. Institui o Estatuto de Museus e dá outras providências. *Diário Oficial da União*, Brasília, DF, 14 de janeiro de 2009. p.09. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2009/lei/11904.htm>. Acesso em: 12 de out. de 2018.

BRUNO, Maria Cristina Oliveira. “Museus e Pedagogia Museológica: os caminhos para a administração dos indicadores da memória.” In: *As várias faces do Patrimônio*, por LEPA. Santa Maria: LEPA/UFSM, 2006. p.119-140.

CAMELLO, Rita Sosnoski. Entrevista 01: 27 de ago. de 2015. Entrevistador: Helena Thomassim Medeiros. Porto Alegre, 2015.

CAMELLO, Rita Sosnoski. Entrevista 05: 12 de nov. de 2018. Entrevistador: Helena Thomassim Medeiros. Porto Alegre, 2018.

CAMELLO, Rita Sosnoski. Entrevista 04: 24 de nov. de 2017. Entrevistador: Helena Thomassim Medeiros. Porto Alegre, 2017.

CAMELLO, Rita Sosnoski; LUCAORA, Marco Antonio. Entrevista 01: 27 de ago. de 2015. Entrevistador: Helena Thomassim Medeiros. Porto Alegre, 2015.

CAMP. *EcoSol e PopRua*. [2018?]a. Disponível em: <<http://camp.org.br/ecosol-e-poprua-conectando-vivencias/>>. Acesso em: 27 de mar. de 2018.

CAMP. *O CAMP*. [2018?]b. Disponível em: <<http://camp.org.br/sobre-o-camp/>>. Acesso em: 27 de mar. de 2018.

CAMP. *Autonomia e Resistência do Movimento Nacional de População em Situação de Rua nas Práticas em Economia Solidária*. 2017. Disponível em: <<http://camp.org.br/2017/12/13/autonomia-e-resistencia-do-movimento-nacional-da-populacao-em-situacao-de-rua-nas-praticas-em-economia-solidaria/>>. Acesso em 27 de mar. de 2018.

CANDAU, Joël. *Memória e Identidade*. Tradução de: Maria Letícia Ferreira. 1ed., 3º reimpressão. São Paulo: Contexto, 2016, 224 p.

CAREGNATO, Rita Catalina Aquino; MUTTI, Regina. Pesquisa Qualitativa: Análise de Discurso Versus Análise de Conteúdo. In: *Texto Contexto – Enfermagem*. Florianópolis. 2006. p.679-684. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/tce/v15n4/v15n4a17.pdf>>. Acesso em 13 de abril. de 2018.

CARLAN, Cláudio Umpirre. Constantino e as transformações do Império Romano no século IV. In: *Revista de História da Arte e Arqueologia*. Campinas, São Paulo. n.11. 2009. p. 27-35. Disponível em: <<http://www.unicamp.br/chaa/rhaa/downloads/Revista%2011%20-%20artigo%202.pdf>>. Acesso em: 20 de jan. de 2019.

CASTRO, Adler Homero Fonseca de. *O que é o memorial?* 2006. Disponível em: <<http://www.memorial.mppr.mp.br/arquivos/File/Memorial.pdf>>. Acesso em 11 de julho de 2017.

CHAGAS, Mário de. Memória e Poder: dois movimentos. In: *Cadernos de Sociomuseologia*. n.19, 2002. p.35–67.

CHARTIER, Roger. O mundo como representação. In: CHARTIER, Roger. *A Beira da Falésia: a história entre certezas e inquietude*. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2002. p. 61-79.

COHEN, Dominique Raquel. *Cenografia para Além do Teatro*. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Interunidades em Estética e História da Arte da Universidade de São Paulo, como requisito para a obtenção do título de Mestre em Estética e História da Arte. São Paulo. 2007. 124p. Disponível em: <<http://livros01.livrosgratis.com.br/cp026916.pdf>>. Acesso em: 17 de jun. de 2018.

CONDEPAAT. Bens Tombados. *Antigo Asilo Colônia Aimorés*. Disponível em: <<http://condephaat.sp.gov.br/benstombados/antigo-asilo-colonia-aimores/>>. Acesso em: 26 de mar. de 2017.

CUNHA, Ana Zoé Schilling da. *Hanseníase: A História de um Problema de Saúde Pública*. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional - UNISC. Universidade de Santa Cruz do Sul, 1997, 101p.

DEBARY, Octave. *Antropologia dos Restos: da lixeira ao museu*. Tradução de: Maria Leticia Mazzucchi Ferreira. Pelotas: Um2. 1ed. 2017. 137p. Disponível em: <<https://wp.ufpel.edu.br/ppgmp/files/2016/11/Antropologia-dos-Restos.pdf>>. Acesso em: 20 de dez. de 2017.

DEBARY, Octave. Déchets et Mémoires: Que Faire des Restes de L’histoire? De la Poubelle au Musée. In: *Revista Morpheus - Estudos Interdisciplinares em Memória Social*. Rio De Janeiro, v. 9, n. 16. 2016. p.02-13. Disponível em: <<http://www.seer.unirio.br/index.php/morpheus/article/view/6159/pdf>>. Acesso em: 20 de ago. de 2017.

DEBARY, Octave. Yard Sales: A Book and an Exhibition: From Selling Off Objects to Redeeming Memory. In: *Culture Unbound*, Volume 7, 2015. p.123-142. Disponível em: <<http://www.cultureunbound.ep.liu.se/v7/a08/cu15v7a08.pdf>>. Acesso em: 10 de maio de 2017.

DESVALLÉES, André. Uma Virada da Museologia. In: *Anais do Museu Histórico Nacional*. Rio de Janeiro. v.47. 2015. p.49-68. Disponível em: <<http://www.cultureunbound.ep.liu.se/v7/a08/cu15v7a08.pdf>>. Acesso em: 10 de maio de 2018.

DESVALLÉES, André; MAIRESSE, François. (ed.) *Conceitos-chave da museologia*. SOARES, Bruno Brulon; CURY, Marília Xavier (trad.). São Paulo: Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus, Pinacoteca do Estado de São Paulo, Secretaria do Estado da Cultura, 2013, 100 p.

DJAVAN. Estória de Cantador. In: Djavan. *Djavan*. EMI-Odeon. 1978. Faixa 8. 1/2. LP. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=sMcS2t_7Fe8>. Acesso em 26 de fev. de 2019.

DOHMAN, Marcus. A Experiência Material: A Cultura do Objeto. In: *A Experiência Material: A Cultura do Objeto*. Rio de Janeiro: Rio de Janeiro Books. 2013. p.31-46.

DOHMAN, Marcus. O Objeto e a Experiência Material. In: *Arte & Ensaios*. n.20. 2010. p.71-77.

EIDT, Leticia Maria. Breve história da hanseníase: sua expansão do mundo para as Américas, o Brasil e o Rio Grande do Sul e sua trajetória na saúde pública brasileira. In: *Saúde e Sociedade*. v.13, n.2, 2004, p.76-88. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-12902004000200008&script=sci_abstract&tlng=pt>. Acesso em: 30 abril de 2017.

FAUSTO, Boris. *História do Brasil*. 2ed. São Paulo: EDUSP, 1995, 653p.

FONSECA, Maria Cecília Londres. *O patrimônio em processo: trajetória da política federal de preservação no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ/Minc-IPHAN, 1997, 316 p.

FONTOURA, Arselle de Andrade da. BARCELOS, Artur Henrique Franco. BORGES, Viviane Trindade. Desvendando uma história de exclusão: a experiência do Centro de Documentação e Pesquisa do Hospital-Colônia Itapuã. In: *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*. Rio de Janeiro, v. 10, suppl 1, 2003, p. 397-414.

FOUCAULT, Michael. *História da Loucura na Idade Clássica*. Tradução de: José Teixeira Coelho Netto. Coleção Estudos. São Paulo: Editora Perspectiva. 3º ed. 1993.

FREITAS, Henrique; MOSCAROLA Jean. Da Observação à Decisão: Métodos de Pesquisa e de Análise Quantitativa e Qualitativa de Dados. In: *RAE-eletrônica*, v.1, n.1. 2002. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/gianti/files/artigos/2002/2002_120_rae_hf_mosca.pdf >. Acesso em: 07 de abril de 2018.

FUNARBE. *Patrimônios Culturais*. Disponível em:
<<http://www.funarbe.betim.mg.gov.br/Patrimonios>>. Acesso em: 26 de mar. de 2018.

FUNDO Solidário Resistência PopRua. [sobre]. *Facebook*. [2018?]. Disponível em:
<https://www.facebook.com/pg/FUSPOPRUA2017/about/?ref=page_internal>. Acesso em:
27 de mar. de 2018.

GARCÍA-BLANCO, Ángela. *La Exposición, un Medio de Comunicación*. 1 ed. Madrid, Espanha: AKAL, 2009, 236 p.

GARCÍA-CANCLINI, Néstor. Patrimônio Cultural e a construção imaginária do nacional. *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*. Rio de Janeiro, 1994, p. 95-115. Disponível em:
<<http://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=reviphan&pagfis=8429>>. Acesso em:
30 de set. de 2017.

GEERTZ, Clifford. *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: LTC. 1ed. 2008. 323p.

GEERTZ, Clifford. Estar aqui. De quem é a vida afinal? In: *O Antropólogo como autor*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2009. p. 169-193.

GOFFMAN, Erving. *Estigma: Notas Sobre a Manipulação da Identidade Deteriorada*. Tradução: LAMBERT, Mathias. Rio de Janeiro: LTC, 1988. 124 p. Disponível em:<https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/92113/mod_resource/content/1/Goffman%3B%20Estigma.pdf>. Acesso em: 10 de jun. de 2017.

GOFFMAN, Erving. *Manicômios, Prisões e Conventos*. Tradução de: Dante Moreira. São Paulo: Editora Perspectiva S.A.,1974. 316p.

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. Patrimônio como categoria de pensamento. In. ABREU, Regina; CHAGAS, Mário (orgs.). *Memória e Patrimônio*. Ensaio Contemporâneo. 2. Ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2009. p. 25-33.

GONÇALVES, José. Reginaldo. O mal-estar no patrimônio: identidade, tempo e destruição. In: *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, v. 28, n. 55, 2015. p.211-228.

GONÇALVES, José. Reginaldo. Ressonância, materialidade e subjetividade: as culturas como patrimônios. In: *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 11, n. 23, 2005. p. 15-36.

GREGOLIN, Maria do Rosario Valencise. A Análise do Discurso: Conceitos e Aplicações. In: *Alfa*. São Paulo.1995. p.13-21. Disponível em: <<https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/viewFile/3967/3642>>. Acesso em: 13 de jun. de 2018.

GUARNIERI, Waldisa Rússio Camargo. *L'interdisciplinarité em muséologie*. MuWoP, n. 2, p. 58 -59, 1981. *Apud*: GUARNIERI, Waldisa Rússio Camargo. Sistema da Museologia [1983]. In: BRUNO, Maria Cristina Oliveira (org.). *Waldisa Rússio Camargo Guarnieri: textos e contextos de uma trajetória profissional*. Vol. 1, 1.ed., São Paulo: Pinacoteca do Estado; Secretaria de Estado de Cultura; Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus, 2010a. P. 127-136.

GUARNIERI, Waldisa Rússio Camargo. Museologia e Museu [1979]. In: BRUNO, Maria Cristina Oliveira (org.). *Waldisa Rússio Camargo Guarnieri: textos e contextos de uma trajetória profissional*. Vol. 1, 1.ed., São Paulo: Pinacoteca do Estado; Secretaria de Estado de Cultura; Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus, 2010b. p.78-85.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. [1950]. Tradução de: Laurent Léon Schaffter. São Paulo: Vertice. 1990. 190 p.

HERNÁNDEZ, Josep Ballart; TRESSERAS, Jordi Juan i. Capítulo 1: El Patrimonio Definido. In: HERNÁNDEZ, Josep Ballart; TRESSERAS, Jordi Juan i. *Gestión del patrimonio cultural*. 3a ed. Barcelona: Editorial Ariel, 2007. p. 11-25.

HUYSSSEN, Andreas. Resistência à memória: usos e abusos do esquecimento público. In: HUYSSSEN, Andreas. *Culturas do passado-presente: modernismos, artes visuais, políticas da memória*. Rio de Janeiro: Contraponto. 2014. p. 155-175.

ILSL. *Museu: Histórico*. Disponível em: <<http://www.ilsl.br/museu/museu2.php>>. Acesso em: 26 de mar. de 2017.

IPHAE. Bem Tombado. *Antiga Igreja Evangélica do Hospital Colônia de Itapuã*. [2015?]. Disponível em: <<http://www.iphae.rs.gov.br/Main.php?do=BensTombadosDetalhesAc&item=36901>>. Acesso em: 21 de set. de 2015.

JAPIASSU, Hilton. *Desistir do Pensar? Nem Pensar! Criando o Sentido da Vida Num Mundo Funcional e Instrumental*. São Paulo: Editora Letras & amp; Letras, 2001.

JULIÃO, Leticia. Apontamentos sobre a história do museu. In: *Caderno de Diretrizes Museológicas*. Brasília: Ministério da Cultura / Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional/ Departamento de Museus e Centros Culturais, Belo Horizonte: Secretaria de Estado da Cultura/ Superintendência de Museus. 2ªed. 2006. p.17-30.

JULIÃO, Leticia. Os Museus e a preservação do patrimônio no Brasil. In. MAGALHÃES, Aline Montenegro; BEZARRA, Rafael Zamorano (orgs). *90 anos do Museu Histórico Nacional em debate (1922-2012)*. Rio de Janeiro: Museu Histórico Nacional, 2014, pp. 173-186.

KAGAN, Richard L. Clio and the Crown: Writing History in Habsburg Spain. In: KAGAN, Richard L.; PARKER, Geoffrey. *Spain, Europe, and the atlantic world: essays in honor of John H. Elliot*. Cambridge: Cambridge University Press, 1995, p. 73-99. *Apud*: SILVEIRA, Pedro Telles da. Qual o lugar da história oficial na história da historiografia? In: *História da Historiografia*. Ouro Preto. n° 7. nov./dez. 2011, p. 338-344.

KOSSAIFI, Christine, L'oubli peut-il être bénéfique? L'exemple du mythe de Léthé: une fine intuition des Grecs. In: *Revista ; Interrogations?*. N°3. L'oubli, décembre 2006 [enligne]. Disponível em: <<http://www.revue-interrogations.org/L-oubli-peut-il-etre-benefique-L>>. Acesso em: 01 de jun. de 2017.

LAPLANTINE, François. TRINDADE, Liana. *O que é imaginário?* Coleção Primeiros Passos. Editora Brasiliense. São Paulo, 1 ed, 1996. 30 p. Disponível em: <https://drive.google.com/folderview?id=0B4UG_F2QeFUIR2FKWHM2eXZ5X1k&>. Acesso em: 21 de set. de 2015.

LE GOFF, Jacques. *A Civilização do Ocidente Medieval*. Tradução: José Rivair de Macedo. Bauru, SP: EDUSC, 2005, 399p.

L.K. Entrevista: 15 de out. de 2003. Entrevistador: Juliane Conceição Primon Serres. Hospital Colônia Itapuã, 2003. *Apud*: SERRES, Juliane Conceição Primon. “*Não Caminhamos Sós*”: Hospital Colônia Itapuã e o Combate à Lepra no Rio Grande do Sul (1920-1950). Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da da Universidade do Vale do Rio dos Sinos. 2004. 285 p.

LUCAORA, Marco Antônio. Entrevista 01: 27 de ago. de 2015. Entrevistador: Helena Thomassim Medeiros. Porto Alegre, 2015.

MAGALHÃES, Dennis Guedes. Entrevista 02: 01 de set. de 2015. Entrevistador: Helena Thomassim Medeiros. Porto Alegre, 2015a.

MAGALHÃES, Lia Conceição Mineiro de Souza. Entrevista 02: 01 de set. de 2015. Entrevistador: Helena Thomassim Medeiros. Porto Alegre, 2015b.

MAGALHÃES, Dennis Guedes; MAGALHÃES, Lia Conceição Mineiro de Souza. Entrevista 02: 01 de set. de 2015. Entrevistador: Helena Thomassim Medeiros. Porto Alegre, 2015.

MAGALHÃES, Maria da Conceição Cavalcanti. ROJAS, Maria Iñiguez. Diferenciação territorial da hanseníase no Brasil. *Epidemiologia e Serviços de Saúde*. Brasília, 2007, v.16, n. 2, p. 75 – 84.

MEDEIROS, Helena Thomassim. *Da Exclusão à Exposição: Narrativas Expográficas do Memorial do Hospital Colônia Itapuã – RS*. Trabalho de Conclusão (Graduação) apresentado ao Departamento de Ciências da Informação, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Museologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2015. 127 p.

MENDES JR., Antonio; RONCARI, Luiz; MARANHÃO, Ricardo. *Brasil História Texto & Consulta*: Colônia. [1976]. Vol. 1. Ed.5. São Paulo: Editora Brasiliense. 1983. 300 p.

MENDOZA, Celina A. Lértora. ¿Por que Hacemos Colecciones? In: *Episteme*. Porto Alegre, n.20, suplemento especial. 2005. p.217-228.

MENESES, Ulpiano Toledo Bezzera de. Do teatro da memória ao laboratório da História: a exposição museológica e o conhecimento histórico. In: *Anais do Museu Paulista*. São Paulo. v.2.1994. p.09-42. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/anaismp/v2n1/a02v2n1.pdf>>. Acesso em 25 de jul. de 2017.

MENESES, Ulpiano Toledo Bezerra de. Memória e Cultura Material: documentos pessoais no espaço público. In: *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro: FGV, n.21, 1998. p.89-103.

MONTOVANI, Anna. *Cenografia*. Série Princípios. São Paulo: Editora Atica. 1989. 96p.

MORHAN. *Coleção Cadernos do MORHAN - Projeto Acervo: pela recuperação e preservação dos registros históricos dos hospitais-colônia*. Ed. 06, 2010, 128p.

NORA, Pierre. Entre Memória e História: A Problemática dos Lugares. *Tradução de: Yara Aun Houry*. In: *Projeto História - Revista do Programa de Estudos Pós-graduados em História e do Departamento de História*. nº 10. 1.ed. Educ – Editora da PUC-SP. São Paulo. 1993. p. 07-28. Disponível em:

<<https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/12101/8763>>. Acesso em: 10 de jun. 2017.

O TEMPO Betim. *Conjunto Arquitetônico da Colônia Santa Izabel*. 2009. Disponível em: <<http://www.otempo.com.br/o-tempo-betim/conjunto-arquitet%C3%B4nico-da-col%C3%B4nia-santa-izabel-1.630626>>. Acesso em: 26 de mar. 2018.

PADILHA, Renata Cardozo. *Coleção Estudos Museológicos Volume 2: Documentação Museológica e Gestão de Acervo*. FCC Edições. Florianópolis. 2014. Disponível em: <http://www.fcc.sc.gov.br/patrimoniocultural/arquivosSGC/DOWN_175328Documentacao_Museologica_Gestao_Acervo.pdf>. Acesso em: 28 de out. 2017.

PEIXOTO, Fernando. *O que é Teatro*. Coleção Primeiros Passos. Editora Brasiliense. São Paulo, 3 ed, 1981. 134p.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Mudanças *epistemológicas: a entrada em cena de um novo olhar*. História & História Cultural. A. Autêntica. 2003. p. 39-62.

PINTO, Paulo Gabriel Hilu da Rocha. O Estigma do Pecado: A Lepra Durante a Idade Média. In: *PHYSIS: Revista de Saúde Coletiva*. Vol.5. n.1. 1995. p.131-144.

POLLAK, Michel. Memória, Esquecimento, silêncio. In: *Estudos históricos*. Rio de Janeiro, vol.2, n.3, 1989, p. 3-15. Disponível em: <http://www.uel.br/cch/cdph/arqtxt/Memoria_esquecimento_silencio.pdf>. Acesso em: 01 de jun. de 2017.

POMIAN, Krzysztof. Coleções. In: *Enciclopédia Einaudi – Memória-História*: Lisboa, Imprensa Oficial/ Casa da Moeda. 1984. p.51-84.

POULOT, Dominique. *Uma história do patrimônio no Ocidente, séculos XVIII – XXI: do monumento aos valores*. Trad. Guilherme João de Freitas Teixeira. São Paulo: Estação Liberdade, 2009. 239 p.

POSSAMAI, Zita Rosane. *As artimanhas do percurso museal: narrativas sobre objetos e peças de museu*. In: *MOUSEION*. v. 4, n.7. 2010. p.64-72.

PRATS, Llorenç. Concepto y gestión del patrimonio local. In: *Cuadernos de Antropología Social*. No 21, 2005. p. 17-35.

PREFEITURA de Betim. *Bens Tombados*. Disponível em: <http://www.betim.mg.gov.br/prefeitura_de_betim/outros_orgaos/funarbe/memoria_patrimonio_cultural/bens_tombados/40625%3B39103%3B0716181302%3B0%3B0.asp>. Acesso em: 26 de mar. de 2018.

PREFEITURA de Porto Alegre. *Secretaria Municipal de Cultura: Documentário A Cidade é exibido no Instituto Goethe nesta quarta*. 2016. Disponível em: <http://www2.portoalegre.rs.gov.br/smc/default.php?p_noticia=187838&DOCUMENTARIO+A+CIDADE+SERA+EXIBIDO+NO+INSTITUTO+GOETHE+NA+QUARTA>. Acesso em: 27 de mar. de 2018.

PROENÇA, Fernanda Barrinuevo. *Os escolhidos de São Francisco: a aliança entre Estado e Igreja para a profilaxia da lepra na criação e no cotidiano do Hospital Colônia Itapuã – (1930-1940)*. Dissertação de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em História, PUC-RS. Porto Alegre, 2005, 149 p.

PROHANSEN. *Hanseníase no Mundo*. Disponível em: <<http://www.prohansen.org/indicadoresdahanseníase>>. Acesso em: 26 de mar. de 2018.

QUEVEDO, Éverton Reis. “*Isolamento, isolamento e ainda isolamento*” o Hospital Colônia Itapuã e o Amparo Santa Cruz na profilaxia da lepra no Rio Grande do Sul (1930-1950). Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em História, área de Concentração: Estudos da História das Sociedades Ibero-Americanas, da PUC-RS, para obtenção do grau de Mestre em História. Porto Alegre, 2005, 189p.

QUEVEDO, Éverton Reis. Entrevista 03: 05 de out. de 2015. Entrevistador: Helena Thomassim Medeiros. Porto Alegre, 2015.

RECORDTV. *Conheça os moradores da cidade fantasma do Rio Grande do Sul*. 2016. Disponível em: <<https://noticias.r7.com/domingo-espetacular/videos/conheca-os-moradores-da-cidade-fantasma-do-rio-grande-do-sul-21112016>>. Acesso em: 02 de janeiro de 2018.

REDE Super de Televisão. *DTUP - Conheça a Colônia Santa Isabel e a história da hanseníase em Minas*. 2016. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=ZfPQeBZ6K2Q> >. Acesso em: 26 de mar. de 2018.

RICHARDS, J. Sexo, desvio e danação: as minorias na Idade Média. Tradução: Marco Antônio Esteves da Rocha et al. Rio de Janeiro: Zahar, 1993. *Apud: SANTOS, Vânia Carvalho. Percepções De Portadores De Hanseníase Sobre A Doença, Seu Tratamento E As Repercussões Em Seu Ambiente: Um Estudo No Município De Nossa Senhora Do Socorro*. Dissertação de Mestrado apresentada ao Núcleo de Pós-graduação em Desenvolvimento e Meio

Ambiente da Universidade Federal de Sergipe, como parte dos requisitos exigidos para a obtenção do título de Mestre em Desenvolvimento e Meio Ambiente. Sergipe, 2006, 170 p.

ROQUE, M. Isabel Rocha. Comunicação no Museu. In: Sahra Fassa Benchetrit; Rafael Zamorano Bezerra; Aline Montenegro Magalhães. (Org.). *Museus e Comunicação: exposição como objeto de estudo*. 01ed. Rio de Janeiro: Museu Histórico Nacional, v.1. 2010. p. 47-68.

ROSÁRIO, Claudia Cerqueira do. O lugar mítico da memória. In: *Morpheus – Revista Eletrônica em Ciências Humanas*. Ano 1, n.1. 2002. Disponível em: <<http://www4.unirio.br/morpheusonline/Numero01-2000/claudiarosario.htm> >. Acesso em: 18 de ago. 2017.

ROSSINI, Elcio. Cenografia no Teatro e nos Espaços Expositivos: Uma Abordagem Além da Representação. In: *TransInformação*. PUC-Campinas, 2012, p. 157 – 164.

SANT’ANNA, Marcia. A Face Imaterial do Patrimônio Cultural: Os Novos Instrumentos de Reconhecimento e Valorização. In. ABREU, Regina; CHAGAS, Mário (orgs.). *Memória e Patrimônio*. Ensaios Contemporâneos. 2. Ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2009. p. 49-58.

SANTOS, Maria Célia Teixeira Moura. O Papel dos Museus na Construção de “uma Identidade Nacional”. In: *Anais do Museu Histórico Nacional*. Vol. XXX, Rio de Janeiro, 1996, p. 21-36.

SANTOS, Vânia Carvalho. *Percepções De Portadores De Hanseníase Sobre A Doença, Seu Tratamento E As Repercussões Em Seu Ambiente: Um Estudo no Município de Nossa Senhora do Socorro*. Dissertação de Mestrado apresentada ao Núcleo de Pós-graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente da Universidade Federal de Sergipe, como parte dos requisitos exigidos para a obtenção do título de Mestre em Desenvolvimento e Meio Ambiente. Sergipe, 2006a, 170 p.

SANTOS, Vicente Saul Moreira dos. *Entidades Filantrópicas & Políticas Públicas no Combate à Lepra: Ministério Gustavo Capanema (1934-1945)*. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e da Saúde da Casa de Oswaldo Cruz/ Fiocruz. Rio De Janeiro. 2006b. 163 p.

SAVASSI, Leonardo Cançado Monteiro. *Hanseníase: políticas públicas e qualidade de vida de pacientes e seus cuidadores*. Dissertação apresentada com vistas à obtenção do Título de Mestre em Ciências na área de concentração Saúde Coletiva. Belo Horizonte, 2010, 196 p.

SECRETARIA DA SAÚDE. *Hospital Colônia Itapuã inaugura a sala “Recontando a História” nos 77 anos da instituição*. 2017. Disponível em:

<<http://www.saude.rs.gov.br/hospital-colonia-itapua-inaugura-a-sala-recontando-a-historia-nos-77-anos-da-instituicao>>. Acesso em: 20 de jun. de 2017.

SCHECHNER, Richards. O que é Performance? Tradução de: Dandara. In: *O Percevejo*. Rio de Janeiro, n.12. 2003. P. 25- 50.

SCHEINER, Tereza Cristina Moletta. Museologia e apresentação da realidade. In: *XI Encuentro Regional del ICOFOM LAM*, Equador, 2002. p. 96-105.

SCHEINER, Tereza Cristina Moletta. Museu, museologia e a ‘relação específica’: considerações sobre os fundamentos teóricos do campo museal. In: *Revista Ciência da Informação*, v. 42, n. 3, set./dez., 2013. p.358-378.

SCHINDEL, Estela. Inscribir el pasado en el presente: memoria y espacio urbano. In: *Política y Cultura*. n. 31. 2009. p. 65-87.

SEIXAS, Jacy Alves de. Percursos de memórias em terras de história: problemáticas atuais. In: BRESCIANI, Maria Stella; NAXARA, Márcia. (orgs.). *Memória e (re)sentimentos*. Campinas: Unicamp, 2001.

SELIHMANN-SILVA, Márcio. Literatura e Trauma. In: *Pro-Posições*. Vol.13, n.3. 2002. p.135-153. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/proposic/article/view/8643943/11399>>. Acesso em: 26 de fev. de 2018.

SERRES, Juliane Conceição Primon. “*Não Caminhamos Sós*”: Hospital Colônia Itapuã e o Combate à Lepra no Rio Grande do Sul (1920-1950). Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da da Universidade do Vale do Rio dos Sinos. 2004. 285 p.

SERRES, Juliane Conceição Primon. BORGES, Viviane Trindade. Memória, sofrimento e apartação: a patrimonialização de instituições de isolamento. In: *Anais do II Seminário Internacional História do Tempo Presente*. Programa de Pós-Graduação em História (PPGH), Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), Florianópolis – SC. 2014, p. 01-16.

SERRES, Juliane Conceição Primon. *Memórias do isolamento: trajetórias marcadas pela experiência de vida no Hospital Colônia Itapuã*. Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História, área de Concentração: Estudos Históricos Latina Americanos, da Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS, para obtenção do grau de Doutora em História. São Leopoldo - RS. 2009. 216 p.

SERRES, Juliane Conceição Primon. Uma memória que agoniza: Hospital Colônia Itapuã - RS. In: *XXVII Simpósio Nacional de História: Conhecimento histórico e diálogo social*. ANPUH Brasil. Natal-RN, 2013, 12 p.

SILVEIRA, Pedro Telles da. Qual o lugar da história oficial na história da historiografia? In: *História da Historiografia*. Ouro Preto. n.º 7. nov./dez. 2011, p. 338-344.

SOARES, Bruno Brulon. A experiência museológica: Conceitos para uma fenomenologia do Museu. In: *Revista Museologia e Patrimônio*. Rio de Janeiro. v.5 n.2. 2012a. p.55 – 71.

Disponível em:

<<http://revistamuseologiaepatrimonio.mast.br/index.php/ppgpmus/article/viewFile/216/200>>.

Acesso: 15 de jun. de 2018.

SOARES, Bruno Brulon. Entre o Reflexo e a Reflexão: Por Detrás das Cortinas da Performance Museal. In: *Documentos de trabalho do 21º Encontro Regional do ICOFOM LAM 2012*. Petrópolis, Nov/ 2012b. P. 192 – 204.

SOARES, Bruno Brulon. *Máscaras Guardadas: Musealização e Descolonização*. Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal Fluminense, como requisito parcial para a obtenção do Grau de Doutor. Niterói – RJ. 2012c. 461p.

SOUZA-ARAÚJO, Heraclides César de. História da lepra no Brasil. Vol. 1. Período Colonial e Monárquico (1500-1889). Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1946. (Biblioteca da PUCRS) Apud: QUEVEDO, Éverton Reis. “*Isolamento, isolamento e ainda isolamento*” o Hospital Colônia Itapuã e o Amparo Santa Cruz na profilaxia da lepra no Rio Grande do Sul (1930-1950). Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em História, área de Concentração: Estudos da História das Sociedades Ibero-Americanas, da PUC-RS, para obtenção do grau de Mestre em História. Porto Alegre, 2005, 189p.

SOUZA, Luís Roberto. *Condicionantes sociais na delimitação de espaços endêmicos de hanseníase*. Tese apresentada à Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Doutor em Ciências. São Paulo, 2012, 327 p.

TURGEON, Laurier. La mémoire de la culture matérielle et la culture matérielle de la mémoire. In : TURGEON, Laurier e DEBRAY, Octave. *Objets & Mémoire*. Paris/Quebec : Éditions MSH e Presses de l’Université de Laval, 2007. p. 13-33.

TVBETIM UHF. *Memorial Hanseníase Colônia Santa Izabel*. 2016. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=czgalKnX_Sk>. Acesso em: 26 de mar. de 2018.

VIDAL, Lucas. CLIC RBS: Almanaque Gaúcho. *Memorial em Itapuã*. Disponível em: <<http://wp.clicrbs.com.br/almanaquegaucho/2014/11/28/memorial-em-itapua/?topo=13,1,1,,77>>. Acesso em 24 de jun. de 2015.

XAVIER, Luiz Merino de F. A cidade como livro didático: educação patrimonial no âmbito do Programa Monumenta Porto Alegre. In: POSSAMAI, Zita Rosane (Org.). *Leituras da Cidade*. Porto Alegre: Evangraf, 2010, p. 257-273.

ZERO HORA. *Acervo de Dores e Amores - A História de Heidy*. Porto Alegre. 2017. Disponível em: <<http://videos.clicrbs.com.br/rs/zerohora/video/porto-alegre/2017/10/acervo-dores-amores-historia-heidy/193594/>>. Acesso em: 18 de jan. de 2019.

APÊNDICE A - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Você está sendo convidado(a) para participar desta entrevista, e foi selecionado(a) por seu envolvimento com a montagem da exposição do Memorial do Hospital Colônia Itapuã. Esta investigação tem como intuito pesquisar como é construído o discurso do Memorial HCI e qual seria a mensagem transmitida através das escolhas e narrativas expográficas apresentadas em sua exposição. Sua participação nesta pesquisa consistirá apenas em responder as questões apresentadas durante a entrevista, este depoimento será utilizado para o desenvolvimento de uma dissertação vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural da Universidade Federal de Pelotas.

Quaisquer dúvidas sobre este trabalho e sua participação, podem ser sanadas agora ou a qualquer momento com a pesquisadora Helena Thomassim Medeiros pelo endereço eletrônico helena_tm@outlook.com ou pelo telefone (51) 99204-6894.

AUTORIZAÇÃO

Eu (nome do(a) entrevistado(a)) _____, abaixo assinado(a), depois de conhecer e entender os objetivos, procedimentos metodológicos, riscos e benefícios da pesquisa, bem como de estar ciente da necessidade do uso do meu depoimento, AUTORIZO, através do presente termo, o(a) pesquisador(a) _____ a colher meu depoimento sem quaisquer ônus financeiros a nenhuma das partes.

Ao mesmo tempo, libero a utilização destes depoimentos para fins científicos e de estudos (livros, artigos, slides e transparências), em favor dos pesquisadores da pesquisa, acima especificados. Consinto em participar deste estudo e declaro ter recebido uma cópia deste termo de consentimento.

Entrevistado

Local e Data

APÊNDICE B – Autorização para uso das Entrevistas de 2015**AUTORIZAÇÃO**

Eu (nome do(a) entrevistado(a)) _____, abaixo assinado(a), AUTORIZO, através do presente termo, o(a) pesquisador(a) _____ a utilizar o depoimento colhido em 2015 para o trabalho de conclusão de curso intitulado “DA EXCLUSÃO À EXPOSIÇÃO: Narrativas Expográficas do Memorial do Hospital Colônia Itapuã”. Destinando este para fins científicos e de estudos (livros, artigos, slides e transparências), assim como para a pesquisa atual que tem como intuito pesquisar como é construído o discurso do Memorial HCI e qual seria a mensagem transmitida através das escolhas e narrativas expográficas apresentadas em sua exposição, em favor dos pesquisadores, acima especificados. Consinto em participar deste estudo e declaro ter recebido uma cópia deste termo de consentimento.

Entrevistado

Local e Data

APÊNDICE C – Roteiro para Entrevista Semiestruturada 2017

ROTEIRO PARA ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA
1- Qual papel o (a) senhor (a) desempenhou, e/ou desempenha, dentro do processo de desenvolvimento do Memorial do Hospital Colônia Itapuã?
2- Como foi para o senhor (a) o processo de montagem desta exposição? 2.1- Alguma dificuldade ou fato curioso? 2.2- Há algum registro do processo de criação do Memorial? 2.3- Como foram feitas as seleções e escolhas? 2.4- Quem estava envolvido nesses recortes?
3- O que o senhor (a) esperava em relação a exposição? 3.1- Você acredita que os objetivos que vocês tinham estão sendo atendidos hoje? Em que medida?
4- Você acredita que as memórias dos moradores estão refletidas na exposição? Como? Qual foi o protagonismo deles nessa etapa inicial?
5- De que forma ocorreu o financiamento para a construção do Memorial HCI? 5.1- Como o Memorial se sustenta hoje em termos financeiros? Quem provê esse aporte? 5.2 Desde a fundação do Memorial, em 2014, qual foi a participação do Estado em relação a ele?
6- Como é a relação dos pacientes com o Memorial? 6.1- Eles frequentam o espaço ou este é aberto apenas para visitas agendadas? 6.2- Eles participam ou interagem durante as visitas feitas ao HCI? 6.3- Houve alguma tentativa de contatar ex-moradores do HCI para conhecerem o Memorial? 6.4- Quantos pacientes ainda moram no HCI?
7- Qual a origem dos objetos expostos? 7.1- Como eles se deslocaram até o Memorial? Onde estavam antes? Existe documentação deles? 7.2- Se são doações, há algum registro do doador ou da história deste objeto? 7.2.1- Quem são os doadores? Funcionários, moradores, parentes? Seus nomes? 7.3- Se são objetos encontrados no HCI, com que critério eles foram escolhidos? 7.4- Quantos e quais dos objetos são fruto de doação ou da “coleta” no local? 7.5- Como foi ou é feita a investigação sobre os objetos expostos?
8- Com que intuito foi montado o circuito expográfico? Por exemplo, a organização das salas, visa uma ordem cronológica, temática, ou representa a ordem com que os objetos foram agregados ao Memorial?
9- Desde a inauguração do Memorial, a exposição sofreu alguma modificação?

9.1- Se sim, quais foram estas e por quais motivos ocorreram?
10- Quais foram os responsáveis pela pesquisa e criação dos textos e legendas utilizados na exposição do Memorial HCI?
11- Qual é o público do Memorial? 11.1- Como o (a) senhor (a) percebe a recepção do público com o Memorial? 11.2- Há algum registro deste público? Ou livro de sugestões? 11.3- Há alguma estimativa de quantas pessoas já visitam o local ao longo de seus 03 (três) anos de funcionamento?
12- Quais perspectivas o senhor (a) visualiza para o futuro do Hospital Colônia Itapuã?

APÊNDICE D – Questionário para Estudo de Público do Memorial HCI

Estudo de Público: Memorial do Hospital Colônia Itapuã
<p>1- Dados Pessoais:</p> <p>Idade: _____</p> <p>Gênero: () Feminino () Masculino () Outro: _____</p> <p>Escolaridade: _____</p>
<p>2- Qual o seu interesse no Hospital Colônia Itapuã:</p> <p>() Pessoal; () Acadêmico; () Profissional; () Outro: _____</p>
<p>3- Você já havia visitado o Hospital Colônia Itapuã anteriormente?</p> <p>() Sim () Não</p>
<p>4- Você possuía algum conhecimento sobre o Hospital Colônia Itapuã e sua história antes desta visita?</p> <p>() Sim () Não</p>
<p>5- Se a resposta anterior for SIM, este conhecimento foi adquirido em função de:</p> <p>() Histórias de família; () Necessidades acadêmicas; () Interesse pessoal; () Conversas informais;</p> <p>() Outro: _____</p>
<p>6- Como você soube do Memorial do Hospital Colônia Itapuã?</p> <p>() Jornais; () Informações online; () Meio Acadêmicos (aulas, pesquisas, leituras, etc.)</p> <p>() Pesquisa Pessoal; () Outro: _____</p>
<p>7- Você já havia visitado o Memorial do Hospital Colônia Itapuã anteriormente?</p> <p>() Sim () Não</p>
<p>8- O que você achou da exposição do Memorial do Hospital Colônia Itapuã?</p> <p>() Muito Boa () Boa () Regular () Ruim () Muito Ruim</p>
<p>9- Se você fosse definir a temática da exposição do Memorial do Hospital Colônia Itapuã, esta seria:</p> <p>() A história da medicina; () A história da hanseníase; () O Hospital Colônia Itapuã;</p> <p>() A vida dos moradores do HCI; () Outro: _____</p>
<p>10- Que visão você tinha sobre o tema antes da visita ao Memorial do Hospital Colônia Itapuã?</p>
<p>11- Com relação a questão anterior, houve alguma mudança após a visita?</p>

12- Algum objeto lhe chamou a atenção no Memorial do Hospital Colônia Itapuã? () Sim () Não
13- Se a resposta anterior for SIM, qual ou quais seriam estes objetos e por qual motivo eles lhe chamaram a atenção:
14- Você descreveria este como um local de interesse social e com potencial patrimonial? () Sim () Não
15- Você recomendaria a exposição para amigos e parentes? () Sim () Não
16- Você teria alguma sugestão ou crítica sobre o Memorial do Hospital Colônia Itapuã? Comente sobre os pontos positivos e negativos da exposição.

APÊNDICE E – Roteiro para Entrevista Semiestruturada de 2015

ROTEIRO PARA ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA
1- Qual o objetivo desta exposição e por que abordar o Hospital Colônia Itapuã?
2- Como surgiu esta iniciativa?
3- Qual papel o (a) senhor (a) desempenhou dentro do processo de desenvolvimento desta exposição?
4- Como foi realizada a pesquisa? 4.1- Existiu um comitê científico? 4.2- Houve, em sua visão, alguma forma de diálogo com os pacientes ex-pacientes do Hospital?
5- O (a) senhor (a) acredita que esta exposição cumpriu ou cumpre um papel social preservando a memória das pessoas participam ou participaram – como pacientes, moradores, funcionários, médicos, dirigentes e familiares – da trajetória do Hospital?
6- (Exposição 1 ⁵⁷ e 2 ⁵⁸) O (a) senhor (a) saberia me informar como ocorreu o processo de seleção do acervo para esta exposição? 6.1- (Exposição 2) Quais critérios foram utilizados nas escolhas expográficas (mobiliário, cores, luz, disposição do acervo, textos) para a montagem? 6- (Exposição 3 ⁵⁹) Como o (a) senhor (a) caracterizaria o envolvimento dos doadores do acervo para o Memorial com este espaço? Como se configurou esta troca de vivências? Os pacientes se sentem acolhidos pelo local? Eles participaram da concepção ou de alguma etapa da exposição?

⁵⁷ Refere-se a exposição elaborada pelo CEDOPE no ano de 2000 intitulada “HCI – 60 Anos de História de História”.

⁵⁸ Refere-se a exposição realizada pelo MUHM em 2012, que se chamava “Da Lepre à Hanseníase”.

⁵⁹ Refere-se a exposição do Memorial HCI, inaugurada em 2014.

APÊNDICE F – Questionário por E-mail para a Enfermeira Rita

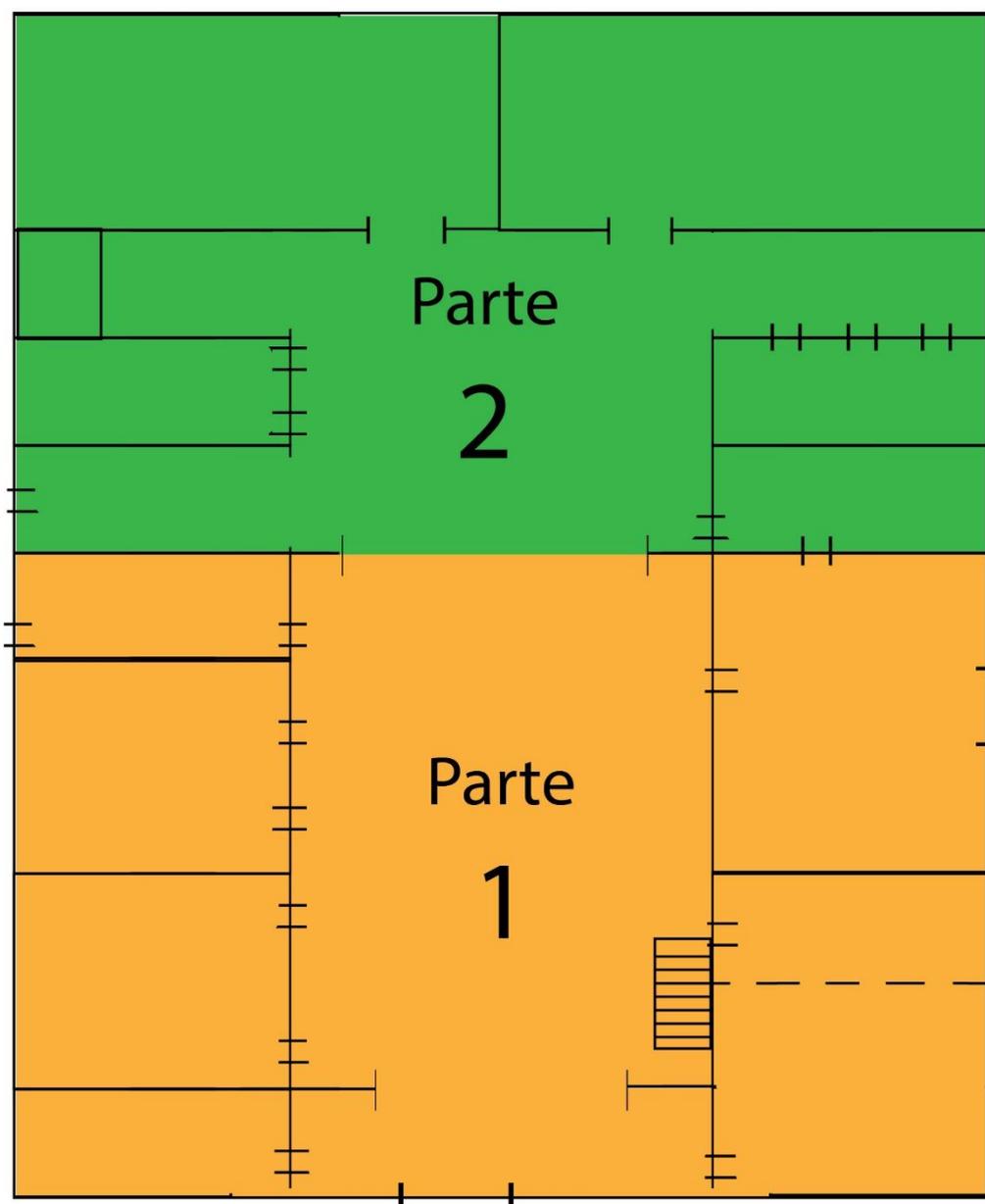
Questionário para os Organizadores do Memorial Hospital Colônia Itapuã

Este questionário foi formulado afim de auxiliar no desenvolvimento da dissertação de mestrado em andamento com o título provisório de “Tecendo uma Narrativa: O Papel das Escolhas Expográficas no Memorial do Hospital Colônia Itapuã - RS”. A pesquisa é realizada pela aluna do Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural da Universidade Federal de Pelotas, Helena Thomassim Medeiros, orientada pela professora Juliane Conceição Primon Serres e coorientada pelo professor Diego Lemos Ribeiro. As questões formuladas buscam compreender a trajetória profissional dos organizadores do Memorial do Hospital Colônia Itapuã (Memorial HCI). Desde já agradeço o auxílio.

- 1 – Sua trajetória profissional ou pessoal influenciou na criação do projeto do Memorial HCI?
- 2 – Como surgiu seu interesse pelo tema exposto no Memorial HCI?
- 3 – Qual é a sua formação e atuação profissional?
- 4 – Dentro do processo de criação, montagem e atual funcionamento do Memorial HCI, qual papel você desempenhou?
- 5 – Há algum tema que você considera não ter conseguido abordar? Se sim, qual o motivo desta seleção?
- 6 – Dentro do Memorial HCI há algum elemento ou ambiente o qual você considera mais importante em relação aos demais? Se a resposta for afirmativa, qual o motivo desta diferenciação?
- 7 – Quais foram os desafios encontrados desde a idealização ao atual funcionamento do Memorial HCI?
- 8 – Qual mensagem você crê que o Memorial transmite ao público?

APÊNDICE G – Organização Espacial do Memorial⁶⁰Organização Espacial do
Memorial do Hospital Colônia Itapuã

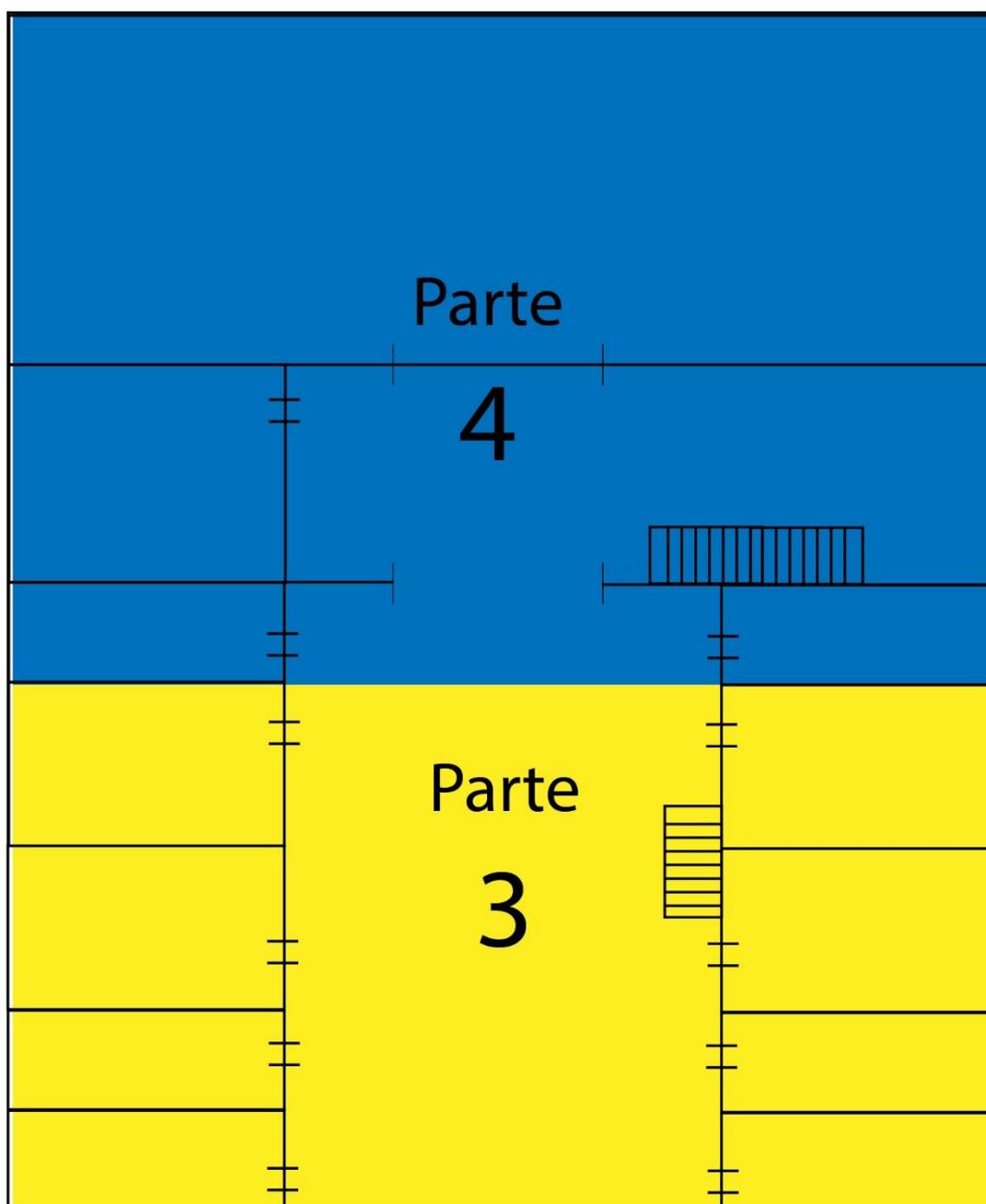
Planta do Primeiro Andar



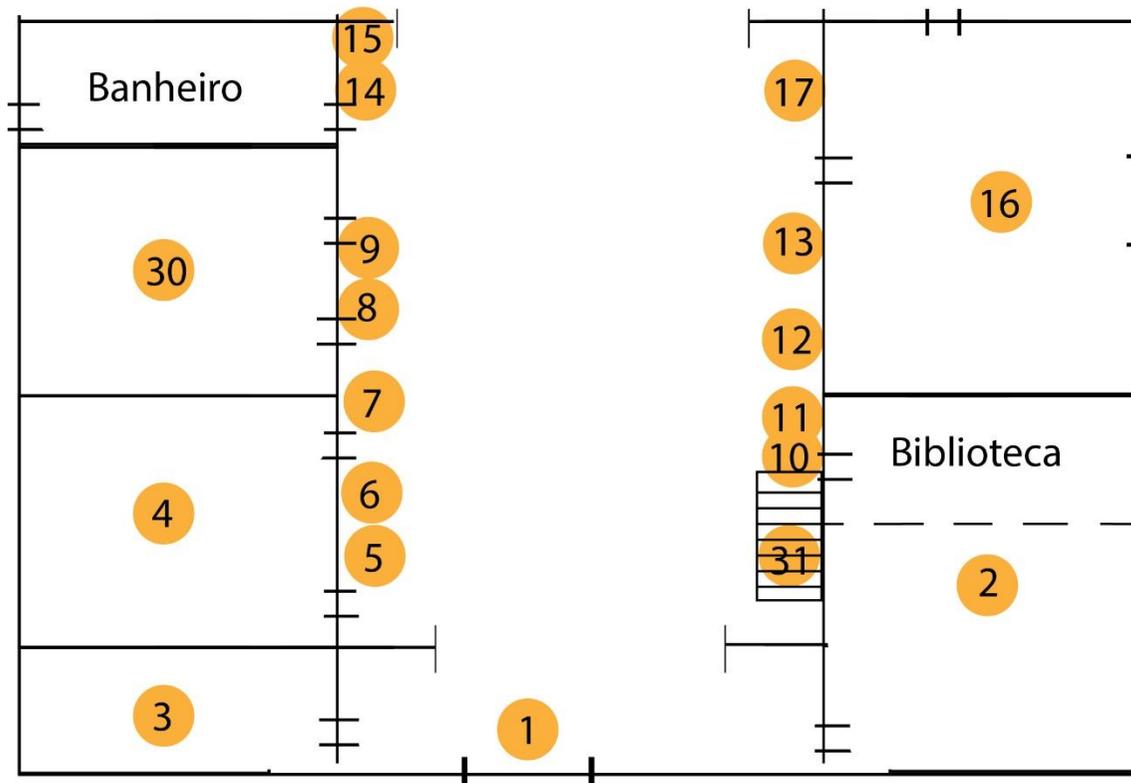
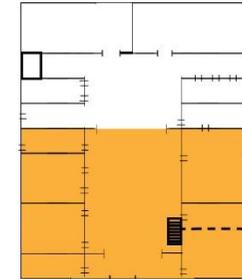
⁶⁰ Levando em consideração que não tivemos acesso a planta baixa da “Casa das Irmãs”, prédio que abriga hoje o Memorial HCI, nem pode ser realizada a medição interna ou externa da área da exposição, as imagens que seguem são meramente ilustrativas, para que o leitor possa ter uma noção aproximada da localização dos 55 (cinquenta e cinco) espaços expositivos identificados no interior do edifício.

Organização Espacial do Memorial do Hospital Colônia Itapuã

Planta do Segundo Andar

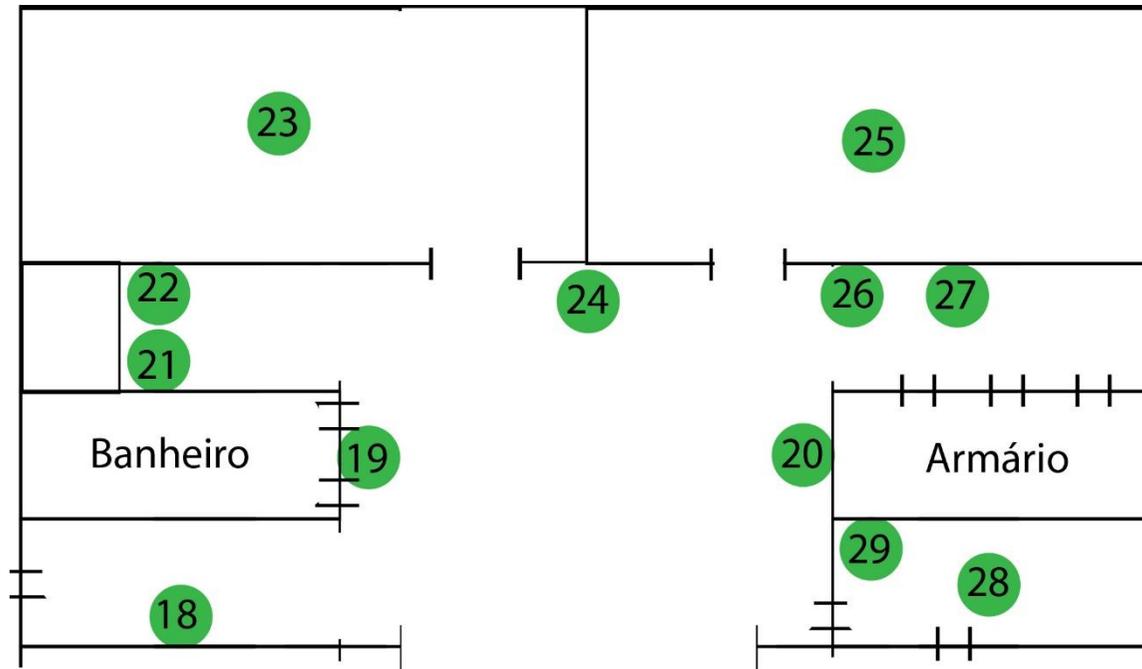
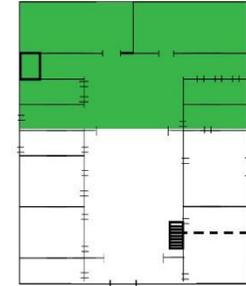


Parte 1



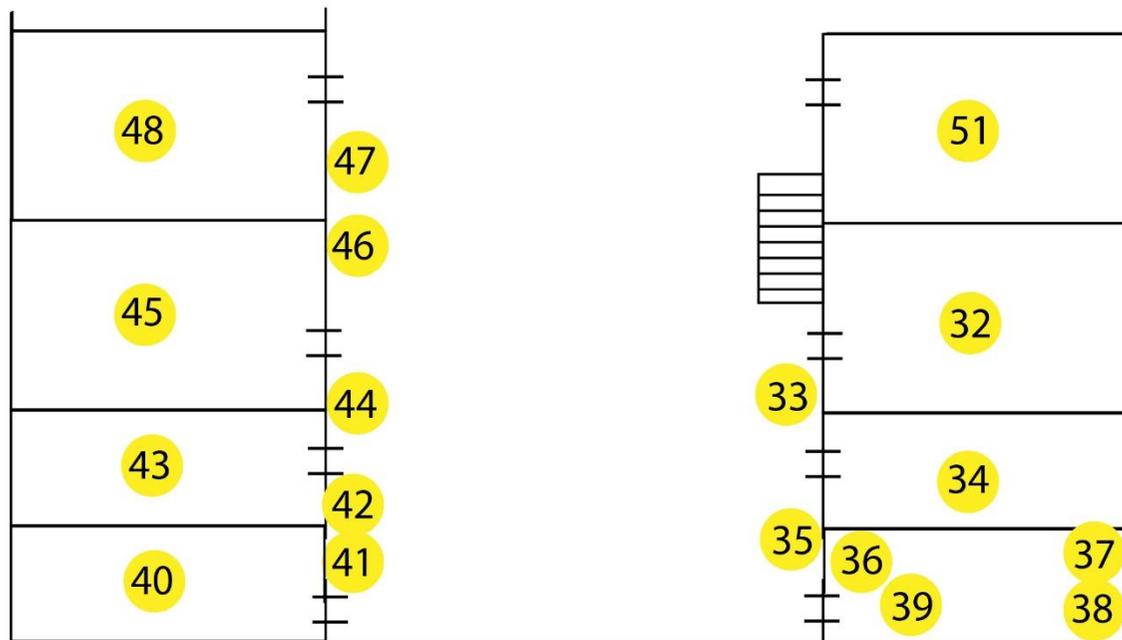
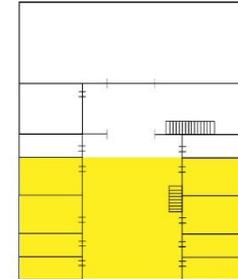
- 01 – Hall de Entrada
- 02 – Auditório
- 03 - Memórias do Mundo
- 04 – Era da Medicina
- 05 – Jornais: História HCI
- 06 – Jornais: Tratamento da Hanseníase
- 07 – Jornais: Amparo Santa Cruz
- 08 – Pharmácia
- 09 – Esterilização
- 10 – Negão o Cão
- 11 – Mateiros
- 12 – Padaria
- 13 – Serviço de Nutrição e Dietética
- 14 – Fábrica de Sabão
- 15 – Roupas
- 16 – Itens Agrícolas
- 17 – Trabalhos Rurais
- 30 – Cozinha
- 31 – Escada

Parte 2



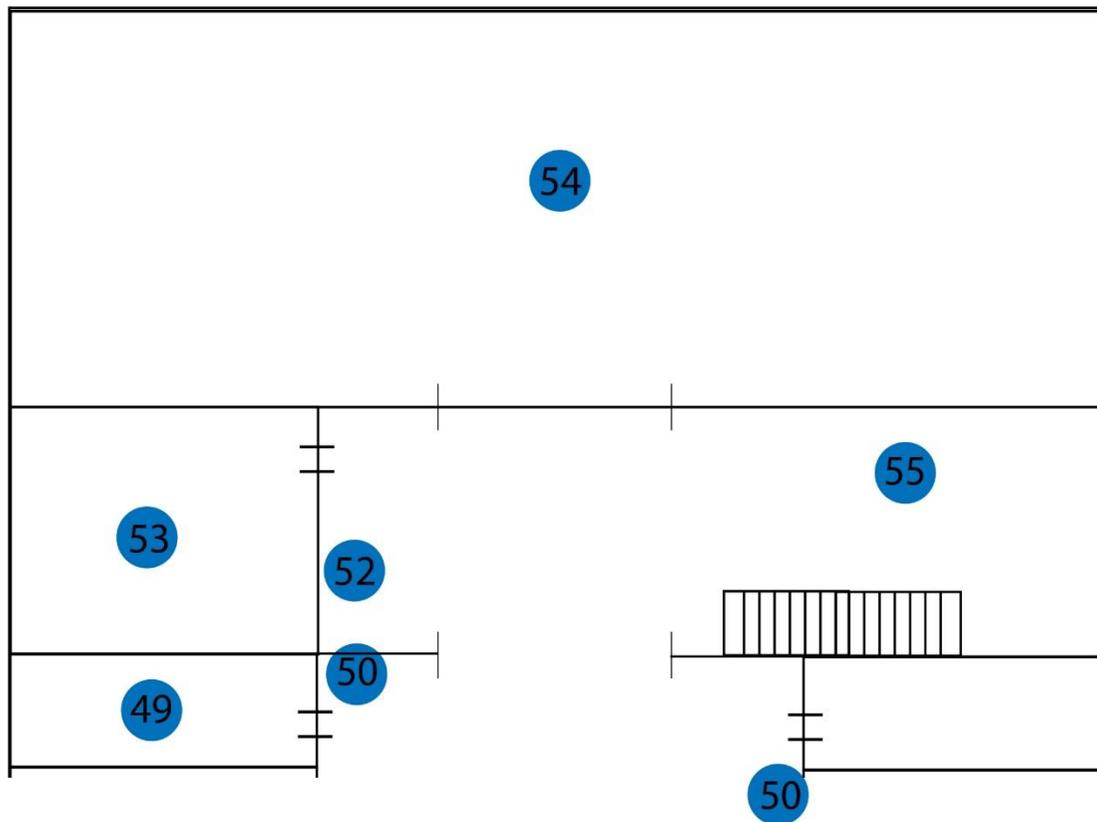
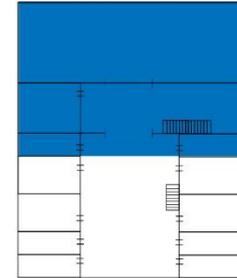
- 18 – Sapatos e Moldes
- 19 – Objeto com Itens de Barbear
- 20 – Tambores de Esterilização de Gaze
- 21 – Elpídio Salles Teixeira
- 22 – Lori Kunzler
- 23 – Sala dos Amores
- 24 – Cristaleira de Bibelôs
- 25 – Medicina no HCI
- 26 – Tributo aos Filhos dos Pacientes Hansenianos
- 27 – João Francisco Saldanha
- 28 – Entretenimento
- 29 – Cadeia

Parte 3



- 32 – Pacientes Psiquiátricos
- 33 – Voluntários do Carinho
- 34 - Pacientes Psiquiátricos
- 35 – Itens Indígenas
- 36 – Colônia Japonesa
- 37 – Aldeia Pindo-Mirim
- 38 – Colônia dos Pescadores
- 39 – Reforma Agrária
- 40 – Recontando a História
- 41 - Frei Pacífico
- 42 – A Creche
- 43 – Sala de Arquivo
- 44 – Banda Frei Pacífico
- 45 – Sala de Arquivo
- 46 – Organizadores
- 47 – Imagens do HCl no Corredor
- 48 – Laboratório
- 51 – Sala das Feridas

Parte 4



- 49 – Administração e Setores
- 50 – Imagens da Flora e Fauna no Corredor
- 52 – Filhos Levados
- 53 – Religiosidade
- 54 – Salas de Arquivo
- 55 – Igreja Lutera e o arquiteto Alexander Josef Wiederspahn

23 – Sala dos Amores	X		X	X		X	X	X		X				
24 – Cristaleira de Bibelôs							X							
25 – Medicina no HCI	X	X			X	X								
26 – Tributo aos Filhos dos Pacientes Hansenianos	X													
27 – João Francisco Saldanha	X							X						
28 – Entretenimento	X		X	X		X	X	X			X			
29 – Cadeia	X										X			
30 – Cozinha				X		X	X				X			
31 – Escada	X			X					X		X		X	
32 – Pacientes Psiquiátricos	X		X	X		X	X		X		X			
33 – Voluntários do Carinho	X													
34 - Pacientes	X					X	X				X		X	

47 – Imagens do HCI no Corredor											X		X	
48 - Laboratório	X	X			X	X		X					X	
49 – Administraç ão e Setores	X	X		X		X		X						
50 – Imagens da Flora e Fauna no Corredor											X		X	
51 – Sala das Feridas	X				X	X					X			
52 – Filhos Levados										X	X	X		
53 – Religiosid ade	X			X		X	X	X						
54 – Salas de Arquivo						X		X						
55 – Igreja Lutera e o arquiteto Alexander Josef Wiederspah n	X					X		X					X	X

56 - Maquinário Agrícola		X												
TOTAL	37	14	6	12	5	22	10	16	3	3	20	5	16	6

APÊNDICE I – Tabela para Análise dos Eixos Temáticos das Materialidades

ESPAÇOS EXPOSITIVOS	EIXOS TEMÁTICOS DAS MATERIALIDADES							
	A - História da Lepra	B - História do HCI	C - Medicina no HCI	D - Religião e Arte Sacra	E - Trabalho Administrativo do HCI	F - Vida dos Moradores do Setor Psiquiátrico no HCI	G - Vida dos Moradores Hansenianos no HCI	H - Vida Fora do HCI
01 – Hall de Entrada	X	X		X	X			
02 – Auditório		X						
03 - Memórias do Mundo	X							
04 – Era da Medicina	X	X	X					
05 – Jornais: História HCI		X						
06 – Jornais: Tratamento da Hanseníase	X		X					
07 – Jornais: Amparo Santa Cruz		X						
08 – Farmácia		X						
09 – Esterilização		X						
10 – Negão o Cão						X	X	
11 – Mateiros		X						
12 – Padaria		X						

13 – Serviço de Nutrição e Dietética		X						
14 – Fábrica de Sabão		X						
15 – Roupas		X						
16 – Itens Agrícolas		X						
17 – Trabalhos Rurais		X						
18 – Sapatos e Moldes		X						
19 – Objeto com Itens de Barbear		X						
20 – Tambores de Esterilização de Gaze		X	X					
21 – Elpídio Salles Teixeira							X	
22 – Lori Kunzler							X	
23 – Sala dos Amores							X	
24 – Cristaleira de Bibelôs							X	
25 – Medicina no HCI		X	X					

26 – Tributo aos Filhos dos Pacientes Hansenianos							X	
27 – João Francisco Saldanha							X	
28 – Entretenimento		X						
29 – Cadeia		X						
30 – Cozinha		X						
31 – Escada		X		X				X
32 – Pacientes Psiquiátricos						X		
33 – Voluntários do Carinho		X						X
34 - Pacientes Psiquiátricos						X		
35 – Itens Indígenas								X
36 – Colônia Japonesa								X
37 – Aldeia Pindo-Mirim								X
38 – Colônia dos Pescadores								X
39 – Reforma Agrária								X

40 – Recontando a História								X
41 - Frei Pacífico								X
42 – A Creche		X						
43 – Sala de Arquivo		X			X			
44 – Banda Frei Pacífico								X
45 – Sala de Arquivo		X			X			
46 – Organizadores		X						
47 – Imagens do HCI no Corredor		X						X
48 - Laboratório		X	X					
49 – Administração e Setores		X			X			
50 – Imagens da Flora e Fauna no Corredor		X						X
51 – Sala das Feridas			X					
52 – Filhos Levados	X	X					X	
53 – Religiosidade		X		X				

54 – Salas de Arquivo		X			X			
55 – Igreja Luter e o arquiteto Alexander Josef Wiederspahn		X		X				X
56 - Maquinário Agrícola		X						
TOTAL	5	36	6	4	5	3	8	13

APÊNDICE J – Tabela de Organização dos Textos Expositivos

ESPAÇOS EXPOSITIVOS	TEXTOS EXPOSITIVOS	ORIGEM		SUPORTE		
		Memorial	CEDOPE	Folha A4	Folha A3	Banner
01 – Hall de Entrada						
02 – Auditório						
03 - Memórias do Mundo	3.1 Os Caminhos da Lepra	X		1		
	3.2 Os Caminhos da Lepra	X				1
	3.3 A Igreja Católica assume a profilaxia	X				1
	3.4 Na Idade Média ...	X				1
04 – Era da Medicina	4.1 Em 1873 o médico...	X		2		
	4.2 Micobacterium Leprae	X		4		
	4.3 Especialidades Médicas	X		1		
05 – Jornais: História HCI	5.1 Os painéis a seguir...	X		1		
	5.2 Os Hospitais Colônia: Cidades para os Lázaros	X			1	
	5.3 Mal de Hansen na Visão do Dr. Maximiliano Cauduro	X			1	
	5.4 O Início do Combate a Lepra no Rio Grande do Sul	X			1	
	5.5 A Escolha do Local para a Construção do Hospital Colônia Itapuã					
	5.5.1 Pedra Fundamental					
	5.5.2 Fala do Governo do Estado	X			2	
	5.5.3 Fala O Dr. Luiz Medeiros					
5.5.4 Um Churrasco						
5.5.5 Construção de uma Estrada						
5.6 Inauguração do Leprosário Itapoan						
5.6.1 O Ato Inaugural	X				2	
5.6.2 Convidados Do Governo Do Estado						
06 – Jornais: Tratamento da Hanseníase	6 - O Tratamento no Leprosário	X			1	

07 – Jornais: Amparo Santa Cruz	7.1 Amparo Santa Cruz: Um Lar ao Filho de São Lázaro	X			2	
	7.2 Dentre as muitas histórias...	X			1	
08 – Pharmácia	8 - Pharmácia	X		1		
09 – Esterilização	9 - Esterilização	X		1		
10 – Negão o Cão	10 - Negão, o Cão	X		1		
11 – Mateiros	11 - Mateiros: Homens que Trabalham no Corte de Lenha	X		1		
12 – Padaria	12 - Padaria	X		1		
13 – Serviço de Nutrição e Dietética	13 - Serviço de Nutrição e Dietética	X		1		
14 – Fábrica de Sabão	14 - A Fábrica de Sabão	X		1		
15 – Roupas	15 - O Cuidado com as Roupas	X		1		
16 – Itens Agrícolas	16.1 Tambo	X		1		
	16.2 Pocilga	X		1		
	16.3 Olaria	X		1		
	16.4 Um Marcineiro de Sete Instrumentos	X		1		
	16.5 Primeiros Cuidados com as Terneiras ao Nascer					
17 – Trabalhos Rurais	17 - Trabalhos Rurais	X		1		
18 – Sapatos e Moldes	18.1 Sapataria	X		1		
	18.2 Órteses e Adaptações	X		1		
19 – Objeto com Itens de Barbear						
20 – Tambores de Esterilização de Gaze						
21 – Elpídio Salles Teixeira	21 – Capão do Veado, 19-1-1944	X		1		
22 – Lori Kunzler	22- Lori Kunzler	X		1		
23 – Sala dos Amores	23.1 Sociabilidade		X			1
	23.2 Tempo de Encontros	X		1		
	23.3 João Pedro e Therezina Martins	X		1		

	23.4 Sadi e Alda Roveda	X		1		
24 – Cristaleira de Bibelôs						
25 – Medicina no HCI	25.1 Envolvimento		X			1
	25.2 Dentista	X		1		
26 – Tributo aos Filhos dos Pacientes Hansenianos	26 - Tributo aos Filhos dos Pacientes Hansenianos	X			1	
27 – João Francisco Saldanha	27 - João Francisco Saldanha	X		2		
28 – Entretenimento	28.1 Diversões	X		1		
	28.2 Sociabilidade		X			1
29 – Cadeia	29 - Cadeia: Estás Preso!	X		1		
30 – Cozinha						
31 – Escada						
32 – Pacientes Psiquiátricos	32 - A Unidade de Saúde Metal do H.C. de Itapuã	X				
33 – Voluntários do Carinho	33 - Voluntários do Carinho	X		1		
34 - Pacientes Psiquiátricos	34 - ReHCIclar	X		4		
35 – Itens Indígenas						
36 – Colônia Japonesa	36 - História da Família Ino da Colônia Japonesa em Itapuã	X			1	
37 – Aldeia Pindo-Mirim	37 - Aldeia Pindo-Mirim	X			2	
38 – Colônia dos Pescadores						
39 – Reforma Agrária	39 - Reforma Agrária	X			1	
40 – Recontando a História	40 - Escola Municipal de Ensino Fundamental Frei Pacífico	X			1	
41 - Frei Pacífico						
42 – A Creche	42 - A Creche	X		1		
43 – Sala de Arquivo						
44 – Banda Frei Pacífico						
45 – Sala de Arquivo						
46 – Organizadores						

47 – Imagens do HCI no Corredor						
48 – Laboratório						
49 – Administração e Setores	49 - Nós Não Caminhamos Sós			1		
50 – Imagens da Flora e Fauna no Corredor						
51 – Sala das Feridas						
52 – Filhos Levados	52.1 Isolamento		X			1
	52.2 O Amparo Santa Cruz	X		2		
	52.3 Os Causos do Amparo Santa Cruz 52.3.1 Causo 1 – As Vacas Doadas 52.3.2 Causo 2 – O Rapto das Crianças do Amparo	X		3		
53 – Religiosidade	53.1 A Irmãs Franciscanas	X		1		
	53.2 "Nós não Caminhamos Sós"	X		1		
	53.3 Sociabilidade		X			1
54 – Salas de Arquivo						
55 – Igreja Lutera e o arquiteto Alexander Josef Wiederspahn	55.1 O Significado da Rosa de Lutero	X		1		
	55.2 Theodor Alexander Josef Wiederspahn	X		1		
	52.3 Curiosidade	X		1		
	55.4 Relação Parcial dos Projetos de Theodor Wiederspahn	X		1		
56 - Maquinário Agrícola						
TOTAL		57	5	52	17	8

APÊNDICE K – Tabela para Análise do Conteúdo dos Textos Expositivos

ESPAÇOS EXPOSITIVOS	TEXTOS EXPOSITIVOS	CONTEÚDO			
		Informações Históricas	Entrevistas	História de Vida	Textos Explicativos
01 – Hall de Entrada					
02 – Auditório					
03 - Memórias do Mundo	3.1 Os Caminhos da Lepra				X
	3.2 Os Caminhos da Lepra	X			
	3.3 A Igreja Católica assume a profilaxia	X			
	3.4 Na Idade Média ...	X			X
04 – Era da Medicina	4.1 Em 1873 o médico...	X			
	4.2 Micobacterium Leprae				X
	4.3 Especialidades Médicas				
05 – Jornais: História HCI	5.1 Os painéis a seguir...				X
	5.2 Os Hospitais Colônia: Cidades para os Lázaros	X			
	5.3 Mal de Hansen na Visão do Dr. Maximiliano Cauduro	X			
	5.4 O Início do Combate a Lepra no Rio Grande do Sul	X			
	5.5 A Escolha do Local para a Construção do Hospital Colonia Itapuã 5.5.1 Pedra Fundamental 5.5.2 Fala do Governo do Estado	X			

	5.5.3 Fala O Dr. Luiz Medeiros 5.5.4 Um Churrasco 5.5.5 Construção de uma Estrada				
	5.6 Inauguração do Leprosário Itapoan 5.6.1 O Ato Inaugural 5.6.2 Convidados Do Governo Do Estado	X			
06 – Jornais: Tratamento da Hanseníase	6 - O Tratamento no Leprosário				X
07 – Jornais: Amparo Santa Cruz	7.1 Amparo Santa Cruz: Um Lar ao Filho de São Lázaro	X			
	7.2 Dentre as muitas histórias...	X			
08 – Pharmácia	8 – Pharmácia	X			
09 – Esterilização	9 – Esterilização	X			
10 – Negão o Cão	10 - Negão, o Cão			X	
11 – Mateiros	11 - Mateiros: Homens que Trabalham no Corte de Lenha	X			
12 – Padaria	12 – Padaria	X			
13 – Serviço de Nutrição e Dietética	13 - Serviço de Nutrição e Dietética	X			
14 – Fábrica de Sabão	14 - A Fábrica de Sabão	X			X
15 – Roupas	15 - O Cuidado com as Roupas	X			X
16 – Itens Agrícolas	16.1 Tambo	X			X
	16.2 Pocilga	X			X

	16.3 Olaria	X			
	16.4 Um Marcineiro de Sete Instrumentos			X	
	16.5 Primeiros Cuidados com as Terneiras ao Nascer				X
17 – Trabalhos Rurais	17 - Trabalhos Rurais	X			X
18 – Sapatos e Moldes	18.1 Sapataria	X			X
	18.2 Órteses e Adaptações				X
19 – Objeto com Itens de Barbear					
20 – Tambores de Esterilização de Gaze					
21 – Elpídio Salles Teixeira	21 – Capão do Veado, 19-1-1944			X	
22 – Lori Kunzler	22- Lori Kunzler			X	
23 – Sala dos Amores	23.1 Sociabilidade		X		
	23.2 Tempo de Encontros				X
	23.3 João Pedro e Therezina Martins			X	
	23.4 Sadi e Alda Roveda			X	
24 – Cristaleira de Bibelôs					
25 – Medicina no HCI	25.1 Envolvimento		X		
	25.2 Dentista	X			X
26 – Tributo aos Filhos dos Pacientes Hansenianos	26 - Tributo aos Filhos dos Pacientes Hansenianos	X		X	

27 – João Francisco Saldanha	27 - João Francisco Saldanha	X		X	
28 – Entretenimento	28.1 Diversões	X			
	28.2 Sociabilidade		X		
29 – Cadeia	29 - Cadeia: Estás Preso!	X		X	
30 – Cozinha					
31 – Escada					
32 – Pacientes Psiquiátricos	32 - A Unidade de Saúde Metal do H.C. de Itapuã	X			X
33 – Voluntários do Carinho	33 - Voluntários do Carinho				X
34 - Pacientes Psiquiátricos	34 – ReHCIclar				X
35 – Itens Indígenas					
36 – Colônia Japonesa	36 - História da Família Ino da Colônia Japonesa em Itapuã	X		X	
37 – Aldeia Pindo-Mirim	37 - Aldeia Pindo-Mirim	X		X	
38 – Colônia dos Pescadores					
39 – Reforma Agrária	39 - Reforma Agrária	X		X	
40 – Recontando a História	40 - Escola Municipal de Ensino Fundamental Frei Pacífico	X			
41 - Frei Pacífico					
42 – A Creche	42 - A Creche	X			
43 – Sala de Arquivo					

44 – Banda Frei Pacífico					
45 – Sala de Arquivo					
46 – Organizadores					
47 – Imagens do HCI no Corredor					
48 – Laboratório					
49 – Administração e Setores	49 - Nós Não Caminhamos Sós	X			
50 – Imagens da Flora e Fauna no Corredor					
51 – Sala das Feridas					
52 – Filhos Levados	52.1 Isolamento		X		
	52.2 O Amparo Santa Cruz	X			X
	52.3 Os Causos do Amparo Santa Cruz 52.3.1 Causo 1 – As Vacas Doadas 52.3.2 Causo 2 – O Rapto das Crianças do Amparo	X		X	
53 – Religiosidade	53.1 A Irmãs Franciscanas	X			
	53.2 "Nós não Caminhamos Sós"	X			X
	53.3 Sociabilidade		X		
54 – Salas de Arquivo					
	55.1 O Significado da Rosa de Lutero				X

55 – Igreja Luterana e o arquiteto Alexander Josef Wiederspahn	55.2 Theodor Alexander Josef Wiederspahn	X		X	
	52.3 Curiosidade	X			
	55.4 Relação Parcial dos Projetos de Theodor Wiederspahn				
56 - Maquinário Agrícola					
TOTAL		41	5	14	21

APÊNDICE L – Tabela para Análise dos Eixos Temáticos dos Textos Expositivos

ESPAÇOS EXPOSITIVOS	TEXTOS EXPOSITIVOS	EIXOS TEMÁTICOS DOS TEXTOS							
		A - História da Lepra	B - História do HCI	C - Medicina no HCI	D - Religião e Arte Sacra	E - Trabalho Administrativo do HCI	F - Vida dos Moradores do Setor Psiquiátrico no HCI	G - Vida dos Moradores Hansenianos no HCI	H - Vida Fora do HCI
01 – Hall de Entrada									
02 – Auditório									
03 - Memórias do Mundo	3.1 Os Caminhos da Lepra	X							
	3.2 Os Caminhos da Lepra	X							
	3.3 A Igreja Católica assume a profilaxia	X							
	3.4 Na Idade Média ...	X							
04 – Era da Medicina	4.1 Em 1873 o médico...	X							
	4.2 Micobacterium Leprae			X					

	4.3 Especialidades Médicas		X	X					
05 – Jornais: História HCI	5.1 Os painéis a seguir...								
	5.2 Os Hospitais Colônia: Cidades para os Lázarus	X	X						
	5.3 Mal de Hansen na Visão do Dr. Maximiliano Cauduro	X							
	5.4 O Início do Combate a Lepra no Rio Grande do Sul		X						
	5.5 A Escolha do Local para a Construção do Hospital Colônia Itapuã 5.5.1 Pedra Fundamental 5.5.2 Fala do Governo do Estado 5.5.3 Fala O Dr. Luiz		X						

	Medeiros 5.5.4 Um Churrasco 5.5.5 Construção de uma Estrada								
	5.6 Inauguração do Leprosário Itapoan 5.6.1 O Ato Inaugural 5.6.2 Convidados Do Governo Do Estado		X						
06 – Jornais: Tratamento da Hanseníase	6 - O Tratamento no Leprosário			X					
07 – Jornais: Amparo Santa Cruz	7.1 Amparo Santa Cruz: Um Lar ao Filho de São Lázaro	X	X						
	7.2 Dentre as muitas histórias...		X						
08 – Pharmácia	8 - Pharmácia		X	X					
09 – Esterilização	9 - Esterilização		X	X					

10 – Negão o Cão	10 - Negão, o Cão							X	X	
11 – Mateiros	11 - Mateiros: Homens que Trabalham no Corte de Lenha		X							
12 – Padaria	12 - Padaria		X							
13 – Serviço de Nutrição e Dietética	13 - Serviço de Nutrição e Dietética		X							
14 – Fábrica de Sabão	14 - A Fábrica de Sabão		X							
15 – Roupas	15 - O Cuidado com as Roupas		X							
16 – Itens Agrícolas	16.1 Tambo		X							
	16.2 Pocilga		X							
	16.3 Olaria		X							
	16.4 Um Marcineiro de Sete Instrumentos								X	
	16.5 Primeiros Cuidados com as Terneiras ao Nascer		X							
17 – Trabalhos Rurais	17 - Trabalhos Rurais		X							
	18.1 Sapataria		X							

18 – Sapatos e Moldes	18.2 Órteses e Adaptações		X	X					
19 – Objeto com Itens de Barbear									
20 – Tambores de Esterilização de Gaze									
21 – Elpídio Salles Teixeira	21 – Capão do Veado 19-1-1944							X	
22 – Lori Kunzler	22- Lori Kunzler							X	
23 – Sala dos Amores	23.1 Sociabilidade							X	
	23.2 Tempo de Encontros		X						
	23.3 João Pedro e Therezina Martins							X	
	23.4 Sadi e Alda Roveda							X	
24 – Cristaleira de Bibelôs									
25 – Medicina no HCI	25.1 Envolvimento							X	
	25.2 Dentista		X	X					
26 – Tributo aos Filhos	26 - Tributo aos Filhos dos							X	

dos Pacientes Hansenianos	Pacientes Hansenianos								
27 – João Francisco Saldanha	27 - João Francisco Saldanha							X	
28 – Entretenimento	28.1 Diversões		X						
	28.2 Sociabilidade							X	
29 – Cadeia	29 - Cadeia: Estás Preso!							X	
30 – Cozinha									
31 – Escada									
32 – Pacientes Psiquiátricos	32 - A Unidade de Saúde Metal do H.C. de Itapuã		X						
33 – Voluntários do Carinho	33 - Voluntários do Carinho	X	X	X					
34 - Pacientes Psiquiátricos	34 - ReHCIclar		X			X	X		
35 – Itens Indígenas									
36 – Colônia Japonesa	36 - História da Família Ino da Colônia		X						X

48 – Laboratório									
49 – Administração e Setores	49 - Nós Não Caminhamos Sós		X						
50 – Imagens da Flora e Fauna no Corredor									
51 – Sala das Feridas									
52 – Filhos Levados	52.1 Isolamento							X	
	52.2 O Amparo Santa Cruz		X						
	52.3 Os Causos do Amparo Santa Cruz 52.3.1 Caso 1 – As Vacas Doadas 52.3.2 Caso 2 – O Rapto das Crianças do Amparo							X	
	53.1 A Irmãs Franciscanas		X	X					

53 – Religiosid e	53.2 "Nós não Caminhamos Sós"		X						
	53.3 Sociabilidade							X	
54 – Salas de Arquivo									
55 – Igreja Lutera e o arquiteto Alexander Josef Wiederspahn	55.1 O Significado da Rosa de Lutero				X				X
	55.2 Theodor Alexander Josef Wiederspahn		X						X
	52.3 Curiosidade								X
	55.4 Relação Parcial dos Projetos de Theodor Wiederspahn								X
56 - Maquinário Agrícola									
TOTAL		9	35	9	1	1	2	15	8

APÊNDICE M – Tabela Comparativa dos Espaços Expositivos

ESPAÇOS EXPOSITIVOS	NOMENCLATURA			LOCAL		INFORMAÇÕES COMPLEMENTARES		VERSIDADE DE ACERVO	TOTAL
	Nome Institucional	Nome do Texto	Nome Atribuído	Sala	Nicho	Textos	Legendas	Tipologia de Acervos	
01 – Hall de Entrada			1		1			3	5
02 – Auditório	3			2					5
03 - Memórias do Mundo	3			2		4	1	4	14
04 – Era da Medicina	3			2		3	1	7	16
05 – Jornais: História HCI			1		1	6		2	10
06 – Jornais: Tratamento da Hanseníase			1		1	1		1	4
07 – Jornais: Amparo Santa Cruz		2	1		1	2		2	8
08 – Farmácia		2			1	1		1	5
09 – Esterilização		2			1	1		1	5
10 – Negão o Cão		2			1	1		2	6
11 – Mateiros		2			1	1		2	6
12 – Padaria		2			1	1		5	9

13 – Serviço de Nutrição e Dietética		2			1	1		4	8
14 – Fábrica de Sabão		2			1	1		3	7
15 – Roupas			1		1	1		4	7
16 – Itens Agrícolas		2		2		5		4	13
17 – Trabalhos Rurais			1		1	1		3	6
18 – Sapatos e Moldes			1		1	2		3	7
19 – Objeto com Itens de Barbear			1		1		1	2	5
20 – Tambores de Esterilização de Gaze			1		1			2	4
21 – Elpídio Salles Teixeira			1		1	1		3	6
22 – Lori Kunzler		2			1	1		2	6
23 – Sala dos Amores	3			2		4		7	16
24 – Cristaleira de Bibelôs			1		1			1	3
25 – Medicina no HCI			1	2		2		4	9
26 – Tributo aos Filhos dos Pacientes Hansenianos		2			1	1		1	5
27 – João Francisco Saldanha		2			1	1		2	6

28 – Entretenimento			1	2		2		7	12
29 – Cadeia		2		2		1		2	7
30 – Cozinha				2				4	6
31 – Escada					1			5	6
32 – Pacientes Psiquiátricos			1	2		1		7	11
33 – Voluntários do Carinho		2			1	1		1	5
34 - Pacientes Psiquiátricos			1	2		1	1	5	10
35 – Itens Indígenas			1		1			3	5
36 – Colônia Japonesa	3			2		1		5	11
37 – Aldeia Pindo-Mirim		2		2		1		3	8
38 – Colônia dos Pescadores	3			2				1	6
39 – Reforma Agrária		2		2		1		2	7
40 – Recontando a História	3			2		1		6	12
41 - Frei Pacífico			1		1			2	4
42 – A Creche		2			1	1		5	9

43 – Sala de Arquivo			1		1			2	4
44 – Banda Frei Pacífico			1		1			1	3
45 – Sala de Arquivo			1	2				2	5
46 – Organizadores			1		1			1	3
47 – Imagens do HCI no Corredor			1		1			2	4
48 - Laboratório			1	2				6	9
49 – Administração e Setores	3			2		1		5	11
50 – Imagens da Flora e Fauna no Corredor			1		1			2	4
51 – Sala das Feridas			1	2				4	7
52 – Filhos Levados			1		1	3		3	8
53 – Religiosidade			1	2		3		5	11
54 – Salas de Arquivo			1	2				2	5
55 – Igreja Lutera e o arquiteto Alexander Josef Wiederspahn			1		1	4		5	11
56 - Maquinário Agrícola			1		1			1	3

**APÊNDICE N - Ficha de Apresentação/ Identificação dos Espaços Expositivos do
Memorial HCI**

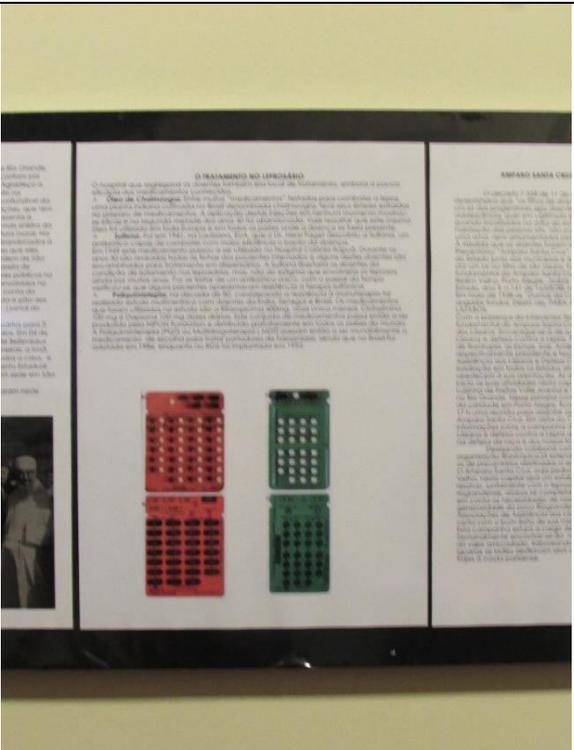
FICHA DE APRESENTAÇÃO DOS ESPAÇOS EXPOSITIVOS DO MEMORIAL HCI – 01	
Nome	Nome Atribuído – Hall de Entrada
Localização	Nicho no 1º Andar
Foto	
Breve Descrição	Espaço que vemos assim que entramos no Memorial. Foi considerado um espaço expositivo por estar organizado de uma forma “cenográfica” e por possuir objetos testemunho.
Acervo	Objetos testemunho como bancos de uma das igrejas do HCI, há uma estátua de São Lázaro, uma Bíblia, uma placa de agradecimento ao senhor Marco Lucaora e um banner do Hospital.
Material Complementar	

FICHA DE APRESENTAÇÃO DOS ESPAÇOS EXPOSITIVOS DO MEMORIAL HCI – 02	
Nome	Nome Institucional – Auditório
Localização	Sala no 1º Andar
Foto	
Breve Descrição	Espaço onde era o antigo oratório das Irmãs Franciscanas de Penitência e Caridade Cristã, hoje é utilizado para um importante momento da mediação do Memorial, pois é onde iniciamos nossa visita ao assistirmos uma palestra sobre a história da hanseníase e do HCI.
Acervo	Não há acervo neste ambiente, contudo, em uma sala atrás do “palco” estão diversos textos os quais, como não estão disponíveis para a exposição, não possuo muito conhecimento.
Material Complementar	

FICHA DESCRITIVA DOS ESPAÇOS EXPOSITIVOS DO MEMORIAL HCI – 03	
Nome	Nome Institucional - Memórias do Mundo
Localização	Sala do 1º Andar
Foto	
Breve Descrição	O espaço aborda a “lepra”, trazendo a concepção da hanseníase enquanto pecado, castigo divino, ideia ao qual a doença foi associada por muito tempo. Mostra o que seria a imagem do leproso e seu “modo de vida”, também traz informações sobre a disseminação da doença pelo mundo.
Acervo	Acervo cenográfico composto por banners com reproduções de imagens e mapas, uma manequim e textos expositivos, constituindo assim um “diorama”.
Material Complementar	Textos e legendas

FICHA DESCRITIVA DOS ESPAÇOS EXPOSITIVOS DO MEMORIAL HCI – 04	
Nome	Nome Institucional – Era da Medicina
Localização	Sala do 1º Andar
Foto	
Breve Descrição	<p>O espaço representa a passagem da lepra como castigo divino para a perspectiva de uma doença, abordando o médico Hansen e a descoberta do bacilo causador da doença. Além de mostrar alguns instrumentos utilizados para os cuidados com os pacientes do HCI.</p>
Acervo	<p>Diversos objetos testemunho utilizados na fabricação de medicamentos, livros de medicina, um aparelho de oftalmologia, um aparelho para a esterilização das cartas que os pacientes mandavam e as moedas utilizadas dentro do Hospital. Quanto aos objetos-cenográficos vemos dois quadros do médico Hansen.</p>
Material Complementar	Textos e legendas

FICHA DE APRESENTAÇÃO DOS ESPAÇOS EXPOSITIVOS DO MEMORIAL HCI – 05	
Nome	Nome Atribuído – Jornais: História HCI
Localização	Nicho no corredor do 1º Andar
Foto	
Breve Descrição	Sequência de textos em A3 fixados em blocos retangulares pretos na parede do corredor que abordam a história da criação do HCI.
Acervo	Acervo cenográfico constituído de reproduções de fotos e documentos.
Material Complementar	Textos

FICHA DE APRESENTAÇÃO DOS ESPAÇOS EXPOSITIVOS DO MEMORIAL HCI – 06	
Nome	Nome Atribuído – Jornais: Tratamento da Hanseníase
Localização	Nicho no corredor do 1º Andar
Foto	
Breve Descrição	Sequência de textos em A3 fixados em blocos retangulares pretos na parede do corredor que explicam como ocorre o tratamento da hanseníase.
Acervo	Acervo cenográfico constituído de reproduções de fotos.
Material Complementar	Texto

FICHA DE APRESENTAÇÃO DOS ESPAÇOS EXPOSITIVOS DO MEMORIAL HCI – 07	
Nome	Nome Atribuído – Jornais: Amparo Santa Cruz
Localização	Nicho no corredor do 1º Andar
Foto	 
Breve Descrição	Sequência de textos em A3 fixados em blocos retangulares pretos na parede do corredor que fala sobre o Amparo Santa Cruz e o cuidado com os filhos dos pacientes com hanseníase do HCI.
Acervo	Acervo cenográfico constituído de reproduções de fotos e documentos.
Material Complementar	Textos

FICHA DE APRESENTAÇÃO DOS ESPAÇOS EXPOSITIVOS DO MEMORIAL HCI – 08	
Nome	Nome do Texto – Pharmácia
Localização	Nicho no corredor do 1º Andar
Foto	
Breve Descrição	Pequeno nicho no corredor entre duas entradas para diferentes ambientes.
Acervo	Objetos testemunho: imagens do local e dos funcionários.
Material Complementar	Texto

FICHA DE APRESENTAÇÃO DOS ESPAÇOS EXPOSITIVOS DO MEMORIAL HCI – 09	
Nome	Nome do Texto - Esterilização
Localização	Nicho no corredor do 1º Andar
Foto	
Breve Descrição	Pequeno nicho no corredor entre duas entradas para diferentes ambientes.
Acervo	Objetos testemunho: imagens do local e dos funcionários.
Material Complementar	Texto

FICHA DE APRESENTAÇÃO DOS ESPAÇOS EXPOSITIVOS DO MEMORIAL HCI – 10	
Nome	Nome do Texto – Negão, o Cão
Localização	Nicho no corredor do 1º Andar
Foto	
Breve Descrição	Espaço embaixo da escada que aborda a história de um cachorro denominado Negão.
Acervo	Composto por objetos testemunho – fotos do cachorro no HCI – e cenográficos – estatueta na figura de um cachorro.
Material Complementar	Texto

FICHA DE APRESENTAÇÃO DOS ESPAÇOS EXPOSITIVOS DO MEMORIAL HCI – 11	
Nome	Nome do Texto – Mateiros
Localização	Nicho no corredor do 1º Andar
Foto	
Breve Descrição	Ambiente no qual conta como a necessidade de lenha para o Hospital fez com que se desenvolve-se esta atividade e o plantio de eucalipto.
Acervo	Apresenta objetos testemunho, como as fotos e instrumentos de trabalho, e cenográficos como as madeiras que foram classificadas como enfeites.
Material Complementar	Texto

FICHA DE APRESENTAÇÃO DOS ESPAÇOS EXPOSITIVOS DO MEMORIAL HCI – 12	
Nome	Nome do Texto – Padaria
Localização	Nicho no corredor do 1º Andar
Foto	
Breve Descrição	Espaço dedicado a padaria que funcionava até poucos anos atrás no HCI, os pães são uma homenagem ao pão que era feito com a receita original trazida pelas Irmãs Franciscanas.
Acervo	Fotos, instrumentos de trabalho, móvel, documentos e um item cenográfico que são os pães que enfeitam a bancada.
Material Complementar	Texto

FICHA DE APRESENTAÇÃO DOS ESPAÇOS EXPOSITIVOS DO MEMORIAL HCI – 13	
Nome	Nome do Texto – Serviço de Nutrição e Dietética
Localização	Nicho no corredor do 1º Andar
Foto	
Breve Descrição	Nicho dedicado ao serviço de nutrição e dietética que funciona dentro do Hospital, os limites entre este espaço e o “12 - Padaria”, são um pouco confusos, o que fez com que, em outros momentos, eu os coloca-se como um ambiente único.
Acervo	Composto apenas por objetos testemunho, como fotos, máquinas e instrumentos de trabalho, utensílios domésticos e o móvel nos qual estes objetos são expostos.
Material Complementar	Texto

FICHA DE APRESENTAÇÃO DOS ESPAÇOS EXPOSITIVOS DO MEMORIAL HCI – 14	
Nome	Nome do Texto – Fábrica de Sabão
Localização	Nicho no corredor do 1º Andar
Foto	
Breve Descrição	Ambiente que se confunde com o “15 - Roupas”, contudo, este aborda a fábrica de sabão responsável pela criação deste importante item de higiene para os moradores do Hospital.
Acervo	Objetos testemunho como fotos, instrumentos de trabalho e utensílios domésticos como o próprio sabão que se encontra em exposição.
Material Complementar	Texto

FICHA DE APRESENTAÇÃO DOS ESPAÇOS EXPOSITIVOS DO MEMORIAL HCI – 15	
Nome	Nome Atribuído – Roupas
Localização	Nicho no corredor do 1º Andar
Foto	
Breve Descrição	<p>Espaço que aborda dois aspectos, a lavanderia, colocando a importância desta devido ao número de pacientes e a costura para a manutenção de fabricação de itens necessários ao cotidiano da instituição.</p>
Acervo	<p>Objetos testemunho como fotografia, máquinas e instrumentos de trabalho, vestuário e utensílios domésticos.</p>
Material Complementar	<p>Texto próprio.</p>

FICHA DE APRESENTAÇÃO DOS ESPAÇOS EXPOSITIVOS DO MEMORIAL HCI – 16	
Nome	Nome Atribuído – Itens Agrícolas
Localização	Sala do 1º Andar
Foto	
Breve Descrição	Ambiente com diversos objetos, textos e imagens que trata do cotidiano do Hospital em relação aos trabalhos rurais.
Acervo	Objetos testemunho como fotos, máquinas e instrumentos de trabalho, móveis e documentos.
Material Complementar	Textos expositivos.

FICHA DE APRESENTAÇÃO DOS ESPAÇOS EXPOSITIVOS DO MEMORIAL HCI – 17	
Nome	Nome do Texto – Trabalhos Rurais
Localização	Nicho no corredor do 1º Andar
Foto	
Breve Descrição	<p>Ambiente que aborda a necessidade de diferentes trabalhos dentro do HCI, como a horta, ferraria, marcenaria e a ordenha das vacas. Poderíamos considerá-lo como um ambiente que introduz assuntos que serão abordados no espaço “16 – Itens Agrícolas”, contudo normalmente só passamos depois, porque a visita segue em sentido anti-horário.</p>
Acervo	<p>Objetos testemunho como fotos, máquinas, instrumentos agrícolas e elementos do vestuário que consiste em um chapéu de palha.</p>
Material Complementar	<p>Texto próprio.</p>

FICHA DE APRESENTAÇÃO DOS ESPAÇOS EXPOSITIVOS DO MEMORIAL HCI – 18	
Nome	Texto Atribuído – Sapatos e Moldes
Localização	Nicho no corredor do 1º Andar
Foto	
Breve Descrição	Ambiente que expõe como eram feitos os calçados utilizados pelos moradores no HCI. Detalhe importante da história e das limitações impostas pela hanseníase, posto que as extremidades do corpo são muito afetadas pela doença, sendo necessários sapatos específicos para os moradores.
Acervo	Objetos testemunho: fotografias, máquinas e instrumentos de trabalho, e vestuário, considerando os sapatos e palmilhas expostas.
Material Complementar	Textos expositivos.

FICHA DE APRESENTAÇÃO DOS ESPAÇOS EXPOSITIVOS DO MEMORIAL HCI – 19	
Nome	Nome Atribuído – Objeto com Itens de Barbear
Localização	Nicho no corredor do 1º Andar
Foto	
Breve Descrição	Objeto com legenda exposto em um pequeno espaço de parede entre 02 (duas) portas.
Acervo	Objeto cenográfico, aparentemente, composto por objetos testemunho.
Material Complementar	Legenda.

FICHA DE APRESENTAÇÃO DOS ESPAÇOS EXPOSITIVOS DO MEMORIAL HCI – 20	
Nome	Nome Atribuído – Tambores de Esterilização de Gaze
Localização	Nicho no corredor do 1º Andar
Foto	
Breve Descrição	Nicho no corredor com objetos testemunho vinculados às atividades médicas exercidas no HCI.
Acervo	Objetos testemunho.
Material Complementar	

FICHA DE APRESENTAÇÃO DOS ESPAÇOS EXPOSITIVOS DO MEMORIAL HCI – 21	
Nome	Nome Atribuído – Elpídio Salles Teixeira
Localização	Nicho no corredor do 1º Andar
Foto	
Breve Descrição	Espaço dedicado a vida de um paciente internado em virtude da doença hanseníase, apesar de não descrever a vida do mesmo expõe uma carta escrita por sua mãe desejando felicidades a ele e a noiva pelo compromisso firmado.
Acervo	Objetos testemunho que consistem em uma carta e um certificado de reservista de um paciente, há também uma transcrição da correspondência exposta e algumas reproduções de documentos do Hospital.
Material Complementar	Texto expositivo.

FICHA DE APRESENTAÇÃO DOS ESPAÇOS EXPOSITIVOS DO MEMORIAL HCI – 22	
Nome	Nome do Texto – Lori Kunzler
Localização	Nicho no corredor do 1º Andar
Foto	
Breve Descrição	Ambiente que aborda a vida de uma das primeiras internas do HCI.
Acervo	Apresenta objetos testemunho e cenográficos, o primeiro consiste em fotografias da mesma e o segundo em reproduções de imagens dela.
Material Complementar	Texto expositivo.

FICHA DE APRESENTAÇÃO DOS ESPAÇOS EXPOSITIVOS DO MEMORIAL HCI – 23	
Nome	Nome Institucional – Sala dos Amores
Localização	Sala do 1º Andar
Foto	
Breve Descrição	Espaço que tem como objetivo abordar os relacionamentos que surgiram dentro do Hospital entre os internos. Apontando a vida de alguns casais.
Acervo	Objetos testemunho como fotos, vestuário, bibelôs, malas, móveis. Os objetos cenográficos consistem em um guarda-chuva cor de rosa.
Material Complementar	Textos expositivos.

FICHA DE APRESENTAÇÃO DOS ESPAÇOS EXPOSITIVOS DO MEMORIAL HCI – 24	
Nome	Nome Atribuído – Cristaleira de Bibelôs
Localização	Nicho no corredor do 1º Andar
Foto	
Breve Descrição	Estante com objetos, aparentemente, genéricos que devido ao fato de serem fruto de doações devem possuir valor imaterial não muito explorado pela expografia do Memorial.
Acervo	Objetos testemunho que consiste em bibelôs e estatuetas.
Material Complementar	

FICHA DE APRESENTAÇÃO DOS ESPAÇOS EXPOSITIVOS DO MEMORIAL HCI – 25	
Nome	Nome Atribuído – Medicina no HCI
Localização	Sala do 1º Andar
Foto	
Breve Descrição	Ambiente que visa apresentar aspectos referentes aos tratamentos e rotinas médicas que ocorriam no HCI, dentre estas destacam-se os tratamentos dentários e a questão dos partos, nos quais filhos e mães eram separados.
Acervo	Objetos testemunho como máquinas e instrumentos de trabalho, utensílios médicos, fotografias e móveis.
Material Complementar	Texto expositivo

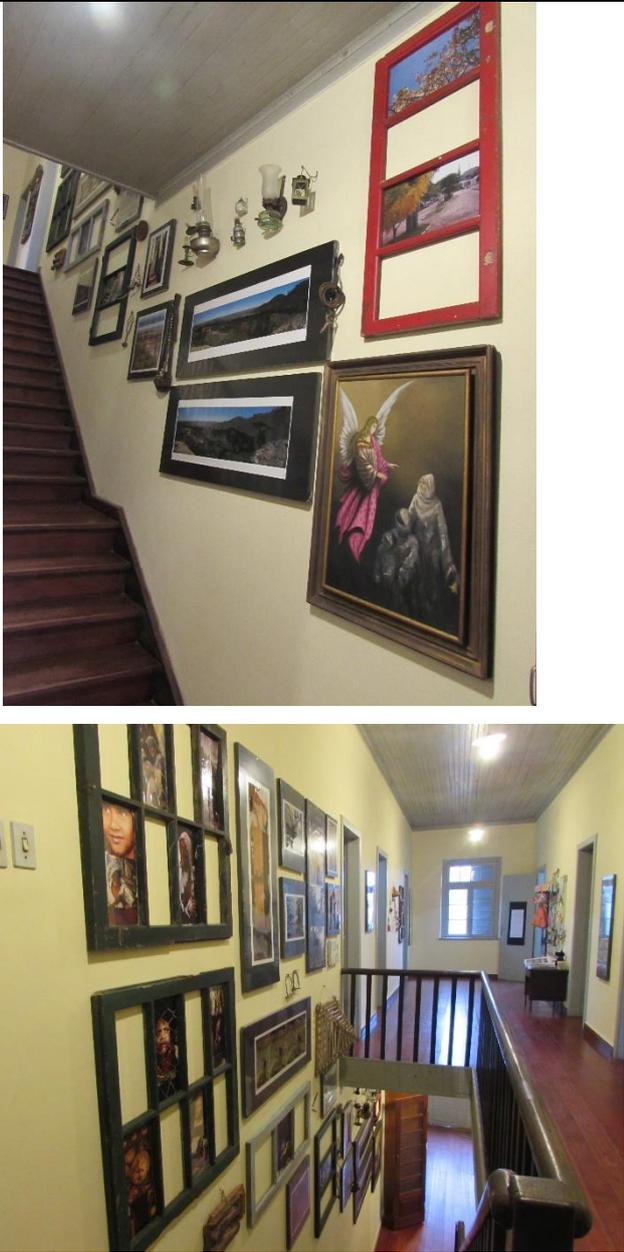
FICHA DE APRESENTAÇÃO DOS ESPAÇOS EXPOSITIVOS DO MEMORIAL HCI – 26	
Nome	Nome do Texto – Tributo aos Filhos dos Pacientes Hansenianos
Localização	Nicho no corredor do 1º Andar
Foto	
Breve Descrição	Espaço destinado a homenagear os filhos dos pacientes hansenianos do HCI que eram separados dos pais.
Acervo	Fotos de diferentes pessoas em faixas etárias e épocas, aparentemente, distintas.
Material Complementar	Texto expositivo

FICHA DE APRESENTAÇÃO DOS ESPAÇOS EXPOSITIVOS DO MEMORIAL HCI – 27	
Nome	Nome do Texto – João Francisco Saldanha
Localização	Nicho no corredor do 1º Andar
Foto	
Breve Descrição	Ambiente que aborda passagens da vida pessoal de um dos pacientes hansenianos do Hospital.
Acervo	Fotografias pessoais e um cartaz do documentário “A Cidade” com a imagem do paciente, deste modo considerado um documento.
Material Complementar	Texto expositivo

FICHA DE APRESENTAÇÃO DOS ESPAÇOS EXPOSITIVOS DO MEMORIAL HCI – 28	
Nome	Nome Atribuído – Entretenimento
Localização	Sala do 1º Andar
Foto	
Breve Descrição	Sala que aborda uma importante faceta na vida dos internos do HCI, considerando que apresenta os espaços e as atividades desenvolvidas no local com finalidade de divertir e entreter estas pessoas.
Acervo	O local apresenta uma grande quantidade de objetos testemunho como fotos, móveis, cartazes, troféus, vestuário, instrumentos musicais, entre outras materialidades
Material Complementar	Texto expositivo

FICHA DE APRESENTAÇÃO DOS ESPAÇOS EXPOSITIVOS DO MEMORIAL HCI – 29	
Nome	Nome do Texto – Cadeia
Localização	Sala no 1º Andar
Foto	
Breve Descrição	Pequeno ambiente que divide a sala com o espaço expositivo “28 - Entretenimento”. Trabalha o tema da detenção de pacientes no período em que o HCI funcionava como Leprosário. Também aborda a história de vida de um destes moradores que atuou como delegado no local.
Acervo	Fotos e reproduções de imagens que visam representar a prisão e o local onde funcionava a cadeia.
Material Complementar	Texto expositivo

FICHA DE APRESENTAÇÃO DOS ESPAÇOS EXPOSITIVOS DO MEMORIAL HCI – 30	
Nome	Nome Institucional – Cozinha
Localização	Sala do 1º Andar
Foto	
Breve Descrição	A cozinha da instituição serve como local para lanches durante as visitas, e é um dos lugares pelos quais passamos durante as visitas apresentando itens que não são problematizados, mas que fazem parte da história da instituição e seus pacientes/moradores
Acervo	Objetos testemunho e cenográficos.
Material Complementar	

FICHA DE APRESENTAÇÃO DOS ESPAÇOS EXPOSITIVOS DO MEMORIAL HCI – 31	
Nome	Nome Institucional – Escada
Localização	Nicho entre o 1º e 2º Andar
Foto	
Breve Descrição	Parede utilizada para expor quadros, reproduções de imagens e objetos, segue a linha da escada do prédio do Memorial que leva do 1º ao 2º andar.
Acervo	Quadros, reproduções de imagens, objetos testemunho e itens cenográficos que “enfeitam” o espaço.
Material Complementar	

FICHA DE APRESENTAÇÃO DOS ESPAÇOS EXPOSITIVOS DO MEMORIAL HCI – 32	
Nome	Nome Atribuído – Pacientes Psiquiátricos
Localização	Sala do 2º Andar
Foto	
Breve Descrição	Espaço destinado a tratar temas vinculados aos pacientes provenientes do Hospital Psiquiátrico São Pedro e que hoje vivem no HCI.
Acervo	Fotos, troféus, instrumentos musicais e obras de arte, provavelmente, feitas pelos pacientes.
Material Complementar	Texto expositivo

FICHA DE APRESENTAÇÃO DOS ESPAÇOS EXPOSITIVOS DO MEMORIAL HCI – 33	
Nome	Nome Atribuído – Voluntários do Carinho
Localização	Nicho no corredor do 2º Andar
Foto	
Breve Descrição	Pequeno espaço na parede do corredor entre duas portas, nele são homenageados voluntários do carinho, que atuaram dentro HCI.
Acervo	Uma fotografia.
Material Complementar	Texto expositivo

FICHA DE APRESENTAÇÃO DOS ESPAÇOS EXPOSITIVOS DO MEMORIAL HCI – 34	
Nome	Nome Atribuído – Pacientes Psiquiátricos
Localização	Nicho no corredor do 2º Andar
Foto	
Breve Descrição	Ambiente que aborda os pacientes/moradores do HCI do setor psiquiátrico da instituição.
Acervo	Fotos, reproduções de imagens, bibelôs de enfeites.
Material Complementar	Texto expositivo e legendas.

FICHA DE APRESENTAÇÃO DOS ESPAÇOS EXPOSITIVOS DO MEMORIAL HCI – 35	
Nome	Nome Atribuído – Itens Indígenas
Localização	Nicho no corredor do 2º Andar
Foto	
Breve Descrição	Espaço localizado na parede que aborda a comunidade indígena que vive próximo a área em que o HCI foi construído.
Acervo	Artesanato indígena e reprodução de imagens
Material Complementar	Texto expositivo

FICHA DE APRESENTAÇÃO DOS ESPAÇOS EXPOSITIVOS DO MEMORIAL HCI – 36	
Nome	Nome do Texto – Colônia Japonesa
Localização	Sala do 2º Andar
Foto	
Breve Descrição	Espaço que descreve uma colônia japonesa localizada próximo ao HCI, o texto centra-se na história de vida de uma das pessoas que vive no local.
Acervo	Fotografias, documentos, reproduções de imagens, diorama de uma plantação.
Material Complementar	Texto expositivo

FICHA DE APRESENTAÇÃO DOS ESPAÇOS EXPOSITIVOS DO MEMORIAL HCI – 37	
Nome	Nome do Texto – Aldeia Pindo-Mirim
Localização	Sala do 2º Andar
Foto	
Breve Descrição	Ambiente que divide a sala com outros espaços expositivos “36 – Colônia Japonesa”, “38 – Colônia de Pescadores” e “39 – Reforma Agrária”. Destina-se a abordar a aldeia guarani próxima ao Hospital.
Acervo	Artesanato indígena, reprodução de imagens e diorama.
Material Complementar	Texto expositivo

FICHA DE APRESENTAÇÃO DOS ESPAÇOS EXPOSITIVOS DO MEMORIAL HCI – 38	
Nome	Nome Institucional – Colônia de Pescadores
Localização	Sala do 2º Andar
Foto	
Breve Descrição	Sala que, dentre outros temas, aborda a aldeia de pescadores próxima ao HCI.
Acervo	Fotos e reproduções.
Material Complementar	

FICHA DE APRESENTAÇÃO DOS ESPAÇOS EXPOSITIVOS DO MEMORIAL HCI – 39	
Nome	Nome do Texto – Reforma Agrária
Localização	Sala do 2º Andar
Foto	
Breve Descrição	Espaço que trata sobre a reforma agrária localizada próximo ao HCI, o texto aborda também a vida de um dos moradores deste local e sua relação com a instituição.
Acervo	Fotos e enfeites.
Material Complementar	Texto expositivo

FICHA DE APRESENTAÇÃO DOS ESPAÇOS EXPOSITIVOS DO MEMORIAL HCI – 40	
Nome	Nome Institucional – Recontando a História
Localização	Sala do 2º Andar
Foto	
Breve Descrição	Sala em homenagem a Escola Municipal de Ensino Fundamental Frei Pacífico com imagens, objetos e texto sobre essa história, além de maquetes do Hospital feitas pelos alunos para apresentar o Memorial.
Acervo	Maquete, reprodução de imagens, móveis e materiais utilizados na Escola Frei Pacífico, como um mimeógrafo e livros.
Material Complementar	Texto expositivo

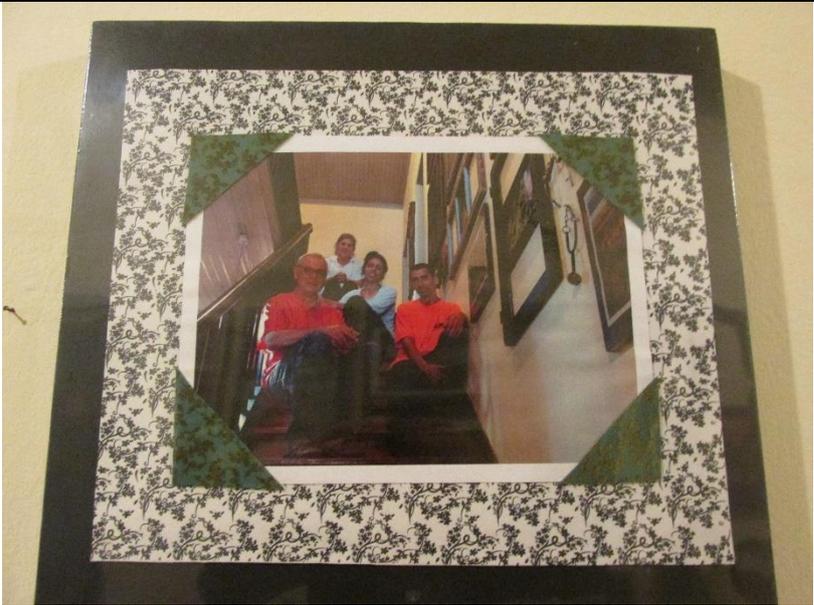
FICHA DE APRESENTAÇÃO DOS ESPAÇOS EXPOSITIVOS DO MEMORIAL HCI – 41	
Nome	Nome Atribuído – Frei Pacífico
Localização	Nicho no corredor do 2º Andar
Foto	
Breve Descrição	Espaço destinado a abordar o Frei Pacífico que atuou no HCI junto as Irmãs Franciscanas de Penitência e Caridade Cristã.
Acervo	Fotos e reproduções.
Material Complementar	

FICHA DE APRESENTAÇÃO DOS ESPAÇOS EXPOSITIVOS DO MEMORIAL HCI – 42	
Nome	Nome do Texto – A Creche
Localização	Sala do 2º Andar
Foto	
Breve Descrição	Nicho que trata sobre a creche para os filhos de funcionários do HCI.
Acervo	Objetos cenográficos e fotos.
Material Complementar	Texto expositivo

FICHA DE APRESENTAÇÃO DOS ESPAÇOS EXPOSITIVOS DO MEMORIAL HCI – 43	
Nome	Nome Atribuído – Sala de Arquivo
Localização	Sala do 2º Andar
Foto	
Breve Descrição	Espaço destinado a guarda de diversos documentos do HCI.
Acervo	Documentos institucionais.
Material Complementar	

FICHA DE APRESENTAÇÃO DOS ESPAÇOS EXPOSITIVOS DO MEMORIAL HCI – 44	
Nome	Nome Atribuído – Banda Frei Pacífico
Localização	Nicho no corredor do 2º Andar
Foto	
Breve Descrição	Apresenta imagens da banda de música da Escola Municipal de Ensino Fundamental Frei Pacífico.
Acervo	Fotografias.
Material Complementar	

FICHA DE APRESENTAÇÃO DOS ESPAÇOS EXPOSITIVOS DO MEMORIAL HCI – 45	
Nome	Nome Atribuído – Sala de Arquivo
Localização	Sala do 2º Andar
Foto	
Breve Descrição	Espaço destinado a guarda de diversos documentos do HCI.
Acervo	Documentos institucionais.
Material Complementar	

FICHA DE APRESENTAÇÃO DOS ESPAÇOS EXPOSITIVOS DO MEMORIAL HCI – 46	
Nome	Nome Atribuído – Organizadores
Localização	Nicho no corredor do 2º Andar
Foto	
Breve Descrição	Imagem exposta em uma das paredes do corredor que retrata um grupo de funcionários que participou da organização do Memorial HCI, entre eles o senhor Marco que financiou e elaborou diversos objetos-cenográficos.
Acervo	Foto.
Material Complementar	

FICHA DE APRESENTAÇÃO DOS ESPAÇOS EXPOSITIVOS DO MEMORIAL HCI – 47	
Nome	Nome Atribuído – Imagens do HCI no Corredor
Localização	Nicho no corredor do 2º Andar
Foto	
Breve Descrição	Reproduções de fotos de diferentes lugares e prédios do HCI exposta em uma parede no corredor.
Acervo	Reproduções de imagens expostas no que parece ser uma antiga janela.
Material Complementar	

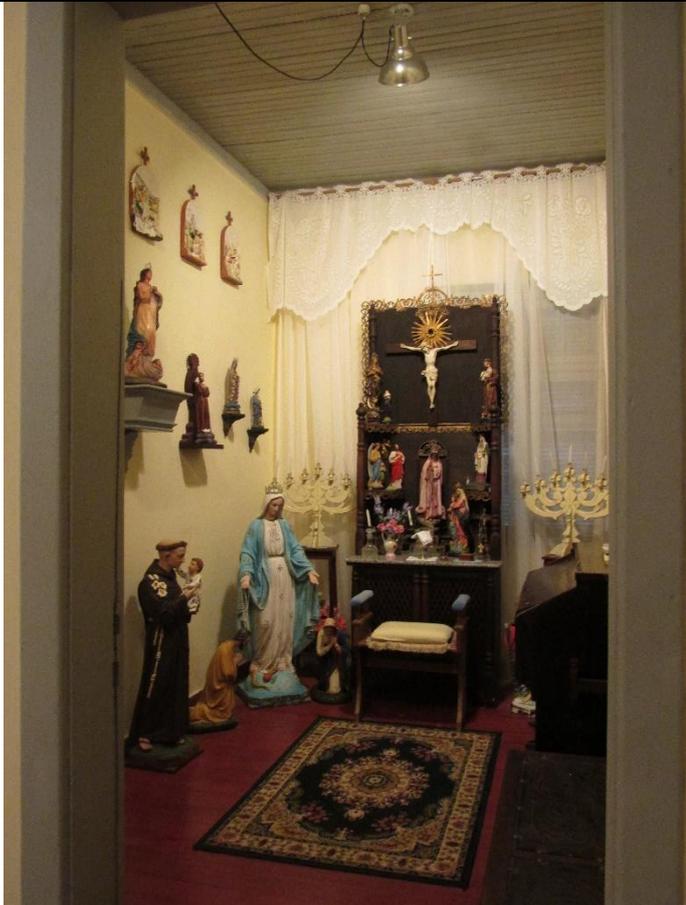
FICHA DE APRESENTAÇÃO DOS ESPAÇOS EXPOSITIVOS DO MEMORIAL HCI – 48	
Nome	Nome Atribuído – Laboratório
Localização	Sala do 2º Andar
Foto	
Breve Descrição	Apresenta diversos objetos que eram utilizados para o atendimento médico aos pacientes/moradores do HCI.
Acervo	Frascos, móveis, aparelhos médicos para diagnóstico e tratamento de doenças, fotos e reproduções de imagens, e livros.
Material Complementar	

FICHA DE APRESENTAÇÃO DOS ESPAÇOS EXPOSITIVOS DO MEMORIAL HCI – 49	
Nome	Nome Institucional – Administração e Setores
Localização	Sala do 2º Andar
Foto	
Breve Descrição	Materialidades, provavelmente, ligados a aspectos do trabalho administrativo no HCI.
Acervo	Objetos ligados ao trabalho em escritório como máquinas de escrever, calculadoras, móveis, fotos, documentos, aparelho telefônico.
Material Complementar	Texto expositivo

FICHA DE APRESENTAÇÃO DOS ESPAÇOS EXPOSITIVOS DO MEMORIAL HCI – 50	
Nome	Nome Atribuído – Imagens da Flora e Fauna no Corredor
Localização	Nicho no corredor do 2º Andar
Foto	 
Breve Descrição	Reproduções de imagens e objetos cenográficos que “enfeitam” as paredes do corredor representando aranhas, tatus, árvores, flores, entre outros.
Acervo	Objetos cenográficos como reproduções de fotos e enfeites, entre eles telhas e favos de abelhas.
Material Complementar	

FICHA DE APRESENTAÇÃO DOS ESPAÇOS EXPOSITIVOS DO MEMORIAL HCI – 51	
Nome	Nome Atribuído – Sala das Feridas
Localização	Sala do 2º Andar
Foto	O Memorial HCI não permite que sejam tiradas fotos deste espaço expositivo.
Breve Descrição	Sala que simula um laboratório de atendimento, com muitos aparelhos médicos e fotografias que parecem acompanhar o tratamento de feridas nos pés e mãos de pacientes/moradores ex-hansenianos do HCI.
Acervo	Objetos testemunho como fotos, móveis, utensílios médicos, seringas, pinças, além de enfeites como toalhas.
Material Complementar	

FICHA DE APRESENTAÇÃO DOS ESPAÇOS EXPOSITIVOS DO MEMORIAL HCI – 52	
Nome	Nome Atribuído – Filhos Levados
Localização	Nicho no corredor do 2º Andar
Foto	
Breve Descrição	<p>Espaço expositivo que coloca a questão dos filhos dos pacientes internados no HCI por causa da hanseníase, que eram retirados de seus pais ao nascer e levados ao Amparo Santa Cruz. Os textos comentam algumas histórias curiosas relacionadas a essa faceta do isolamento.</p>
Acervo	Acervo cenográfico composto de uma boneca, berço e acessórios, organizando um pequeno diorama.
Material Complementar	Textos expositivos.

FICHA DE APRESENTAÇÃO DOS ESPAÇOS EXPOSITIVOS DO MEMORIAL HCI – 53	
Nome	Nome Atribuído – Religiosidade
Localização	Sala do 2º Andar
Foto	
Breve Descrição	Ambiente destinado a retratar a religiosidade presente na vida cotidiana dos pacientes/moradores do Hospital, apresentando diversos itens de adoração ou relacionados aos locais religiosos do interior da instituição.
Acervo	Estatuetas, bibelôs, quadros, móveis, documentos e fotos.
Material Complementar	Textos expositivos.

FICHA DE APRESENTAÇÃO DOS ESPAÇOS EXPOSITIVOS DO MEMORIAL HCI – 54	
Nome	Nome Atribuído – Salas de Arquivo
Localização	Salas do 2º Andar
Foto⁶¹	
Breve Descrição	Ambiente destinado a salvaguarda de documentos institucionais do HCI.
Acervo	Documentos institucionais.
Material Complementar	

⁶¹ A imagem associada a este espaço expositivo é a de uma porta fechada, pois dentro há mais de uma sala de arquivo e no dia em que a foto foi tirada o ambiente não havia sido aberto para visitação.

FICHA DE APRESENTAÇÃO DOS ESPAÇOS EXPOSITIVOS DO MEMORIAL HCI – 55	
Nome	Nome Atribuído – Igreja Lutera e o arquiteto Alexander Josef Wiederspahn
Localização	Nicho no corredor do 2º Andar
Foto	
Breve Descrição	Ambiente que retrata a Antiga Igreja Evangélica localizada na antiga zona suja do HCI, único edifício tombado do local. Também fala sobre a vida do arquiteto que elaborou o projeto do prédio, sua vida e obras a ele relacionadas na cidade de Porto Alegre.
Acervo	Documentos, vitral da Igreja, móveis, imagens, reproduções de fotos e documentos.
Material Complementar	Texto expositivo

FICHA DE APRESENTAÇÃO DOS ESPAÇOS EXPOSITIVOS DO MEMORIAL HCI – 56	
Nome	Nome Atribuído – Maquinário Agrícola
Localização	Nicho na área externa ao Memorial HCI
Foto	
Breve Descrição	Exposição de máquinas ligadas a um dos tipos de trabalhos exercidos pelos pacientes/moradores do HCI, retrata a questão da agricultura.
Acervo	Máquinas de grande porte ligadas as atividades agrícolas exercidas pelos pacientes/moradores no Hospital.
Material Complementar	

APÊNDICE O – Respostas dos Questionários entregues ao público do Memorial HCI

1- Dados Pessoais:

IDADE	GÊNERO MASCULINO	GÊNERO FEMININO	ESCOLARIDADE
22		X	Superior Incompleto
33	X		Superior Completo
21	X		Superior Incompleto
23		X	Superior Completo
33	X		Pós-Graduação
75		X	
63		X	3º Grau
25	X		Superior Incompleto
69		X	Superior
66	X		Superior
22		X	Superior Incompleto
31	X		Pós-Graduação
31	X		Pós-Graduação

2- Qual o seu interesse no Hospital Colônia Itapuã:

PESSOAL	ACADÊMICO	PROFISSIONAL	OUTRO
8	3	2	visitação

3- Você já havia visitado o Hospital Colônia Itapuã anteriormente?

SIM	NÃO
4	9

4- Você possuía algum conhecimento sobre o Hospital Colônia Itapuã e sua história **antes** desta visita?

SIM	NÃO
8	5

5- Se a resposta anterior for SIM, este conhecimento foi adquirido em função de:

HISTÓRIAS DE FAMÍLIA	4
NECESSIDADES ACADÊMICAS	2
INTERESSE PESSOAL	1
CONVERSAS INFORMAIS	1
OUTRO	Exposição de fotos e um documentário

6- Como você soube do Memorial do Hospital Colônia Itapuã?

JORNAIS	4
INFORMAÇÕES ONLINE	
MEIO ACADÊMICOS (AULAS, PESQUISAS, LEITURAS, ETC.)	5
PESQUISA PESSOAL	1
OUTRO	Convite do curso de Museologia
	Conversas com pessoas da área da Museologia
	Via pessoal (amigas)

7- Você já havia visitado o Memorial do Hospital Colônia Itapuã anteriormente?

SIM	NÃO
3	10

8- O que você achou da exposição do Memorial do Hospital Colônia Itapuã?

MUITO BOA	BOA	REGULAR	RUIM	MUITO RUIM
8	5			

9- Se você fosse definir a temática da exposição do Memorial do Hospital Colônia Itapuã, esta seria:

A HISTÓRIA DA MEDICINA	A HISTÓRIA DA HANSENÍASE	O HOSPITAL COLÔNIA ITAPUÃ	A VIDA DOS MORADORES DO HCI	OUTRO
	9	6	11	A história evolutiva, gaúcha,

				brasileira, latina, mundial
--	--	--	--	--------------------------------

10- Que visão você tinha sobre o tema antes da visita ao Memorial do Hospital Colônia Itapuã?

Desconhecia a história da hanseníase, estudei brevemente na escola. Sabia um pouco sobre os pacientes de tratamento psiquiátrico, motivo de minha visita por fins acadêmicos.

Particularmente eu tinha preconceitos em relação ao tema, um pouco de medo da doença. Tanto que tinha relutância em visitar.

Pensava sobre o sofrimento que foi imposto aos que sofreram com o internamento compulsório.

A visão que eu tinha sobre a hanseníase antes era apenas de uma doença infecciosa que deformava as pessoas portadoras.

Minha visão era bem limitada o pouco que sabia são das histórias bíblicas, filme, etc. Sabia que era uma doença muito antiga e com muito preconceitos, mas que já tinha cura.

Tinha uma visão muito superficial, que ali viviam pessoas discriminadas e pela sociedade.

Uma mera instituição de medida sanitária.

Muito pouca, pois a família nunca entrou em detalhes.

Houve uma ampliação de minha visão sobre a vida de confinados, com suas normas próprias no dia a dia do hospital.

De forma mais distante.

Tenho conhecimento sobre o hospital, sua história e a história da hanseníase, porém, através da visita pode-se visualizar na prática os conhecimentos.

Tinha conhecimento Memorial do Hospital Colônia Itapuã por meio de leituras e imagens. Minhas impressões era ser uma instituição que tem o desafio (e o esforço) de compartilhar uma história de Medicina pouco conhecida e, guarda conhecida, repleta de imaginários. Neste sentido, tem um importante papel social.

11- Com relação a questão anterior, houve alguma mudança após a visita?

Sim, principalmente com a mediação. Mas a exposição em si é explicativa e esclarecedora sobre essa doença tão estigmatizada.

Sim. Total mudança. Meus preconceitos e medos foram desconstruídos após a visita. Possuo um enorme respeito por essas pessoas após a visita.

Sim, comecei também a pensar sobre o que houve de positivo, na formação pessoal e comunitária dos que viveram aqui mesmo o contexto sendo infeliz.
Comecei a compreender as questões históricas envolvidas. Entendi mais sobre a doença, o tratamento e, acima de tudo, sobre como isso afetou suas vidas e famílias.
Sim, mas pela palestra realizada antes da visita.
Sim, as pessoas eram discriminadas por sua doença, mas conseguiram fazer suas vidas seguir o mais normal possível.
Tudo. É um mundo à parte, uma história mundial, versão gaúcha e brasileira.
Sim, passei a entender o drama das pessoas que para cá vinham, elas sofriam tanto ou mais do quê as que ficavam lá fora.
Sim, ao poder conhecer de perto a história deles foi desenvolvido muito mais o sentimento de empatia.
Conhecer as histórias de vida dos pacientes é algo muito interessante para compreender a questão da história da saúde no estado.
Vivenciar o Memorial e o Hospital Colônia Itapuã traz uma carga emocional, “de vida”, que só em contato com as pessoas e os objetos é possível evocar. Patrimônio é vida e, objeto exposto, potencializa essa dimensão. Saio da visita com o aspecto humano mais despertado.

12- Algum objeto lhe chamou a atenção no Memorial do Hospital Colônia Itapuã?

SIM	NÃO
9	3

13- Se a resposta anterior for SIM, qual ou quais seriam estes objetos e por qual motivo eles lhe chamaram a atenção:

ITENS MENCIONADOS	FREQUÊNCIA
Berço com a boneca	2
Cadeira de Parto	2
Cão	1
Dioramas	1
Fotos de Casamento	1
Modelos dos calçados	2
Objetos do cotidiano/Aparato científico e doméstico	2

Primeira Sala, Espaço 03	1
Quadros e artes dos pacientes psiquiátricos	1
Travesseiro "Felicidade"	1
Vestido de noiva	3

14- Você descreveria este como um local de interesse social e com potencial patrimonial?

SIM	NÃO
13	

15- Você recomendaria a exposição para amigos e parentes?

SIM	NÃO
13	

16- Você teria alguma sugestão ou crítica sobre o Memorial do Hospital Colônia Itapuã?

Comente sobre os pontos positivos e negativos da exposição.

<p>Divulgação. Mesmo sendo da área de museus, desconhecia esse complexo. Me parece que está centrada na academia ainda. É necessário uma melhor divulgação para a sociedade.</p> <p>Como ponto positivo: Gostei do fluxo da exposição e a construção da narrativa.</p> <p>Negativo: muitos objetos. Para mim proporcionar uma poluição visual o que torna um pouco cansativo.</p>
<p>Seria interessante se a visita pudesse ser realizada sem guia. Por mais que a visita guiada seja interessante e a guia demonstre um conhecimento profundo sobre todos os tópicos, fico pensando que isso seria complicado em um grupo maior.</p>
<p>Acho a exposição interessante e apresenta bastante conteúdo sobre a história da doença quanto da história do HCI.</p> <p>Acredito a utilização do manequim com vestido de noiva e a boneca com roupas de bebê um pouco forçada, tenho que seriam mais informativas expostas nas paredes.</p> <p>A iluminação dificulta um pouco a visualização das fotografias. Algumas salas estão com muitos objetos e se torna difícil visualizá-los.</p>
<p>Sabendo da nossa realidade no campo da museologia é bem complicado fazer alguma crítica... Tecnicamente poderiam ter melhores textos expositivos e uma melhor seleção dos acervos expostos (menos acervos) a equipe está de parabéns por manter um espaço de memória tão importante para a história do RS e dos moradores do hospital colônia de Itapuã.</p>

Que se otimizasse o enorme espaço do HC.
Tombamento, preservação, manutenção, eternização.
Acredito que o trabalho feito até agora é excelente. Ainda existe muito por fazer. História é vida.
Iniciativa valiosa por preservar a ilegível do tratamento da hanseníase, certamente deverá ser ampliado e com melhor divulgação, junto a comunidade, deverá ter mais apoio no sentido financeiro.
O memorial apresenta um panorama geral da hanseníase de forma muito didática. Muita delicadeza ao falar do acervo.
Gostaria de salas com menos objetos, mas mesmo assim o trabalho de guarda é muito importante para a memória da saúde. Mais espaços do hospital poderiam ser utilizados para atividades.
Percebe-se o esforço da equipe em elaborar a narrativa de cada sala concebida*. Um riquíssimo acervo que ganha força conforme o visitante vai construindo uma imersão sobre o tema. Suponho que seja um Memorial com pouquíssimo repasse financeiro e ainda com essa condição, proporciona uma experiência singular ao ressaltar as histórias de vida (aspectos que muitas instituições com mais recursos não conseguem explorar). A visita mediada é, nesse caso, um elemento singular. Mais do que o Memorial, saio considerando o hospital** * que, no meu ponto de vista, cada uma tem seu protagonismo (“ uma Independência”). ** colônia Itapuã museu de território.

ANEXO I – Modelo de Formulário do MORHAN

<p>MODELO DO FORMULÁRIO</p> <p>1 - Nome da Instituição:</p> <p>2 - Histórico:</p> <p>3. Situação Atual:</p>
<p>IN FORMACÕES DOCUMENTAÇÃO & MEMÓRIA</p>
<p>4 – Tipo de documentação:</p> <p><input type="checkbox"/> textual</p> <p><input type="checkbox"/> Iconográfica</p> <p><input type="checkbox"/> bibliográfica</p> <p><input type="checkbox"/> oral</p> <p><input type="checkbox"/> outra: especificar:</p>
<p>5 – Quantidade aproximada de documentação:</p> <p>(unidades; caixas de arquivo, volumes: especificar ao máximo)</p> <p>1. Textual:</p> <p>2. Iconográfica:</p> <p>3. Bibliográfica:</p> <p>4. Oral:</p> <p>5. Outra:</p> <p><input type="checkbox"/> Quantidade desconhecida</p>
<p>6 – Há algum tipo de trabalho de preservação?</p> <p><input type="checkbox"/> sim</p> <p><input type="checkbox"/> não</p>
<p>7 – Em caso positivo: que tipo de ação de preservação?</p> <p><input type="checkbox"/> Museu</p> <p><input type="checkbox"/> Memorial</p> <p><input type="checkbox"/> Centro de Documentação</p> <p><input type="checkbox"/> Biblioteca</p> <p><input type="checkbox"/> Outra: especificar:</p>
<p>8 – Sobre o local de guarda da documentação:</p> <p>8.1 Localiza-se na instituição</p> <p><input type="checkbox"/> sim</p>

<input type="checkbox"/> não 8.2. Apresenta-se satisfatório <input type="checkbox"/> sim <input type="checkbox"/> não
9 – O local possui mobiliário? (estantes, mesa de trabalho, etc.)
10 – Síntese do trabalho desenvolvido
11 – Estágio atual do desenvolvimento do trabalho (se há alguma organização dos documentos, listagem, fichário etc. Descrever a forma como a documentação foi listada, os anos cobertos pela documentação... enfim o maior número de informações para procedermos a um diagnóstico preciso)
12 – Recursos humanos envolvidos (quantificar e qualificar)
13 – Recursos financeiros (como este trabalho é feito, existe algum apoio financeiro, que tipo, de quem)
14 – A comunidade da colônia conhece o trabalho que vem sendo realizado? <input type="checkbox"/> sim <input type="checkbox"/> não 14.1. A comunidade está envolvida no trabalho: <input type="checkbox"/> sim <input type="checkbox"/> não De que forma?
15. Existe um trabalho de recuperação da memória dos moradores da colônia através de História Oral? <input type="checkbox"/> sim <input type="checkbox"/> não
16. Existe algum trabalho sobre a história da instituição? (acadêmico, institucional, etc) <input type="checkbox"/> sim <input type="checkbox"/> não 16.1. Seria possível indicar a referência?
17. Informações Adicionais

Responsável pelas informações prestadas

ANEXO II – Cartões-Postais do HCI

Figura 129 – Cartão-Postal com o Pórtico de Entrada à "Zona Suja" do HCI



Autora: Alessandra Alves da Silva

Figura 130 - Cartão-Postal com a Igreja Evangélica do HCI



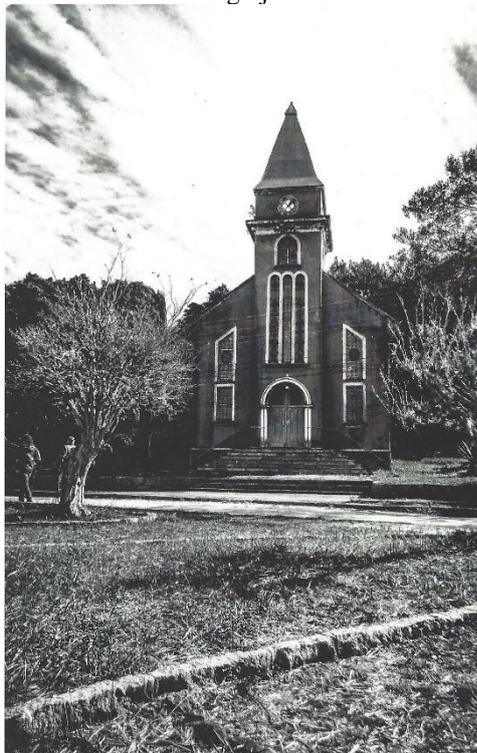
Autor: Antonio M. da Costa Natálio

Figura 131 - Cartão-Postal de um Quarto nos Pavilhões do HCI



Autor: Leandro Corrêa

Figura 132 - Cartão-Postal com a Igreja Católica na "Zona Suja" do HCI



Autor: José Straubechen

Figura 133 - Cartão-Postal de um dos Prédios do HCI



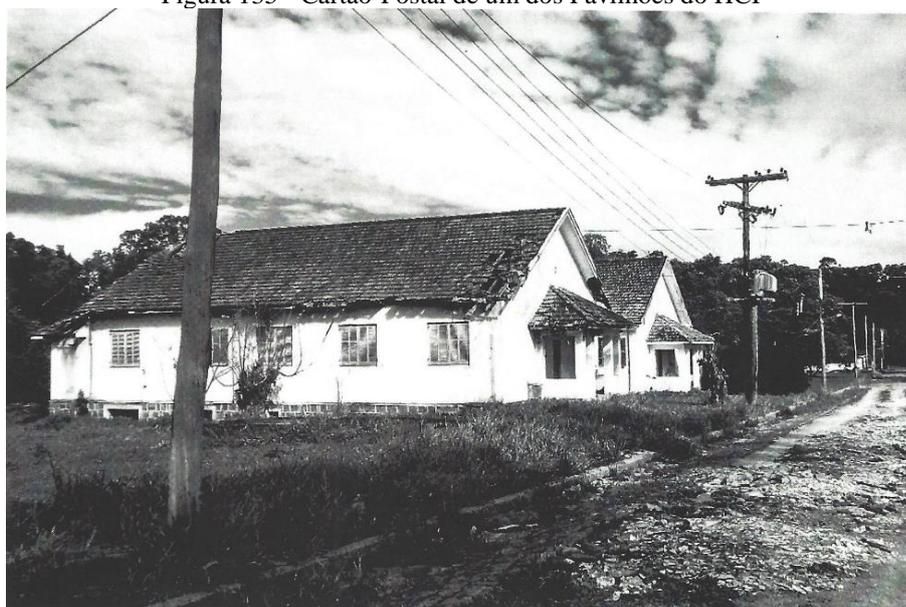
Autor: Ricardo A. Barbosa (Jamaica;)

Figura 134 - Cartão-Postal com o Manequim Lázaro no Memorial HCI



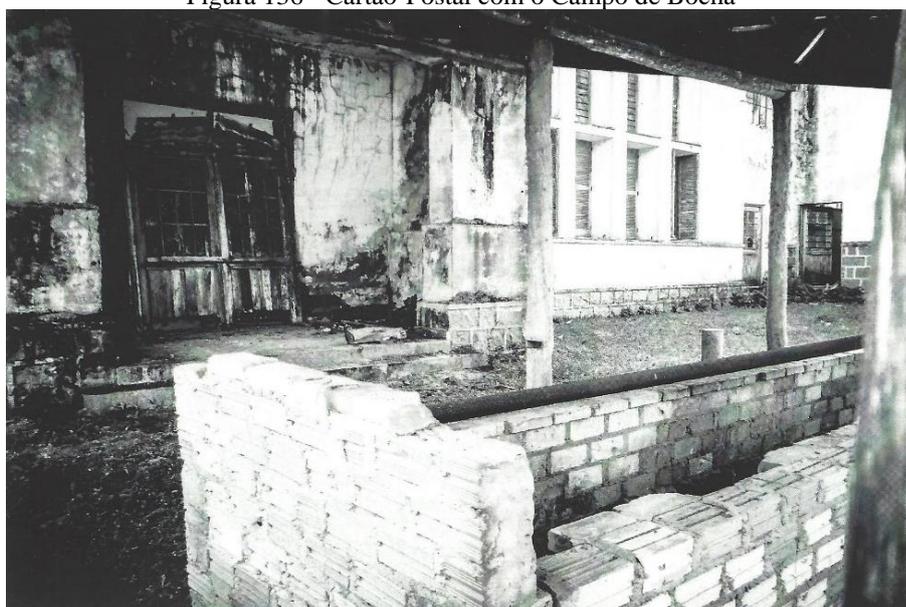
Autor: Antonio M. da Costa Natálio

Figura 135 - Cartão-Postal de um dos Pavilhões do HCI



Autor: Fábio Saraiva Corrêa

Figura 136 - Cartão-Postal com o Campo de Bocha



Autora: Karla Valeska Klein

Figura 137 - Cartão-Postal do Manequim da Noiva no Memorial HCI



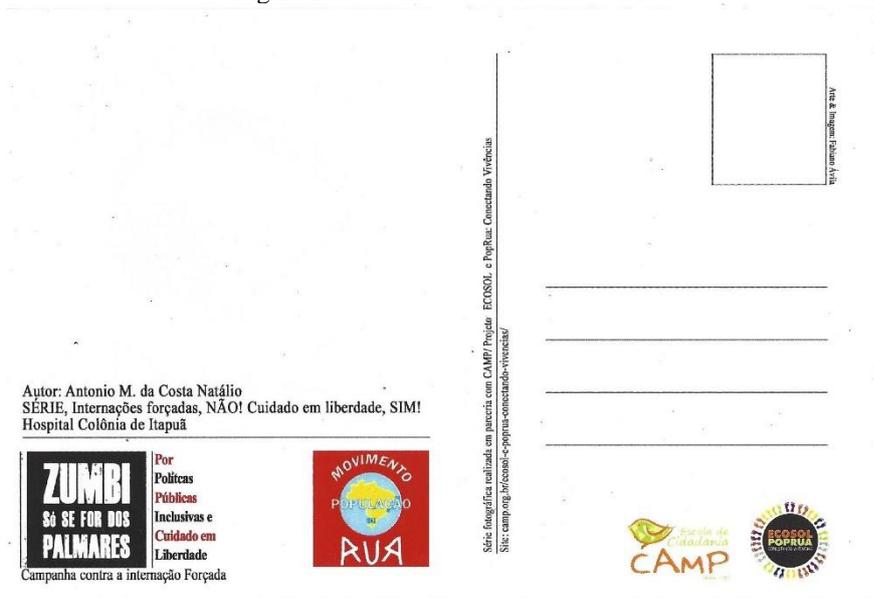
Autora: Karla Valeska Klein

Figura 138 - Cartão-Postal da Antiga Igreja Evangélica do HCI



Autor: Mário R. Soares Sevage

Figura 139 - Verso dos Cartões-Postais



ANEXO III – Textos Expositivos do Memorial HCI

3.1 Os Caminhos da Lepra

Os Caminhos da Lepra

A ideia de se construir os caminhos da lepra para o Memorial de Itapuã surgiu após várias discussões sobre qual a melhor forma de mostrarmos para os visitantes a trajetória da doença e sua história pelo mundo.

Iniciou-se pela pesquisa bibliográfica onde buscamos a provável origem e disseminação da doença na antiguidade.

Ainda assim persistia a questão de como expor essas informações de maneira fácil de se compreendê-las.

Decidimos por criar um mapa e nele constariam a localização, a data, e os achados encontrados, porém sentimos a necessidade de compartilharmos esta idéia e buscamos apoio de profissionais de outras áreas.

Em 10 de julho de 2014 realizou-se o Encontro destes profissionais do HCI e do HPSP, entre estes: Neusa Maria de Oliveira Barcelos, Coordenadora do Serviço de Memória e Cultura do HPSP; Edson Medeiros Cheuiche, Historiador do HPSP; Marco Antonio Lucaora, Coordenador do Serviço de Memória Hospitais/DCHE; Lia Conceição Mineiro de Souza Magalhães, Assessora de Comunicação Social do DCHE; Dennis Guedes Magalhães, Assessor de Comunicação Social do DCHE; e Rita Sosnoski Camello, enfermeira do HCI, com a finalidade de se localizar no mapa os países nos quais na antiguidade a lepra teve registros e de comum acordo decidiu-se por colocar uma legenda com a numeração dos países no mapa e a descrição dos achados compatíveis em pergaminho explicativo o qual seria colocado ao lado do mapa.

3.2 Caminhos da Lepra

CAMINHOS DA LEPPRA

Antigo Testamento, em Hebraico, TSARA'ATH: Lepra, castigo divino.

1 Ásia, 4.600 a.c., considerada o berço da “LEPPRA”, as referências mais antigas. Transita entre os Fenícios, Sírios e Hebreus.

2 Egito, UCHEDU, 4.300 a.c. foi encontrado papiro DE EBERS evidenciando a doença em esqueletos descobertos. Acredita-se que o Vale do Rio Nilo foi o verdadeiro foco endêmico que propagou a doença para todo o mundo.

3 Índia, KUSHTHA, 1.400 a.c., menção nos textos sagrados Atharva-Veda retrata uma doença com características marcantes da hanseníase: doentes deformados, perda de sensibilidade, perda de extremidades das mãos e pés, registros de uso de chás e salmoura em lesões.

4 China, LA FOM 400 a.c., manuscrito chinês, aborda o TRATADO DE NEI-JING com as características da doença e o uso de Remédios Secretos.

5 Japão, REPURA, 400 a.c., encontrados esqueletos antigos com as marcas da doença.

6 Itália, LEBBRA, 62 a.c. Regresso das cruzadas da Terra Santa e más condições de vida favoreceram a expansão do mal.

3.3 A Igreja Católica assume a profilaxia

A Igreja Católica assume a profilaxia

A Igreja cria leprosários para abrigar os doentes e isolá-los da população sadia. Após o diagnóstico, o doente recebia a sentença de reclusão.

A cerimônia de exclusão ou “Separatium leprosarum” consistia em ritual simbólico com missa fúnebre no qual o doente era declarado morto para o mundo. Dessa forma, os amigos e familiares assistiam o doente caminhando para o altar onde se prostrava ao chão e beijava os pés do padre. Ele era despido diante dos espectadores atentos, vestia uma mortalha negra, deitava no caixão e após ouvir os cânticos lúgubres, recebia sua sentença de morte. Ao final da missa, o cortejo seguia para o cemitério. O caixão era depositado no chão. Pediam para que ele fosse até a cova aberta e se deitasse. Aguardava um instante e logo sentia um punhado de terra fria despejada em sua face. Erguia-se desolado de sua cova e seguia para sua derradeira sepultura: o leprosário.

DUENAS, Félix Contretas e ICLAN, Ramon Miguel Suarez. História de La, Lepra em España. Madrid: 1973. p.32.

(Traduzido por Rita Sosnoski Camello).

3.4 Na Idade Média ...

Na Idade Média, o doente era obrigado: a usar um cajado para apontar o que necessitasse, vestir roupas que o identificassem como leproso e fazer soar uma sineta para avisar os sadios de sua aproximação.

Sua morada era no mato ou em cavernas, afastado dos sadios.

4.1 Em 1873 o médico...

Em 1873 o médico dermatologista e bacteriologista norueguês Gerarh Henrick Armauer Hansen descobriu o *Micobacterium leprae*. A descoberta do agente causador da Lepra significou uma ruptura na história da doença.

Deixa de ser uma doença lendária e fruto de um pecado, de uma maldição, de um castigo divino.

PASSA A SER CONSIDERADA: DOENÇA GRAVE, CONTAGIOSA, POTENCIALMENTE DESFIGURANTE, INCAPACITANTE E INCURÁVEL.

4.2 *Micobacterium Leprae*

MICOBACTERIUM LEPRAE⁶²

- ORDEM: Actinomycetales.
- FAMÍLIA: Mycobacteriaceae.
- GÊNERO: Mycobacterium.
- ESPÉCIE: M. Leprae.
- Primeira bactéria relacionada à doença humana.
- Única bactéria capaz de penetrar o nervo.
- Bacilo metabolicamente pobre.
- Bactéria pouco infectante.
- Bactéria pouco antogênica.
- Divisão celular por bipartição simples (7 dias).

MORFOLOGIA

- Bacilo reto ou levemente encurvado; 1 a 8 um de comprimento; 0,3 um de diâmetro.
- Bacilo álcool-ácido resistente devido a sua propriedade de reter a fucsina após descoloramento com álcool-ácido, por possuir parede celular rica em lipídeos, especialmente ácido micólico.
- Apresentam-se isolados ou globias (bactérias dispostas em feixes, contidos por uma substância transparente e gelatinosa chamada GLÉIA).
- Extractibilidade piridínica (exclusivo para M.leprae).

BACTERIOSCÓPICO

⁶² Este texto foi transcrito a partir de uma imagem. Sendo assim, pode ser algumas não tenham sido transcritas porque estavam ilegíveis e/ou transcritas de forma equivocada.

- Pela coloração para BAAR, o bacilo aparece em vermelho, com fundo verde. Apresenta praticamente a mesma morfologia e as mesmas propriedades tintoriais que o bacilo Koch (é importante lembrar que o *M. leprae* é menos álcool-ácido resistente do que *M. tuberculosis*).
- BACILO ÍNTEGRO (viáveis)
- BACILO FRAGMENTADO (morto)
- BACILO GRANULOSO (degeneração celular)

COMO LER A LÂMINA E LIBERAR RESULTADO

- Examinar 100 campos em zig-zag
- NEGATIVO
- POSITIVO

- Índice bacterioscópico (I.B.)

- Índice morfológico (I.M.)

[Texto ilegível]

4.3 Especialidades Médicas

ESPECIALIDADES MÉDICAS

Havia a preocupação do paciente internado no hospital não necessitar sair para consultas fora da área delimitada do HCI.

Esta atitude configurava dois aspectos: evitar que o paciente pudesse ser fonte contaminante e também para evitar que o mesmo fosse marginalizado por sua aparência.

Clínico geral, atendimento em fisioterapia, odontologia, cirurgia e oftalmologia entre outros eram os serviços especializados de saúde existentes do Hospital Colônia Itapuã.

Os *testes oftalmológicos* eram feitos tanto com tabela alfabética como também com figuras para os pacientes analfabetos ou semi alfabetizados.

5.1 Os painéis a seguir...

OS PAINÉIS A SEGUIR SÃO RESULTADO DE UMA PESQUISA QUE BUSCA HISTORAR O MAL DE HANSEN ENQUANTO DOENÇA CONTAGIOSA, INCAPACITANTE E INCURÁVEL, A INTERNAÇÃO COMPULSÓRIA E A CONSTRUÇÃO DO LEPROSÁRIO ITAPOAN.

RITA SOSNOSKI CAMELLO

5.2 Os Hospitais Colônia: Cidades para os Lázaros

OS HOSPITAIS COLONIAS: CIDADES PARA OS LÁZAROS.

As instituições específicas para o tratamento dos leprosos nasceram em um contexto de crescimento das hostilidades para com estes doentes e em meio à convicção de que eles deveriam ser separados do convívio social. Esses estabelecimentos teriam atingido a seu apogeu no final do século XI e o seu declínio no final do século XIV.

Os anos de 20 sinalizavam preocupação em relação à lepra, e a Organização Mundial da Saúde, (OMS) iniciou a Profilaxia da doença, buscando conhecer a realidade da endemia em todos os países e Estados e implantando ações de controle.

Os anos de 30 indicavam mudanças significativas na Saúde Pública com ações mais coordenadas e agressivas, pois a Lepra tornou-se um problema nacional, e era preciso debelar esta moléstia. Foi neste período que houve uma expansão da rede de leprosários em vários países do mundo, entre eles Carville nos EUA, Molokai, no Havaí e Cullion nas Filipinas. Neste contexto a doença passou a ser sinônimo de atraso ou semi-civilização em oposição à modernidade e ao progresso.

É fora de dúvida de que de todos os problemas de governo que se defrontava no Brasil nenhum seria mais inquietante que o da lepra. Em todos os países, e em todos os tempos, essa doença encheu de amargura as populações, e contra ela as medidas mais decisivas foram tomadas. Desta forma dela se livraram, ou vão se livrando os povos de cultura adiantada. A saúde pública atrelada ao Estado contribuiu decisivamente para a construção do “Homem Novo”, e a campanha contra a lepra se revestiu de ar de nacionalidade e de progresso.

Coube ao médico sanitarista Souza Araújo, comissionado pelo Instituto Osvaldo Cruz realizar estudo sobre a lepra em vários países e, em seu relatório entregue ao Ministro da Saúde, concluiu a necessidade da fundação de dispensários e de sanatórios e a construção de leprosários, os quais foram pensados para segregar completamente o doente do meio saudável pelo tempo que fosse necessário. Orientava que as áreas escolhidas para os leprosários ou cidade para os Lázaros fossem em locais situados, a mais de 30 km de uma capital ou cidade grande, de clima salubre, área de terreno apropriado para construção de edificações, deveria possuir terras para a agricultura de modo a dar trabalho remunerado aos doentes capazes. O leprosário seria dividido em três áreas, a zona contaminada ou suja, onde ficariam os doentes, a zona intermediária, onde ficaria o pessoal da administração e a zona saudável ou limpa, onde morariam médicos e funcionários.

5.3 Mal de Hansen na Visão do Dr. Maximiliano Cauduro

MAL DE HANSEN NA VISÃO DO DR MAXIMILIANO CAUDURO

É pela imprensa que se pode esperar criar um grande movimento de opinião favorável à instalação de um leprosário no estado.

As folhas diárias infiltrando de qualquer sorte no espírito público as idéias científicas consubstanciadas nos artigos redigidos pelos que mais de perto estão em contato com as necessidades do povo e irmanando a ação da imprensa ao fruto dos trabalhos hauridos no silêncio dos laboratórios – assim procedendo, em breve solucionaremos o problema da lepra.

A consecução de um estabelecimento apropriado e capaz de barrar a expansão do mal que simboliza a ira de um monstro palmilhando terreno fértil e propício ao desenvolvimento de sua cólera – tal anelo de há muito vem minando os que combatem pela implantação de uma muralha que dívida para todo o sempre a humanidade em duas partes: de um lado o leprosário - mansão talvez do infortúnio, da desgraça, do desconhecido, da destruição, do horrível e do tétrico – e do outro lado a contínua luta pela existência, a incessante renovação dos costumes pelos progressos da civilização, o domínio da saúde e o papel relevante da higiene. Sejam francos. Deixemos de pieguices. Nada de sentimentalismo.

Para que o equilíbrio do bem estar permaneça, para que nossa raça não sofra a influência malsã do leproso e para que a força do trágico não imponha, amanhã, a necessidade do emprego do extermínio, para tudo isso é mister que o atingido pelo ferrete da desgraça siga o seu doloroso destino!

O bálsamo da curabilidade ainda não beneficiou nenhum portador do bacilo de Hansen, a luz forte e ofuscante do progresso médico ainda não dissipou a noite de injustiça que envolve o homem encadeado pelo mal até ontem de origem divina.

Mesmo que não se tome em consideração o ponto de vista econômico, a sociedade exige que se ponha um termo a moléstia que causa, às vezes, as mais terríveis tragédias humanas. É verdade que o portador do mal de Hansen jamais descrê da terminação de seus tormentos; sempre sonha com o lampejo da bonança. O recrudescimento da moléstia não lhe quebranta o espírito, o mistério fatal que sua enfermidade encerra há de um dia se desvendar; a trincheira, onde se atocaia o bacilo causador de sua cegueira, da queda de seus cílios e de suas sobrancelhas, do apagamento de sua sensibilidade, da podridão de suas carnes, essa trincheira, amanhã será conquistada e o bacilo expiará seu crime na ação deletéria de um medicamento específico. As chagas que o afligem e que transformam os membros de sua família em

espectadores do drama que seu estado inspira, as chagas serão supridas por novas e viçosas camadas de epiderme sã. Disso está persuadido o leproso.

Mas é só a esperança que o alimenta... È por isso que “*a lepra é ironia dentro da própria vida, mutila o enfermo e lhe conserva os dias*”...

Como se transmite? As teorias são sedutoras, mas a realidade é um enigma... O que está estabelecido é: a causa do mal é o próprio mal. Isolado o enfermo decresce a estatística: a Alemanha possui somente oito leprosos; nos Estados Unidos o total desses enfermos não atinge a dois mil...

Isolar os leprosos é uma necessidade; resignados ao inevitável eles não renunciam as possibilidades do esforço criador que sentem neles e essas possibilidades mesmo no leproso não se extinguirão. A lepra é uma moléstia que, como um fenômeno de evolução lenta, vai ceifando homens e mulheres; é o mal dos tempos modernos. O bacilo de Hansen, infinitamente pequeno, tem uma energia extraordinária.

O período de latência dessa enfermidade não encontrou ainda quem o limitasse: dez, vinte, trinta anos são, às vezes, preciso para o estalar do mal que zomba da medicina.

Parodiando Roussy, diremos: a questão da lepra interessa não somente os especialistas, os médicos ou os cirurgiões, mas ainda os higienistas, os sociólogos, todos os intelectuais curiosos de conhecer as coisas da vida e as múltiplas causas que poderão perturbar o seu ritmo normal.

A solução do problema da lepra que se cruza e se entrelaça com a constituição mesma da matéria viva, há de trazer uma nova luz sobre os mistérios da vida celular, que é o mistério da própria vida... Enquanto, porém, o ideal almejado não for encontrado tratemos de conseguir o que a razão indica. Um magnífico e pomposo “instituto” de combate à lepra não é imperativo...

A invasão do grande mal clama pelo leprosário.

Dr. Maximiliano Cauduro. CORREIO DO POVO, 21\06\1936. P.5

5.4 O Início do Combate a Lepra no Rio Grande do Sul

O INÍCIO DO COMBATE À LEPRA NO RIO GRANDE DO SUL

Enquanto o governo buscava identificar um local que se adequasse às exigências e necessidades para a construção de um leprosário, a lepra se mantinha restrita à caridade de religiosos e leigos. Aos poucos os meios médico-científicos e políticos percebiam que as ações voluntárias não poderiam dar conta do problema e o Estado deveria intervir de forma mais sistematizada com

os aparatos necessários para a saúde das populações, cumprir com as metas da Campanha Nacional de Combate à Lepra fazendo-se necessária a construção de um Hospital Colônia.

Várias foram as tentativas e advieram muitos impasses. Por outro lado, era cada vez maior o número de doentes e cada vez mais municípios buscavam de alguma forma isolamentos para acolhê-los. Como medida emergencial por iniciativa filantrópica foi construído em 1933 um pavilhão anexo ao Isolamento São José da Santa Casa de Misericórdia. (Mangeon, Gilberto; Mendes, Pessoa. A Profilaxia da Lepra. Op.Cit.p.81. CEDOPE|HCI.)

Foi então que surgiu a Sociedade Riograndense de Assistência aos Lázarus, filiada à Federação de Assistência aos Lázarus e Defesa Contra a Lepra. Esta mesma Sociedade que havia ajudado angariar fundos para a construção do Pavilhão anexo ao Isolamento em 1933, colaborou com a Campanha para construir o Hospital de Emergência, e em pouco mais de trinta dias conseguiram doações suficientes para construir “Uma Casa Exclusivamente para os Lázarus”. Assim foram construídos 2 pavilhões, com 20 leitos cada um, um refeitório com cozinha e despensa, um pavilhão de serviços médicos, uma lavanderia, três residências particulares, uma capela e um forno de incineração de lixo. Em 21 de janeiro de 1936, diante de autoridades e demais convidados foram entregues os prédios do Hospital, com nome de Luíza Freitas Aranha e Carolina Annes Dias, em homenagem ao empenho destas senhoras no combate à Lepra. (A Federação, Ano LIII, n 15, p3. MCSHJC). Aos poucos, o número de doentes aumentava e fez-se necessário ampliar as construções no Sanatório Partenom, mais pavilhões, instalar armazém no Hospital, cuja moeda aceita não era o dinheiro corrente, mas fichas com valor equivalente. (A Federação, Ano LIII, n 163 de 20 de julho de 1936, p 2 – MCSHJC).

O objetivo destas construções era para acabar com o desfile macabro de doentes que perambulam pelas cidades numa organização com racionalidade técnica aos serviços da Lepra, que aos poucos foi assumida pelo Estado.

1936, 11 jan: inaugurado “UMA CASA EXCLUSIVAMENTE PARA OS LÁZAROS”, Pavilhões Luíza de Freitas Aranha e Carolina Annes Dias, no H. Partenon.

5.5 A Escolha do Local para a Construção do Hospital Colonia Itapuã

A ESCOLHA DO LOCAL PARA A CONSTRUÇÃO DO HOSPITAL COLONIA ITAPUÃ

Depois de muitas tentativas frustradas e dos impasses então advindos para adquirir um terreno ideal, em 1936 o governo do Estado comprou um terreno nas proximidades de Viamão, em Itapuã, pelo valor de 450.000.000 (quatrocentos e cinquenta mil reis), contando com 3 mil

hectares de campo e mato, servida da Lagoa Negra de um lado e uma estrada de rodagem de outro, situada a 60 km da capital e abrigaria o futuro “Hospital Colônia Itapuã”.

O Dr Ernâni Agrícola, diretor dos Serviços Sanitários do Ministério da Saúde visitou o local em apreço, e o terreno foi colocado à disposição do Estado para cumprir com o Plano Nacional de Combate à Lepra. (*Lei n 575 de 1;/4/36, publicada em: Leis e Decretos e Atos do Governo do Estado do RS*).

Esta obra inicia sua construção em 1937 e recebe do governo federal a importância de C\$3.250.000 de 3 milhões e duzentos e cinquenta mil cruzeiros. (*Oficina gráfica da Imprensa Oficial, Porto Alegre, vol 36, 1941 – BALRGS*).

A aquisição foi feita pelo Governador Flores da Cunha que imediatamente procedeu a cerimônia de Lançamento da pedra fundamental.

5.5.1 Pedra Fundamental

PEDRA FUNDAMENTAL

Presentes na cerimônia o general Flores da Cunha, governador do Estado, Amibal de Primio Beck, Secretário da Agricultura; major Alberto Bins, prefeito municipal; Dr. Otelo Rosa, Secretário da Educação; Dr. Paulo Rache, Secretário da Fazenda, Dr. Luiz Medeiros, Diretor dos Serviços Sanitários do Estado, representantes do Comando da 3ª Região Militar, Dr. Fabio de Barros, Diretor da Higiene; Major Paixão Coelho, assistente Militar do Governo do Estado; Dr. Fernando de Azevedo Moura, da firma Azevedo Moura e Guertum, construtora do Leprosário, diversos médicos e representantes da imprensa local.

Depois de uma viagem de 3 horas os barcos atingiam a fazenda da Lagoa Negra, adquirida pelo Governo do Estado, para nele se instalar a primeira Leprosaria riograndense e que pertenceu ao Dr. Jorge Porto.

Quando ali chegaram, o governador e outras autoridades tiveram franco acolhimento de autoridades e outras pessoas residentes no Itapoan que tinham ido ao local especialmente para aguardá-las. Feita uma rápida visita aos principais pontos da fazenda e que deixaram em todos boa impressão, realizou-se o lançamento da pedra fundamental.

Ato que se revestiu de toda a solenidade. Na cavidade de uma pedra foi colocada uma folha, com uma ata assinada por todos, jornais do dia, moedas e outros documentos de importância.

Antes que se efetuasse este ato ao General Flores da Cunha e demais membros de sua comitiva, foram dados amplos informes sobre o que será o leprosário. O plano geral da leprosaria, também aprovado pelo Ministério da Educação e Saúde Pública e se divide nas seguintes três partes distintas:

1ª parte – Zona Central; 2ª parte, Zona Intermediária; 3ª parte, Zona de doentes.

A primeira zona compreende: a casa do médico, do administrador e dos funcionários. Na segunda se encontrariam os pavilhões da administração, e de observações, a casa dos enfermeiros, o parlatório, a clausura das irmãs de caridade. Na terceira zona se encontram o dispensário geral, com pequeno hospital, lavanderia, oficinas, pavilhão para inválidos, isolamento, cozinha, enfim, tudo o que se precisa para um leprosário de primeira ordem.

5.5.2 Fala do Governo do Estado

FALA DO GOVERNO DO ESTADO

Tomando a palavra o General Flores da Cunha explicou desde que assumira o governo do Estado, entre os problemas que tinham chamado sua atenção, figurava o de combate à lepra, não se tendo até agora construído o leprosário, pelas dificuldades surgidas quanto ao local onde seria instalado.

Adquirida a fazenda da Lagoa Negra, estudada pelos técnicos como possuidora de condições para o fim destinado, tratou-se de lançar mão à obra. Agora se realizava o lançamento da pedra fundamental, para que, em breve, se tornar uma realidade o importante empreendimento, para que quanto antes terminassem as obras projetadas. “de um lado altos cerros, do outro, uma grande Lagoa Negra, ou seja, o isolamento seria completo”. A construção deste hospital purgaria o RGS da terrível infecção. Nas palavras de Flores da Cunha, governador do Estado: “Inaugurando esta obra não posso esconder minha satisfação, pois nutro o desejo de consagrar os últimos anos de minha existência à prática do bem. Eu não vejo outra prática melhor, qual seja a de erguer um leprosário. Isso assinala perfeitamente a íntima comunhão que se estabelece aqui entre o povo e o poder. O governo sente desejos de coletividade e vem generosamente ao encontro das justas e elevadas aspirações populares”. (A Federação, ano LIII n286, 17/12/1936, p 1 – MCSHJC) .

“A consecução de um estabelecimento apropriado e capaz de barrar a expansão do mal que simboliza a ira de um monstro, os que combatem pela implementação de uma muralha que dívida para todo o sempre a humanidade em duas partes: de um lado o leprosário, e, do outro lado a incessante renovação dos costumes pelo progresso da civilização e o domínio da saúde. Os doentes, embora excluídos do meio social, pela determinação de um lugar próprio (o leprosário) também deveriam ser integrados pela inclusão deste lugar de isolamento na dinâmica do espaço urbano’.

O Leprosário era uma obra de vastas proporções, uma verdadeira cidade em miniatura “de maneira que os enfermos reunidos ali não tenham a impressão de serem indivíduos para os

quais se volta o desprezo e a repugnância de seus semelhantes, mas que, ao contrário, se sintam inteiramente à vontade, dentro dos limites do Leprosário”. (jornal do Estado ano I, n 17, 8/12/37, p 1 – MCSHJC).

5.5.3 Fala O Dr Luiz Medeiros

FALA O DR LUIZ MEDEIROS

Segui-se com a palavra o Dr. Luiz Medeiros, do Ministério da Educação e que representando este veio acompanhando todos os estudos, pois, como se sabe também o governo federal concorre em grande parte para a construção do leprosário. Salientou que o titular daquela pasta se interessava pelo assunto, motivo porque fazia votos para que dentro de pouco tempo se realizasse a inauguração do leprosário. Do que esta será, o Dr. Medeiros em entrevista ao Correio do Povo, teve oportunidade de ressaltar os seus principais pavilhões, sua organização e divisão de vários serviços.

O General Flores da Cunha na sua oração salienta ainda em seu discurso, que na hora que atravessamos não deixa de atrair bastante a atenção de todos os brasileiros e de todos os Riograndenses. Refere-se ao número de morféticos existentes em nosso Estado, em número aproximado de 1.500, segundo os dados colhidos pela Secretaria de Educação e Saúde Pública. Espera ainda no seu governo ver levantado aquele edifício majestoso de tanto interesse social, o qual ficara como um monumento às gerações vindouras, como um exemplo do que agora se procura fazer pelos doentes de Hansen. Não pode deixar de esconder a sua grande satisfação pelo ato que se realizava, reafirmando que mesmo fora do governo seu desejo será o de se preocupar pelos que sofrem esta ou aquela moléstia.

5.5.4 Um Churrasco

UM CHURRASCO

Um grande churrasco foi depois servido aos presentes. Usando novamente a palavra, o governador do Estado levantou brindes ao Ministério da Educação na pessoa do Dr. Luiz Medeiros, ao Exército Nacional, na do Coronel Vasconcelos, e aos saudados respondido agradecendo. Houve ainda uma saudação do Sr. Otelo Rosa, ao Padre Henrich, como grande benfeitor pelos que doentes de lepra e ao major Alberto Bins, brinde ao que respondeu o prefeito municipal.

Findo o churrasco, o Governador do Estado, com sua comitiva, reembarcava de regresso a esta capital, aonde chegaram pelas 17 h.

Todos trouxeram boa impressão, quer do local em que se instalará o leprosário, como ainda do que ali se pretende fazer, estando as obras orçadas em mais de 1.000 contos de réis

5.5.5 Construção de uma Estrada

CONSTRUÇÃO DE UMA ESTRADA

Por via fluvial, para se atingir a fazenda da Lagoa Negra, leva-se umas três horas, mais ou menos. Entretanto a comunicação se fará por meio de uma estrada que, passando por Belém Novo, demandará o Itapoan.

Feita a rodovia, espera-se que no espaço de menos de hora e meia, possa se atingir, de automóvel ou em caminhão, o leprosário.

5.6 Inauguração do Leprosário Itapoan

INAUGURAÇÃO DO LEPROSARIO ITAPOAN

O programa da solenidade: Está marcado pra hoje às 10 horas, do dia 11 de maio deste ano, 1940, a inauguração do leprosário do Itapoan.

Localizado na antiga fazenda “Negra” a 60 km da capital, se encontra perfeitamente aparelhado para os fins a que se destina, devendo pelas suas proporções figurar entre os mais modernos do país.

A idéia da construção do Leprosário surgiu a uns dez anos em Santa Cruz, onde se fundou uma instituição particular para obter fundos afim de construir um edifício destinado a receber os doentes da moléstia de hansen.

Em pouco tempo, foram efetuadas contribuições de regular importância, mas mais tarde o governo do Estado avocou a si a iniciativa da construção de um hospital de maiores proporções, com o concurso do governo federal.

Como homenagem aos que lançaram a ideia, em Santa Cruz, resolveu-se dar o nome de Amparo Santa Cruz à instituição que mandou construir um edifício em Belém Velho, para receber os filhos de lázaros, e cuja a inauguração se fará dentro de poucas semanas.

5.6.1 O Ato Inaugural

O ATO INAUGURAL

Ao ato que foi presidido pelo interventor federal, compareceram todas as altas autoridades federais, estaduais e municipais; militares e eclesiásticas. Associações de beneficência, representantes da imprensa e pessoas gradas.

Às 8 horas, partiram desta capital uma grande caravana de automóveis, transportando as autoridades e convidados, entre os quais figuram como convidados de honra do governo do estado a exma. Sra. D. Luíza de Freitas Valle Aranha, presidente da Sociedade de Beneficência dos Lázaros e iniciadora da fundação do Amparo Santa Cruz.

Logo após, teve lugar a inauguração da sala de diversões oferecida pela Associação Comercial de Porto Alegre.

Ao meio dia, foi oferecido aos presentes um grande churrasco em aprazível local próximo à construção.

5.6.2 Convidados Do Governo Do Estado

CONVIDADOS DO GOVERNO DO ESTADO

A fim de assistirem a inauguração do Leprosário Itapoan, chegaram ontem, a esta capital, o Dr. Luiz Medeiros, assistente técnico do departamento Nacional de saúde, e D. América Xavier da Silveira, vice-presidente da Federação das Sociedades de Assistência aos Lázaros e Defesa contra a Lepra. O Dr. Luiz Medeiros veio, ainda, representando o ministro e o diretor do Departamento Nacional de Saúde. Ambos foram especialmente convidados pelo governo do estado.

Ao desembarque do Dr. Luiz Medeiros e de D. América Xavier da Silveira compareceu grande número de pessoas destacando-se entre estas D. Avani Cordeiro Farias, Dr. Bonifácio Paranhos da Costa, diretor do Departamento Estadual de Saúde, Dr. Raul di Primio e Dr. José Gerbase.

Às 10 horas da manhã de 11 de maio de 1940, na presença autoridades e de aproximadamente 500 pessoas teve início a solenidade de inauguração e foi cortada a fita simbólica pelo interventor do Estado e tiveram início os discursos. Dr. Heitor Guimarães saudou o governo, “Itapoã representa a correspondência do anterior governo do Estado, Flores da Cunha, e, ao atual governo, ao apelo do Presidente da República, Getúlio Vargas, e parabenizou o interventor pela obra grandiosa destinada ao combate sem tréguas, vivo e cientificamente dirigido, ao mais antigo mal que aflige a humanidade. Conclui seu discurso referindo-se ao hospital: “obra de tão imperiosa necessidade, onde o pobre hanseniano, à sombra de um teto que é seu, descansara ao abrigo das injurias do tempo e da maldade dos homens, que querem ver nele o criminoso, em vez de vítima, expiando uma pena pela qual não é culpado.” (Jornal do Estado, ano III, n 691, p 1, 11/5/1940 – MCSHJC)

Inaugurado hoje, solenemente, “o Leprosário de Itapoã”. Na manhã de hoje o Rio Grande do Sul assinalou um dos mais notáveis fatos da sua história no combate a Lepra, no

desenvolvimento da benemérita campanha incitada pelo governo federal em todo o país. Este é um dos acontecimentos culminantes da história contemporânea da vida social do Rio Grande, mas o mundo contemporâneo não se libertou do mal pavoroso e não se contam por exceção os casos de crueldade com os leprosos, mesmo nos nossos dias. Agradeço a todos os que aqui estão e que deram a sua moeda, o seu pão, o seu manto na construção da “Cidade dos Lázarus”, cujo pórtico se abre para a obra inconfundível da caridade. Agradeço: todas as inteligências versadas na história das civilizações, que tem a noção bem exata do problema angustiante que para a sociedade representa a existência da Lepra. O drama individual do leproso é, sem dúvida, a nota mais sinistra da humanidade, no qual, o sofrimento físico deve ser pequeno em face à tortura moral. Na modéstia destes pavilhões começaram a internar os leprosos, até então abandonados à sua desdita sorte e a tarefa trágica e inconsciente de contagiarem os entes que eles desejariam verem poupados. A administração da colônia é entregue à Ordem de São Francisco. Agradecimentos ao frei Pacífico e às irmãs que “disputaram a tarefa de enfermeiras dos doentes”. Dr. Coelho de Souza enfatiza a ação dos poderes públicos no combate à lepra, cita os gastos em investimentos e agradece a todos os envolvidos no Combate à doença no Estado, em especial aos religiosos que tomariam conta do hospital. “Uns participaram da Campanha como discípulos, jogaram moeda e pão aos leprosos, outros como Cristo, que pensou e beijou as chagas dos doentes”. (Jornal do Estado, ano III, n 729, p 1e3 16, 11/5/1940 – MCSHJC).

Na área de 1527 hectares foram construídos 14 pavilhões Carville com 9 quartos para 3 pacientes e 11 casas geminadas para 22 residências, totalizando 172 prédios. Em 04 de abril de 1940 chegaram ao Hospital o Capelão Capuchinho Frei Pacífico de Belleveaux acompanhado por 8 irmãs franciscanas: Irmã Techilda, Maria e Elia, enfermeiras; a irmã Siegfrieda, costureira; irmã Zulmira, farmacêutica; irmãs Ambrósia e Áurea, para a casa, e irmã Sebastiana para a cozinha. O contrato foi firmado entre o Departamento Estadual de Saúde e a “Sociedade Caritativa e Literária São Francisco de Assis”, com sede em São Leopoldo.

De maio de 1940, data de sua inauguração até o outubro de 1985 ingressaram neste hospital 2 474 pessoas portadoras do mal de Hansen.

6 - O Tratamento no Leprosário

O TRATAMENTO NO LEPROSÁRIO

O hospital que segregava os doentes também era local de tratamento, embora a pouca eficácia dos medicamentos conhecidos.

✧ **Óleo de Chaulmoogra:** Entre muitos “medicamentos” testados para combater a lepra, uma planta indiana cultivada no Brasil denominada chaulmoogra, teve seus ésteres extraídos no preparo de medicamentos. A aplicação destas injeções em nenhum momento mostrou-se eficaz e na segunda metade dos anos 40 foi abandonada. Vale ressaltar que este mesmo óleo foi utilizado em toda Europa e em todos os países onde a doença se fazia presente.

✧ **Sulfona:** Foi em 1941, na **Luisiana, EUA, que o Dr. Henri Faget** descobriu a Sulfona, um antibiótico capaz de combater com maior eficiência o bacilo da doença.

Em 1949 este medicamento passou a ser utilizado no Hospital Colônia Itapuã. Durante os anos 50 são revisadas todas as fichas dos pacientes internados e alguns destes doentes são encaminhados para tratamento em dispensários. A Sulfona libertaria os doentes da condição de isolamento nos leprosários, mas, não do estigma que envolveria os leprosos ainda por muitos anos. Por se tratar de um antibiótico único, com o passar do tempo verificou-se que alguns pacientes apresentavam resistência à terapia sulfônica.

✧ **Poliquimioterapia:** na década de 80, considerando a resistência à monoterapia foi realizado estudo multicêntrico com doentes da Índia, Senegal e Brasil. Os medicamentos que foram utilizados no estudo são a Rifampicina 600 mg, dose única mensal, Clofazimina 100 mg e Dapsona 100 mg doses diárias. Este conjunto de medicamentos passa então a ser produzido pela NIPON Foundation e distribuído gratuitamente em todos os países. A Poliquimioterapia (PQT) ou Multidrogaterapia (MDT) passam então a ser mundialmente o medicamento de escolha para tratar portadores de hanseníase, sendo que no Brasil foi adotada em 1986, enquanto no RGS foi implantada em 1992.

7.1 Amparo Santa Cruz: Um Lar ao Filho de São Lázaro

AMPARO SANTA CRUZ: UM LAR AO FILHO DE SÃO LÁZARO

O decreto 7 558 de 11 de novembro de 1938, artigo 94, letra f “C BALRGS determinava que “os filhos de doente de lepra, logo após o nascimento, embora um só dos progenitores seja doente, serão deles separados e mantidos até a adolescência, quer em vigilância em domicílio, quer em preventórios especiais que, quando localizados na área do estabelecimento, ficarão anexos a zona de habitação das pessoas sãs, não podendo em caso algum ser nutrido no seio de uma ama, nem amamentados pela própria mãe, se esta estiver doente de lepra” .

À medida que os doentes fossem isolados, criou-se a necessidade de construir um Preventório: “Amparo Santa Cruz”, que após campanha promovida pelo governo do Estado junto aos municípios e à sociedade para que apoiassem a iniciativa de dar um lar ao filho de São Lázaro, foi lançada em maio de 1938 a pedra fundamental do Amparo Santa Cruz, localizado em uma

área de 25 hectares em Belém Velho, Porto Alegre. (sobre o lançamento da pedra fundamental: jornal do Estado, ano II, n 141 de 16/05/38; n 142 de 17/5/38 "C MCSHJC)

Em maio de 1938 as "Damas da Caridade" novamente se empenharam para angariar fundos. Desta vez, PARA ABRIGAR OS FILHOS DESAMPARADOS DOS LÁZAROS.

Com a presença do interventor federal, foi realizado o lançamento da pedra fundamental do Amparo Santa Cruz. Trata-se de um Preventório para os filhos sãos dos Lázaros. Encarregar-se-á de sua construção a Sociedade de Assistência aos Lázaros e defesa Contra a Lepra. Para orientar a campanha em favor dessa obra de filantropia, as Exmas. Sras. América Xavier da Silveira e Olga Teixeira Leitão, respectivamente presidente e tesoureira da Federação das Sociedades de Assistência aos Lázaros e Defesa Contra a Lepra, com sede no Rio de Janeiro e irradiação em todos os Estados através de entidades congêneres a local que obedecem à sua orientação. As damas de caridade que ora nos visitam deram início as suas atividades nesta capital entrando em contato com a Exma sra. Luisinha de Freitas Valle Aranha e com outras ladies da campanha contra a Lepra no Rio Grande. Nesse primeiro contato entre as damas cariocas e as animadoras da caridade em Porto Alegre, ficou resolvido que se realizasse no Grande Hotel, as 17 h uma reunião para assentar as bases da campanha em favor da construção do Amparo Santa Cruz. Em visita ao Correio do Povo, as damas prestaram amplas informações sobre a campanha da Federação das Sociedades de Assistência aos Lázaros e defesa contra a Lepra que vem sendo realizada de norte a sul do país, na defesa da raça e dos nossos foros de Nação civilizada.

Desejando colaborar com o governo na luta contra a morfeia aquela organização filantrópica já estenderam seu raio de ação a oito Estradas, dotando-os de preventórios destinados a receber os filhos de leprosos.

O Amparo Santa Cruz, cuja pedra fundamental vem de ser lançada em Belém Velho, nesta capital será um estabelecimento desta natureza estando fadado a resolver, juntamente com o leprosário de Itapoan, o problema leprótico riograndense, ambos se completando, pois que um depende do outro. Levando em conta as necessidades de nosso Estado nesse particular e também a natural generosidade do povo Riograndense, as representantes da Federação das Associações de Assistência aos Lázaros mostram-se muito animadas, contando na certa com o bom êxito de sua missão.

Esta campanha estará a cargo de 20 grupos de senhoras de nossa sociedade. Semanalmente encontrar-se-ão no Salão do Grande Hotel para prestarem contas do valor arrecadado. Saboreando chás, biscoitos, guloseimas e outras tantas iguarias as ladies desfilavam seus chapéus, luvas e principalmente os vestidos e trajes à moda parisiense.

Estas senhoras que compunham a Sociedade de Assistência aos Lázaros, na presença de suas “companheiras”, iriam percorrer Palácios do Governo, secretarias, ruas, colégios, bancos, casas de comércio, etc., em busca de contribuições para sua causa. Durante o mês de maio diariamente era divulgado pela imprensa da capital o andamento das atividades. As arrecadações obtidas pelas 20 comissões de senhoras eram recebidas com grande festa no salão do “Grande Hotel”. Em cada reunião, o grupo que apresentasse a maior quantia de arrecadação era presenteado com uma “bandeira brasileira”, símbolo máximo do país, por relevantes serviços prestados à pátria e à “infância do país”. (Jornal do Estado ano II n 148, 24\5\38, p6; 27\5\38 p5 “C MCSHJC).

Os chás em prol do Amparo logo se tornaram evento social disputado da Capital por terem destaque, fotos, nomes estampados no Jornal “Vida Social”.

Enquanto isto, Cordeiro de Farias realizava uma campanha junto aos prefeitos dos municípios para que apoiassem a iniciativa de dar um lar ao filho de São Lázaro. (Jornal do Estado, ano II, n 143, 18\5\38, p.4 “C MCSHJC)

Neste contexto, em 01/07/1940 inaugura-se o Amparo Santa Cruz, e na fala emocionada do Prefeito de Porto Alegre, Moises Velinho: “O Amparo Santa Cruz começa hoje mesmo a cumprir sua alta finalidade social sob a benção de Deus. Crianças que seriam lançadas ao abandono e à desgraça.” Os filhos são dos Lázaros recolhidos, órfãos de pais mortos em vida, recebem aqui o aconchego de um teto cristão, e aqui encontram ternura de corações que sabem mitigar a miséria dos pequeninos”. (Jornal do Estado, ano III, nº 763, 01/07/1940, p.6.)

Nasceram no HCI 154 crianças, filhos de pais acometidos pela hanseníase, e foram levados para viver no Amparo, medida esta adotada como prevenção da transmissão da doença.

7.2 Dentre as muitas histórias...

Dentre as muitas histórias contadas sobre o Grande Hotel, ficaram especialmente famosas aquelas sobre a Revolução de 1930. Flores da Cunha, Oswaldo Aranha, Maurício Cardoso e outros revolucionários eram hóspedes fiéis do hotel, que se tornou uma espécie de quartel-general da conspiração e testemunha de inúmeros incidentes a ela relacionados¹⁰. Dante de Laytano assim o descreve: “O Grande Hotel era a sede não oficial de todos os partidos políticos. Seus líderes residiam ali. Era status. Banquetes, festas oficiais, cerimônias sociais. (...) O tumulto, as brigas, a repressão, a agitação que naturalmente ficavam sempre ao lado das moças bonitas a desfilar pelas calçadas e a rapaziada no meio da rua, defronte ao cordão do meio-fio. A belle époque, o chapéu das senhoras, as luvas, a elegância de uma sociedade burguesa, etc. e tal”¹¹.

8 – Pharmácia

PHARMÁCIA

A *Pharmácia* foi uma das primeiras atividades exercidas desde a inauguração do Hospital Colônia Itapuã.

Junto às primeiras Irmãs Franciscanas que chegaram ao hospital, estava presente uma Irmã Franciscana de formação em farmácia.

Nas dependências da farmácia do HCI eram manipulados todos os medicamentos necessários para o tratamento dos pacientes hansenianos. Exceto injetáveis.

Pomadas, comprimidos com pesos diversos em *mg* eram feitos sob a supervisão atenta da Irmã, com o auxílio de uma atendente.

O instrumental usado era moderno à época: balanças de precisão, moldadores de comprimidos, etc. A *flambagem* (a eliminação de microrganismos pelo uso do fogo) também era realizada como uma forma de esterilizar o material do preparo dos medicamentos

Os vidros e potes para acondicionar estes medicamentos era identificado de forma clara, precisa e com elegância, letra em formato gótico. Estes eram escuros como forma de preservar as qualidades terapêuticas e não prejudicar a conservação dos mesmos.

Os vários tamanhos dos vidros também indicam quais medicamentos eram receitados com mais frequência e qual o uso a que se destinavam, por exemplo, conta-gotas.

Potes de cerâmica com tampas serviam para acondicionar pomadas faziam parte diária dos curativos na enfermaria.

9 – Esterilização

ESTERILIZAÇÃO

O Hospital Colônia Itapuã primou por tecnologia de ponta na também na questão da assepsia quando do início do seu funcionamento.

Sempre houve a preocupação que o setor de esterilização funcionasse de modo profissional e suficiente para dar conta da demanda quantitativa e qualitativa do hospital.

Cirurgias de amputações de membros eram realizadas no Hospital Colônia Itapuã, bem como os partos das pacientes. Por este motivo havia um centro cirúrgico montado no HCI com sala de cirurgia, sala para instrumental utilizado nos procedimentos e sala de esterilização.

Atualmente a Coordenação de Enfermagem supervisiona o trabalho no Centro de Materiais e Esterilização – CME, que conta com uma técnica de enfermagem e uma atendente para o trabalho.

O HCI trabalha em seu CME com papel especial e máquina seladora destinados para a certeza da esterilização adequada para curativos, gazes e instrumental cirúrgico. O teste bacteriológico que afere a qualidade de esterilização também é utilizado regularmente no hospital.

Embora cirurgias e outros procedimentos de maior porte não sejam mais realizados no hospital, há de curativos de pequeno e médio portes, feitos em sala apropriada. Estes curativos e outros procedimentos hospitalares determinam a necessidade de qualificação e atualização também no setor de esterilização de materiais.

10 - Negão, o Cão

NEGÃO, O CÃO

Conforme o ditado popular “o cão é o melhor amigo do homem”.

Os mateiros do Hospital Colônia Itapuã também tem neste belo cão negro de raça mista com Labrador um amigo inseparável.

Seu nome foi dado em função do sua cor e tamanho.

Negão é um trabalhador autônomo do Hospital Colônia Itapuã – HCI.

Embarca todas as manhãs, espontaneamente, no trator vermelho para passar o dia com estes cortadores de lenha no mato.

Acompanha o corte de lenha durante o dia e retorna no final da jornada para o seu posto junto à padaria do HCI.

Ninguém instruiu ou adestrou esse cachorro para subir diariamente, em determinada hora da manhã, no trator e tampouco a ser o companheiro destes trabalhadores rurais.

A iniciativa foi deste belo cão, que até pousou para ilustrar esse comentário.

11 - Mateiros: Homens que Trabalham no Corte de Lenha

MATEIROS

MATEIROS – HOMENS QUE TRABALHAM NO CORTE DE LENHA

As caldeiras à lenha do Hospital Colônia Itapuã – HCI, sempre foram a força motriz para impulsionar vários serviços indispensáveis ao funcionamento deste hospital.

Através do vapor das caldeira houve o provimento de energia para o funcionamento da lavanderia, padaria e cozinha. O vapor produzido pela mesmas representou e permanece no presente um importante instrumento para prover o trabalho diário do HCI. Os fogões das casas dos pacientes também recebiam lenha para seu funcionamento cortada e preparada pelos *mateiros*.

A partir de maio de 1940 funcionários foram designados para o corte de lenha para este fim. Tratores, machados e serras manuais de vários tipos e tamanhos compunham os instrumentos necessários para o provimento regular de lenha para as caldeiras. Estas não podiam parar, por isso a lenha não poderia faltar.

A visão administrativa dos diretores do HCI sempre foi além do momento. Desta forma foram organizadas reservas de mata de eucalipto para este fim.

O eucalipto é uma planta exótica, originária da Austrália que tem brotação espontânea após o seu corte em meses específicos do ano. Desta forma a produção de eucalipto tendeu a expandir-se por sua brotação e seu plantio em matas ao redor do HCI.

Sempre houve a preocupação da preservação da reserva de Mata Atlântica existente no bioma de Itapuã.

Atualmente os *mateiros* do HCI ainda fornecem lenha para os fogões à lenha dos pacientes e utilizam além do trator, moto-serras e serras elétricas para facilitar e agilizar seu trabalho, mantendo o mesmo cuidado com o meio ambiente e apreço pelos pacientes, da mesma forma que seus colegas que os antecederam.

12 – Padaria

PADARIA

Iniciando suas atividades juntamente com a inauguração do Hospital Colônia Itapuã – HCI em maio de 1940, a padaria presta um serviço inestimável aos pacientes que se estende ao longo de décadas.

Universalmente o pão é o alimento comum a todos os povos e seu significado representa o saciar a fome. No HCI não foi diferente. Aqui também o pão fabricado tem satisfeito os paladares mais exigentes.

Desde o início de sua fabricação este pão foi do agrado de todos, quer por seu sabor, quer por seu formato característico, retangular, semelhante a um BAÚ, daí seu nome singular PÃO-BAÚ.

O fato do pão ser fabricado nas dependências do hospital também tinha um motivo peculiar, social e sanitário na época: evitar que os pacientes saíssem das dependências do HCI para comprar seu pão e desta forma, expor a comunidade à doença, até então, marginalizante.

Foram as Irmãs Franciscanas as primeiras a organizar e dirigir a padaria junto a pacientes com condições e conhecimentos para tal.

Delas também é a saborosa receita do PÃO-BAÚ, cozido até hoje em forno à lenha, que agrada a todos que o experimentam.

A receita é a mesma desde a fundação do hospital e tem passado por vários funcionários com o mesmo esmero e cuidado para preservar as características únicas deste delicioso pão.

A padaria encontra-se hoje vinculada ao Serviço de Nutrição e Dietética, com supervisão de nutricionistas que mantém sua fórmula original em sua confecção diária.

13 - Serviço de Nutrição e Dietética

SERVIÇO DE NUTRIÇÃO E DIETÉTICA – SND

Em uma tarde do mês de maio de 1940 sete Irmãs Franciscanas estavam na nova e ampla cozinha do Hospital Colônia Itapuã – HCI, iniciando o preparo de uma sopa deliciosa.

Na mesma noite, com pessoas acomodavam-se no recém inaugurado refeitório do Hospital Colônia Itapuã, para saborear esta refeição tão especial.

Desta forma dava-se início aos trabalhos do *Serviço de Nutrição e Dietética - SND* do HCI ao receberem de uma forma tão simples, acolhedora e significativa, os cem primeiros pacientes do hospital.

A partir desta data inúmeras refeições foram preparadas, e o SND tem trabalhado incessantemente para prover uma alimentação de qualidade aos pacientes e funcionários deste hospital.

Do início do funcionamento da cozinha e refeitório com grandes fogões à lenha, liderados pela Irmã Sebastiana e auxiliada por alguns pacientes e funcionários, passamos a ter hoje um SND dirigido por nutricionistas e profissionais treinados e capacitados para oferecer uma dieta equilibrada e saudável a todos do HCI.

O tempo passou, mas a fórmula continua a mesma: oferecer ótimas refeições, pois a dieta continua sendo fator importante para manutenção e recuperação do bem estar dos pacientes.

14 - A Fábrica de Sabão

A FÁBRICA DE SABÃO

Houve um tempo no Hospital Colônia Itapuã que foi necessário instalar uma *fábrica de sabão em barra*.

No início do funcionamento do HCI havia um grande número de pacientes internados e a necessidade de higienização nos mais diversos setores demandava um grande consumo deste produto.

Roupas, interior das casas, utensílios e mesmo para a higiene pessoal, este artigo era bastante utilizado.

A gordura proveniente dos animais bovinos que eram abatidos para consumo na cozinha no hospital, era a matéria prima para a fabricação do sabão. Juntava-se a este soda cáustica e água.

A fervura era realizada em grandes tachos de cobre e o local em que a fábrica ficava localizada era em uma casa próxima ao cemitério.

Como outros serviços do HCI uma Irmã Franciscana coordenava e supervisionava este serviço que por muitos anos atendeu de forma satisfatória a demanda de sabões em barra no hospital.

15 - O Cuidado com as Roupas

O CUIDADO COM ROUPAS

A partir da inauguração do hospital a lavanderia e costura foram dois setores que primaram por sua necessidade:

- **lavanderia:** o grande volume de roupas proveniente da enfermaria, dos consultórios e dos pacientes foi um desafio para o HCI que logo implantou a melhor maquinaria para responder a essa necessidade. Além de imensas máquinas de lavar, também foram instalados grandes secadores para poder dar conta da demanda. A preocupação de passar roupa foi resolvida através de uma passadeira tamanho gigante que era composto de dois rolos por onde toalhas, lençóis e outros passavam, sendo colocados de um lado e já saindo passado do outro . Para esta máquina eram necessárias duas pessoas no mínimo.
- **costura:** confecção e conserto das roupas sempre tiveram um setor especial no HCI.

Este também foi um trabalho que, junto com pacientes teve aplicações e usos variados e necessários no dia a dia hospital. Confeccionar lençóis, guardanapos, toalhas, roupa para os pacientes e até mesmo o conserto destas foram atribuições do setor da costura.

Ainda hoje os setores da lavanderia e da costura são ativos no HCI, contando com profissionais servidores públicos.

16.1 Tambo

TAMBO

TAMBO, local de ordenha das vacas.

O dia nem começava a clarear e o tambo do Hospital Colônia Itapuã já iniciava suas tarefas diárias de ordenha das vacas.

Os homens iam chagando aos poucos e puxando seus banquinhos para perto de uma das mais de cinquenta vacas holandesas que faziam parte do plantel do hospital.

A higienização do úbere era rigorosa e depois de manear a “mimosa” iniciava-se o vai e vem de mãos habilidosa e experientes em extrair um leite de qualidade de cada teta ordenhada.

A produção diária de leite no HCI era superior a 500 litros de leite e até a primeira metade da década de 80, manual.

O leite era utilizado para a alimentação dos pacientes, no refeitório para as refeições dos funcionários e, por muito tempo, também para provimento diário doméstico para funcionários moradores dentro da área do hospital.

No final da década de 90 houve a utilização do leite industrializado, porém a saudade dos tempos do tampo se mantém na memória e no coração de cada um que vivenciou este período.

16.2 Pocilga

POCILGA Grande parte dos primeiros pacientes que vieram para o Hospital Colônia Itapuã vieram de regiões de colonização italiana e alemã. Assim quando estas pessoas vieram para “morar” no hospital trouxeram seus hábitos de vida, entre eles estava o hábito de usar carne de porco e uso de banha para cozinhar. Com a carne suína havia o preparo das mais variadas iguarias. Fritar tiras de bacon para colocar sobre fatias de pão-baú era um dos lanches preferidos dos então moradores do HCI. Segundo relatos houve porcos de 600 kg!

Por este motivo proliferou a criação de suínos de forma doméstica para suprir a demanda de cada família. Era comum na época haver uma *pocilga*, ou seja: local próprio para criação de porcos, em local afastado das residências para a criação dos suínos. Não raras vezes acontecia da porca dar a luz a uma quantidade respeitável de filhotes, o que deixava o dono muito satisfeito.

16.3 Olaria

OLARIA Apesar do hospital ter ficado pronto quando da sua inauguração em 1940, muitas outras obras foram necessárias no decorrer do tempo dentro do Hospital Colônia Itapuã.

Diante deste fato optou-se por haver uma produção própria de tijolos para suprir a demanda interna do hospital. Foi formada então uma *olaria*.

A matéria prima para fabricação dos tijolos foi retirada das proximidades do Morro da Grota, dentro da área do HCI.

O Morro da Grota é o ponto mais alto de Viamão/RS com 297 metros de altitude. E foi da base deste morro que o barro vermelho deu origem a uma quantidade inumerável de tijolos que, mais tarde passou a servir para outras construções estaduais na capital do Estado.

16.4 Um Marcineiro de Sete Instrumentos

UM MARCINEIRO DE SETE INSTRUMENTOS

Em 1952 chegava no Hospital Colônia Itapuã um jovem de 25 anos, nascido em Santa Cruz do Sul em 20 de abril de 1927, chamado NELSON GÖEHLER. Alto, porte germânico logo chamou atenção não só pelo seu belo aspecto, mas acima de tudo pela sua gentileza, amabilidade e paciência no trato com todos: pacientes, funcionário e religiosos.

Sabia trabalhar a madeira com esmero, pois trabalhara com o tio em Santa Cruz do Sul, isso porém não impediu que perdesse três dedos na serra elétrica no decorrer de seu ofício.

Foi Dr. Ari que incentivou o jovem Nelson a permanecer no hospital. E em 1954, quando chegou uma bela moça caxiense de nome IVETE, Dr. Ari logo foi lhe dizendo:

- Essa novata de Caxias é para ti.

Logo os dois jovens começaram a conversar e reconheceram um no outro qualidades que lhes chamou a atenção.

Assim em 1956 Ivete e Nelson casaram-se em Caxias do Sul, iniciando uma linda vida que durou 53 anos.

Nelson faleceu em 2008 e deixou excelentes lembranças para cada um que conviveu com ele.

Além da marcenaria outro prazer que ele tinha era tocar órgão e cantar música sacra, inicialmente nos cultos evangélicos e, por fim também nas missas, acompanhando sua querida esposa Ivete.

16.5 Primeiros Cuidados com as Terneiras ao Nascer

Primeiros Cuidados com as Terneiras ao Nascer⁶³

- 1) Corte e desinfete o umbigo com iodo,
- 2) Faça a terneira tomar o colostro,
- 3) Não deixe a terneira mais de três dias com a vaca.

Manejo:

- 1) A terneira deve ser desleitada no 2º mês,

⁶³ Este texto foi transcrito a partir de uma imagem. Sendo assim, pode ser algumas não tenham sido transcritas porque estavam ilegíveis e/ou transcritas de forma equivocada.

2) Da 4º a 6º semana remover as tetas extras,

3) Entre a 1º e 3º semana fazer a descorna.

Saúde das Terneiras

Vacina JFMAMJJASONPS

● Somente nos meses indicados

Qualquer época do ano

Pneumoenterite.....Terneiras com 15 dias

Brucelose.....4XBMRSES

Febre Aftosa.....●..... 1 MR Vacina [Trecho ilegível]

Carbúnculos e Gangrenas.....●.....4 meses e repetir aos 12 meses

Hemoglobinúria Bacilar.....●. [Trecho ilegível] meses

17 - Trabalhos Rurais

TRABALHOS RURAIS

O Hospital Colônia Itapuã teve que ser auto-sustentável em suas primeiras décadas de existência, destas foram oferecidos serviços aos pacientes de forma regular com funcionários e pacientes que eram profissionais da área, tais como:

- cultivo de *horta* para fornecimento de verduras variadas para refeições de pacientes e funcionários;
- *ferraria* para trabalhos diversos referentes a ferradura de animais e ferramentas, como serras manuais, machados, pás e outros;
- *marcenaria* para confecção de móveis utilizados nos mais variados setores do hospital;
- *tambo* com plantel de vacas holandesas que chegaram a produzir 500 litros de leite por dia.

18.1 Sapataria

SAPATARIA Na época da inauguração do hospital e nos anos que se seguiram, a compra de sapatos novos não era coisa corriqueira. Assim a *sapataria* constituía outro setor que assumia o papel importante no HCI para suprir as necessidades dos pacientes. A sapataria consertava os sapatos colocando solas, saltos, pintando, dando lustro, enfim renovando o calçado que seria utilizado nas várias atividades dentro do HCI. Era tarefa da sapataria arrumar os arreios de couro dos animais. Também este serviço era oferecido para evitar a saída do paciente da área do HCI

Os pés dos pacientes necessitavam e continuam necessitando especial atenção para que lesões e deformidades sejam evitadas e combatidas o mais cedo possível, por isso o setor de sapataria evoluiu para o *setor de palmilhas*. Neste local são confeccionadas palmilhas por profissionais treinados em cursos oferecidos pelo Ministério da Saúde. Atualmente profissional fisioterapeuta acompanha, confecciona palmilhas e também realiza adaptações de calçados para pacientes do Hospital Colônia Itapuã que sejam necessitem.

18.2 Órteses e Adaptações

ÓRTESES E ADAPTAÇÕES

Embora a endemia hansênica esteja mostrando sinais de declínio, os coeficientes de detecção ainda são expressivos. Devido ao diagnóstico tardio, muitas pessoas correm o risco de desenvolver incapacidades físicas, perfeitamente evitáveis com diagnóstico e tratamento nas fases iniciais da doença.

Visando a superação das limitações das pessoas com hanseníase, favorecendo a autonomia para a melhoria da qualidade de suas vidas são propostas adaptações de instrumentos ou calçados.

As órteses e as adaptações são confeccionadas e orientadas ao uso para membros superiores (mãos) e membros inferiores (pés) de acordo com a necessidade individual.

Com objetivo de proteger as mãos são indicadas adaptações em cabos de talheres, painéis, tampas e uso de luvas.

Para os pés são confeccionadas palmilhas protetivas, calçados sob medida, com solado adequado, sem costuras internas ou pregos; férulas para controle de movimento do tornozelo. O uso de meios auxiliares da locomoção também são indicados, tais como bengalas, andadores e cadeiras de rodas.

Cristina Wallner

Fisioterapeuta - Sanitarista

21 – Capão do Veado, 19-1-1944

Capão do Veado, 19-1-1944.

Meu querido filho Elpídio

Saudações

Em resposta de tua querida carta, a qual veio encher-me de alegria e orgulho, por ver que também guardas no coração as lições honradas que me tenho esforçado por te dar e que não obstante os anos que já constas e a posição que pelo teu trabalho conquistaste, és ainda o mesmo

filho obediente, amorável e submisso de quando pequenino e inexperiente vivias, por assim dizer sob as asas maternas.

Desejas que de meu consentimento para teu enlace matrimonial com a escolhida do teu coração.

Sim do melhor grada o faço e desde já envio a ambos a minha benção, certo como estou de escolheste mulher capaz de te tornar feliz como desejo. Elpídio envio-te a quantia de quinhentos cruzeiros, se não te for bastante me escreve que te mandarei mais, procuras sobre como repartir esta quantia.

Segue pois o teu destino e prepara-te com mais ardor para os combates da vida, uma vez que vais criar os encargos que dignamente não poderias faltar. Dize a noiva de ora avante conto mais uma filha no seio de minha família, logo que possa ser abraçaremos com muito prazer e abençoaremos com ternura.

Teus pais e amigos

Francisco e Rufina Salles Teixeira

22- Lori Kunzler

LORI KUNZLER

Lori veio jovem para o Hospital Colônia Itapuã aos 14 anos.

Proveniente de Novo Hamburgo chegou com o pai e a mãe.

Todos haviam sido acometidos pela hanseníase, porém a jovem Lori era cheia de vida e alegria.

Por ser comunicativa e bonita foi eleita Rainha da Primavera no hospital, porém em decorrência dos tratamentos ainda incorretos que eram utilizados para a hanseníase, Lori ficou cega aos 19 anos de idade.

Esta foi uma tragédia que lhe afetou e entristeceu pelo resto de sua vida. Seu pai também ficou cego pelo mesmo motivo.

Mesmo assim Lori continuou sua vida no hospital da melhor forma e não permitiu que a tristeza tomasse conta de sua vida.

Lori foi casada com Ildor Göebel. E relatava sempre que o que mais lhe dava saudades era não poder ver uma noite com lua cheia.

Lori viveu mais de oitenta anos e sempre será lembrada por todos de uma maneira especialmente querida, pois sempre primou por uma boa conversa, organização e asseio da sua casa.

Embora cega, até o final da sua vida escolhia as cores que deveriam pintar sua mobília, a cor dos guardanapos a serem colocados em seu quarto e qual colcha seria usada na sua cama.

Outra característica marcante era sua paixão pelo Grêmio.

Ouvia pelo rádio todos os jogos do tricolor gaúcho. A festa era grande caso ele vencesse, mas se perdia era bom nem tocar no assunto com ela.

Boas histórias de pessoas importantes...

23.1 Sociabilidade

SOCIABILIDADE⁶⁴

“Podia namorar, mas não dentro do pavilhão... E eles podiam todos os dias ficar até as nove horas na rua, né. Tinha bailes, casamentos, tinha tudo, que nem lá fora, né.”

[Trecho ilegível]

“No cinema as mulheres sentavam num lado e os homem no outro, os casados iam onde queriam né. Antes de efetuar o namoro não sentava junto, era guria de um lado, homem do outro.”

[Trecho ilegível]

“O pavilhão dos casais foi fundado com o nosso casamento, quando nós estava se preparando. Aí o nosso encheu logo, em pouco tempo já tinha mais um cheio, encheu mais um.”

[Trecho ilegível]

23.2 Tempo de Encontros

TEMPO DE ENCONTROS...

Por mais difícil e dolorosa que houvesse sido a vinda das pessoas para o Hospital Colônia Itapuã – HCI, houve episódios que foram repletos de alegria. Aconteceu que muitos casais foram formados aqui dentro do hospital, quando jovens solteiros chegaram para o tratamento da hanseníase oferecido na época e, no seu dia a dia de tratamento e trabalho, encontraram o seu parceiro ou a sua companheira que lhe seria o amor pelo resto das suas vidas.

Estes episódios servem também para demonstrar que o amor é um sentimento muito maior que qualquer sofrimento. Ele é mais do que bálsamo, ele transforma situações e vidas e dá sentido à existência humana.

Registramos aqui dos destes encontros que ocorreram dentro do hospital e que vem permanecendo como um evento feliz ao longo de décadas.

⁶⁴ Este texto foi transcrito a partir de uma imagem. Sendo assim, pode ser algumas não tenham sido transcritas porque estavam ilegíveis e/ou transcritas de forma equivocada.

23.3 João Pedro e Therezina Martins

JOÃO PEDRO E THEREZINA MARTINS

João Pedro nasceu em Lagoa Vermelha, RS, em 13 de outubro de 1940. Aos 21 anos, em 1961, veio para o HCI e iniciou trabalhando como carroceiro na distribuição de lenha para os fogões nas casas dos pacientes. João Pedro conta que naquela época os fogões tinham serpentina para o aquecimento da água nas residências, por isso seu trabalho era constante. Foi necessário que ele passasse também a auxiliar no corte da lenha e, em horários vagos, também auxiliava na cozinha e refeitório.

Nove anos após a chegada de João Pedro vem a jovem Therezina Martins, proveniente do município de Torres, RS. Therezina nasceu em São João do Sul, SC, em 27 de janeiro de 1930 e chegou ao hospital com 40 anos. Seu local de trabalho foi o refeitório e foi neste setor que João Pedro e Therezina se conheceram e começaram a namorar. Após dois anos de namoro aconteceu o casamento em 08 de julho de 1973 na Igreja católica do HCI.

João Pedro refere que foi a responsabilidade e a sinceridade de Therezina que lhe chamaram a atenção. Therezina acrescenta que a maneira espontânea e alegre de João foram marcantes para solidificar sua escolha.

Agradecemos a Marcelo Fillipin, Diretor Adjunto do DCHE: Marione Cortinaz, Diretora do HCI Cristina Wallner fisioterapeuta e Diretora Adjunta do HCI e Marco Antônio Lacaora, organizador do Museu do HCI pelas fotos feitas com os casais citados.

23.4 Sadi e Alda Roveda

SADI E ALDA ROVEDA

Alda, nascida no município de Araranguá, Santa Catarina em 02 de dezembro de 1938, chegou aos 17 anos de idade no HCI, em de 1956. Logo que chegou Alda foi trabalhar na enfermaria junto com a Irmã Hélia.

Em 1957, chega do município de Ibirubá, RS, o jovem de 20 anos Sadi Roveda, nascido no dia 23 de abril de 1937. Sadi por mais de dez anos foi responsável pelo motor da casa hidráulica que servia para puxar água e abastecer o hospital, após trabalhou na manutenção elétrica do HCI.

Nos anos da década de 50 havia um alto-falante para divulgar os eventos e anúncios necessários, bem como tocar músicas, inclusive quando os pacientes se dirigiam para o refeitório.

Ambos gostavam de uma determinada canção e ao se encaminharem para o almoço no refeitório, a música tocou no alto-falante. Foi o momento em que houve a troca de olhares. A partir deste momento Sadi e Alda começaram a conversar e a namorar.

A música aproximou este querido casal que está unido há 52 anos, desde 05 de maio de 1962.

Casaram-se em Araranguá e segundo Alda foi o porte e o esmero em se arrumar que lhe chamaram a atenção do jovem Sadi. Por sua vez, Sadi enfatiza ter ganhado mais que uma Mega Sena ao encontrar Alda, sendo que foi a sua delicadeza, bondade e simplicidade que lhe encantaram na bela moça.

25.1 Envolvimento

ENVOLVIMENTO⁶⁵

“Naquele tempo, não tinha enfermeiras, era as irmãs e os doentes que cuidava dos próprios doentes... As irmãs eram muito prestativa pros doente... Sabiam mais dos doentes que os próprios médicos... Elas traziam mais conforto, tavam vinte e quatro horas junto...” [Trecho ilegível]

“Os pacientes tinham os seus especialistas, otorrino, oftalmologista, cardiologista, traumatologista e cirurgia geral. Naquele tempo ainda se faziam cirurgias maiores, atendiam partos, tinham salas de partos; no meu tempo não existia mais essas coisas...”

“A saída das irmãs para os doentes foi um fracasso. Inclusive para o tratamento, elas eram praticamente um enfermeiro dia e noite, eram muito atenciosas... Elas tavam juntas dia e noite e viram as minhas melhoras e pioras. Os enfermeiros não tem essa atenção...” [Trecho ilegível]

25.2 Dentista

DENTISTA

O dentista foi um profissional que ocupou lugar de muita importância no tratamento dos pacientes hansenianos que chegavam ao hospital proveniente dos mais diversos locais do estado.

O profissional em odontologia chegou no Hospital Colônia Itapuã junto aos técnicos que iniciaram seus trabalhos desde a fundação do HCI em maio de 1940.

⁶⁵ Este texto foi transcrito a partir de uma imagem. Sendo assim, pode ser algumas não tenham sido transcritas porque estavam ilegíveis e/ou transcritas de forma equivocada.

A saúde bucal dos pacientes foi priorizada como uma forma de oferecer um tratamento completo, corrigir problemas dentários e também porque pacientes hansenianos dificilmente tinham acesso a este serviço em suas comunidades.

O temor do contágio fazia com que a exclusão das pessoas acometidas pela hanseníase fosse cada vez mais acirrada. Este também foi o motivo que muitos pacientes chegaram ao HCI em precárias condições de saúde oral.

Os pacientes receberão um tratamento odontológico de qualidade não somente através do uso instrumental moderno da época, mas sobretudo pela competência e dedicação dos profissionais.

O serviço de odontologia do HCI permaneceu ativo até 2011, e por longo tempo também prestou serviço à comunidade de Itapuã, além dos pacientes hansenianos e em sofrimento mental

26 - Tributo aos Filhos dos Pacientes Hansenianos

TRIBUTO AOS FILHOS DOS PACIENTES HANSENIANOS

A maioria dos filhos de pacientes hansenianos não estiveram juntos a seus pais durante seu período de infância e adolescência.

A internação compulsória dos pais levou ao afastamento dos filhos.

Essas crianças foram acolhidas no Amparo Santa Cruz também chamado de “preventório”.

Embora a instituição procurasse realizar o melhor por estas crianças, as lembranças que as mesmas possuem nem sempre serão as melhores.

Seu crescimento aconteceu de maneira estranha ao normal, pois embora tendo pais vivos, cresceram longe deles. Tiveram nas Irmãs Franciscanas suas lembranças ligadas a conselhos e afetos.

CLÁUDIO JACÓ HANSEL representa os muitos filhos que tiveram seus anos de infância vivenciados à margem do cuidado e carinho paternos.

Jacó, como é conhecido, chegou em 08 de março de 1968 no Amparo Santa Cruz e, embora com oito anos de idade, não tem lembrança alguma de sua vida anterior à vivida no Amparo.

Sua primeira lembrança é muito tumulto no Amparo feito pelas crianças que não compreendiam o porquê do afastamento dos pais.

Jacó relata lembrar de mais de cem crianças convivendo no Amparo e que os irmãos mais velhos protegiam os mais novos. Sua irmã, dois anos mais velho, também lhe protegia.

Relata ainda que a alimentação era muitas vezes precárias e os Natais ou dias festivos do ano não eram agradáveis.

As visitas no Hospital Colônia Itapuã para ver os pais ocorria trimestralmente, e que durante as primeiras visitas, pais e filhos apenas se olhavam e trocavam palavras, porém ser haver o toque, o abraço, o afeto. Tempos difíceis, refere Jacó. Mais adiante já podia haver uma intimidade maior entre pais e filhos.

Podemos imaginar que o sofrimento da distância e da ausência do convívio familiar atingia tanto pais como filhos.

Jacó lembra das Irmãs como “boas”. Havia a horta, o corte de lenha entre outras atividades propostas pelas Irmãs Franciscanas.

Havia também o atendimento odontológica regular para as crianças e a escola que frequentava ficava ao lado do Amparo.

Segundo Cláudio Jacó a partir da saída das Irmãs houve um decréscimo na qualidade de atendimento no Amparo Santa Cruz.

O maior sofrimento que Jacó recorda em relação aos filhos era a incompreensão dos mesmos pelo afastamento dos pais. Em decorrência deste e outros fatos aconteciam as fugas do Amparo, porém eram sempre solucionados no Juizado de Menores.

Em 1950 aconteceram dois fatos marcantes na vida do pequeno Jacó, então com dez anos de idade: a cirurgia de hérnia ocorrida na Santa Casa de Misericórdia; e a descoberta da televisão através da Copa do Mundo de 1970. Incrível!

Jacó refere, com justo orgulho, que foi o primeiro interno do Amparo a sair formado pela Escola Técnica João Calábria, como Impressor Gráfico. Profissão que exerceu por dezessete anos junto ao Diário Oficial do Estado.

Inúmeras lembranças percorrem a mente e o coração, destes hoje adultos, sobre seu tempo de infância vivenciado longe dos pais. Estes homens e mulheres merecem receber um reconhecimento especial pela capacidade de refazer suas vidas apesar dos difíceis tempos de infância.

27 - João Francisco Saldanha

JOÃO FRANCISCO SALDANHA nasceu em Uruguaiana no dia 5 de outubro de 1922, filho de Amâncio Marcelo e Maria Conceição Saldanha, teve três irmãs, mas não conviveu com as mesmas. Relata que desde muito cedo trabalhou no campo, plantando arroz, cortando mato e cuidando do gado em uma cabanha. Atribuiu o aparecimento das manchas em seu corpo à lida com os produtos agropecuários até o momento em que surgiram as neurites (reações

hansênicas) que dificultavam seu trabalho. Inicialmente seguiu recomendações das pessoas de seu convívio e procurou casas religiosas onde eram realizados procedimentos como benzeduras e uso de ervas, mas sem resultado. As manchas eram persistentes, a dormência das extremidades aumentava, havia feridas pelo corpo que encharcavam suas roupas, a dor nas articulações se tornava insuportável ao ponto de não conseguir trabalhar, foi então que procurou assistência médica na Santa Casa de Uruguaiana. Então com 49 anos realizou exames laboratoriais, tratamento para suas dores e o médico solicitou examinar as pessoas de seu convívio que se apresentaram assintomáticas. Após três meses de repouso absoluto e escassos recursos financeiros para sua sobrevivência solicitou ao médico um local em que pudesse ficar baixado até sua cura definitiva. Despediu-se da companheira e saiu, sem ser notado pela filha pequena (Regina), em direção a Porto Alegre. Viajou de trem e chegando à capital, com uma carta em mãos, deveria se dirigir ao Dr. César Bernardes no Dispensário da João Pessoa. Foi então que em 1971 chegou ao Hospital Colônia Itapuã. Aos 92 anos relata, com muita lucidez, que permaneceu sentado nos degraus em frente à enfermaria aguardando as Irmãs que estavam no refeitório, pois era horário da janta. Prontamente foi recebido e alojado no pavilhão 17, onde encontrou pessoas com as quais se identificou.

Ainda no ano de 1971 casou-se com Dona **Antônia Benites**, no HCI desde 1964, procedente do Mato Grosso, faleceu em 2001. O casal não teve filhos, mas Dona Antônia deixou em Campo Grande duas crianças e nunca soube da existência de Regina, pois Sr. João não queria magoá-la falando sobre a filha.

No HCI exercia diversas atividades relacionadas ao trabalho na terra, em sua casa cultivava horta, jardim e prestava serviços.

Só em 2008 Sr. João voltou a procurar a filha Regina, surpreendendo a todos. Ele nos conta que nunca se sentiu encorajado em procurar Regina porque nada tinha a oferecer, então, após ter recebido a pensão especial, se encheu de coragem o reencontro aconteceu. Em 2007 foi aprovada a Lei 11.520 que concede pensão especial vitalícia às pessoas que foram internadas compulsoriamente em hospitais colônia.

Sr. João resgatou o convívio com a filha, conheceu o genro, netos, bisnetos, sobrinhos e aguarda ansiosamente sua próxima viagem para Uruguaiana.

28.1 Diversões

DIVERSÕES. A cura ainda não havia sido descoberta, por isso a permanência do paciente dentro do Hospital Colônia Itapuã era indeterminada.

Neste contexto era necessário que fosse criado um ambiente que suprisse todas as necessidades do indivíduo como cidadão, por isso entre outras atividades a DIVERSÃO teria que ter seu lugar de destaque neste lugar.

O *cinema* com filmes atualizados era a grande atração para os moradores do HCI e também para população da comunidade em torno do hospital. Havia dias determinados para cada grupo, porém, anos depois este requisito desapareceu. A profissão de *cinematografista* era regular e constava da folha de pagamento dos funcionários do hospital.

Havia campeonato de *bocha*, de *futebol* com a participação do *Clube de Futebol Greminho* do Hospital Colônia Itapuã. Também ocorreram *gincanas* com corrida do saco e outras tantas brincadeiras com bola.

Um dos pontos altos das diversões do hospital eram os *bailes* que contavam com orquestra própria formada por tocadores profissionais ou amadores existentes no quadro de pacientes do hospital. Foram muitas noites e tardes dominguietas onde o arrasta-pé correu solto pelo salão do *Pavilhão de Diversões*, o chamado *cassino*. Neste prédio de dois andares e muitas salas ocorreram além das projeções cinematográficas e bailes, também *teatros* produzidos, dirigidos e encenados por pacientes do hospital.

Pique-niques memoráveis aconteciam na beira da Lagoa Negra. Neste contexto de diversões ocorreram namoros que viraram em casamento, ou simplesmente foram momentos felizes em meio a realidade nem sempre agradável dos pacientes internados no HCI.

28.2 Sociabilidade

[Texto ilegível]

29 - Cadeia: Estás Preso!

CADEIA – Estás preso!

Com esta ordem de prisão eram resolvidos muitos casos de desacato entre pacientes e, principalmente casos de bebedeira e fugas ou mesmo a tentativa de sair de maneira irregular do Hospital Colônia Itapuã.

Como uma pequena cidade autônoma, o hospital tinha suas regras internas próprias e que deveriam funcionar para que o bom relacionamento interno continuasse.

Assim havia um delegado e uma delegacia para manter a ordem entre os pacientes do hospital.

Senhor Aristides Amaral, além de presidente da associação dos pacientes internos do hospital, exerceu a função de delegado dentro da área interna do hospital.

Seu Aristides, como era mais conhecido, nasceu em São Borja e veio com 30 anos para ser interno no HCI.

Nesta época já era casado com Dona Tereza do Amaral e tinham cinco filhos, dois meninos e três meninas.

Enquanto Seu Aristides estava internado, Dona Tereza permaneceu em São Borja por treze anos.

Após esse período a família veio para morar na comunidade de Itapuã por três anos. Só depois, foi que Seu Aristides conseguiu uma casa para trazer sua família para morar junto com ele no HCI.

Dona Tereza trabalhou junto ao setor de costura do hospital e uma filha, no CME e outra como vigilante. A família estava unida para viver e enfrentar novos desafios.

32 - A Unidade de Saúde Mental do H.C. de Itapuã

A UNIDADE DE SAÚDE MENTAL DO H.C. DE ITAPUÃ

A Unidade Psiquiátrica do Hospital Colônia Itapuã nasce como Centro Agrícola de Reabilitação, no início da década de 1970. Advém da necessidade, reconhecida na época, de encontrar uma nova estratégia de abordagem com pacientes considerados crônicos que viviam no hospital São Pedro.

A disponibilidade de espaço no HCI, decorrente do avanço no tratamento da hanseníase, deu oportunidade para aplicação nesse local de uma hipótese, segundo a qual parte da alienação apresentada por esses pacientes poderia ser sanada pela retomada de rotinas que lhes fossem familiares.

Para cá foram transferidos pacientes que tinham origem em ambiente rural, para quem as atividades agropastoris eram um universo conhecido. Foram, então, sendo alocados numa gama de atividades, desde a horta, até o trabalho com as vacas de leite, o mato, etc., dentro de um conceito de reabilitação pelo trabalho.

Os relatos da época evocam a surpresa dos profissionais ao reencontrar aqueles “crônicos”, que haviam conhecido confinados nas alas do São Pedro, imóveis e apáticos, agora corados e bem dispostos, bem vestidos e falantes, no local onde realizavam suas tarefas de todo dia. Essa segue sendo uma concepção interessante, apesar de todas as dificuldades e sutilezas das variadas formas de sofrimento psíquico, e seus desdobramentos psicossociais.

Hoje, muito embora o envelhecimento da população residente já não permita que a maioria deles participe como antes de tais atividades, aposta-se nos efeitos benéficos da qualidade do ambiente, que é vizinho de um parque estadual e faz parte ele próprio e uma área

de preservação. A convivência com a fauna e flora que, protegidas, se recuperam, é possivelmente um bom paradigma para a restauração psíquica e existencial.

33 - Voluntários do Carinho

VOLUNTÁRIOS DO CARINHO⁶⁶

A Direção, Servidores e Usuários das unidades do HCI deixam registrado neste Memorial o agradecimento aos colaboradores “Voluntários do Carinho” pois, ao longo dos doze anos de dedicação, não medindo esforços em surpreender com suas ações beneficentes e incansável disponibilidade.

Conforme as palavras de São Francisco de Assis:

Senhor, fazei-me instrumento de vossa paz.

Onde houver ódio, que eu leve o amor;

Onde houver ofensa, que eu leve o perdão;

Onde houver discórdia, que eu leve a união;

Onde houver dúvida, que eu leve a fé;

Onde houver erro, que eu leve a verdade;

Onde houver desespero, que eu leve a esperança;

Onde houver tristeza, que eu leve a alegria;

Onde houver trevas, que eu leve a luz.

Ó Mestre, Fazei que eu procure mais Consolar, que ser consolado;

compreender, que ser compreendido;

amar, que ser amado.

Pois é dando que se recebe,

é perdoando que se é perdoado,

e é morrendo que se vive para a vida eterna

34 – ReHCIclar

Secretário Estadual da Saúde – SES

Hospital Colônia Itapuã – HCI

REHICLAR

⁶⁶ Este texto foi transcrito a partir de uma imagem. Sendo assim, pode ser algumas não tenham sido transcritas porque estavam ilegíveis e/ou transcritas de forma equivocada.

Jairo Antão Pires Medeiros

Neda Laurindo

Simone Meyer Rosa

Introdução

O programa do Trabalho terapêutico dos Hospitais Próprios do Estado foi elaborado em maio de 2012 e organiza-se com base na lei que dispõe sobre a criação de Cooperativas Sociais. Inicialmente foi realizado um diagnóstico sobre a história da utilização do trabalho como recurso terapêutico no HCI, seguido da sensibilização da comunidade para a atividade laboral por meio da troca de mudas de plantas biotivas, a construção de pequenas hortas de plantas medicinais, a introdução de atividades coletivas, a viabilização do espaço físico do horto, a realização de oficinas de artesanato e a participação em eventos com atividades culturais. Foram realizadas reuniões com os moradores e cuidadores sobre o processo de trabalho, onde se promoveu a participação ativa na elaboração da metodologia do trabalho terapêutico. Realizou-se o acompanhamento terapêutico para fortalecer a adesão à proposta e o vínculo entre o grupo de trabalho. Muitas mudas foram doadas aos setores do hospital procurando estimular a solidariedade e os hábitos saudáveis do coletivo. A ocupação do espaço e o envolvimento com o trabalho se deram de forma gradual conforme as demandas que se apresentaram à ReHCIclar, tomamos espaço e corpo no cotidiano do HCI. Para a sustentação da proposta procuramos articular políticas públicas com a que apresenta a Política Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos; a Política da Nacional de Práticas Integrativas e Complementares no SUS e a Portaria que dispõe sobre a Reorientação da Formação Profissional em Saúde.

OBJETIVOS

Objetivo geral:

- Implementar o Programa do Trabalho Terapêutico no HCI

Objetivos específicos:

- Garantir a inserção social pelo trabalho;
- Promover o desenvolvimento profissional;
- Estimular hábitos saudáveis;
- Desenvolver o processo de recuperação da saúde;
- Promover a reabilitação da saúde;
- Criar espaço construtivo de formação para o SUS;
- Participar, na construção e controle, da rede diversificado territorial;

- Assegurar a continuidade da atenção nos vários níveis de atenção à saúde;
- Criar espaço de controle social.

METODOLOGIA

O projeto utilizou metodologia ativa, organizada de forma a produzir e manter a participação de seus componentes no processo de desenvolvimento da proposta. Sua criação compreendeu a busca ativa da população-alvo e a sensibilização dos participantes e a avaliação de demandas. O público-alvo se caracterizou pelos moradores do HCI. O Programa do Trabalho Terapêutico desenvolveu atividades de organização e gestão das atividades laborais e culturais, assim como a projeção das atividades educativas e dos serviços sócio-sanitários. As atividades laborais tiveram como foco a agricultura (cultivo de plantas medicinais, condimentares e aromáticas, hortaliças, árvores frutíferas e nativas; a reciclagem (coleta e seleção de lixo seco) o artesanato e posteriormente projetamos o teatro. AS atividades educativas se sustentam no Programa Nacional de Reorientação da Formação Profissional e procuram articular serviço, ensino e gestão na criação de novos cenários para compor o campo de práticas.

CONCLUSÕES

O processo de implementação do Trabalho Terapêutico – ReHCIclar vem gradualmente produzindo mudanças e abrindo possibilidades para o exercício da autonomia e integração social dos moradores do HCI. As dificuldades próprias do processo, como o entendimento dos funcionários sobre estrutura do projeto, a viabilização de recursos financeiros e a integração entre serviços, gestão e educação constituem os desafios que ainda precisamos superar. Até este momento muito espaço foi conquistado, muitos atores da comunidade do HCI se envolveram e muitas ações já foram implementadas sinalizando o grau de comprometimento da equipe de funcionários do hospital para com a saúde individual e coletiva da população atendida.

LEGISLAÇÃO

Lei Estadual 9.716/92 – Dispõe sobre a Reforma Psiquiátrica no Rio Grande do Sul

Lei Federal 9.867/99 – Dispõe sobre a Cooperativa Social

Lei Estadual 13.884 – Dispõe sobre o programa do Trabalho Terapêutico dos Hospitais Próprios do Estado

Lei Federal 10.216/01 – Dispõe sobre a Reforma Psiquiátrica no Brasil

Lei Federal 5.813/05 – Política Nacional de Plantas Mediciniais e Fitoterápicos

Portaria 971/06 – Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares no SUS

Portaria 30.109/07 – Dispões sobre o Programa de Reorientação da Formação Profissional em Saúde

36 - História da Família Ino da Colônia Japonesa em Itapuã

HISTORIA DA FAMILIA INO DA COLONIA JAPONESA EM ITAPUÃ.

Em 25 de março de 1946 nasceu em Hokaido, norte do Japão, a pequena Kazuko Ino, filha de Yoshisada e Nio e irmão de Susumu.

Ao completar os três anos de idade a pequena Kazuko embarca num navio junto aos seus familiares com destino ao Brasil.

Foram mais de quarenta dias de navegação ate chegar ao país prometido: a pátria brasileira.

Naquela época o consulado brasileiro abria as portas para imigrantes trabalhadores procedentes de vários outros países.

Desembarcaram no porto de Rio Grande e o proprietário das terras nos levou até o município de Vacaria, para uma fazenda a 40 km distante da cidade. Ali plantaram feijão, batata e milho e permaneceram por dois anos. A maior dificuldade se encontrava na comunicação: não falavam o idioma português, o que os impedia de ter qualquer tipo de comunicação verbal.

Passado este tempo, mudaram-se para Alvorada e trabalharam em sociedade com outra família, também japonesa, no plantio de tomates e verduras e mais tarde dedicaram-se floricultura, em especial os cravos.

Com 19 anos a então jovem Kazuko conheceu o que viria a ser o amor de sua vida, Yawara e depois de três anos de namoro casaram-se e tiveram 3 filhos: Kazuyuki,(apelido de Kadi) , Naomi e Yotim.

Em 1975 a família mudou-se para Itapuã, na época em que somente existia mata virgem, uma pequena venda e o Hospital Colonia Itapuã. Aqui eles se estabeleceram, prepararam suas terras com maquinas cedidas pelo INCRA e assim iniciaram suas plantações. Outras famílias de imigrantes também vieram para este mesmo local, e medida que chegavam foram se estabelecendo ao lado dos então residentes, totalizando em pouco tempo 17 famílias. Pensaram na possibilidade de criar uma cooperativa para facilitar as vendas de seus produtos, mas esta idéia não teve exito. Criaram a colonia, que em agosto de 2014 completou seus 40 anos, e tudo que é produzido passa a ser vendido na CEASA em POA, onde, cada família tem sua produção independente, embora cultivem as mesmas verduras e legumes: tomate, alface, salsa, cebola,

repolho, couve, berinjela, brócoli, pimentão e outros. As festas são comemoradas com comidas típicas da culinária japonesa, porém não deixa de estar incluso o churrasco. A religião praticada por eles predominantemente o budismo, tem palestras mensais para conhecerem a origem, história, a prática, a ação e a fé que preconiza a evolução espiritual do ser humano.

Assim, a então antes pequena Kazuko passa a chamar-se carinhosamente por todos da comunidade de Batian, o que significa dizer: Vovó E, Batian, também para nós, nos fala emocionada da felicidade de ser brasileira, da alegria com que o povo a contagia e diz ser o Brasil seu verdadeiro e abençoado lar. Relata da importante diferença no modo de vida cotidiana, dos poucos vínculos que se estabelecem entre as pessoas de sua terra natal, e esta diferença na aceitação, no afeto e na amizade que aqui prontamente se estabelecem entre as pessoas. Diz que somos mais animados, mais alegres, que rimos mais, nos divertimos mais, que somos mais felizes e solidários. E ela nos leva sua casa, nos mostra as plantações, nos fala da família, da importância da paz interior e da oração. E nos despedimos dela, não antes de tomarmos água direta da fonte, depois um delicioso e aromático chá verde e juntos nos reunimos em prece diante do oratório da família acompanhando as falas e o suave badalar dos sinos. Pessoas simples, alegres e repletos de vigor, que tem a terra como o solo sagrado onde é possível viver tranquilo e ser feliz. Que o suor, as lágrimas, os esforços e o sofrimento nos transformam em seres humanos melhores, e que se agirmos com otimismo, sabedoria, coragem, alegria e esperança possível vencer as dificuldades para criar a felicidade e a paz

Ao retornarmos ao hospital, Kazuyuki nos enfatiza da importância da escolinha Frei Pacifico, do patio do HCI, local onde realizou seus estudos, aprendeu o idioma e fortaleceu os laços com outras crianças da localidade. Entrevista realizada em 27.10.2014 por Rita Sosnoski Camello

37 - Aldeia Pindo-Mirim

ALDEIA PINDO- MIRIM

Os Guarani foram uma das primeiras etnias a serem contatadas após a chegada dos europeus na América do Sul, há aproximadamente de 500 anos. Atualmente, vivem, no território brasileiro, 51 mil Guarani, o que os torna a maior comunidade indígena do país.

A aldeia *Pindó Mirim*, que em tupi-guarani significa “Palmeira Pequena”, espécie que há bastante na aldeia, foi fundada pelo líder político e religioso: Turíbio Gomes, Karai Nhe'ê Katu, e conta, atualmente, com 15 famílias. A aldeia está situada em uma área de preservação ambiental, instituída em 1973, por reivindicação dos guarani, no território de Itapuã, em

Viamão, no RS. As casas tradicionais desta comunidade são feitas de madeira e cobertura de palha sapé.

Paulo Moreira (karaí) nos conta um pouco de sua história, família e costumes. Vive com a esposa, Patrícia, (Jaxuca) e com os filhos, Andreia, (Kerexu); Janaína, (Para'i); Álvaro, (Vera'i, e Nicolas, (Kara'i Papa'i). Ele compartilha com outros dois integrantes a liderança da comunidade. A aldeia conta com uma escola (Nhamardu Nnemopu'ã) e com serviços médicos, contudo, os partos são realizados por uma parteira a domicílio. Todos os moradores da comunidade participam do cuidado e da educação de cada criança. O recém-nascido passa a ser filho da comunidade, de todos. Os casamentos ocorrem entre os membros da mesma etnia, como uma forma de perpetuar a cultura e as tradições.

No seu dia a dia, os guarani trabalham na confecção do artesanato que acaba sendo seu meio de subsistência.

Os principais cultivos são: feijão, mandioca, batata doce, amendoim, tabaco, milho, hortaliças, frutas e erva-mate.

Assim como o reflorestamento de áreas degradadas pela monocultura do eucalipto, fazendo o manejo de cortes e plantio de árvores nativas.

Segundo Paulo Moreira, para os Guarani, a terra é a origem da vida. Eles são um povo da floresta; veem o mundo como uma região de matas, campos e rios, como um território no qual vivem conforme a sua cultura Milenar. “O solo que se pisa é um lugar físico, o espaço geográfico, onde os guaranis são o que são, onde se movem e existem”.

Eles guardam na memória as tradições de tempos remotos que são atualizadas em seu cotidiano por meio dos mitos e rituais; cultuam o sol, a lua, a mata, a terra, os animais, a água e toda mãe natureza.

Às sete horas da manhã, na aldeia *Pindó Mirim*, o sol se apresenta no céu. Na cozinha, eles conversam em guarani, enquanto as mulheres reacedem a fogueira para preparar o xipá, pão frito, ou *mbojapé*, pão assado nas cinzas. Elas transformam as ervas em chás, as farinhas em pães. Tudo fruto da colheita dos homens. A família retoma o trabalho aprendido com os antepassados, expressão da cultura.

Os adultos trabalham no artesanato e ensinam os mais jovens. As crianças brincam com os materiais, às vezes, inovam, tentam recriar os símbolos. Elas sabem, por que aprenderam com os mais velhos, que o contato com o “mundo dos brancos” é inevitável.

O trançado e a talha em madeira são trabalhos e expressões do povo guarani que hoje também são comercializados. Trabalho milenar, adaptado às condições de nossa era que ajuda o povo indígena a defender suas vidas, proteger suas terras e determinar o seu próprio futuro.

E o sol se derrama sobre a aldeia. Todos novamente se reúnem. Utilizam o canto e a dança como um instrumento de conversação com Deus, por meio do qual pedem proteção e agradecem a vida; comemoram a colheita, o alimento, a saúde e o teto. Fazem como esporte para expressar a alegria e a tristeza, comemorar as datas especiais e festividades, pois têm a certeza de que o som alcança Deus. “É nossa arte. Nosso louvor é praticar a religião e aplicar as diversas tecnologias na relação com o meio ambiente”. É quando as pessoas vivem livres de dor e sofrimento e, desta forma, a vida continua.

Entrevista realizada em 23/09/14. Rita Sosnoski Camello.

39 - Reforma Agrária

Reforma agrária

Aos 24 dias do mês de março de 1938, nascia em Santa Maria o menino Jaci Menezes. Ocorre que na época, era habito os pais terem vários filhos e registrá-los num mesmo dia e local. Isto significa dizer que, em seus documentos o menino consta como local de nascimento o município de Cachoeira do Sul.

Logo passado a infância ele trabalhava com a família na lavoura, mas tinha muito prazer em fazer moveis atuar na marcenaria.

Quando o governo Brizola fundou a reforma, prontamente seus pais vieram e adquiriram uma propriedade em Itapuã. Aqui eles plantavam e colhiam arroz como o carro chefe e todas as demais culturas para uso familiar.

Sempre que possível o Sr. Jaci, já casado com dona Beloni, vinha para visitar os pais em Itapuã e como estes tinham bom vínculo com o Dr. Werner, Diretor do HCI, os mesmos tinham livre acesso dentro da área hospitalar. Foi também nestas idas e vindas que ele conseguiu o dinheiro necessário para comprar um terreno para sua família na reforma.

Jaci me comenta que sempre que entrava no hospital sentia certo receio ou talvez um sentimento de medo dos doentes da hanseníase, evitava olhá-los muito fixamente, por considerar que: quando se tem piedade não se gosta de ver, e principalmente, poderia estar no lugar e condição destes um familiar seu.

Quando alguns dos moradores vinham ao seu encontro, a fala principal era comentarem da sua historia, da esperança de melhorarem e de retornarem para suas casas. “Só estou esperando sarar para ir embora.” Ele sentia muita pena deles.

Com os moradores de sofrimento psiquiátrico ele se sentia mais à vontade, e embora se compadecesse deles, juntos davam boas risadas.

Ainda assim o amor pelo seu ofício, a marcenaria, fazia que com certa frequência ele viesse acompanhar e assistir a fabricação dos moveis, cadeiras, mesas, armários, e não esquece da capacidade do Sr Nelson Goesler em talhar a madeira e transformá-la em verdadeiras obras de arte. Fazia muitas coisas lindas, oratórios, molduras.

Também ele gostava de ver a confecção dos calçados: alguns pares iguais, outros, meio sapato, pois o doente tinha só um pouco do pé. Da agricultura sempre compartilhavam seus saberes. Ainda hoje, lavra a terra e cuida de gado.

O trabalho intenso e duro desde sua infância o impediu que frequentasse uma escola, motivo que hoje o entristece, e afirma que o estudo é tudo o que se tem de valor.

Foi com dona Beloni que o Sr. Jaci viveu por 53 anos, e ela o ensinou a ler e escrever. Tiveram duas filhas, 5 netos e 2 bisnetos. A filha Elisete é nossa colega de trabalho e grande colaboradora na construção do Memorial do nosso hospital. Com muito carinho e dedicação cuida e organiza cada papel, cada objeto.

Mesmo aposentado e com 76 anos de idade mostra um espírito jovem, cheio de energias e ele segue trabalhando: a preguiça é inimiga da saúde e do bem estar, e enquanto puder lá estará ele: trabalhando a terra, plantando a semente, colhendo os frutos.

Montado em seu cavalo ele reúne o gado, o transfere para outras pastagens e invernadas. Seu orgulho está na capacidade de reunir e conduzir a boiada com tamanha tranqüilidade onde cada animal obedece docilmente ao seu dono.

Entrevista feita em 03/11/14 por Rita Sosnoski Camello

40 - Escola Municipal de Ensino Fundamental Frei Pacífico

ESCOLA MUNICIPAL DE ENSINO FUNDAMENTAL FREI PACÍFICO⁶⁷

A escola intersecciona-se com o HCI a partir da necessidade de atender a comunidade. Em 1965, inaugura-se a escola, sendo particular e devido ao trabalho da Ordem Franciscana: Irmãs franciscanas e Frei Flávio. “Que fazia ecoar suas marteladas pela Colônia”. Contando ainda, com o movimento comunitário, com os funcionários do hospital e da comunidade itapuense, incluindo-se os “reformeiros” e “granineitos”. O educandário recebeu o nome do frade francês, Pacífico de Bellevaux, filósofo, um dos fundadores da PUCRS, que foi também o primeiro capelão do HCI.

⁶⁷ Este texto foi transcrito a partir de uma imagem. Sendo assim, pode ser algumas não tenham sido transcritas porque estavam ilegíveis e/ou transcritas de forma equivocada.

Atualmente, mais de quarenta anos depois, a Escola Frei Pacífico, foi municipalizada, em 2007, ganha uma nova casa, que está implantada numa área cedida pelo governo estadual dentro da gleba do HCI.

A Escola Frei Pacífico entende os conceitos de meio ambiente e sustentabilidade como estruturantes das ações pedagógicas propostas. Constituídos esses conceitos a partir do envolvimento com o entorno da escola, sua aproximação com PEI (Parque Estadual de Itapuã). O objetivo principal é busca constante pelo aprendizado sustentável, uma vez que a escola tem sua especificidade, aquilo que lhe é único, na imersão ambiental dada pela relação com o Parque Estadual de Itapuã, com o Hospital Colônia Itapuã e com a comunidade.

42 - A Creche

A CRECHE

No Hospital Colônia Itapuã, por haver um grande número de funcionários, foi criada a CRECHE COMUNITÁRIA DO HOSPITAL COLÔNIA ITAPUÃ, com a finalidade de atender crianças em idade pré-escolar filhos de funcionários, mas também crianças da comunidade.

A criação da creche foi em 20 de outubro de 1986 e inaugurada em 06 de junho de 1987.

A primeira pedagoga responsável foi Lúcia.

O local escolhido para o funcionamento da mesma foi a antiga casa do diretor do hospital.

As crianças ao longo da existência da creche contaram com serviço de nutrição e também com o atendimento de funcionárias dedicadas que tornaram este serviço às crianças, uma referência no município de Viamão.

Por ela passaram crianças que hoje são jovens adultos e que tem, nos mementos que permaneceram na creche, boas lembranças de suas infâncias.

49 - Nós Não Caminhamos Sós

NÓS NÃO CAMINHAMOS SÓS

Quando os primeiros pacientes hansenianos foram levados para o Hospital Colônia Itapuã, chegaram à tardinha do dia ... de maio de 1940. Cada um levava consigo a certeza do trauma que o segregou da sociedade, que o arrancou, que o sequestrou de sua família.

Do resto não sabia como seria, dali para frente. Não imagino como foi o trajeto de Porto Alegre até Itapuã, naquele tempo!!!!

Ao chegarem ao novo Hospital, depararam-se com prédios novos, que eles seriam os primeiros habitantes... Os quartos estavam arrumados, as camas prontas para repousarem, o

ambiente decorado... A janta estava preparada para “confraternizar”. Foi uma bela refeição, preparada pelas Irmãs que estavam dispostas a dar-lhes um pouco de conforto físico, espiritual e social.

Eles sentiram que neste lugar não estavam totalmente abandonados. Sentiram que haviam pessoas dispostas a amenizar o sofrimento da descoberta da doença que afastava todo mundo de perto. Foi então que tiveram a ideia de registrar no pórtico de acesso à área do Hospital a frase “NÓS NÃO CAMINHAMOS SOS”.

E, durante dezenas de anos sentira-se amparados e confortados por todos aqueles que trabalharam junto a eles. Todos aqueles exerceram atividades no hospital, em todas as áreas, em todas as atividades, desde as mais nobres até as mais humildes, colaboraram para melhorar a vida dos que estiveram e aos que ainda permanecem internados.

Francisco Menegat

52.1 Isolamento

ISOLAMENTO⁶⁸

“Quando a mulher ganhava o nenê na enfermaria, o filho era arrancado dos braços da mãe e levado lá pro Amparo. Naquela época não podia ter criança aqui dentro, não era permitido, não que nem agora.. Eu ia uma vez por mês lá visitá as minhas guria, a Maria e a Isabel” [Trecho ilegível]

“As crianças eram levada pro Amparo. Depois vinham visitar, até lá o portão. Quando eu cheguei aqui, as criança podia entra até lá o portão lá em cima. Só um pouquinho. E os pais iam visitar, lá, no Amparo Santa Cruz, uma vez por mês.” [Trecho ilegível]

52.2 O Amparo Santa Cruz

O AMPARO SANTA CRUZ

O Amparo Santa Cruz, localizado no bairro Belém Velho Porto Alegre, foi construído por um grupo de senhoras benemerentes da capital gaúcha para abrigar filhos de hansenianos sadios.

Estas crianças, ainda livres da doença, não poderiam permanecer junto a seus pais, pois corriam o risco de serem contaminadas. Assim em junho de 1940, mesmo ano de inauguração do HCI, iniciaram os trabalhos no Amparo Santa Cruz.

⁶⁸ Este texto foi transcrito a partir de uma imagem. Sendo assim, pode ser algumas não tenham sido transcritas porque estavam ilegíveis e/ou transcritas de forma equivocada.

O mesmo chegou a abrigar mais de cem crianças e também estava sob a organização e supervisão das Irmãs Franciscanas.

O nascimento das crianças ocorria no Hospital Colônia Itapuã, sob a presença das Irmãs, e logo o recém-nascido era mandado para o Amparo.

À mãe era permitido ver o sexo e dar o nome à criança, porém era-lhe negado o direito de segurá-lo nos braços e mesmo amamentá-lo. A proibição se dava por haver o risco de contágio.

No Amparo havia alas para abrigar as crianças de acordo com a faixa etária, desde o berçário dos recém-nascidos, até a maioridade dos dezoito anos. Muitos jovens saíram do Amparo Santa Cruz aos dezesseis anos.

As visitas não possuíam regras, assim ficava ao cargo das Irmãs a permissão ou não dos pais visitarem seus filhos no Amparo.

A visita feita pelos filhos aos pais no HCI era anual. As crianças permaneciam dentro de um ônibus e os pais atrás de uma cerca na área do hospital.

As Irmãs identificavam as crianças para os pais, e assim se dava a “*visita*”: de longe, sem toque físico, sem beijos, sem abraços nem afagos.

Portanto a influência das Irmãs ia além do HCI. Também se estendia para os filhos no Amparo Santa Cruz e acompanhava seu crescimento.

A partir da década de 1970 houve a diminuição do rigor da internação compulsória. Para alguns adolescentes foi permitido retornar para o convívio com seus pais no hospital. Como as crianças foram criadas afastadas dos laços familiares gerou-se um novo impasse: pais e filhos não estavam acostumados a conviver.

Este momento foi repleto de conflitos, pois o distanciamentos transformou pais e filhos em estranhos.

A ausência de um trabalho social de aproximação gradativa trouxe consequências severas para ambos os lados.

Com o decorrer dos anos esta lacuna emocional tem sido trabalhada intensamente para amenizar estes conflitos.

52.3 Os Causos do Amparo Santa Cruz

OS CAUSOS DO AMPARO SANTA CRUZ

52.3.1 Causo 1 – As Vacas Doadas

CAUSO 1 – AS VACAS DOADAS

Este episódio foi contado por uma usuária moradora do Hospital Colônia Itapuã, a mesma possui 87 anos de idade.

Os cinco filhos da paciente JB estavam internados no Amparo Santa Cruz.

JB internada no HCI preocupava-se com a saúde dos seus pequenos que tinham idades variadas.

Em uma determinada visita aos seus filhos no Amparo Santa Cruz a mesma constatou que estavam um tanto emagrecidos. Ao conversar com as Irmãs soube que havia escassez de leite para suprir a demanda de tantas crianças do Amparo.

Ao retornar para o hospital a mãe das crianças não teve dúvidas, JB foi à direção do hospital, relatou o caso e imediatamente foi ordenado o envio de duas vacas leiteiras do plantel do Hospital Colônia para as crianças do Amparo Santa Cruz.

O amor e o cuidado de JB pelos seus filhos, resultou no benefício de muitos outros.

52.3.2 Causo 2 – O Rapto das Crianças do Amparo

CAUSO 2 – O RAPTO DAS CRIANÇAS DO AMPARO

Este fato também tem JB como protagonista do caso.

Era verão e os filhos de JB estavam internados no Amparo Santa Cruz.

JB sentia saudades das crianças e ficava com o coração ainda mais apertado por não estarem junto dela e também por não poderem desfrutar das delícias da praia que ficava dentro do hospital, na beira da Lagoa do Patos.

Foi aí que JB teve uma grande e brilhante idéia: buscar seus filhos no Amparo para passar alguns dias com ela.

Mas como isso poderia ser feito se não eram permitidas visitas das crianças do Amparo no hospital?

Depois de muito pensar e pensar JB elaborou um plano e tratou de colocá-lo em prática imediatamente.

Compartilhou seu desejo de trazer as crianças com outros pais do hospital cujos filhos estavam no Amparo e, melhor do que isso, um dos pais possuía um FUSCA para buscá-las. Maravilha das maravilhas!

Assim, em um determinado dia foram até o Amparo, convenceram alguns seguranças a liberar as crianças e trouxeram cerca de quinze delas para o HCI.

As mesmas foram levadas imediatamente para a beira da praia, pois as Irmãs do hospital não poderiam nem sonhar com o que estava acontecendo.

JB e o dono do fusca realizaram três viagens para que as quinze crianças viessem.

Na beira da praia foi armado um grande acampamento com lona de quartel, levada uma vaca leiteira e muitos peixes foram pescados e preparados para aqueles seletos e alegres convidados.

Para que as Irmãs do hospital não suspeitassem de nada, os pais dos pequenos se revezavam dia a dia no cuidado dos mesmos.

Houve muita brincadeira, banhos de praia, jogo de bola, mas acima de tudo aconteceu um encontro entre pais, filhos e amigos.

A festa durou cerca de dez dias, mas certamente muito mais na lembrança de todos.

As histórias relatadas foram transcritas conforme nossa contadora de causos JB nos relatou.

53.1 A Irmãs Franciscanas

AS IRMÃS FRANCISCANAS

A ordem das Irmãs Franciscanas da Caridade e Piedade Cristã foi a responsável por organizar todos os serviço do recém inaugurado LEPROSÁRIO ITAPUÃ, Hospital Colônia Itapuã – HCI.

No início foram sete Irmãs que trabalharam na limpeza dos pavilhões e enfermaria para receber os cem primeiros pacientes que vieram para o hospital.

Não demorou muito para que outras cem Irmãs Franciscanas fossem voluntárias para o serviço no HCI. Para estas foi explicado que seria um trabalho de uma vida inteira, e também do risco que correriam de contrais a doença. Não houve desistência.

Desta forma setores como enfermaria, farmácia, padaria,cozinha, lavanderia, fábrica de sabão e outros, eram dirigidos por estas religiosas. Também eram responsáveis pelo apoio dos serviços religiosos: limpeza, ornamentação da igreja, missas, casamentos e enterros.

Os pacientes foram gradativamente construindo laços de confiança e amizade com estas “trabalhadoras”a ponto destas sugerirem namoros e casamentos entre os pacientes.

A casa das Irmãs, hoje memorial do HCI, foi uma das construções que mais geravam curiosidade por parte dos pacientes e funcionários e também de grande significado dentro do hospital. Este prédio de dois andares abrigava muitos cômodos onde as Irmãs guardaram sua clausura e privacidade por longo tempo.

53.2 "Nós não Caminhamos Sós"

GOVERNO DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL

SECRETARIA ESTADUAL DE SAÚDE

HOSPITAL COLÔNIA ITAPUÃ

DIVISÃO DE ENSINO E PESQUISA

“NÓS NÃO CAMINHAMOS SÓS”

O Hospital colônia Itapuã, antigo Leprosário de Itapuã, está localizado em Viamão, no Rio Grande do Sul. Desde sua inauguração em 11 de maio de 1940 abrigou centenas de pessoas das mais diferentes localidades do Estado.

Durante as décadas de 30 e 40, a política nacional de controle da lepra realizava “verdadeiras cruzadas” contra a doença. Vários hospitais colônia e leprosários foram construídos para isolar e excluir as pessoas portadoras do Mal de Hansen.

O objetivo era evitar o contágio. Os filhos sadios dos doentes em mandados para outras instituições, como parte do chamado ciclo de prevenção. O Amparo Santa Cruz, em Belém Velho, foi o preventório que servia aos filhos dos pacientes do Hospital Colônia Itapuã – HCI.

O HCI foi planejado para ser auto-sustentável e funcionar como uma pequena cidade. Era dividido em área “limpa/saudável” e área “suja/doente”.

Na área “saudável” ficava todo o complexo administrativo, casa da Congregação Franciscana.

53.3 Sociabilidade

[Texto ilegível]

55.1 O Significado da Rosa de Lutero

O Significado da Rosa de Lutero:

“A cruz no centro do coração nos lembra que a fé no crucifixo nos salva. Porque os que creem de coração serão justificados. Embora seja uma cruz preta, que lembra morte e sofrimento, ela está sobre um coração em sua cor natural. Não corrompe a natureza, o que significa que não nos mata, mas nos mantém vivos. O justo viverá pela fé, mas pela fé no crucificado.

Tal coração deverá ficar no centro de uma rosa branca, para mostrar que a fé traz alegria, conforto e paz. Em outras palavras, ela coloca o crente em meio a rosa branca e alegre, porque essa fé não dá paz e alegria como o mundo dá. Por isso a rosa deve ser branca e não vermelha, porque branco é a cor do Espírito e dos anjos.

A tal rosa está sobre um fundo azul celeste, simbolizando que tal alegria no Espírito e tal fé é o começo da alegria futura celeste, que começa agora mas está alicerçada numa esperança ainda não revelada.

E ao redor desse espaço está um anel dourado simbolizando que tais bênçãos celestes não têm fim. Essa bênção é preciosa em meio a toda alegria e bondade, assim como o ouro é o mais valioso e precioso metal.”

55.2 Theodor Alexander Josef Wiederspahn

Theodor Alexander Josef Wiederspahn, mais conhecido como **Theo Wiederspahn** (Wiesbaden, 19 de fevereiro de 1878 – Porto Alegre, 12 de novembro de 1952) foi um arquiteto alemão que executou muitas obras no Brasil.

Formou-se na Escola de Construção de Wiesbaden em 1894 e migrou para o Brasil em 1908, para trabalhar na Viação Férrea, o que acabou não acontecendo por problemas de contrato. Passou então a trabalhar como arquiteto no escritório de engenharia do Rudolf Ahrens, um porto-alegrense que havia se formado em Engenharia Civil na Escola Politécnica de Berlim, em 1903. Wiederspahn lá trabalhou até 1914, quando a firma foi fechada por causa da Primeira Guerra Mundial. Após a guerra, ele fundou sua própria firma, que faliu em 1930, por causa da crise que assolou a economia mundial naquela época.

Em 1933, com a exigência do registro profissional, Theo foi rebaixado para a categoria de “construtor licenciado”. Data desta época o início de sua parceria com o Sínodo Riograndense, atual IECLB, recebendo do Pastor Gottschald o apoio para retomar seu trabalho. Seguiram-se a construção da Escola Pré-Teológica no Moro do Espelho em São Leopoldo e da Casa Sinodal. Em Porto Alegre realizaria diversos estudos para ampliação da Igreja Matriz na Rua Senhor dos Passos (projeto original de Johann Gurenwald), que não chegou a ser concretizada. Durante a Segunda Guerra Mundial (1939-1945) foi preso sob a acusação de ser alemão. Após o conflito, associou-se a Fredhold Rhoden. Abriu escritório na cidade de Novo Hamburgo, onde foi responsável por algumas obras residenciais e pela construção do prédio da Sociedade Frohsin (hoje Aliança).

Alquebrado, encerrou seus dias fazendo seus últimos projetos aos pés da cama da esposa doente, que exigia cuidados constantes. O mais comovente foi o da **igreja do Leprosário de Itapuã**, que foi construído pelos próprios hansenianos.

Theo teve tanta visibilidade e tanta fama que ainda hoje é lembrado como o maior arquiteto gaúcho de todos os tempos. Por isso atriu muita inveja, ciúme e despeito. Por de origem alemã, mesmo estando perfeitamente integrado a vida dos pampas, sofreu perseguições políticas durante a segunda guerra. Por causa do desgosto e muito ressentido pelo tratamento que recebera, acabou entrando em depressão.

Morreu com 73 anos.

52.3 Curiosidade

Curiosidade:

Possivelmente ele seja o autor também do traçado básico da atual **Catedral Metropolitana de Porto Alegre**. Segundo o relato de Günter Weimer, o desenho da Catedral se originou de um concurso, do qual participaram **Theo Wiedersphan**, Johan Ole Baade e Jesús Maria Corona. Corona foi o vencedor com um projeto para uma vasta catedral neogótica com cinco naves e torres de 72 m, com uma cripta em estilo manuelino. Entretanto, o projeto encontrou críticas de todos os lados, especialmente da Escola de Engenharia, o que levou ao seu abandono. O fato de seu autor ter fama anarquista também não ajudou. Os outros dois premiados, Wiedersphan e Baade, eram ambos protestantes, o que pode ter gerado resistência dentro da Igreja Católica. Assim, por várias razões, nenhum era aproveitável, e o Arcebispo remeteu os projetos para Roma e solicitou ao arquiteto da Cúria Romana, Giovanni Battista Giovenale, que procedesse a uma revisão, e por isso hoje usualmente é creditado a Giovenale. Mas Günter Weimer afirma o trabalho de Giovenale se limitou a uma revisão sumária, usando largamente o projeto apresentado por Wiedersphan, e entregando a maior parte do trabalho técnico para o tcheco Josef Hruby 2.

55.4 Relação Parcial dos Projetos de Theodor Wiederspahn

[Texto ilegível]